

41º Congresso ANDES-SN

Em defesa da educação pública e garantia dos direitos da classe trabalhadora.

6 A 10 DE FEVEREIRO DE 2023
RIO BRANCO (AC)



CADERNO DE TEXTOS

41º CONGRESSO do ANDES-Sindicato Nacional

Rio Branco/AC, 6 a 10 de fevereiro de 2023

Tema Central: Em defesa da educação pública e pela garantia de todos os direitos da classe trabalhadora.

**SINDICATO
ANDES
NACIONAL**

**Sindicato Nacional dos Docentes
das Instituições de Ensino Superior**

SCS – Setor Comercial Sul, Q. 2, Bloco C, Ed. Cedro II, 5º andar

Brasília - DF

Fone: (61) 3962-8400

<http://www.andes.org.br>

E-mail: secretaria@andes.org.br

Gestão 2020/2023

Presidenta: Rivânia Lucia Moura de Assis

Secretária-Geral: Maria Regina de Avila Moreira

1º Tesoureiro: Amauri Fragoso de Medeiros

Diretora responsável por Imprensa e Divulgação: Francieli Rebelatto

SUMÁRIO

Apresentação	15
Metodologia de Trabalho	16
Proposta de Cronograma e Pauta do 41º CONGRESSO	17
Proposta de Regimento do 41º CONGRESSO	18
TEMA I – CONJUNTURA E MOVIMENTO DOCENTE	
Texto 1 – Conjuntura e Movimento Docente - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	31
Texto 2 – Independência de Classe e Fortalecimento das Lutas Gerais e Específicas (Ecosocialista) – <i>Agripino Alves Luz Júnior (SINDUFAP); Alexandre Adalberto Pereira (SINDUFAP); Alexandre Macedo (ADUFPPB); Alexandre José Medeiros do Nascimento (ADUFPI); Ângela Siqueira (ADUFF); André Rodrigues Guimarães (SINDUFAP); Antônia Costa Andrade (SINDUFAP); Antônio Francisco Lopes Dias (ADCESP); Antônio Lisboa L. de Souza (ADUFCG); Arthane Menezes Figueiredo (SINDUFAP); Beatriz Franchini (ADUFPEL); Carlos Rinaldo Nogueira Martins (SINDUFAP); Carlos Vicente Joaquim (SESDUF-RR); Cássio Alves (APUFPR); Celeste Pereira (ADUFPEL); Célio Ribeiro Coutinho (SINDUECE); Cenira Andrade de Oliveira (ADUFES); Ceres Torres (ADUFPEL); Claudia March (ADUFF); David Junior de Souza Silva (SINDUFAP); Elaine da Silva Neves (ADUFPEL); Elda Maria Freire Maciel (SINDUECE); Eliane Fazolo (ADUR-RJ); Enilce de Oliveira Fonseca Sally (ADUFF); Epitácio Macário Moura (SINDUECE); Erlenias Sobral do Vale (SINDUECE); Fabiola Kato (ADUFPA); Fausto Camargo Júnior (SINDCEFET-MG); Francisco Carlos Jacinto Barbosa (SINDUECE); Francisco Santiago (SINDUFAP); Gean Cláudio de Souza Santana (ADUFS-BA); Henrique A. F. Mendonça (ADUFPEL); Herrmann Vinicius Oliveira Muller (APUFPR); Janete Brito (ADCESP); José Carlos Marques Volcato (ADUFPEL); José dos Santos Souza (ADUR-RJ); José Raphael Bokehi (ADUFF); Lalo Watanabe Minto (ADUNICAMP); Leandro Machado dos Santos (ADUR-RJ); Liliane Soares (SINDUFAP); Lorena Moraes (ADCESP); Lúcia Izabel Silva (ADUFPA); Luciano Coutinho (ADUFRJ); Luiz Fernando Reis (ADUNIOESTE); Luiz Henrique Schuch (ADUFPEL); Luiz Paiva Carapeto (ADUFPEL); Marco Antonio Perruso (ADUR-RJ); Maria Angélica da Gama Coutinho (ADUR-RJ); Maria Conceição Rosa Cabral (ADUFPA); Maria do Carmo Lobato da Silva (SINDUFAP); Maria Edilene S. Ribeiro (ADUFPA); Maria Gabriela Guillén Carias (ADUFDOURADOS); Maria Jacqueline Girão (ADUFRJ); Maria Suely Soares (APUFPR); Marielson Rodrigues Guimarães (ADUFPA); Marinalva Silva Oliveira (ADUFRJ); Marise Fonseca dos Santos (APUFPR); Milena Martinez (APUFPR); Odete da Cruz Mendes (ADUFPA); Olgaíses Maués (ADUFPA); Omar Albornoz (ADCESP); Paulo Afonso da Silva Oliveira (SESDUF-RR); Paulo Marcelo Cambraia da Costa (SINDUFAP); Raquel Angela Speck (APUFPR); Regiana Blank Wille (ADUFPEL); Rhoberta Santana de Araújo (ADUFPPB); Rosângela Assunção (ADCESP); Rosely Cabral Giordano (ADUFPA); Sandra Alessi (APUFPR); Sandra Maria Franco Buenafuente (SESDUF-RR); Sidney da Silva Lobato (SINDUFAP); Sônia Maria Araújo (ADUFPA); Sônia Regina Teixeira (ADUFPA); Tadeu Lopes Machado (SINDUFAP); Valdelaine Mendes (ADUFPEL); Veronica Fernandez (ADUFF); Vilson Aparecido da Mata (APUFPR); Viviane Narvaes (ADUNIRIO); Waldir Ferreira de Abreu (ADUFPA); Yurgel Pantoja Caldas (SINDUFAP).</i>	42
Texto 3 – Todas e Todos, em Todas as Lutas - Pela Reconstrução da Pauta de Classe e dos Princípios do Andes – <i>Adriana Machado Penna (ADUFF); Agatha Justen (ADUFF); Airton Paula Souza (ADUFS-SE); Alair Silveira (ADUFMAT); Beatriz Tupinambá Freitas (ADUFS-SE); Catharina Marinho Meirelles (ADUFF); Cláudio Gurgel (ADUFF); Elizandra Garcia da Silva (ADUFF); Elyson Carvalho (ADUFS-SE); Jacira Maria Machado de Oliveira (ADUFF); Jairo Paes Selles (ADUFF); José Jailton Marques (ADUFS-SE); Júlio Figueiredo (ADUFF); Lucas Pacheco Campos (UFJF / Apes); Marcelo Massayoshi Ueki (ADUFS-SE); Maria da Graça Gurgel (ADUFAL); Marluce Souza e Silva (ADUFMAT); Máuri de Carvalho (ADUFES); Maurício Couto (SINDIUFSSB); Olinto Silveira Alves Filho (ADUFS-SE); Onice Teresinha Dall'Oglio (ADUFMAT); Paulo Antônio Cresciulo de Almeida (ADUFF); Waldyr Lins de Castro (ADUFF); Wilma Pessôa (ADUFF).</i>	48

1	
<p>Texto 4 – Pela Independência Política e Organizativa do Movimento Sindical, Popular e Estudantil Diante do Governo Burguês de Frente Ampla de Lula/Alckmin – <i>Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), André Moreira Bordinhon (ADUA), Danielle Gonzaga de Brito (ADUA), Douglas Ferreira de Paula (ADUA), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Leonardo Dourado de Azevedo Neto (ADUA), Lourival Felix (SESDUEM), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR), Viviane Vidal da Silva</i></p>	52
<p>Texto 5 – Conjuntura Internacional (China; Fascismo) e Fascismo no Brasil – <i>José Glauco Ribeiro Tostes (ADUENF), Emerson Antonio Rocha Melo de Lucena (ADUSC), Maria Aparecida dos Santos Aguiar (ADUSC), Maurício Santana Moreau (ADUSC), Alessandro Fernandes Santana (ADUSC), Marcial Cotes Jorge (ADUSC), Lucimar Pereira de França (ADUSC), Eliana Cristina Paula Tenório de Albuquerque (ADUSC), Zoemia Núbia Sampaio de Souza (ADUSC), Elvis Barbosa (ADUSC), João Carlos Dias (ADUSC), Arturo Rodolfo Samana (ADUSC), Francisco Bruno Souza Oliveira (ADUSC), Décio Tosta de Santana (ADUSC), Marcelo da Silva Lins (ADUSC), Maria Neusa de Oliveira (ADUSC).</i></p>	64
<p>Texto 6 – Após a Eleição de Lula: Conquistar Novas Vitórias Para o Povo Brasileiro e para a Categoria – <i>Alberto Handfas (ADUNIFESP), Alexandre Curtiss (ADUFES), Amália Catharina Santos Cruz (ADUnB), Ana Maria Dantas Soares (Adur), Andrea Carmo Sampaio (Adur), Andréa Emilia Marques Stingham (APUFPR), Ari Loureiro (ADUFPA), Ariuska Karla Barbosa Amorim(ADUnB), Ascísio Pereira (SEDUFMS), Beatriz Wey (Adur), Benerval Santos (ADUFU), Belkis Souza Bandeira (SEDUFMS), Carolina Nozella Gama (ADUFAL), Cássia Hack (Sindufap), Celi Nelza Zulke Taffarel (APUB/BA), Clarice Aparecida dos Santos (ADUnB), Claudio Porto (APUR), Cláudio Lira (APUB/BA), Cleide Maria Ferraz (ADUPE), Daniela Garrossini (ADUnB), David Romão (APUR), Débora Quetti Marques de Souza(ADUPE), Domingos Sávio da Cunha Garcia (ADUnemat), Edmilson Maia (SINDUECE), Eleonora Ziler (ADUFRJ), Eliene Novaes Rocha (ADUnB), Eduardo Giavara (base UFG), Eduardo Jorge Souza da Silva (AdUFERPE), Elisa Guaraná de Castro (ADUR), Elizabeth de Souza Amorim (ADUPE), Elizabeth Maria Mamede da Costa (ADUnB), Erika Suruagy (AdUFERPE), Eveline Glória Borges Samary (ADUPE), Everaldo de Oliveira Andrade (Adusp), Eunice Lea de Moraes (ADUFPA), Fábio Venturini (ADUNIFESP), Fabrícia Vellasquez Paiva (Adur), Fernando José de Paula Cunha (ADUPB), Flávia Motta (Adur), Flávio Dantas Albuquerque Melo (ADUFAL), Frederico Costa (SINDUECE), Geverson Grzeszczyszyn (ADUNICENTRO), Giovane Mota(ADUFPA), Guilherme Jean P. de Abreu (APUFPR), Humberto de Assis Clímaco (ADUFG), Isabelle Meunier (AdUFERPE), Janne Freitas de Carvalho (ADUPE), Jocimar Lomba Albanez (ADUEMS), John Kennedy Ferreira (APRUMA), Joelma Albuquerque (ADUFAL), José Arlen Beltrão (APUR), José Eudes Baima Bezerra (SINDUECE), José Eugenio de Jesus Cardoso Graúdo (ApesJF), José Tarcísio de Lima (ADUFLA), Juanito Vieira (ApesJF), Laudemir Zart (ADUnemat), Laura Regina SCM Fonseca (SEDUFMS), Leni Hack (ADUnemat), Lenucia Moura (SINDUECE), Leonardo da Rocha Botega (SEDUFMS), Lia Maria Teixeira de Oliveira (ADUR), Lia Maria Texeira (Adur), Liane de Souza Weber (SEDUFMS), Liliane Maria Macedo Machado (AdUnB), Lisleandra Machado (ApesJF), Liz Denize Carvalho Paiva (Adur), Lori Hack de Jesus (ADUnemat), Lucia Valadares (Adur), Luciana de Amorim Nobrega (Adur), Lucilia Augusta Lino (Adur e Asduerj), Luis Antonio Pasquetti (ADUnB), Luiz do Nascimento Carvalho (ADCAC/AD), Luiz Felipe Silva (ADUNIFEI), Luiz Fernando Rojo (ADUFF), Manoel Pereira de Andrade (ADUnB), Marcelo Pereira Fernandes (Adur), Márcia Morschbacher (SEDUFMS), Maria Caraméz Carlotta (ADUFABC), Maria de Lourdes Rocha Lima Nunes (ADUFPI), Maria Jaqueline de Grammont (ADUFSJ), Maria Onete Lopes Ferreira (ADUFF), Marian Noal Moro (SEDUFMS), Marina Cordeiro (Adur), Marize Carvalho (APUB), Mariuza Aparecida Camillo Guimarães (ADUFMS), Martin-Léon-Jacques Ibáñez de Novion (ADUnB), Mayra Goulart (ADUFRJ), Melina Silva Alves (ADUPB), Michel Costa (ADUERN), Miriam Cristiane Alves (ADUFPEL), Nadia Maria Pereira de Souza (Adur), Naira Souza Moura (ADUnB), Neila Baldi (SEDUFMS), Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (AdUFERPE), Nilza da Silva Martins (ADUnB), Patrícia Bastos (Adur), Patrícia Reinheimer (Adur), Pedro Claesen Dutra Silva (Sinduece), Peri Petit (ADUFPA), Regina Cohen Barros (Adur), Rogério Anez (ADUnemat), Ronalda Barreto Silva</i></p>	67

<p>(ADUneb), <i>Silvina Liliana Carrizo (ApesJF)</i>, <i>Suzana Marcolino (ADUFAL)</i>, <i>Tarcisio Augusto Alves da Silva (ADUFERPE)</i>, <i>Teresinha Weiller (SEDUFISM)</i>, <i>Thiago Dias Trindade (Adur)</i>, <i>Tiago Fávero de Oliveira (ApesJF)</i>, <i>Valter Pomar (ADUFABC)</i>, <i>Victor Ribeiro Neves(ADUPE)</i>.</p>	
<p>Texto 7 - O Movimento Docente e a Necessidade da Organização da Classe Trabalhadora: por um ANDES-SN Independente e ao Lado dos Movimentos Sociais – <i>Caroline de Araújo Lima (ADUNEB)</i>; <i>Francisco Eduardo Torres Cancela (ADUNEB)</i>; <i>Luciana Souza (ADUNEB)</i>; <i>Jorge Almeida (APUB)</i>; <i>Mauricio Brito (APUB)</i>; <i>Iacy maia (APUB)</i>; <i>Ricardo Nóbrega (ADUENF)</i>; <i>Fernanda da Silva Mendes (SINDUEPA)</i>; <i>Edivania Alves (ADUFPA)</i>; <i>Fernando Lacerda (UFG)</i>; <i>Livia Gomes Santos (UFG)</i>; <i>Márcio Barbosa Silva (ADUFPB)</i>.</p>	74
<p>Texto 8 – Aportes Ecosocialistas à Leitura de uma Conjuntura Insustentável – <i>Adriana Eiko Matsumoto (ADUNIFESP)</i>, <i>Amaro Fleck (APUBH)</i>, <i>Ana Lia Vanderlei de Almeida (ADUFPB)</i>, <i>Ana Paula Perrota (ADUR-RJ)</i>, <i>André Felipe Soares de Arruda (ADCAJ)</i>, <i>Antonio Henriques Lemos (ADUFG)</i>, <i>Breno Bringel (ADUFRJ)</i>, <i>Bruna Stéfanni Soares de Araújo (ADCESPI)</i>, <i>Bruno Deusdará (ASDUERJ)</i>, <i>Bruno Rocha (ADUFC)</i>, <i>Carla Benitez Martins (APUB)</i>, <i>Carolina Ferreira Souza (ADCAJ)</i>, <i>Daniel Galvão (ADUFAC)</i>, <i>Daniel Pereira (ADUFLA)</i>, <i>Denise Brasil (ADUFF)</i>, <i>Diana Mendes (ADUNIFESP)</i>, <i>Dorinethe dos Santos Bentes (ADUA)</i>, <i>Emérson Erivan de Araújo Ramos (SESDUFT)</i>, <i>Fabio Luis Barbosa dos Santos (ADUNIFESP)</i>, <i>Flávio Sofiati (ADUFG)</i>, <i>Francisco Pereira (ADUFAC)</i>, <i>Gabriela Caramuru (ADUFF)</i>, <i>Gardenia de Souza Furtado Lemos (ADUFG)</i>, <i>Helena Martins(ADUFC)</i>, <i>Gisele Aparecida Bovolenta (ADUNIFESP)</i>, <i>Heitor Martins Pasquim (ADUNIFESP)</i>, <i>Helton Saragor de Souza (ADUNIFESP)</i>, <i>Isabel Cristina Rodrigues (ASDUERJ)</i>, <i>Jacqueline Magalhães Alves (ADUFLA)</i>, <i>Jean Filipe Domingos Ramos (APES-JF)</i>, <i>Jeovah Meirelles (ADUFC)</i>, <i>Jorge Luiz Souto Maior (ADUSP)</i>, <i>Juliane Caravieri Martins (ADUFU)</i>, <i>Letícia Mamed (ADUFAC)</i>, <i>Luciana Tasse Ferreira (APES-JF)</i>, <i>Luiz Marques (ADUNICAMP)</i>, <i>Luzia Fátima Baierl (ADUNIFESP)</i>, <i>Marcos Ferreira de Paula (ADUNIFESP)</i>, <i>Maria Inês Escobar da Costa (ADUFC)</i>, <i>Maria José Andrade de Souza (APUB)</i>, <i>Matheus Thomaz (ADUFF)</i>, <i>Nayara Rodrigues Medrado (APES-JF)</i>, <i>Natasha Karenina de Sousa Rego (ADCESPI)</i>, <i>Pedro Wilson Oliveira da Costa Junior (SINDUECE)</i>, <i>Raquel Maria Rigotto (ADUFC)</i>, <i>Reinaldo Duque Brasil Landulfo Teixeira (APES-JF)</i>, <i>Renata Cristina Gonçalves dos Santos (ADUNIFESP)</i>, <i>Renato Gomes Vieira (ADUFG)</i>, <i>Roberto Braga (ADUFLA)</i>, <i>Rosiran Carvalho de Freitas Montenegro (ADUNIFESP)</i>, <i>Sonia Regina Nozabielli (ADUNIFESP)</i>, <i>Talita Furtado (ADUFERSA)</i>, <i>Tayara Lemos (APES-JF)</i>, <i>Tayse Palitot (APUB)</i>, <i>Tiago Coutinho (ADUFC)</i>, <i>Virginia Junqueira (ADUNIFESP)</i>.</p>	77
<p>Texto 9 – Na Luta com a Classe Trabalhadora Para Derrotar o Governo Burguês de Lula e Alckmin e Fazer as Galinhas Verde-Amarelas Voarem: Por um ANDES Classista, Combativo, Independente E Democrático – <i>Ana Maria Alvarenga (ADUSC)</i>, <i>Aritana Sousa Dutra de Melo (SINDIFPI)</i>, <i>Gisele Sifroni (ADUA)</i>, <i>Raphael Furtado (ADUFES)</i>, <i>Valdeci Luiz Fontoura dos Santos (ADUFMS)</i></p>	86
<p>Texto 10 – Pontos da Conjuntura: Contribuição ao 41º Congresso do ANDES-SN - <i>Adriano Severo Figueiró (SEDUFISM)</i>; <i>Adriano Vitti (UFRA)</i>; <i>Albany Mendonça (APUR)</i>; <i>Aloízio Soares (ASPUV)</i>; <i>Angela M. Soares Ferreira (ASPUV)</i>; <i>Antônio Cláudio M. Costa (ADUFU)</i>; <i>Antônio Luis de Andrade – Tato (ADUNESP)</i>; <i>Benedito G. dos Santos Filho (UFRA)</i>; <i>Célia Otranto (ADURRJ)</i>; <i>Dileno Dustan (APES-JF)</i>; <i>Fabiane Costas (SEDUFISM)</i>; <i>Igor Morici (SINDCEFET-MG)</i>; <i>Janete Luzia Leite (ADUFRJ)</i>; <i>Luís Mauro Magalhães (ADURRJ)</i>; <i>Milton Vieira do Prado Júnior (ADUNESP)</i>; <i>Monica Pirozi (ASPUV)</i>; <i>Zenilde Moreira (ADUFERPE)</i>.</p>	96
<p>Texto 11 – Derrotar o bolsonarismo e as políticas neoliberais! Avançar nas lutas por direitos e liberdades democráticas! Construir universidade popular! - <i>Alcides Pontes Remijo (ADUFG)</i>, <i>Alexandre Barba (ADUFF)</i>, <i>Aline Faé Stocco (ADUFVJM)</i>, <i>Ana Clara Magalhães (ADUFAL)</i>, <i>Ana Cristina Albuquerque (SINDIPROL/ADUEL)</i>, <i>Ana Karen de Oliveira Souza (ADUFS-BA)</i>, <i>Anderson Deo (ADUNESP)</i>, <i>André Rosa Martins (SINDOIF-RS)</i>, <i>Anielli Fabiula Gavioli Lemes (ADUFVJM)</i>, <i>Antônio Rosevaldo Ferreira da Silva (ADUFSBA)</i>, <i>Atenágoras Oliveira Duarte (ADUFPE)</i>, <i>Benedito Carlos Libório Caries (ADUFS)</i>, <i>Bianca Novaes de Mello (ADUFF)</i>, <i>Breno Ricardo Guimarães Santos (ADUFMAT)</i>, <i>Bruno Pizzi (ADUFDourados)</i>, <i>Bruno Souza Bechara Saxta (APUBH)</i>, <i>Caio Martins (ADUFRJ)</i>, <i>Camila Leite Oliver (ADUNEB)</i>, <i>Carla Daniel Sartor (ADUNIRIO)</i>, <i>Carlos Augusto Aguiar Júnior (ADUFF)</i>, <i>Célia Regina da Silva (ADUEMG)</i>, <i>César Maranhão (ADUFRJ)</i>, <i>Cláudia Lúcia da Costa (ADCAC)</i>, <i>Cleide de Lima Chaves (ADUSB)</i>, <i>Cleusa Santos (ADUFRJ)</i>, <i>Cristiano Ferraz (ADUSB)</i>, <i>Daniela Ferreira (ADUFPE)</i>, <i>David Albuquerque de Menezes (SINDUECE)</i>, <i>Douglas Ribeiro Barboza (ADUFF)</i>,</p>	100

<p><i>Edson Marcelo Hungaro (ADUnB), Eduardo Chemas Hindi (SINDUTF-PR), Eduardo Serra (ADUFRJ), Elza Peixoto (APUB- UFBA), Fabio Bezerra (SINDCEFET-MG), Fernando Leitão Rocha Junior (ADOM), Fernando Medeiros (ADUFAL), Fernando Santos (ADCAJ), Filipe Boechat (ADUFRJ), Giovanni Felipe Ernst Frizzo (ADUFPEL), Guilherme Dornelas Camera (Seção Sindical do Andes-SN no UFRGS), Gustavo Miranda (APROFURG), Helga Maria Martins de Paula (ADCAJ), Herli de Menezes (ADUFRJ), Hilbeth Parente Azikri de Deus (SINDUTF-PR), Hilusca Alves Leite (SESDUEM), Hugo Leonardo Fonseca da Silva (ADUFG), Isabella Vitória Castilho Pimentel Pedroso (ADUFF), Ivna Nunes (ADUFMAT), Jaqueline Botelho (ADUFF), Jamesson Buarque de Souza (ADUFG), Jaqueline Botelho (ADUFF), Jefferson Rodrigues Barbosa (ADUNESP), João Paulo Chaib (SINDCEFET), José Alex Soares Santos (SINDUECE), Juliana Bohnen Guimarães (ADUEMG), Juliane Larsen (SESUNILA), Júlio César Pereira Monerat (APES), Kate Lane Costa de Paiva (ADUFF), Katia Melo (ADUFAL), Kathiúça Bertollo (ADUFOP), Lara Carlette Thiengo (ADUFVJM), Larissa Figueiredo Salmen Seixlack Bulhões (ADUFLA), Leandro Cristino Pereira (SINDCEFET), Leonardo Rocha (ADUEG), Leonardo Santos (ADUFMT), Leonardo Segura Moraes (ADUFU), Leonardo Silva Andrada (APES), Leônidas de Santana Marques (ADUFAL), Lucas Gama Lima (ADUFAL), Luis Eduardo Acosta (ADUFRJ), Manoel Estébio Cavalcante da Cunha (ADUFAC), Marcelo “Russo” Ferreira (ADUFPA), Marcelo Hungaro (ADUnB), Márcia Lemos (ADUSB), Márcio Magalhães da Silva (ADUFLA), Marcos Antonio da Silva Pedroso (ADUFS), Marcos Botelho (ADUFRJ), Matheus Kuchenbecker (ADUFVJM), Mauricio Silva (SESDUFT), Mauro Iasi (ADUFRJ), Michael Melo Bocádio (SINDUECE), Moisés Lobão (ADUFAC), Osvaldo Maciel (ADUFAL), Otávio Cabral (ADUFAL), Pablo Bielschowsky (ADUR-RJ), Pablo Lima (APUBH), Paula Pereira Gonçalves Alves (ADUFMAT), Paulo Roberto Felix dos Santos (ADUFS), Qelli Viviane Dias Rocha (ADUFMAT), Rafael Vieira Teixeira (ADUFES), Renato Domingues Fialho Martins (ADCEFET-RJ), Ricardo Silvestre (ADOM), Roberto Silva de Oliveira (ADUSB), Robson Pereira Calça (ADUFF), Rodrigo Bichoff (SESDUEM), Rodrigo Castelo (ADUNIRIO), Rogério Giuliano Gimenez (SESUNILA), Rogério Massarotto (SESDUEM), Rosalve Lucas Marcelino (ADUSB), Rubens Ragone (APESJF), Saulo Henrique Souza Silva (ADUFS), Sócrates Oliveira Menezes (ADUSB), Sofia Manzano (ADUSB), Solange Struwka (ADUNIR-SSIND), Tarcila Mantovan Atolini (ADUFVJM), Thiago Fanelli Ferraiol (SESDUEM), Túlio Lopes (ADUEMG), Victor Neves de Souza (ADUFES), Vinícius Correia Santos (ADUSB), Walcyr de Oliveira Barros (ADUFRJ), Wellington Augusto Silva (ADUR-RJ), Wladimir Nunes Pinheiro (ADUFPB).</i></p>	
<p>Texto 12 – O papel de uma central sindical e popular na conjuntura de um governo de conciliação de classes e de uma extrema direita ainda fortalecida - <i>Aderaldo Alexandrino de Freitas (ADUFERPE), Adriana Gomes Santos (SESDUF-RR), Alyne Maria Barbosa de Sousa (SINDIFPI), Antonio Luís da Silva Sousa (SINDIFPI), Antônio Rodrigues Belon (ADUFMS), Antônio Sérgio Vasconcelos Darwich (SINDUEPA), Argus de Almeida Vasconcelos (ADUFERPE), Armando Wilson Tafner Júnior (SINDUNIFESSPA), Catarina Malcher Teixeira (APRUMA), Cláudia Alves Durans (APRUMA), Daniel Vasconcelos Solon (ADCESP), Daniela Batista Santos (ADUNEB), Egmar Oliveira Souza Júnior (SINDIFPI), Franci Gomes Cardoso (APRUMA), Francisca Raquel da Costa (SINDIFPI), Francisco Edson Rodrigues Cavalcante (SINDIFPI), Gelta Terezinha Ramos Xavier (ADUFF), Geraldo Carvalho (ADUFPI), Gihad Mohamad (SEDUFMS), Graziela Lucci de Angelo (SEDUFMS), Hélio Cabral Lima (ADUFERPE), Hélvio Alexandre Mariano (ADUNICENTRO), Isabel Cristina Rocha Hipólito Gonçalves (SINDIFPI), Ivan Neves (ADUFPA), Jaci Guilherme Vieira (SESDUF-RR), João Carlos Gilli Martins (SEDUFMS), José Vitório Zago (ADUNICAMP), Júlio Ricardo Quevedo dos Santos (SEDUFMS), Juliana Iglesias Melim (ADUFES), Léia Soares da Silva (SINDIFPI), Levy Paes Barreto (ADUFERPE), Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE), Marco Antônio Escher (APES-UFJF), Maria Celma Borges (ADUFMS), Maria da Penha Feitosa (ADUFPI), Maria Daniela Corrêa de Macedo (ADUFRJ), Maria Luzinete Alves Vanzeler (ADUFMAT), Maristela da Silva Souza (SEDUFMS), Osmar Gomes de Alencar Júnior (ADUFPI), Otávio Luiz Pinheiro Aranha (ADUFPA), Raimundo Sérgio de Farias Júnior (SINDUEPA), Raimundo Wanderley Correa Padilha (SINDUNIFESSPA), Roberto Santos Ramos (APRUMA), Romildo de Castro Araújo (ADUFPI), Rosana Mendes Éleres de Figueiredo (APRUMA), Rosenverck Estrela Santos (APRUMA), Sandra Bernadete da Silva Moreira (ADUFPA), Saulo Costa Arcangeli (SINDUEMA), Simone Contente Padilha (SINDUNIFESSPA), Sinoélia Silva Pessôa (ADUNEB), Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA), Tamara Cardoso André (ADUNICENTRO), Tarcísio Luiz Pereira (ADUFMS), Vilemar Gomes da Silva (APRUMA),</i></p>	<p>111</p>

<i>Vitor Wagner Neto de Oliveira (ADUFMS), Viviana Mónica Vermes (ADUFES), Wagner Miquéias Felix Damasceno (ADUNIRIO), Waldir Bertúlio (ADUFMAT), Welbson do Vale Madeira (APRUMA), Wilson Camilo Chaves (ADUFSJ).</i>	
TEMA II – PLANOS DE LUTAS DOS SETORES	
Texto 13 – Plano de lutas do setor das IEES/IMES - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	121
Texto 14 – Plano de lutas do setor das IFES - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	129
Texto 15 – Defesa dos Serviços Públicos, das Universidades e dos Institutos Federais: Nossas Lutas São Emergenciais – <i>Agripino Alves Luz Júnior (SINDUFAP); Alexandre Adalberto Pereira (SINDUFAP); Alexandre Macedo (ADUFPB); Alexandre José Medeiros do Nascimento (ADUFPI); Ângela Siqueira (ADUFF); André Rodrigues Guimarães (SINDUFAP); Antônia Costa Andrade (SINDUFAP); Antônio Francisco Lopes Dias (ADCESP); Antônio Lisboa L. de Souza (ADUFCG); Arthane Menezes Figueiredo (SINDUFAP); Beatriz Franchini (ADUFPEL); Carlos Rinaldo Nogueira Martins (SINDUFAP); Carlos Vicente Joaquim (SESDUF-RR); Cássio Alves (APUFPR); Celeste Pereira (ADUFPEL); Célio Ribeiro Coutinho (SINDUECE); Cenira Andrade de Oliveira (ADUFES); Ceres Torres (ADUFPEL); Claudia March (ADUFF); David Junior de Souza Silva (SINDUFAP); Elaine da Silva Neves (ADUFPEL); Elda Maria Freire Maciel (SINDUECE); Eliane Fazolo (ADUR-RJ); Enilce de Oliveira Fonseca Sally (ADUFF); Epitácio Macário Moura (SINDUECE); Erlenía Sobral do Vale (SINDUECE); Fabiola Kato (ADUFPA); Fausto Camargo Júnior (SINDCEFET-MG); Francisco Carlos Jacinto Barbosa (SINDUECE); Francisco Santiago (SINDUFAP); Gean Cláudio de Souza Santana (ADUFS-BA); Henrique A. F. Mendonça (ADUFPEL); Herrmann Vinicius Oliveira Muller (APUFPR); Janete Brito (ADCESP); José Carlos Marques Volcato (ADUFPEL); José dos Santos Souza (ADUR-RJ); José Raphael Bokehi (ADUFF); Lalo Watanabe Minto (ADUNICAMP); Leandro Machado dos Santos (ADUR-RJ); Liliane Soares (SINDUFAP); Lorena Moraes (ADCESP); Lúcia Izabel Silva (ADUFPA); Luciano Coutinho (ADUFRJ); Luiz Fernando Reis (ADUNIOESTE); Luiz Henrique Schuch (ADUFPEL); Luiz Paiva Carapeto (ADUFPEL); Marco Antonio Perruso (ADUR-RJ); Maria Angélica da Gama Coutinho (ADUR-RJ); Maria Conceição Rosa Cabral (ADUFPA); Maria do Carmo Lobato da Silva (SINDUFAP); Maria Edilene S. Ribeiro (ADUFPA); María Gabriela Guillén Carías (ADUFDOURADOS); Maria Jacqueline Girão (ADUFRJ); Maria Suely Soares (APUFPR); Marielson Rodrigues Guimarães (ADUFPA); Marinalva Silva Oliveira (ADUFRJ); Marise Fonseca dos Santos (APUFPR); Milena Martinez (APUFPR); Odete da Cruz Mendes (ADUFPA); Olgáises Maués (ADUFPA); Omar Albornoz (ADCESP); Paulo Afonso da Silva Oliveira (SESDUF-RR); Paulo Marcelo Cambraia da Costa (SINDUFAP); Raquel Angela Speck (APUFPR); Regiana Blank Wille (ADUFPEL); Rhoberta Santana de Araújo (ADUFPB); Rosângela Assunção (ADCESP); Rosely Cabral Giordano (ADUFPA); Sandra Alessi (APUFPR); Sandra Maria Franco Buenafuente (SESDUF-RR); Sidney da Silva Lobato (SINDUFAP); Sônia Maria Araújo (ADUFPA); Sônia Regina Teixeira (ADUFPA); Tadeu Lopes Machado (SINDUFAP); Valdelaine Mendes (ADUFPEL); Veronica Fernandez (ADUFF); Vilson Aparecido da Mata (APUFPR); Viviane Narvaes (ADUNIRIO); Waldir Ferreira de Abreu (ADUFPA), Yurgel Pantoja Caldas (SINDUFAP).</i>	146
Texto 16 – Plano de Lutas das IEES/IMES: Combater a Precarização e o Arrocho Salarial. Revogar as Contrarreformas em Unidade com o Funcionalismo e Lutar por um Único Sistema de Ensino, Público, Gratuito e Sob o Controle De Quem Estuda e Trabalha, Financiado Integralmente Pelo Estado – <i>Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), André Moreira Bordinhon (ADUA), Danielle Gonzaga de Brito (ADUA), Douglas Ferreira de Paula (ADUA), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Leonardo Dourado de Azevedo Neto (ADUA), Lourival Felix (SESDUEM), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR), Viviane Vidal da Silva (ADUA).</i>	154
TEMA III – PLANO GERAL DE LUTAS	
Texto 17 – Política de Formação Sindical - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	159

Texto 18 – Política Educacional - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	163
Texto 19 - Política de Classe para as Questões Étnico-raciais, de Gênero e Diversidade Sexual - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	175
Texto 20 – Política de Comunicação e Arte - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	181
Texto 21 – Política Agrária, Urbana e Ambiental - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	186
Texto 22 – Política de Ciência e Tecnologia - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	189
Texto 23 – Política de Seguridade Social e Assuntos de Aposentadoria - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	201
Texto 24 – Plano de Lutas - História e Memória do Movimento Docente, Comissão da Verdade do ANDES-SN e CEDOC Prof. Osvaldo Oliveira Maciel - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	214
Texto 25 – Políticas e Ações para a Carreira Docente - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	220
Texto 26 – Para o ANDES-SN Avançar na Política Classista Contra as Discriminações e Opressões – Agripino Alves Luz Júnior (SINDUFAP); Alexandre Adalberto Pereira (SINDUFAP); Alexandre Macedo (ADUFPB); Alexandre José Medeiros do Nascimento (ADUFPI); Ângela Siqueira (ADUFF); André Rodrigues Guimarães (SINDUFAP); Antônia Costa Andrade (SINDUFAP); Antônio Francisco Lopes Dias (ADCESP); Antônio Lisboa L. de Souza (ADUFCEG); Arthane Menezes Figueiredo (SINDUFAP); Beatriz Franchini (ADUFPEL); Carlos Rinaldo Nogueira Martins (SINDUFAP); Carlos Vicente Joaquim (SESDUF-RR); Cássio Alves (APUFPR); Celeste Pereira (ADUFPEL); Célio Ribeiro Coutinho (SINDUECE); Cenira Andrade de Oliveira (ADUFES); Ceres Torres (ADUFPEL); Claudia March (ADUFF); David Junior de Souza Silva (SINDUFAP); Elaine da Silva Neves (ADUFPEL); Elda Maria Freire Maciel (SINDUECE); Eliane Fazolo (ADUR-RJ); Enilce de Oliveira Fonseca Sally (ADUFF); Epiácio Macário Moura (SINDUECE); Erlenias Sobral do Vale (SINDUECE); Fabiola Kato (ADUFPA); Fausto Camargo Júnior (SINDCEFET-MG); Francisco Carlos Jacinto Barbosa (SINDUECE); Francisco Santiago (SINDUFAP); Gean Cláudio de Souza Santana (ADUFS-BA); Henrique A. F. Mendonça (ADUFPEL); Herrmann Vinicius Oliveira Muller (APUFPR); Janete Brito (ADCESP); José Carlos Marques Volcato (ADUFPEL); José dos Santos Souza (ADUR-RJ); José Raphael Bokehi (ADUFF); Lalo Watanabe Minto (ADUNICAMP); Leandro Machado dos Santos (ADUR-RJ); Liliane Soares (SINDUFAP); Lorena Moraes (ADCESP); Lúcia Izabel Silva (ADUFPA); Luciano Coutinho (ADUFRJ); Luiz Fernando Reis (ADUNIOESTE); Luiz Henrique Schuch (ADUFPEL); Luiz Paiva Carapeto (ADUFPEL); Marco Antonio Perruso (ADUR-RJ); Maria Angélica da Gama Coutinho (ADUR-RJ); Maria Conceição Rosa Cabral (ADUFPA); Maria do Carmo Lobato da Silva (SINDUFAP); Maria Edilene S. Ribeiro (ADUFPA); Maria Gabriela Guillén Carías (ADUFDOURADOS); Maria Jacqueline Girão (ADUFRJ); Maria Suely Soares (APUFPR); Marielson Rodrigues Guimarães (ADUFPA); Marinalva Silva Oliveira (ADUFRJ); Marise Fonseca dos Santos (APUFPR); Milena Martinez (APUFPR); Odete da Cruz Mendes (ADUFPA); Olgaíses Maués (ADUFPA); Omar Albornoz (ADCESP); Paulo Afonso da Silva Oliveira (SESDUF-RR); Paulo Marcelo Cambraia da Costa (SINDUFAP); Raquel Angela Speck (APUFPR); Regiana Blank Wille (ADUFPEL); Rhoberta Santana de Araújo (ADUFPB); Rosângela Assunção (ADCESP); Rosely Cabral Giordano (ADUFPA); Sandra Alessi (APUFPR); Sandra Maria Franco Buenafuente (SESDUF-RR); Sidney da Silva Lobato (SINDUFAP); Sônia Maria Araújo (ADUFPA); Sônia Regina Teixeira (ADUFPA); Tadeu Lopes Machado (SINDUFAP); Valdelaine Mendes (ADUFPEL); Veronica Fernandez (ADUFF); Vilson Aparecido da Mata (APUFPR); Viviane Narvaes (ADUNIRIO); Waldir Ferreira de Abreu (ADUFPA), Yurgel Pantoja Caldas (SINDUFAP).	229
Texto 27 – Manter a Autonomia Sindical na Crítica e Defender a Educação Pública em Todos os Níveis – Agripino Alves Luz Júnior (SINDUFAP); Alexandre Adalberto Pereira (SINDUFAP); Alexandre Macedo (ADUFPB); Alexandre José Medeiros do Nascimento (ADUFPI); Ângela Siqueira (ADUFF); André Rodrigues Guimarães (SINDUFAP); Antônia Costa Andrade (SINDUFAP); Antônio Francisco Lopes Dias (ADCESP); Antônio Lisboa L. de Souza (ADUFCEG); Arthane Menezes Figueiredo (SINDUFAP); Beatriz Franchini (ADUFPEL);	234

<p><i>Carlos Rinaldo Nogueira Martins (SINDUFAP); Carlos Vicente Joaquim (SESDUF-RR); Cássio Alves (APUFPR); Celeste Pereira (ADUFPEL); Célio Ribeiro Coutinho (SINDUECE); Cenira Andrade de Oliveira (ADUFES); Ceres Torres (ADUFPEL); Claudia March (ADUFF); David Junior de Souza Silva (SINDUFAP); Elaine da Silva Neves (ADUFPEL); Elda Maria Freire Maciel (SINDUECE); Eliane Fazolo (ADUR-RJ); Enilce de Oliveira Fonseca Sally (ADUFF); Epiácio Macário Moura (SINDUECE); Erlenias Sobral do Vale (SINDUECE); Fabiola Kato (ADUFPA); Fausto Camargo Júnior (SINDCEFET-MG); Francisco Carlos Jacinto Barbosa (SINDUECE); Francisco Santiago (SINDUFAP); Gean Cláudio de Souza Santana (ADUFS-BA); Henrique A. F. Mendonça (ADUFPEL); Herrmann Vinicius Oliveira Muller (APUFPR); Janete Brito (ADCESP); José Carlos Marques Volcato (ADUFPEL); José dos Santos Souza (ADUR-RJ); José Raphael Bokehi (ADUFF); Lalo Watanabe Minto (ADUNICAMP); Leandro Machado dos Santos (ADUR-RJ); Liliane Soares (SINDUFAP); Lorena Moraes (ADCESP); Lúcia Izabel Silva (ADUFPA); Luciano Coutinho (ADUFRJ); Luiz Fernando Reis (ADUNIOESTE); Luiz Henrique Schuch (ADUFPEL); Luiz Paiva Carapeto (ADUFPEL); Marco Antonio Perruso (ADUR-RJ); Maria Angélica da Gama Coutinho (ADUR-RJ); Maria Conceição Rosa Cabral (ADUFPA); Maria do Carmo Lobato da Silva (SINDUFAP); Maria Edilene S. Ribeiro (ADUFPA); Maria Gabriela Guillén Carías (ADUFDOURADOS); Maria Jacqueline Girão (ADUFRJ); Maria Suely Soares (APUFPR); Marielson Rodrigues Guimarães (ADUFPA); Marinalva Silva Oliveira (ADUFRJ); Marise Fonseca dos Santos (APUFPR); Milena Martinez (APUFPR); Odete da Cruz Mendes (ADUFPA); Olgaíses Maués (ADUFPA); Omar Albornoz (ADCESP); Paulo Afonso da Silva Oliveira (SESDUF-RR); Paulo Marcelo Cambraia da Costa (SINDUFAP); Raquel Angela Speck (APUFPR); Regiana Blank Wille (ADUFPEL); Rhoberta Santana de Araújo (ADUFPB); Rosângela Assunção (ADCESP); Rosely Cabral Giordano (ADUFPA); Sandra Alessi (APUFPR); Sandra Maria Franco Buenafuente (SESDUF-RR); Sidney da Silva Lobato (SINDUFAP); Sônia Maria Araújo (ADUFPA); Sônia Regina Teixeira (ADUFPA); Tadeu Lopes Machado (SINDUFAP); Valdelaine Mendes (ADUFPEL); Veronica Fernandez (ADUFF); Vilson Aparecido da Mata (APUFPR); Viviane Narvaes (ADUNIRIO); Waldir Ferreira de Abreu (ADUFPA), Yurgel Pantoja Caldas (SINDUFAP).</i></p>	
<p>Texto 28 – A Defesa do Ensino Público e a Participação no Fórum Nacional Popular de Educação – Assembleia Geral da ADUR-RJ e APUFPR</p>	242
<p>Texto 29 – Movimento Docente, Crise Socioambiental e Horizontes Biocivilizatórios – Marcos Bernardino de Carvalho (ADUSP), Gislene Aparecida dos Santos (ADUSP), Marcelo Zaiat (ADUSP), Ângela Maria Machado de Lima Hutchison (ADUSP), Manoel Fernandes de Sousa Neto (ADUSP), Diamantino Alves Correia Pereira (ADUSP), Celso Eduardo Lins de Oliveira (ADUSP), Ana Paula Fracalanza (ADUSP), Ester Gammardella Rizzi (ADUSP), Tercio Loureiro Redondo (ADUSP)</p>	244
<p>Texto 30 – Pela Não Desfiliação à CSP-Conlutas: Rejeitar o Divisionismo Aparelhista e Lutar Pela Unidade Organizativa e Política dos Explorados – Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), André Moreira Bordinhon (ADUA), Danielle Gonzaga de Brito (ADUA), Douglas Ferreira de Paula (ADUA), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Leonardo Dourado de Azevedo Neto (ADUA), Lourival Felix (SESDUEM), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR), Viviane Vidal da Silva (ADUA)..</p>	252
<p>Texto 31 – Pelo Fim das Perdas Financeiras e da Postergação das Datas dos Interstícios na Promoção/Progressão Funcional dos Docentes das IFES – Diretoria da APRUMA, Adilson Siqueira de Andrade (ADUNIR), Agripino José Freire da Fonseca (ADUNIR), Antônio Nogueira Neto (ADUNIR), Carlos Luis Ferreira da Silva (ADUNIR), Cristóvão Teixeira Abrantes (ADUNIR), Edilson Lobo do Nascimento (ADUNIR), Erasmo Moreira de Carvalho (ADUNIR), Franci Gomes Cardoso (APRUMA), Israel Xavier Batista (ADUNIR), Jorge Milton Ewerton Santos (APRUMA), Marilsa Miranda de Souza (ADUNIR), Micael Carvalho dos Santos (APRUMA), Otacílio Moreira de Carvalho Costa (ADUNIR), Ricardo Gilson da Costa Silva (ADUNIR), Rosilda Silva Dias (APRUMA), Saulo Pinto Silva (APRUMA), Sirliane de Souza Paiva (APRUMA), Valdir Aparecido de Souza (ADUNIR) e Welbson do Vale Madeira (APRUMA).</p>	258

Texto 32 – As Vidas das Crianças, Mulheres e Pessoas que Gestam Estão em Risco! O Estatuto do Nascituro e a Política de Impunidade aos Estupradores – <i>Abraão Félix Da Penha (ADUNEB); Camila Leite Oliver (ADUNEB); Carmen Silvia Silva Sá (ADUNEB); Caroline De Araújo Lima (ADUNEB); Célia Santana Silva (ADUNEB); Celso de Jesus Silva (ADUNEB); Francisco Eduardo Torres Cancela (ADUNEB); Luciana Souza (ADUNEB); Miriam Bonfim (ADUNEB); Nora de Cássia Gomes Oliveira (ADUNEB); Tadeu Bello dos Santos (ADUNEB); Vânia Vasconcelos (ADUNEB); Zózina Maria Rocha de Almeida (ADUNEB); Jorge Almeida (APUB); Maurício Brito (APUB); Iacy maia (APUB); Maria Raquel Garcia Veja (ADUENF); Ricardo Nóbrega (ADUENF); Fernanda da Silva Mendes (SINDUEPA); Edivania Alves (ADUFPA); Fernando Lacerda (UFG); Livia Gomes Santos (UFG); Márcio Barbosa Silva (ADUFPB).</i>	262
TEMA IV – QUESTÕES ORGANIZATIVAS E FINANCEIRAS	
Texto 33 - Referendo de Alteração Estatutária do ANDES-SN Promovida por Força de Decisão Judicial – <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	267
Texto 34 – Fundo Único – Fundo nacional de solidariedade, mobilização e greve do ANDES-SN - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	268
Texto 35 – Homologação de Alteração Regimental - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	270
Texto 36 – Prestação de contas do 65º CONAD - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	270
Texto 37 – Prestação de contas do 14º CONAD Extraordinário - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	273
Texto 38 - Manutenção do apoio financeiro à Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	275
Texto 39 - Manutenção do apoio financeiro à Auditoria Cidadã da Dívida (ACD) - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	277
Texto 40 - Manutenção do apoio financeiro ao Casarão da Luta e ao sistema de formação política do movimento dos trabalhadores sem teto (MTST) - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	278
Texto 41 – Sede do 42º Congresso do ANDES-SINDICATO NACIONAL - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	280
Texto 42 – Autorização para aquisição de imóveis para instalação das Sedes das Regionais Planalto, Nordeste III e Sul - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	280
Texto 43 – Regimento Eleitoral do ANDES-SN - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	281
Texto 44 – Recurso da ADUFMAT Contra a Decisão de Exclusão de Reginaldo Silva de Araújo do Quadro de Sindicalizados do ANDES-SN – <i>Assembleia Geral ADUFMAT Realizada em 01/12/2022</i>	294
Texto 45 – Assembleia Híbrida Para Garantir a Participação das (os) Professoras (es) Aposentadas (os) e das (os) Com Afastamento – <i>Assembleia Geral da ADUR-RJ</i>	296
Texto 46 – Pela Imediata Desfiliação da CSP-Conlutas! – <i>Assembleia Geral da ADUR-RJ</i>	299
Texto 47 – Por Que o ANDES-SN Deve se Manter Filiado à CSP-Conlutas? – <i>Aderaldo Alexandrino de Freitas (ADUFERPE), Adriana Gomes Santos (SEDUF-RR), Adriana Machado Penna (ADUFF), Adriano Severo Figueiró (SEDUFMS), Adriano Vitti (ADUFRA), Agatha Justen (ADUFF), Agripino Alves Luz Júnior (SINDUFAP), Airton Paula Souza (ADUFS-SE), Alair Silveira (ADUFMAT), Albany Mendonça (APUR), Albert Alan de Sousa Cordeiro (SINDUFAP), Alexandre Adalberto Pereira (SINDUFAP), Alexandre José Medeiros do Nascimento (ADUFPI), Alexandre Macedo (ADUFPB), Allan de Andrade Linhares (ADUFPI), Aloízio Soares (ASPUV), Alyne Maria Barbosa de Sousa (SINDIFPI), Ana Lucia B. Faria (SINDCEFET/MG), André Rodrigues Guimarães (SINDUFAP), Angela Isabel Dullius (SEDUFMS), Angela M. S. Ferreira (ASPUV), Ângela Siqueira (ADUFF), Angelica Lovatto</i>	301

(ADUNESP), Angelo Antonio Abrantes (ADUNESP), Antônia Costa Andrade (SINDUFAP), Antônio Cláudio M. Costa (ADUFU), Antônio Francisco Lopes Dias (ADCESP), Antônio José Mahye (ADURRJ), Antônio Luis de Andrade – Tato (ADUNESP), Antônio Lisboa L. de Souza (ADUFCEG), Antonio Luís da Silva Sousa (SINDIFPI), Antônio Rodrigues Belon (ADUFMS), Antônio Sérgio Vasconcelos Darwich (SINDUEPA), Argus de Almeida Vasconcelos (ADUFERPE), Aritana Sousa Dutra de Melo (SINDIFPI), Armando Wilson Tafner Júnior (SINDUNIFESSPA), Arthane Menezes Figueiredo (SINDUFAP), Beatriz Franchini (ADUFPEL), Beatriz Tupinambá Freitas (ADUFS-SE), Benedito G. dos Santos Filho (ADUFRA), Carlos Rinaldo Nogueira Martins (SINDUFAP), Carlos Vicente Joaquim (SEDUF-RR), Carmem Dickow Cardoso (SEDUFMS), Cássio Alves (APUFPR), Catarina Malcher Teixeira (APRUMA), Catharina Marinho Meirelles (ADUFF), Celeste Pereira (ADUFPEL), Célia Otranto (ADURRJ), Célio Ribeiro Coutinho (SINDUECE), Cenira Andrade de Oliveira (ADUFES), Ceres Torres (ADUFPEL), Cláudia Alves Durans (APRUMA), Claudia March (ADUFF), Cláudio Gurgel (ADUFF), Cristiana Costa da Rocha (ADCESP), Cristiana Teixeira Barra (ADUFPI), Daniel Vasconcelos Solon (ADCESP), Daniela Batista Santos (ADUNEB), David Junior de Souza Silva (SINDUFAP), Dilenno Dustan (APES/JF), Eduardo Hindi (APUFPR), Egmar Oliveira Souza Júnior (SINDIFPI), Elaine da Silva Neves (ADUFPEL), Elda Maria Freire Maciel (SINDUECE), Eliana Pereira de Carvalho (ADCESP), Eliane Fazolo (ADUR-RJ), Elisabete Burigo (ANDES/UFRGS), Elizandra Garcia da Silva (ADUFF), Elyson Carvalho (ADUFS-SE), Enilce de Oliveira Fonseca Sally (ADUFF), Epiácio Macário Moura (SINDUECE), Érika Pinto Azevedo (SINDUFAP), Erlenias Sobral do Vale (SINDUECE), Fábria Heluy Caram (SINDCEFET/MG), Fabiane Adela Tonetto Costas (SEDUFMS), Fábio Ocada (ADUNESP), Fabiola Kato (ADUFPA), Fausto Camargo Júnior (SINDCEFET-MG), Fernando Martins (ADUNESP), Franci Gomes Cardoso (APRUMA), Francisca Raquel da Costa (SINDIFPI), Francisco Carlos Jacinto Barbosa (SINDUECE), Francisco Edson Rodrigues Cavalcante (SINDIFPI), Francisco Estigarribia de Freitas (SEDUFMS), Francisco Santiago (SINDUFAP), Francisco Vitória (ADUFPEL), Gabriel Muñoz (ADUFU), Gean Cláudio de Souza Santana (ADUFS-BA), Gelta Terezinha Ramos Xavier (ADUFF), Geraldo Carvalho (ADUFPI), Gianfábio Pimentel Franco (SEDUFMS), Gihad Mohamad (SEDUFMS), Glades Tereza Felix (SEDUFMS), Gonzalo Rojas (ADUFCEG), Grasiela Maria de Sousa Coelho (ADUFPI), Graziela Lucci de Angelo (SEDUFMS), Halanne Fontenele Barros (SINDIFPI), Hélio Cabral Lima (ADUFERPE), Hélio Alexandre Mariano (ADUNICENTRO), Henrique A. F. Mendonça (ADUFPEL), Herrmann Vinicius Oliveira Muller (APUFPR), Hugo Gomes Blois Filho (SEDUFMS), Igor Morici (SINDCEFET/MG), Ilma de Andrade Barleta (SINDUFAP), Iracema Oliveira Lima (ADUSB), Irlane Pereira de Moraes (SINDUFAP), Isabel Cristina Rocha Hipólito Gonçalves (SINDIFPI), Ivan Neves (ADUFPA), Jaci Guilherme Vieira (SEDUF-RR), Jacira Maria Machado de Oliveira (ADUFF), Jairo Paes Selles (ADUFF), Janete Brito (ADCESP), Janete Luzia Leite (ADUFRJ), João Batista Farias Júnior (SINDIFPI), João Batista Oliveira de Araujo (ADUFRJ), João Carlos Gilli Martins (SEDUFMS), João da Costa Chaves Jr. (ADUNESP), João Francisco Kastner Negrão (APUFPR), João Paulo Macedo (ADUFPI), João Reis Novaes (ADUSB), José Carlos Marques Volcato (ADUFPEL), José Domingues G. Filho (ADUFMAT), José dos Santos Souza (ADUR-RJ), José Jailton Marques (ADUFS-SE), José Raphael Bokehi (ADUFF), José Vitória Zago (ADUNICAMP), José Wicto Pereira Borges (ADUFPI), Juliana de Segadas Vianna (ADURRJ), Juliana Iglesias Melim (ADUFES), Júlio Figueiredo (ADUFF), Júlio Ricardo Quevedo dos Santos (SEDUFMS), Julio Spanó (ADUFPEL), Lafaiete Santos Neves (APUFPR), Lalo Watanabe Minto (ADUNICAMP), Leandro Machado dos Santos (ADUR-RJ), Léia Soares da Silva (SINDIFPI), Levy Paes Barreto (ADUFERPE), Liliane Rodrigues Soares (SINDUFAP), Lívia de Cássia Godoi Moraes (ADUFES), Lorena Moraes (ADCESP), Lucas Pacheco Campos (APES-JF), Lúcia de Fátima Royes Nunes (SEDUFMS), Lúcia Izabel Silva (ADUFPA), Luciana Menezes Carvalho (SEDUFMS), Luciano Coutinho (ADUFRJ), Luciano da Silva Alonso (ADURRJ), Luís Mauro Magalhães (ADURRJ), Luiz Fernando Reis (ADUNIOESTE), Luiz Henrique Schuch (ADUFPEL), Luiz Paiva Carapeto (ADUFPEL), Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE), Marcelo Massayoshi Ueki (ADUFS-SE), Marcelo Paula de Melo (ADUFRJ), Marco Antônio Escher (APES-UFJF), Marco Antonio Perruso (ADUR-RJ), Marcos Fernandes Lima (SINDIFPI), Maria Angélica da Gama Coutinho (ADUR-RJ), Maria Celma Borges (ADUFMS), Maria Conceição Rosa Cabral (ADUFPA), Maria da Graça Gurgel (ADUFAL), Maria da Penha Feitosa (ADUFPI), Maria Daniela Corrêa de Macedo (ADUFRJ), Maria do Carmo Lobato da Silva (SINDUFAP), Maria Edilene S. Ribeiro (ADUFPA), María Gabriela Guillén Carías (ADUFDOURADOS), Maria Jacqueline Girão (ADUFRJ), Maria Luzinete Alves

<p>Vanzeler (ADUFMAT), Maria Suely Soares (APUFPR), Marielson Rodrigues Guimarães (ADUFPA), Marinalva Silva Oliveira (ADUFRJ), Marinalva Vilar (ADUFCEG), Marise Fonseca dos Santos (APUFPR), Maristela da Silva Souza (SEDUFMS), Marluce Souza e Silva (ADUFMAT), Máuri de Carvalho (ADUFES), Maurício Couto (SINDIUFSEB), Milena Martinez (APUFPR), Milton Vieira do Prado Júnior (ADUNESP), Monica Pirozi (ASPUV), Odete da Cruz Mendes (ADUFPA), Olgaíses Maués (ADUFPA), Olinto Silveira Alves Filho (ADUFS-SE), Omar Alborno (ADCESP), Onice Teresinha Dall'Oglio (ADUFMAT), Osmar Gomes de Alencar Júnior (ADUFPI), Otávio Luiz Pinheiro Aranha (ADUFPA), Paulo Afonso da Silva Oliveira (SEDUF-RR), Paulo Antônio Cresciulo de Almeida (ADUFF), Paulo Marcelo Cambraia da Costa (SINDUFAP), Plínio de Arruda Sampaio Junior (ADUNICAMP), Priscila Monteiro Chaves (ADUFES), Ranoel Gonçalves (ADUFCEG), Raimundo Sérgio de Farias Júnior (SINDUEPA), Raimundo Wanderley Correa Padilha (SINDUNIFESSPA), Raquel Angela Speck (APUFPR), Regiana Blank Wille (ADUFFPel), Robertha Santana de Araújo (ADUFPB), Ricardo de Castro Ribeiro Santos (ADUFPI), Ricardo Heli Rondinel Cornejo (SEDUFMS), Rinaldo José Barbosa Pinheiro (SEDUFMS), Roberto Santos Ramos (APRUMA), Robison Raimundo Silva Pereira (ADCESP), Rodrigo Santos Melo (ADUFPI), Romildo de Castro Araújo (ADUFPI), Rondon Martim Souza de Castro (SEDUFMS), Rosana Evangelista Cruz (ADUFPI), Rosana Mendes Éleres de Figueiredo (APRUMA), Rosângela Assunção (ADCESP), Rosely Cabral Giordano (ADUFPA), Rosenverck Estrela Santos (APRUMA), Rosimê Meguins (ADUFPA), Samuel França Alves (SINDCEFET/MG), Sandra Alessi (APUFPR), Sandra Bernadete da Silva Moreira (ADUFPA), Sandra Maria Franco Buenafuente (SEDUF-RR), Saulo Costa Arcangeli (SINDUEMA), Sean Purdy (ADUSP), Sebastião Pereira do Nascimento (SINDIFPI), Sidney da Silva Lobato (SINDUFAP), Simone Contente Padilha (SINDUNIFESSPA), Sinoélia Silva Pessôa (ADUNEB), Sônia Maria Araújo (ADUFPA), Sônia Regina Teixeira (ADUFPA), Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA), Tadeu Lopes Machado (SINDUFAP), Tamara Cardoso André (ADUNIOESTE), Tarcísio Luiz Pereira (ADUFMS), Valdelaine Mendes (ADUFFPel), Valdonilson Barbosa dos Santos (ADUFCEG), Valeska Fortes de Oliveira (SEDUFMS), Vera Lúcia Jacob Chaves (ADUFPA), Veronica Fernandez (ADUFF), Vicente de Paula Censi Borges (ADUFPI), Vilemar Gomes da Silva (APRUMA), Vilson Aparecido da Mata (APUFPR), Vitor Wagner Neto de Oliveira (ADUFMS), Viviana Mônica Vermes (ADUFES), Viviane Narvaes (ADUNIRIO), Wagner Miquéias Felix Damasceno (ADUNIRIO), Waldir Bertúlio (ADUFMAT), Waldir Ferreira de Abreu (ADUFPA), Waldyr Lins de Castro (ADUFF), Welbson do Vale Madeira (APRUMA), Wilma Pessôa (ADUFF), Wilson Camilo Chaves (ADUFSJ), Yurgel Pantoja Caldas (SINDUFAP), Zenilde Moreira (ADUFERPE).</p>	
SIGLAS	308

Os Textos Resolução (TR) receberam a mesma numeração que os Textos Apoio (TA) correspondentes.

SUMÁRIO DOS TR

TEMA II – PLANOS DE LUTAS DOS SETORES	
TR 13 – Plano de lutas do setor das IEES/IMES	127
TR 14 – Plano de lutas do setor das IFES	
TR 15 – Defesa dos Serviços Públicos, das Universidades e dos Institutos Federais: Nossas Lutas São Emergenciais	143
TR 16 – Plano de Lutas das IEES/IMES: Combater a Precarização e o Arrocho Salarial. Revogar as Contrarreformas em Unidade com o Funcionalismo e Lutar por um Único Sistema de Ensino, Público, Gratuito e Sob o Controle De Quem Estuda e Trabalha, Financiado Integralmente Pelo Estado	156
TEMA III – PLANO GERAL DE LUTAS	
TR 17 – Política de Formação Sindical	162
TR 18 – Política Educacional	174
TR 19 - Política de Classe para as Questões Étnico-raciais, de Gênero e Diversidade Sexual	180
TR 20 – Política de Comunicação e Arte	185
TR 21 – Política Agrária, Urbana e Ambiental	189
TR 22 – Políticas para Ciência e Tecnologia	200
TR 23 – Política de Seguridade Social e Assuntos de Aposentadoria	214
TR 24 – Plano de Lutas - História e Memória do Movimento Docente, Comissão da Verdade do ANDES-SN e CEDOC Prof. Osvaldo Oliveira Maciel	219
TR 25 – Políticas e Ações para a Carreira Docente	228
TR 26 – Para o ANDES-SN Avançar na Política Classista Contra as Discriminações e Opressões	233
TR 27 – Manter a Autonomia Sindical na Crítica e Defender a Educação Pública em Todos os Níveis	240
TR 28 – A Defesa do Ensino Público e a Participação no Fórum Nacional Popular de Educação – <i>Assembleia Geral da ADUR-RJ e APUFPR</i>	243
TR 29 – Movimento Docente, Crise Socioambiental e Horizontes Biocivilizatórios	251
TR 30 – Pela Não Desfiliação à CSP-Conlutas: Rejeitar o Divisionismo Aparelhista e Lutar Pela Unidade Organizativa e Política dos Explorados	257
TR 31 – Pelo Fim das Perdas Financeiras e da Postergação das Datas dos Interstícios na Promoção/Progressão Funcional dos Docentes das IFES	261
TR 32 – As Vidas das Crianças, Mulheres e Pessoas que Gestam Estão em Risco! O Estatuto do Nascituro e a Política de Impunidade aos Estupradores	264

TEMA IV – QUESTÕES ORGANIZATIVAS E FINANCEIRAS	
TR 33 - Referendo de Alteração Estatutária do ANDES-SN Promovida por Força de Decisão Judicial	267
TR 34 – Fundo Único – Fundo nacional de solidariedade, mobilização e greve do ANDES-SN	269
TR 35 – Homologação de Alteração Regimental	270
TR 36 – Prestação de contas do 65° CONAD	270
TR 37 – Prestação de contas do 14° CONAD Extraordinário	273
TR 38 - Manutenção do apoio financeiro à Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF)	276
TR 39 - Manutenção do apoio financeiro à Auditoria Cidadã da Dívida	278
TR 40 - Manutenção do apoio financeiro ao Casarão da Luta e ao sistema de formação política do movimento dos trabalhadores sem teto (MTST)	279
TR 41 – Sede do 42° Congresso do ANDES-SINDICATO NACIONAL	280
TR 42 – Autorização para aquisição de imóveis para instalação das Sedes das Regionais Planalto, Nordeste III e Sul - <i>Diretoria do ANDES-SN</i>	280
TR 43 – Regimento Eleitoral do ANDES-SN	281
TR 44 – Recurso da ADUFMAT Contra a Decisão de Exclusão de Reginaldo Silva de Araújo do Quadro de Sindicalizados do ANDES-SN	295
TR 45 – Assembleia Híbrida Para Garantir a Participação das (os) Professoras (es) Aposentadas (os) e das (os) Com Afastamento	298
TR 46 – Pela Imediata Desfiliação da CSP-Conlutas!	301
TR 47 – Por Que o ANDES-SN Deve se Manter Filiado à CSP-Conlutas?	307

Apresentação

Estamos num período de transição da história política brasileira dos mais importantes. Derrotamos nas urnas um governo de extrema direita e, o ANDES-SN assumiu essa luta: fizemos parte de fóruns nacionais como o da Campanha Fora Bolsonaro, organizando e mobilizando a base para a participação de todos os atos Brasil afora. No âmbito do FONASEFE, além de articular a unidade e bradar Fora Bolsonaro, estivemos com nossas pautas em diversas ações denunciando o desmonte do Estado brasileiro em curso. Foi uma vitória inquestionável elegermos Lula. Um suspiro de esperança dominou o país para avançarmos em nossas lutas. Isso porque sabemos que essa vitória não significa a derrota cabal do avanço da extrema direita. Acompanhamos com um sentimento misto de perplexidade e reconhecimento analítico concreto da realidade histórica brasileira, as tentativas antidemocráticas e golpista do governo e apoiadore(a)s. A disseminação do ódio, da violência contra tudo o que se relaciona aos direitos sociais, sobretudo às camadas mais pobres e periféricas, população negra, mulheres, LGBTQIAP+, indígenas, ao(à)s que lutam está disseminada. Se não for a permanente mobilização nas ruas, a luta institucional nunca foi e não será o caminho suficiente para alavancar nossa resistência e conquistas.

É neste cenário que o 41º Congresso do ANDES-SN acontecerá entre os dias 06 e 10 de fevereiro de 2023, na cidade de Rio Branco/AC. É o início de um período de transição com muitas e complexas contradições e, portanto, momento profícuo para reafirmamos nossos princípios e aprovar um Plano de Lutas à altura do que a conjuntura exige. Será também o Congresso em que as chapas para assumir a nova Diretoria se apresentarão ao pleito que ocorrerá nos dias 10 e 11 de maio de 2023.

Ainda é importante ressaltar o significado de o realizarmos num território de luta e resistência que nos fortalecerá e animará as discussões necessárias. Debates, embates e arte marcarão o 41º Congresso!

E, como não poderíamos deixar de citar, a realização do Congresso é reafirmação de um dos mais relevantes princípios que marcam o ANDES-SN: o seu caráter democrático, autônomo e de independência classista.

Boa leitura, reflexões, debates e até Rio Branco.

Brasília, 06 de janeiro de 2023.

Diretoria do ANDES-SN

Metodologia de trabalho

O Congresso do ANDES-SN tem como tarefa maior definir posicionamentos políticos estratégicos e aprovar o Plano de Lutas anual do Sindicato, a partir das discussões e decisões das assembleias gerais do(a)s docentes frente a temas que estão relacionados diretamente ao trabalho docente e suas reivindicações.

Os eventos nacionais deliberativos do ANDES-SN (Congressos e CONAD) constituem espaços democráticos de debate, de participação da base da categoria e de definições que norteiam as ações do Sindicato. Todo o trabalho é subsidiado por Cadernos de Texto que disponibilizam, previamente, o conjunto de propostas em debate, dentro do temário proposto.

A estrutura de funcionamento desses eventos deliberativos baseia-se na sucessão de três tipos de espaços: grupos mistos, preparação e realização das plenárias.

Os **grupos mistos** têm como objetivo fazer com que todo(a)s o(a)s participantes, reunido(a)s em pequenos agrupamentos, discutam os temas pautados no evento, de forma a facilitar o amadurecimento das posições trazidas das assembleias gerais de cada Seção Sindical, e apontar as propostas que serão submetidas à deliberação nas plenárias. O resultado dos encaminhamentos dos grupos deve ser consolidado, uma vez que todos os grupos debatem todos os temas.

A **preparação das plenárias** tem como tarefa fundamental essa consolidação, para que a dinâmica de deliberações tome por base o que já foi apreciado e indicado nos grupos mistos. O trabalho nessa fase é exaustivo, exige muitas horas de dedicação e é realizado pelo(a)s diretores(a)s, que serão responsáveis pela condução da mesa dirigente da plenária, com o apoio do(a)s relator(a)s dos grupos.

A **realização das plenárias** tem revelado dinâmicas variáveis segundo o temário, mas também segundo a objetividade e a pertinência das propostas encaminhadas para deliberação, abrindo espaço ao contraditório em relação às grandes polêmicas, e cumprindo a sua função primordial, que é a de deliberar, pelo voto da maioria do(a)s delegado(a)s, sobre as propostas vindas dos grupos mistos.

O **Caderno de Textos** está organizado de modo a contemplar os seguintes aspectos:

1) A objetividade do **ordenamento dos temas** do Congresso: Conjuntura e Movimento Docente, Planos de Lutas dos Setores (contendo proposições de ações e agenda para sua implementação), na sequência Plano Geral de Lutas (contendo proposições de princípios e posicionamentos estratégicos) e por fim as Questões organizativas e financeiras;

2) Os **Textos de Apoio (TA)** cumprem uma função pedagógica e de registro histórico para o movimento; após cada TA, uma caixa de texto com as resoluções aprovadas no 38º Congresso complementa o resgate histórico; e os **Textos Resolução (TR)** apresentam o que é novo, de fato, em termos de propostas. Esse Caderno apresenta, ainda, um **Texto Documento (TD)**, com a proposta de Regimento Eleitoral.

O desafio será definir as prioridades e ações para o ano de 2023, na forma de uma agenda de lutas a ser apresentada à categoria e que se traduza em um chamamento forte à mobilização, que é o caminho para as conquistas.

PROPOSTA DE CRONOGRAMA E PAUTA PARA O 41º CONGRESSO DO ANDES-SINDICATO NACIONAL
Rio Branco (AC), 06 a 10 de fevereiro de 2023

Tema Central: “Em defesa da educação pública e pela garantia de todos os direitos da classe trabalhadora”

06 de fevereiro (segunda-feira)	07 de fevereiro (terça-feira)	08 de fevereiro (quarta-feira)	09 de fevereiro (quinta-feira)	10 de fevereiro (sexta-feira)
<p align="center">9h às 18h Credenciamento</p> <p align="center">10h30 às 13h Plenária de Abertura Plenária de Instalação</p>	<p align="center">9h às 12h Grupo Misto Tema II</p>	<p align="center">9h às 13h Grupo Misto Tema IV</p>	<p align="center">9h às 12h Plenária do Tema III</p>	<p align="center">9h às 12h Plenária do Tema IV</p>
<p align="center">9h às 18h Credenciamento</p> <p align="center">15h às 19h Plenária do Tema I</p>	<p align="center">14h às 18h Grupo Misto Tema III</p>	<p align="center">15h às 19h Plenária do Tema II</p>	<p align="center">14h às 17h Plenária do Tema III</p>	<p align="center">14h às 16h Plenária de Encerramento <small>*Podendo ser estendida até as 23h59</small></p>
	<p align="center">18h30 às 21h30 Grupo Misto Tema III</p>	Livre	<p align="center">18h30 às 21h30 Plenária do Tema IV</p>	

Pauta:

Tema I – Conjuntura e Movimento Docente.

Tema II – Planos de Lutas dos Setores.

Tema III – Plano Geral de Lutas.

Tema IV – Questões Organizativas e Financeiras.

PROPOSTA DE REGIMENTO DO 41º CONGRESSO DO ANDES-SINDICATO NACIONAL

Capítulo I Do CONGRESSO

Art. 1º. O 41º CONGRESSO do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – ANDES-SINDICATO NACIONAL, previsto no inciso I do Art. 13 do Estatuto do ANDES-SINDICATO NACIONAL, convocado pela Diretoria, conforme o inciso XII do Art. 30 do Estatuto do ANDES-SINDICATO NACIONAL e organizado pela ADUFAC, reunir-se-á no período de 6 a 10 de fevereiro de 2023, na cidade de Rio Branco (AC).

Art. 2º. O 41º CONGRESSO do ANDES-SINDICATO NACIONAL tem como finalidade deliberar sobre a pauta aprovada em sua Plenária de Instalação, de acordo com o disposto no Art. 19 de seu Estatuto.

Capítulo II Das Atribuições

Art. 3º. As atribuições do 41º CONGRESSO são as dispostas no Art. 15 do Estatuto do ANDES-SINDICATO NACIONAL:

Capítulo III Do(a)s Participantes

Art. 4º. São participantes do 41º CONGRESSO:

I – delegado(a)s devidamente credenciado(a)s, com direito à voz e ao voto;

a) um(a) delegado(a) de cada diretoria de seção sindical (SSIND.) (Art. 16, I do Estatuto) do ANDES-SINDICATO NACIONAL;

b) delegado(a)s de base de cada SSIND. (art. 16, inciso II do Estatuto) do ANDES-SINDICATO NACIONAL, indicado(a)s em sistema de proporcionalidade fixado pelo § 1º do Art. 17 do Estatuto;

c) delegado(a)s representativo(a)s do(a)s sindicalizado(a)s via secretarias regionais (Art. 16, inciso III do Estatuto), indicado(a)s em proporção cumulativa, fixada pelo § 1º do art. 17;

d) delegado(a)s representativo(a)s do(a)s sindicalizado(a)s, nos termos do Art. 41, inciso VIII do Estatuto.

II – o(a)s membro(a)s da Comissão Organizadora e da Comissão Diretora do 41º CONGRESSO, com direito à voz;

III – o(a)s sindicalizado(a)s do ANDES-SINDICATO NACIONAL, devidamente credenciado(a)s como observador(a)s pela sua respectiva SSIND. e secretarias regionais, com direito à voz;

IV – o(a)s convidado(a)s pela Comissão Organizadora e Comissão Diretora, com direito à voz.

§1º O(A)s sindicalizado(a)s do ANDES-SINDICATO NACIONAL não poderão participar como convidado(a)s do 41º CONGRESSO, salvo na condição de pesquisador(a)s, participantes de seminários ou para prestar assessoria e/ou esclarecimentos.

§2º O(A)s delegado(a)s, devidamente credenciado(a)s, só poderão ser substituído(a)s, durante a realização do 41º CONGRESSO, obedecidas as seguintes condições:

a) comprovar junto à comissão diretora a necessidade de ausentar-se definitivamente do 41º CONGRESSO;

b) haver suplentes de delegado(a)s indicado(a)s pelas assembleias das SSIND., e pelas assembleias do(a)s sindicalizado(a)s, via secretarias regionais, credenciado(a)s como observador(a)s suplentes no 41º CONGRESSO;

c) quando o(a) delegado(a) de SSIND. ou delegado(a) representativo(a) do(a)s sindicalizado(a)s via secretarias regionais, comprovadamente se ausentar definitivamente, sem providenciar a substituição, a comissão diretora o fará, respeitando o presente Regimento.

Art. 5º. O(A) Presidente(a) do ANDES-SINDICATO NACIONAL preside o 41º CONGRESSO, com direito à voz e a voto em suas sessões, e os demais membros em exercício da Diretoria (art. 32, I, II, III e IV do Estatuto), excetuados aqueles cujo âmbito de competência e atuação limita-se à área de sua regional (art. 32, V do Estatuto), participam com direito à voz.

Capítulo IV Do Credenciamento

Art. 6º. A ratificação do credenciamento do(a)s delegado(a)s e observadore(a)s das SSIND do ANDES-SINDICATO NACIONAL e do(a)s delegado(a)s representativo(a)s do(a)s sindicalizado(a)s, via secretarias regionais, ao 41º CONGRESSO, será das 9 (nove) horas às 12 (doze) horas e das 14 (quatorze) horas às 18h (dezoito) horas do dia 6 de fevereiro de 2023, excetuando-se os casos justificados e aprovados pela Plenária de Instalação.

§ 1º Não haverá recebimento da documentação necessária ao credenciamento no dia 6 de fevereiro de 2023, excetuando-se os casos justificados e aprovados pela Plenária de Instalação.

§ 2º Para o credenciamento do(a)s delegado(a)s, será exigida ata (ou extrato) da assembleia geral que deliberou sobre sua escolha, com a respectiva lista de presença e comprovante de vacinação de todo(a)s o(a)s delegado(a)s e observadore(a)s e/ou observadore(a)s suplentes de delegado(a)s credenciado(a)s. A documentação deverá ser enviada previamente, até às 23h59 do dia 16 de janeiro de 2023 exclusivamente por meio de formulário próprio.

§ 3º Para o credenciamento do(a)s observadore(a)s, será exigida ata (ou extrato) e, no caso de não ter havido assembleia geral, será exigido documento da SSIND. que o(a)s indicou. A documentação deverá ser enviada previamente, até às 23h59 do dia 16 de janeiro de 2023 exclusivamente por meio de formulário próprio.

§ 4º Fica assegurado a qualquer delegado(a) credenciado(a) ter vista e cópias da totalidade de documentos que credenciam o(a)s delegado(a)s e observadore(a)s de qualquer SSIND., mediante requerimento à comissão diretora.

§ 5º Quaisquer recursos acerca do credenciamento poderão ser apresentados até o início da Plenária de Instalação, que deverá deliberar sobre o assunto até o seu final.

§ 6º Cada delegado(a) ou observador(a), no ato do credenciamento, receberá um cartão de identificação e/ou votação, em cores diferentes.

§ 7º No caso de perda ou dano do cartão, só haverá substituição com autorização expressa da Plenária.

Capítulo V Do Funcionamento

Seção I Dos órgãos

Art. 7º. São órgãos do 41º CONGRESSO:

I – Comissão Organizadora;

II – Comissão Diretora;

III – Grupos Mistos;

IV – Plenárias;

V – Comissão de Enfrentamento ao Assédio.

§ 1º A Comissão Organizadora será criada a partir da convocação do 41º CONGRESSO.

§ 2º A Comissão de Enfrentamento ao Assédio será criada na plenária de instalação do 41º CONGRESSO.

§ 3º Todos esses órgãos têm existência restrita ao período de sua realização, com exceção da Comissão Organizadora, que já iniciou seus trabalhos após a convocação do 41º CONGRESSO.

§ 4º O quórum mínimo para o funcionamento de cada órgão do 41º CONGRESSO é de mais de 50% (cinquenta por cento) de delegado(a)s com direito a voto.

§ 5º Passados 15 (quinze) minutos do horário definido para o início dos trabalhos dos grupos mistos, o quórum de funcionamento se reduz para 30% (trinta por cento) de delegado(a)s com direito a voto.

§ 6º As deliberações só poderão ocorrer depois de verificado o quórum previsto no § 4º deste artigo.

Seção II Da Comissão Organizadora

Art. 8º. A Comissão Organizadora é constituída por 6 (seis) representantes da ADUFAC e por 4 (quatro) Diretores(a)s do ANDES-SINDICATO NACIONAL.

Art. 9º. É de competência da Comissão Organizadora:

I - preparar a infraestrutura necessária à realização do 41º CONGRESSO;

II - organizar, junto com a Comissão Diretora, a Plenária de Abertura do 41º CONGRESSO;

III - realizar, junto com a Comissão Diretora, o credenciamento do(a)s participantes do 41º CONGRESSO.

Parágrafo único. Das decisões da Comissão Organizadora cabe recurso à Comissão Diretora.

Seção III Da Comissão Diretora

Art. 10. A Comissão Diretora do 41º CONGRESSO é composta pelo(a)s Diretores(a)s do ANDES-SINDICATO NACIONAL.

Art. 11. É de competência da Comissão Diretora:

I - responsabilizar-se, junto com a Comissão Organizadora, pelo credenciamento do(a)s participantes do 41º CONGRESSO;

II - decidir e efetivar a substituição de delegado(a)s, de acordo com o disposto no § 2º, alíneas “a” e “c” do Art. 4º deste regimento, e anunciar a substituição do(a) delegado(a) ao 41º CONGRESSO;

III - responsabilizar-se pelas receitas e despesas do 41º CONGRESSO, organizando o rateio entre as seções sindicais – SSINDs.

IV - elaborar a prestação de contas do 41º CONGRESSO para apreciação no próximo CONAD;

V - organizar e compor as mesas diretoras das Plenárias do 41º CONGRESSO;

VI - organizar a composição dos grupos mistos do 41º CONGRESSO em consonância com o disposto neste Regimento.

VII - responsabilizar-se, em conjunto com o(a)s relator(a)s dos Grupos Mistos, pela consolidação dos relatórios dos diferentes grupos.

Parágrafo único. Das decisões da Comissão Diretora cabe recurso à Plenária.

Seção IV Dos Grupos Mistos

Art. 12. Os Grupos Mistos são compostos por:

I – Delegado(a)s, devidamente credenciado(a)s, de SSIND., de delegado(a)s representativo(a)s do(a)s sindicalizado(a)s nos termos do Art. 41, inciso VIII, do Estatuto e de delegado(a)s representativo(a)s do(a)s sindicalizado(a)s via Secretarias Regionais, todo(a)s com direito à voz e ao voto;

- II – Observadore(a)s devidamente credenciado(a)s, de SSIND. e de sindicalizado(a)s via Secretaria Regional, com direito à voz;
- III – Diretores(a)s do ANDES-SINDICATO NACIONAL, com direito à voz;
- IV – Convidado(a)s, devidamente credenciado(a)s, com direito à voz.

Art. 13. Cada Grupo Misto é composto por, no máximo, 35 (trinta e cinco) delegado(a)s e igual número de observadore(a)s, em conformidade com o limite permitido pelo protocolo sanitário vigente no 41º CONGRESSO.

§ 1º Só poderá haver, no mesmo grupo, mais de um(a) delegado(a) de uma mesma Seção Sindical, ou mais de um(a) delegado(a) do(a)s sindicalizado(a)s de uma mesma Secretaria Regional, ou mais de um(a) delegado(a) representativo(a) do(a)s sindicalizado(a)s nos termos do Art. 41, inciso VIII, do Estatuto, caso o respectivo número de delegado(a)s seja superior ao número de Grupos Mistos. Essa mesma regra se aplica ao(à)s observadore(a)s.

Art. 14. Os Grupos Mistos são dirigidos por uma mesa coordenadora, composta por 1 (um/uma) coordenador(a), 1 (um/uma) relator(a) e 1 (um/uma) secretário(a).

§ 1º Os membros da mesa coordenadora são eleito(a)s pelo(a)s delegado(a)s componentes dos grupos.

§ 2º O(A) coordenador(a), relator(a) e o(a) secretário(a) da mesa coordenadora serão eleito(a)s entre o(a)s componentes dos Grupos Mistos

§ 3º A qualquer momento, o(a)s delegado(a)s integrantes do grupo podem deliberar sobre proposta de alteração da Mesa Coordenadora, salvaguardando o disposto no parágrafo anterior.

Art. 15. As reuniões dos Grupos Mistos terão início nos horários previstos no Cronograma do 41º CONGRESSO, observado o quórum de mais de 50% (cinquenta por cento) de delegado(a)s participantes do Grupo.

§ 1º Passados 15 (quinze) minutos do horário previsto para o início das reuniões do Grupo, o quórum mínimo será de 30% (trinta por cento) de delegado(a)s participantes do Grupo.

§ 2º Passados 30 (trinta) minutos do horário previsto, terão início os trabalhos com qualquer número de delegado(a)s presentes, sendo recolhida a 1ª (primeira) lista de presença e aberta a 2ª (segunda) lista.

§ 3º As deliberações só serão tomadas por mais da metade do(a)s delegado(a)s inscrito(a)s em cada Grupo Misto.

Art. 16. Compete ao(à) coordenador(a) dirigir a reunião do Grupo Misto, orientando os debates e promovendo as votações de acordo com as normas deste Regimento.

Parágrafo único. A Comissão Diretora do 41º CONGRESSO deverá recomendar um ordenamento da distribuição dos textos e do Anexo ao Caderno de Textos para o conjunto dos Grupos Mistos no sentido de buscar garantir que cada TR seja debatido em pelo menos um Grupo Misto do CONGRESSO.

Art. 17. É de competência do(a) relator(a):

I - elaborar o relatório da reunião do Grupo de acordo com as normas deste regimento e com as instruções da Comissão Diretora;

II - fazer constar do relatório o número de votos, texto completo das propostas surgidas no Grupo e a situação final de cada proposta submetida à deliberação.

III - fazer constar os nomes completos do(a) coordenador(a), relator(a) e secretário(a) e seus contatos para casos de eventuais necessidades.

Art. 18. Compete ao(à) secretário(a) auxiliar o(a) coordenador(a) e o(a) relator(a) em suas atividades.

Art. 19. O(A)s relatore(a)s deverão concluir os relatórios digitados para entregar à Comissão Diretora dentro do prazo de duração dos Grupos Mistos.

Art. 20. A consolidação dos Grupos Mistos será feita em reunião por membro(a)s da Comissão Diretora para tal designado(a)s, com auxílio do(a)s relatore(a)s dos diversos Grupos Mistos.

Art. 21. Dos relatórios consolidados que serão apresentados às Plenárias do 41º CONGRESSO constam, necessariamente:

I - as propostas aprovadas por maioria simples;

II - as propostas que tenham obtido, no mínimo, 30% (trinta por cento) dos votos do(a)s delegado(a)s presentes em, pelo menos, um dos Grupos Mistos;

III - as propostas de redação compatibilizadas pela Comissão Diretora e relatore(a)s.

§ 1º A Comissão Diretora poderá redigir e incluir no relatório sugestões de propostas decorrentes de sistematização ou consolidação das propostas oriundas dos Grupos Mistos, facilitando os trabalhos das Plenárias. Não poderão ser feitas propostas de acréscimo ou alteração para inclusão no relatório que não correspondam às propostas oriundas dos Grupos Mistos.

§ 2º O disposto neste artigo aplica-se às propostas das Plenárias dos temas II, III e IV do 41º CONGRESSO.

Art. 22. O início e o encerramento das reuniões dos Grupos Mistos obedecerão, rigorosamente, aos horários previstos no cronograma do 41º CONGRESSO.

Art. 23. As reuniões dos Grupos Mistos terão os seguintes temas e duração:

I - do Tema II – Planos de Lutas dos Setores: 3 (três) horas;

II - do Tema III – Plano Geral de Lutas: 7 (sete) horas, em dois turnos;

III - do Tema IV – Questões Organizativas e Financeiras: 4 (quatro) horas.

Seção V Das Plenárias

Art. 24. As Plenárias são compostas por:

I – Delegado(a)s de SSIND., de delegado(a)s representativo(a)s do(a)s sindicalizado(a)s nos termos do Art. 41, inciso VIII, do Estatuto e de sindicalizado(a)s via Secretarias Regionais, devidamente credenciado(a)s, e pelo(a) Presidente(a) do ANDES-SINDICATO NACIONAL, todo(a)s com direito à voz e ao voto;

II - Observadore(a)s de SSIND. e de sindicalizado(a)s via Secretarias Regionais, devidamente credenciado(a)s, com direito à voz;

III – Membro(a)s da Comissão Diretora com direito à voz;

IV – Convidado(a)s, devidamente credenciado(a)s, a critério da Comissão Diretora, com direito à voz.

Art. 25. As Plenárias do 41º CONGRESSO serão dirigidas por mesas coordenadoras, cada qual composta por 1 (um(uma)) presidente, 1 (um(uma)) vice-presidente, 1 (um(uma)) 1º(1ª) secretário(a) e 1 (um(uma)) 2º(2ª) secretário(a).

§ 1º A Comissão Diretora indica, entre seus(suas) participantes, o(a)s componentes das mesas coordenadoras das Plenárias.

§ 2º A Plenária poderá, a qualquer momento, deliberar sobre proposta de modificação da mesa coordenadora, devendo o(a)s membro(a)s não pertencentes à Comissão Diretora do 41º CONGRESSO serem indicado(a)s pelo(a)s delegado(a)s presentes.

§ 3º As deliberações são adotadas por maioria simples – maior número de votos – do(a)s delegado(a)s presentes, ressalvado o disposto no Art. 21 do Estatuto do Sindicato.

Art. 26. Compete à(o) presidente(a) da mesa coordenadora:

- I - Preparar junto com o(a) 1º(1ª) secretário(a) a ordem dos trabalhos da Plenária;
- II - Dirigir a Plenária, orientando os debates e promovendo a votação de acordo com este Regimento.

Art. 27. Compete à(o) vice-presidente(a) da mesa coordenadora:

- I - Auxiliar o(a) presidente(a) em suas atividades;
- II - Substituir o(a) presidente(a) em suas ausências ou impedimentos.

Art. 28. Compete à(o) 1º(1ª) secretário(a):

- I - Entregar o Relatório, digitado e na forma definitiva, à Comissão Diretora até 3 (três) dias após a conclusão da Plenária.

Art. 29. Compete à(o) 2º(2ª) secretário(a):

- I - Auxiliar o(a) 1º(1ª) secretário(a) em suas atividades;
- II - Elaborar a ata da Plenária;
- III - Entregar a ata, digitada e na forma definitiva, à Comissão Diretora até 3 (três) dias após a conclusão da Plenária.

Art. 30. A duração de cada Plenária, contada a partir do horário previsto para o seu início, será a seguinte:

- I - As Plenárias de Abertura e de Instalação terão juntas 2 (duas) horas e meia de duração, sendo realizadas no mesmo período;
- II - Plenária do Tema I: 4 (quatro) horas;
- III - Plenária do Tema II: 4 (quatro) horas;
- IV - Plenária do Tema III: 6 (seis) horas, em dois períodos;
- V - Plenária do Tema IV: 6 (seis) horas, em dois períodos;
- VI - Plenária de Encerramento: 2 (duas) horas.

§ 1º Cada Plenária, excetuada a de encerramento, poderá ser prorrogada por até 1(uma) hora.

§ 2º A Plenária do Tema I, destinada à discussão da Conjuntura e Movimento Docente, e a Plenária do Tema II, destinada à discussão dos Planos de Lutas dos Setores, que serão realizadas em um único período cada, ambas poderão ser prorrogadas por até 1 (uma) hora.

§ 3º As Plenárias dos Temas III, destinada à discussão do Plano Geral de Lutas, e Tema IV, destinada à discussão das Questões Organizativas e Financeiras, terão duas partes cada uma, podendo ser prorrogadas por até 1 (uma) hora, não ultrapassando o limite de 7 (sete) horas cada Plenária.

§ 4º A Plenária de Encerramento poderá ser prorrogada a critério do plenário, no máximo até às 23h59 do dia 10 de fevereiro de 2023.

§ 5º As Plenárias poderão ter seu início antecipado por deliberação da Plenária anterior.

§ 6º As questões que não forem deliberadas no prazo estipulado neste artigo terão seu encaminhamento decidido pela Plenária de Encerramento.

Art. 31. Compete à Plenária de Instalação:

- I - aprovar o regimento, o temário e o cronograma do 41º CONGRESSO;
- II - deliberar sobre a inclusão, nas discussões e deliberações do 41º CONGRESSO, de textos encaminhados após a publicação do Anexo ao Caderno de Textos deste evento;

§ 1º Os textos a serem submetidos à Plenária de Instalação, contendo elementos novos que tenham impacto na conjuntura e ainda não tenham sido contemplados no Caderno de Textos e no Anexo ao Caderno de Textos, deverão ser apresentados à Comissão Diretora, até uma hora antes do início da plenária.

§ 2º Caberá à Comissão Diretora verificar o atendimento do previsto no parágrafo 1º.

§ 3º Aos(Às) proponentes do texto cabe recurso da decisão da Comissão Diretora a ser apreciado na Plenária de Instalação.

- III - deliberar sobre recursos acerca de credenciamento ao 41º CONGRESSO.

IV - deliberar sobre os recursos necessários para o financiamento da participação de delegado(a)s representativo(a)s do(a)s sindicalizado(a)s, escolhido(a)s nos termos do Art. 41, inciso VIII, do Estatuto.

Art. 32. A verificação do quórum, no início da Plenária do 41º CONGRESSO, será feita por meio de ferramenta digital.

§ 1º A verificação de quórum, em qualquer momento do andamento da Plenária, será feita pela contagem do(a)s delegado(a)s mediante cartão de voto.

§ 2º Em caso de impossibilidade do uso de ferramenta digital para verificação do quórum inicial, esta será aferida por lista física de presença.

Seção VI

Da Comissão de Enfrentamento ao Assédio

Art. 33. A Comissão será formada na Plenária de Instalação, sendo composta por 3 (três) membro(a)s da Diretoria do ANDES-SINDICATO NACIONAL e por 2 (dois) membro(a)s indicado(a)s pela Diretoria da ADUFAC, que sedia o evento, devendo a mesma ser composta por, no mínimo, 3 (três) pessoas do sexo feminino.

Art. 34. A Comissão de Enfrentamento ao Assédio tem como finalidade:

I - receber representações de assédio praticado contra participantes e colaboradore(a)s dos eventos durante o período de sua realização;

II – dar encaminhamento às representações recebidas no âmbito do 41º CONGRESSO;

III – propor, em parceria com a Comissão Organizadora, estratégias educativas e de prevenção ao assédio e demais opressões.

Art. 35. A Comissão divulgará durante o evento, o local e horário de atendimento e o fluxo a ser seguido para a realização da representação.

Art. 36. Recebida a representação, a Comissão deve convidar o(a) representante e o(a) representado(a) para uma reunião de oitiva, separadamente, registrando seus depoimentos em relatório assinado por cada uma das partes e pela Comissão.

Parágrafo único: O depoimento poderá ser gravado com a concordância do(a) depoente.

Art. 37. A Comissão poderá, como encaminhamento para cada representação:

I – realizar orientações e intervenções educativas, separadamente, imediatamente após depoimento do(a) representante e do(a) representado(a);

II – sugerir à Comissão Organizadora a aplicação de penalidades de advertência e de suspensão a sindicalizado(a)s, na forma do Art. 11 do Estatuto do ANDES-SINDICATO NACIONAL.

III – Após a Plenária de Encerramento a Comissão enviará no prazo de até 30 dias, para a Diretoria do ANDES-SINDICATO NACIONAL, relatório com a descrição das representações, apuração e encaminhamentos necessários.

Parágrafo único. Se eventualmente o(a) representado(a) não for sindicalizado(a), a Comissão proporá outras medidas cabíveis para cada caso.

Capítulo VI

Das Discussões e Votações

Art. 38. Quando uma proposição estiver em debate nas reuniões (Grupos Mistos ou Plenárias), a palavra somente será concedida, para discuti-la, a quem se inscrever na mesa coordenadora, respeitada a ordem cronológica de inscrições e/ou sorteio para contemplar a paridade de gênero, conforme definido pelo Grupo Misto ou Plenária.

Art. 39. Para discussão de cada matéria, será estabelecido um período de tempo compatível com o atendimento da discussão de todas as matérias e o prazo de duração para o funcionamento do Grupo Misto ou da Plenária.

§ 1º O número de inscrições observará o prazo definido conforme expresso no *caput* deste artigo.

§ 2º O Grupo Misto ou a Plenária poderão deliberar, a qualquer momento, sobre a prorrogação ou o encerramento das discussões, atendidas as inscrições feitas antes da decisão.

Art. 40. As discussões e votações têm o seguinte procedimento:

I - fase de discussão: com tempo de 3 (três) minutos, improrrogáveis, para cada inscrição;

II - fase de encaminhamento de votação de cada proposta: com tempo de 3 (três) minutos, improrrogáveis, para cada inscrito(a) em encaminhamentos contra e a favor, alternadamente e em igual número, com prévio conhecimento por parte da Plenária e do(a)s inscrito(a)s;

III - fase de votação: por meio de levantamento do cartão de voto pelo(a)s delegado(a)s, de acordo com o encaminhamento dado pela mesa coordenadora, com aprovação do Grupo Misto ou da Plenária.

§ 1º Na fase prevista no inciso II, não havendo encaminhamento contrário, não haverá encaminhamento a favor.

§ 2º Só serão apreciadas e deliberadas nas Plenárias as seguintes propostas:

a) aprovadas nos Grupos Mistos;

b) minoritárias que tenham obtido, no mínimo, 30% (trinta por cento) dos votos do(a)s delegado(a)s presentes em, pelo menos, um dos Grupos Mistos;

c) oriundas dos Grupos Mistos e que resultem em sistematização no Plenário;

d) sugeridas pela Comissão Diretora, conforme o inciso III do Art. 21.

§ 3º As propostas remetidas pelos Grupos Mistos para a Plenária só serão apreciadas nesta, quando tiverem sido aprovadas, ou obtidos 30% (trinta por cento) dos votos em, pelo menos, um Grupo.

Art. 41. A apresentação de questão de ordem, pedido de esclarecimento e/ou questão de encaminhamento fica assim estabelecida:

§ 1º A questão de ordem deve ser utilizada para suscitar, em qualquer fase da Plenária e/ou Grupo Misto, dúvida a respeito de interpretação ou aplicação desse Regimento; dúvida sobre encaminhamento proposto pela Plenária ou membro(a)s do Grupo que não se relacionem com o tema em debate e/ou entrem em conflito com o Regimento do evento e/ou Estatuto do ANDES-SN e para propor o resgate do tema de forma a centrar no que está em debate no momento específico. A questão é decidida pela mesa coordenadora e/ou submetida a Plenária e/ou membro(a)s do Grupo Misto, e se aprovada deve ser apresentada no tempo de 1 (um) minuto.

§ 2º O pedido de esclarecimento pode ser solicitado em relação a uma proposta, questões de ordem, pauta, não podendo ser feito durante a intervenção de alguém ou durante o regime de votação. Deve ser apresentada no tempo de 1 (um) minuto.

§ 3º A questão de encaminhamento pode ser feita no final dos pontos em discussão mediante apresentação de uma sugestão de condução sobre determinado ponto discutido. Deve ser apresentada no tempo de 1 (um) minuto.

Art. 42. Os pedidos de esclarecimentos, e as questões de ordem e de encaminhamento, têm precedência sobre as inscrições, sendo apreciadas pela mesa coordenadora, cabendo recurso à Plenária.

§ 1º Na fase de encaminhamento das votações, só serão aceitas questões de ordem e pedidos de esclarecimento.

§ 2º Na fase de votação, não são aceitas questões de ordem, de encaminhamento e esclarecimento.

Art. 43. As deliberações que impliquem alterações do estatuto do ANDES-SINDICATO NACIONAL terão de ser aprovadas por mais de 50% (cinquenta por cento) do(a)s delegado(a)s inscrito(a)s no 41º CONGRESSO, conforme dispõe o § 1º do Art. 21 do Estatuto.

Capítulo VII Das Disposições Gerais e Finais

Art. 44. As propostas de moções devem ser enviadas por e-mail à secretaria do 41º CONGRESSO (secretaria@andes.org.br), até às 14 (quatorze) horas do dia 9 de fevereiro de 2023, endereçadas à Comissão Diretora, sendo especificado(a)s o(a)s proponentes e o(a)s destinatário(a)s, este(a)s último(a)s com endereço eletrônico (e-mail).

§ 1º As propostas de moções só poderão ser apresentadas por participantes do 41º CONGRESSO; sendo, neste caso, participantes aquele(a)s estabelecido(a)s nos termos do art. 4º e incisos deste Regimento.

§ 2º A Comissão Diretora deve divulgar à(o)s participantes do 41º CONGRESSO o teor das moções propostas até às 10 (dez) horas do dia 10 de fevereiro de 2023.

§ 3º Excepcionalmente, a critério da Plenária de Encerramento, podem ser acrescentadas e apreciadas outras moções, apresentadas até 30 (trinta) minutos antes do início dessa Plenária, cuja natureza ou conteúdo justifiquem não terem sido apresentadas no prazo previsto, cabendo à Comissão Diretora avaliar se atendem aos critérios estabelecidos.

§ 4º As propostas de moções das quais não constem o fato motivador, o(a)s destinatário(a)s com os respectivos endereços eletrônicos (e-mails) e o título, não serão recebidas para apreciação do 41º CONGRESSO.

§ 5º As propostas de moções cujos temas já tenham sido objeto de discussão nas instâncias do 41º CONGRESSO e que não foram aprovadas pela Plenária não serão acolhidas pelo CONGRESSO.

Art. 45. As contagens de votos nas Plenárias serão efetuadas pelos integrantes da Comissão Diretora.

Art. 46. Nos Grupos Mistos e nas Plenárias, só serão aceitas declarações de voto de delegado(a) que se abster no momento da votação, no tempo de 1 (um) minuto.

§ 1º Somente constarão da ata da sessão as declarações de votos feitas nas Plenárias, se apresentadas por escrito à mesa.

§ 2º Não cabe declaração de voto em votação referente às propostas de encaminhamento.

Art. 47. A Diretoria terá como prazo máximo até o dia 11 de março de 2023 para divulgar o relatório final do 41º CONGRESSO.

Art. 48. A Comissão Organizadora do 41º Congresso irá estabelecer os protocolos de segurança sanitária a serem adotados durante o evento, aos quais estarão vinculado(a)s todo(a)s o(a)s participantes credenciado(a)s, trabalhadore(a)s e prestadore(a)s de serviço enquanto durar o Congresso.

Art. 49. Os casos omissos neste Regimento serão solucionados pela Comissão Diretora, cabendo recurso à Plenária.

Art. 50. Este Regimento entra em vigor a partir de sua aprovação pela Plenária de Instalação do 41º CONGRESSO do ANDES-Sindicato Nacional.

Rio Branco (AC), 6 de fevereiro de 2023.

FORMULÁRIO PARA APRESENTAÇÃO DE MOÇÃO

Proponente(s):

Seção Sindical:

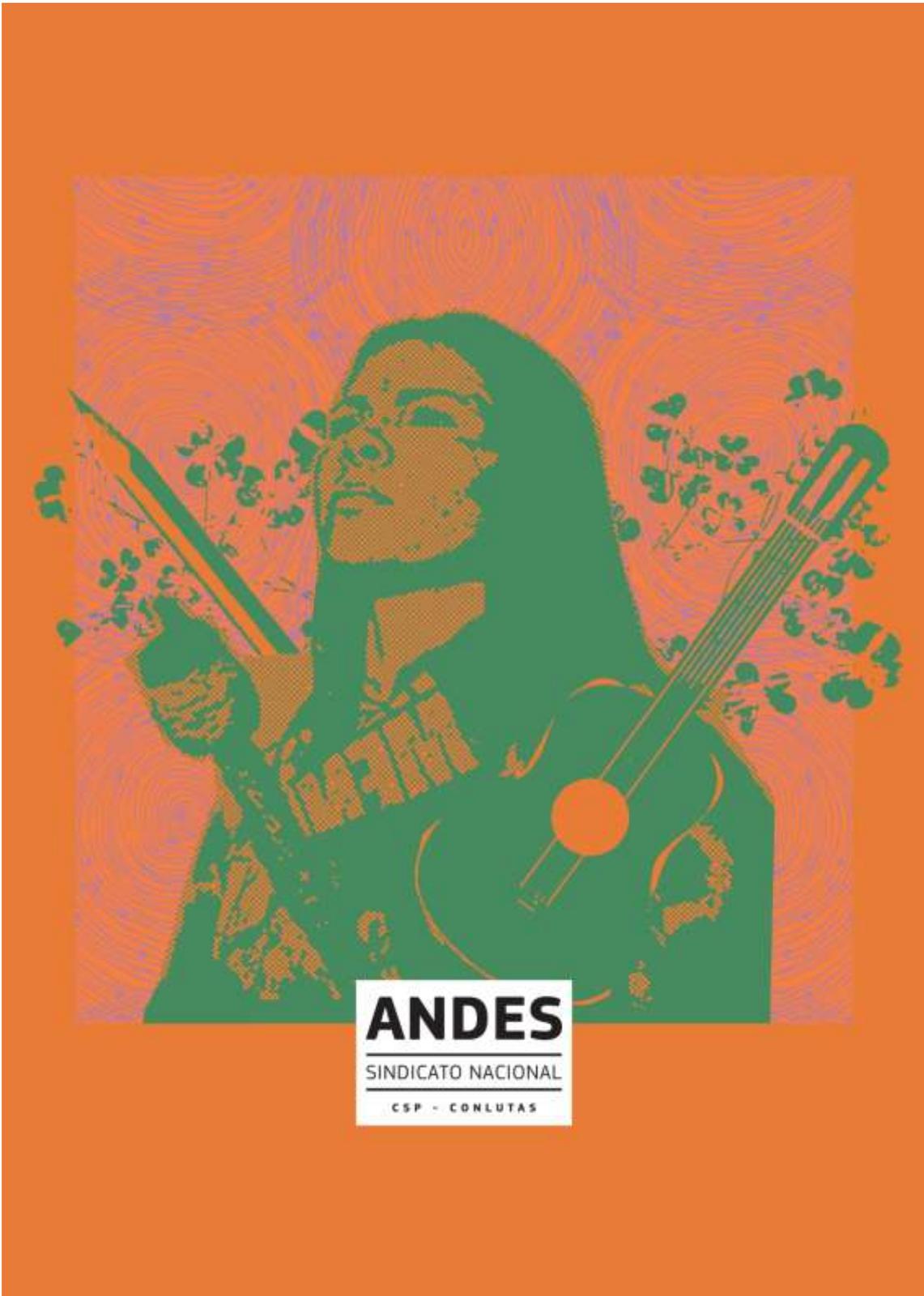
Destinatário(a)(s):

E-mail:

Fato motivador da Moção:

MOÇÃO DE

O(A)s delegado(a)s presentes ao 41º CONGRESSO do ANDES-SINDICATO NACIONAL, realizado em Rio Branco (AC), no período de 6 a 10 de fevereiro de 2023, manifestam



Arte criada por Maicon Rugeri para o I Festival de Arte e Cultura do ANDES-SN que aconteceu em Foz do Iguaçu em 2022.

**TEMA I - CONJUNTURA E MOVIMENTO
DOCENTE**

TEXTO 1

Diretoria do ANDES-SN

CONJUNTURA E MOVIMENTO DOCENTE

TEXTO DE APOIO

Cenário político internacional

A mudança de governo no Brasil se produz num contexto internacional mutante, sendo ela própria parte dessa mutação. A guerra “na Ucrânia”, que já envolve direta ou indiretamente inúmeros Estados, entrou numa espécie de impasse que o próprio inverno do hemisfério Norte favorece. Os estoques de mísseis russos usados na guerra estão longe de serem esgotados. Na Ucrânia, a situação dos sistemas de defesa aérea é a mais difícil, na OTAN dispararam os alarmes devido ao esgotamento dos seus estoques de armas e munições transferidas para a Ucrânia. A situação atual, na medida em que bloqueia grandes ações ofensivas, é, por outro lado, oportuna para as negociações, que acontecem nos bastidores da guerra. Já houve reuniões entre delegações americanas e russas, chefiadas pelo diretor da CIA e por seu homólogo russo; com a reunião de “segurança máxima” solicitada pelos EUA. Algumas semanas antes houve ameaça russa de abandonar o acordo que permite à Ucrânia exportar grãos ao mundo todo a partir do porto de Odessa, bloqueando os navios ucranianos. Logo depois, a UE passou a permitir a circulação de fertilizantes russos dos portos da União para países terceiros. Mais um recuo do “Ocidente”.

Do lado russo, as negociações servem para ganhar tempo até a preparação do exército de reserva que foi convocado e, também, para um aumento considerável da sua capacidade de produção militar, sincronizando a indústria militar e a mobilização dos reservistas. Do lado americano, uma divisão é evidente no *establishment* e também no governo Biden. O comando militar dos EUA estima que os ucranianos já conseguiram tudo o que podiam ganhar em termos militares, tendo agora melhores condições para enfrentar as negociações com os russos.

Uma nova escalada militar no Oriente, da Turquia contra o Curdistão, vincula-se com o cenário principal da guerra, o ucraniano. Aviões de guerra turcos usam o espaço aéreo sírio para bombardear os curdos. Esse espaço aéreo é controlado pela Rússia. O governo de Putin não se manifestou. A operação turca ocorre em meio à guerra da OTAN na Ucrânia – o governo turco rejeitou as condolências da Casa Branca após um ataque terrorista em Istambul e acusou os EUA de “alimentar terroristas”. O problema curdo provocou um conflito diplomático entre os

Estados Unidos e a Turquia, aproveitado pela Rússia. A Turquia é o segundo maior exército da OTAN. Putin busca garantir a neutralidade do governo turco na guerra na Ucrânia. Turquia tenta mediar, dados seus fortes laços com a Rússia e a Ucrânia, entre Washington e Moscou; busca o apoio de Putin, que apoia Bashar Al-Assad, o presidente sírio, contra os curdos. Para atingir isso, ameaçou vetar a adesão da Suécia e da Finlândia à OTAN se ela não lhes der permissão na Síria e no Iraque, para liquidar os separatistas curdos.

Todos esses cenários bélicos e a carestia na energia (que repercute sobre todos os preços) afetam diretamente à Europa ocidental. A escalada inflacionária no Reino Unido desencadeou uma onda de greves que tende a se aprofundar tanto em adesão quanto em extensão, pelos diversos ramos da indústria, transporte e saúde. As enfermeiras votaram para convocar sua primeira greve nacional em 106 anos, estabelecendo um forte precedente entre os trabalhadores das ilhas britânicas. O governo inglês anunciou a utilização de militares, funcionários públicos e voluntários em setores estratégicos para substituir as tarefas dos grevistas na saúde e nos transportes. Entre as tarefas que iriam cumprir, estão até conduzir ambulâncias e trabalhar na gestão, tanto no setor de fronteiras como no setor da saúde.

Um dos argumentos centrais do governo conservador inglês é que as greves são úteis para Putin e Rússia e prejudicariam a unidade do Ocidente para enfrentá-los na Ucrânia. Este argumento é esclarecedor, pois relaciona diretamente as greves dos trabalhadores com a sabotagem do desenvolvimento da guerra da OTAN contra a Rússia e a China. O que ainda não se tornou uma ação aberta dos trabalhadores contra a guerra imperialista, não impede que as próprias metrópoles denunciem publicamente esse perigo.

As greves e mobilizações contra a escassez provocada pela guerra têm aumentado em todo o continente europeu, em especial na França, Itália (onde temos um novo governo de extrema direita) e na Espanha. O esforço de guerra da OTAN contra a Rússia e a China resultou em uma guerra interna entre as classes burguesas, parasitárias e belicistas, por um lado, e a classe trabalhadora, por outro. Este é o ponto de partida para desenvolver um movimento internacional contra a guerra que transforme as lutas contra seus efeitos destrutivos em uma mobilização da classe trabalhadora mundial contra os governos imperialistas, os principais responsáveis pela guerra.

Essa conjuntura da guerra traz diversas consequências para a classe trabalhadora mundialmente. Frente a essa situação é imprescindível reafirmar a deliberação do 65º CONAD do ANDES-SN que trata da solidariedade ao povo ucraniano e ao povo russo, contra a guerra, contra o imperialismo e em defesa da soberania e autodeterminação de todos os povos.

O surgimento ou ressurgimento de novas variantes do vírus que produz a Covid-19 está voltando a provocar crises políticas. China é o exemplo maior. A burguesia internacional exige o

levantamento ou relaxamento das medidas de confinamento e a testagem sistemática como método de combate à circulação da Covid-19. O relaxamento dos controles contra a propagação do vírus foi adotado na China antes do congresso do Partido Comunista, que votou pela indicação de Xi Jinping para um terceiro mandato como chefe de governo. A Covid-19 seria agora caracterizada como endêmica, e o tratamento dos infectados substituiria as medidas de prevenção. Quando a pandemia já custou quinze milhões de vidas a nível internacional, a China registou cerca de 50 mil mortos em três anos, num país com 1,4 bilhões de habitantes, um índice comparativamente muito baixo. A crise que desencadeou os protestos na China deveu-se a um salto inesperado no número de infecções devido ao surgimento de uma nova variante do vírus. Algo semelhante aconteceu na França, onde as infecções diárias aumentaram, com perspectivas crescentes. Em nosso continente, na Argentina as infecções dobraram e no Brasil estão crescendo a cada dia.

As decisões sobre o relaxamento sanitário na China estão ligadas ao impacto econômico e social que uma política de quarentenas rígidas causou nos distritos onde houve ressurgimento de infecções. Apesar da eficácia comprovada dessas medidas na prevenção da propagação do vírus, a burocracia governante da China não conseguiu atender às necessidades econômicas da população sujeita ao bloqueio, incluindo pequenos negócios. É o que aconteceu em todo o mundo, onde a quantidade de subsídios de capital criou uma crise inflacionária, em contraste com o descaso econômico com relação à população trabalhadora. A defesa do relaxamento de controles sanitários é defendida pelos setores mais interessados em manter a liberdade de comércio, mercados e transportes, os que defendem a chamada “imunidade de rebanho”. A eclosão da crise chinesa foi recebida com uma queda da Bolsa de Valores em Wall Street, por temor de que o governo chinês recuasse na política de relaxamento, afetando a economia mundial como um todo.

A crise chinesa tem múltiplas dimensões e afeta a economia mundial como um todo. O PIB crescerá 3,5% neste ano, quando nos anos do “milagre chinês” chegou a uma taxa de crescimento de 12% anual. O desemprego juvenil já atingiu 20%. A crise imobiliária é a mais importante, num país que tem investido seu dinamismo econômico na construção civil, incluindo grandes obras internacionais (os estádios de futebol no Qatar, por exemplo). O colapso da imobiliária Evergrande deixou milhões de chineses sem suas casas, que compraram e não foram concluídas, tendo como consequências ações judiciais e inadimplência com bancos e clientes. Isso levou Xi Jinping a proclamar sua política de “prosperidade compartilhada”, uma espécie de redistribuição de renda que não redistribui muita coisa. Os salários na China são muito baixos e não são acompanhados por saúde e educação gratuitas, nem por um sistema previdenciário do Estado.

As greves e conflitos trabalhistas na China atingem a cifra de 100 mil por ano, o equivalente ou mais dos conflitos sociais do restante do mundo. A tentativa preventiva da burocracia chinesa de estabelecer um bonapartismo social-policial-militar foi posta à prova antes de se tornar oficial, com a eleição indefinida de Xi Jinping como chefe de Estado pela Assembleia Nacional. Nos conflitos sociais, os trabalhadores da China enfrentam os patrões e o aparato do Estado, em inúmeras ocasiões, cantando “A Internacional”.

Na nossa América Latina, a eleição de Lula e sua coalizão que, numa caracterização generosa, é designada como de “centro-esquerda”, não inaugura um período de reconciliação e paz social progressista, mas uma etapa de crises políticas aprofundadas. Na Argentina, haverá eleições gerais em 2023, num cenário que anuncia uma polarização equivalente ou maior do que o prevalecente nas eleições brasileiras de 2022. Esse cenário afeta diretamente o Mercosul, peça vital do comércio brasileiro e regional. Nos países andinos, as tentativas de governos de conciliação já estão postas em xeque, em especial no país onde houve as maiores mobilizações políticas do último período, o Chile. A situação mais dramática vive-se no Peru, onde o presidente, Pedro Castillo, anunciou a “dissolução temporária” do Congresso Nacional. Fê-lo através de uma mensagem transmitida em cadeia nacional. Sua decisão foi inconstitucional e o Congresso aprovou a vacância presidencial, sendo o presidente Castillo removido e preso. Castillo disse que convocaria eleições para a Assembleia Constituinte e que até ela ser realizada governaria através de decretos-lei, indicando que um toque de recolher em todo o país seria imposto a partir de meia noite.

A crise continental insere-se em cheio na crise mundial, econômica, social e ecológica. Mais do que nunca, existe a necessidade de que os trabalhadores transformem-se em protagonistas políticos autônomos nas situações em que está posta em jogo nossa sobrevivência social, cultural e nacional. Devemos avançar em direção da reconstituição do internacionalismo proletário, começando em nossa própria casa, na América do Sul e na América Latina, onde devemos envidar esforços dirigidos a articular-nos com o movimento docente e o movimento dos trabalhadores dos países mais próximos.

Durante 2022 explodiram nas ruas muitos protestos dos trabalhadores em países como Panamá e Equador, com intensificação dos conflitos sociais no Haiti. No contexto da Argentina, a troca do ministro da economia levou a protestos nas ruas, tanto pelas organizações de esquerda como por segmentos conservadores. No Panamá, as lutas travadas pelo movimento sindical provocaram convocatórias de greves, na categoria da construção civil, conformando a “Aliança Pueblo Unido por la Vida”. Importante registrar as pautas destas manifestações: a denúncia da situação do desemprego, o alto preço dos combustíveis, a inflação e a carestia de vida. Esta situação aponta para uma América Latina que, nos últimos anos, diante da crise econômica

internacional e de sua situação de dependência, não consegue recuperar-se e não se recompõe para a retomada de emprego em meio à crise intensificada com a crise sanitária da Covid-19, a partir de 2020.

Neste cenário, as lutas por políticas públicas, em especial pela manutenção e ampliação da educação pública na AL estão ameaçadas. A que mais tem chamado nossa atenção é a luta pela permanência de estudantes negros, indígenas e lgbtqi+. Esta juventude diversa acessou a educação superior nas últimas décadas, a partir de muita luta dos movimentos sociais que conseguiram garantir um novo ordenamento legal para estas populações, como a política de cotas. Mas, junto com o crescimento desta política, ações racistas foram uma crescente nos espaços das instituições. Não foi à toa, por exemplo, que a própria UNESCO precisou movimentar-se no sentido de criar mecanismo de denúncia e formação nestes espaços, a exemplo da Campanha pela Erradicação do Racismo no Ensino Superior na América Latina, Cátedra UNESCO em Educação Superior, Povos Indígenas e Afrodescendentes na América Latina (ESIAL), com o objetivo de “estimular universidades da América Latina a criarem projetos que promovam debates contra o racismo”. Em 2020, a campanha “UEL na Luta contra o Racismo”, buscou criar ações voltadas para a erradicação do racismo nas universidades nos países: Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, Guatemala e México.

Esta situação e a gravidade da Covid-19 na vida dos estudantes pobres nas universidades e escolas, neste momento, já apresenta um cenário de evasão e de adoecimento docente e técnico-administrativo. Foi com esta preocupação que o ANDES-SN trouxe como uma importante vitória a realização, entre os dias 6 e 9 de dezembro de 2022, do *II Seminário Internacional Educação Superior na América Latina e Caribe e Organização do(a)s Trabalhadore(a)s*, do *I Seminário Multicampia e Fronteira* e do *Festival de Arte e Cultura: sem fronteiras, a arte respira lucha*. Os três eventos aconteceram na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) e na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), na cidade de Foz do Iguaçu (PR). As atividades contaram com a presença de representantes sindicais e docentes pesquisadores e pesquisadoras de vários países, entre eles, Argentina, Uruguai, Paraguai, Cuba, Haiti, Bolívia e México. Foi um primeiro passo: nossa luta por uma Frente Única Classista no Brasil deve se desdobrar na luta por uma frente latino-americana e internacional de educadores e trabalhadores contra o imperialismo e o grande capital.

Conjuntura Nacional

A conjuntura brasileira no pós-processo eleitoral apresenta alguns pilares importantes para compreendermos o sentido das lutas que o ANDES-SN deve articular e desenvolver. As balizas da crise econômica avançam sobre a sociedade, acentuam-se os riscos da

vulnerabilidade social com o esgarçamento produzido pela fome e a manutenção da violência urbana e rural, ao mesmo tempo em que se reafirmam ataques aos segmentos atingidos pela sociabilidade da ordem capitalista e seu sistema de opressões através do racismo, machismo, misoginia, lgbtfobia e intolerância religiosa.

Essa crise interna, condensada na ordem do capitalismo mundial, avolumou-se com a deliberada forma dependente e periférica que está contribuindo para destruir o ecossistema do meio ambiente no Brasil, com processos de desmatamento, mineração e pesca/caça predatórias que, em grande medida, articulam-se com o agronegócio e sua política de destruição da natureza.

O resultado das eleições marcou uma perspectiva de mudança política. O povo brasileiro elegeu o presidente para podermos avançar na preservação das liberdades democráticas, na reorganização do aparato de Estado, para tornar sem efeito todo o sistema de decretos que operou o golpe por dentro das instituições e que destruíram o sistema de proteção social e do trabalho, entre outros aspectos. Com a eleição de Lula, abriu-se um conjunto de possibilidades de mudanças que podem operar políticas públicas de acolhimento social e de reparação social que foram apresentadas pelo então candidato e que serão cobradas.

É com base nessa possível trajetória que consideramos muito importante a vitória de Lula nessas eleições, o ANDES-SN teve papel significativo nesse cenário ao se posicionar em defesa dessa candidatura democrática. No entanto, analisamos com preocupação as articulações em torno da comissão de transição, em especial o grupo de trabalho da educação. Existe uma forte presença de setores privatistas nessa área, o que pode colocar em risco o sentido público e gratuito do ensino superior, com investimentos importantes que elencamos para a educação, a Ciência & tecnologia.

A comissão de transição tem sido organizada a partir de uma visão política que é permeada por um amplo processo de conciliação de classes na ordem geral dos componentes e das propostas parcamente divulgadas, onde os interesses do mercado e do imperialismo estão fortemente representados.

Nesse debate transitório, ainda não foi vislumbrada a defesa dos interesses populares para tornar sem efeito as contrarreformas trabalhistas, a lei do teto de gasto, os sigilos de atos absurdos executados por Bolsonaro, a reforma do ensino médio, as privatizações criminosas, retirar do parlamento a PEC 32 e ampliar o nível dos investimentos em áreas sociais de forte impacto para atender demandas populares, em especial saúde, educação e a política de progressão real do salário mínimo.

A defesa dos interesses populares e da educação, junto ao futuro governo, deve ser pautada por uma ampla capacidade de articulação de lutas, mobilização e compromisso com as

transformações sociais. O sentido da luta e as ações que devem ser desenvolvidas pelo ANDES-SN passam por esse lugar político e social.

No entanto, cabe ainda nessa quadra conjuntural, pós-eleitoral, uma reflexão sobre a questão do golpismo e da extrema direita. O bolsonarismo perdeu a eleição, mas a extrema direita e suas variantes, neofascistas ou não, vieram para ficar na disputa política que impacta a luta de classes. O movimento golpista e antidemocrático que tomou conta da frente dos quartéis, a violência política engendrada por essas hordas neofascistas, seu arcabouço ideológico e político estarão na cena da disputa social e política. Para enfrentar esses agrupamentos, vamos precisar de unidade de ação dos setores proletários e populares, um programa unificado de lutas, e ajudaria bastante se o novo governo não fosse colonizado pelas frações da burguesia no novo bloco do poder.

A força do poder do Estado deve se voltar contra o golpismo e suas mais variadas formas de atuação. O que temos visto até agora, afinal o novo governo não tomou posse ainda, é uma profunda leniência dos aparatos de segurança pública com os golpistas, que, inclusive, praticaram atos fascistas mediante uso de métodos suscetíveis de aterrorizar a população civil no dia da diplomação do presidente eleito para sinalizar ao país seu projeto ditatorial. Existem milícias civis e paramilitares organizadas que estão testando o espaço da democracia.

Nesse campo de enfrentamento, temos que resgatar o projeto histórico de justiça, verdade e reparação. É necessário colocar na ordem do dia o debate sobre o entulho autoritário representado pela lei da anistia de 1979 para que possamos trabalhar no sentido de revisá-la e, ao mesmo tempo, não permitir que acordos pelo alto anistiem Bolsonaro, filhos e asseclas pelos seus crimes durante os últimos quatro anos. Precisamos entender que o papel antidemocrático, entreguista e antinacional colocado em prática pelas Forças Armadas é consequência da lei da anistia de 1979 e de alguns arcabouços jurídicos que foram implementados na constituição de 1988. A transição pelo alto nos legou uma caserna armada e hostil ao ambiente do Estado democrático de direito e às liberdades democráticas.

O combate ao conservadorismo reacionário não pode ter o protagonismo de uma batalha que fique restrita entre a frente ampla versus o neofascismo. Para entramos em cena, temos que compreender qual é o espaço da democracia em que lutamos, ao tempo em que precisamos identificar o projeto do movimento conservador que, no atual estágio político, consegue agenciar massas sociais significativas para seu projeto de golpe. Olhar para as experiências internacionais que, a partir das crises, colocaram em governos europeus forças neofascistas e conservadoras é também importante. Nessa disputa interna, é necessário dar um passo a frente para contribuir com a articulação da classe trabalhadora, a partir do seu perfil hodierno:

mulheres, população preta e periférica, e segmentos LGBTs. Nossa centralidade estratégica é construir forças para operar na luta de classes a partir da sua perspectiva histórica.

O movimento da classe, para que possa avançar, necessita do desvelamento do seu perfil, do entendimento do que seja a nossa categoria docente, dos tipos de trabalho que exercitamos e da frente de unidade que devemos construir. Nessa perspectiva, temos que nos somar ao horizonte estratégico que aponta para a reorganização da classe, pensando as saídas e as contradições que estão colocadas nesse processo.

É importante, a partir desse movimento estratégico, procurar articulações e relacionamentos com as lutas da América Latina para que possamos entender a ordem dos impasses políticos e sociais, ao tempo em que construímos uma lógica de intervenção social e política para nossa ação.

Temos entre nós, pelo menos no serviço público, experiências positivas de unidade, a exemplo do FONASEFE e dos fóruns estaduais. Essa construção da nossa classe deve avançar no sentido de articular com outras forças sociais, populares e políticas uma campanha pelo amplo REVOGAÇÃO das medidas antipopulares e destruidoras do serviço público que foram aplicadas pelo governo do agitador fascista, Jair Bolsonaro.

Nossa luta tem eixos estratégicos centrais, devemos avançar na construção da mais ampla unidade de ação com as forças proletárias e populares. O nosso princípio definidor é a independência de classe, as nossas bandeiras passam pelo revogação das contrarreformas, leis e decretos antipopulares que operaram no sentido da destruição do serviço público, nossa pauta passa pela defesa da educação e da universidade pública. Com base nessa plataforma política o ANDES-SN jamais participará da lógica de um governo de união nacional e sua concertação social.

Diante da ameaça da democracia no Brasil é importante trazer ao debate o papel fundamental dos movimentos sociais, sindical e estudantil nestes quatro anos de governo fascista. O papel que os movimentos sociais tiveram, na resistência cotidiana, para a garantia do direito democrático de organização popular no país foi concreto para que hoje possamos falar de uma mudança de página na história política do Brasil.

Os Movimentos Sociais, com destaque ao protagonismo do movimento negro liderado pela Coalizão Negra por Direitos, bem como para o Movimento dos Sem Terra - MST, o Movimento dos Sem Teto – MTST, os mais diversos Movimentos de Mulheres e o Movimento LGBTQIA+, os Movimentos de Juventude, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), dentre outros, pautaram neste ano, como grande tarefa, garantir a retomada da democracia e da organização popular. Neste sentido a participação social foi catalizadora do processo democrático. Sem perder de vista as pautas da categoria, o movimento sindical também foi

exemplar na luta em defesa da vacina, da comida no prato, do SUS, da luta dos povos indígenas contra o marco temporal e do serviço público. Foram os fóruns nacionais, estaduais e municipais, os Comitês pela democracia que conseguiram enraizar o projeto de derrubada do Bolsonaro nas ruas e nas urnas.

A luta em defesa do serviço público

A aprovação da Emenda Constitucional 95 em 2016 estabeleceu um patamar bastante reduzido de investimento do Estado para as áreas prioritárias. O estabelecimento do teto dos gastos, motivado pela política econômica do ajuste fiscal, por um lado impactou na redução gradativa de orçamento para áreas como saúde e educação e, por outro lado, impôs contrarreformas como, por exemplo, nas áreas trabalhista e previdenciária. Esse sistema favoreceu ainda mais o compromisso do Estado brasileiro com o pagamento de juros e encargos da dívida pública, tendo em vista que a EC 95/16 não estabeleceu para esse tipo de pagamento qualquer limite.

O teto dos gastos foi a ferramenta encontrada para que o Estado deixe livre a sangria de recursos públicos para os credores da dívida. De acordo com os dados da Auditoria Cidadã da Dívida, mais de 50% do orçamento público brasileiro tem sido destinado ao pagamento dos juros e encargos da dívida pública, enquanto que a educação pública, por exemplo, representa apenas 2,5% do orçamento da União.

Mediante esse cenário reafirmamos que revogar a Emenda Constitucional 95/16 é imprescindível para reconstruir as políticas sociais em nosso país. O ANDES-SN destaca essa questão como pauta prioritária para as nossas lutas. É impossível pensar em reestabelecer o orçamento para educação pública mantendo o teto dos gastos; é impossível pensar em valorização do serviço público e dos servidores com o orçamento do Estado comprometido com a dívida pública. É nesse sentido que a carta do ANDES-SN entregue à equipe de transição destaca a necessidade urgente de revogação dessa emenda constitucional.

No âmbito do serviço público, destacamos ainda para o próximo governo o arquivamento da PEC 32, que trata da contrarreforma do Estado brasileiro. Essa PEC significa de modo ampliado e acelerado a transformação dos serviços públicos em mercadoria, a entrega do patrimônio público para a iniciativa privada, a expansão das terceirizações e precarização do trabalho e, no geral, destrói os direitos sociais e fundamentais para a classe trabalhadora. O ANDES-SN tem atuado fortemente no FONASEF para derrotar esse projeto. Conseguimos fazer com que a PEC 32 não fosse votada e aprovada, agora precisamos exigir que o próximo governo atue junto ao congresso nacional para excluir definitivamente essa PEC e assuma o compromisso com o conjunto da classe trabalhadora do nosso país de não encaminhar qualquer proposta de “reforma” administrativa que precarize o serviço público.

Imprimimos no último período também uma luta no âmbito do FONASEF pela reposição salarial da inflação do governo Bolsonaro. Durante os últimos quatro anos, os servidores públicos federais não tiveram nenhuma reposição da inflação. Para além das perdas salariais históricas das categorias do serviço público, o alinhamento da reivindicação emergencial deu-se em torno de um reajuste linear que contemplasse a inflação dos últimos quatro anos para todos os servidores públicos federais.

A pauta salarial continuará em luta, pois o orçamento previsto para 2023 não contempla a reivindicação do FONASEFE, de reajuste emergencial para reposição da inflação dos últimos quatro anos, em torno de 27%. Neste sentido, vamos precisar continuar organizados em luta pela valorização do serviço público e dos servidores. Precisamos ficar em alerta quanto à sinalização da equipe de transição do próximo governo que aponta para a construção de uma mesa permanente de negociação com os sindicatos sobre a pauta salarial e a reestruturação das carreiras. Reafirmamos como ponto principal a nossa mobilização, pois negociação não pode estar apartada da luta efetiva.

A PEC da transição objetiva inserir recursos extras no orçamento de 2023 em 105 bilhões, para garantir o programa bolsa família. Porém, é preciso revogar a EC 95, que limita o teto dos gastos para políticas públicas, mas deixa livre os pagamentos de juros e amortizações da dívida. Consideramos imprescindível a revogação do teto de gastos para garantir serviços públicos de qualidade.

Educação

O processo de mercantilização da educação no Brasil caminha de mãos dadas com a sua oligopolização. Há gigantescos *holdings* que atuam no mundo e tem como principal nicho o mercado da educação, tendo nosso país como local privilegiado de atuação. Esta ânsia privatista, que transforma o direito à educação em serviço, por maior que seja a pressão dos organismos internacionais (Banco Mundial, por exemplo), não encontraria uma larga avenida sem o apoio e suporte recebido, através de leis, medidas provisórias, decretos, de diferentes governos.

Quando se analisa a conjuntura atual, não se pode, todavia, deixar de lembrar que o processo de expropriação do fundo público pelo capital tem sido uma sina das políticas adotadas pelos governos nas últimas décadas. A própria Dilma, vítima de um golpe parlamentar em 2016, também adotou medidas de favorecimento dos mercadores da educação, como: (a) PNE, que avança na garantia formal de 10% do PIB para educação, mas que favorece em parte a iniciativa privada que avança sobre os recursos públicos, e (b) Pronatec, programa que visava oferecimento de cursos para filhos e filhas da classe trabalhadora via escoamento de recurso público para o sistema S.

Contudo, notoriamente, é com a dobradinha Temer/Bolsonaro que ocorre um verdadeiro avanço da ânsia privatista, pois a partir dessa quadra assistiremos toda a estrutura estatal submetida, integralmente, ao favorecimento do sistema do capital. Medidas como a Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, a “reforma” do Ensino Médio, ainda como com Temer, é a maior reforma neoliberal que atinge o sistema educacional dos últimos anos. Já com Bolsonaro, os cortes orçamentários agigantados – visando matar as Universidades, Institutos Federais e CEFETs por asfixia – e a proposta do Reuni Digital caminham no sentido de transformar cada vez mais a educação em direito de poucos, como o próprio MEC bolsonarista não cansara de dizer.

Com a pandemia de Covid-19, o que se verifica é um aprofundamento das já gritantes desigualdades sociais, econômicas, culturais, territoriais e tecnológicas. Com a introdução forçada do ensino remoto emergencial, buscou-se corretamente defender a vida, contudo, tal ação não foi acompanhada por medidas sanitárias sérias por parte do governo Bolsonaro e nem de injeção de recursos para garantir infraestrutura para docentes e discentes. O que se tem, assim, é a normatização do EaD, que já tinha obtido um apoio legal importante via Portaria n.º 1.428/2018 do governo Temer, assim como através da Portaria n.º 2.117/2019 de Bolsonaro. Todas estas medidas neoliberais aprofundaram a desigualdade social em nosso país.

Paralelo aos ataques no âmbito da política educacional, nunca se viu um grau elevado de perseguição e violência aos(as) trabalhadores(as) da educação como este que se tem atravessado. Os recentes ataques em escolas, como o ocorrido em Aracruz/ES, sinalizam o grau de perversidade bolsonarista, que catalisando em torno de si toda a barbárie da decadente civilização, transformou a educação e os(as) professores(as) em inimigos número 1. Submergidos em uma hipotética guerra cultural, pautaram nestes 4 anos um leque de perseguição e criminalização nunca visto desde a redemocratização.

Por isso, foi um grande acerto de nosso sindicato chamar o voto em Lula no segundo turno e apresentar ao GT de Educação da transição do futuro governo onze pontos programáticos em defesa da educação pública, que consideramos fundamentais para escapar do atraso em que nos encontramos. Nesse sentido, estamos atentos, no momento que escrevemos este texto, para as discussões que avançam sobre o nome de quem estará a frente do Ministério da Educação. Nomes como os de Simone Tebet, Izolda Cella, Fernando Haddad e Camilo Santana indicam que a disputa pela pasta da educação, uma das maiores do governo, é grande, tanto diante do histórico dos ataques de Bolsonaro nessa área, como pelos interesses do grande capital em disputa com as pautas dos movimentos sociais nesse campo. Cabe destacar que, assim como em outras áreas, não se percebe uma discussão de projeto de educação, mas sim de

nomes. Pela lista aqui citada e por outros nomes que circulam pelas mídias devemos estar atentos para a força que pautas privatistas podem ter nas políticas do MEC.

Mesmo no âmbito de uma parcela da esquerda que está próxima ao novo governo Lula, o nome, por exemplo, de Izolda Cella, ex-governadora do Ceará, é reivindicado pelos chamados “ótimos resultados” da educação naquele estado. Entretanto, nosso sindicato vê com bastante preocupação esse tipo de debate que acaba por esconder que os resultados dessas experiências são pautados por políticas de responsabilização de professoras e professores pela qualidade da educação, avaliações em largas escalas e o uso de rankings que produzem uma disputa deletéria nas redes de ensino, em especial na educação básica. Diante das graves consequências da pandemia na educação brasileira, precisamos avançar para radicalizar o caráter público, gratuito, laico, de qualidade e socialmente referenciado de nossas escolas, universidades, institutos federais e CEFETs.

TEXTO 2

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Agripino Alves Luz Júnior (SINDUFAP); Alexandre Adalberto Pereira (SINDUFAP); Alexandre Macedo (ADUFPB); Alexandre José Medeiros do Nascimento (ADUFPI); Ângela Siqueira (ADUFF); André Rodrigues Guimarães (SINDUFAP); Antônia Costa Andrade (SINDUFAP); Antônio Francisco Lopes Dias (ADCESP); Antônio Lisboa L. de Souza (ADUFCEG); Arthane Menezes Figueiredo (SINDUFAP); Beatriz Franchini (ADUFPEL); Carlos Rinaldo Nogueira Martins (SINDUFAP); Carlos Vicente Joaquim (SESDUF-RR); Cássio Alves (APUFPR); Celeste Pereira (ADUFPEL); Célio Ribeiro Coutinho (SINDUECE); Cenira Andrade de Oliveira (ADUFES); Ceres Torres (ADUFPEL); Claudia March (ADUFF); David Junior de Souza Silva (SINDUFAP); Elaine da Silva Neves (ADUFPEL); Elda Maria Freire Maciel (SINDUECE); Eliane Fazolo (ADUR-RJ); Enilce de Oliveira Fonseca Sally (ADUFF); Eptácio Macário Moura (SINDUECE); Erlenias Sobral do Vale (SINDUECE); Fabiola Kato (ADUFPA); Fausto Camargo Júnior (SINDCEFET-MG); Francisco Carlos Jacinto Barbosa (SINDUECE); Francisco Santiago (SINDUFAP); Gean Cláudio de Souza Santana (ADUFS-BA); Henrique A. F. Mendonça (ADUFPEL); Herrmann Vinicius Oliveira Muller (APUFPR); Janete Brito (ADCESP); José Carlos Marques Volcato (ADUFPEL); José dos Santos Souza (ADUR-RJ); José Raphael Bokehi (ADUFF); Lalo Watanabe Minto (ADUNICAMP); Leandro Machado dos Santos (ADUR-RJ); Liliane Soares (SINDUFAP); Lorena Moraes (ADCESP); Lúcia Izabel Silva (ADUFPA); Luciano Coutinho (ADUFRJ); Luiz Fernando Reis (ADUNIOESTE); Luiz Henrique Schuch (ADUFPEL); Luiz Paiva Carapeto (ADUFPEL); Marco Antonio Perruso (ADUR-RJ); Maria Angélica da Gama Coutinho (ADUR-RJ); Maria Conceição Rosa Cabral (ADUFPA); Maria do Carmo Lobato da Silva (SINDUFAP); Maria Edilene S. Ribeiro (ADUFPA); María Gabriela Guillén Carías (ADUFDOURADOS); Maria Jacqueline Girão (ADUFRJ); Maria Suely Soares (APUFPR); Marielson Rodrigues Guimarães (ADUFPA); Marinalva Silva Oliveira (ADUFRJ); Marise Fonseca dos Santos (APUFPR); Milena Martinez (APUFPR); Odete da Cruz Mendes (ADUFPA); Olgaíses Maués (ADUFPA); Omar Albornoz (ADCESP); Paulo Afonso da Silva Oliveira (SESDUF-RR); Paulo Marcelo Cambraia da Costa (SINDUFAP); Raquel Angela Speck (APUFPR); Regiana Blank Wille (ADUFPEL); Rhoberta Santana de Araújo (ADUFPB); Rosângela Assunção (ADCESP); Rosely Cabral Giordano (ADUFPA); Sandra

Alessi (APUFPR); Sandra Maria Franco Buenafuente (SESDUF-RR); Sidney da Silva Lobato (SINDUFAP); Sônia Maria Araújo (ADUFPA); Sônia Regina Teixeira (ADUFPA); Tadeu Lopes Machado (SINDUFAP); Valdelaine Mendes (ADUFPEL); Veronica Fernandez (ADUFF); Vilson Aparecido da Mata (APUFPR); Viviane Narvaes (ADUNIRIO); Waldir Ferreira de Abreu (ADUFPA), Yurgel Pantoja Caldas (SINDUFAP).

INDEPENDÊNCIA DE CLASSE E FORTALECIMENTO DAS LUTAS GERAIS E ESPECÍFICAS (ECOSSOCIALISTA)

TEXTO DE APOIO

No plano internacional, o quadro mantém-se muito semelhante àquele apresentado ao debate no 14º CONAD, ocorrido em novembro último. O capitalismo mundial pós-pandemia apresenta uma crise crescente: econômica, social, sanitária, política e ambiental, cujas facetas perversas evidenciaram-se ainda mais com a pandemia e os repiques das novas variantes do vírus.

As classes dominantes no planeta não se entendem sobre os rumos a serem tomados. O oligarca Putin invade a Ucrânia, mas encontra-se em crescente dificuldade dada a fragilidade de sua economia e suas forças armadas, enfrentando internamente insatisfação e protesto popular contra a convocação massiva de reservistas para a guerra. Entre avanços e recuos, o conflito se estende tensionando pontos estratégicos e ameaçando o colapso energético no início do inverno do hemisfério norte. A circulação internacional de armamentos estratégicos e a imposição de oscilações ao preço internacional do petróleo/gás entram como derivações dessa contenda. Na Itália, o partido “Irmãos da Itália”, diretamente originário do fascismo mussolinista, vence as eleições após ser o único da extrema-direita a não compor o governo que caiu. Vendendo-se como antissistema, esse partido passa a ser maioria diante até de seus aliados (Liga e Força Itália), que se enfraqueceram. Com isso, o quadro político europeu se complexifica, até por conta das sucessivas crises que levaram a mais uma troca de primeiro-ministro no desastroso governo conservador na Inglaterra. Já a disputa geopolítica/econômica com o Oriente segue incerta quanto aos seus desdobramentos após a “crise dos *chips*”, provocada pelo governo estadunidense, e o encontro posterior entre Biden e Xi Jinping.

Prosseguem as insatisfações de trabalhadora/es, das juventudes, das mulheres, dos povos originários, de pessoas negras, de pessoas com deficiência e de imigrantes, diante de governos cada vez mais contrários aos seus interesses. No Sri Lanka, por exemplo, o governo foi derrubado pelas massas populares nas ruas. O mesmo pode acontecer no Haiti em breve. No

Irã, cresce a luta das mulheres contra a repressão reacionária do regime religioso, marcado por forte patriarcalismo, que foi recentemente forçado a anunciar recuos, depois da morte da jovem Mahsa Amina após ser detida pela polícia moral daquele país. Neste contexto, novamente, setores nacionalistas e stalinistas, supostamente de esquerda, mobilizaram argumentos absurdos (guerra híbrida, manipulação pelos EUA, infiltração da CIA) – em nome de uma geopolítica anticlassista – para justificar o ataque às liberdades democráticas de manifestação e organização da classe trabalhadora.

No pano de fundo desse cenário de barbárie, exploração, violação de direitos humanos, opressões e desmonte, agudiza-se uma crise ambiental que, em poucos anos, levará a humanidade - sobretudo a parcela pobre, desassistida e precarizada – a enfrentar uma verdadeira catástrofe climática. É fato que epidemias, como a COVID 19, a fome, as secas prolongadas, as ondas de calor e os altíssimos índices pluviométricos já são realidade em muitas regiões do planeta. Aqui no Brasil, vivemos, em 2022, tristes episódios dessa crise que matou milhares em Petrópolis, no sul da Bahia, na Baixada Fluminense, em Recife, Santa Catarina, Angra dos Reis e Rio Grande do Norte. Sem falar no ecocídio praticado pela grilagem de terras, pelo garimpo ilegal, pelas queimadas, pelo tráfico de madeiras e pelo assassinato de indígenas e ambientalistas na Amazônia, que está se aproximando de seu ponto de não retorno. Para frear esse trem veloz e descarrilhado, é necessária uma transformação profunda nos modos de produção da vida, tal como defende o ecossocialismo, que pressupõe a apropriação coletiva da produção, mas exige que as forças produtivas sejam transformadas no que tange às fontes e ao consumo de energia, mas também à redução da produção de bens e à eliminação da obsolescência programada. É um imenso desafio quando os países emergentes - como é o caso do Brasil - baseiam suas economias na autossuficiência petrolífera e no agronegócio - maior fonte de emissão de carbono para a atmosfera, e enquanto a ciência, nos marcos do capitalismo, não investir na produção de conhecimentos voltados para “adiar o fim do mundo”, como nos ensina o líder indígena e intelectual Ailton Krenak.

A 27ª Conferência das Partes da Convenção do Clima das Nações Unidas, realizada no último novembro em Sharm El-Sheikh, no Egito, acertou em criar um fundo para financiar perdas e danos climáticos nos países mais vulneráveis do mundo, mas fracassou ao não produzir um acordo substantivo sobre o que deveria ser o ponto principal de conversa, qual seja, o modo de acelerar o corte de emissões de gases poluentes a fim de evitar que o aquecimento global ultrapasse 1,5° C neste século. E nem poderia, pois, no capitalismo, não há justiça ambiental nem social. Rosa Luxemburgo chamou a atenção para a questão da degradação ambiental e é inspiração para todas e todos que defendem o ecossocialismo como projeto de sociedade e de educação anti-barbárie e anticapitalista – que abrange o feminismo e as lutas antirracistas, anti LGBTQIAP+ fóbicas, anticapacitistas e outras.

A vitória eleitoral de Lula e a presença da delegação brasileira na Conferência do Clima no Egito, no entanto, produziram reflexos positivos na expressão internacional do país em torno da agenda ambiental, o que amplia a possibilidade de influência dos movimentos sociais e revaloriza todo o acúmulo teórico e de lutas, produzido aqui em torno da temática. Devido à forte disputa de grupos privados por verbas públicas e direcionamento das pautas ambientais, é importante que o ANDES-SN se posicione claramente em defesa dos povos originários, dos ecossistemas e da centralidade dos movimentos sociais, universidades e demais instituições de pesquisa nos espaços de tomada de decisões.

As injunções políticas na América Latina também expressam alguns elementos novos, mas ainda confusos e contraditórios, em uma leva de governos considerados “progressistas”. A vitória na Colômbia trouxe esperança para o continente, a qual, no entanto, já está em queda em relação ao governo chileno, derrotado em sua proposição de uma Constituição avançada em termos de direitos naquele país. Na Argentina, o governo peronista cambaleia, podendo abrir caminho para a volta da direita assumidamente neoliberal nas próximas eleições. Tais governos pouco ou nada têm feito em relação às perdas de direitos laborais, que muitas vezes eles mesmos promovem. Esse é o caso da Venezuela, cujo governo diminuiu a renda da/os servidora/es públicos, tendo como resposta a mobilização popular. Já no Peru, o governo continua tentando se equilibrar em meio a uma crise política que parece ser interminável e que resultou na queda do presidente Pedro Castillo, após tentar dissolver o Congresso.

Mas a classe trabalhadora, pressionada cada vez mais pelos regimes burgueses, reagem: é o caso da vitoriosa greve da/os operária/os automotivos na Argentina. Onde há luta autônoma e combativa, é possível vencermos. Há também sinais positivos no mundo do trabalho brasileiro: a CSP-Conlutas está presente na diretoria recém-eleita do histórico sindicato dos metalúrgicos de Volta Redonda (RJ), retirando-o das mãos da Força Sindical e, inclusive, vencendo a chapa da CUT. No importante sindicato dos metroviários de São Paulo, a CSP-Conlutas também compõe a chapa vencedora contra o sindicalismo pelego assentado em bases da conciliação de classe. O Congresso do SISMMAR (Sindicato dos Servidores Municipais de Maringá), terceira maior cidade do Paraná, com 15 mil trabalhadores na base, deliberou por ampla maioria a sua filiação à CSP-CONLUTAS, numa grande vitória da/os municipalidade/os. No movimento estudantil, houve vitórias importantes de setores combativos nos DCE da USP e da UFRJ.

No Brasil, mesmo após a derrota eleitoral, Bolsonaro/Guedes prosseguem com medidas da necropolítica, até os últimos estertores do seu governo, penalizando principalmente os setores mais vulneráveis da população e atacando os serviços públicos. Zerar o caixa das universidades e institutos federais, além de todos os bloqueios orçamentários procedidos

anteriormente, foi uma medida perversa em todos os aspectos. Além de inviabilizar o funcionamento das instituições no último mês do exercício fiscal e do calendário escolar, o governo tentou recuperar para dentro do “teto de gastos” o uso eleitoreiro dos recursos públicos. Esse governo, além de praticar a política econômica neoliberal a favor apenas dos muito ricos, lança mão de um nacionalismo reacionário para atacar os mais pobres, os povos tradicionais e o meio ambiente – assim como as demais instituições burguesas quando operam para lhe impor algum limite, notadamente o Judiciário. O mais alarmante é que o seu aliado “Centrão”, que fez a festa com o orçamento público de modo flagrantemente ilegal e corrupto, promovendo demagogicamente uma série de políticas assistencialistas para arrefecer o sofrimento da/os trabalhadora/es com a carestia generalizada e a fome, já faz um giro oportunista “colando” no novo governo por meio de acordos para futuros loteamentos de espaços no Legislativo e no Executivo.

Ante a crueza da realidade vivenciada no dia-a-dia pela maioria da população em busca de alternativas para superar a desesperança, apesar das imensas diferenças entre si, as duas candidaturas, no segundo turno das eleições brasileiras, buscaram se construir com retórica genérica antissistêmica. Esse rebaixamento do debate no processo sucessório também foi favorecido pelo abrandamento das lutas nas ruas e facilitou que a ultradireita obtivesse algum respaldo também em setores populares, consolidando base no Parlamento eleito, cada vez mais conservador, e foi vitoriosa em importantes disputas por governos estaduais pelo Brasil. Além do mais, abriu margem à “litigância de má fé” do partido de Bolsonaro (PL) contra o resultado das urnas e as manifestações golpistas que se alastraram após o segundo turno das eleições e, ainda que localizadas e pouco expressivas, permanecem até agora em frente aos quartéis buscando deslegitimar o processo democrático das eleições além de bradarem por diversas formas de golpe de Estado.

Infelizmente, não foi ouvido nosso alerta no Texto de Apoio apresentado ao Congresso passado do ANDES-SN, a respeito das hesitações na luta contra Bolsonaro: “Pensando apenas nas eleições, tais setores desconsideram a gravidade da situação pandêmica e social que vivemos, ajudando a dar sobrevida à extrema-direita, que deve ser derrotada pelas massas trabalhadoras antes que pela via eleitoral, de modo a construirmos uma saída política que interesse aos segmentos dominados da sociedade brasileira.” Com segurança, podemos afirmar, mais uma vez: o bolsonarismo e suas ameaças antidemocráticas só serão derrotados nas ruas.

Depois de um semestre tenso em todo o país, a troca de governo abre um leque de perspectivas.

Sem dúvida, é preciso destacar a importância de ter derrotado Bolsonaro em 30 de outubro, garantindo a confirmação do resultado das urnas com a posse de Lula. Foi preciso enfrentar a

enxurrada de mentiras, *fakenews*, uso da máquina federal e da verba pública, do braço armado, da coerção imposta por setores empresariais e, especialmente, dos latifundiários. Porém, já sobressaem os pesados limites dos espaços institucionais da ordem burguesa e a tendência apassivadora imposta pelas cúpulas de alguns movimentos sociais que lhes são caudatários. A vitória de Lula no segundo turno das eleições implicou em uma coalizão amplíssima, suficiente para derrotar Bolsonaro, mas manietada quanto à perspectiva de impor rupturas, e até mesmo de revogar pela raiz as medidas restritivas de direitos impostas pelos últimos governos, como já se expressa na chamada “equipe de transição”. A composição da equipe na área da Educação, por exemplo, acolheu ampla representação dos setores privados.

Nesse quadro, precisamos estar ativo/as e organizado/as com setores dos movimentos sociais, do sindicalismo combativo, da/os servidora/es pública/os e das lutas contra as opressões em todas as suas formas. Há uma disputa pela capacidade de mobilização na base social e a classe trabalhadora não pode deixar esse espaço desguarnecido às investidas da extrema direita, às vezes travestida pelo milenarismo religioso fundamentalista.

A trajetória do ANDES-SN tem sido marcada por combinar os interesses mais imediatos da categoria com o projeto estratégico da classe trabalhadora, contra a exploração, as desigualdades e as opressões. Sempre pautado por uma concepção horizontal a partir da base, classista e independente de patrões, do mercado e dos governos de plantão, o vínculo do nosso sindicato com organizações constitutivas do movimento operário e dos movimentos sociais sempre esteve na agenda e teve um importante papel no processo de reorganização da classe trabalhadora.

A CSP-Conlutas foi constituída por necessidade concreta da luta com o protagonismo do ANDES-SN e, mesmo com tamanho limitado, conseguiu se afirmar em um projeto de resgate à concepção classista e de luta para o movimento da/os trabalhadora/es, articulando os setores sindicais e populares. Evidentemente, existe a necessidade de correções e aperfeiçoamentos tanto na sistemática organizativa da referida Central, quanto na relação estabelecida pelo ANDES-SN, uma vez que, em sentido contrário das nossas deliberações congressuais, alguns setores tem sistematicamente se negado a atuar positivamente na sua consolidação e ampliação nos Estados.

Incidir para aperfeiçoamento e ampliação da CSP-Conlutas é defender o ANDES-SN na essência da sua concepção classista, de luta e construção pela base. O momento exige firmeza organizativa, com unidade programática e estratégia classista mobilizadora. Uma eventual decisão de saída daquela Central, neste cenário, seria mais um retrocesso na direção da construção da unidade da classe trabalhadora.

O caminho para reverter a expressão que a extrema direita vem galgando em nosso país é o da mobilização e da luta classista, de forma que se apontem alternativas pela esquerda para a/os trabalhadora/es e para que as conquistas sejam percebidas.

Para enfrentarmos a conjuntura desafiadora dessa quadra histórica, e lutar juntos, será preciso reafirmar, em primeiro lugar, a independência de classe e buscar o fortalecimento para combater os ataques. Concomitantemente, exigir a revogação imediata de todas as contrarreformas que retiram direitos e degradaram as políticas públicas de interesse social, recolocando no horizonte a nossas pautas gerais, com destaque para a perspectiva ecossocialista, e pautas específicas, inclusive salarial, para educação e saúde públicas. Para além das nossas organizações, será também necessário estimular os instrumentos de “unidade de ação” para intervir amplamente nessa disputa, a partir das ruas, com uma forte agenda de lutas, pactuada nacionalmente.

TEXTO 3

Contribuição da(o)s Sindicalizada(o)s: Adriana Machado Penna (ADUFF); Agatha Justen (ADUFF); Airton Paula Souza (ADUFS-SE); Alair Silveira (ADUFMAT); Beatriz Tupinambá Freitas (ADUFS-SE); Catharina Marinho Meirelles (ADUFF); Cláudio Gurgel (ADUFF); Elizandra Garcia da Silva (ADUFF); Elyson Carvalho (ADUFS-SE); Jacira Maria Machado de Oliveira (ADUFF); Jairo Paes Selles (ADUFF); José Jailton Marques (ADUFS-SE); Júlio Figueiredo (ADUFF); Lucas Pacheco Campos (UFJF / Apes); Marcelo Massayoshi Ueki (ADUFS-SE); Maria da Graça Gurgel (ADUFAL); Marluce Souza e Silva (ADUFMAT); Máuri de Carvalho (ADUFES); Maurício Couto (SINDIUFBS); Olinto Silveira Alves Filho (ADUFS-SE); Onice Teresinha Dall'Oglio (ADUFMAT); Paulo Antônio Cresciulo de Almeida (ADUFF); Waldyr Lins de Castro (ADUFF); Wilma Pessôa (ADUFF).

TODAS E TODOS, EM TODAS AS LUTAS - PELA RECONSTRUÇÃO DA PAUTA DE CLASSE E DOS PRINCÍPIOS DO ANDES

TEXTO DE APOIO

O Congresso do ANDES-SN em 2023 será realizado em contexto de tensões internas na Entidade e início de um novo governo central do Brasil, com expectativas abertas. Essas tensões internas decorrem não só das eleições que farão a sucessão da atual diretoria, não só das

agressões e intolerâncias cometidas contra desafetos políticos (casos Dileno Dustan, Reginaldo Araújo e Airton Paula Souza), mas, também, de um longo período de frágil intervenção política da Entidade. Essa fragilidade se revelou no plano das lutas centrais de classe, econômica e política, e até mesmo nas lutas de gênero e racial pelas quais as recentes gestões do ANDES-SN têm opção preferencial. Adicionalmente, de modo pouco fundamentado e inteiramente inoportuno, a maioria da atual direção traz, mais uma vez, ao encontro nacional a proposta de desfiliação da CSP-Conlutas, única Central sindical que se manteve autônoma na recente história político-sindical brasileira. Com isso, incendeia o movimento docente, ocupando-nos a todos com esse debate, quando é uma hora especial para arregimentar forças independentes, de maneira a garantir algum espaço e influência sobre os rumos do país.

Quanto ao novo governo central, ele traz apreensões porque se trata de uma tentativa de reedição dos governos do PT, até 2014, com evidentes atualizações mais adversas. São dificuldades velhas, relacionadas ao caráter social-liberal do PT e de grande parte dos seus aliados à esquerda, mas acentuadas pelo arco de alianças ampliado (com forte presença da direita liberal), necessário para derrotar a extrema-direita e grande parte da classe dominante que a apoiou, em 2022. Evidentemente que a isso se soma a nova circunstância de enfrentar essa força política que emergiu no Brasil e no mundo, sob variadas formas tributárias do fascismo.

Ainda que se possa dizer incipiente, a força da extrema direita mundial está assumindo posições estratégicas na geopolítica internacional, com a consolidação no Leste Europeu, o surgimento revigorado na Itália e alguma perspectiva na Alemanha, França e EUA; neste caso, se Trump conseguir escapar do cerco que Biden lhe tenta impor. A China continua sendo a perspectiva positiva para um ambiente internacional menos adverso, caso supere - ou pelo menos neutralize - as dificuldades que a guerra na Ucrânia lhe trouxe e conte com o Brasil para reimpulsionar os BRICS, os quais são uma articulação político-econômica muito importante no plano internacional, com evidentes repercussões no plano interno do Brasil. Por isto, Biden se preocupa, e estará disposto a se fazer aliado do governo Lula, com consequências positivas para a estabilidade do novo governo, no curto prazo, mas seguramente negativas para quem espera, como nós, um Brasil mais próximo de mudanças progressistas e populares. O governo de Lula se equilibrará entre os interesses estadunidenses e hemisféricos, nessa particular disputa entre a China e os EUA.

Essa é a razão de nos referirmos a expectativas abertas, no início deste texto. Mais fortes razões de reivindicarmos a centralidade da luta pelos interesses dos trabalhadores, em particular os da educação, mas em aliança com todas e todos os trabalhadores que sofrem comum depreciação de seus salários e condições gerais de trabalho.

O ANDES-SN como entidade de classe

O ANDES-SN sempre se colocou como uma entidade da classe trabalhadora e, nesse sentido, se faz aliado dos demais sindicatos, procurando se organizar na forma sindical mais avançada: a Central Sindical.

Isso se tornou cada vez mais imperioso, na medida em que o Estado, mais ou menos liberal, se faz fortemente presente nas políticas trabalhistas, previdenciárias e sociais.

Por isto, o Andes-SN precisa assumir as lutas econômicas e políticas da classe trabalhadora, e fazer o que não fez nesses últimos anos: voltar-se para essas lutas, onde evidentemente se incluem os servidores públicos e os docentes, cujos salários estão congelados há anos, com direitos previdenciários restritos e dificultados, e cujas condições de trabalho pioram seguidamente.

Antes que se façam antinomias mecânicas, reafirmamos que isso não significa desatenção para com as lutas específicas, principalmente de gênero, étnicas e raciais. Significa que queremos resgatar a centralidade de classe do Sindicato, conscientes e comprometidos com a ideia de que não há democracia, direitos humanos e dignidade onde não houver remuneração e condições de trabalho decentes, o que significa, também, direitos e respeito iguais nas organizações e na sociedade.

Precisamos que as fortes energias que impulsionam a luta das mulheres, dos quilombolas, dos indígenas, LGBTQIA+, dos negros, entre outras lutas contra discriminações odiosas (reforçadas pela ação preconceituosa da extrema-direita e pelo oportunismo dos empregadores), enfim, essa vitalidade política, apoiada por todos os sindicalistas socialistas e democratas, esteja nas lutas contra a precarização salarial e dos direitos trabalhistas e sociais que cresceu no Brasil atual. *Todas e todos, em todas as lutas* - essa é a palavra de ordem.

O Andes-SN como organização democrática e pluralista

Também na história de nosso movimento e da nossa organização sindical desenvolveram-se a democracia e a pluralidade de ideias. Os princípios associados a essas duas conquistas da vida coletiva são mais que importantes: são fundamentais. Eles precisam ser defendidos e fortalecidos. Nisso se inclui a defesa e o fortalecimento de valores, a relembrar:

- Democracia interna radical, na qual se assegure não somente o cumprimento das decisões, mas o espaço do contraditório e da disputa política;

- Cumprimento das decisões democraticamente majoritárias, ainda que contrárias às suas ideias e posições pessoais ou de grupo;
- Acolhimento das divergências e dos divergentes, como parceiros de lutas, ainda que comprovadamente minoritários;
- Autonomia sindical em face de grupos, partidos e governos;
- Respeito aos princípios e regras das disputas políticas definidos pelo Andes-SN em seus documentos fundacionais;
- Solidariedade de classe
- Convivência respeitosa entre companheiras e companheiros, em todos os planos da vida coletiva.

Ainda que pareçam dispensáveis essas postulações em um texto para um Congresso de entidade de trabalhadores com mais de 40 anos, infelizmente, alguns desses pontos cruciais foram abandonados em momentos lamentáveis de nossa história recente.

A nossa conjuntura reclama, portanto, que enfrentemos discussões sobre o tratamento dado a questões e militantes, principalmente para que sejam recompostas nossas relações internas à base do respeito, da tolerância, da crítica solidária e da autocrítica honesta e engrandecedora. Tudo em função da pauta de classe, que é a principalidade, mas, também, da formação humana que se dá a cada dia.

Conclusão

Em todas as palavras desse texto está presente a ideia de reconstrução. Reconstrução de nossa pauta de lutas, onde pontifiquem as lutas econômica e política do nosso movimento. É quando estaremos enfatizando nossas reivindicações enquanto docentes e servidores públicos, reforçando o diálogo com nossas bases, que hoje se dividem entre os que vivem privações, com salários e direitos precarizados, e os que cedem ou se engajam em projetos privatizantes da universidade pública. Nesse quadro, muitos descredenciando das lutas coletivas e, por extensão, do movimento sindical. Reconstrução dos nossos termos de unidade na luta, de convivência das ideias, de democracia, de pluralismo, de respeito e de solidariedade - enfim, do resgate da palavra companheiro/a.

As condições abertas a partir de 2023 serão triplamente difíceis. Primeiro, porque precisaremos mudar condições e leis que têm servido ao aumento da exploração do trabalho.

Falamos dos salários congelados e aviltados, dos contratos de pronta demissão e dos empregos sem direitos, tudo muito interessante ao grande, médio e até pequeno capital.

Essa situação, imposta aos trabalhadores, já praticada em grande parte do serviço público de Estados e Municípios, atinge muitos colegas das Universidades, em especial novos docentes e servidores. Com a PEC 32/20, querem estendê-la a todo o funcionalismo federal. Os segmentos do capital, que se beneficiam dessa situação, estiveram/estarão bem representados nas alianças de 2022 e nos ministérios, a partir de 2023. Em segundo lugar, esses capitais são também interessados na educação e no SUS, com velhos e novos projetos de privatização dessas áreas, que de há muito tempo vêm oscilando entre o valor e a mercadoria, atualmente com claro viés de mercado.

Finalmente - supomos - há a extrema-direita cumprindo a dupla função de ser espantinho, para manter o protagonismo da direita no novo governo, e, ao mesmo tempo, de ser porta-voz dos discursos mais extremados contra os sindicatos dos trabalhadores, os partidos do trabalho e os próprios trabalhadores.

O diálogo com a pauta material dos trabalhadores, articulando, de modo objetivo, a totalidade das lutas, reunindo as forças que querem o trabalho e a vida social dignos – é o que se torna mais urgente e importante; nessa conjuntura de embates e esperanças.

Dezembro de 2022

TEXTO 4

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), André Moreira Bordinhon (ADUA), Danielle Gonzaga de Brito (ADUA), Douglas Ferreira de Paula (ADUA), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Leonardo Dourado de Azevedo Neto (ADUA), Lourival Felix (SESDUEM), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR), Viviane Vidal da Silva (ADUA).

**PELA INDEPENDÊNCIA POLÍTICA E ORGANIZATIVA DO
MOVIMENTO SINDICAL, POPULAR E ESTUDANTIL DIANTE
DO GOVERNO BURGUESES DE FRENTE AMPLA DE
LULA/ALCKMIN**

TEXTO DE APOIO

A eleição da chapa Lula/Alckmin para a presidência da república expressa a continuidade e novas configurações da crise política que emergiu com base nos impactos da crise econômica mundial no Brasil. A extrema polarização e a apertada vitória de Lula expressaram uma significativa divisão interburguesa, uma radicalização pela direita de uma grande camada da classe média e uma ausência de independência política das organizações operárias e populares. A divisão entre frações da burguesia em torno de Lula e Bolsonaro, com a ajuda das direções sindicais e populares, arrastou as massas oprimidas. Essa divisão continuará sendo cultivada pelo novo governo e pela oposição bolsonarista. A luta pela independência política da classe operária ganhará novas dimensões e particularidades. A unidade da maioria oprimida só pode ser conquistada se as massas se colocarem em movimento em defesa de suas reivindicações mais sentidas de empregos, salários, direitos e terra, com seus métodos próprios de luta, a partir dos comitês e assembleias populares presenciais. Essa tarefa está em choque com a conciliação de classes encarnada no nacional-reformismo petista e no governo de frente ampla, e seguida pelas correntes de esquerda que se embocaram em torno do PT nas eleições. A conquista da independência política e organizativa dos explorados, por outro lado, é a condição incontornável para que as ações golpistas da ultradireita possam ser enfrentadas.

Bases da divisão interburguesa e tendências sob o novo governo

Lula não recuperou seus direitos políticos como fruto da luta das massas, com seus métodos próprios de luta, mas sim por meio das instituições burguesas. A deterioração do governo Bolsonaro ante a prolongada pandemia e os efeitos da guerra na Ucrânia abriu caminho para que uma ala da burguesia voltasse a requisitar os serviços do caudilho petista. A experiência das massas com os ataques dos governos do PT foi interrompida por meio do golpe de 2016, realimentando as ilusões das massas em Lula após os profundos ataques do governo Bolsonaro. É visível a influência da decomposição da economia mundial sobre as condições sociais e políticas no Brasil, que o atingiram internamente e potenciaram seus desequilíbrios estruturais. Ressaltaram-se, no marco da estagnação e da regressão econômicas, a elevação da miséria e da fome; a mortandade causada pela Covid-19; a recessão, seguida de baixa recuperação; o fechamento de fábricas, as demissões em massa, o congelamento dos salários do funcionalismo, a redução do valor médio da força de trabalho, o inchaço do contingente de pessoas morando nas ruas. De conjunto, essas consequências minaram o governo de Bolsonaro e abriram caminho à candidatura e vitória de Lula.

Apesar das promessas de que o voto em Lula faria "o povo feliz de novo", o cenário econômico internacional, somado aos seus efeitos na política e economia no Brasil, indica margens mais estreitas para concessões às massas. As contradições da economia mundial, a guerra comercial e as tendências bélicas estão em pleno desenvolvimento. Nada indica que haverá um arrefecimento em curto espaço de tempo. A escalada militar, desencadeada pela guerra na Ucrânia e motivada pela guerra comercial dos Estados Unidos com a China, continuará marcando o próximo período, ainda que possam haver altos e baixos. A base dessa possibilidade se encontra no prolongamento da guerra na Ucrânia, iniciada em 24 de fevereiro de 2022. A manutenção do conflito no coração da Europa é, sobretudo, do interesse do imperialismo norte-americano. Mantém-se vigente a necessidade da luta pelo fim da Guerra, com uma política capaz de unificar o proletariado russo e ucraniano, como parte do proletariado europeu e internacional. As greves na Europa, como resposta aos efeitos das sanções econômicas, com altas inflacionárias, indica essa tendência da luta de classes. Faz falta, porém, uma política internacionalista, que se coloque em choque com o imperialismo e empunhe as bandeiras de desmantelamento da OTAN e suas bases militares e abaixo as sanções econômicas. Ao mesmo tempo, é preciso apontar que a Rússia respondeu ao cerco militar da OTAN com a opressão nacional sobre a Ucrânia, usando-a como escudo, o que coloca na ordem do dia as bandeiras de fora as tropas russas do território ucraniano, em defesa da autodeterminação e integralidade territorial da Ucrânia. Uma solução progressiva ao conflito depende de que a classe operária se coloque em movimento e conquiste sua independência.

Há que se esperar, por outro lado, que o recrudescimento da guerra comercial no Indo-Pacífico continue a envolver cada vez mais a questão territorial de Taiwan. São sintomáticas as movimentações norte-americanas no Oriente Médio contra o Irã, e o retorno das ameaças intervencionistas dirigidas à Coreia do Norte. Esses aspectos, em forma de síntese, dão a dimensão das tendências desagregadoras, que se movimentam sobre a base da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção. Seus reflexos continuarão a influenciar o desenvolvimento da crise econômica e política no Brasil. Trata-se de uma situação, em certa medida, distinta à de 2003, quando Lula iniciou seu primeiro mandato de presidente da República. As mesmas condições são a base para que os governos ditos progressistas, em torno dos quais as esquerdas reformistas, centristas e stalinistas alimentam ilusões, rapidamente se diretizem e se choquem com as massas, promovendo ataques e reprimindo as lutas que despontam. São sintomáticos os casos do Chile de Boric, com a repressão aos estudantes e povo mapuche, assim como o de Castillo, no Peru, cuja subordinação aos interesses burgueses fez com que se isolasse das massas, ficando vulnerável ao parlamento golpista. Comprova-se, mais uma vez, que mesmo reformas democráticas não podem ser concretizadas pelos governos burgueses ditos progressistas. Os interesses inconciliáveis entre a minoria exploradora e a

maioria explorada tornam inviável a promessa de governar para todos. Como esses governos não têm o propósito de convocar a mobilização das massas contra o grande capital, só sobrevivem quando se submetem completamente às imposições da direita. A grande frequência de golpes atesta a decomposição da democracia burguesa.

O lugar do Brasil na crise mundial

As eleições presidenciais no Brasil sempre despertaram a atenção dos Estados Unidos e das potências europeias. A economia brasileira tem um peso significativo na América Latina, que transcende suas fronteiras e se projeta em nível mundial. Mas, as eleições de outubro de 2022, que reconduziram Lula ao poder, foram acompanhadas com especial empenho pelo imperialismo. Bolsonaro se alinhou com a ultradireita estadunidense. E o fato de ter se colocado na condição de adepto incondicional do republicano Trump causou reação em setores da burguesia brasileira. Lula, em seus mandatos anteriores, buscou calibrar a submissão ao imperialismo norte-americano, com maior espaço para o imperialismo europeu, além das iniciativas "sul-sul", o que não impediu que prestasse grandes serviços ao imperialismo, a exemplo da liderança da ocupação do Haiti e seu papel na contenção da luta de classes na América Latina. A divisão interburguesa no seio dos Estados Unidos, expressa pelo desenvolvimento da ala de extrema direita, levou a que o democrata Biden, ainda que mais ou menos disfarçadamente, tenha se colocado pela vitória de Lula, uma vez que não foi possível a potenciação da candidatura de “terceira via”.

O imperialismo norte-americano exerceu uma forte pressão sobre o Estado e o próprio presidente Bolsonaro para que as eleições ocorressem normalmente, sem sobressaltos e em conformidade com a orientação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Houve uma sensível operação externa dos Estados Unidos e das potências europeias para que a crise política insuflada pela contestação de Bolsonaro e seus militares às urnas eletrônicas não fosse além dos limites toleráveis à democracia oligárquica. Desta vez, o imperialismo não encontrou motivos suficientes para alimentar as tendências golpistas encarnadas pela ultradireita bolsonarista. A incapacidade da candidatura promovida pelos partidos da terceira via não levou a uma movimentação das potências, como os Estados Unidos, França e Alemanha em direção à vitória de Bolsonaro. O controle que Lula exerceu em seus dois mandatos sobre os sindicatos e o movimento camponês serviu de prova para o imperialismo hipotecar sua confiança no retorno do petista ao poder do Estado. O novo governo se constituiu sob a sombra dos interesses gerais do imperialismo.

Declínio econômico e decomposição da democracia oligárquica

A decisão de Lula e do PT de montar um governo de frente ampla expressa a divisão interburguesa, a confrontação política, a vitória apertada, o fortalecimento das tendências golpistas nas entranhas da classe média e a própria pressão do imperialismo. Essas manifestações políticas, no entanto, se assentam e têm suas raízes no declínio econômico do Brasil, na projeção da miséria e nos profundos antagonismos de classe. Não é que não existam potencialidades para desenvolver as suas forças produtivas. Ocorre que, há muito, agigantam-se as travas que impedem o País de dar um salto à frente. O controle dos ramos-chaves da produção pelos monopólios, via de regra, multinacionais, o predomínio da exportação de commodities em detrimento das manufaturas, a desproporcional dívida pública, a alta concentração de riqueza em poder da ultraminoria e a generalizada pobreza e miséria da maioria oprimida alicerçam o Estado burguês semicolonial, limitam a democracia oligárquica, condicionam a governabilidade, polarizam as classes e impossibilitam uma estabilidade política minimamente duradoura.

O PT originou-se como partido reformista. Deparou-se com a rede de contradições típicas de um país semicolonial, que não apenas o impede de avançar suas forças produtivas, como o leva a retrocessos e decomposição. O processo de desindustrialização é a prova mais contundente dessa situação. Não há possibilidade de realizar reformas democráticas estruturais. O nacional-reformismo, como mostra a história política do Brasil, nem por isso deixa de existir. Mas, sempre acaba fracassando e cumprindo um papel contrarrevolucionário. Lula e o PT dão, agora, o mais avançado passo de traição às massas, servindo de instrumento da divisão interburguesa, da constituição de um governo burguês de frente ampla, da preservação da grande propriedade privada dos meios de produção e da manutenção dos interesses gerais do imperialismo.

O embate entre Lula e Bolsonaro expôs também o caráter estrutural da crise política e a profunda degradação da democracia burguesa. A situação pré-eleitoral e a eleitoral estiveram estremecidas pelas ameaças de golpe de Estado. Ainda que as condições não permitissem um movimento golpista, que contasse com as Forças Armadas, a orientação autoritária do governo Bolsonaro foi a de tensionar os limites da democracia oligárquica o quanto pudesse. Lula, o PT, sua aliança e a burocracia sindical se mostraram incapazes e impotentes para mobilizar a classe operária e os demais explorados contra as tendências golpistas. Assim, ficaram subordinados à fração burguesa descontente com as diretrizes de Bolsonaro e alarmada com a decomposição do governo. As movimentações políticas em “defesa da democracia e do Estado de Direito” foram concebidas e organizadas entre capitalistas, associações empresariais e instituições paraestatais. Por essa via, se pavimentou a anuência de importantes grupos econômicos à candidatura de Lula e a articulação em torno a um governo de frente ampla. As direções das centrais sindicais,

seguidas pelos sindicatos, inclusive o ANDES-SN, se colocaram, em nome de um pacto pela democracia, pela constituição de um governo de colaboração de classes.

Os passos iniciais de formação do novo governo evidenciaram o compromisso de Lula de que não seria um governo do PT e aliados de primeira hora. É como se os milhões que elegeram Lula tivessem dado a autorização de estabelecer uma co-governabilidade com os partidos que concorreram pela “terceira via” ou até mesmo aqueles que até ontem sustentaram Bolsonaro, como o ministro da defesa, do PTB de Roberto Jefferson. Os ministérios serão distribuídos de acordo com a força dos partidos burgueses, que estejam dispostos a garantir a governabilidade no Congresso Nacional. Lula inicia o seu governo, portanto, subordinado à composição e correlação de forças da situação e da oposição no Legislativo. Os parâmetros e limites da nova governabilidade estão estabelecidos antecipadamente. A capacidade e as diretrizes da política do governo Lula são delimitadas de forma que as massas não exerçam nenhuma influência, embora tenham decidido em um processo de grande polarização pela vitória do petista. O governo de frente ampla é expressão do grande capital e das frações oligárquicas da burguesia nacional. Fica patente, de maneira escandalosa, a farsa reformista da defesa da “democracia em geral” e “da soberania popular”.

O governo já nasce submetido ao capital financeiro, frações burguesas e oligarquias

O gabinete de transição, coordenado pelo vice-presidente Alckmin, esteve voltado, sobretudo, a responder às pressões da fração burguesa e dos partidos da terceira via, que exigiram o compromisso de Lula de garantir o “equilíbrio fiscal” e dar seguimento às contrarreformas de Temer e Bolsonaro. A Emenda Constitucional do Teto de Gastos foi ultrapassada diante das emergências da Pandemia. Não é tolerável ao capital financeiro que o novo governo passe a prescindir de um instrumento de balizamento de gastos, de distribuição de recursos federativos, de superávit primário e, assim, de imposição de um formato pré-estabelecido de orçamento público. Os bancos, as associações de financistas, os credores da dívida pública e toda sorte de especuladores deram um ultimato ao novo governo, de que contará com sua condescendência até o ponto em que não se ameace a manutenção da gigantesca ciranda parasitária, que se movimenta em torno à dívida pública. O governo de Lula deverá, obrigatoriamente, submeter as diretrizes e decisões econômicas às exigências dos credores dos títulos da dívida pública e do FMI. Não por acaso, a equipe de economistas neoliberais, que serviram ao governo de Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, e que se formou vinculada ao capital financeiro e à orientação do FMI, se deslocou para a candidatura de Lula, expressando, francamente, as manobras partidárias voltadas à estruturação do governo de frente ampla. Está claro que o PT abandonou as críticas e reservas ao “neoliberalismo” do

PSDB e consortes. As discordâncias internas ao partido, quanto à avançada subordinação do governo a aliados, que até ontem protagonizaram o golpe de Estado contra o governo de Dilma Rousseff, são sufocadas pela completa adaptação de Lula às relações de poder nas entranhas do Estado burguês. Nas condições de novos desdobramentos da crise econômica, de alta inflacionária, de baixo crescimento, de elevada taxa de desemprego, agigantamento da miséria, de polarização política, de aumento das pressões imperialistas e de perigo de explosões sociais, Lula, para governar e se sustentar na presidência, necessita dos velhos partidos oligárquicos.

As negociatas em torno à Proposta de Emenda Constitucional 32/2022, a PEC da Transição, foram uma imposição do Orçamento exíguo deixado por Bolsonaro e pelo domínio do Centrão no Congresso Nacional. Lula, que prometera na campanha liquidar o “orçamento secreto”, se viu na contingência de se submeter aos seus opositores. A reeleição de Arthur Lira à presidência da Câmara contou com o apoio do PT. Imperaram as relações políticas oligárquicas que refletem a caricatura da democracia brasileira. Mesmo que Lula, o PT e a sua coligação à esquerda pretendam fazer algum tipo de reforma, denominada “democrática popular”, se veem tolhidos pelas forças oligárquicas que controlam o Estado. O maior imperativo inicial ao novo governo se impôs diante da promessa eleitoral de garantir a continuidade do assistencialismo, que tem no “Bolsa Família” a sua máxima expressão. Lula incrementa o valor de R\$ 600,00, que foi estabelecido pelo próprio Bolsonaro em seu “Auxílio Brasil”, com seu minguado “auxílio criança”, de R\$ 150,00. Toda discussão em torno a um valor acima do teto – armada com as negociatas para decidir quanto e até quando poderia ter vigência a PEC da Transição – expôs a incompleta incapacidade da burguesia e dos seus partidos de responderem à pobreza, miséria e fome, que sacrificam a maioria oprimida, assolam o País e travancam o desenvolvimento das forças produtivas. Os reformistas de diversas procedências, uma vez com a presidência da República em suas mãos, expõem com toda clareza sua impotência e seu papel de auxiliares do grande capital em desviar e impedir o desenvolvimento de qualquer tendência revolucionária da classe operária e dos demais oprimidos.

As negociatas de Lula, do PT e dos aliados com o Centrão, que constitui o antro do predomínio da direita e da ultradireita burguesas, para que lhes dessem um pouco de oxigênio, de forma a não serem asfixiados já nos primeiros dias do nascimento de seu governo, evidenciaram que sua impotência deriva de todo o processo histórico de adaptação da esquerda reformista ao capitalismo em decomposição e à opressão nacional, exercida pelo imperialismo sobre o Brasil, a América Latina e a outras latitudes. A utilização da miséria e fome de milhões de brasileiros, para manter em pé a política reformista, é a maior demonstração de seu lugar como instrumento da contrarrevolução, que se manifesta nos grandes momentos da luta de classes e das disputas interburguesas pela mudança de governo. O “Bolsa Família”, usado pela esquerda burguesa, ou o “Auxílio Brasil”, pela ultradireita burguesa, não guarda antagonismo de

conteúdo entre si, uma vez que ambas as tendências políticas do espectro burguês, não apenas se mostram incapazes de dar um passo sequer no sentido da erradicação da miséria e da fome, como também se mostram servidores da manutenção do capitalismo historicamente esgotado e mais do que amadurecido, objetivamente, para ser transformado pela revolução proletária.

O assistencialismo é incapaz de erradicar a miséria e a fome

Os dados do IBGE são indicadores de catástrofe econômico-social. Em 2021, 29,4% da população sobrevivia com menos de R\$ 16,20 por dia, um contingente de 62,525 milhões miseráveis. Nessas condições, destaca-se a maior parte da população formada por negros, sobre a qual recaí a superexploração da força de trabalho, os efeitos da discriminação racial e, portanto, a pobreza, miséria e fome. A pesquisa revela ainda que, do universo de crianças menores de 14 anos, 46,2% se encontravam, em 2021, abaixo da linha de pobreza, abarcando o gigantesco número de 20,314 milhões. Desse universo, 5,875 milhões passam fome severa. Certamente, situações de aprofundamento da crise econômica, como a que o País atravessou em 2021, atingido pela pandemia, alavancam a pobreza e a miséria. Milhões que se encontravam nas condições de pobreza, mergulham no mundo da fome severa. Esses assombrosos números – típicos da avançada barbárie social – foram minimamente amenizados com "programas sociais" ou de "transferência de renda". Tais medidas paliativas são apresentadas como comprovação da tese socialdemocrata de viabilidade de se combinar a acumulação de capital com a distribuição de renda, ou então, combinar crescimento econômico com igualdade social. Com Bolsonaro, o salário mínimo regrediu em seu já miserável valor. A depender da crise econômica e da política do governo burguês de plantão, a queda de contingentes das massas na pobreza, miséria e fome pode ser mais ou menos atenuado. Mas, a função do "distributivismo" é a de preservar as relações capitalistas de produção, e, assim, a fonte geradora da pobreza, miséria e fome. A luta do proletariado dirige-se à erradicação de todos esses males da sociedade burguesa em decomposição. Está, assim, em completa contradição e oposição ao reformismo caduco e às demais variantes da política burguesa. A eliminação da pobreza, miséria e fome exige profundas reformas que somente a revolução proletária poderá iniciar como parte das transformações socialistas.

É urgente organizar a luta independente por salários, empregos e direitos

Está claro que o governo de frente ampla não tem como ir muito além do assistencialismo mais limitado e não pode assumir qualquer compromisso de elevar o valor do salário mínimo que mantém milhões de trabalhadores na pobreza e miséria. Nada poderá fazer para reverter, significativamente, a alta taxa de desemprego e de subemprego. As promessas de Lula em

relação a governos anteriores foram mais limitadas, neste quesito. Em vez de prometer gerar 10 milhões de empregos, como o fez outrora, agora promete linhas de microcrédito para "empreendedores". A informalidade continuará a sacrificar a força de trabalho. Os capitalistas esperam que Lula não reverta nada de importante, que consta nas reformas trabalhista e previdenciária. Entre os ataques armados pelos governos de Temer e Bolsonaro, a implantação da terceirização é de fundamental importância para os exploradores se utilizarem da flexibilização capitalista do trabalho e, assim, rebaixarem o custo médio da força trabalho. A alta tecnologia há muito se instala em contraposição ao trabalho. Nos últimos tempos, a informatização vem intensificando a contradição entre a produção social e apropriação privada pelos capitalistas. Nessas condições avessas à abertura de postos de trabalho, a burocracia sindical colabora francamente com o fechamento de fábricas e realiza acordos de liquidação maciça de empregos.

No passado, o PT e a CUT chegaram a defender bandeiras como redução da jornada sem redução dos salários, estabilidade no emprego, salário mínimo de acordo com os cálculos do DIEESE, hoje no valor de R\$ 6.575,00, reajuste dos salários de acordo com a alta do custo de vida e aumento real. Esse conjunto de reivindicações próprias do programa operário foi substituído por medidas de flexibilização trabalhista, ditadas pelas multinacionais e transformadas em contrarreformas a favor dos exploradores em geral.

Os governos da direita e ultradireita burguesas, de Temer e Bolsonaro, conseguiram concretizar as contrarreformas antioperárias, antipopulares e antinacionais, sem que a resistência esboçada pelos explorados pudesse alterar a correlação de força favorável à burguesia, graças à política de colaboração de classes dos reformistas e da burocracia sindical. Agora, Lula volta ao poder, tendo de seguir o curso estabelecido pelos dois governos anteriores. O programa de reivindicações abandonado pelas direções sindicais mantém a sua vigência, esteve em oposição à disputa eleitoral e se volta contra o governo Lula e a classe capitalista. A luta para que as massas o tomem em suas próprias mãos e passem a confiar em suas próprias forças está na razão direta do desenvolvimento da estratégia, dos métodos e da tática da revolução proletária.

A colaboração de classes como fator de sustentação da governabilidade burguesa

As condições de brutal exploração capitalista do trabalho, de alto desemprego e de miserabilidade dos trabalhadores permanecem, sem que o novo governo possa alterar seu caráter estrutural, e nem mesmo amenizá-las sensivelmente. Esse estado de barbárie social ressalta a ampla e profunda desorganização sindical e política da classe operária. Nas eleições polarizadas, assistimos quanto as organizações do proletariado estão degeneradas pela burocratização, pela política de colaboração de classes e pela estatização. Essa ampla adaptação

dos sindicatos à dominação burguesa se reflete em grande medida no movimento camponês, popular e estudantil. Suas direções amordaçam os instintos de revolta dos oprimidos em geral e os canalizam para a confiança de que a solução virá de um governo mais compreensivo em relação à tragédia vivida pelas massas.

A ampla frente sindical-burocrática que se estruturou em torno à candidatura de Lula refletiu a frente ampla burguesa, voltada a remover Bolsonaro. Essa frente tem a função de sustentar a governabilidade do governo de coalizão de Lula/Alckmin. Bolsonaro e seus seguidores mais extremistas passaram à oposição, carregando a bandeira do golpismo. A ultradireita perdeu a presidência, mas não a força política baseada amplamente nas classes médias, em uma fração da classe capitalista e em aparatos militares, policiais e religiosos. Os bloqueios de estradas, as persistentes manifestações em frente aos quartéis sob a bandeira da intervenção militar, e as ações violentas na noite da diplomação de Lula puseram à luz do dia as tendências mais reacionárias do capitalismo em decomposição. A política de colaboração de classes sob o novo governo não dissolve e não limita a potenciação das tendências fascizantes, que se verificam não apenas no Brasil, mas em todo o mundo capitalista. O enfrentamento a essas tendências depende da luta de vida ou morte pela quebra da política de conciliação de classes, amplamente instalada nos sindicatos e nos movimentos populares.

Da parte das direções sindicais, populares e estudantis, a tendência é de aprofundamento da estatização e burocratização das organizações de massa. Se, no passado, esse fenômeno já alcançou seu ápice com a Reforma Sindical, inserção da burocracia dos sindicatos e movimentos em postos no governo, gestão de fundos de pensão, conselhos de estatais, etc. Agora isso se dá sem nem mesmo haver uma oposição parlamentar à esquerda. O MST, que já havia se subordinado aos governos petistas, agora criou seu próprio braço eleitoral no interior do PT, com suas candidaturas próprias. O PSOL compôs a coligação da chapa Lula/Alckmin e, apesar de divergências internas, objetivamente disputa espaço nos ministérios. Lideranças dos movimentos por moradia, camponês, sindical, estudantil, negro, indígena, feminista, etc. adentraram aos montes nos grupos de trabalho do governo de transição, ao lado de privatistas e reacionários de todo tipo. Os primeiros passos do ANDES-SN e movimento do funcionalismo público diante do novo governo indicam que estão trilhando o caminho da conciliação, mesmo que mantenham palavreados de autonomia e classismo. Se, antes da eleição, já haviam canalizado as lutas de rua para o eleitoralismo e, no segundo turno, se alinharam todos em torno da candidatura de Lula/Alckmin, passada as eleições emitiram notas parabenizando Lula e se reuniram com o governo de transição apresentando uma pauta de reposição salarial parcial, com o pretexto de caber no orçamento do governo. Ou seja, em vez de se direcionar à categoria o chamado para organizar sua luta pela reposição integral das perdas com seus métodos próprios, serve à encenação de um governo que nasce ouvindo todas as demandas, mesmo que esteja

claro que a manutenção do compromisso com os credores da dívida pública, as frações burguesas e as oligarquias está em choque com o atendimento das reivindicações gerais dos trabalhadores e do funcionalismo em particular. Sem que haja a mobilização do funcionalismo com os métodos históricos de luta, em especial a greve, nem mesmo a reposição parcial será alcançada.

A superação da política de conciliação de classes depende de que o proletariado consiga varrer as burocracias sindicais e se coloque em movimento em torno de seu programa de reivindicações, o que pode abrir caminho para que descubra suas próprias forças, se liberte das ilusões democráticas e eleitorais e consiga fundir seu instinto e revolta com o programa da revolução social.

Por uma oposição revolucionária ao novo governo burguês e uma resposta combativa ao golpismo bolsonarista

A Corrente Proletária na Educação, vinculada ao Partido Operário Revolucionário (POR) se valeu da situação política criada pela disputa eleitoral para defender junto à classe operária e aos demais explorados o programa próprio de reivindicações e a estratégia da revolução proletária, sintetizada na bandeira do governo operário e camponês. Alertou os trabalhadores para que não confiassem nas eleições burguesas e não se submetessem à divisão e polarização criadas pelas candidaturas de Lula e Bolsonaro. Chamou a confiarem em suas próprias forças coletivas e unidade na luta por suas necessidades e reivindicações. Convocou a votarem nulo, em defesa de seu programa próprio e da luta direta para impor à burguesia e ao governo suas reivindicações de emprego, salário, direitos trabalhistas, moradia, saúde e educação. Expôs a necessidade da independência dos sindicatos diante do Estado, dos partidos burgueses e das eleições voltadas a constituir um novo governo para administrar o capitalismo em decomposição. Nessa luta pela independência de classe do proletariado, a CPE-POR denunciou a política de colaboração de classes, responsável pela desorganização dos explorados e pelo bloqueio de suas revoltas instintivas, diante das contrarreformas governamentais de Temer e Bolsonaro, das demissões em massa, do fechamento de fábricas, da implantação da terceirização e da projeção da miséria e fome, que atingem milhões de famílias trabalhadoras.

A luta pela independência dos explorados, defesa de suas reivindicações e organização do movimento coletivo tomou forma desde a pandemia. Continuou nas novas condições políticas criadas pelo movimento do “Fora Bolsonaro e Impeachment”. E se estendeu para as polarizadas eleições, de forma a colocar para a maioria oprimida que a defesa de suas condições de existência dependia de sua organização independente em relação à política dos exploradores e da luta de classes. Nesse sentido, coloca-se a tarefa imperativa de libertar os sindicatos da

burocracia e de constituir as direções classistas e revolucionárias. Nas novas condições políticas, que se desenvolverão sob o governo de frente ampla montado por Lula, essa linha se expressará no trabalho pela constituição de uma oposição revolucionária ao governo de colaboração de classes e diametralmente contrária à oposição reacionária do bolsonarismo; na defesa do programa próprio; na luta pela superação do divisionismo e pela unidade dos operários, dos camponeses, indígenas, quilombolas e das camadas pobres da classe média urbana; na aplicação da tática de frente única anti-imperialista; e no desenvolvimento da estratégia do governo operário e camponês.

É fundamental não perder de vista a crise de direção, que não é apenas nacional, mas internacional. É isso que possibilita um amplo controle da burocracia sobre os sindicatos e a vasta influência da política de conciliação de classes encarnada pelo PT e por seus seguidores. No último período, a gravidade da crise de direção se evidenciou na implantação das contrarreformas de Temer e Bolsonaro, na aplicação da MP 936, no fechamento de fábricas, nas demissões em massa e no aumento da pobreza, miséria e fome. O reformismo e o burocratismo sindical se mostram os grandes responsáveis pela desorganização da classe operária e pela facilidade com que os governos antinacionais e antipopulares de Temer e Bolsonaro se mantiveram no poder, embora mergulhados em uma profunda crise política. A polarização eleitoral e a divisão da maioria oprimida em torno a duas variantes da política burguesa refletiram o significado histórico da crise de direção no Brasil.

O movimento docente universitário pode cumprir um papel progressivo se conseguir desenvolver em seu interior uma fração revolucionária, capaz de expressar um programa proletário, conectando as reivindicações mais imediatas com a estratégia de superação do modo de produção capitalista. Para isso, precisará romper com a política de conciliação de classes que está encarnada nos partidos que disputam atualmente a direção do nosso sindicato. Que a atuação do ANDES-SN nas diversas frentes com a comunidade universitária, funcionalismo público, sindicatos e movimentos populares, se dê sob o objetivo de reconquistar a independência política e organizativa das organizações de massa. Para isso, devemos trabalhar para que os explorados se coloquem em movimento por suas próprias reivindicações, com seus métodos históricos. Por essa via conseguiremos ter uma entidade autônoma em relação à política burguesa e realmente classista.

TEXTO 5

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: José Glauco Ribeiro Tostes (ADUENF), Emerson Antonio Rocha Melo de Lucena (ADUSC), Maria Aparecida dos Santos Aguiar (ADUSC), Maurício Santana Moreau (ADUSC), Alessandro Fernandes Santana (ADUSC), Marcial Cotes Jorge (ADUSC), Lucimar Pereira de França (ADUSC), Eliana Cristina Paula Tenório de Albuquerque (ADUSC), Zoemia Núbia Sampaio de Souza (ADUSC), Elvis Barbosa (ADUSC), João Carlos Dias (ADUSC), Arturo Rodolfo Samana (ADUSC), Francisco Bruno Souza Oliveira (ADUSC), Décio Tosta de Santana (ADUSC), Marcelo da Silva Lins (ADUSC), Maria Neusa de Oliveira (ADUSC).

CONJUNTURA INTERNACIONAL (CHINA; FASCISMO) E FASCISMO NO BRASIL

TEXTO DE APOIO

AVALIAÇÃO DE CONJUNTURA INTERNACIONAL

No presente texto, avançamos análise classista de conjuntura pautada *cientificamente*, através de um início bem acessível, em “duas mãos” complementares:

(1) via *metodológica* das três leis ou Princípios do “*Materialismo Dialético*” (MD-1878; Engels), com destaque aqui para apenas um Princípio, o *Princípio da Interpenetração de Opostos*” (PIO). Aqui pretendemos avançar em relação à avaliação de conjuntura Internacional da ADUSC do ANDES-22 feita então para uma China encarada apenas como uma mera potência essencialmente *capitalista*.

(2) via *teoria* da história universal de uma só página, “*Materialismo Histórico* (MH-1859; Marx), em sua versão mais simples, *sem* dialética, dentro dos limites da “lógica formal”. Aqui pretendemos apresentar limites da aplicação intensa e quase centenária de tal teoria à interpretação classista do fascismo, limites que se estendem à sua aplicação a atual avaliação de conjuntura do ciclo fascista do séc. XXI em termos internacionais e brasileiros

China – capitalista e socialista; uma análise classista dialética (PIO) de conjuntura.

Estamos complementando o texto 7 da Avaliação de Conjuntura da ADUSC do Caderno de Textos ANDES-2022, particularmente no que se refere à economia *chinesa*. Em que

estágio histórico está a *economia chinesa*? Mais especificamente, em termos de tendência para 2023: a China vai sustentar sua posição de *locomotiva do PIB mundial* ao longo de 2023?

Ao longo de 2022 multiplicaram-se análises internacionais, sobre a última pergunta acima, que em última instância podem-se situar em um dos dois ramos de uma bifurcação: um deles, situa a China em vias de *perder força* no seu extraordinário ciclo produtivista, o que se refletiria em queda do PIB mundial e, no limite, se refletiria no advento da “crise estrutural do capitalismo” (ver questão central do texto 7 acima mencionado); em particular, o texto de avaliação de conjuntura da Diretoria do ANDES-SN em recente CONAD, dando mais atenção ao *status* da economia chinesa no comércio globalizado, parece caminhar nesse mesmo ramo geral de questionamento. No outro ramo, argumenta-se em defesa da atual pujança chinesa ainda em curso, chegando-se, especificamente, a defender uma *relativa* imunidade dos BRICS – sob a liderança chinesa – face aos sobressaltos nas economias do EUA e, principalmente (crise energética), da UE. Esta diversidade de posições sobre a economia chinesa é, em parte, reflexo ideológico da guerra comercial em curso China x EUA. Somente ao longo de 2023 poder-se-á avançar de modo mais objetivo rumo ao real *status* econômico chinês.

Na referida análise do texto 7 (2022) acima consideramos a China como uma economia essencialmente apenas *capitalista*, como aliás, larga parte das análises internacionais acima mencionadas. Isto é, no texto 7, estamos respondendo à uma questão entre dois opostos “atomizados”, nitidamente separados: “É a China uma economia capitalista *ou* socialista?”, por meio de uma das duas rígidas opções. Este modo de perguntar pertence ao campo da *lógica formal*: “*ou*” é o elemento de ligação entre os dois opostos.

Podemos rephrasear, no presente texto, em nova chave metodológica, a última pergunta acima em termos do PIO, referenciado no primeiro parágrafo do presente texto. Agora temos uma *nova* pergunta, de maior complexidade: “Em que medida está a economia chinesa, na presente conjuntura, num certo grau de interpenetração dialética *parcial* entre os dois opostos: economias capitalista *e* socialista?” Agora o elemento de ligação é um “*e*”. Agora temos uma pergunta *dialetrizada*: um polo socialista interpenetrando-se em polo capitalista (essas duas “partes” não são independentes entre si *nessa* relação, isto é, não existem aí fronteiras claramente definidas entre elas). Temos aqui, via história do séc. XX, um – entre vários exemplos de tal interpenetração – possível caso para comparação com a presente conjuntura chinesa: o “Welfare State “capitalista”. Também aqui se apresenta uma possível leitura via interpenetração capitalismo-socialismo com substantiva transferência de renda *salarial* e com investimentos públicos de *assistência social* com redução perceptível do desnível de desigualdade social, nos EUA no período, de grosso modo, 1940-1980 (na realidade, “Warfare-

Welfare State”). A partir de cerca de 1980, com neoliberalismo, o desnível começa a voltar prontamente ao seu patamar de antes de 1940.

Em síntese, a história *ocidental* do séc. XX possui várias interpenetrações dialéticas, por um certo lapso de tempo, no mesmo binômio de opostos acima, envolvendo até potências “*democrático-liberais*” e não apenas cada país do tradicional campo do “*socialismo real*”. Agora, no séc. XXI, a economia da China parece emergir para esse mesmo *status* dialético (em termos marxianos, também apenas por um certo tempo: veja-se texto 7 da ADUSC de 2022).

Extrema direita/fascismo ocidental – limites de uma análise classista não dialética de conjuntura

Nos cerca dos últimos cem anos tivemos/estamos tendo dois grandes ciclos de *extrema direita*, essencialmente ocidentais: (a) ciclo do entre guerras euro – norte-americano no séc. XX; (b) ciclo do séc. XXI, em curso. Dentro de cada ciclo destes situam-se, correntemente, frações *fascistas*.

Alguns historiadores, inclusive classistas, admitem que a extrema direita e seu núcleo fascista são *anti-iluministas*, isto é, são não só antissocialistas como também *anticapitalistas* (tem-se aqui um contraste com a extrema direita que seria óbvio para tais historiadores: capitalismo e socialismo, do séc. XIX em diante, pertenceriam a um *mesmo tronco civilizatório comum iluminista do séc. XVIII*; aí estaria uma primeiríssima *interpenetração* entre estes dois opostos, no seu alvorecer).

Porém, salvo melhor juízo, parte expressiva do pensamento classista, utilizando-se da teoria científica da história universal, *MH-1859*, na sua versão extremamente simples *sem* dialética (vide início deste texto), opta por uma resposta à seguinte pergunta vazada em termos *lógico-formais*, tomando-se Hitler como exemplo: “Hitler é capitalista *ou* anticapitalista?” Resposta de tal “parte expressiva” classista: “*capitalista*” (essa interpretação “universal” da extrema direita pela III Internacional, como “*instrumento da burguesia na sua luta contra o proletariado*”, já vem dos primórdios do fascismo com Mussolini). Chegando aos dias de *hoje*, essa interpretação praticamente equivale a tornar *sinônimos* fascismo e liberalismo. Embora digna, essa tese bem simples de cerca de cem anos enfrenta um campo crítico nas histórias do séc. XIX e XX e, agora, na do séc. XXI. O MH-1859 marxiano em sua versão mais simples tem nessa sua própria simplicidade sua maior força e sua maior fraqueza interpretativa. Mas ainda é um instrumento de luta importante tanto para lideranças como para as nossas bases sindicais, via

Grupos de Trabalho de formação sindical, por exemplo. Sem esquecer o também simples PIO do MD-1878 engelsiano.

AVALIAÇÃO DE CONJUNTURA NACIONAL

Extrema direita/fascismo no Brasil – governo Bolsonaro: uma análise classista não dialética de conjuntura

A Diretoria do ANDES-SN via a mesma teoria científica da História universal, na sua versão padrão extremamente simples, (MH-1859; Marx), utilizando o conceito de *frações do capital*, tomou posição no Caderno de Textos (ANDES-2022) sobre a destruição então em curso – início de 2022 – do país: “As balizas da crise [brasileira] estão organizadas para *destruir* as possibilidades de sobrevivência da classe trabalhadora” (p. 43; itálico nosso). A seguir, por cerca de uma página, o texto prossegue denunciando monumentais “avanços” *destrutivos* do primeiro mandato de Bolsonaro, concluindo no final: “Existe, portanto, um projeto em curso para aniquilar a classe trabalhadora, mesmo que com isso se *destrua o Brasil*” p. 44; itálico nosso). Destruir o país e destruir a classe trabalhadora do país: novamente, agora em escala nacional, ambas as destruições perfazem uma coisa só nessa interpretação simples de conjuntura, já criticada acima no segundo tópico da avaliação de conjuntura internacional.

TEXTO 6

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Alberto Handfas (ADUNIFESP), Alexandre Curtiss (ADUFES), Amália Catharina Santos Cruz (ADUnB), Ana Maria Dantas Soares (Adur), Andrea Carmo Sampaio (Adur), Andréa Emilia Marques Stinghen (APUFPR), Ari Loureiro (ADUFPA), Ariuska Karla Barbosa Amorim(ADUnB), Ascísio Pereira (SEDUFMS), Beatriz Wey (Adur), Benerval Santos (ADUFU), Belkis Souza Bandeira (SEDUFMS), Carolina Nozella Gama (ADUFAL), Cássia Hack (Sindufap), Celi Nelza Zulke Taffarel (APUB/BA), Clarice Aparecida dos Santos (ADUnB), Claudio Porto (APUR), Cláudio Lira (APUB/BA), Cleide Maria Ferraz (ADUPE), Daniela Garrossini (ADUnB), David Romão (APUR), Débora Quetti Marques de Souza(ADUPE), Domingos Sávio da Cunha Garcia (ADUnemat), Edmilson Maia (SINDUECE), Eleonora Ziler (ADUFRJ), Eliene Novaes Rocha (ADUnB), Eduardo Giavara (base UFG), Eduardo Jorge Souza da Silva (AdUFERPE), Elisa Guaraná de Castro (ADUR), Elizabeth de Souza Amorim (ADUPE), Elizabeth Maria Mamede da Costa (ADUnB), Erika Suruagy (AdUFERPE), Eveline Glória Borges Samary (ADUPE), Everaldo de Oliveira Andrade (Adusp), Eunice Lea de Moraes (ADUFPA), Fábio Venturini (ADUNIFESP), Fabrícia Vellasquez Paiva (Adur), Fernando José de Paula Cunha (ADUPB), Flávia Motta (Adur), Flávio Dantas Albuquerque Melo (ADUFAL), Frederico Costa (SINDUECE), Geversson Grzeszczeszyn (ADUNICENTRO), Giovane Mota(ADUFPA), Guilherme Jean P. de Abreu (APUFPR), Humberto de Assis Clímaco (ADUFG), Isabelle Meunier (AdUFERPE), Janne

Freitas de Carvalho (ADUPE), Jocimar Lomba Albanez (ADUEMS), John Kennedy Ferreira (APRUMA), Joelma Albuquerque (ADUFAL), José Arlen Beltrão (APUR), José Eudes Baima Bezerra (SINDUECE), José Eugenio de Jesus Cardoso Graúdo (ApesJF), José Tarcísio de Lima (ADUFLA), Juanito Vieira (ApesJF), Laudemir Zart (ADUnemat), Laura Regina SCM Fonseca (SEDUFISM), Leni Hack (ADUnemat), Lenucia Moura (SINDUECE), Leonardo da Rocha Botega (SEDUFISM), Lia Maria Teixeira de Oliveira (ADUR), Lia Maria Texeira (Adur), Liane de Souza Weber (SEDUFISM), Liliane Maria Macedo Machado (AdUnB), Lisleandra Machado (ApesJF), Liz Denize Carvalho Paiva (Adur), Lori Hack de Jesus (ADUnemat), Lucia Valadares (Adur), Luciana de Amorim Nobrega (Adur), Lucilia Augusta Lino (Adur e Asduerj), Luis Antonio Pasquetti (ADUnB), Luiz do Nascimento Carvalho (ADCAC/AD), Luiz Felipe Silva (ADUNIFEI), Luiz Fernando Rojo (ADUFF), Manoel Pereira de Andrade (ADUnB), Marcelo Pereira Fernandes (Adur), Márcia Morschbacher (SEDUFISM), Maria Carames Carlotto (ADUFABC), Maria de Lourdes Rocha Lima Nunes (ADUFPI), Maria Jaqueline de Grammont (ADUFSJ), Maria Onete Lopes Ferreira (ADUFF), Marian Noal Moro (SEDUFISM), Marina Cordeiro (Adur), Marize Carvalho (APUB), Mariuza Aparecida Camillo Guimarães (ADUFMS), Martin-Léon-Jacques Ibáñez de Novion (ADUnB), Mayra Goulart (ADUFRJ), Melina Silva Alves (ADUPB), Michel Costa (ADUERN), Miriam Cristiane Alves (ADUFPEL), Nadia Maria Pereira de Souza (Adur), Naira Souza Moura (ADUneb), Neila Baldi (SEDUFISM), Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (AdUFERPE), Nilza da Silva Martins (ADUneb), Patrícia Bastos (Adur), Patricia Reinheimer (Adur), Pedro Claesen Dutra Silva (Sinduece), Peri Petit (ADUFPA), Regina Cohen Barros (Adur), Rogério Anez (ADUnemat), Ronalda Barreto Silva (ADUneb), Silvina Liliana Carrizo (ApesJF), Suzana Marcolino (ADUFAL), Tarcísio Augusto Alves da Silva (ADUFERPE), Teresinha Weiller (SEDUFISM), Thiago Dias Trindade (Adur), Tiago Fávero de Oliveira (ApesJF), Valter Pomar (ADUFABC), Victor Ribeiro Neves (ADUPE).

APÓS A ELEIÇÃO DE LULA: CONQUISTAR NOVAS VITÓRIAS PARA O POVO BRASILEIRO E PARA A CATEGORIA

TEXTO DE APOIO

Não há como iniciar um texto de conjuntura neste momento sem citar o fato mais relevante do ano de 2022, a vitória eleitoral de Lula, que impediu que o pior presidente da nossa história conquistasse um novo mandato, ao mesmo tempo que abriu novas perspectivas para o futuro do Brasil.

No segundo turno presidencial Lula obteve 60 milhões de votos, obtendo 13 milhões de votos a mais do que Haddad no segundo turno de 2018; Bolsonaro manteve 58 milhões. Em 2022, a soma da abstenção, brancos e nulos caiu 4,5 milhões.

A votação de Lula foi nacional, com destaque para o nordeste e para os grandes centros urbanos, como a Grande São Paulo. Segundo as pesquisas, a maior parte dos que votaram em Lula são integrantes da classe trabalhadora, seus setores mais empobrecidos, as mulheres, as negras e negros, os moradores da periferia, amplos setores da juventude, indígenas, quilombolas

e, de forma geral, os mais explorados e oprimidos. Em resumo, comparando com 2018, houve um deslocamento à esquerda de parcelas importantes dos trabalhadores e setores populares, após quatro anos de resistência à destruição propagada pelo Palácio do Planalto, cuja política econômica, lembremos, foi apoiada pelo “mercado”.

Os últimos dias deste governo reforçaram o que nós vivemos durante estes últimos quatro anos e demonstraram, da forma mais explícita possível, a importância da vitória e do governo de Lula. Para nós, docentes do Ensino Superior, é óbvio que as Universidades, CAPs, Institutos Federais e CEFET’s não sobreviveriam a mais quatro anos de uma política deliberada de destruição e ataques a Educação e a Ciência. Desde o golpe as universidades sofrem com cortes sistemáticos. Segundo o Observatório do Conhecimento, as perdas acumuladas no Orçamento do Conhecimento, que contempla os recursos destinados ao ensino superior, agências de fomento e centros de pesquisa, chegam a aproximadamente a R\$ 130 bilhões. Em virtude desse sufocamento financeiro, muitas universidades ficaram sem recursos para custear despesas básicas como luz, água ou terceirizados. Para nós, que atuamos dentro das salas de aula, é evidente que as condições de ensino seriam terrivelmente afetadas. Para nós, que fazemos a enorme maioria da pesquisa deste país, os repetidos ataques à CAPES, os seguidos cortes de bolsas e editais de pesquisa, levariam o Brasil a um atraso ainda maior em relação ao nosso desenvolvimento científico. Para nós, que atuamos na gestão de nossos cursos, departamentos, institutos e reitorias, a posse de Lula significará um freio nos seguidos ataques à democracia, à autonomia e ao contingenciamento de verbas para o funcionamento do Ensino Público Superior, sem falar de ataques cotidianos a retirada de direitos tais como adicional noturno, insalubridade, periculosidade e progressões em virtude do avanço do bolsonarismo nas Prós-Reitorias de Gestão de Pessoas, impostas pelo Ministério da Economia.

A vitória de Lula, no entanto, como bem ilustrou uma das muitas frases ditas durante a campanha, significou apenas (o que já é por demais importante), que começamos a fechar a porta do inferno no qual vivemos nos últimos anos, mas está longe de garantir as melhores condições de vida para a população e para a categoria docente.

Por um lado, sabemos que a vitória eleitoral para a presidência não apaga o fato de que a maioria dos governadores eleitos não possui nenhum tipo de compromisso com o serviço público, em geral, e com as Instituições de Ensino estaduais, em particular, foram eleitos. Isto irá significar uma dura batalha em defesa destas instituições, bem como para garantir as verbas destinadas às Fundações de Amparo à Pesquisa, nos diversos estados. Além disso, a situação do novo Congresso eleito, ainda mais reacionário do que o que encerra seu mandato, aponta para uma situação difícil, por exemplo em relação às disputas de verbas e outros projetos que necessitam de maioria parlamentar para serem aprovados. Por fim, as manifestações de rua da

extrema-direita e o apoio explícito ou velado dos comandos da polícia e das forças armadas à estas atividades de caráter golpista, reafirmam a nossa leitura anterior de que a extrema-direita segue influenciando amplos setores da população, que se manterão na linha de frente à contestação do governo Lula, não apenas no terreno institucional, mas também nas ruas; não apenas dentro, mas também fora da lei.

Por outro lado, a projetada composição do novo governo, que apresenta, as alianças que se construíram sob argumento de alcançar algum grau de governabilidade, indica que os movimentos sociais precisam ir à luta, se quiserem que suas justas demandas sejam atendidas. Neste sentido, a conjuntura atual reforça a necessidade de que a unidade construída no enfrentamento às políticas autoritárias e destrutivas dos últimos anos seja não apenas mantida, mas ampliada. Serão necessárias fortes mobilizações dos sindicatos, das centrais sindicais e dos movimentos organizados da sociedade para pressionar em favor da recomposição salarial de nossa categoria, que está há sete anos sem aumento, para garantir a retomada dos investimentos na Educação, na Ciência e na Tecnologia, com aumento de verbas para as Instituições Públicas do Ensino Superior e uma nova política de bolsas e financiamento para o ensino, a pesquisa e a extensão. Por fim, precisaremos também de unidade dentro da comunidade universitária para remover os entraves jurídicos e legais que limitam a autonomia universitária, demandando o fim das listas tríplexes nas eleições para as direções destas instituições.

Uma das questões centrais desta conjuntura para o movimento docente, portanto, será o de combinar a necessária disposição de luta para defender os interesses específicos e imediatos de nossa categoria com o entendimento do momento específico pelo qual nosso país está atravessando. Isso significa que a defesa de nossa AUTONOMIA e nossa INDEPENDÊNCIA frente a governos e partidos está ligada a luta simultânea contra o neoliberalismo e contra a extrema direita, em defesa da democracia e no combate ao golpismo. Não podemos, sob o pretexto de uma falsa radicalidade, voltar a cometer os mesmos erros anteriores e confundir autonomia com neutralidade em face das ações do golpismo. O ANDES-SN não pode jamais abrir mão de sua autonomia e independência, e isso inclui não repetir a política adotada no passado recente, de se juntar aos golpistas que buscavam e buscam destruir o terreno de democracia que o povo brasileiro conquistou em mais de 40 anos de luta, desde a retomada das mobilizações de massas contra a Ditadura, no final dos anos 1970.

DA VITÓRIA AOS DESAFIOS

Os desafios já começam com a necessidade de enfrentar a herança maldita deixada pelo governo Bolsonaro. A grande mídia, ao falar desta herança, foca nas consequências da eleitoreira operação de Estado capitaneada pelo ministro Guedes para reeleger Bolsonaro. Ela

conteve o consumo popular antes, só para criar uma bolha na véspera do pleito, com as “bondades” de ocasião. Não deu certo, apesar de tudo e a extrema-direita foi derrotada. Sendo bom lembrar que o Congresso Nacional votou tudo. O STF, o TSE e o TCU legitimaram a manobra eleitoreira.

Contudo, a herança maldita deixada pelo governo Bolsonaro vai muito além do “rombo” fiscal no Orçamento 2023. Afinal, as “emendas secretas”, o aumento do Auxílio Brasil, o vale-gás, a bolsa-caminhoneiro, o auxílio-taxi, a redução de combustíveis e outros PLs somados, chegam a somar R\$ 100 bilhões. Já a herança maldita envolve uma política de destruição sistemática dos direitos da classe trabalhadora, da soberania nacional e das políticas públicas, em favor do grande capital. Grande capital que agora faz chantagem para enquadrar o novo governo.

Existem alternativas tanto para cobrir o rombo fiscal imediato, assim como existem alternativas para reconstruir e transformar o país, em benefício da imensa maioria do povo. O “mercado” questiona de onde sairão recursos para cobrir tudo isso, coloca em dúvida a possibilidade de obter grandes investimentos externos ou de aumentar os impostos sobre os milionários. E o atual Congresso se dispõe, no máximo, a furar o teto fiscal para o Orçamento de 2023 numa PEC em favor de ampliar os recursos do Bolsa Família, do aumento real do salário mínimo e alguns outros programas; mas o Centrão de Artur Lira não se dispõe a atender as demandas reprimidas em mais de 6 anos e os compromissos públicos de campanha de Lula. Entretanto, não faltam recursos; a questão é como eles se distribuem. Portanto, cabe aos movimentos sociais, como já dissemos, ir à luta.

Destaca-se aí a luta pela recomposição do orçamento das IFES, literalmente destruídos ao longo de todo o Governo Bolsonaro, mas que sofreram um golpe profundo após as eleições, quando as verbas foram cortadas ao ponto de paralisar até o pagamento das despesas mais mezinhas e indispensáveis.

A correção do Imposto de Renda, o Piso da Enfermagem, a recomposição do Ibama e do ICMbio, da Funai, das verbas das Universidades e Institutos Federais, reajuste dos servidores, MCMV, PAC etc. tudo disso não caberia aí, segundo a imprensa. Se depois do Senado aprovar a PEC, Artur Lira aceitar tirar a Bolsa Família do Teto Fiscal – como está proposto no projeto de “PEC da Transição” -, aí então haveriam alguns bilhões para a Merenda Escolar, a Farmácia Popular e mais alguma coisa na Saúde e Educação, sempre segundo declarações na imprensa que vão e vem sobre o que está em negociação, mas, está claro, não haveria para o conjunto. A PEC da transição, na verdade, é um remendo que, ainda que necessária, não contempla nem mesmo as questões emergenciais, como as listadas acima, cujo atendimento ficaria em aberto para o novo governo solucionar.

O povo sofrido é paciente, mas depois do que amargou em 6 anos de “estado de exceção”, também não pode esperar muito, se entendermos o que se passou, a saber, que o fato central do que se passou é que a força deste povo derrotou os obstáculos. O povo entendeu que era necessário eleger Lula, ou o país ficaria entregue as hienas (leia-se ao tal “mercado”). O povo entendeu que deveria lutar, para tentar salvar o que restou do Brasil, e mesmo com bloqueios em rodovias do Nordeste, compra de voto e tentativas de coibir o tempo todo o processo eleitoral, o povo venceu!

A vitória revelou, por outro lado, como nunca o apodrecimento das instituições. É o que explica porque nunca antes houve tal grau da contradição entre a vitória de Lula nos dois turnos, com a simultânea regressão do Congresso eleito ainda mais reacionário! Conforme aflorem as demandas do movimento de massas na nova situação aberta alimentada pela vitória eleitoral. Conforme se veja a reação das forças do conservadorismo, ficarão mais claras para o povão as travas estruturais da república tutelada pelos militares e os obstáculos institucionais à realização dos anseios populares por trás dos que elegeram Lula. Avançar na discussão sobre como realizar as reformas institucionais profundas é um imperativo para o movimento sindical e popular.

AINDA NÃO TERMINOU: TEMOS QUE VARRER O BOLSONARISMO!

A polarização foi plantada, “nós contra eles”: de um lado, as ruas da vitória, de outro, as estradas da derrota. Mas não terminou: o relatório das urnas do Ministério da Defesa, ambíguo, alimenta o bolsonarismo e alimenta o ódio plantado e alimentado de forma dogmática após o golpe. Pior, na Nota dos comandantes do Exército, Marinha e Aeronáutica, a força armada acolhe as tais “manifestações populares” e se arvora em “moderadora” (!) da sociedade, como um Bonaparte acima de tudo, sem qualquer mandato. É a tutela militar explícita alimentada pelo famigerado artigo 142. Como quem diz “nós estamos aqui”, piscando para o bolsonarismo.

É dessa certeza de proteção das instituições de Estado que os bandos bolsonaristas tiram a confiança na impunidade que lhes permite promover ataques terroristas nos bloqueios das estradas e das vias urbanas e que explodiram em caos na noite da diplomação de Lula em 12 de dezembro passado.

Entre outras, uma das funções das ações de terror que se multiplicam há meses e que culminaram com os ataques dos bandos bolsonaristas é o de confiscar os espaços de liberdade de expressão e manifestação conquistados em mais de 40 anos de luta.

Não podemos ceder um único centímetro deste terreno que conquistamos a alto custo, inclusive de vidas. Não podemos absolutamente recuar das ruas. Por isso não podemos ceder à

intimidação dos bandos bolsonaristas. Ao contrário, é necessário ocupar as ruas e praças com redobrada energia.

Escrevendo esta contribuição em meados de dezembro, não se poderia deixar de mencionar que, neste momento, se colocava a necessidade de intensificar a preparação das caravanas a Brasília para a posse de Lula, afirmando a defesa do governo eleito legitimamente em face do golpismo terrorista e levantando as demandas populares para cujo atendimento o povo elegeu Lula, derrotando a extrema-direita. A menção a isso se deve ao fato de que esta necessidade de preservar o terreno democrático público marcará o período que se abre de reconquista de direitos perdidos e avanço na aquisição de outros.

De imediato seguem vigentes as reivindicações relativas aos crimes eleitorais:

- Apuração e punição de todos os responsáveis por crimes políticos e eleitorais!
- Punição dos empresários (foram mais de 2 mil denúncias feitas por trabalhadores e sindicatos) que coagiram os trabalhadores nas eleições e que em 7 de novembro promoveram locaute – que também é crime – em alguns pontos do país.

Ao lado disso, se colocam as demandas acumuladas em 6 anos de governos golpistas:

- Revogação das reformas trabalhista e da previdência;
- Imediata Revogação da EC 95;
- Revogação da Reforma do Ensino Médio;
- Política de valorização do salário mínimo;
- Não às privatizações, em defesa das estatais e serviços públicos;
- Recomposição dos orçamentos da Saúde e Educação;
- Reajuste salarial incluído no orçamento federal;
- Respeito à organização sindical.

Outro aspecto da conjuntura que precisa ser enfrentado com coragem pelo movimento docente é a constatação de que as formas de comunicação e de organização das lutas sociais precisam ser adequadas aos tempos em que estamos vivendo.

TEXTO 7

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Caroline de Araújo Lima (ADUNEB); Francisco Eduardo Torres Cancela (ADUNEB); Luciana Souza (ADUNEB); Jorge Almeida (APUB); Mauricio Brito (APUB); Iacy maia (APUB); Ricardo Nóbrega (ADUENF); Fernanda da Silva Mendes (SINDUEPA); Edivania Alves (ADUFPA); Fernando Lacerda (UFG); Livia Gomes Santos (UFG); Márcio Barbosa Silva (ADUFPB).

O MOVIMENTO DOCENTE E A NECESSIDADE DA ORGANIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA: POR UM ANDES-SN INDEPENDENTE E AO LADO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

TEXTO DE APOIO

Vivemos em um momento em que ainda sentimos os principais efeitos da crise capitalista iniciada em 2008/2009 e que foi profundamente agravada pela pandemia de Covid-19. Nos últimos anos, a classe trabalhadora realizou inúmeros sacrifícios e sofreu com violentos ataques das classes dominantes em todo o mundo. O agravamento da crise social está empurrando milhões para a pobreza. A crise da economia alimenta a competição entre os países imperialistas, aumentando o perigo de guerras (e a principal expressão disso neste momento é a guerra da Ucrânia). Em todo o mundo os partidos tradicionais burgueses estão em crise, o centro está em declínio e se configura um cenário político muito mais polarizado do que em décadas passadas. Desesperado para se manter no poder, o establishment se inclina cada vez mais para a extrema-direita e para a repressão violenta. Em muitos lugares, a falta de uma alternativa de esquerda ou da classe trabalhadora leva ao “mal menor” como principal motivo eleitoral.

Apesar de todos os ataques, também há importantes lutas em nível mundial e, em especial, na América Latina. Vemos milhões de jovens, mulheres e cada vez mais trabalhadores lutando. Os movimentos contra a opressão (com destaque para as lutas das mulheres), a crise do custo de vida, a crise climática etc., se confrontam cada vez mais com os limites do sistema capitalista.

No entanto, apesar de pequenas vitórias, enfrentamos muitas derrotas. Também vemos como a classe dominante apelando, cada vez mais, para a repressão e forças reacionárias e fundamentalistas. As elites às vezes são forçadas a depender de forças reacionárias para repelir as massas nas ruas e também no campo ideológico. O sucesso eleitoral das forças de extrema-

direita em todo o mundo é preocupante. O perigo dessas forças, que podem crescer com a fraqueza do movimento de trabalhadores, não deve ser subestimado. Ao mesmo tempo, apesar de seus sucessos eleitorais, elas enfrentam limitações. Uma vez no poder, elas têm que recuar em muitos de seus planos e quanto mais mostram sua verdadeira face por trás de sua propaganda populista, mais elas enfrentam resistência.

É neste cenário mundial que, no Brasil, o enfrentamento ao bolsonarismo, ao reacionarismo e ao conservadorismo é a tarefa mais importante da esquerda no momento atual. A derrota de Bolsonaro nas urnas foi central nessa luta. Precisamos continuar nas ruas contra a extrema direita e sua base fascista. A vitória de Lula é de grande significado para a luta democrática no Brasil e na América Latina contra o neofascismo e a extrema-direita em geral. Derrotamos uma fortíssima manipulação da máquina do estado nunca vista após a ditadura militar-empresarial, a forte estrutura de manipulação de informações através da *fake news*, a completa instrumentalização política de praticamente todas as grandes igrejas evangélicas e parte do setor mais conservador da igreja católica, a miríade de grupos fascistas e mesmo neonazistas, parte minoritária da grande mídia empresarial, as chantagens das forças armadas, a maioria da elite política da direita expressa no “Centrão” e uma parte significativa do grande capital que se envolveu diretamente na campanha, do financiamento ao assédio político a seus empregados.

A vitória de Lula gerou uma sensação de alívio e esperança em parte expressiva do povo trabalhador e em suas vanguardas sociais e políticas, especialmente os que apoiaram e votaram em sua candidatura. Ao mesmo tempo, isso também gera certa tolerância para uma tática “de sobrevivência” e paciência no início do governo. Alguns setores tendem a mobilizar-se para defender a legalidade democrática e até algumas disputas, como a recomposição orçamentária, para garantir recursos para os auxílios emergenciais, para a educação, saúde e outros.

O governo eleito, no entanto, precisará de amplo apoio popular para não repetir o fracasso de vários governos da esquerda da “onda rosa”, que venceram processos eleitorais com estreita margem de votos. Esses governos têm estado acuados por ameaças de parlamentos, mídia e judiciários golpistas e perdido apoio popular ao preterirem as reformas clamadas pela classe trabalhadora em detrimento de concessões oferecidas às burguesias de seus respectivos países, levando invariavelmente à desilusão dos setores populares com a esquerda e ao crescimento de populismos autoritários de direita.

O novo governo também precisará orientar sua política externa por uma posição autônoma e cautelosa, atenta aos interesses da classe trabalhadora brasileira e internacional, que são a construção de processos de paz e de uma inserção internacional que permita ganhos

salariais e a melhora das condições de vida da população. O alinhamento ao imperialismo e a regimes autocráticos não representam os interesses do povo.

Nosso Sindicato Nacional de forma acertada lançou nota na defesa da candidatura de Lula, votar em Lula e vencer o presidente genocida era uma questão de vida ou morte. A derrota de Bolsonaro trouxe um clima de revanchismo, já que o orçamento da educação e de políticas sociais sofreram diversos ataques e até sequestro dos recursos, mas o movimento docente e as entidades da educação não recuaram e a pressão dos movimentos sociais resultou na devolução do orçamento público.

Nos 41 anos do ANDES-SN a defesa de sua independência política a governos, reitorias e partidos marcam sua trajetória de luta e de diálogo com os movimentos sociais. Combater a extrema direita e os setores fascistas é nossa tarefa, mas isso não pode significar que o Sindicato Nacional assumirá a tarefa de garantir a governabilidade de qualquer mandato de esquerda ou progressista. É fundamental manter a nossa independência. Manter a independência política, para construir as lutas sociais, para exigir ou mesmo para defender as instâncias democráticas, ocupando as ruas e construindo espaços de unidade de ação para combatermos as hordas fascistas.

Frente ao novo governo Lula, certamente novos ataques contra a classe trabalhadora virão. Defender os nossos direitos e atuar em unidade com os setores classistas e independentes do movimento sindical são desafios importantes para o momento atual e o ANDES-SN poderá cumprir um papel crucial neste momento histórico. Diante disso, nossas tarefas nessa quadra história são:

Lutar pela garantia da democracia, combater manifestações com caráter golpista com o povo organizado e nas ruas;

Defender o orçamento público e os serviços públicos, não a PEC 32!

Exigir a apuração dos assassinatos de Marielle Franco e Anderson Gomes;

Apoiar às medidas que sejam favoráveis aos direitos do povo, às liberdades democráticas e à soberania nacional;

Defender os direitos sociais que não foram destruídos, lutar para retomar os direitos perdidos, além de disputar medidas emergenciais de combate à fome, ao desemprego e ao sucateamento dos serviços públicos, especialmente nas áreas da saúde, educação e segurança alimentar;

Combater eventuais quebras de direitos, a procrastinação da revogação de privatizações e reformas antipopulares e antinacionais realizadas pelos governos anteriores;

Lutar por um amplo “revogaço” de todas as decisões antipopulares dos últimos governos, elencando prioridades de curto e médio prazos;

Lutar pela investigação e punição de Bolsonaro, seus parentes e aliados por todos os diversos crimes que cometeram;

Lutar contra os ataques aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres;

Defender uma educação pública laica, antimachista, antilgbtfóbica; antirracista; anticapacitista, de qualidade e com orçamento 100% público!

TEXTO 8

Contribuição da(o)s sindicalizada(o)s: Adriana Eiko Matsumoto (ADUNIFESP), Amaro Fleck (APUBH), Ana Lia Vanderlei de Almeida (ADUFPB), Ana Paula Perrota (ADUR-RJ), André Felipe Soares de Arruda (ADCAJ), Antonio Henriques Lemos (ADUFG), Breno Bringel (ADUFRJ), Bruna Stéfanni Soares de Araújo (ADCESPI), Bruno Deusdará (ASDUERJ), Bruno Rocha (ADUFC), Carla Benitez Martins (APUB), Carolina Ferreira Souza (ADCAJ), Daniel Galvão (ADUFAC), Daniel Pereira (ADUFLA), Denise Brasil (ADUFF), Diana Mendes (ADUNIFESP), Dorinethe dos Santos Bentes (ADUA), Emérson Erivan de Araújo Ramos (SESDUFT), Fabio Luis Barbosa dos Santos (ADUNIFESP), Flávio Sofiati (ADUFG), Francisco Pereira (ADUFAC), Gabriela Caramuru (ADUFF), Gardenia de Souza Furtado Lemos (ADUFG), Helena Martins (ADUFC), Gisele Aparecida Bovolenta (ADUNIFESP), Heitor Martins Pasquim (ADUNIFESP), Helton Saragor de Souza (ADUNIFESP), Isabel Cristina Rodrigues (ASDUERJ), Jacqueline Magalhães Alves (ADUFLA), Jean Filipe Domingos Ramos (APES-JF), Jeovah Meirelles (ADUFC), Jorge Luiz Souto Maior (ADUSP), Juliane Caravieri Martins (ADUFU), Letícia Mamed (ADUFAC), Luciana Tasse Ferreira (APES-JF), Luiz Marques (ADUNICAMP), Luzia Fátima Baiarl (ADUNIFESP), Marcos Ferreira de Paula (ADUNIFESP), Maria Inês Escobar da Costa (ADUFC), Maria José Andrade de Souza (APUB), Matheus Thomaz (ADUFF), Nayara Rodrigues Medrado (APES-JF), Natasha Karenina de Sousa Rego (ADCESPI), Pedro Wilson Oliveira da Costa Junior (SINDUECE), Raquel Maria Rigotto (ADUFC), Reinaldo Duque Brasil Landulfo Teixeira (APES-JF), Renata Cristina Gonçalves dos Santos (ADUNIFESP), Renato Gomes Vieira (ADUFG), Roberto Braga (ADUFLA), Rosiran Carvalho de Freitas Montenegro (ADUNIFESP), Sonia Regina Nozabielli (ADUNIFESP), Talita Furtado (ADUFERSA), Tayara Lemos (APES-JF), Tayse Palitot (APUB), Tiago Coutinho (ADUFC), Virginia Junqueira (ADUNIFESP).

APORTES ECOSSOCIALISTAS À LEITURA DE UMA CONJUNTURA INSUSTENTÁVEL

Ao nosso camarada Diêgo Britto (ADUNEB), vítima de uma sociedade motorizada, todo nosso amor revolucionário! Presente!

TEXTO DE APOIO

É inescandível, até aos maiores apologetas da ordem, que a sociedade capitalista vive uma crise sem precedentes. Não se trata esta, porém, de uma crise meramente econômica, mas sim de uma crise de múltiplas dimensões, que alcança aspectos políticos, institucionais, morais, da reprodução social e, sobretudo, ecológicos inauditos. Por estas mesmas razões, pode ser percebida como uma crise de civilização, já que solavanca todos os principais sustentáculos do modo de vida capitalista, industrial, moderno e ocidental, colocando em risco a perpetuação não só deste arranjo da sociabilidade, como da vida humana enquanto tal.

Segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), o aquecimento do planeta desde o período pré-industrial não cessa, alcançando já 1,1°C e com perspectiva de se passar de 1,5° C nas próximas duas décadas, causando efeitos catastróficos sobre a Terra. Seus efeitos mais imediatos - como o degelo de calotas polares, aumento dos níveis oceânicos, redução de biodiversidade e intensificação de queimadas - se notam de forma subreptícia em todo o planeta. As políticas dos governos burgueses para redução de emissões de carbono - maior causador desse aquecimento - se mostram cada vez mais insuficientes. Soma-se ao aquecimento global o processo de acidificação dos oceanos, a intensificação de poluição de solos e águas, a escala sem precedente de desmatamento - que afeta o contexto amazônico, onde nos encontraremos em fevereiro de 2023, de forma alarmante -, a profusão de eventos climáticos extremos, a redução abissal da biodiversidade e da massa viva sobre o planeta, isso para não falarmos da irrupção de novas doenças que alcançam a humanidade.

Ademais, o mais recente relatório do IPCC informa que 40% da população mundial é altamente vulnerável a estas mudanças climáticas. Acontece que o atravessamento desta vulnerabilidade, como tudo nessa ordem social, se dá de modo desigual, jamais podendo ser percebido de forma homogênea, como querem fazer crer os advogados de um capitalismo verde que nos faz perceber como parte de uma mesma nave em risco. Seus efeitos se mostram de forma mais contundente entre os trabalhadores e trabalhadoras de países de capitalismo periférico e dependente, dada suas condições materiais mais frágeis quando comparados à vida no centro da ordem. Do mesmo modo, e pelas razões históricas diversas que colocam ainda em uma condição de opressão particular, negras e negros igualmente sofrem de maneira desigual pelos danos causados ao planeta, sendo urgente a assunção da lente do racismo ambiental para apreensão conjuntural. Camponeses e camponesas, Indígenas, quilombolas e outros povos e comunidades tradicionais, dado o contato e dependência imediata para com a terra e água e outras riquezas naturais também se vêem vitimadas de forma mais pujante por tais efeitos da crise climática. Nesse mesmo sentido, nota-se um desigual efeito recaindo sobre as mulheres,

dada a projeção excessiva do trabalho reprodutivo que lhes é estruturalmente imposto, o que não engloba exclusivamente o trabalho doméstico, mas também os de cuidado, os de limpeza urbana e de estabelecimentos públicos e privados, os de saúde, educação, manutenção das comunidades e trabalhos rurais de subsistência. É importante identificarmos o quanto a acumulação capitalista depende dos processos de exploração do trabalho, mas também da apropriação de trabalhos de reprodução social em extrema precarização e sobrecarga e extração predatória da natureza, ambos de preferência sem contrapartida ou renovação com o mínimo de ônus. Nossas leituras da realidade precisam cada vez mais identificar a relação intrínseca entre a degradação da natureza e a subvalorização do trabalho de reprodução social, marcado por sua racialização.

Todos estes efeitos não podem ser percebidos como resultantes de uma ação genérica humana sobre o planeta, mas sim da imposição de perspectivas próprias do modo de produção capitalista, que sob a cadência do interesse mercantil aponta para a destruição do trabalho e da natureza em comum enlace. O neofascismo, enquanto síntese política da burguesia em tempos de agonia civilizacional, encontra também uma dimensão ecológica: suas políticas de morte, amparadas na agenda neoliberal, não só corroem direitos sociais, acentuam belicistas destrutivos e o esgarçamento das relações comunitárias baseadas na solidariedade, mas também apostam nesse desigual rebote da natureza para promover uma agenda direcionada de destruição de vida de trabalhadores e trabalhadoras, mulheres, LGBTIs, negras e negros, indígenas e migrantes. O negacionismo ambiental de Trump - com sua paródia brasileira - é apenas uma de suas expressões.

Episódios de maior convulsividade da conjuntura internacional guardam também em aspectos socioambientais suas raízes. Vale lembrar que a ainda insuperada pandemia da COVID-19 não guarda explicações quanto às suas origens e profusão em qualquer narrativa racista que projeta aos hábitos culturais de chineses e chinesas. Tem em verdade seu despontar no modo atroz como a produção industrial de carne - que encontra um de seus epicentros globais no sudeste asiático - intensifica os *spillovers* de zoonoses que passam a acometer a humanidade. Soma-se a isso o fato de que a produção industrial de proteína animal destina-se à atenção de um mercado globalizado, em que os hábitos alimentícios são cada vez mais homogeneizados a partir de registros profundamente destrutivos da natureza, e que por si só facilitaram em muito a rápida dispersão de um foco local da doença para que então assumisse um estatuto pandêmico, com implicações diretas na reprodução de nossas vidas e, em nosso caso, no trabalho docente.

Parte desta expressão racista foi animada também pelo embate interimperialista entre Estados Unidos e China, que passa por necessária dimensão socioambiental. Vale dizer que na disputa de posições, a projeção à China da condição de país mais poluente do mundo

desponta como mácula em uma conjuntura em que os efeitos da crise climática são inescandíveis. Todavia, este intento de demonização é profundamente contraditório, dado o reconhecimento de que a emissão de gases de efeito estufa e outros poluentes é, per capita, radicalmente maior nos Estados Unidos do que na China e na massa maior dos países do globo. Como sempre, seja no que se refere à poluição ou à exploração da força de trabalho, no seio destes conflitos são as classes trabalhadoras que acabam esmagadas.

De mesmo modo, a guerra entre Rússia e Ucrânia não se explica pelo resgate de velhos chauvinismos, mecânicas apreensões das teorias do imperialismo e a hipertrofia das respostas belicistas postas em nova e avançada escala: é fundamental perceber o conflito a partir das disputas acerca das questões alimentícias e energéticas. Dizemos isso por não esquecer que a Ucrânia é um dos grandes celeiros do mundo, responsável pela produção de uma parte expressiva de grãos consumidos em todo o planeta, bem como pelo fato de que a dependência do capitalismo europeu - fóssil como todo capital - reclama o gás natural russo, cujo abastecimento se viu impactado pelo conflito. Ademais, a questão nuclear volta à tona por ao menos três frentes: a ameaça de um novo conflito bélico que se utilize deste repertório; a dependência indesejável para com matrizes nucleares; e seus riscos imensos colocados na ordem do dia com ataques.

Tomando as perspectivas da luta sindical e as mobilizações grevistas em escala global, a questão alimentícia é também o epicentro do enfrentamento ao neofascismo na Índia. De forma prolongada e violenta, mais de centena de milhões de camponeses que protestaram contra as políticas regressivas de Modi encamparam no último período não só suas lutas contra a privatização do solo, as medidas de interdição à participação política baseada em fatores religiosos, como também por uma agenda contrária à privatização do setor energético e pelo estabelecimento de um piso social capaz de garantir condições mínimas de sobrevivência às famílias trabalhadoras e à produção de pequenos camponeses no país.

O eixo latino-americano não se vê inerte a este atravessamento socioambiental radical. As greves camponesas no Equador, o protagonismo Mapuche no levante insurrecional chileno e as próprias contradições que exurgem do governo Boric na lida militarizada dos territórios indígenas denotam esta questão. Novas agendas de luta, como a Assembleia Mundial pela Amazônia e outras articulações também passam a se vertebrar no período, colocando permanentemente em questão a agenda “progressista”. Esta, sem abandonar o receituário neoliberal e pautado em uma perspectiva de desenvolvimento incapaz de romper com os traços próprios da divisão internacional do trabalho que nos colocam em condição dependente e periférica, marcada pela superexploração e pela predação exorbitante da natureza, mobiliza a puerização ou criminalização da luta socioambiental para fomento das pautas de crescimento

capitalista, que quando muito proporcionam tímidas medidas compensatórias às classes trabalhadoras.

Além disso, a própria revitalização do instrumento da greve – dada por morta pelos entusiastas da privatização mercantil da vida e de debates institucionalistas de medíocre acovardamento, que, inclusive, grassam em nosso sindicato – passa pelo temário ecológico, a exemplo das bandeiras voltadas à prevalência da reprodução social lançada nos últimos anos pelo movimento da Greve Internacional de Mulheres e pelas Greves Globais pelo Clima. Estas últimas, inclusive, encontrando seu epicentro em mobilizações de jovens estudantes que, desde o exemplo de Greta Thunberg, passam a se organizar no Fridays for Future e no chamado por paralisações por muitas vezes de escala planetária, invocando o necessário internacionalismo que nossos apelos de classe e pelo meio ambiente sempre reclamaram.

Trazer o tema ao Brasil nos coloca, neste último ano, em uma dramática condição. Foram tempos em que a “boiada” anunciada por Ricardo Salles seguiu passando e as políticas de favorecimento ao capital, em detrimento do trabalho e do meio ambiente, perduraram. Para ficarmos em um exemplo, o desmatamento no país em 2022 foi o maior em sete anos, segundo dados do INPE. O governo de Jair Bolsonaro se consolidou como inimigo n.1 da natureza, inclusive ante a carência de concorrente à altura dos descabros ecocidas próprios do neofascismo, dada a derrota de seu exemplo maior de inspiração, Donald Trump.

Como mencionamos, também a pandemia da COVID-19 não findou e sua gestão genocida segue ceifando vidas e interditando a possibilidade de uma retomada plena até mesmo de nossas atividades políticas. Uma pandemia que, como todos os efeitos da crise climática, também nos assolou de forma desigual, matando mais pessoas pauperizadas, negras, idosas e em condições de saúde fragilizadas, párias todas de uma ordem social que, sob as bandeiras de uma normalidade onírica, aponta o descarte não só de produtos materiais marcados pela lógica da obsolescência programada, mas também da vida humana.

Foi inclusive o retorno do Brasil ao mapa da fome uma das marcas mais dolorosas de sua política de morte neste último ano. O tema, de nítido contorno socioambiental, evidencia a chaga de um país produtor agropecuário de larga escala, um dos maiores do planeta, em que 33 milhões de seus habitantes passam fome e mais da metade encontra-se em algum grau de insegurança alimentar. Esses dados, motivados pelo desastre da gestão econômica de Bolsonaro, foi objeto de desdém e questionamento por parte não só do presidente mas de seu ministro da Economia, Paulo Guedes. O discurso, proferido inúmeras vezes por Bolsonaro, no sentido do Brasil alimentar o mundo todo, pelo que seria impossível existir fome por estas bandas, é incapaz de perceber a contradição que o modelo agrário exportador brasileiro, que mais do que qualquer outra coisa produz alimentos aos países do norte global - isso para além de insumos

para ração de animais que não vão para os pratos do povo brasileiro. Este, em verdade, teve que se ver às voltas da fila do osso para poder consumir alguma proteína.

Este quadro catastrófico é resultado de agenda interna ao governo que, cumulada à concessão de pressões externas, vem, mesmo antes de Bolsonaro, impingindo ao conjunto das classes trabalhadoras uma condição de precarização acentuada da vida. O crescente desemprego, a redução da massa salarial e a precarização dos contratos de trabalho - marcados sobretudo pelas contrarreformas dadas pós-golpe de 2016, com a terceirização ampla e irrestrita, o elástico de jornadas de trabalho, a criação de novas modalidades de contratação, entre outras - são marcas desse período, que também guarda íntima conexão com a questão socioambiental: basta lembrar que a precarização do trabalho traz efeitos diretos às condições de saúde, segurança e higiene no labor, fatores que afetam, decisivamente, não só a vida dos trabalhadores e trabalhadoras que se sujeitam a tais atividades, como também a todas aquelas e todos aqueles que, indiretamente, também se veem impactados por esses processos, que na realidade brasileira intensificam grandes desastres-crime como a transposição do São Francisco, a construção da usina de Belo Monte e os rompimentos de Barcarena, Mariana e Brumadinho.

Isso não impediu que se utilizasse de ardilosos argumentos econômicos para que, na promoção do combate à fome - ou melhor, do fomento ao agronegócio -, fosse encampada a mineração em terras indígenas. A ginástica argumentativa de Bolsonaro foi motivada pela crise resultante da guerra entre Rússia e Ucrânia, que trouxe interdições à importação de fertilizantes para o país - mais um episódio da novela da ruptura metabólica anunciada por Marx em seus estudos do químico Justus Von Liebig -, a legitimar a açodada incursão que se pretendeu em terras demarcadas. Aliás, nenhum esforço foi medido neste governo para favorecimento do agronegócio, em que já vinha de permissivos para uso de venenos, apropriações de terra e outras medidas que seguem matando o povo trabalhador.

Aliás, o Brasil não só se manteve como um dos países que mais mata ambientalistas do mundo - tema que faz recobrar as chagas que no Estado do Acre marcam o martírio de Chico Mendes -, como foi palco dos dramáticos assassinatos de Bruno Magalhães e Dom Philipps, tendo estes sido resultantes de tensionamentos com promotores de pesca ilegal. Sem qualquer desconsideração deste ocorrido, por certo não se pode eclipsar que, segundo a Global Witness, 20% dos 1733 assassinatos de ambientalistas dados na última década em todo o mundo ocorreram no Brasil. Só em 2021, foram também mortos Aldenir dos Santos Macedo, Alex Barros Santos da Silva, Amaral José Stoco Rodrigues, Amarildo Aparecido Rodrigues, Ângelo Venicius Henrique Mozer, Antônio Gonçalves Diniz, Eliseu Pedroso, F.S.S., Fernando dos Santos Araújo, Getúlio Coutinho dos Santos, Isac Tembê, Jerlei, João de Deus Moreira Rodrigues, José do Carmo Corrêa Júnior, José Francisco de Souza Araújo, José Vane Guajajara,

Kevin Fernando Holanda de Souza, Marcelo Chaves Ferreira, Maria da Luz Benício de Sousa, Maria José Rodrigues, Rafael Gasparini Tedesco, Reginaldo Alves Barros, Roberto Muniz Campista, Roberto Pereira da Silva Pandolfe, Sidinei Floriano Da Silva e Wagner Romão da Silva. No mesmo ano de 2022 também se deu mais um massacre - para assim assumirmos a nomenclatura conferida pela Comissão Pastoral da Terra para tais ocorridos - de ambientalistas, quando os familiares Zé do Lago, Márcia Nunes Lisboa e Joane Lisboa foram assassinados no Pará, em crime ainda pendente de responsabilização de mandantes e executores.

Tais atos de violência, legitimados por um governo que fomenta o armamento e o ódio a quem luta pela vida, resultaram também em atrocidades praticadas contra populações indígenas, como assassinatos de lideranças, estupros de crianças, incêndios de aldeias, entre outras. Os ataques ao serviço público - com achatamento orçamentário, desmonte e aparelhamento de órgãos - aprofundam todas estas mazelas. Caso emblemático é o da fiscalização, congelada em nosso país e impedida de agir diante dos desmandos de atravessadores de toda ordem que fazem a festa sob a batuta e com as bandeiras de Bolsonaro.

Também no que se refere à questão da mineração, a permissividade do governo foi de perder de vista. De acordo com o levantamento feito pelo “De olho nos ruralistas”, o garimpo ilegal cresceu vertiginosamente no último período. Em Roraima, o estado com maior crescimento relativo, o salto foi 258% de terras sob a atividade extrativa mineral ilícita. Garimpo este que, inclusive, foi estimulado por Bolsonaro em decreto que trata de “mineração artesanal”, isso para não tratar de seu plano de governo que também previa a aprovação da mineração em terras indígenas.

Aliás, o debate eleitoral entre Lula e Bolsonaro não se viu isento da abordagem da temática. Se, de um lado, o negacionismo seguiu como tônica, de outro as promessas de que não se terá lugar para o “garimpo ilegal” em terras indígenas - restando saber se este será autorizado por lei... - e a disputa pela paternidade da transposição do Rio São Francisco - um atentado contra a natureza brasileira - marcaram os meses que antecederam as eleições.

O novo governo que se avizinha - e que quando do nosso debate no 41º Congresso estará dando seus primeiros passos - não prenuncia mudanças radicais na agenda de destruição ambiental. Até mesmo medidas aparentemente progressivas, como o anúncio de um Ministério para os Povos Originários - que de nada adiantará se não tiver condições materiais e autonomia para consecução de suas políticas – mais podem ser chamariz a negócios com países do norte global do que, efetivamente, um vetor para promoção do interesse desta parcela da população. O mesmo vale para novos ventos no Ministério do Meio Ambiente, os debates acerca da transição energética e a lida com os créditos de carbono. Mais graves ainda são as discussões sobre a autonomia energética do país - ainda calcada em megaprojetos ecocidas e nos saldos advindos

da exploração petrolífera - e a agenda proposta para a ampliação dos parques eólicos e extração de minerais radioativos no nordeste brasileiro - sobretudo na Bahia e Ceará –, que prenuncia pela despossessão da terra e contaminação o lançar ao caixão trabalhadores e trabalhadoras às centenas. Em seu discurso na COP 27, Lula pronunciou, muito embora amparado em um diagnóstico acertado, que não fugirá da agenda de um “impossível capitalismo verde” - para nos utilizarmos da expressão de Daniel Tanuro –, amparado, sobretudo, na lógica da financeirização da natureza e constituição de novos mercados ditos sustentáveis.

Enquanto isso, o bolsonarismo segue também em um compasso fóssil. Os gritos golpistas vem sendo ecoados em caminhonetes movidas à diesel e em paralisações de donos de frotas de caminhões que, por alguns dias, colocaram um pouco mais de temor na estabilidade econômica e política nacional, inclusive evidenciando nossa dependência para circulação de bens de vida - tornados mercadorias - por uma malha rodoviária reclamadora de motores a combustão. Isso para não falar na fumaça dos tanques no 7 de setembro...

Mas nem tudo são lamúrias. É de se ter em conta que a agenda da luta das classes trabalhadoras reafirma o lugar de centralidade do enfrentamento promovido por indígenas e a urgência de suas pautas. Sinaliza o acirramento, ainda que pelas fúnebres cifras dos conflitos no campo, do que é a ofensiva de alguns segmentos da luta. Denota a realização de iniciativas importantes, como o X Fórum Social Pan-Amazônico, realizado em Belém em julho de 2022, que, inclusive, contou com a participação de nosso sindicato nacional.

Serão muitos, porém, os desafios que se lançarão ao próximo período em nossas lutas. Desafios que devem se colocar ante projetos no campo da ciência e tecnologia de caráter produtivista, “progressista” e prometéico, próprio de um desenvolvimento social-liberal pautado pelo crescimento capitalista; no embate a novas e perversas formas de apropriação e privatização da natureza, bem como ao fomento à lógica de empregos verdes balizados em marcos precários.

Tais apontamentos nos convidam a fortalecer a luta enquanto educadores e educadoras, pesquisadores e pesquisadoras, a uma agenda voltada a um atravessamento diagonal do temário socioambiental às nossas perspectivas de construção de um novo mundo, que, decididamente, passam pelo nosso trabalho. As universidades públicas, institutos e CEFETs cumprem um papel fundamental na possibilidade de transformação e mudança deste cenário. Em seis anos, o Ministério da Educação perdeu quase 40% do orçamento. Os ataques à educação vêm desde antes do governo Bolsonaro, mas se intensificaram neste período. Logo em 2019, o MEC anunciou corte de 30% nos repasses às IES. O então Ministro da Educação, Abraham Weintraub, num ato também de negacionismo, alegou que nas universidades se propõe à balbúrdia, mostrando desconhecer a realidade de nossas instituições. Em junho de

2022, o MEC bloqueou outros R\$ 438 milhões referentes aos orçamentos das universidades e institutos federais. Após a sua derrota, em novembro, um novo bloqueio de R\$ 366 milhões foi anunciado, zerando o orçamento das IFES, quadro apenas revertido após ampla mobilização do setor da educação. A defesa do ensino público, gratuito e de qualidade é parte de nosso compromisso na profusão e produção de um conhecimento crítico, com fomento a saberes que, desde o seu seio e em diálogo permanente com saberes outros, possam nos fazer transpor essa ordem doente, que, perecendo, coloca em xeque a existência da humanidade e de toda forma de vida.

É a partir da compreensão estruturante de onde estão localizadas as explicações de nossa precarização, que não podem descuidar do descompasso entre o metabolismo social humano pautado pelo capital em contraface ao restante da natureza como uma de suas pedras de toque, que também nos coloca enquanto sindicalistas em reclamos que transbordam nossa categoria, alcançando os mais urgentes anseios do conjunto das classes trabalhadoras e toda forma de vida na Terra.

Enfim, este esforço de sistematização, feito para conferir contornos socioambientais à leitura de conjuntura, diante da crise estrutural e civilizacional do capital, se coloca a cada dia mais urgente. Todos os nossos espaços de luta – e o sindical não faz exceção! - devem alçar à condição de centralidade tais bandeiras. Não se trata de temário novo, de invenção deturpadora da luta de classes. No seio da modernidade, todos os nossos enfrentamentos tiveram atravessamentos por essa lógica - seja a luta pela terra e autonomia de nossa produção de bens de vida, por melhores condições de saúde, segurança e higiene no trabalho, condições de moradia e qualidade de alimentos - e que chegam a esse estágio da convulsão capitalista a nos reclamar, ainda mais, essa necessidade, que não pode ser objeto de atenção exclusiva de um setor ou segmento da categoria, mas do conjunto de toda nossa classe.

TEXTO 9

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Ana Maria Alvarenga (ADUSC), Aritana Sousa Dutra de Melo (SINDIFPI), Gisele Sifroni (ADUA), Raphael Furtado (ADUFES), Valdeci Luiz Fontoura dos Santos (ADUFMS)

NA LUTA COM A CLASSE TRABALHADORA PARA DERROTAR O GOVERNO BURGUESES DE LULA E ALCKMIN E FAZER AS GALINHAS VERDE-AMARELAS VOAREM: POR UM ANDES CLASSISTA, COMBATIVO, INDEPENDENTE E DEMOCRÁTICO.

*“quando eu nasci
um anjo louco muito louco
veio ler a minha mão
não era um anjo barroco
era um anjo muito louco, torto
com asas de avião*

*eis que esse anjo me disse
apertando minha mão
com um sorriso entre dentes
vai bicho desafinar
o coro dos contentes
vai bicho desafinar
o coro dos contentes
let's play that!”*

(Torquato Neto)

TEXTO DE APOIO

Introdução:

Um congresso de trabalhadores precisa ser sério nas suas discussões, se debruçar a fundo sobre a realidade para além das aparências e chegar à essência dos fenômenos que analisa. Infelizmente o que muitas vezes impera é o oposto: análises superficiais (algumas vezes embaladas em um jargão academicista totalmente inadequado para o movimento sindical) e

muito oba-oba, que desarmam completamente a classe trabalhadora para os enormes desafios que estão colocados. Tentamos aqui fazer um sincero esforço no sentido contrário, buscando ir a raiz dos graves fenômenos com os quais temos que lidar. Quem se nega a fazer isso, corre o risco de entrar em acordo tácitos com nossos inimigos de classe, a tal ponto de se prestar ao ridículo de dar “parabéns, presidente Lula”. Seguindo Torquato, viemos desafinar o coro dos contentes.

A crise capitalista e a nova forma de acumulação de capital: a luta de classe e a Indústria

4.0

A crise cíclica do capital manifestada explicitamente a partir de 2008 segue aberta e sem perspectiva de solução em curto e médio prazo. Em sua primeira manifestação, isto é, nos primeiros anos da segunda década desse milênio, tal crise provocou o aprofundamento das enormes e estruturais desigualdades que o sistema capitalista traz em seu âmago. A chamada crise dos alimentos que explodiu em 2011 no Magreb (Norte da África), com destaque à Tunísia, Egito e Líbia, bem como em parte do Levante (Síria e Curdistão) foi a principal determinação material para as insurreições populares que questionaram regimes políticos oligárquico-burgueses que dominam há décadas a região mediante a violência contra a classe trabalhadora e minorias étnicas.

Quase uma década depois, a forma fenomênica da crise capitalista é expressa no aumento generalizado dos preços não apenas dos alimentos, mas também dos recursos básicos que estão presentes no cotidiano da civilização moderna, como o preço dos combustíveis. Assim, como um efeito em cadeia, os salários dos trabalhadores em todo mundo estão sendo corroídos frente ao aumento dos preços dos alugueis, do transporte, do gás de cozinha, da gasolina, do diesel, dos produtos alimentícios, etc.

Provocado pela política de socorro financeiro dos governos imperialistas para os grandes bancos, o processo inflacionário trata-se de uma medida paliativa para evitar que o lucro dos capitalistas derreta. No entanto, apesar de ser agraciado com essas ações dos governos dos países capitalistas centrais, o certo é que o capital não pode passar ileso das consequências sociais e políticas que o programa de socorro financeiro (*salvatage*) está a provocar em todo mundo.

Como desdobramento do transcurso inflacionário, a classe trabalhadora retoma de forma mais contundente os enfrentamentos com as formas políticas que o capital assume, ou seja, com os governos burgueses de plantão (de direita e de esquerda) que levam a fundo e a cabo o

projeto capitalista de privatizar a riqueza e de socializar as consequências da crise com o proletariado. Dessa forma, sublevações populares correm o mundo de forma desigual e combinada, guardando cada qual uma particularidade que assume nesse processo (França em 2018, Chile em 2019, Equador em 2019, Sudão 2019, Haiti em 2020, Peru em 2020, EUA, 2020, Colômbia 2021, Sri Lanka, 2022, China, 2022, Irã, 2022, etc.).

Frente a isso, a resposta burguesa em âmbito planetário é uma política que combina a repressão e a cooptação das massas de forma imediata com a submissão da classe trabalhadora em nível mundial para uma nova reestruturação produtiva, que é o eixo de aposta do capital para superar sua crise. Essa reestruturação produtiva, intitulada Indústria 4.0 ou IV Revolução Industrial, impõe uma nova divisão internacional do trabalho com graves consequências para os países capitalistas dependentes que é o caso do Brasil.

Em sua aparência, a digitalização e sensorização da produção (TIC) encerram a participação do trabalho vivo como central. No entanto, em essência, a digitalização e sensorização da produção não apenas mantêm como necessitam impor condições severas para a realização do trabalho vivo em regiões fora dos centros dinâmicos do capitalismo. Não há tecnologia 5G sem a extração brutal do lítio na China, no Chile, na Argentina e no deserto de sal na Bolívia. Não há aparelhos ultra modernos de celulares, notebook e TV Smart sem a extração do ouro em terras indígenas na Pan-Amazônia e no Vale de Yucatán. Não há carros elétricos sem a extração quase semiescrava do cobalto no Congo. E por trás da superexploração de trabalho em regiões da África Subsaariana e da América Latina, soma-se ainda o fato que no transcurso de transformação da natureza mediante o trabalho estranhado, o ritmo de destruição da natureza orgânica (biodiversidade) e inorgânica (humana) atinge patamares superiores aos processos de acumulação de capital anteriores.

Ao imperialismo consolidado (Europa, EUA e Japão) e ao imperialismo emergente (China) cabe a produção da mais sofisticada engenharia de semicondutores, software, o controle da captação de dados em Big Data e sua transformação e Inteligência Artificial (IA), o monitoramento centralizado da produção em tempo real em qualquer canto do mundo, controle militar via BlockChain, etc. Aos países asiáticos, com destaque para o sudeste asiático, cabe a montagem de hardware que abriga a tecnologia da indústria 4.0. E à América Latina e África resta a extração e exportação de minérios imprescindíveis para a produção a ligação entre o software e o hardware (ligação ciberfísica).

O ritmo acelerado de produção e inovação produtiva, bem como as disputas interimperialistas pelo domínio dos nove pilares da Indústria 4.0 tornam imperiosa a extração de minérios em vários lugares do mundo e sob várias formas, de tal que incorporam a produção mineral ilegal e legal. Essa é razão pela qual há cumplicidade e conflito entre grandes

mineradoras estrangeiras e grupos de garimpeiros nacionais vinculados a estratos mais lumperizados do capital interno, nos países periféricos. Em geral, o garimpo é funcional para as grandes mineradoras ao abrir o espaço em reservas de proteção ambiental e em territórios indígenas, mas de pronto passa a ser concorrente e, portanto, precisa ser eliminado, quando também se torna fornecedor para o mercado mundial de minérios ligados às grandes empresas de tecnologias. É isso que se passa no Congo, na Pan-Amazônia e no México.

Esse processo impõe, portanto, aos países capitalistas dependentes um forte processo de desindustrialização combinado com o aumento das atividades do setor primário exportador, ou seja, uma combinação que resultará em um grave avanço do desemprego como condição estrutural.

Não é novidade que, sob o capitalismo, qualquer desenvolvimento tecnológico produz desemprego e mais exploração. No entanto, o salto que estamos vendo não tem precedentes. Uma gigantesca parte da humanidade será jogada para o já gigantesco exército de reserva, em um processo crônico de desemprego estrutural, gerando uma massa incontrolável de despossuídos. A países periféricos como o Brasil, só restará, nessa nova divisão internacional do trabalho um papel característico de colônias: por um lado, exportadora de commodities do agronegócio e da mineração, arcando com todos os custos humanos e ambientais; por outro, consumidora de produtos industrializados produzidos nas metrópoles (pois no Brasil fecham-se em média 17 fábricas por dia, dados da CNI, de 2012).

Bom, uma análise materialista da produção não pode prescindir do estudo das matérias-primas. Quais as matérias-primas para essa revolução tecnológica? Onde estão localizadas? Segue uma pequena lista, bastante incompleta, mas que já fornece um cenário:

- Coltan (mistura de COLumbita e TANtalita, da primeira se extrai o nióbio, da segunda, o tântalo). O coltan é fundamental para a produção de smartphones. A luta pelo controle da exploração do minério no Congo já levou à morte de mais de 4 milhões de pessoas e também a uma quantidade gigantesca de refugiados para países como a África do Sul e o Brasil. No Brasil, teve grande repercussão o brutal assassinato do imigrante Moïse no Rio de Janeiro por bandos rascistas. Milícias apoiadas pelo governo da África do Sul aterrorizam também os imigrantes nesse país. No último congresso do Andes, alguns signatários desse texto apresentaram um texto de apoio a esses imigrantes, mas infelizmente o Congresso não apreciou o mesmo por “falta de tempo”. No Brasil as principais reservas de tantalita estão nos estados de Roraima e Amapá. O Brasil possui também as maiores reservas de nióbio do mundo, sob o solo da Amazônia, grande parte dentro de reservas indígenas, sobre o que falaremos mais adiante

- **Lítio:** O lítio é um elemento químico fundamental para as modernas baterias, peça-chave para os carros elétricos que, em breve, devem substituir os carros movidos a combustíveis fósseis. Pode-se e deve-se esperar uma mudança do centro geopolítico. Da guerras por petróleo, passaremos à guerras por lítio. O principal produtor mundial de lítio é a Bolívia. Não a toa, o estúpido e bilionário Elon Musk disse que os EUA dariam golpes onde quisessem para garantir o fornecimento do minério sem o qual sua Tesla Motors não existe.
- **Potássio:** Fundamental componente para a produção de fertilizantes, essencial para o agronegócio. Sob o solo da Amazônia encontram-se reservas no valor estimado na casa do trilhão de dólares. Os ataques de garimpeiros e mineradoras aos indígenas do sul do Amazonas e Rondônia, onde se situam a maior parte dessas reservas deixam claro o que está em jogo.
- **Urânio:** Atualmente 15% da produção de energia elétrica mundial tem como base a fissão nuclear do Urânio. Esse índice está crescendo. Calcula-se que em breve a China será o lidera mundial em geração de energia elétrica a base de Urânio. O Brasil possui grandes reservas já identificadas de Urânio e estima-se um potencial de mais 300 mil toneladas... sob o solo da Amazônia.

Então, é sobre isso que é preciso falar: uma nova revolução tecnológica, que gerará bilhões de desempregados e cujas matérias-primas já levam a guerras e golpes de Estado. A extração dessas matérias-primas produz grande impacto humano e ambiental e grande parte dessas reservas está sob o solo da Amazônia, em áreas indígenas.

O plano do capitalismo para o Brasil nessa nova divisão internacional do trabalho é claro E INDEPENDENTE DO GOVERNO DE PLANTÃO: desindustrializar e garantir a exportação de commodities. Nenhum governo burguês irá se opor a esse plano. O papel da burguesia nacional está definido a décadas: ser sócio minoritário do imperialismo e capataz da metrópole na rapina de nossas riquezas.

O papel do Estado e a Economia

Dentre desse cenário objetivo, qual o papel do Estado burguês? Ora, pra quem reivindica a uma visão marxista de mundo, a resposta é óbvia: garantir essas relações de produção. Para isso é necessário uma modificação na estrutura das relações trabalhistas (em grande parte já feita), dando ao capital “segurança jurídica” para explorar mais. Então o arcabouço de leis e a estrutura do sistema judiciário se alinham com essa nova orientação. Ao

contrário do governo Bolsonaro, cheio de maus modos, os mesmos ajustes, sob Lula/Alckmin, devem se dar sob a égide do “Estado Democrático de Direito”, chanceladas por leis, convenções e o STF, e garantidas não por milícias, mas pelo próprio aparato repressivo do Estado: Forças Armadas e Forças Auxiliares. A saída para a exploração ilegal será legalizar a exploração. Sairão de cena os garimpeiros gângsters que abriram caminho e entrarão de vez as grandes mineradoras multinacionais com carimbo de “sustentáveis”. A Vale, e o Rio Doce, que o digam.

Por isso é importante que o movimento acorde e pare de falar coisas sem sentido, como exigir que Lula revogue a reforma da previdência ou a trabalhista, ou ainda a lei do teto. Não o fará! Não foi eleito para isso, nem se comprometeu com isso. É um governo burguês e o que irá fazer serão simplesmente pequenos ajustes para tornar essas medidas mais eficazes para o capital. Como se não bastasse, as centrais sindicais (a exceção da CSP-Conlutas, será por isso que a direção do ANDES quer nos desfiliar?) pediram à equipe de transição para NÃO REVOGAR A REFORMA TRABALHISTA.

Da mesma forma, uma colônia exportadora não precisa de uma educação de qualidade, muito menos de universidades de ponta e grandes centros de pesquisa. Lula disse na campanha que vai fortalecer o ensino superior com... FIES e PROUNI! Dinheiro público pros tubarões da educação privada, em português claro: privatização da educação. Além disso o passado nos autoriza a supor uma “expansão” do ensino público via... EAD! Emulando os pelegos sindicais, sua contraparte estudantil, a UNE, não defenderá a revogação da Reforma do Ensino Médio!

A Reforma do Ensino Médio, que foi planejada por Dilma, expressa a formação rasteira e aligeirada do perfil profissional desejável, pela burguesia, para os trabalhadores da neocolônia brasileira nessa quadra histórica. Da mesma forma isso se consolida na “formação” superior das uniesquinas e via EAD.

Sob um discurso de parcerias, inovação, etc, um Future-se com nove nome certamente virá. As universidades que quiserem verba, que as consigam vendendo serviços. Algumas áreas conseguirão, outras ficarão completamente na penúria. O mesmo para pesquisas, não há motivos para se iludir com o contrário.

A estrutura do Estado também precisará ser alterada. Uma reforma administrativa já foi anunciada por Lula e não deverá ser muito diferente da de Bolsonaro, apesar dos discursos... Afinal, a Reforma da Previdência de Lula em 2003 foi feita com o discurso de justiça, igualdade, fim de privilégios... Não será diferente agora. O modelo Lula já tem: a sua EBSEH. Assim como Lula privatizou os HUs, privatizará os demais serviços.

É evidente que, frente a esses ataques estrondosos, essa massa de desempregados, precarizados, famélicos, sem moradia, expulsos de suas terras, não terá outra alternativa que não seja se revoltar. Por isso, um setor do Estado ao qual não faltará investimento será o da

repressão. Só se reestrutura uma economia nesse grau recorrendo à força. Assim, não resta a um governo burguês outra saída que não seja ser cada vez mais repressivo, cada vez mais bonapartista. Ou é isso, ou o governo não se sustenta, pois esse é o único plano possível para a burguesia. E, embora Lula tenha sido eleito por uma frente amplíssima que foi do Itaú ao PSTU, do Amoedo ao Povo sem Medo, seu compromisso é com a burguesia. Não é Boulos, Sofia Manzano ou Vera Lúcia que está na coordenação da Equipe de Transição: é Alckmin! Quem coordena a equipe de educação? As fundações Lehman, Itaú... Quem será o Ministro da Defesa? Um político que foi da Arena, do PFL estava no PTB, é elogiado por Bolsonaro e por Mourão e queridíssimo do Partido Militar. Quem é o candidato de Lula à presidência da Câmara? A lista não acaba...

A não ser para os incautos, não deveria ser surpresa o caráter bonapartista do governo que mais encarcerou pobres e negros na História do Brasil, com a lei anti-drogas; que foi capaz de mandar tropas do Brasil para massacrar o povo do Haiti, sob o comando do General Heleno; que usou as “técnicas” desenvolvidas no Haiti pra fazer os caveirões subirem os morros do Rio, que enfiou Belo Monte goela abaixo dos povos originários, destruindo a Volta do Xingu e todo um longuíssimo e triste etc.

Os movimentos sociais também não devem esperar tratamento muito melhor. Se Lula sem Alckmin já foi capaz de cassar a carta sindical do Andes porque o sindicato foi contra a reforma da previdência, imaginem agora? Quem não lembra do tratamento dado por Alckmin e Xandão aos estudantes nas ocupações de 2016 contra a lei do teto e a reforma do ensino médio? Quem não se lembra do Pinheirinho? Talvez aqueles que financiam caravanas para a posse de Lula...

Ah, tá... Mas e a Ultra-direita???

Ao contrário de algumas correntes ultra-esquerdistas que negam a realidade, os signatários desse texto afirmam que a ultra-direita existe, é perigosa e segue existindo com o fim do governo Bolsonaro. Obviamente não representa o total e nem mesmo a maioria dos 58 milhões de eleitores de Bolsonaro no segundo turno, mas deve englobar em torno de 20% de população, entre eles a ampla maioria do efetivos do aparato repressivo burguês. Esse setor tem dinheiro e iniciativa. principalmente, muito mais iniciativa do que o conjunto da “esquerda” brasileira, inclusive aquela que se proclama revolucionária.

Foi apresentado por alguns de nós no último Congresso do Andes uma resolução sobre a necessidade de se lutar por nem mais um dia para Bolsonaro. Dizíamos que a luta contra o

governo de ultra-direita não poderia ser desviada para as eleições. Ao contrário de Lula que se declarou contra o impeachment de Bolsonaro e da maioria das direções do movimento, que abandonou os atos pelo Fora Bolsonaro, deixando nas mãos de um genocida o controle da máquina do Estado, através da qual ele pôde usar de todas as ferramentas disponíveis para “passar a boiada”, eleger seus candidatos e quase conseguir se reeleger. Infelizmente, nossa proposta também não pôde ser avaliada no último Congresso “por falta de tempo”.

Como se não bastasse a ampla maioria das direções da classe trabalhadora ter aceito passivamente que Bolsonaro chegasse ao fim de seu governo, mesmo depois de cerca de 700 mil mortos na pandemia; mesmo depois da tentativa fracassada de golpe de 07 de setembro de 2021, mesmo deixando 110 milhões de pessoas em insegurança alimentar, a “esquerda” ainda consegue a façanha de não se insurgir contra os bloqueios de estrada e os atos golpistas nas portas dos quartéis. Nesse enfrentamento o povo de São Mateus (ES) e as torcidas organizadas deram um banho de auto-organização, ação direta e combatividade em todos os partidos de esquerda do Brasil.

Dizia Gramsci: “a História ensina, mas não tem alunos”. As lições dos comunistas e anarquistas, dadas em 7 de outubro de 1934, ao varrerem os integralistas de uma manifestação na praça da Sé, selando o destino desse movimento fascista, foram esquecidas. Hoje o que se vê por parte da ampla maioria da “esquerda” são pedidos ao STF, ao Exército, às polícias para que acabem com as manifestações golpistas. Se a classe trabalhadora organizada fosse lá, se “o morro descesse sem ser carnaval” e derrubasse alguns desses acampamentos com os métodos de luta da classe trabalhadora, botando as galinhas verde-amarelas pra voar, seria muito mais difícil para os movimentos de ultra-direita conseguirem atrair novos militantes. Trotsky, inclusive, ensina isso com todas as letras no fundamental “Aonde vai a França”, mas parece que a História não tem mesmo alunos. Pelo menos não entre as apáticas (ou patéticas?) direções majoritárias da classe trabalhadora em nosso país.

O fato é que, mesmo perdendo o apoio do governo federal, essa militância de ultra-direita está aí, e não foi derrotada, POIS NÃO SE DERROTA O FASCISMO NAS ELEIÇÕES. É, de fato, a única oposição organizada ao governo Lula e Alckmin que existe. Embora seus parlamentares devam votar junto com Lula e Alckmin nos ataques aos trabalhadores, é a ultra-direita hoje quem tem disposição para botar gente na rua e que poderá capitanear uma eventual revolta contra o próximo governo, na inexistência de uma oposição de esquerda. Vide o caso do Peru, onde o fujimorismo se fortaleceu com o fracasso do patético governo do machista e LGBTfobico Castillo, eleito com o apoio de praticamente toda a esquerda peruana (e internacional).

Uma das partes mais lamentáveis da tragédia da esquerda brasileira é que hoje são os fascistas, a ultra-direita, somente eles, que são vistos como anti-sistema. A esquerda, inclusive a dita revolucionária, é vista pelas massas, pela juventude, como defensora da ordem, do legalismo, “do amor”... Em resumo, a esquerda brasileira hoje, como um todo, não é capaz nem de oferecer uma utopia para incendiar o imaginário da classe trabalhadora, juventude, dos setores oprimidos. O máximo de rebeldia parece ser votar em “bons” parlamentares, que fazem belos discursos para as redes sociais e perdem lindamente todas as votações importantes no Congresso...

Quando alguns entregadores de aplicativo incendiaram a estátua do facínora, genocida e estuprador Borba Gato, o que mais se viu foram militantes “de esquerda” indignados com o “vandalismo”. O que fazer quando, frente a maior crise histórica do capitalismo, os principais dirigentes da classe trabalhadora se apresentam como defensores do “Amor”, da “Ordem” e do “Progresso”?

Não é errado fechar ruas e estradas! Errado é fazer isso pra defender golpe militar! Esses são métodos legítimos de nossa classe! Ser contra o uso desses MÉTODOS agora é pedir repressão contra nós logo mais! Queimar estátuas de genocidas é reparação histórica. Nos EUA o movimento negro tem sistematicamente destruído estátuas de antigos líderes escravistas. Até a minissérie “Wandinha”, da Netflix, enaltece a queima da estátua de um líder puritano canalha da época da colonização dos EUA. Mas não a esquerda brasileira! A “esquerda” brasileira é menos combativa que a Galoucura e que a Wandinha!

Assim fica fácil pra ultra-direita...

A Questão das Opressões

Da mesma forma, não há razões para se esperar avanços nos direitos reprodutivos das mulheres (Lula chegou a acusar Bolsonaro de “abortista” em um debate e Alckmin pertence à organização de direita católica fundamentalista Opus Dei). A vida das mulheres pobres foi jogada pro alto, mais uma vez.

Sobre a questão racial, além do que já dissemos, o que esperar de um governo burguês num processo de reestruturação produtiva? Quem são os mais pobres, quem serão os mais afetados pelas políticas repressivas? É claro que serão negros e indígenas, como sempre foi na História do Brasil. Sobre isso, é importante ressaltar o genocídio que os Yanomâmis estão passando na sua luta contra os garimpeiros. Para proteger os povos indígenas, seu modo de vida e suas relações comunais de propriedade seria necessário impedir completamente a mineração

em terras indígenas, o que está completamente fora do script imperialista para a Amazônia, que Lula e os militares irão seguir a risca. Aliás, vale lembrar que no Congresso passado do Andes, alguns de nós signatários apresentamos um texto com aproximadamente 100 assinaturas, que propunha uma campanha de solidariedade aos Yanomâmis. Infelizmente esse texto também não foi avaliado por falta de tempo.

Com os acordos com o Centrão e as igrejas evangélicas, não se espere também nenhum avanço nas pautas das LGBTs. Tudo isso ficará “para depois”, em um dos países que mais mata LGBTs no mundo HOJE.

No que depender desse governo, como de todo governo burguês, nossas veias abertas continuarão sangrando mas, como sempre, nenhum sangue escorrerá tanto quanto o negros e negras, indígenas, mulheres e LGBTs.

O Andes-SN, tão prolífico em fazer cartilhas e cartazes, deveria de fato se somar as lutas dos setores oprimidos. Não adianta aprovar o programa mais avançado e não tomar iniciativas para disputá-lo nem em sua base. É preciso sair da bolha de cristal, é preciso pisar no chão da luta de classes.

Recapitulando: temos crise do capitalismo mundial, no cenário de uma disputa interimperialista e de uma reestruturação produtiva extremamente reacionária, com rebaixamento do país da divisão internacional do trabalho nos trazendo a um status neocolonial, destruição quase irreversível da floresta amazônica e outros biomas, um governo burguês com disposições bonapartistas e apoio de toda a pelegada que constitui ampla maioria das direções da classe trabalhadora, uma ultra-direita organizada e disposta e uma “esquerda revolucionária” que tem menos iniciativa que a Wandinha... Isso sem falar na possibilidade bastante concreta de um colapso ambiental global que pode levar até mesmo à extinção da humanidade em médio prazo.

Qual é a saída? O pneumotórax não adianta, será que só nos resta dançar um tango argentino?

A saída sempre foi uma só. A luta, a luta de verdade. Com a agudização da crise do capitalismo, a velha disjuntiva de Rosa tornou-se mais estrita: *revolução socialista ou extinção*. A citada barbárie já é a realidade da vida de nossa classe em diversos locais do mundo. A situação em países inteiros como Congo ou Haiti não pode ser descrito através de outra palavra.

O mesmo vale em nosso país também, nas regiões dominadas pelo garimpo ilegal na Amazônia, nas periferias de grandes cidades controladas por milícias...

E não, a culpa não é da nossa classe! A nossa classe só quer viver com dignidade. A culpa é de suas direções traidoras. A nossa classe sempre lutou e seguirá lutando. Os milhões de famélicos irão se levantar, do jeito que puderem, seja saqueando, seja fazendo o que for necessário para sobreviver. A questão é que, sem uma direção revolucionária, para usar uma famosa analogia de Trotsky, toda a revolta se dispersa como o vapor que sai da caldeira quando não há um pistão pra mover a máquina. O pistão são as organizações da classe trabalhadora, entre elas o Andes-SN. Hoje, o pistão está completamente destruído, cheio de furos pelos quais o vapor escapa. As direções atuais fracassaram, foram cooptadas, se burocratizaram, se venderam, salvo uma ínfima minoria.

Mas é dessa ínfima minoria, junto com os batalhões de nossa classe que serão levados à luta por questões objetivas e materiais de sobrevivência que reside a única possibilidade de superação desse estado de coisas. A classe não luta porque quer, a classe não faz revoluções porque quer. Faz porque não tem nenhum outro jeito. A situação de “não ter outro jeito” já está aí. Vamos como parte da classe, participar da construção do único caminho possível, ou iremos professoralmente continuar difundindo ilusões e dispersando forças?

Os signatários desse texto querem consertar o pistão. E o ANDES?

TEXTO 10

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Adriano Severo Figueiró (SEDUFMS); Adriano Vitti (UFRA); Albany Mendonça (APUR); Aloízio Soares (ASPUV); Angela M. Soares Ferreira (ASPUV); Antônio Cláudio M. Costa (ADUFU); Antônio Luis de Andrade – Tato (ADUNESP); Benedito G. dos Santos Filho (UFRA); Célia Otranto (ADURRJ); Dilenio Dustan (APES-JF); Fabiane Costas (SEDUFMS); Igor Morici (SINDCEFET-MG); Janete Luzia Leite (ADUFRJ); Luís Mauro Magalhães (ADURRJ); Milton Vieira do Prado Júnior (ADUNESP); Monica Pirozi (ASPUV); Zenilde Moreira (ADUFERPE).

PONTOS DA CONJUNTURA: CONTRIBUIÇÃO AO 41º CONGRESSO DO ANDES-SN

Os socialistas burgueses querem as condições de vida da sociedade moderna sem as lutas e os perigos que dela decorrem fatalmente. Querem a sociedade atual, mas eliminando os elementos que a

revolucionam e a dissolvem. Querem a burguesia sem o proletariado. Como é natural, a burguesia concebe o mundo em que domina como o melhor dos mundos. O socialismo burguês elabora em um sistema mais ou menos completo essa concepção consoladora. Quando convida o proletariado a realizar esses sistemas e entrar na nova Jerusalém, no fundo o que pretende é introduzi-lo a manter-se na sociedade atual, desembaraçando-se, porém, do ódio que ele nutre contra ela. (Karl Marx)

TEXTO DE APOIO

Nosso propósito nesse texto não é explorar a conjuntura internacional e as contradições do capital internacional, mas sabemos a sua importância, bem como reconhecemos a imposição internacional dos países detentores do grande capital.

Na América Latina e no Caribe, reconhecemos a exploração e a opressão impostas pelo grande capital; e a intervenção política internacional com a destituição de presidentes, golpes e contragolpes ou mesmo juízes e promotores, “alunos” dos juízes parciais do Brasil, que condenam a ex-presidente na Argentina.

O que queremos é trazer uma breve discussão pontual de alguns momentos da nossa conjuntura.

O que pensar da articulação do futuro governo Lula, do orçamento secreto e da composição do Congresso e da luta pela escola pública?

A conjuntura pós-eleições nos colocou numa situação bastante complexa e exigirá um processo de reflexão e muita luta. Com isso queremos dizer, assim como Marx, que cada passo do movimento real vale mais do que uma dúzia de programas, textos de conjuntura ou mesmo escritos acadêmicos. Porém, admitimos a sua importância, e que é preciso um amplo acordo para uma ação radicalizada contra o inimigo comum. Mas é fundamental reconhecer que a unificação da luta não se satisfaz por si mesma; não podemos aceitar o fetiche do êxito efêmero e da eliminação de nossas diferenças.

Muitas são as lutas e as conquistas que precisamos enfrentar socialmente. Como pensar em sair de nossa CSP Conlutas numa hora dessas?

BALANÇO da CSP CONLUTAS

A CSP nunca deixou de lutar pelo direito e hegemonia de classe. E sempre se constituiu como uma organização popular classista, pois os movimentos populares sempre estiveram e estão nas suas fileiras de luta.

No Caderno de Textos do 14º Conad Extraordinário sobre o balanço da CSP Conlutas, percebemos que parte das análises trouxeram questões bastante interessantes, como por exemplo: “o mundo ainda vive o aprofundamento da crise do capital que se intensificou com a pandemia da Covid”. É preciso lembrar que o mundo capitalista é uma eterna crise que só cessará com a revolução e consolidação da hegemonia da nossa classe; que não é média e nem intermediária, e sim trabalhadora em sentido amplo.

No debate do Conad foi dito que a CSP é uma Central irrisória que não tem base e atrapalha a luta. Porém, se formos pensar dessa forma, o que dizer de partidos que não possuem nenhuma representação social, que lançam candidaturas e nunca elegem nenhuma representação? Será que é esse mesmo o debate e o melhor argumento? E tiveram a petulância de afirmar que “a CSP vive uma crise terminal”. Só quem não acompanha a luta da CSP pode fazer esse tipo de afirmação.

É necessário considerar que a construção da CSP é conjunta/coletiva com todas as suas contradições, e temos responsabilidade sobre esse debate e a luta que dele pode derivar. Mas o que quer dizer sair da CSP? Que ficaremos isolados? Mas não é essa a crítica feita a CSP? Ou este falso argumento é a preparação para entrarmos em uma outra Central que terá a hegemonia de outro partido? Partido esse que poderá estar naquele momento na diretoria do Andes-SN. O que se quer com a saída da CSP?

No debate que de alguma forma fundamenta os argumentos para a saída do Andes-SN da CSP está a situação de sermos minoria dentro da CSP. É verdade. Nós, que somos minoria dentro do Andes-SN, sabemos bem como é isso. E como funciona a hegemonia no Andes-SN? A hegemonia do Andes-SN define tudo dentro do sindicato, estabelece comissões, aprova mudanças regimentais e estatutárias, impõe políticas de todo tipo, expulsa filiados, e vem se tornando muleta de partido político à revelia de sua base, ou seja, nos impõe todo tipo de “sorte”. Realmente, o argumento é correto, ser minoria não é fácil, mas estamos na resistência. Fomos forjados na resistência. Em que agrupamento não seremos minoria? Num agrupamento em que um determinado partido seja majoritário na direção do Andes-SN? Mas dessa forma não seremos mais um sindicato independente.

Por isso e por tantas outras, defendemos, que o Andes-SN permaneça filiado e construindo a CSP Conlutas, e que ao longo de 2023 o GTPFS retorne à salutar prática que já teve de organizar Cursos de Formação Sindical e debates tratando de temas como concepção e prática sindical, sindicato e internacionalismo da classe trabalhadora, sindicatos e enfrentamento a opressões, sindicatos e setores da classe trabalhadora não sindicalizados, sindicatos e povos originários e quilombolas etc.

Nesse sentido, é preciso construir uma CSP ainda mais aglutinadora das lutas.

BALANÇO DO ANDES-SN

O Andes-SN em seus 41 anos de luta nunca tinha se posicionado a favor de candidaturas. O que levou nosso Sindicato a esta mudança de posicionamento? Por que se posicionou somente no segundo turno? Que perspectivas esse posicionamento coloca para o Andes-SN e nossas lutas?

Não acreditamos que o processo eleitoral faça parte da luta de classes, mas sim uma forma de acomodação da classe trabalhadora, que aceita este processo como sendo a única alternativa de mudança.

A expulsão de um filiado de nossas fileiras nos fez lembrar do período em que o Andes-SN sofreu desvio de recursos por uma determinada diretoria e não constituiu comissão interna para julgar os diretores envolvidos e propor penalidades. Ao contrário. Inicialmente apresentou a demanda à Justiça (ainda que burguesa) para que esta julgasse em primeira instância, a fim de que não houvesse a apelação de perseguição política. Assim, a Justiça reconheceu os desvios e os enquadrou no artigo 171 do Código Penal. E mesmo após esse fato nunca nenhuma diretoria propôs a expulsão desses sindicalizados por entender que é livre a entrada e saída do sindicalizado.

No tocante à questão do assédio no interior do Andes-SN, é preciso entender que essa é uma pauta de extrema relevância e deve ser objeto de respeito e construção coletiva envolvendo o conjunto do sindicato. Contudo, o que se evidencia, em alguns momentos, é uma espécie de postura punitivista e vigilante imposta por uma maioria artificial. A percepção que se tem é de que existe uma instrumentalização destas questões, tão importantes, para estigmatizar e desqualificar opositores. A grande mídia adotou a “guerra dos sexos” e a pauta identitária como instrumento pró-capital. Não podemos perder de vista que nosso sindicato é classista e que as pautas pós-modernas são auxiliares do capitalismo e que essa pauta foi forjada num período histórico do capitalismo, colocando trabalhador contra trabalhador, numa fragmentação interclasse. É mister um amplo processo educativo na base do Andes-SN para avançarmos na pauta, pois a fragmentação não nos levará ao processo transformador e libertador que queremos.

Vamos à luta

TEXTO 11

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Alcides Pontes Remijo (ADUFG), Alexandre Barba (ADUFF), Aline Faé Stocco (ADUFVJM), Ana Clara Magalhães (ADUFAL), Ana Cristina Albuquerque (SINDIPROL/ADUEL), Ana Karen de Oliveira Souza (ADUFS-BA), Anderson Deo (ADUNESP), André Rosa Martins (SINDOIF-RS), Anielli Fabiula Gavioli Lemes (ADUFVJM), Antônio Rosevaldo Ferreira da Silva (ADUFSBA), Atenágoras Oliveira Duarte (ADUFPE), Benedito Carlos Libório Caries (ADUFS), Bianca Novaes de Mello (ADUFF), Breno Ricardo Guimarães Santos (ADUFMAT), Bruno Pizzi (ADUFDourados), Bruno Souza Bechara Maxta (APUBH), Caio Martins (ADUFRJ), Camila Leite Oliver (ADUNEB), Carla Daniel Sartor (ADUNIRIO), Carlos Augusto Aguilar Júnior (ADUFF), Célia Regina da Silva (ADUEMG), César Maranhão (ADUFRJ), Cláudia Lúcia da Costa (ADCAC), Cleide de Lima Chaves (ADUSB), Cleusa Santos (ADUFRJ), Cristiano Ferraz (ADUSB), Daniela Ferreira (ADUFPE), David Albuquerque de Menezes (SINDUECE), Douglas Ribeiro Barboza (ADUFF), Edson Marcelo Hungaro (ADUnB), Eduardo Chemas Hindi (SINDUTF-PR), Eduardo Serra (ADUFRJ), Elza Peixoto (APUB- UFBA), Fabio Bezerra (SINDCEFET-MG), Fernando Leitão Rocha Junior (ADOM), Fernando Medeiros (ADUFAL), Fernando Santos (ADCAJ), Filipe Boechat (ADUFRJ), Giovanni Felipe Ernst Frizzo (ADUFPEL), Guilherme Dornelas Camera (Seção Sindical do Andes-SN no UFRGS), Gustavo Miranda (APROFURG), Helga Maria Martins de Paula (ADCAJ), Herli de Menezes (ADUFRJ), Hilbeth Parente Azikri de Deus (SINDUTF-PR), Hilusca Alves Leite (SESDUEM), Hugo Leonardo Fonseca da Silva (ADUFG), Isabella Vitória Castilho Pimentel Pedroso (ADUFF), Ivna Nunes (ADUFMAT), Jaqueline Botelho (ADUFF), Jamesson Buarque de Souza (ADUFG), Jaqueline Botelho (ADUFF), Jefferson Rodrigues Barbosa (ADUNESP), João Paulo Chaib (SINDCEFET), José Alex Soares Santos (SINDUECE), Juliana Bohnen Guimarães (ADUEMG), Juliane Larsen (SESUNILA), Júlio César Pereira Monerat (APES), Kate Lane Costa de Paiva (ADUFF), Katia Melo (ADUFAL), Kathiúça Bertollo (ADUFOP), Lara Carlette Thiengo (ADUFVJM), Larissa Figueiredo Salmen Seixlack Bulhões (ADUFLA), Leandro Cristino Pereira (SINDCEFET), Leandro Rocha (ADUEG), Leonardo Santos (ADUFMT), Leonardo Segura Moraes (ADUFU), Leonardo Silva Andrada (APES), Leônidas de Santana Marques (ADUFAL), Lucas Gama Lima (ADUFAL), Luis Eduardo Acosta (ADUFRJ), Manoel Estébio Cavalcante da Cunha (ADUFAC), Marcelo “Russo” Ferreira (ADUFPA), Marcelo Hungaro (ADUnB), Márcia Lemos (ADUSB), Márcio Magalhães da Silva (ADUFLA), Marcos Antonio da Silva Pedroso (ADUFS), Marcos Botelho (ADUFRJ), Matheus Kuchenbecker (ADUFVJM), Mauricio Silva (SESDUFT), Mauro Iasi (ADUFRJ), Michael Melo Bocádio (SINDUECE), Moisés Lobão (ADUFAC), Osvaldo Maciel (ADUFAL), Otávio Cabral (ADUFAL), Pablo Bielschowsky (ADUR-RJ), Pablo Lima (APUBH), Paula Pereira Gonçalves Alves (ADUFMAT), Paulo Roberto Felix dos Santos (ADUFS), Qelli Viviane Dias Rocha (ADUFMAT), Rafael Vieira Teixeira (ADUFES), Renato Domingues Fialho Martins (ADCEFET-RJ), Ricardo Silvestre (ADOM), Roberto Silva de Oliveira (ADUSB), Robson Pereira Calça (ADUFF), Rodrigo Bichoff (SESDUEM), Rodrigo Castelo (ADUNIRIO), Rogério Giuliano Gimenez (SESUNILA), Rogério Massarotto (SESDUEM), Rosalve Lucas Marcelino (ADUSB), Rubens Ragone (APESJF), Saulo Henrique Souza Silva (ADUFS), Sócrates Oliveira Menezes (ADUSB), Sofia Manzano (ADUSB), Solange Struwka (ADUNIR-SSIND), Tarcila Mantovan Atolini (ADUFVJM), Thiago Fanelli Ferraiol (SESDUEM), Túlio Lopes (ADUEMG), Victor Neves de Souza (ADUFES), Vinícius Correia Santos (ADUSB), Walcyr de Oliveira Barros (ADUFRJ), Wellington Augusto Silva (ADUR-RJ), Wladimir Nunes Pinheiro (ADUFPB).

DERROTAR O BOLSONARISMO E AS POLÍTICAS NEOLIBERAIS! AVANÇAR NAS LUTAS POR DIREITOS E LIBERDADES DEMOCRÁTICAS! CONSTRUIR UNIVERSIDADE POPULAR!

TEXTO DE APOIO

Vivenciamos uma conjuntura de crise profunda do capitalismo iniciada na primeira quadra dos anos 2000 e aprofundada, no Brasil, com o golpe de 2016 e o ascenso da extrema-direita nas eleições de 2018, seja na esfera executiva, seja na esfera legislativa, com o caldo conservador de um judiciário marcado pelo lavajatismo e o aprofundamento do processo de retirada de direitos sociais, liberdades democráticas, fragmentação e precarização das condições do trabalhador, bem como a escalada da fascistização nas relações sociais.

Os últimos quatro anos foram marcados pela barbárie do ascenso da extrema-direita ao poder, foram anos terríveis para o povo brasileiro, anos marcados por um governo que promoveu permanentes ataques aos trabalhadores e trabalhadoras, indígenas, quilombolas e à juventude pobre e preta das periferias, por um governo responsável pelas mais de 680 mil mortes na pandemia, ao arvorar-se no negacionismo, anticientificismo, atrasar a compra de vacinas e fazer propaganda de medicamentos ineficazes. Um governo que se alicerçou na política de ódio, legalizou o uso de armas, especialmente para suas milícias, defendeu uma pauta de costumes ultrarreacionária, como o racismo, o preconceito contra as mulheres, os nordestinos, LGBTQIA, além da destruição do meio ambiente.

Esta pauta conservadora, e até fascista, continua presente e avança nas universidades com os processos de intervenção e desrespeito à autonomia universitária perpetrada no último período, com os inúmeros cortes sofridos durante os últimos anos, com o avanço do projeto do capital para a educação por meio da ampliação da Educação à distância (EAD), da ideologia do empreendedorismo e do empresariamento da educação, da agudização das contrarreformas com as consequências da Emenda Constitucional 95 (o famigerado Teto de Gastos), as contrarreformas trabalhista, previdenciária, a proposta de dar continuidade à reforma gerencial do Estado com a PEC 32, PEC esta que barramos com a construção de muita luta durante os últimos anos.

Nesse cenário de terra arrasada, sempre estivemos na construção das lutas para vencermos a ultradireita bolsonarista em âmbito nacional e o recrudescimento das pautas

também nos estados: no âmbito do FONASEFE, do Fórum sindical, popular e das juventudes, por direitos e liberdades democráticas, na construção da campanha Fora Bolsonaro, nas ruas, no movimento por uma educação e Universidade populares, para vencermos Bolsonaro e o bolsonarismo nas urnas e nas ruas, de maneira incisiva e definitiva.

Derrotar o neofascismo nas urnas não foi uma tarefa fácil porque o inimigo utilizou de todas as manobras para continuar no poder, tais como o uso integral da máquina governamental para ganhar votos, a liberação de benefícios assistenciais às vésperas das eleições, a utilização de prefeitos, governadores e empresários assediando os trabalhadores, a rede de igrejas pentecostais transformando o púlpito em comitê eleitoral, uma milícia especializada em espalhar fake news contra a oposição.

A vitória de Lula viabiliza a garantia das liberdades democráticas o que permite melhores condições para lutarmos tanto contra eventuais ataques aos trabalhadores quanto para buscarmos um novo rumo para o país na perspectiva do poder popular e do socialismo. A derrota de Bolsonaro também deverá produzir uma mudança na conjuntura, não só no que se refere ao ambiente político, nas pautas governamentais, mas principalmente na retirada dos fascistas do aparelho do Estado.

Mas ainda temos muito a vencer, é necessário e urgente solapar o fascismo, nos (re) organizarmos em uma perspectiva autônoma e independente para avançarmos em um período marcado pelo acirramento da luta de classes. O inimigo foi derrotado nas eleições, mas ainda conta com apoio entre vastos setores, especialmente na área do agronegócio, sistema financeiro, transporte de carga e a pequena burguesia do comércio e serviços, em setores das Forças Armadas, das polícias militares, de setores médios urbanos, com o apoio institucional no Congresso e entre governadores de vários Estados.

Os bloqueios das estradas logo após o anúncio do resultado eleitoral, as manifestações em frente aos quartéis, a violência nas ruas, são algumas das tentativas da extrema-direita em deslegitimar as eleições e desestabilizar o futuro governo. Essas ações fracassaram- até agora- devido a falta de maior apoio interno e externo, mas essas forças deverão manter um prolongado período de provocações buscando tumultuar a conjuntura.

Não podemos também esquecer que a vitória de Lula não encerra a crise orgânica do capitalismo brasileiro, que se expressa na crise econômica, social e política atual.

O país registra há quatro décadas um processo de estagnação econômica que é marcado pela crescente desindustrialização, pela economia de baixos salários, desemprego, aumento do trabalho informal e das precarizações de condições de trabalho. O processo de desigualdade social aprofundado com o neoliberalismo, chegou a níveis dramáticos após o golpe de 2016, especialmente com o governo Bolsonaro. Atualmente o Brasil possui 33 milhões de pessoas

passando fome, 36 milhões de trabalhadores na informalidade e cerca de 18 milhões de desempregados.

Mesmo diante da crise e do fracasso do neoliberalismo, as classes dominantes continuam aferradas ao mantra neoliberal do tripé macroeconômico – ajuste fiscal, metas de inflação e câmbio flutuante – infligindo à população a continuidade de sua miséria.

A composição da frente constituída para disputar as eleições, se encontra diante de uma encruzilhada, em função da acirrada disputa pelos rumos do novo governo que se dará aqui para a frente. Parte desta frente ampla tenta de todas as formas dar a linha da pauta econômica do novo governo visando manter o velho modelo de preservação de seus interesses, que não são os interesses e necessidades da classe trabalhadora.

O novo período que se abre na conjuntura brasileira será marcado por uma intensa trajetória de lutas sociais e populares, tanto contra a estrutura neofascista bolsonarista e contra a burguesia, quanto por lutas para mudanças profundas no país que não terão suas respostas na conciliação de classes.

A crise brasileira é uma crise orgânica profunda que não pode ser resolvida com a conciliação de classe: esta não nos dá qualquer possibilidade de avançarmos na centralidade de nossa luta, a truculenta burguesia brasileira já demonstrou seguidas vezes que não está disposta a ceder em nada. Ela se sustenta com base na superexploração dos trabalhadores, na precarização do trabalho, nos baixos salários e convive tranquilamente com a barbárie social em que estamos vivendo.

São quatro décadas de estagnação econômica, uma pobreza urbana próxima à explosão e um sistema político desmoralizado perante a população. Como toda grande crise, a crise brasileira também não pode se arrastar indefinidamente. Não existe crise sem saída e a nossa crise está exigindo uma saída que permita a mudança da correlação de forças em favor dos interesses populares.

1. Por novas sínteses necessárias: avançar na reorganização do movimento sindical na luta de classes

A nova conjuntura nos coloca a tarefa fundamental de promovermos novas sínteses: Os violentos ataques sofridos pelos trabalhadores nos últimos períodos, levaram ao refluxo das lutas, mas existe, ainda que difusa, uma enorme insatisfação da população diante de suas péssimas condições de vida. E, neste sentido, a possibilidade de nos reorganizarmos, é concreta.

Para isso, é necessário a reorganização do movimento sindical, para que esteja a altura da necessidade da luta de classes, bem como é importante a reorganização dos movimentos de juventude e de suas entidades, de forma que possam ter o mesmo papel histórico que tiveram nos momentos mais definitivos da história do país. Ou seja, a reconstrução do movimento operário e popular é parte fundamental da construção de um grande movimento organizado de massas.

E qual nosso lugar nesse processo de reorganização?

1.1. Elementos para um balanço da crise terminal da CSP-Conlutas e apontamentos para novas sínteses possíveis

O ciclo da Nova República está marcado pela presença do movimento dos/as trabalhadores/as pautado inicialmente pelas concepções do “Novo” sindicalismo. Este foi um movimento reativo ao sindicalismo da Era Vargas pautado pelo controle estatal-patronal dos sindicatos, a partir do Ministério do Trabalho por diversos mecanismos de repressão e cooptação.

A CSP-Conlutas surge como tentativa de superar a falência do "novo" sindicalismo, que por sua vez procurava superar a experiência do sindicalismo de Estado do período “populista”. O “novo” sindicalismo tinha como principais traços: ação direta, autonomia e organização a partir da base. Havia nas formulações e na prática sindical deste sindicalismo, elementos de censura e distanciamento com as práticas históricas do PCB e de movimento comunista em geral (lembramos o encantamento de alguns militantes e grupos políticos com o sindicato polaco Solidariedade). Este novo sindicalismo também se nutria da experiência da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base. Nasceu no enfrentamento à ditadura empresarial-militar, assim como também à organização sindical subordinada ao Estado, modelo implantado durante a ditadura do “Estado Novo” desde a década de 1940. Neste cenário das lutas pela redemocratização, foi criado o PT, em 1980, e a Central Única dos Trabalhadores, a CUT, em 1983. Articulado com as lutas de outros movimentos sociais, como o MST, fundado em 1984, o “novo” sindicalismo levaria a pauta dos trabalhadores às ruas e à Assembleia Constituinte (1987-1988). Assim, a Constituição de 1988, a constituição que institucionaliza a Nova República, nasce com as marcas da classe que se expressa nos elementos de Estado social impressos no texto constitucional, como no caso do tripé da Seguridade Social: Saúde, Previdência e Assistência Social.

Durante os anos 80 e 90 do século passado a CUT teve um papel muito relevante no enfrentamento das políticas neoliberais. Entretanto, por um processo de **transformismo** e cooptação da "aristocracia operária", principalmente através da participação na gestão dos fundos de pensão, continuada e aprofundada pela experiência dos governos do PT e seus aliados, a CUT adere à prática da conciliação de classes, que outrora repudiava. Trata-se de uma forma particular de pacto social-democrata tardio na periferia do capitalismo dependente, que por essa mesma razão, não deu lugar a um Estado de Bem Estar, e sim a um Estado assistencial e penal de baixa qualidade democrática.

A classe trabalhadora obteve alguns ganhos econômicos-corporativos, mas fundamentalmente perdeu poder político. Podemos dizer que nesses governos de conciliação a classe trabalhadora passou por um processo de **desacumulação do poder político**. Isto ficou evidente no momento das jornadas de junho de 2013 e do golpe institucional de 2016. A CUT ficou sem iniciativa e sem força política, diante da emergência de um novo ator político-social, que acabou sendo capturado pelo lavajatismo e posteriormente pelo neofascismo. Sem capacidade de formulação política e de mobilização de massas, o neofascismo avançou. A CUT acabou por se transformar num corpo sem alma, uma máquina burocrática, pautada pelo calendário eleitoral, sem nenhuma formulação político-estratégica para orientar concretamente as lutas dos/as trabalhadores/as. Na atualidade, não alterou substancialmente seu rumo. Apenas defende o retorno a um passado idealizado de tímidos avanços sociais, protagonizado quase exclusivamente a partir do carisma do ex-presidente Lula.

A CSP-Conlutas, por sua vez, que tencionava superar a crise do "novo" sindicalismo da CUT e a virada para a conciliação de classes, também se transformou um aparelho burocrático, verborrágico, envenenado pela ideologia reacionária pró-imperialista do anticastrismo-antichavista, obcecada pela derrubada dos regimes Bolivarianos na América latina. Além destes elementos da conjuntura internacional que mencionamos, há questões de fundo da política sindical que justificam a avaliação da crise terminal da experiência da CSP-Conlutas.

a) Um processo de reorganização da classe superestrutural, aparelhado por uma vanguarda autoproclamada

A CSP-Conlutas nasceu, primeiro como Conlutas, a partir do Encontro Nacional realizado em 2004, como uma alternativa, entre outras, de reorganização da classe trabalhadora. Entre as outras alternativas de reorganização estava, por exemplo, a Intersindical. O caminho da construção da Conlutas teve uma inflexão, no Congresso da Classe Trabalhadora (CONCLAT) realizado em 2010, que resultou na auto-dissolução da Conlutas para dar a luz, a CSP-Conlutas.

A expectativa, criada no CONCLAT, de avançar numa unidade maior não se concretizou, visto que alguns setores se retiraram do mesmo após a aprovação do nome da nova entidade. No entendimento daqueles que optaram por não continuar no Congresso o problema do nome sintetizava uma série de desacordos ao longo de todo o processo. Em resumo, preservar o nome Conlutas, passava a ideia que o processo tinha sido basicamente um processo de anexação da Intersindical e outros segmentos por parte das forças majoritárias da Conlutas. Entretanto, na verdade, os problemas não eram tão somente o hegemonismo, senão que estavam localizados também no campo da concepção política, da organização e da representatividade dos sindicatos, movimentos sociais e minorias e oposições.

Portanto, apesar das boas intenções, a central surgiu com problemas de concepção política, de organização e de representação provocada pela tentativa de ser uma central sindical e popular, para assim melhor espelhar as particularidades do “mundo do trabalho”. Contudo a solução implementada para equacionar as particularidades de longa data da força de trabalho (a informalidade da maioria das trabalhadoras e dos trabalhadores) junto com as profundas transformações da base produtiva (terceirização, flexibilização, uberização), veio a fortalecer o hegemonismo e aparelhamento por parte da principal força política que tem marcado desde o início a história da central.

O MTST, uma das maiores expressões da organização popular contemporânea, que inicialmente integrou a CSP-Conlutas, rompeu com esta central em 2012, por causa de “atitudes divisionistas” atribuídas à dirigentes da central, e passou a construir junto com outros movimentos, políticos, sindicais e populares a Frente Povo Sem Medo, a partir do ano de 2015. Esta frente foi constituída para lutar por uma “saída pela esquerda” diante do processo do impeachment da ex-presidente Dilma.

De fato, o caráter “popular” da central tem sido utilizado para construir falsas maiorias, inflacionando a representação dos movimentos sociais e estudantis na central e assim manter a maioria da força hegemônica. É muito difícil, como as sucessivas reclamações do Andes-SN colocam, estimar quantitativamente qual a base de um movimento social para definir sua representação. Não acontece assim com os sindicatos que têm uma base social claramente delimitada da qual deriva sua representação. O mesmo problema acontece com a representação das oposições e minorias dos sindicatos. Os problemas de organização e representação têm evidente impacto na política de financiamento da central. O financiamento recai fundamentalmente nos sindicatos melhor organizados, não assim, nos movimentos, oposições e minorias.

b) Erros de avaliação e de orientação política da direção majoritária da central, especialmente agravados a partir das jornadas de junho de 2013 e do impeachment.

O processo desencadeado pelas jornadas de 2013, coroado pelo golpe institucional de 2016, foi a maior prova histórica para a direção da CSP-Conlutas no que diz respeito a sua capacidade de interpretar a conjuntura e orientar as lutas dos/as trabalhadores/as. Evidentemente, fracassou redondamente.

Para evidenciar isto que estamos afirmando, lembremos que no ano de 2016 o PSTU, a principal força política que tem hegemonizado a CSP-Conlutas, levanta a palavra de ordem: *Fora Dilma, fora todos!* Na CSP-Conlutas, por sua vez, levanta a palavra de ordem: *Fora Dilma, Temer, Cunha, Aécio e esse Congresso!* A CSP-Conlutas convoca para o dia 1o de Abril de 2016 um dia de lutas com a consigna: “*Chega de Mentiras e Fora Todos!*”. Vale lembrar que praticamente todas as forças políticas do arco da esquerda convocam para um ato no dia 31 de março em defesa da democracia, dos direitos trabalhistas, contra o golpe e por outra política econômica. Somente a CSP-Conlutas não participa deste ato e convoca para outro ato no dia seguinte.

Os posicionamentos políticos equivocados da direção da CSP-Conlutas, e a tentativa de envolver a Unidade Classista na política da CSP-Conlutas motivou a carta aberta da Unidade Classista à CSP-Conlutas publicada em 12/03/2016 intitulada: *Nem fica, nem fora Dilma: fora o capitalismo!*

Nossa principal discordância – a mesma que já tínhamos expressado em ocasiões diferentes – é em relação à palavra de ordem “**Basta de Dilma**”, que sugere uma forma envergonhada de, objetivamente, fazer o jogo da campanha da direita pelo impeachment da Presidente da República, ainda mais em meio a um clima de histeria antipetista e às vésperas de manifestações com esse objetivo.

O documento da nossa organização, UC, é exemplar; num momento de máxima tensão política, nossa organização rejeita o esquerdismo verborrágico da CSP-Conlutas e condena o antipetismo como bandeira de mobilização e de luta da esquerda. Infelizmente, a previsão da UC será confirmada pouco tempo depois, quando agitando a bandeira do antipetismo, será eleito um presidente neofascista.

A partir desse posicionamento profundamente equivocado, a CSP-Conlutas adota a política de recusa a participar de atos unitários com aliados do campo democrático-popular, tanto antes da condenação e prisão do Lula, quanto depois. Um documento exemplar dessa

política é a nota da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas do ano de 2018, afirmando que “justiça deve ser feita para todos” e explicitando a recusa em participar em atos unitários. Assim:

A CSP-Conlutas não participará de atos contra a prisão de Lula, reafirmando sua posição de que a justiça deve ser feita para todos. Que sejam presos todos os corruptos e corruptores, que seus bens sejam expropriados e o dinheiro devolvido aos cofres públicos.

Na análise de nota no seu conjunto e deste parágrafo em particular podemos ver o erro político-ideológico de avaliação quando é retirando o caráter de classe (a seletividade como dizem os documentos do Andes-SN) da justiça (“justiça para todos”) aliada ao imobilismo político (“a CSP-Conlutas não participará”).

----- 0 -----

O balanço que fazemos é que o "novo" sindicalismo que se expressou na constituição da CUT que depois degenerou na política de conciliação de classes, assim como a tentativa da CSP-Conlutas de ser uma alternativa, estão ambos numa crise terminal. Por esta razão, a classe trabalhadora está sem central sindical efetiva e, portanto, sem orientação política definida. Apesar da existência formal de 12 centrais sindicais, a classe trabalhadora não conta com um efetivo comando unitário capaz de traduzir em respostas de lutas de massas nas ruas, locais de trabalho, moradia e estudo do potencial da nossa classe. Ou, melhor dito, exatamente devido à existência formal de 12 centrais sindicais é que a classe não tem uma efetiva central sindical e popular. A constituição do Fórum das Centrais em 2016, não resolve o problema da fragmentação, uma vez que opera por um caminho de construção superestrutural, de articulações "por cima", sem a participação e mobilização das bases sindicais. A proposta do Enclat, como estamos defendendo, transita por outro caminho, pela organização a partir das bases sindicais e dos movimentos populares.

Há uma base material que contribui com a explicação deste percurso da classe trabalhadora nas últimas décadas. As transformações da base material produtiva e as significativas mudanças da subjetividade do/as trabalhadores/as são muito relevantes. Emerge um proletariado precarizado, empoderado, empreendedor que não se organiza nos grandes sindicatos verticalizados e que não tem uma experiência vivida de luta sindical e popular, curto-circuitando o acesso ao acervo político-cultural universal construído pela classe nas décadas de luta contra o capital e suas diversas personificações. Trata-se da constituição de um indivíduo, após quase 50 anos de neoliberalismo, de uma sociedade neoliberal que não se encaixa nas formas de organização sindical fordista e, também não, no sistema político liberal tradicional.

2.2. Fortalecer o Fórum sindical, popular e de juventudes e construir de baixo para cima, em forma horizontalizada, um Enclat

Evidentemente, a pergunta que fica é: o que fazer? Por onde avançar diante deste quadro? Entendemos que no 30o. Congresso do Andes-SN em 2011 quando definiu, com condicionamentos, à filiação à CSP-Conlutas, também foi aprovado um item com uma formulação de caráter estratégico que é ainda muito atual:

e) Empenhar-se na constituição de um Fórum que reúna todos os setores dos movimentos sindical, popular e de luta contra as opressões, independente de sua filiação a alguma Central, desde que se disponham a organizar a resistência dos trabalhadores e efetivar o calendário de lutas e mobilizações proposto por esse Fórum.

Posteriormente no 61o. Conad (2016), ratificado pelo 36o. Congresso (2017), avançou sobre esta proposta e formulou a perspectiva da construção do Enclat

Entendemos que aquele item, junto com esta formulação do Enclat, expressa o caminho estratégico da reorganização da classe trabalhadora. O fórum finalmente começou a ser materializado no ano de 2019 com a constituição do *Fórum sindical, popular e de juventudes por direitos e pelas liberdades democráticas*.

Esta formulação, de indubitável atualidade, ajuda a avançar no debate sobre o possível questionamento de como um sindicato classista como o ANDES-SN poderia atuar e se movimentar sem estar numa central sindical. A resposta a esta situação, obviamente não passa por construir de forma superestrutural uma outra central sindical, senão que deve ser, processualmente, construir um **Encontro Nacional da Classe Trabalhadora** e movimentos sociais e populares (**Enclat**) de baixo para cima, de forma horizontalizada, através de sucessivas articulações hegemônicas, a partir do Fórum sindical, popular e de juventudes por direitos e liberdades democráticas. Há também outras articulações que podem desembocar no mesmo objetivo estratégico, como por exemplo, a articulação das entidades do setor da educação (Andes-SN, Fasubra, Sinasefe, CNTE, SEPEs, SINPROs e entidades estudantis) e os ENEs. Também acontece a mesma situação com os servidores públicos organizados no Fonasef e no Fonacate. Enfim, há muito trabalho a ser feito com das plenárias e fóruns de metalúrgicos, da construção civil, dos/as trabalhadores/as do transporte, petroleiros, das comunidades, dos coletivos, dos territórios e de todos os espaços em que a classe se organiza unitariamente independentemente da central sindical ao qual formalmente estão filiados. Nas lutas cotidianas,

na elevação do nível de consciência e da compreensão da crise da estratégia democrático-popular, na crise da atual estrutura sindical das centrais sindicais verticalizadas e burocratizadas, precisamos construir as resistências e as lutas nas fábricas, empresas, ruas, comunidades, territórios, coletivos contra as opressões, centros de estudos, universidades, em todas as esferas da vida social, contra as políticas de exploração e opressão das classes dominantes, pela derrota estrutural do bolsonarismo e edificar, a partir de uma síntese das melhores tradições históricas, um movimento sindical e popular unitário, classista, antirracista, feminista, diverso com respeito às relações de gênero-sexualidade, e anti-imperialista.

2. As lutas para o próximo período

As lutas do próximo período devem continuar a privilegiar a derrocada da extrema-direita e toda a pauta que ensejou o cenário de terra arrasada aprofundada pelo governo genocida de Bolsonaro/Mourão/Guedes, a reorganização da nossa classe apontando para uma saída da atual crise política que tenha como objetivo enfrentar os principais problemas da classe trabalhadora, dos segmentos populares e das camadas médias, com uma perspectiva de ruptura com as políticas neoliberais, o capitalismo e o imperialismo. Uma saída democrática no sentido forte desta expressão, que coloque no centro da cena política a classe trabalhadora, sua organização política e consciência social, isto é, o Poder Popular.

A preservação da independência de classe do movimento dos/as trabalhadores/as atravessada pela luta de classes, avançar na construção de um ENCLAT, que faça uma síntese da atual etapa histórica de luta da classe trabalhadora, levante uma plataforma reivindicativa e um programa de soluções para enfrentar a crise geral que está estabelecida.

No campo da defesa dos serviços públicos e das empresas estatais, continuar com a luta contra a PEC da reforma administrativa e as privatizações. Também é fundamental a defesa do SUS público, estatal e gratuito.

Na educação enfatizamos a luta salarial e por condições dignas de trabalho, contra os cortes nas Instituições, pela revogação da EC 95, contra as intervenções e pela autonomia universitária, o enfrentamento ao projeto educacional conservador-autoritário, negacionista, em todas suas formas. junto com a defesa da Universidade Popular como projeto da classe trabalhadora para enfrentar o projeto da Universidade do Capital. Precisamos investir na construção do próximo **IV ENE - Encontro Nacional da Educação**.

Lutar contra o agronegócio e sua política de genocídio dos povos tradicionais e originários. Defender as demarcações das terras indígenas e lutar contra o Marco Temporal.

Enfrentar as políticas de desmatamento da Amazônia e das florestas e pela reforma agrária popular.

Dar continuidade às lutas em torno da pauta de enfrentamento ao racismo e as lutas antipatriarcais do movimento feminista e LGBT, lutar contra a pauta conservadora que avança contra os direitos das mulheres, como o famigerado projeto de lei denominado Estatuto do nascituro, um grande retrocesso que violenta ainda mais mulheres que são alvos de violência sexual.

A dimensão internacionalista também deve ser parte das nossas preocupações. Realizamos, no último período de 2022 (início de dezembro), um exitoso Seminário Internacional, na cidade de Foz do Iguaçu, que destacou nossa vocação internacionalista e anti-imperialista. Neste sentido, vale lembrar a resolução do nosso X Congresso, realizado em Curitiba em 1991, que aprovou a filiação como membro de pleno direito à Federação Internacional de Sindicatos da Educação (FISE), federação que integra a Federação Sindical Mundial (FSM). O ANDES-SN deve reassumir seu protagonismo na FISE e na FSM e retomar a participação permanente nestas entidades.

Unidade classista, futuro socialista!

TEXTO 12

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Aderaldo Alexandrino de Freitas (ADUFERPE), Adriana Gomes Santos (SESDUF-RR), Alyne Maria Barbosa de Sousa (SINDIFPI), Antonio Luís da Silva Sousa (SINDIFPI), Antônio Rodrigues Belon (ADUFMS), Antônio Sérgio Vasconcelos Darwich (SINDUEPA), Argus de Almeida Vasconcelos (ADUFERPE), Armando Wilson Tafner Júnior (SINDUNIFESSPA), Catarina Malcher Teixeira (APRUMA), Cláudia Alves Durans (APRUMA), Daniel Vasconcelos Solon (ADCESP), Daniela Batista Santos (ADUNEB), Egmar Oliveira Souza Júnior (SINDIFPI), Franci Gomes Cardoso (APRUMA), Francisca Raquel da Costa (SINDIFPI), Francisco Edson Rodrigues Cavalcante (SINDIFPI), Gelta Terezinha Ramos Xavier (ADUFF), Geraldo Carvalho (ADUFPI), Gihad Mohamad (SEDUFMS), Graziela Lucci de Angelo (SEDUFMS), Hélio Cabral Lima (ADUFERPE), Hélio Alexandre Mariano (ADUNICENTRO), Isabel Cristina Rocha Hipólito Gonçalves (SINDIFPI), Ivan Neves (ADUFPA), Jaci Guilherme Vieira (SESDUF-RR), João Carlos Gilli Martins (SEDUFMS), José Vitorio Zago (ADUNICAMP), Júlio Ricardo Quevedo dos Santos (SEDUFMS), Juliana Iglesias Melim (ADUFES), Léia Soares da Silva (SINDIFPI), Levy Paes Barreto (ADUFERPE), Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE), Marco Antônio Escher (APES-UFJF), Maria Celma Borges (ADUFMS), Maria da Penha Feitosa (ADUFPI), Maria Daniela Corrêa de Macedo (ADUFRJ), Maria Luzinete Alves Vanzeler (ADUFMAT), Maristela da Silva Souza (SEDUFMS), Osmar Gomes de Alencar Júnior (ADUFPI), Otávio Luiz Pinheiro

Aranha (ADUFPA), Raimundo Sérgio de Farias Júnior (SINDUEPA), Raimundo Wanderley Correa Padilha (SINDUNIFESSPA), Roberto Santos Ramos (APRUMA), Romildo de Castro Araújo (ADUFPI), Rosana Mendes Éleres de Figueiredo (APRUMA), Rosenverck Estrela Santos (APRUMA), Sandra Bernadete da Silva Moreira (ADUFPA), Saulo Costa Arcangeli (SINDUEMA), Simone Contente Padilha (SINDUNIFESSPA), Sinoélia Silva Pessoa (ADUNEB), Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA), Tamara Cardoso André (ADUNICENTRO), Tarcísio Luiz Pereira (ADUFMS), Vilemar Gomes da Silva (APRUMA), Vitor Wagner Neto de Oliveira (ADUFMS), Viviana Mônica Vermes (ADUFES), Wagner Miquéias Felix Damasceno (ADUNIRIO), Waldir Bertúlio (ADUFMAT), Welbson do Vale Madeira (APRUMA), Wilson Camilo Chaves (ADUFSJ).

O PAPEL DE UMA CENTRAL SINDICAL E POPULAR NA CONJUNTURA DE UM GOVERNO DE CONCILIAÇÃO DE CLASSES E DE UMA EXTREMA DIREITA AINDA FORTALECIDA¹

TEXTO DE APOIO

No momento da realização do 41º Congresso do ANDES-SN já terá se passado um mês desde a posse do presidente Lula e, da mesma forma que para o 14º CONAD, a análise da conjuntura demandará ajustes. Se por um lado, Bolsonaro foi derrotado nas urnas, a extrema-direita no país ainda se encontra fortalecida, visto as ocupações de grupos bolsonaristas, de ruas e rodovias sem que haja nenhuma resistência da dita esquerda. Além disso, o Congresso Nacional continua controlado por representantes de grandes grupos financeiros e industriais, grileiros de terra e pessoas ligadas a diversos tipos de *lobbies*. Nesse contexto, independentemente da comoção que tomou conta da população com a eleição de Lula, é imprescindível que a classe trabalhadora mantenha sua organização e mobilização para enfrentar os ataques aos seus direitos, num esforço histórico no sentido de consolidar frentes amplas de suas organizações nos meios urbano e rural. No caso das categorias organizadas em sindicatos, é importante que elas percebam que serão infrutíferos os enfrentamentos corporativistas, apenas em função de aparentes interesses específicos. Em vez disso, é necessário articular ações em conjunto com desempregados, grupos da juventude, setores oprimidos por razões étnicas ou de orientação sexual, associações de bairros no meio urbano,

¹ O presente texto é uma versão atualizada da tese apresentada por militantes do Coletivo Andes em Luta (CAEL) e independentes no 14º CONAD extraordinário do ANDES-SN.

povos originários, comunidades quilombolas e outras comunidades tradicionais. Evidentemente, em nossa opinião, a Central Sindical e Popular – Conlutas representa um avanço qualitativo nessa perspectiva, e merece ser reforçada pelo ANDES-SN e por outros sindicatos de luta.

Continuidade do combate contra o crescimento da extrema-direita

A extrema-direita despontou de forma abrupta no Brasil como uma das consequências dos sucessivos erros dos governos petistas e seu fracasso na eliminação ou redução efetiva das condições de exploração e arrocho que a classe trabalhadora estava sofrendo, com a adoção de uma política econômica que priorizava a acumulação capitalista, sufocando os trabalhadores.

Por exemplo, a ultradireita francesa foi crescendo aos poucos, mas no Brasil foi de uma hora pra outra por puro desencanto com o PT.

Jair Bolsonaro era desconhecido na vida política do país, mas foi a traição dos governos petistas, que se submeteram ao capital, contra os trabalhadores, que colocaram Bolsonaro no governo. Foram esses trabalhadores, essencialmente os mais organizados, como os metalúrgicos do ABC, que tinham uma relação com Lula e a CUT, os principais responsáveis pela derrota do PT nas eleições de 2018. E pelo crescimento de valores conservadores que dominaram todo o governo Bolsonaro.

Os valores defendidos pela extrema-direita, como patriotismo e a família, são associados aos interesses do capital e é importante que se leve isso em conta para traçar estratégias de lutas.

Esses conceitos só interessam para a burguesia em seu objetivo de aumentar seu patrimônio e a disfarçar a desigualdade existente na sociedade que é bastante conivente para ela e estimulada pelos governos. Os governos petistas não conseguiram aprofundar na diminuição das desigualdades e contribuíram para o fortalecimento de conceitos nacionalistas conservadores e retrógrados, empurrando a classe trabalhadora para um conformismo frente ao fortalecimento de posturas opressoras, como o machismo. Sem dúvida, esse e outros tipos de valores já existiam anteriormente ao capitalismo. Todavia, em qualquer modo de produção é pertinente associá-los a situações de exploração e opressão por parte das classes dominantes, que sempre demandam uma superestrutura ideológica.

A base econômica do capitalismo, em particular, pode ser associada a um “modo de pensamento” que vai ao encontro da acumulação de capital. Dessa forma, ainda hoje, por exemplo, de forma diferenciada entre os países, o machismo se desdobra em maior exploração das mulheres, seja de forma direta, no setor produtivo, seja de forma indireta, por meio de uma dupla jornada de trabalho. No mesmo rumo, o racismo contribui para que a maioria das pessoas negras cumpra tarefas mais pesadas e perigosas, em troca de menores remunerações.

Evidentemente, as mulheres e as pessoas negras também representam a maioria do que Marx chamou de superpopulação relativa.

Por outro lado, é certo que o avanço ou recuo dos referidos e deploráveis “valores” não ocorrem de forma aleatória. Em vez disso, são diretamente influenciados pelos movimentos que ocorrem na base econômica. No início do capitalismo, por exemplo, eram imprescindíveis a exploração por meio do prolongamento da jornada de trabalho (mais-valia absoluta) e a superexploração de camponeses expropriados, ex-artesãos, mulheres e crianças. Esse processo, por sua vez, além de contar com o Estado para “garantir a ordem” e estabelecer leis de interesse dos grandes capitalistas, contou com o imprescindível apoio da igreja católica e de diversas seitas autodenominadas cristãs. Assim, foram construídos diversos estereótipos acerca das supostas características individuais das pessoas mais empobrecidas que faziam os trabalhos mais braçais. Da mesma forma, foram construídas concepções do que seriam os perfis das pessoas “vencedoras” e com vocação para “empreender”.

Ao mesmo tempo, na dinâmica de consolidação das ideologias favoráveis ao capital, cada vez mais foram sendo estimuladas as posturas individualistas. Novamente, deve-se destacar aqui os papéis cumpridos pelo Estado por meio dos seus diversos braços e pela religião. O primeiro, aparentemente legitimado por ideólogos, que sistematizaram teorias que pretendiam demonstrar que os “esforços individuais” é que são determinantes para trajetórias pessoais de sucesso, e que, por esse motivo, seriam irrelevantes e inadequadas as associações da classe trabalhadora em sindicatos, por exemplo. Enquanto isso, mas no mesmo rumo do pensamento de alguns ideólogos, de modo geral as religiões têm cumprido a função de pretensamente favorecer o “diálogo direto” do “indivíduo” com um certo “Deus” e, por meio de igrejas, estabelecerem “autoridades intermediárias” entre as coisas terrenas e celestes.

Arvorando-se no papel de “autoridades”, diversos líderes religiosos estimulam segmentações na classe trabalhadora, entre os que eles dizem que defendem e os que não defendem os “valores familiares”. Obviamente, em suas interpretações enviesadas do cristianismo concluem que os sindicatos e os partidos de esquerda, por exemplo, são instituições “inimigas da família” e, portanto, devem ser combatidas. E nesse ponto, não por acaso, vão ao encontro das pretensões e ações dos partidos de direita.

Além de irem ao encontro dos interesses capitalistas, várias organizações religiosas também se engajam em pautas que se dizem nacionalistas e favoráveis às famílias. Dessa forma, empiricamente percebe-se que são estabelecidos enlaces entre as duas dimensões. Os lemas “Deus, pátria e família” do bolsonarismo e de outras vertentes da extrema direita, evidentemente são expressões desse fato.

Entendemos que um enfrentamento consequente à extrema direita passa por ir à raiz do

problema. Ainda que não se renuncie a disputas em um campo mais “ideológico”, a extrema direita não será derrotada ou mesmo enfraquecida se não forem construídas ações de enfrentamento direto ao capital. Nesse contexto, devem ser rechaçadas as ilusões reformistas e retomadas estratégias e bandeiras históricas das lutas da classe trabalhadora em âmbito mundial. Uma central sindical e popular pode cumprir um papel decisivo nesse sentido, por algumas razões que procuramos demonstrar no tópico seguinte tomando como referência a CSP Conlutas.

A organização da classe trabalhadora: avançar no “internacionalismo proletário” e na unidade das lutas das pessoas exploradas e oprimidas nos meios urbano e rural

Avaliamos que os elementos colocados anteriormente nos permitem concluir que é imprescindível que a classe trabalhadora busque avançar na sua organização em âmbito mundial e abarque pautas e setores além do que é possível apenas com o movimento sindical. No Brasil, neste momento, a proposta organizativa da CSP CONLUTAS é a que mais se aproxima dessa perspectiva. Não por coincidência, também se aproxima dos princípios e resoluções de diversos congressos do ANDES-SN.

Atualmente a CSP conta com os seguintes setoriais: Internacional; Mulheres; Negros e Negras, LGBTQIA+, Campo, Povos Indígenas e Tradicionais; Educação, Cultura; Petroleiros; Saúde e Segurança do Trabalhador; Saúde; Setor Público; Transportes. Todos são obviamente muito importantes, e nos permitem retomar alguns elementos do tópico anterior.

Em uma das suas excelentes contribuições para as Ciências Sociais, Renné Dreifuss demonstrou com farta prova documental como os maiores grupos econômicos construíram uma espécie de “internacional capitalista”, e passaram a controlar todos os governos dos Estados Unidos (independentemente de o controle formal ser do Partido Democrata ou do Partido Republicano) e as ditas instituições multilaterais (FMI, OMC, Banco Mundial). Além disso, essa espécie de Internacional influenciou de forma decisiva governos de diversos países, inclusive eventualmente apoiando golpes militares, como no caso do Brasil.

Por outro lado, como uma das prováveis influências das concepções stalinistas, a classe trabalhadora avançou pouco no sentido de também construir suas internacionais, ainda que seja cada vez mais explorada e oprimida por grupos internacionalizados. Entretanto, corretamente, em todos os congressos do ANDES-SN foram feitas deliberações sobre temas internacionais, e sempre no rumo de apoiar politicamente lutas de segmentos da classe trabalhadora em diversos países e contrapor-se às políticas imperialistas. A setorial “Internacional” da CSP, portanto, vai ao encontro do que historicamente é defendido por nosso sindicato, mas que é negligenciado por vários outros. Todavia, além de deliberar em congressos, é fundamental que o ANDES-SN e a

CSP enraízem mais esses debates nas bases, de modo que nossa classe avance na consciência da importância do que podemos chamar em um sentido amplo de “internacionalismo proletário”.

Como também indicamos anteriormente, a opressão das mulheres é uma das marcas mais evidentes do capitalismo, e é fundamental que os sindicatos e suas centrais se engajem efetivamente nessa questão. Nesse caso é fundamental reforçar as perspectivas que não dissociam lutas de gênero e da classe trabalhadora, como indicou, por exemplo, a jornalista Cecília Toledo. Ressalte-se que o ANDES-SN foi um dos sindicatos que mais avançou nesse ponto, inclusive estabelecendo e estimulando paridades de gênero e combatendo com veemência possíveis situações de machismo e assédio sexual. As concepções do nosso sindicato, por sua vez, encontram eco na CSP-CONLUTAS, por meio do Setorial de Mulheres. A partir dela estão sendo feitas lutas para conquistar mais direitos e para evitar que sejam retirados alguns que já foram estabelecidos, articulando-se demandas tanto de mulheres que estão formalmente empregadas como das que se encontram na informalidade ou desempregadas.

No mesmo rumo do Setorial de Mulheres é concebido o Setorial de Negros e Negras da CSP CONLUTAS, que *“pretende construir um programa para entidades sindicais e movimentos sociais que combine a luta anticapitalista com o combate ao racismo”* (cspconlutas.org.br). Nesse caso, além de representar um avanço quando se tem em conta as estruturas das centrais sindicais tradicionais, que tratam a questão de forma superficial, aparentemente a concebendo como sendo de responsabilidade dos “movimentos negros”, também vai ao encontro das perspectivas consolidadas no ANDES-SN. De fato, conforme cartilha produzida pelo Grupo de Trabalho - Políticas de Classe para as Questões Etnicorraciais, de Gênero e Diversidade Sexual (GTPCEGDS), *“considerando que o racismo no Brasil contribuiu e ainda contribui para violar os direitos da classe trabalhadora, o combate a essas violações exige uma luta que articule gênero, raça e classe contra o capital”* (ANDES-SN, ?, p. 45). Portanto, as profundas desigualdades que se aprofundaram no Brasil nos anos de crise econômica e da pandemia, e que estão atingindo de forma extremamente cruel grande parte das pessoas negras, só poderão ser enfrentadas de forma consequente com lutas nas quais se vá além da conjuntura e se reconheçam as especificidades étnicas e a necessidade de empreender lutas anticapitalistas.

Embora em uma interpretação apressada possa ser visto como um país “progressista” na questão, o Brasil é um dos países mais lgbtfóbicos do mundo, inclusive com registros de vários assassinatos de pessoas desse segmento. Na perspectiva de enfrentar a situação a CSP Conlutas conta com a Setorial LGBTQIA+. Como no ANDES-SN, na CSP se partiu do pressuposto de que *“a opressão e a exploração andam de mãos dadas”*. Portanto, o Setorial LGBTQIA+ *“além das lutas contra demissões, por maiores salários e melhores condições de trabalho, atua no*

combate cotidiano as diversas formas de ideologia da classe dominante que operam como formas de dividir e desarmar a classe trabalhadora” e “também se propõe a incorporar os movimentos contra a homofobia e pela defesa dos direitos da população GLBT, organizando não só homossexuais vinculados a sindicatos, mas aqueles que constituem movimentos sociais” (www.cspconlutas.org.br). Aqui, portanto, tem-se mais uma expressão cristalina da importância de fortalecer uma central que seja sindical e popular, e que se envolva nos problemas concretos e cotidianos de milhões de pessoas, e não apenas das que se encontram no mercado formal de trabalho.

É importante destacar que a luta contra as opressões, que atualmente é preponderante em toda a esquerda, não se desvie do princípio da luta de classes que deve embasar e orientar as ações dos trabalhadores.

Tratando-se de se envolver em lutas que não cabem diretamente no movimento sindical, mas que historicamente foram valorizadas pelo ANDES-SN, nesse caso por meio do GTPAUA, cabe destaque ao Setorial da CSP Campo, Povos Indígenas e Tradicionais. Por um lado, à medida em que o Brasil está cada vez mais se aprofundando na produção e exportação de *commodities* minerais e agrícolas, os povos indígenas e tradicionais estão sendo ainda mais atacados, com um salto significativo no Governo Bolsonaro. Na chamada “Nova Fronteira Agrícola”, em partes dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia (MATOPIBA), por exemplo, nos últimos anos foram assassinados vários ativistas e vários outros estão vivendo sob ameaça. Ao mesmo tempo, paralelamente aos ataques capitalistas no meio rural, verificam-se várias iniciativas de organização e enfrentamento, e na maioria delas a CSP Conlutas tem participado ativamente. De fato, a Central hoje acompanha 23 etnias indígenas e várias comunidades quilombolas e de trabalhadoras e de trabalhadores rurais, é parte ativa da luta contra o Marco Temporal das terras indígenas, e no Maranhão está contribuindo diretamente na demarcação e identificação do território Tremembé e apoia politicamente os Guardiões da Floresta na Terra Indígena Araribóia. Na atual conjuntura, independentemente dos resultados eleitorais, é fundamental que os sindicatos por meio da CSP fortaleçam essas lutas, inclusive na perspectiva de contribuir para a autodefesa contra as milícias e quadrilhas que estão dando suporte às desterritorializações e degradações ambientais.

Por fim, destaca-se o caráter estratégico do Setorial da Educação da CSP Conlutas. Esse abarca profissionais da educação dos níveis Básico, Fundamental, Médio e Superior, e incorpora essencialmente os mesmos princípios e bandeiras do ANDES-SN, tais como o de defesa de uma educação pública, gratuita, de qualidade e laica. Entre outras lutas históricas com a participação do Setorial nos últimos anos registram-se as empreendidas em defesa do investimento de 10% do PIB na educação, por melhores salários e condições de trabalho para todos os profissionais e

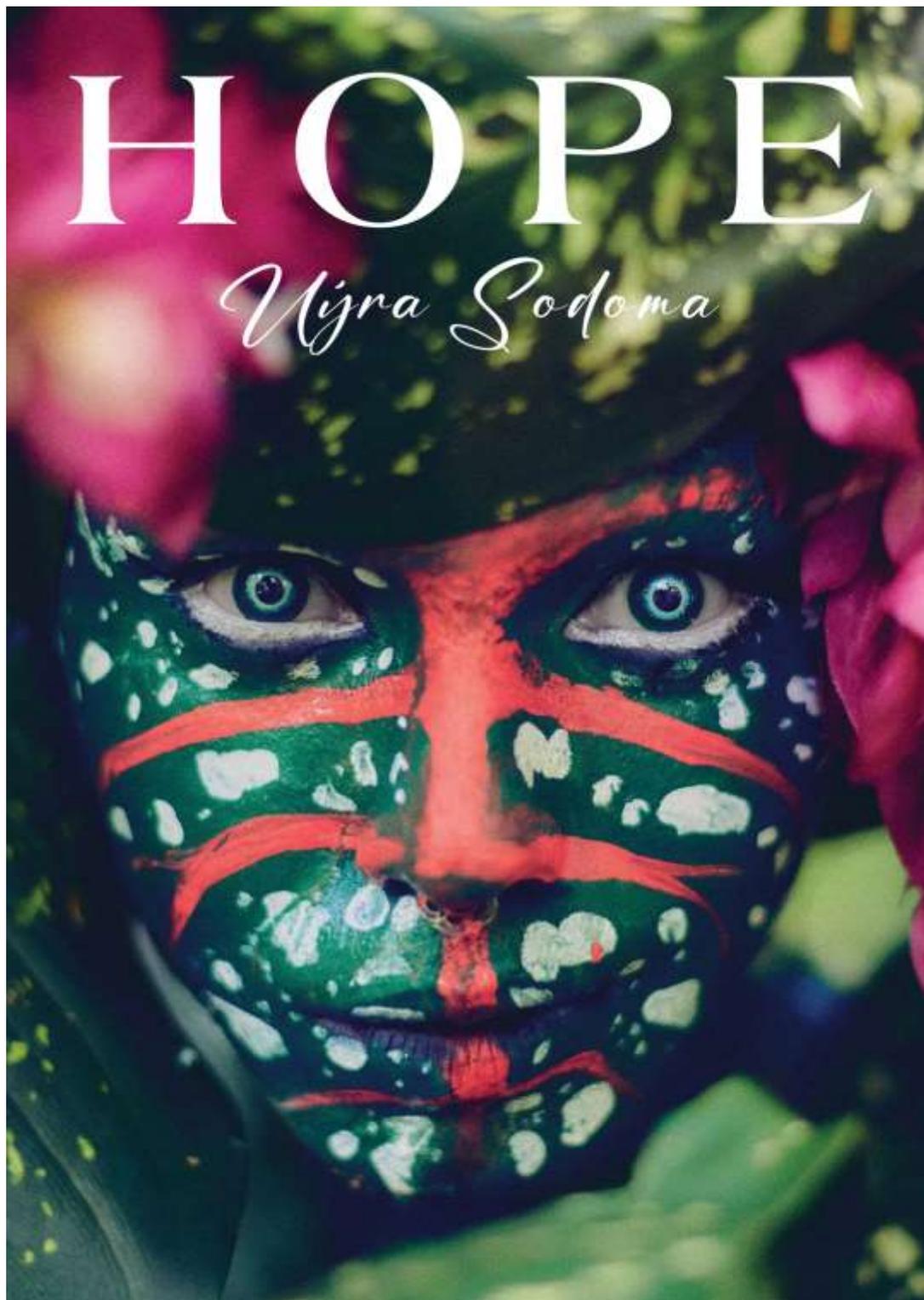
contra as reformas da previdência.

Conclusão, que não encerra o debate, nem a avaliação da conjuntura

Nesse cenário, assim como durante o governo Bolsonaro era imprescindível que a classe trabalhadora se mantivesse mobilizada, assim também durante o governo Lula e em qualquer governo, será necessário construir fortes mobilizações de rua. Ao ANDES-SN caberá uma mobilização mais direta da categoria de docentes do ensino superior e tecnológico. Esse deve ser o foco de nossas intervenções, que nenhuma ilusão seja criada na classe trabalhadora, a partir do retorno do PT ao poder.

Os sindicatos combativos devem procurar manter-se em constante vigília sobre as políticas a serem implementadas, para evitar novas traições à classe trabalhadora. O significado das alianças do PT com setores da burguesia política, demonstram, mais uma vez, que veremos uma repetição do que ocorreu no primeiro governo Lula, quando ele teve que anunciar que iria ter que incomodar os servidores públicos e, o que realmente fez, foi o maior ataque às aposentadorias destes servidores. Podemos elencar todos os ataques impetrados pelos governos petistas à classe trabalhadora e os benefícios a classe burguesa, mas o importante é mantermos a independência com relação a esse novo governo

À CSP Conlutas caberá seguir no papel que efetivamente tem cumprido, de contribuir na articulação de outras categorias de docentes e de vários segmentos de trabalhadoras e trabalhadores, por meio de seus setoriais. Afinal de contas, além de enfrentar a extrema direita em âmbito mundial na atual conjuntura, que é uma legítima preocupação de milhões de ativistas, é necessário consolidar cada vez mais ações em uma perspectiva anticapitalista e que unam pessoas exploradas e oprimidas em todo o mundo.



Uýra Sodoma, uma "entidade híbrida" criada e performada pelo artista indígena residente em Manaus Emerson Pontes (Santarém, Pará, 1991) utiliza seu corpo como suporte para a expressão de sua arte. Emerson expressa através de Uýra – uma "árvore que anda" -, sabedorias ancestrais e conhecimentos científicos da ecologia, gerando imagens que nos convocam a olharmos as florestas presentes em toda a paisagem urbana e a repensarmos as noções de "natureza". Atua como biólogo, arte educador e artista visual. Suas performances, fotoperformances, intervenções e instalações também tratam da preservação ambiental e direitos LGBTQIA+.

TEMA II – PLANOS DE LUTAS DOS SETORES

PLANO DE LUTAS DO SETOR DAS IEES/IMES

TEXTO DE APOIO

AUTONOMIA E DEMOCRACIA NAS IEES/IMES

Quando falamos em autonomia e democracia nas universidades públicas estaduais e municipais brasileiras, pensamos no significado desses dois conceitos e na importância dos mesmos para o fortalecimento das nossas instituições. A autonomia “envolve as capacidades de governar a si próprio e de definir suas próprias normas”². A democracia deve ser tomada em sua expressão mais ampla possível, com a participação de toda a comunidade acadêmica nas decisões internas das instituições. Intrinsecamente relacionados, entendemos que a autonomia universitária faz-se necessária para a democracia interna nessas instituições.

Na Constituição Federal de 1988, o artigo 207 estabelece em relação à autonomia: “As universidades gozam, na forma da lei, de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.” Desse modo, fica evidente a garantia estabelecida na Carta Magna de 1988 sobre como as instituições de ensino superior brasileiras devem administrar suas relações internas com os docentes, os discentes, o pessoal técnico administrativo, a relação com a sociedade e a estrutura patrimonial da universidade e, principalmente, sua liberdade de ensinar e de produzir conhecimento.

O ANDES-SN estabelece os princípios do que se entende por Gestão Democrática e Autonomia Universitária. Sobre a Gestão Democrática, defendemos o princípio da descentralização administrativa na organização da universidade, com respeito à autonomia dos centros, unidades e departamentos. Sustentamos ainda a vinculação direta da autonomia à democracia interna das IES, pois “A autonomia, de

² MEYER, Emilio; BUSTAMANTE, Thomas da Rosa de; BATISTA JÚNIOR, Onofre Alves. Autonomia universitária, democracia e federalismo. Disponível em: <http://www.culturasjuridicas.uff.br/> Acessado em: 30/11/2022. p. 279-307.

qualquer ordem, deve estar vinculada à democracia interna, garantida estruturalmente nos mecanismos de decisão, controle e gestão.”³ (ANDES-SN, 2013, p.24).

As IES devem proporcionar a ampla participação da comunidade acadêmica em todas as instâncias deliberativas, como forma de garantir o princípio da gestão democrática. Há que se enfatizar aqui o que está apontado no Caderno 2, indicando a necessária “representação paritária de docentes, estudantes e técnico-administrativos nos colegiados superiores e nos colegiados das unidades, eleita pelas respectivas categorias.” (ANDES-SN, 2013, p.25). É relevante destacar a importância de que essas eleições sejam realizadas de forma presencial, para garantir a participação mais ampla possível de todos os segmentos universitários.

Outro aspecto de extrema importância na gestão democrática nas nossas IES diz respeito à escolha dos dirigentes. O nosso sindicato defende de forma intransigente que “a) o reitor e o vice-reitor sejam escolhidos por meio de eleições diretas e voto secreto, com a participação, universal ou paritária, de todos os docentes, estudantes e técnico-administrativos, encerrando-se o processo eletivo no âmbito da instituição.” (ANDES-SN, 2013, p.25). Esse importante princípio defendido pelo ANDES-SN diz respeito ao fim da chamada lista tríplice. Dispositivo criado pela lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, e alterado pela lei nº 9.192, de 21 de dezembro de 1995⁴, que estabelece a elaboração de lista tríplice, em que devem figurar os nomes dos(as) professores(as) mais votados(as), a ser enviada a presidente da República, governadores de estado e prefeitos dos municípios, para que possam nomear os dirigentes entre os(as) três mais votados(as). Portanto, defendemos que o(a) docente mais votado(a) seja aquele(a) que tome posse e dirija a IES pelo mandato de 4 (quatro) anos, sem a possibilidade de recondução ao cargo, pois reitor(a) eleito(a) deve ser reitor(a) empossado(a).

No que se refere a essa discussão, ressalta-se que as IEES/IMES apresentam especificidades em relação às Instituições Federais e realidades diferenciadas entre si, porém, em todas se faz necessário manter a vigilância no que se refere a autonomia e democracia interna. É necessária especial atenção de cada seção sindical para a forma como, em suas instituições, se processa a definição dos cargos de gestão e

³ O *Caderno 2 do ANDES-SN*, apresenta a proposta do nosso sindicato para a Universidade brasileira. As proposições apresentadas na publicação nasceram com o ANDES-SN, em 1981. A publicação aqui apresentada está na 4ª Edição, Atualizada e Revisada, e data de 2013.

⁴ Cabe destacar que a Lei nº 9.192/1995, altera a Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, especialmente o artigo 16, no que diz respeito à escolha dos dirigentes das Instituições de Ensino Superior.

direção, para a existência ou não de lista tríplice, composição dos órgãos colegiados, encaminhamento das decisões e processos estatuintes. Em relação à autonomia administrativa, financeira e pedagógica, essas instituições dependem de aprovação de leis estaduais, requerendo a organização e pressão da categoria em defesa dessa pauta.

Ainda sobre o tema da democracia interna, o ANDES-SN defende que o trabalho acadêmico tenha como referência as demandas vindas da sociedade e pautese em políticas educacionais que efetivamente tenham origem na sociedade civil organizada. Dessa forma, as IES deverão “c) estabelecer formas de participação da sociedade civil na gestão universitária, para assegurar sua integração às necessidades sociais, superando as formas elitistas atuais de representação dos segmentos organizados da sociedade.” (ANDES-SN, 2013, p.25).

Vimos que o artigo 207 da CF estabelece autonomia das IES em relação às questões didático-científicas, de administração e de gestão dos recursos financeiros. Com relação a esses aspectos, o ANDES-SN (2013), aponta o seguinte: a autonomia didático-científica diz respeito à fixação de diretrizes para o pleno desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão; criação de cursos de graduação e pós-graduação; redação dos Projetos Pedagógicos do Curso de Graduação entre outros. No que diz respeito ao exercício da autonomia administrativa, entre outros, as IES devem elaborar seus estatutos e regimentos; eleger seus dirigentes, considerando o processo que inicia e termina no âmbito da própria instituição. A autonomia de gestão financeira e patrimonial deve ser democrática e transparente em relação aos rendimentos próprios e ao patrimônio da instituição.

Todos esses princípios defendidos pelo ANDES-SN levam-nos a pensar nos ataques que têm sido dirigidos às universidades públicas brasileiras, com a escalada autoritária e a eleição de diversas(os) governadoras(es) que têm atacado a autonomia das nossas instituições e perseguido docentes, além de cortes nos orçamentos e achatamento dos salários de professores e docentes, bem como em nossos direitos historicamente adquiridos.

O avanço do autoritarismo em todas as esferas do poder no Brasil tem atingido as universidades, numa guerra cultural ao pensamento crítico e à própria ciência. A extrema direita utiliza-se de um pensamento fundamentalista religioso e ultraliberal para atacar a liberdade de ensinar e aprender e o livre pensamento nos espaços de ensino e pesquisa. A “escola com mordaza” promove ataques às liberdades, especialmente aos estudos de gênero e diversidade sexual. Após o resultado das

eleições, tivemos uma orientadora que promoveu assédio moral e político contra uma pesquisadora da UFAP, por entender que a mesma seria eleitora de Lula. Após a ampla repercussão do episódio, a professora orientadora foi afastada do programa de pós-graduação. Fatos como estes demonstram o avanço do ultraconservadorismo também em IES, IFs e CEFETs, e indicam-nos a necessidade de reforçar os laços com os setores combativos e críticos das nossas instituições.

FINANCIAMENTO

O processo eleitoral finalizado em outubro de 2022 consolidou a reeleição de muitos governos estaduais e ou de candidaturas que representam suas continuidades. Com isso, podemos entender que há “certa” aprovação dos(as) eleitores(as) às políticas em curso, o que demonstra a necessidade urgente de mobilização da nossa categoria em defesa de nossas IEES/IMES, que deverão continuar sofrendo ataques à sua autonomia acadêmica e financeira. Cabe, portanto, ao setor das IEES/IMES intensificar ações de organização e qualificação da militância para as lutas que se seguirão. É evidente a necessidade de disputar os orçamentos estaduais e municipais de modo a garantir a continuidade e melhoria das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Para tanto, precisamos estar bem informados e municiados com dados orçamentários que possam demonstrar a política de desmonte em curso do ensino superior público.

As perspectivas que se apresentam para o ano de 2023 são de muitas lutas e precisamos responder com organização e disciplina. É premente a necessidade de darmos continuidade às pesquisas sobre nossos Regimes Previdenciários e sobre o Financiamento Público de nossas IEES/IMES. Isso é fundamental para que o ANDES-SN produza uma base de dados ampla e confiável que seja fonte para estudos e pesquisas e embasamento para nossas lutas e reivindicações. Nossa tarefa, então, é oportunizar à nossa base e demais pessoas interessadas, o acesso, domínio de uso e instrumental para que melhor explorem os dados já disponíveis, além de manter atualizados esses bancos de dados.

Além de tantas vidas perdidas com a pandemia, e de todo prejuízo de convivência pessoal, psicológico, financeiro, didático e em tantos outros campos, os governos federal, estaduais e municipais utilizaram-se desse período de dificuldades e sofrimento para implementar ataques ainda mais perversos aos(às) servidores(as) públicos(as). Entre outras medidas, a aprovação da Emenda Constitucional 106, que ficou conhecida como “Orçamento de Guerra”, congelou promoções e progressões,

além da contagem de tempo para anuênios, triênios, quinquênios e outros que impactam diretamente na carreira dos(as) docentes.

Para as instituições de ensino superior houve também a adoção do Ensino Remoto Emergencial que precarizou ainda mais as relações de trabalho, além de desrespeitar qualquer critério de busca de excelência do ensino superior e de todas as outras atividades desenvolvidas em nossas IES. Isso posto, é importante ressaltar que ainda sofremos consequências desses ataques, pois a pandemia segue sendo utilizada como justificativa para a continuidade da política de arrocho salarial. Não há sinalização de reposição da inflação dos últimos períodos e, na maioria dos casos, ocorre defasagens históricas que tornam nossas condições de trabalho e sobrevivência ainda mais difíceis e desafiadoras.

Quando se discute, portanto, a compreensão e a consequente relevância do financiamento das IEES/IMES, delimita-se um horizonte de luta por um orçamento que permita o pleno financiamento das nossas IEES/IMES. Um orçamento que garanta, além dos investimentos e verbas de custeios para o dia a dia, a devida reposição da inflação e a implementação de nossos planos de carreira, conforme a realidade de cada uma de nossas IEES/IMES.

CONDIÇÕES DE TRABALHO E RETORNO PRESENCIAL

As Universidades Estaduais e Municipais, responsáveis em muitos estados pelo pioneirismo na interiorização do Ensino Superior Público, sofreram em diferentes aspectos os impactos da pandemia. No momento de retorno presencial pós-pandêmico, as condições de trabalho e estudos materializaram os impactos, tanto da pandemia, quanto do acumulado do último período. Os planos de retorno presencial aprofundaram as diferenças entre as IES do setor das Estaduais e Municipais, tanto sobre o calendário, quanto às condições de trabalho e estudo, e orientações de biossegurança para o retorno das atividades presenciais.

As condições de infraestrutura, manutenção e obras de revitalização, reposição de insumos, materiais, equipamentos, em muitas IEES/IMES, estiveram paradas ao longo dos dois primeiros anos de pandemia. Com o retorno presencial, a situação de instabilidade, insalubridade chegou a inviabilizar algumas atividades e ações do cotidiano de ensino, pesquisa e extensão. A multiplicidade quanto à realidade orçamentária dos estados frente ao reflexo da pandemia nas economias colocou os recursos destinados às IEES/IMES em instabilidade, atrasando processos e o atendimento às demandas emergenciais. Não houve aporte de verbas extras para

mitigar os impactos estruturais e de manutenção causados pela entrada emergencial em estratégias remotas de ensino.

Muitos foram os relatos, ao longo das reuniões do Setor das IEES/IMES e no nosso 18º Encontro, sobre a evasão quando do retorno presencial, em especial no universo das(os) cotistas, fato que atenta contra o projeto defendido pelo ANDES-SN para o Ensino Superior Público, Institutos Federais e CEFETs.

A saúde do(a) trabalhador(a) docente também sofreu reflexões, não só frente à pandemia, mas significativamente no retorno presencial, seja pelas sequelas diretamente associadas ao contágio da Covid-19, seja pelos impactos à saúde relacionados ao longo período de ensino remoto, sentidos física e psicologicamente. O cansaço encontra-se generalizado na categoria docente, fruto do sobretabalho causado pela transição entre ensino remoto e retorno presencial, da necessidade de adaptação curricular, do atendimento às diferentes demandas discentes ou por questões especiais que se apresentaram em 2022.

RESOLUÇÕES DO 40º CONGRESSO DO ANDES-SN
I - PLANO DE LUTAS DO SETOR DAS IEES/IMES
O 40º CONGRESSO DO ANDES-SN delibera:

1. *Que as seções sindicais do setor continuem lutando para garantir o retorno às atividades presenciais, tomando como base o Plano Sanitário e Educacional e respeitando os indicadores epidemiológicos e as orientações vigentes da OMS, bem como, os protocolos sanitários dos estados e os construídos pelas comunidades universitárias, lutando contra as propostas que objetivam tornar o ensino remoto e híbrido como permanente nas nossas instituições de ensino.*

2. *Que o ANDES-SN realize o 18º Encontro do Setor das IEES/IMES, preferencialmente no início do 2º semestre do ano de 2022, após o 40º Congresso, no formato presencial ou virtual, a partir da avaliação das condições sanitárias vigentes. O tema, a data e o local do Encontro devem ser definidos em uma próxima reunião do Setor, após o 40º Congresso.*

3. *Que o ANDES-SN construa uma Campanha Nacional em Defesa das IEES/IMES, conforme aprovado na reunião dos setores no dia 13/12, circular nº 012/22, por orçamento público estatal, com autonomia de gestão financeira e patrimonial, em defesa das carreiras, com concursos públicos, recomposições salariais e por melhores condições de trabalho, contra a política de congelamento de progressões, promoções e gratificações e das diferentes estratégias de privatização. Conforme especificações apresentadas abaixo:*

3.1 *Que a execução da Campanha de Valorização e Defesa das IEES/IMES, por meio da contratação de empresa exclusivamente para a produção da identidade visual da Campanha, produção audiovisual, produção de rádio, com proposta orçamentária de aproximadamente R\$ 95.000,00, com possibilidade de variação de valor que não ultrapasse 10% do valor orçado inicialmente.*

3.2. *Cronograma resumido:*

3.2.1. *Apresentação e aprovação da proposta de Campanha – 40º Congresso*

3.2.2. *Lançamento da Campanha – 23/05/22.*

3.2.3. *Duração da Campanha – 23/05 à 30/6/22.*

3.3. *Compõe a proposta síntese da Campanha os seguintes itens:*

3.3.1. *Criação de identidade visual da campanha;*

3.3.2. *Cria*

ção de uma personagem em animação;

3.3.3. *Cards de divulgação - 30;*

3.3.4. *Vídeos - 10;*

3.3.5. Spots de rádio - 05;

3.3.6. Arte para blusa;

3.3.7. Arte para outdoor;

3.3.8. Arte para faixa;

3.3.9. Arte para banner.

3.4. Autorizar apoio as ssind com dificuldades para produzir e veicular as peças publicitárias da campanha aprovado no 61º CONAD.

4. Que o ANDES-SN e suas Seções Sindicais promovam o debate sobre as BNCC e sua interferência na formação de docentes, em especial nos Cursos de Licenciatura.

5. Que a diretoria do ANDES-SN organize e publique os resultados da Pesquisa sobre o Financiamento das IEES-IMES, apresentados na live da Semana de Lutas das IEES/IMES de 2021.

6. Que o ANDES-SN realize a Semana de Lutas das IEES/IMES, no período de 23 a 27 de maio de 2022, já com a deflagração da Campanha Nacional em Defesa das IEES/IMES e a divulgação da pesquisa mencionada.

Agenda de lutas do Setor das IEES/IMES

29/01 – Dia da Visibilidade Trans.

7/02 - Dia de luta dos povos indígenas

11/02 – Dia Nacional das Mulheres e Meninas na Ciência.

08/03 - Dia Internacional das Mulheres.

14/03 – Justiça por Marielle Franco.

21/03 - Dia Internacional de Luta pela eliminação da Discriminação racial.

07/04 - Dia Mundial da saúde

09/04 - Dia nacional pelo Fora Bolsonaro

19/04 – Dia de luta pela resistência dos Povos indígenas

01/05 - Dia Internacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras.

18/05 - Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes

23-27/05 - Semana de lutas das IEES/IMES

12/06 - Dia Nacional e Mundial de Combate ao Trabalho Infantil

15/06 - Dia Mundial de Conscientização da Violência contra a pessoa idosa

28/06 - Dia Internacional do Orgulho LGBTQI+.

25/07 - Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha. 29/08 – Dia da Visibilidade lésbica.

12/08 - Justiça a Margarida Alves

07/09 – Grito dos Excluídos

21/09 – Dia Nacional de luta das pessoas com deficiência.

28/09 – Dia internacional da luta pela legalização do aborto.

07/10 – Dia Nacional de combate ao assédio moral/sexual nas Universidades, IFs e CEFET.

20/11 – Dia da Consciência Negra

22/11 – Dia Nacional de combate ao racismo nas Universidades, IF e CEFET e Escolas Técnicas vinculadas as Universidades Federais.

25/11 – Enfrentamento à violência contra a mulher

28/11 – Dia de Luta contra o Racismo

03/12 - Dia Internacional das Pessoas com Deficiência

Obs.: O Pleno do Setor vai revisar as propostas e compatibilizar todas as datas

TR - 13

O 41 CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Realizar a Semana de Lutas do Setor das IEES/IMES na semana de 22 a 27 de maio de 2023, com tema a ser definido posteriormente em reunião do setor.
2. Realizar o XIX Encontro do Setor das IEES/IMES para o segundo semestre de 2023, com tema e local a serem definidos posteriormente em reunião do setor.

3. Que a direção nacional do ANDES-SN atualize e divulgue os dados da pesquisa sobre financiamento das IEES/IMES.
4. Fomentar e/ou estimular a criação de GTs Verbas locais, com o objetivo de realizar estudos sobre o financiamento das IEES/IMES, construindo séries históricas para entender a forma de repasse às universidades e faculdades.
5. Que as Seções Sindicais, com apoio das Secretarias Regionais, intensifiquem a luta pelo financiamento público das IEES-IMES:
 - 5.1 promovendo debates com a comunidade acadêmica e audiências públicas internas e externas sobre o financiamento das IEES/IMES com vistas à apropriação sobre a gestão orçamentária da universidade. Que os debates abordem autonomia de gestão financeira, fontes de financiamento, execução orçamentária nas IES, garantia de repasse dos duodécimos e legislações específicas que tratem de subvinculação orçamentária, e que denunciem e combatam as renúncias fiscais;
 - 5.2 lutem por autonomia de gestão financeira e pedagógica e promovendo a realização de audiências públicas sobre autonomia universitária nas Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais, convidando entidades e instituições envolvidas com a temática.
6. Que as Seções Sindicais, em articulação com as Secretarias Regionais, ampliem a luta pela recuperação das perdas salariais da categoria (inflacionárias e específicas do período da pandemia, bem como decorrentes das implicações da EC 106/2020 nos salários e planos de carreira).
7. Que as Seções Sindicais criem estratégias de divulgação e enraizamento da Campanha “Universidades Estaduais e Municipais, quem conhece defende”.
8. Que as Seções Sindicais, em articulação com as Secretarias Regionais, ampliem a luta pelo fim da lista tríplice, defendendo que o processo deva iniciar e terminar nas universidades, garantindo que a comunidade defina democraticamente seus representantes.
9. Que as seções sindicais ampliem e defendam a autonomia universitária e lutem pela democratização interna com docentes e servidoras(es) técnico-administrativas(os).

TEXTO 14

Diretoria do ANDES-SN

PLANO DE LUTAS DO SETOR DAS IFES

TEXTO DE APOIO

Ocupar nossas universidades, Institutos e Cefets com luta e ousadia

Em 2022 tivemos mais um ano de grandes desafios para as instituições de ensino superior e para a educação pública como um todo no Brasil. Destacamos os enfrentamentos à realidade dos contínuos cortes orçamentários, o ataque à autonomia universitária e a ameaça de avanços das propostas de trabalho remoto, para mencionar alguns. Além disso, enfrentamos as dificuldades do retorno para nossas salas de aula, em instituições muitas vezes sucateadas e esvaziadas, com estudantes sem assistência estudantil, diante de um quadro de adoecimento docente e de grande instabilidade, considerando que a pandemia da Covid-19 ainda se manifesta em nosso cotidiano.

É fundamental mencionarmos que todos esses desafios agravaram-se numa conjuntura em que o acirramento da luta de classes expressou-se de forma ainda mais explícita na subjetividade da população brasileira, cindida pelo antagonismo de projetos políticos. De um lado, movida pela expressão da política neofascista do governo genocida de Bolsonaro, por outra parte, movida por um projeto que propõe manter direitos sociais numa perspectiva de conciliação de classe.

O segundo semestre de 2022 teve como centralidade o debate em torno do resultado das urnas. O ANDES-SN atuou para a derrota de Bolsonaro desde o primeiro turno, culminando na indicação e dedicação política para eleger Lula no segundo turno. Ao mesmo tempo, nosso sindicato insistiu na necessidade de uma agenda de luta também nas ruas para derrotar as políticas da extrema direita e seu alastramento na sociedade, o que hoje se mostra como tarefa ainda mais necessária diante da manutenção das ações da extrema direita bolsonarista, como, por exemplo, os atos violentos realizados em Brasília no dia 13 de dezembro de 2022 no Distrito Federal.

Retornamos para nossas instituições confrontando-nos com imensos problemas, dentre eles, identificamos, o esvaziamento da própria universidade, o avanço do debate sobre o trabalho remoto pelas reitorias e direções, mas também entre os(as) trabalhadores(as) técnicos(as) e docentes, o receio de efetivar formas de luta mais contundentes, como nosso

instrumento histórico, a greve. Em parte, isso se deve às consequências da pandemia que estimulou diversas narrativas em que as universidades eram apresentadas como locais fechados e sem atuação, o que, bem sabemos, trata-se de uma falácia, dado que nossas IFs foram fundamentais para o desenvolvimento de pesquisa e o apoio à dura realidade da Covid-19. Vale lembrar a campanha que o ANDES-SN realizou em 2020, “O que alguns chamam de balbúrdia, nós chamamos de produção de conhecimento público!”, que demonstrou as ações realizadas Brasil afora e reforçou a atuação direta da universidade no seu entorno. De outra parte, calendários acadêmicos díspares dificultaram a unidade e o cadenciamento das lutas.

Diante desse cenário, que será desdobrado e aprofundado, consideramos que é urgente, em 2023, afirmarmos neste Plano de Lutas a disposição de ocuparmos nossas IFs com muita luta, por meio do ensino, da pesquisa, da extensão, e com nossas bandeiras por uma educação pública, gratuita, socialmente referenciada nos interesses do povo. Luta que não deve ocorrer sozinha, mas coexistir com a arte, a cultura e o espaço de debate contínuo no intuito de mobilizarmos nossa categoria, convocá-la a lutar por melhores condições de trabalho, de estudo, a articular as lutas da universidade com as lutas da classe trabalhadora que sofre as mais profundas mazelas diante da destruição dos mínimos direitos sociais conquistados historicamente.

Destacamos que em 2022 completaram-se 10 anos da aprovação da política de cotas nas universidades brasileiras, por meio da Lei 12.711 de 2012. Lei que vem mudando a realidade da educação superior pública. Esse marco exige a intensificação da mobilização pela manutenção e ampliação desta política, pois defender as ações afirmativas, como as cotas raciais, na graduação, na pós-graduação e no serviço público é defender a ampliação da democracia, o direito à educação e a democratização da produção de conhecimento e das atividades fins, materializada no tripé ensino, pesquisa e extensão. As cotas cumprem um papel de redução das desigualdades, com justiça social e inclusão através da educação e devem ser defendidas pelo ANDES-SN.

1.1 Os impactos dos cortes orçamentários

Como se não bastassem todos os contingenciamentos orçamentários que sofremos no governo de Bolsonaro, no apagar das luzes do ano de 2022, a equipe econômica realizou um novo bloqueio nos recursos de diversas Universidades, Institutos Federais e Cefets. Estima-se que foram bloqueados mais de R\$ 244 milhões, o que inviabiliza as finanças de quase todas as instituições, precarizando ainda mais as condições de trabalho e manutenção do ensino superior público. De acordo com o Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal

(Siafi), os cortes alcançaram mais de 70 IES e tem como objetivo cumprir a regra do teto de gastos, estabelecida pela Emenda Constitucional 95/2016.

Mas ainda nas vésperas das eleições de outubro, um novo contingenciamento no orçamento do Ministério da Educação (MEC) foi anunciado, por meio da publicação do decreto n.º 11.216 - que alterou o anterior, n.º 10.961 de fevereiro de 2022 -, com uma reprogramação orçamentária até novembro. Com isso, o MEC perdeu mais de R\$ 1,1 bilhão do, já escasso, orçamento do Ministério. Cerca de R\$ 328 milhões foram retirados do chamado orçamento discricionário das universidades federais, que engloba verbas para funcionamento (água e luz), obras, contratação de serviços de terceirização de mão de obra e despesas com assistência estudantil. Somando esse valor ao montante que já havia sido bloqueado ao longo de 2022, foram cortados R\$ 763 milhões do orçamento que havia sido aprovado para as universidades federais em 2022.

O bloqueio também atingiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica em R\$ 147 milhões. Ao longo de todo o ano, o valor chega a R\$ 300 milhões, o que impacta transporte, alimentação, internet, bolsas de estudo, dentre outros tantos elementos essenciais para a manutenção da rede tecnológica. Todos esses cortes orçamentários não só paralisam as atividades das IFs, como causam um mal-estar geral na comunidade universitária, em especial, naqueles(as) que são mais vulneráveis, ou seja, os(as) trabalhadores(as) terceirizados(as) e os(as) estudantes que vivem sob a permanente tensão de terem seus recursos de permanência estudantil cortados e/ou seus contratos de trabalho finalizados.

É nesta conjuntura que temos que reforçar nossa luta pela revogação imediata do teto de gastos da Emenda Constitucional 95/2016, que congelou os gastos públicos por 20 anos, e pela ampliação do financiamento público para a educação pública, além de retomar o debate sobre a auditoria cidadã da dívida, esta que, bem sabemos, é um escoadouro de recursos públicos para a iniciativa privada, sobretudo para o capital especulativo.

O ANDES-SN tem denunciado estes cortes e seus impactos nas IES. Realizamos a campanha nacional “Defender a Educação Pública é nossa escolha para o Brasil” e temos reiteradamente convocado a categoria para mobilizar nossos locais de trabalho e de estudo, no entanto, reconhecemos que é necessário, ampliar essa mobilização e tê-la como prioridade para o ano de 2023, retomando a campanha nacional no sentido de interiorizá-la e desenvolver ações em todo Brasil para denunciar os impactos dos cortes e, mais do que isso, evidenciar a importância das nossas IES para a população brasileira.

1.2 A autonomia universitária: acabar com a lista tríplice, por democracia efetiva nas nossas IFs

As mais de vinte instituições que estão sob intervenção de reitores(as) têm sofrido com imensas adversidades, há perseguições políticas a docentes, técnicos(as) e estudantes, bem como, o nítido uso deste espaço de poder para práticas antidemocráticas dentro e fora das instituições. É o caso do reitor interventor da Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), para citar apenas um caso, que esteve à frente de atos antidemocráticos pós-eleições deste ano tendo incitado a comunidade da cidade de Diamantina e do entorno a trancar rodovias e a organizar as hordas fascistas que apoiam Bolsonaro.

Considerando esses desafios e com o intuito de debater e fortalecer a luta contra as intervenções nas IES, o ANDES-SN realizou em maio de 2022 o **‘Encontro das Universidades, Institutos Federais e Cefets em Luta Contra as Intervenções’**, de forma presencial, em Brasília. Foram debatidos temas como a defesa da democracia, da autonomia e as estratégias de lutas, bem como, as intervenções e suas consequências para o ensino, a pesquisa e a extensão: autonomia universitária e a gestão democrática sob ameaça. Nesse encontro, os representantes de universidades sob intervenção puderam expor os enfrentamentos colocados em suas distintas realidades. Ainda no evento foram lançados dois dossiês que corroboram significativamente para entender as intervenções: “Militarização do governo Bolsonaro e intervenção nas Instituições Federais de Ensino” e “A invenção da balbúrdia”, ambos abordam as intervenções nas IFs.

A luta histórica defendida pelo ANDES-SN, registrada no Caderno 2, indica que a “autonomia, de qualquer ordem, deve estar vinculada à democracia interna, garantida estruturalmente nos mecanismos de decisão, controle e gestão”. De todos ataques do governo Bolsonaro às universidades públicas, o ataque à autonomia foi o que mais se evidenciou, sobretudo na nomeação de reitores(as) para as universidades e institutos federais que não foram eleitos e/ou sequer concorreram ao cargo de reitor(a), o que demonstra a perversidade dos entulhos autoritários de uma lei criada durante a ditadura militar empresarial brasileira.

Ainda segundo o Caderno 2, os(as) reitores(as) devem ser escolhidos(as) por meio de eleições diretas e voto secreto, com a participação, universal ou paritária, de todos os(as) docentes, estudantes e técnicos(as)-administrativos(as), encerrando-se o processo eletivo no âmbito da instituição. As famigeradas listas tríplexes são, de fato, a forma de governos autoritários utilizarem-se da lei para impor às universidades diferentes formas de autoritarismo, desrespeitando todas as formas de democracia que deveriam vigorar nas instituições.

1.3 Construir unidade para a reorganização da classe

Como não poderia ser diferente, no último período, temos participado ativamente da construção das lutas em unidade de ação em espaços de articulação nacional, como no Fórum das Entidades dos Serviços Públicos (Fonasefe), na Campanha Fora Bolsonaro, no Fórum Sindical, Popular e de Juventudes, bem como em suas articulações nos estados, nas lutas que se articulam com as centrais sindicais e com os movimentos populares e de juventude.

No tocante às lutas empreendidas pelo Fonasefe em 2022, tivemos um primeiro semestre marcado pela pauta da reposição salarial dos(as) servidores(as) públicos(as). Ou seja, no Fonasefe, a partir do índice de reposição de 19,99% - que está longe de corresponder ao valor das nossas perdas salariais acumuladas -, construímos a unidade com as demais categorias. Mesmo com intensa mobilização em Brasília e nos estados, não fomos atendidos pelo governo de Bolsonaro, sendo que somente poucas carreiras, como as de segurança do judiciário, obtiveram alguma negociação. Mesmo depois das eleições, seguimos mobilizando os(as) servidores(as) públicos(as), reivindicando a reposição salarial que deveria, no mínimo, corresponder ao valor da inflação deste ano.

Temos a compreensão de que a pauta da reposição salarial dos servidores(as), de melhores condições de trabalho e, ainda, da ampliação dos serviços públicos para a população dependem, dentre outras coisas, da luta pela revogação da Emenda Constitucional do teto dos gastos, pelo arquivamento da PEC 32 e pela revogação das contrarreformas que foram efetivas nos últimos anos, como as contrarreformas trabalhista e previdenciária. Neste sentido, faz-se necessário a construção de um movimento pela revogação desses ataques que atingem diretamente os serviços públicos e, com isso, a classe trabalhadora que mais precisa destes serviços.

O novo ciclo de lutas que se apresenta em 2023 exigirá do movimento sindical a compreensão de que muitas contradições serão postas no novo governo de Lula. Conformação que demandará mobilização permanente dos nossos locais de trabalho, ao passo que também impulsionará, no conjunto da classe, a necessidade de reorganização, a avaliação dos nossos instrumentos de lutas e a rearticulação das forças do campo classista para exigir mudanças estruturais que possam garantir melhores condições de vida para o povo trabalhador. Ao mesmo tempo teremos que avançar no combate ao neofascismo que se alastra no cotidiano da classe trabalhadora.

O ANDES-SN em 2022 realizou diversas manifestações das nossas pautas. Ainda no primeiro turno apresentamos demandas aos candidatos presidenciais. Logo após o segundo turno, o ANDES-SN entregou à equipe de transição a pauta de reivindicações a partir do nosso

projeto histórico de educação. Também participou de debate que construiu consensos sobre demandas específicas do Fonasefe e de entidades da educação.

Reivindicações entregues aos presidentiáveis no primeiro turno.

1. **Revogar a EC 95**, que impôs o teto dos gastos para as áreas prioritárias, e assumir o compromisso de ampliação do orçamento para educação pública, sem cortes, redução e contingenciamento;
2. Reconhecer e defender a educação pública como um instrumento fundamental para o desenvolvimento econômico, social, cultural e político do país e para a garantia de direitos básicos, da cidadania e das liberdades democráticas. Sendo assim, adotar a **educação como uma responsabilidade do Estado** e não implantar medidas de privatização direta ou indireta;
3. **Manter, ampliar e realizar o monitoramento das políticas de cotas**, afirmativas de direito e equidade social nas universidades, institutos federais e CEFETs, no que se refere à assistência e permanência estudantil, ações de ensino, pesquisa, extensão, pós-graduação e concursos públicos para docentes e técnico(a)s-administrativo(a)s;
4. **Revogar as nomeações de interventore(a)s** com garantia de nomeação do(a) mais votado(a) pela comunidade acadêmica em cada instituição, acabando com o instrumento da Lista Tríplice, em respeito à plena autonomia universitária e promovendo condições para a gestão democrática nas IES;
5. Garantir estrutura das IES com **segurança para o retorno presencial e pela construção democrática de um “Plano Sanitário e Educacional: em defesa da vida e da educação”**, visando a recuperação para toda(o)s a(o)s estudantes afetado(a)s pelas dificuldades durante o período remoto, adequação das estruturas físicas, acesso à ferramentas digitais e condições de trabalho e estudo dignas e sanitariamente seguras;
6. Garantir **remuneração integral e isonômica dos integrantes de mesmo nível da carreira, com reposição das perdas salariais**, respeito aos direitos da carreira e reajustes que compensem as perdas acumuladas.
7. Defender o ensino presencial, pelo **arquivamento do ReUni Digital e não implantação de demais programas que reforcem a educação a distância** e a precarização da educação pública;
8. **Revogar a implantação da Reforma do Ensino Médio e da Resolução CNTE/Cp 02/2019** que altera as diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial de professore(a)s para a Educação Básica (BNC formação), que está articulada com a Reforma do

Ensino Médio e a BNCC da educação básica. Esses dispositivos rebaixam a formação universitária do(a)s docentes da educação básica e a formação da juventude em geral;

9. **Defender a liberdade de cátedra e o livre pensamento e informação**, vedando qualquer forma de censura ou discriminação de natureza filosófica, religiosa, ideológica, política, étnica, de gênero ou orientação sexual;

10. **Revogar o Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação (Lei nº 13.243/2016)**, para que recursos públicos possam ser destinados para a Ciência e Tecnologia desenvolvida em instituições públicas.

Proposições apresentadas pelo FONASEFE à Comissão de Transição:

1. Não definir em 2022 quaisquer propostas que possam incidir em 2024 sobre os SPF;
2. Solicitamos que sejam acrescidos recursos suficientes na LOA 2023 para atender a um reajuste linear e emergencial para cobrir, ainda em 2023, os 27% de inflação acumulada do Governo Bolsonaro;
3. Que sejam alocados recursos suficientes para também sejam recompostos os benefícios como auxílio-alimentação, auxílio-saúde e auxílio-creche.

Solicitação das entidades federais da educação (ANDES-SN – FASUBRA – FENET – SINASEFE) para a Comissão de Transição de Ciência e Tecnologia:

Decretos, Portarias e Instruções Normativas a serem revogadas:

1. **EC 95/2016**, que impôs o teto dos gastos para as áreas prioritárias, e assumir o compromisso de ampliação do orçamento para educação pública, sem cortes, redução e contingenciamento;
2. **Portaria MEC nº 2.117/2019**, arquivar o ReUni Digital e pela não implantação de demais programas, a exemplo da Portaria Normativa nº 11, de 20/06/2017, que flexibilizou a oferta de

cursos à distância, e Decreto nº 9.057, de 25/05/2017, que ao buscar regulamentar o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20.12.1996, acaba por normatizar a expansão, sem critérios, do ensino à distância;

3. **Portaria do CNE/CP nº 01/2021** que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica, tendo em vista os prejuízos que causam à educação brasileira nos níveis médio e superior;

4. As Novas Diretrizes para a Educação Profissional e Tecnológica (**Portaria MEC nº 983/2020 e Resolução CNE/CP nº 01/2022**);

5. **Decreto nº 10.004/2019**, que instituiu o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM) e todas as iniciativas similares;

6. **Portaria MEC nº 983/2020** que regulamenta as atividades docentes no âmbito da carreira docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT);

7. **Decreto nº 9.991/2019** que regulamenta a limitação percentual de licença docente e técnico para capacitação;

8. **Portaria MEC nº 2.227/2019**, que fere autonomia universitária e também limitou a participação de pesquisadores/as em eventos científicos nacionais e internacionais;

9. **Decreto nº 10.502/2020**, que cria a Política Nacional de Educação Especial, decreto regressivo, que contraria toda a história de inclusão e ampliação dos direitos das pessoas com deficiência;

10. **Decreto nº 9.765/2019**, que institui a Política Nacional de Alfabetização, que impôs uma metodologia única para alfabetização das crianças;

11. **Portaria nº 545/2020**, que revogou os efeitos da Portaria nº 13 do MEC, de 11/05/2016, que tratava da promoção de ações afirmativas na pós-graduação brasileira aos grupos socialmente e historicamente excluídos (população negra, população indígena, pessoas com deficiência);

12. **Decreto nº 10.134/2019**, que fomenta o estabelecimento da rede pública de educação infantil a partir da parceria público-privado, desobrigando a União de exercer de seu papel como determina a Constituição de 1988;

13. **Portaria nº 34/2020**, que restringiu a concessão de bolsas para estudantes de mestrado e doutorado;

14. **Instrução Normativa nº 54/21**, que exige corte de ponto imediato em caso de greves;

15. **Decreto nº 10.620/2020**, que dispõe sobre a competência para a concessão e a manutenção das aposentadorias e pensões do regime próprio de previdência social da União no âmbito da administração pública federal.

Retomada da **ampliação do Programa de Bolsa Permanência, instituído pela Portaria MEC nº 389/2013**. Manter, ampliar e realizar ações afirmativas de direito e equidade social nas IFES.

Compromisso do Governo para **fomentar a renovação a Lei nº 12.711/2012**, a Lei das Cotas sociais e raciais, importante estratégia para propiciar igualdade no acesso a oportunidades.

E que o Governo envide esforços junto ao congresso nacional no sentido de pautar a **revogação das seguintes leis**:

1. **Leis nº 5.540/68 e 9.192/95 e o Decreto nº 1.916/1996**, e pelo respeito à democracia e autonomia das instituições federais de ensino, em conformidade com a Constituição Federal de 1988;
2. Lei nº 13.415/2017, de implantação da **Reforma do Ensino Médio**, seus impactos no Programa Nacional do Livro Didático e no ENEM, e da Resolução CNE/Cp 02/2019 que altera as diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial de professor(a)s para a Educação Básica (BNC formação), que está articulada com a Reforma do Ensino Médio e a BNCC da educação básica. Esses dispositivos rebaixam a formação universitária do(a)s docentes da educação básica e a formação da juventude em geral;
3. Lei nº 13.243/2016 que trata do **Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação**, para que recursos públicos possam ser destinados para a Ciência e Tecnologia desenvolvida em instituições públicas;
4. Lei nº 12.550/2011 que cria a **Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares – EBSERH**, que tem se mostrado uma via direta de privatização da saúde, com destaque para os impactos no ensino, pesquisa e extensão dos hospitais universitários.

Pautas fundamentais e prioritárias

Recomposição imediata no orçamento da Educação e da Ciência e Tecnologia.

As Entidades Nacionais da Educação Superior, Técnica e Tecnológica no Brasil assumem o compromisso de continuar em mobilização e unidade na luta pelas pautas fundamentais e

prioritárias:

- ✓ Garantia de **abertura de concursos para servidores/as das IFES**;
- ✓ Garantir **remuneração integral e isonômica dos integrantes de mesmo nível da carreira, com reposição das perdas salariais**, respeito aos direitos da carreira e reajustes que compensem as perdas acumuladas;
- ✓ **Manter, ampliar e realizar o monitoramento das políticas de cotas**, afirmativas de direito e equidade social nas IFES, no que se refere à assistência e permanência estudantil, ações de ensino, pesquisa, extensão, pós-graduação e concursos públicos para docentes e técnico(a)s-administrativo(a)s;
- ✓ **Revogar as nomeações de interventore(a)s com garantia de nomeação do(a) mais votado(a) pela comunidade acadêmica em cada instituição, acabando com o instrumento da Lista Tríplice**, em respeito à plena autonomia universitária e promovendo condições para a gestão democrática nas IES;
- ✓ Defender **eleições diretas nas IFES paritárias ou universais, pelo fim da lista tríplice, e para que os processos se encerrem nas instituições federais, respeitando a autonomia universitária, revogando a nomeação do(a)s interventore(a)s**
- ✓ Defender a **liberdade de cátedra e o livre pensamento e informação**, vedando qualquer forma de censura ou discriminação de natureza filosófica, religiosa, ideológica, política, étnica, de gênero ou orientação sexual, impedindo aprovação de qualquer legislação que tenha como base as propostas que se autointitulam “escola sem partido”.

Reivindicações entregues pelo ANDES-SN ao Núcleo de Educação do Gabinete de Transição Governamental no intuito de apresentar proposta de compromisso a ser assumido em defesa da educação pública:

1. **Revogar a EC 95**, que impôs o teto dos gastos para as áreas prioritárias, e

assumir o compromisso de ampliação do orçamento para educação pública, sem cortes, redução e contingenciamento;

2. Reconhecer e defender a **educação pública como um instrumento fundamental para o desenvolvimento econômico, social, cultural e político do país e para a garantia de direitos básicos, da cidadania e das liberdades democráticas**. Sendo assim, adotar a educação como uma responsabilidade do

Estado e não implantar medidas de privatização direta ou indireta;

3. **Manter, ampliar e realizar o monitoramento das políticas de cotas**, afirmativas de direito e equidade social nas universidades, institutos federais e CEFETs, no que se refere à assistência e permanência estudantil, ações de ensino, pesquisa, extensão, pós-graduação e concursos públicos para docentes e técnico(a)s-administrativo(a)s.

4. **Revogar as nomeações de interventore(a)s** com garantia de nomeação do(a) mais votado(a) pela comunidade acadêmica em cada instituição, acabando com o instrumento da Lista Tríplice, em respeito à plena autonomia universitária e promovendo condições para a gestão democrática nas IES;

5. **Garantir estrutura das IES com segurança para o retorno presencial e pela construção democrática de um “Plano Sanitário e Educacional: em defesa da vida e da educação”**, visando a recuperação para toda(o)s a(o)s estudantes

afetado(a)s pelas dificuldades durante o período remoto, adequação das estruturas físicas, acesso à ferramentas digitais e condições de trabalho e estudo dignas e sanitariamente seguras;

6. **Garantir remuneração integral e isonômica dos integrantes de mesmo nível da carreira, com reposição das perdas salariais**, respeito aos direitos da carreira e reajustes que compensem as perdas acumuladas;

7. **Defender o ensino presencial, revogar a Portaria nº 2.117/2019, arquivar o Reuni Digital**, não implantação de demais programas que reforcem a educação a distância e a precarização da educação pública;

8. **Revogar a implantação da Reforma do Ensino Médio e da Resolução CNE/Cp 02/2019 que altera as diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial de professore(a)s para a Educação Básica (BNC formação)**, que está articulada com a Reforma do Ensino Médio e a BNCC da educação básica. Esses dispositivos rebaixam a formação universitária do(a)s docentes da educação básica e a formação da juventude em geral;

9. **Defender a liberdade de cátedra** e o livre pensamento e informação, vedando

qualquer forma de censura ou discriminação de natureza filosófica, religiosa,

ideológica, política, étnica, de gênero ou orientação sexual;

10. **Revogar o Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação (Lei nº 13.243/2016)**, para que recursos públicos possam ser destinados para a Ciência e Tecnologia desenvolvida em instituições públicas.

11. **Revogar as Reformas da Previdência Lei nº 10.666, de 8 de Maio de 2003 e a Emenda Constitucional nº 103, de 12 de novembro de 2019, contra reformas que comprometeram de forma nefasta as aposentadorias e a Lei 12.618, de 2012, que cria o FUNPRESP**, instituindo o regime de previdência complementar para os servidores públicos federais de cargo efetivo, criando uma divisão entre os servidores, os que tem direito a uma aposentadoria efetiva e os que estão à mercê do mercado com seus fundos previdenciários.

RESOLUÇÕES DO 40º CONGRESSO DO ANDES-SN

II - PLANO DE LUTAS DO SETOR DAS IFES

O 40º CONGRESSO DO ANDES-SN delibera:

A. No âmbito dos Servidores Públicos Federais

1. Intensificar a luta pelo Fora Bolsonaro e Mourão e contra sua política genocida e neoliberal, tanto nas ruas quanto nas redes, de forma ininterrupta, ampliando o diálogo com a comunidade universitária e comunidade em geral, em articulação com o(a)s demais servidore(a)s público(a)s federais, estaduais e municipais, incluindo o(a)s trabalhadore(a)s das Estatais e o(a)s terceirizado(a)s.

2. Intensificar a luta contra a PEC 32 (da contrarreforma administrativa), pela revogação da Emenda Constitucional 95 (teto dos gastos), das contrarreformas Trabalhistas e da Previdência, entre outros ataques à classe trabalhadora, como por exemplo, a Nova proposta de Reforma Trabalhista, juntamente ao Fonasefe, às Centrais Sindicais, ao Fórum Sindical, Popular e de Juventudes e demais entidades da educação, ampliando a unidade com os servidores federais, estaduais e municipais, envolvendo os trabalhadores de estatais e terceirizados.

3. Defender a campanha salarial unificada dos SPF de 2022 de forma articulada com as entidades que compõem o Fonasefe e Fonacate, reforçando a luta pela reposição emergencial de 19.99%.

4. Envidar esforços para construção da greve unificada dos SPF mantendo como pauta a centralidade da recomposição salarial, a revogação do teto de gastos e das contrarreformas, contra a PEC 32.

4.1. Reposição das perdas salariais decorrentes da corrosão inflacionária;

4.2. Recuperação das perdas históricas;

4.3. Política salarial permanente com valorização do salário-base e a incorporação das gratificações;

4.4. Exigir condições de trabalho especiais enquanto durar a pandemia, tanto no trabalho remoto como no retorno presencial, fornecendo os insumos e as adaptações necessárias para tal;

4.5. Recuperação da paridade entre servidores ativos, aposentados e pensionistas;

4.6. Definição da data-base em 1º de maio;

4.7. Pagamento imediato de todos os precatórios;

4.8. Valorização dos serviços e dos servidores públicos com reforço orçamentário, especialmente aos setores responsáveis pela formulação e promoção das políticas sociais.

4.9. Intensificar a luta contra às “contrarreformas” que retiram direitos dos trabalhadores e da população, em especial à PEC32/2020 e ao conceito de “teto de gastos”, que 159 prioriza o direcionamento do orçamento público para remuneração financeira em detrimento das políticas sociais;

4.10. *Restauração dos direitos dos servidores públicos suprimidos do texto original da Lei nº 8112/90 (RJU)*

5. *Intensificar a luta para reverter o confisco salarial praticado pelo governo a título de aumento das contribuições previdenciárias, inclusive com esdruxula inclusão dos próprios aposentados nesse desconto.*

B. No Âmbito das Universidades, Institutos Federais e CEFET

1. *Intensificar a luta contra as Intervenções nas Universidades, Institutos Federais, Cefet, Colégios de Aplicação, Colégios Técnicos e Colégios Federais.*

1.1. *Realizar ações de comunicação, atos públicos nas universidades, pressão aos parlamentares, entre outras, denunciando o impacto das intervenções nas IFES.*

1.2. *Reforçar nossa luta histórica pela defesa de eleições diretas, paritárias ou universais, pelo fim da lista tríplice, e para que os processos se encerrem nas instituições federais, respeitando a autonomia universitária, revogando a nomeação do(a)s interventore(a)s*

2. *Intensificar a luta contra os cortes e contingenciamentos orçamentários e pela recomposição e ampliação do orçamento público adequado para o funcionamento e expansão das Universidades, Institutos Federais e Cefet.*

2.1. *Manter e ampliar a Campanha Nacional “Defender a Educação Pública é nossa Escolha para o Brasil” com a interiorização de suas ações, junto às seções sindicais e entidades da educação, buscando ampliar seu diálogo com a população.*

3. *Lutar contra o avanço da proposta do Reuni Digital, apontando suas contradições e dialogando com as comunidades universitárias sobre as ameaças da mercantilização da educação pública.*

4. *Intensificar a luta contra os projetos Future-se, Fundos Patrimoniais e Novos Caminhos ou qualquer projeto similar que vise aprofundar a mercantilização e a privatização da educação pública, reafirmando o projeto de universidade pública defendido pelo ANDES-SN há 41 anos.*

5. *Dar continuidade à luta pelo retorno presencial com as devidas condições de segurança sanitária e cobrando das IES planos sanitários, educacionais e de apoio psicossocial, elaborados com a participação da comunidade acadêmica, que assegurem efetivas condições de trabalho e de ensino-aprendizagem nas Universidades, Institutos Federais e Cefet.*

6. *Atualizar levantamento sobre a defasagem salarial presentes nas carreiras do Ensino Superior e EBTT federais para produção de um dossiê a fim de fortalecer nossa luta pela recomposição salarial.*

7. *Realização de um Seminário Nacional conjunto entre o Setor das IFES e GT Carreira sobre os desafios da carreira docente do Setor das Federais no primeiro semestre de 2022.*

8. *Lutar contra os cortes e pela recomposição dos orçamentos para a Ciência, Tecnologia e Humanidades, articulando ações de mobilização em conjunto com entidades estudantis e científicas.*

9. *Intensificar a luta pela revogação da Portaria MEC Nº 983/2020 que regulamenta as atividades docentes no âmbito da carreira docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), reafirmando a defesa da carreira única do setor das IFES.*

9.1. *Realizar um levantamento sobre quais Instituições Federais estão aderindo à Portaria nº 983/20 do MEC ou fazendo modificações em resoluções internas sobre encargos docentes visando aplicar o conteúdo dessa portaria.*

10. *Lutar por melhores condições de trabalho nas nossas Universidades, Institutos e CEFET: retomada de concursos públicos, condições sanitárias e educacionais adequadas para retomada das aulas presenciais, entre outras.*

11. *Lutar pela imediata revogação da Lei do Novo Ensino Médio, seus impactos no Programa Nacional do Livro Didático e no ENEM, e contra todos os seus demais desdobramentos.*

12. *Lutar pela revogação das Novas Diretrizes para a Educação Profissional e Tecnológica.*

13. *Lutar contra o uso indevido de imagem do docente e produzir uma cartilha sobre a questão do direito de imagem e direito autoral na relação com o teletrabalho, que foi amplamente experimentado durante a pandemia e que terá desdobramentos nas Universidades, Institutos Federais e Cefet no pós-pandemia.*

14. *Construção de agenda de luta do setor das IFES com as seguintes datas:*

07 de abril - Dia Mundial da Saúde

09 de abril - Dia Nacional pelo FORA BOLSONARO

11 a 14 de abril - Rodada de Assembleias pela Construção da Greve dos SPF

25 a 29 de abril - Semana de luta do Setor da IFES: Em defesa da educação pública e pela recomposição salarial

01 de maio - Dia dos trabalhadores e trabalhadoras

- 14.1. Realizar uma semana de lutas em abril (25 a 29) incluindo paralisação, tendo como centralidade a defesa da pauta da Educação Pública, pela recomposição salarial e por condições de trabalho
15. Lutar contra as diferentes formas de controle de frequência de professores (as), em função da natureza do trabalho docente, cuja abrangência e indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão não podem ser niveladas pela simples métrica horária da jornada.
16. Fortalecer e potencializar ações que promovam o debate sobre as questões de saúde mental dos (as) docentes e demais servidores das instituições de ensino.
17. Intensificar a luta contar qualquer projeto de privatização interna, tais como PPP, EBSEH, OS, prestação de serviços e de consultoria para empresas que visam ao lucro.
18. Lutar pela revogação do Decreto-lei nº 10.620 de 05 de fevereiro de 2021 e contra qualquer lei similar que venha interferir na gestão de pensões e aposentadorias do conjunto dos Servidores Públicos.
19. Lutar pelo ressarcimento dos custos do trabalho remoto, impedindo que o ônus recaia sobre trabalhadores e trabalhadoras da educação.
- Recomendação: que o tema seja debatido no setor das IFES após o 40º Congresso.
20. Defender a importância dos colégios, institutos, escolas de aplicação, bem como das unidades de educação infantil das IFES como espaços de formação de professore(a)s de prática pedagógica e campo de estágio, e fundamentalmente como meio de integração entre a Educação Básica e Educação Superior no desenvolvimento do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, exigindo do MEC e das reitorias sua responsabilidade com a manutenção desses espaços formativos.
21. Dar continuidade à luta em defesa dos Institutos Federais e Cefet, Colégios técnicos, de aplicação e federais e que aos seus docentes seja atribuído o mesmo nível de autonomia de seus/suas docentes;
22. Exigir reposicionamento dos docentes aposentados e seus pensionistas, de forma a resguardar a posição do docente em relação ao topo da carreira na data da aposentadoria, considerando a garantia dos direitos decorrentes da aplicação do Art. 192, da Lei nº 8.112/90 (RJU);
23. Intensificar a luta e exigir paridade e integralidade para os ativos, aposentados(as) e pensionistas;
24. Garantir a manutenção dos valores destinados a cobrir as despesas de pessoal e os encargos dos aposentados e pensionistas com recursos do Tesouro Nacional, no orçamento e na folha de pagamentos da IFES de origem, bem como a relação administrativa desses docentes. Esse pagamento não será incluído a título de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino;
25. Exigir equivalência da remuneração e das condições de trabalho dos professores substitutos com a dos docentes efetivos com a mesma titulação e regime de trabalho contemplando a isonomia remuneratória no primeiro nível de carreira docente;
26. Dar continuidade à luta para que as promoções e as progressões na carreira docente sejam implementadas pelas instituições a partir da data em que se completa o interstício em termos financeiros e administrativos e denunciando a nota técnica 2.556/2018 do Ministério do Planejamento, que indica o não pagamento do retroativo.
27. Dar continuidade à luta pela liberdade de pensamento e de expressão, e contra a crescente criminalização de professores e perseguição àqueles que lutam em defesa da educação pública;
28. Intensificação da luta pela regularização dos pagamentos referentes aos adicionais de insalubridade e periculosidade, que foram arbitrariamente interrompidos.
29. Dar continuidade à luta pela garantia de condições adequadas de funcionamento dos novos cursos, especialmente nos campi descentralizados, inclusive com a construção de prédios e instalações próprios onde for necessário, para que a comunidade acadêmica possa desenvolver com qualidade o trabalho indissociável de ensino, pesquisa e extensão;
30. Continuar a luta pela garantir da liberação para o exercício de mandato classista, sem perda da remuneração e dos demais direitos, mediante alteração do Art. 92 da Lei nº 8112/90 (RJU);
31. Ampliar a luta pelo apoio à formação e qualificação docente com direito à afastamento integral, salários, bolsa, remuneração e carga horária disponível, conforme os princípios do Caderno 2.
32. Lutar para recomposição e ampliação de recursos orçamentários institucionais para pesquisa e extensão;
33. Dar continuidade à luta pela democratização das agências públicas de fomento à pesquisa, mantendo seu caráter público necessário ao fortalecimento científico-tecnológico do país;
34. Retomar e atualizar os Cadernos (iniciado com a greve de 2012) sobre Precarização das Condições de Trabalho nas IFES, com o processo de sufocamento e contingenciamento orçamentários, levando-se em consideração as questões de segurança sanitária impostas pela situação da saúde pública (Covid-19 e decorrências sanitárias) a todas as instituições.
35. Realizar estudos, publicações e debates que orientem a luta sobre o impacto do Ensino Remoto Emergencial e, conseqüentemente, das diversas regulamentações via MEC e IES para um processo de

ampliação da carga horária em EAD nos cursos presenciais, resultando em alteração do trabalho docente e da própria carreira docente.

35. Construir uma campanha nacional, com apoio financeiro do Fundo de Mobilização do ANDES-SN

a) Pela revogação imediata de todas as nomeações de reitores não eleitos e pela imediata posse dos reitores eleitos pelas comunidades universitárias dos Institutos Federais, Cefet e Universidades públicas no Brasil;

b) pela revogação das Leis nº 5.540/68 e 9.192/95 e do Decreto nº 1916/96, e pelo respeito à democracia e autonomia das instituições federais de ensino, em conformidade com a Constituição Federal de 1988.

36. Realização de um encontro nacional das seções do ANDES-SN das IFES sob intervenção e criação de um espaço nacional permanente de mobilização, articulação e compartilhamento de experiências de luta contra as intervenções.

37. Que o ANDES-SN e as suas seções sindicais intensifiquem a articulação com outros segmentos da comunidade universitária, movimentos, sindicatos e entidades democráticas contra as intervenções.

38. Intensificar a luta para que os resultados dos processos eleitorais da comunidade acadêmica sejam implementados e respeitados, garantindo a sua homologação no âmbito da própria instituição, respeitando-se o princípio da autonomia das universidades.

38.1. Intensificar a luta pela reversão da nomeação de interventores, respeitando o resultado do mais votado nos processos de consulta já realizados.

TR – 14

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

NO ÂMBITO DOS(AS) SERVIDORES(AS) PÚBLICOS(AS) FEDERAIS (SPF)

1. Intensificar a luta pela revogação de todas as medidas do governo Bolsonaro que atacam os serviços e servidores(as) públicos(as), a exemplo das contrarreformas trabalhista e previdenciária, na perspectiva de um grande "Revogaço" que articule as entidades dos(as) servidores(as), movimento sindical, juventude e populares, construindo ações de ruas e nas redes, plebiscitos, panfletagem, paralisações e demais ações de mobilização.

2. Intensificar a luta pela Revogação da Emenda Constitucional 95/2016, do teto dos gastos, e pelo arquivamento da PEC 32 em articulação com as entidades dos(as) servidores(as) públicos(as), do Fonasefe, com as centrais sindicais, fóruns de luta e movimentos populares e de juventude.

3. Construir a Campanha salarial com reajuste linear para todos(as) os(as) Servidores(as) Públicos(as) Federais em 2023.

NO ÂMBITO DAS IFES

1. Intensificar a luta, em articulação com as demais entidades da educação, pela recomposição orçamentária da educação pública federal que possibilite a realização plena de ensino, pesquisa e extensão nas IFs e a entrada e permanência dos(as) estudantes.

2. Intensificar a luta contra as intervenções nas universidades, promovendo debates regionais e envolvendo toda a comunidade acadêmica, entidades sindicais de servidores(as) docentes e TAEs, representação do movimento estudantil e sociedade em geral.
3. Reforçar junto ao novo governo federal a luta pela revogação imediata da nomeação de todos(as) os(as) reitores(as) interventores(as) que não foram eleitos(as) por suas comunidades acadêmicas e exigir o fim da lista tríplice, para garantir que todos os processos eleitorais iniciem e acabem nas IFs.
4. Que o ANDES-SN e as seções sindicais realizem debates para fortalecer a luta pelas cotas, a fim de garantir sua continuidade e ampliação para a graduação, pós-graduação e concursos para TAEs e docentes.
 - 4.1. Produzir uma cartilha sobre o tema das cotas, apontando seus impactos na realidade das IFs nesses dez anos.
5. Atualizar em 2023 os Cadernos sobre Precarização das Condições de Trabalho nas IFES, com o processo de sufocamento e contingenciamento orçamentários, o avanço do trabalho remoto, as condições sanitárias e de trabalho na realidade pós-pandemia e a retomada das atividades presenciais.
6. Intensificar a luta pela ampliação das políticas de assistência estudantil (entrada e permanência dos(as) estudantes), restaurantes universitários, moradias, assistência psicológica e ampliação das bolsas de ensino, pesquisa e extensão em nossas IFs.
7. Intensificar a luta pela recomposição salarial dos(as) docentes e por melhores condições de trabalho para pleno desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão em nossas IFs.
8. Realizar uma semana de luta e ocupação das IFs, em março de 2023, com debates, rodas de conversa e expressões artísticas culturais trazendo nossas principais pautas por condições de trabalho e estudo e pela recomposição dos orçamentos.
9. Retomar a Campanha Nacional em defesa da educação pública e contra os cortes orçamentários com ações em todo o Brasil.

AGENDA DE LUTAS

29/01 – Dia da Visibilidade Trans.

07/02 - Dia de Lutas dos Povos Originários.

11/02 – Dia Nacional das Mulheres e Meninas na Ciência.

08/03 - Dia Internacional das Mulheres.

14/03 – **Justiça por Marielle Franco.**

21/03 - **Dia Internacional de Luta pela eliminação da Discriminação Racial.**

07/04 - **Dia Internacional da Saúde.**

19/04 - **Dia de Resistência dos Povos Originários.**

24/04 - **Dia Internacional de Libras.**

01/05 - **Dia Internacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras.**

17/05 - **Dia internacional de luta contra a LGBTQIA+fobia.**

18/05 - **Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.**

12/06 - **Dia Nacional e Mundial de Combate ao Trabalho Infantil.**

15/06 - **Dia Mundial de Conscientização da Violência contra a pessoa idosa.**

28/06 - **Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+.**

23/07 - **Dia Nacional do Tradutor e Intérprete de Libras.**

25/07 - **Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha.**

12/08 - **Justiça a Margarida Alves.**

29/08 – **Dia da Visibilidade Lésbica.**

07/09 – **Grito dos Excluídos.**

21/09 – **Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência.**

26/09 - **Dia Nacional dos(as) Surdos(as).**

28/09 – **Dia Internacional da Luta pela Legalização do Aborto.**

17/10 – **Dia Nacional de Combate ao Assédio Moral/Sexual nas Universidades, IFs e CEFETs.**

20/11 – **Dia da Consciência Negra.**

22/11 – **Dia Nacional de Combate ao Racismo nas Universidades, IFs e CEFETs.**

25/11 – **Dia Internacional de Luta contra a Violência Contra as Mulheres.**

28/11 – **Dia de Luta contra o Racismo.**

03/12 - **Dia Internacional das Pessoas com Deficiência.**

TEXTO 15

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Agripino Alves Luz Júnior (SINDUFAP); Alexandre Adalberto Pereira (SINDUFAP); Alexandre Macedo (ADUFPB); Alexandre José Medeiros do Nascimento (ADUFPI); Ângela Siqueira (ADUFF); André Rodrigues Guimarães (SINDUFAP); Antônia Costa Andrade (SINDUFAP); Antônio Francisco Lopes Dias (ADCESP); Antônio Lisboa L. de Souza (ADUFCEG); Arthane Menezes Figueiredo (SINDUFAP); Beatriz Franchini (ADUFPEL); Carlos Rinaldo Nogueira Martins (SINDUFAP); Carlos Vicente Joaquim (SESDUF-RR); Cássio Alves (APUFPR); Celeste Pereira (ADUFPEL); Célio Ribeiro Coutinho (SINDUECE); Cenira Andrade de Oliveira (ADUFES); Ceres Torres (ADUFPEL); Claudia March (ADUFF); David Junior de Souza Silva (SINDUFAP); Elaine da Silva Neves (ADUFPEL); Elda Maria Freire Maciel (SINDUECE); Eliane Fazolo (ADUR-RJ); Enilce de Oliveira Fonseca Sally (ADUFF); Eptácio Macário Moura (SINDUECE); Erlenias Sobral do Vale (SINDUECE); Fabiola Kato (ADUFPA); Fausto Camargo Júnior (SINDCEFET-MG); Francisco Carlos Jacinto Barbosa (SINDUECE); Francisco Santiago (SINDUFAP); Gean Cláudio de Souza Santana (ADUFS-BA); Henrique A. F. Mendonça (ADUFPEL); Herrmann Vinicius Oliveira Muller (APUFPR); Janete Brito (ADCESP); José Carlos Marques Volcato (ADUFPEL); José dos Santos Souza (ADUR-RJ); José Raphael Bokehi (ADUFF); Lalo Watanabe Minto (ADUNICAMP); Leandro Machado dos Santos (ADUR-RJ); Liliane Soares (SINDUFAP); Lorena Moraes (ADCESP); Lúcia Izabel Silva (ADUFPA); Luciano Coutinho (ADUFRJ); Luiz Fernando Reis (ADUNIOESTE); Luiz Henrique Schuch (ADUFPEL); Luiz Paiva Carapeto (ADUFPEL); Marco Antonio Perruso (ADUR-RJ); Maria Angélica da Gama Coutinho (ADUR-RJ); Maria Conceição Rosa Cabral (ADUFPA); Maria do Carmo Lobato da Silva (SINDUFAP); Maria Edilene S. Ribeiro (ADUFPA); Maria Gabriela Guillén Carías (ADUFDOURADOS); Maria Jacqueline Girão (ADUFRJ); Maria Suely Soares (APUFPR); Marielson Rodrigues Guimarães (ADUFPA); Marinalva Silva Oliveira (ADUFRJ); Marise Fonseca dos Santos (APUFPR); Milena Martinez (APUFPR); Odete da Cruz Mendes (ADUFPA); Olgaíses Maués (ADUFPA); Omar Albornoz (ADCESP); Paulo Afonso da Silva Oliveira (SESDUF-RR); Paulo Marcelo Cambraia da Costa (SINDUFAP); Raquel Angela Speck (APUFPR); Regiana Blank Wille (ADUFPEL); Rhoberta Santana de Araújo (ADUFPB); Rosângela Assunção (ADCESP); Rosely Cabral Giordano (ADUFPA); Sandra Alessi (APUFPR); Sandra Maria Franco Buenafuente (SESDUF-RR); Sidney da Silva Lobato (SINDUFAP); Sônia Maria Araújo (ADUFPA); Sônia Regina Teixeira (ADUFPA); Tadeu Lopes Machado (SINDUFAP); Valdelaine Mendes (ADUFPEL); Veronica Fernandez (ADUFF); Vilson Aparecido da Mata (APUFPR); Viviane Narvaes (ADUNIRIO); Waldir Ferreira de Abreu (ADUFPA), Yurgel Pantoja Caldas (SINDUFAP).

DEFESA DOS SERVIÇOS PÚBLICOS, DAS UNIVERSIDADES E DOS INSTITUTOS FEDERAIS: NOSSAS LUTAS SÃO EMERGENCIAIS

TEXTO DE APOIO

A política de estrangulamento dos serviços públicos, que ocorre desde 2013/2014, foi aprofundada a partir da Emenda Constitucional (EC) nº 95/2016, no governo Temer, que limita

o teto de gastos com as questões sociais prioritárias, exacerbando os danos à sociedade brasileira. Com Bolsonaro, os serviços públicos foram alvo desde o seu início, com o aprofundamento de uma política ultraneoliberal somada ao descaso e aos ataques diretos às/aos servidora (es) e aos serviços públicos. Esse panorama não deixa dúvidas sobre as intenções desse governo em destruir o que está consolidado como Estado brasileiro.

A dimensão do desmonte e seus grandes retrocessos, promovido pelo Governo Bolsonaro em todos os setores do serviço público, é imensurável. Agora é hora de exigir que a reconstrução ocorra o mais rapidamente possível, projetando efeitos benéficos duradouros não só sobre as específicas políticas públicas, mas também para avançar e dar passos mais largos em direção à defesa dos serviços públicos de qualidade.

Na Educação, Bolsonaro elegeu estudantes, professora/es e funcionária/os de universidades, institutos federais e escolas de ensino médio e fundamental e de educação infantil como inimiga/os do País. Assim, o privatismo andou de braços dados com os ataques desmoralizantes contra as universidades públicas. Várias instituições federais de ensino, entre universidades, institutos e centros federais, sofreram intervenção. O presidente da República, Jair Bolsonaro, por meio do Ministério da Educação (MEC), nomeou interventores para as reitorias das instituições, seja pela indicação de nomes que não estavam em primeiro na lista tríplice, seja pela indicação de nomes que sequer participaram do processo de escolha nas instituições. Foram atos antidemocráticos e atacaram a autonomia universitária.

Em dezembro de 2022, nos últimos dias de seu mandato, fomos surpreendidos pelo confisco total do orçamento que é necessário para a prestação dos serviços de alimentação, limpeza, segurança e o pagamento das bolsas à/os estudantes, o que dificultou o término do semestre letivo em condições mínimas de funcionamento dessas entidades. O governo de Bolsonaro tenta destruir as Universidades nos seus últimos dias de governo, desviando a verba da educação para outros propósitos. É necessário de imediato a recomposição orçamentária e a Revogação da EC/95, mas também é preciso avançar em defesa da Universidade Pública, gratuita e de qualidade. É necessário aliar pautas que não terão nenhuma repercussão econômica, mas que são fundamentais para o restabelecimento da dignidade da função pública, tão abalada nos últimos anos, com pautas cuja base seja a de recursos financeiros.

O grau de precarização da atividade docente nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), ao qual temos sido submetida/os, tem implicado em diferentes formas de adoecimento docente. Este cenário é agravado pela burocratização e pela individualização dos processos institucionais, alimentando o ‘ambiente mercadológico’ de competitividade interno e entre as instituições, além de comprometer drasticamente a autonomia institucional. O desmonte das IFES no país, promovido, sobretudo, na ‘era Bolsonaro’, com cortes e contingenciamentos

orçamentários severos, afetou sobremaneira o trabalho docente, quer pela ausência de concursos públicos e redução da contratação de professora/es substituta/os para os casos de licença saúde, licença maternidade, formação, ampliando e intensificando a carga de trabalho para a/os docentes ativa/os; quer pela redução acentuada de recursos para manutenção e aquisição de espaços e equipamentos indispensáveis às atividades de ensino-pesquisa-extensão, gerando redução de qualidade dessas atividades e atingindo em cheio a perspectiva de convivência e socialização da comunidade acadêmica; quer ainda pela ampliação da lógica produtivista e mercantilista nas instituições, que estimula a busca de soluções individuais frente à falta de recursos, às condições de trabalho e à estagnação salarial, trazendo para o interior de nossas instituições públicas de ensino a lógica do setor privado. Some-se a isso o processo de desestruturação da carreira com inequívoca corrosão salarial e acréscimo da burocratização e das limitações para as progressões e as promoções, geradas por um conjunto de ações normativas internas, distintas e heterônimas entre as instituições, destruindo nossa proposta de Carreira construída coletiva e democraticamente pelo ANDES Sindicato Nacional e descrita no Caderno 2.

O processo de desestruturação da carreira federal, iniciado na década de 1990 e aprofundado a partir de 2012, trouxe perdas de direitos tanto no âmbito salarial quanto no das condições de trabalho, entre outros. Um dos maiores ataques é contra a remuneração da Dedicção Exclusiva, achatada desde 2009. O Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos (PUCRCE) garantia à/o docente deste regime uma remuneração correspondente ao triplo dos vencimentos da/o professor/a de 20 horas com mesmo nível e titulação. Hoje, a/o docente em Dedicção Exclusiva (DE) recebe o dobro dos vencimentos do/a professor/a com regime de 20 horas – isto é, o que seria devido à/o professor/a em regime de 40 horas. Valorizar a DE é, portanto, essencial para a construção de instituições públicas de ensino inclusivas, de qualidade e socialmente referenciadas. São a/os professora/es em DE as/o maiores responsáveis pela gestão colegiada, transparente e democrática das IES, bem como pela produção em pesquisa e atividades de extensão. Talvez por isso a DE venha sendo atacada por sucessivos governos; a defesa desse regime de trabalho segue sendo uma prioridade para o movimento docente.

Em 2012, houve o aprofundamento da (des)estruturação da carreira docente. Nesse ano, docentes das instituições federais de ensino fizeram uma greve histórica na luta por melhores condições de trabalho e da carreira. Durante essa greve, o governo federal impôs unilateralmente uma pauta, que aprovou em dezembro a Lei nº. 12.772/2012, o Novo Plano de Carreiras e Cargos do Magistério Federal, contrário às reivindicações da categoria. Essa proposta foi rejeitada unanimemente pelas seções sindicais do ANDES-SN.

Como os Conselhos competentes de cada IFE tem o papel de regulamentar os procedimentos necessários, desde sua entrada em vigor, teve início o movimento de interpretação, aplicação e regulamentação que, por sua vez, causou imensos prejuízos à categoria docente. Um dos requisitos da Lei é o “Desenvolvimento nas carreiras: Progressão e promoção”, o qual tem sido alvo de interpretações que conduzem à expropriação de nossos direitos ao precarizar nossa carreira. Como mais um elemento, docentes das federais, além da desvalorização profissional e financeira, sofrem também com a precarização que gera consequências graves à vida acadêmica.

Recentemente, o CONSUNI da UFRJ, por exemplo, aprovou alterações na Resolução vigente e aprofundou a retirada de direitos de docentes nas suas progressões e promoções na carreira. Ignorou o Grupo de Trabalho (GT) para Elaboração de Proposta de Diretrizes para Planejamento e Acompanhamento das Atividades Docentes, criado pela própria Reitoria da UFRJ. A alteração aprovada indica que “as progressões tenham efeitos apenas a partir da data de aprovação pela Comissão de Avaliação”. Esta mudança trará numerosas perdas para toda(os) docentes!

Ações como essa têm sido recorrentes nas IFES de todo país, sob alegação de cumprir parecer da Advocacia-Geral da União (AGU) que emitiu uma Norma ilegal, pois confronta a Lei nº. 12.772/2012 (Parecer nº 00001/2015/DEPCONSU/PGF/AGU) e impõe severa restrição ao exercício desse direito ao indicar que o início dos efeitos funcionais e financeiros deverá ser a data da avaliação de desempenho realizada pelas Comissões Avaliadora/Examinadora.

Além do prejuízo econômico, há também o prejuízo na forma de desenvolvimento na carreira. Isso tem levado a inúmeras ações judiciais, movimento que é importante, porém com prejuízos enormes. A ação judicial acarreta infinitas demandas administrativas e judiciais para remuneração correta de progressões e promoções, prejuízos que, ainda que corrigidos por longas ações judiciais, podem representar perdas irreversíveis, inclusive nas situações com efeitos financeiros retroativos a partir da data correta, ou seja, do término do interstício na classe anterior, mas não se efetua o pagamento. Esse prejuízo também se estende a futuros cálculos de proventos de aposentadoria.

Contudo, esse processo ainda não se consolidou e segue novas projeções futuras de mais ataques, como a contrarreforma administrativa (PEC 32/2020), fora da pauta por hora, que prevê, entre tantos prejuízos à categoria da/os Servidora/es Públicos Federais (SPF), a retirada de direitos, a fragilização das carreiras e a limitação das condições de desenvolvimento das atividades-fim, apontando para a redução efetiva dos serviços públicos prestados ao conjunto da sociedade.

A reforma administrativa propõe a reestruturação das carreiras do funcionalismo federal e estabelece novas regras para contratação, promoção e desligamento de servidora/es. Ela tem foco na/os “nova/os servidora/es”, mas apresenta regras de transição para o atual quadro de funcionária/os. Imediatamente, se essa PEC for aprovada, o Regime Jurídico Único fica extinto e o conceito de CARREIRA da/os trabalhadora/es desaparece da Constituição. Por isso, mais do que nunca precisamos retomar a defesa do Projeto de Carreira do ANDES-SN, pois muita/os docentes que entraram nas IFES após 2012 não conhecem o projeto de carreira do ANDES-SN.

O ANDES-SN defende carreira única. Magistério Superior e Ensino Básico, Técnico e Tecnológico atuam no ensino, na pesquisa e na extensão. Defendemos que é possível a carreira única com a garantia das especificidades da atuação em cada nível de ensino.

É urgente defender a nossa carreira, pois é estratégica para a existência da Universidade Pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada nos interesses da maioria da população do país. A carreira é um direito e fruto do reconhecimento de nosso trabalho!

Outro aspecto a destacar foi o ataque à autonomia universitária e à democracia institucional, com a redução e o esvaziamento dos espaços colegiados e das instâncias decisórias da vida institucional, desestimulando-se os processos participativos e afastando as categorias do planejamento e das decisões relativas aos rumos da instituição. É evidente que os ataques às Instituições Federais de Ensino Superior – e aos serviços públicos em geral – são, igualmente, ataques à categoria docente e à/os demais servidora/es públicos. Ao se fragilizar os pilares estruturantes das IFES, o financiamento público, a autonomia e a democracia, impede-se o pleno desenvolvimento institucional, comprometendo não só o direito social a uma educação de qualidade, mas, particularmente, o trabalho e a carreira docentes.

A defesa da nossa categoria ultrapassa a defesa da Carreira, avançando pela necessidade da luta por efetivas condições de trabalho, pelo combate a todas as formas de sua precarização, inclusive a desvalorização salarial, e pela defesa do financiamento público e contra o desmonte das Instituições Federais de Ensino Superior. Este conjunto de elementos ratifica a necessidade de invocar princípios e deliberações coletivas firmadas por nosso Sindicato quanto à pauta específica para a construção de uma agenda de lutas para o Setor da IFES. Para tal agenda indicamos:

1. garantia de que o caráter público da universidade, a sua autonomia constitucional e a função social da atividade docente sejam os elementos definidores das políticas de financiamento e do regramento das relações de trabalho;
2. garantia de financiamento público estável e suficiente para as IFES, assegurando incrementos compatíveis para a expansão com qualidade, tal como apresentado no Plano Nacional de Educação (PNE) para a Sociedade Brasileira (1997);

3. garantia das condições adequadas para que o exercício do trabalho docente se desenvolva fundamentado no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, em busca do padrão unitário de qualidade;
4. garantia de Carreira Única para toda/os docentes das IFES;
5. garantia de que a contratação do corpo docente se dê unicamente pelo Regime Jurídico Único;
6. garantia das condições para que as IFES cumpram a sua responsabilidade de oferecer educação pública, gratuita, democrática, laica e de qualidade para toda/os, como direito social e dever do Estado, combatendo todas as formas de precarização;
7. garantia de condições estruturais e acadêmicas que propiciem a universalização do acesso da/os estudantes às Instituições públicas do país;
8. garantia de gratuidade, integralidade e universalidade das ações dos Hospitais Universitários (HUs), com adoção de medidas contra sua mercantilização, privatização e transferência para o controle da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH);
9. luta pela revogação de qualquer forma de cobrança de taxas nas IFES;
10. implementação da escolha da/os dirigentes pela comunidade universitária em eleições diretas, no mínimo, paritárias.

Entendemos que essa luta é, ao mesmo tempo, específica e geral. Por isso, o 41º Congresso do ANDES-SN deve aprovar um Plano de Lutas que articule, dialeticamente, as questões relativas à/os Servidora/es Públicos Federais às de trabalhadora/es da área da Educação, destacadamente a/os de Universidades, Institutos Federais Públicos e CEFETs. O ANDES-SN precisa manter-se na vanguarda da luta incessante de organização da classe trabalhadora, haja vista que os SPFs são parte dela, mas sem abdicar, nessa mesma luta, da imprescindível mobilização da categoria docente, sua própria base, tanto pelos processos formativos quanto pelas diferentes ações que possam fortalecer a resistência frente ao conjunto de ataques que a/os trabalhadora/es da Educação têm sofrido, particularmente a/os das Universidades Públicas e dos Institutos Públicos.

TR – 15

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

A - No âmbito dos SPF:

- 1) Exigir a reinstalação da Mesa Nacional de Negociação Permanente (MNNP) e das Mesas Setoriais;
- 2) Lutar por Projeto de Lei regulamentando a Negociação Coletiva entre a/o servidora/es públicos e os órgãos governamentais que atenda às respectivas Convenções Internacionais de que o Brasil é signatário;
- 3) Lutar por Projeto de Lei atribuindo às organizações sindicais de servidora/es públicos, regularmente constituídas, a prerrogativa de elaborar uma norma de autorregulamentação do exercício do direito de greve, que atenda às respectivas Convenções Internacionais de que o Brasil é signatário;
- 4) Reivindicar a licença para desempenho de mandato sindical com a elaboração de Projeto de Lei modificando o disposto nos artigos 81, VIII, e 92, da Lei nº. 8.112, de 1990, para restabelecer que o ônus pelo pagamento da remuneração da/os servidora/es licenciada/os voltará a ser dos órgãos ou das entidades a que estejam vinculada/os funcionalmente;
- 5) Intensificar a ação organizativa e de luta com a/os demais servidora/es pública/os federais, buscando construir uma pauta articulada com trabalhadora/es dos serviços públicos nas três esferas federadas, incluindo trabalhadora/es das Estatais e terceirizada/os;
- 6) **Março de 2023:** construir um dia nacional com demais servidora/es públicos federais para exigir do governo o arquivamento da PEC32/2020;
- 7) **Abril de 2023:** construir com demais servidora/es pública/os federais o **Dia Nacional do REVOGAÇÃO:** Revogação das quatro Contrarreformas da Previdência; Revogação da Lei de Responsabilidade Fiscal; Revogação da Contrarreforma Trabalhista; Revogação da Emenda Constitucional nº. 95 (teto de gastos); Revogação da paridade internacional do custo do petróleo; Revogação das privatizações; Revogação da Lei das Organizações Sociais; Revogação dos Pacotes dos Venenos; Revogação da Lei antiterrorismo; Revogação da EC 109/2021 (PEC 186); Revogação da Lei das Terceirizações; Revogação da Desvinculação das Receitas da União (DRU); Revogação da Lei de Greve; Revogação da Lei das Organizações Sociais; Revogação do Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação;
- 8) Desencadear campanha salarial exigindo negociação com o Governo a partir dos seguintes eixos: 8.1 Reposição EMERGENCIAL IMEDIATA das perdas salariais decorrentes da corrosão inflacionária; 8.2 Recuperação das perdas históricas; 8.3 Política salarial permanente com valorização do salário-base e a incorporação das gratificações; 8.4 Definição da data-base em 1º de maio; 8.5 Valorização dos serviços e servidora/es pública/os com reforço orçamentário, especialmente aos setores responsáveis pela formulação e pela promoção das políticas sociais.

B – NO ÂMBITO DAS IFES:

- 1) Recomposição orçamentária IMEDIATA e ampliação do orçamento público adequado para funcionamento e expansão das Universidades e dos Institutos Federais;
- 2) Exigência para que os Conselhos Universitários revoguem as Resoluções sobre Desenvolvimento na carreira que retiram direitos docentes, exigindo também que promoções e progressões sejam a partir da data em que se completa o interstício em termos financeiros e administrativos, inclusive no sentido de acúmulo de interstícios (progressões múltiplas) para fins de concessão de progressão funcional em mais de um nível por vez;
- 3) Exigência para que se recupere a valorização do regime de Dedicção Exclusiva (remuneração 3,1 vezes o correspondente ao regime de 20h) e retomada da luta pela negociação por remuneração integral e isonômica da/os integrantes de mesmo nível da carreira, que unifique em apenas uma linha no contracheque os percentuais correspondentes à titulação e ao regime de trabalho;
- 4) Luta pela criação nas IFES de um GT para Elaboração de Proposta de Diretrizes para Planejamento e Acompanhamento das Atividades Docentes;
- 5) Estabelecimento de uma agenda nacional de mobilização, convocando a categoria docente para a luta em defesa dos direitos, das condições de trabalho e das IFES:
 - 5.1) Encaminhamento das pautas junto ao governo federal e às reitorias, exigindo a instalação de mesas de negociações;
 - 5.2) Organização de pautas locais e nacional da categoria (março e abril);
 - 5.3) Março de 2023 – Dia Nacional pela recomposição do orçamento das IFES;
 - 5.4) Abril de 2023 – Dia Nacional pela revogação das Leis nº. 5540/68 e nº. 9192/95 e do Decreto nº. 1916/96, que estabeleceram e regulamentaram a lista tríplice nas IFES, além do respeito à democracia e à autonomia das instituições federais de ensino, em conformidade com a Constituição Federal de 1988;
 - 5.5) Abril de 2023 – Dia do Revogaço das Resoluções sobre Desenvolvimento na carreira/Promoções e Progressões que retiram direitos da/os docentes;
- 6) Retomada e atualização dos Cadernos (iniciados com a greve de 2012) sobre Precarização das Condições de Trabalho nas IFES com o processo de sufocamento e contingenciamento orçamentários, levando-se em consideração as questões de segurança sanitária impostas pela situação da saúde pública (Covid-19 e decorrências sanitárias) a todas as instituições;

7) Elaboração de uma campanha com ampla divulgação em nível nacional e em cada local de trabalho em defesa do Projeto de Carreira do ANDES-SN.

TEXTO 16

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), André Moreira Bordinhon (ADUA), Danielle Gonzaga de Brito (ADUA), Douglas Ferreira de Paula (ADUA), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Leonardo Dourado de Azevedo Neto (ADUA), Lourival Felix (SESDUEM), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR), Viviane Vidal da Silva (ADUA).

PLANO DE LUTAS DAS IEES/IMES: COMBATER A PRECARIZAÇÃO E O ARROCHO SALARIAL. REVOGAR AS CONTRARREFORMAS EM UNIDADE COM O FUNCIONALISMO E LUTAR POR UM ÚNICO SISTEMA DE ENSINO, PÚBLICO, GRATUITO E SOB O CONTROLE DE QUEM ESTUDA E TRABALHA, FINANCIADO INTEGRALMENTE PELO ESTADO

TEXTO DE APOIO

Num cenário em que as vanguardas sindicais e políticas hipotecaram a defesa das condições de vida e trabalho em nome da eleição do Lula, os governos estaduais e municipais aprofundaram os ataques às universidades, aos serviços sociais e às condições de trabalho e sobrevivência dos servidores estaduais e municipais.

Os professores das estaduais paulistas, por exemplo, embora tiveram alguma reposição em 2022, amargam ainda uma defasagem de no mínimo 22%. No Piauí as perdas acumuladas chegam a 45,93% e, no Paraná, se aproxima dos 40%. Esse mesmo quadro se repete por todo o país com variações. Essa situação é agravada pela utilização que os governadores já estão fazendo da redução da arrecadação imposta pela redução do ICMS sobre os combustíveis, perpetrada pelo congresso e o governo Bolsonaro para reduzir demagogicamente o preço da gasolina com finalidade eleitoral. É claro que tudo não passa de aproveitar-se da circunstância

para impor maior arrocho sobre o funcionalismo, pois, em que pese a redução das arrecadações, diversos governos estaduais manterão as isenções ao capital sob diversas modalidades (anistia, remissão, subsídio, crédito presumido, concessão de isenção em caráter não geral, alteração de alíquota ou modificação da base de cálculo que implique redução discriminada de tributos ou contribuições, etc.). Documento da ADUSP registra que a estimativa oficial das renúncias atinge a R\$ 58,813 bilhões em 2022; 65,141 bilhões em 2023 e a R\$ 69,985 bilhões em 2024, um aumento para 23,9%, 28,53% e 30,07% respectivamente, das receitas estimadas. Já no Paraná, o governo concedeu ao capital 17 bilhões de reais de isenções no exercício de 2022.

Em relação à precarização do trabalho docente, o relatório do XVIII Encontro do Setor das IEES/IMES do ANDES realizado em setembro de 2022 aponta algumas situações que foram objeto de discussão nesse Encontro. Assinala-se como exemplos de precarização do trabalho docente a ampliação da EaD, e o não tratamento como professores dos tutores e operadores de chat, os baixos salários, as demissões, as correções de provas discursivas feita por robôs, o trabalho intermitente, etc. Em levantamento realizado pela ASDUERJ constatou-se que 45 % dos docentes trabalham além das 40 horas semanais – ampliação/intensificação do trabalho. Que há a naturalização do trabalho para além dos dias normais – sobrecarga de trabalho, e que 71% dos docentes afirmaram que houve aumento da carga horária. Tudo isso se soma à crescente exploração dos professores contratados temporariamente que vem aumentando por toda parte.

Quanto ao impacto das reformas da previdência feita nos estados e municípios na esteira das mudanças gerais da reforma Guedes/Bolsonaro, seus efeitos continuam se projetando ameaçadoramente sobre os docentes e os servidores em geral. Tendo sido inclusive pautado durante o XVIII Encontro como tema de debates durante o qual se verificou que o sindicato ainda precisa colocar esse assunto no bojo da organização dos professores. O que faltou nessa discussão foi a necessária articulação do movimento docente com o conjunto dos servidores públicos estaduais e municipais, pois certamente isolados da massa dos servidores, pouca chance os docentes e técnicos das universidades têm de resistir. Para de fato transformar a insurgência contra as reformas trabalhista e previdenciária numa verdadeira luta política é imprescindível romper com o corporativismo que predomina no ANDES.

Também a autonomia universitária tem sofrido fortes ataques. Entretanto, a resposta do ANDES-SN tem se limitado a declarações e a abordá-la do ponto de vista da formalidade jurídica, no quadro das instituições burguesas (“democráticas”) e centrada nas preocupações da gestão financeira. Nesse sentido as seções sindicais das paulistas fazem um acompanhamento da arrecadação do ICMS, das isenções e renúncias fiscais e as diversas formas de manipulação dos recursos públicos que o governo faz, na esperança de conseguir dessa forma melhorar as

condições de gestão das universidades, aumentando o percentual da arrecadação a que tem tido direito. Colocando-se, dessa forma, no papel de dirigentes da universidade, no papel de burocracia universitária. Coerentemente com esta perspectiva é a que formularam algumas propostas no XVIII Encontro das Estaduais, como por exemplo: “a atuação das seções sindicais nos legislativos para avançar na garantia de autonomia e financiamento das IEES/IMES”. Ou “... Que as seções sindicais participem de iniciativas para envio de cartas para as candidaturas aos legislativos e executivos estaduais comprometendo-se com a autonomia universitária, com o financiamento público adequado e com a reposição salarial”.

Esta postura reflete uma compreensão da autonomia universitária limitada ao ponto de vista formal/institucional, no limite, como autonomia não da comunidade universitária, mas da burocracia universitária. Ocorre que as burocracias universitárias têm se comportado como representantes dos governos. E esta tendência decorre dos inúmeros fios que prendem a alta administração aos governos federal e estadual, que utilizam a inclinação da burocracia para agradar o governo em troca de migalhas ou promessas de cargos para aprofundar a sujeição das IEES aos estados.

A autonomia universitária significa o autogoverno da comunidade universitária e é incompatível com a estrutura atual que subordina a alta cúpula (reitorias) aos governos. A defesa coerente da autonomia universitária exige a substituição do poder da burocracia universitária pelo governo tripartite subordinado à Assembleia Geral Universitária que delibera pelo voto universal. Mas, exige também que todo o sistema privado de ensino seja estatizado e se constitua um único sistema público e gratuito, controlado pelos que estudam e trabalham, que dê acesso a todos os jovens sem restrições.

TR – 16

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Pela organização de movimentos de greve unificados com o conjunto dos servidores estaduais e municipais pela reposição das perdas salariais e contra todas as formas de precarização.
2. Que o ANDES-SN faça a campanha, nas IEES/IMES, da estatização de toda a rede privada e constituição de um único sistema público e gratuito de ensino, sob controle de quem estuda e trabalha.

3. Que o ANDES-SN defenda a substituição da burocracia universitária pelo governo tripartite (de estudantes, professores e técnico-administrativos) subordinado à Assembleia Geral Universitária, que delibera pelo voto universal.
4. Exigir do Estado o financiamento integral das IEES/IMES conforme orçamento aprovado pelas Assembleias Gerais Universitárias.
5. Pela luta unitária com o conjunto do funcionalismo para revogar as contrarreformas da previdência nos estados e municípios

TEMA III – PLANO GERAL DE LUTAS

POLÍTICA DE FORMAÇÃO SINDICAL

TEXTO DE APOIO

Desfiliar o ANDES-SN da CSP-Conlutas

A crise brasileira, em sua longa configuração sociometabólica, tem avançado para um processo de condensação dos elementos balizadores que organizam a infraestrutura e a superestrutura do capitalismo brasileiro, cujo eixo determinante é a revalorização da ordem do capital.

As frações centrais da burguesia interna encontram-se em uma profunda crise orgânica, sem perspectiva de saída, contribuindo de forma elementar para o desenvolvimento das disputas que estimulam o processo de condensação que abala a capacidade de desenvolvimento do Brasil.

Com a vitória de Lula nas eleições de 2022, surge uma nova dificuldade para dirimir os impasses que impedem um melhor enfrentamento à crise brasileira, pois, em detrimento desse quadro, essas frações da burguesia interna em disputa procuram alojar-se numa posição dentro do novo bloco no poder para obter melhores posições na lógica da acumulação. Portanto, segue sem previsão de mudança esse quadro econômico.

O resultado do processo eleitoral foi muito importante para preservar e ampliar o espaço das liberdades democráticas, bloquear as pontes que permitiram o golpe por dentro das instituições e diminuir as trilhas por onde transitam, no aparelho de Estado, as hordas neofascistas. O ANDES-SN teve papel importante ao se posicionar contra Bolsonaro e ao lado da candidatura de Lula. O fascismo sofreu uma impactante derrota nas eleições, mesmo compreendendo que em outras frentes de luta ainda teremos a presença desse componente político e ideológico.

Embora derrotado no processo eleitoral para a presidência da república, a extrema direita e suas variantes, inclusive fascistas, estarão presentes na luta de classes. Isso pode ser comprovado pela presença das hordas organizadas que estão nas frentes dos quartéis e em

outros espaços da vida social, onde atuam de forma deliberada para aterrorizar o conjunto da população e operar uma perspectiva de intervenção golpista.

No campo das questões sindicais, o debate sobre a desfiliação da CSP-Conlutas ocorreu durante um amplo e democrático período. Nessa longa jornada de discussão, o processo de desligamento sempre aparecia e era debatido em Congressos e CONADs. Mesmo sem termos necessariamente tomado qualquer deliberação, pois, como é de conhecimento público, a metodologia interna indicava que ainda devíamos seguir na discussão, tanto nos debates no ambiente da diretoria nacional e nos espaços das secretarias regionais quanto nos debates promovidos pelas Seções Sindicais que foram muito importantes para formar uma posição largamente democrática.

Nesses amplos debates, a partir da base, foram analisados o processo importante de fundação da Central e suas lutas, o papel protagonista que exerceu em alguns momentos nas batalhas das lutas de classes, mas também o seu declínio político e orgânico. No exercício desse direito ao contraditório que estimulou esse embate, foi examinado o vetor da determinação antidemocrática que é executada pela força hegemônica dentro da Central. Ao lado dessas questões, ainda repercutiram no debate a distorção que existe no papel da sub-representação dos sindicatos diante das oposições e movimentos. Mas, também, preocupações sobre o sentido real de alguns desses movimentos.

Ao lado dos elementos que apresentam a crise orgânica da CSP-Conlutas, sinalizados acima, os aspectos políticos foram explicitados e cumpriu um papel importante para que fosse possível entender o processo pelo qual a categoria apontou, no 14º CONAD Extraordinário, a necessidade de desfiliação.

Trata-se de um amplo arcabouço de erros na análise da CSP-Conlutas sobre a questão internacional, a exemplo da interpretação sobre os levantes do norte da África, a respeito do que ocorre na Síria e sobre a questão do imperialismo na Venezuela e em Cuba. Agora, para coroar esses equívocos, a postura da Central no episódio da Ucrânia, quando está fazendo uma campanha de arrecadação de fundos para operar ao lado de forças que estão juntas da OTAN. Tudo isso consolida um amplo estoque de erros na leitura da conjuntura internacional.

A esse conjunto de erros somam-se análises e medidas completamente equivocadas nos distintos momentos da política brasileira. A Central teve um papel totalmente desarticulado no episódio do golpe de Estado que derrubou a presidenta Dilma Roussef e negou-se a ter participação na luta contra esse movimento operado pelas forças golpistas que advinham da burguesia interna, do imperialismo, da mídia corporativa, do balcão de negócios do parlamento e da justiça.

Ao lado desse processo histórico, a CSP-Conlutas vive uma profunda crise orgânica e política, tornando-se incapaz de entender o horizonte estratégico da luta de classes, sem ter capacidade de jogar qualquer papel preponderante na construção da unidade de ação, além de ser completamente subsumida à lógica de uma força política sectária e autoproclamatória que a dirige e que não faz qualquer esforço para pensar, em conjunto com outras forças, o movimento da classe trabalhadora.

É com base nesse conjunto de fatores que inspiram essa análise, já aprofundada no documento apresentado no 14º Conad Extraordinário, que reafirmamos a posição, deliberada naquela instância, de desfiliação da CSP-Conlutas.

Contudo, precisamos ocupar o espaço político da luta de classes no sentido da reflexão e da ação que possam contribuir para a reorganização da classe trabalhadora e o avanço das nossas lutas. Por isso, consideramos que devemos realizar um seminário nacional para debater a reorganização da classe trabalhadora na perspectiva da construção de espaços aglutinadores das lutas. Mas, também, pensar um espaço de frente única que possa operar essas ações em defesa da pauta da nossa classe.

O debate sobre a reorganização da classe trabalhadora deve, também, contribuir para promover reuniões, seminários e ações sobre a importância das Centrais Sindicais na organização das lutas em defesa dos interesses da classe trabalhadora. O Brasil tem, hoje, um conjunto muito grande de centrais sindicais que não jogam papel determinante na pauta de lutas dos(as) trabalhadores(as).

Diante dessa necessária articulação para pensar a movimentação da classe trabalhadora, em uma conjuntura de impasses, e do papel que a extrema direita tem jogado na cena política brasileira, será muito importante que a diretoria do ANDES-SN, as secretarias regionais, o GTPFS e as Seções Sindicais organizem uma série de debates sobre o papel da classe trabalhadora no enfrentamento às políticas da extrema direita no Brasil.

RESOLUÇÕES DO 40º CONGRESSO DO ANDES-SN

III - POLÍTICA DE FORMAÇÃO SINDICAL

O 40º CONGRESSO do ANDES-SN delibera:

- 1. Que o ANDES-SN, via GTPFS, GTPE e encarregaturas sindical e internacional, construa o II Seminário Internacional com o Tema Educação Superior na América Latina e Caribe e Organização do(a)s Trabalhador(a)s e o Seminário Multicampia e Fronteira, no segundo semestre de 2022, em Foz do Iguaçu, com a participação de entidades de trabalhador(a)s da educação, conforme aprovado no 39º Congresso.*
- 2. Que o ANDES-SN, a partir de um processo de debate via GTPFS com a participação das encarregaturas Sindical e Internacional, discuta e aprofunde ao longo de 2022 as possibilidades de filiação a uma entidade internacional de organização do(a)s trabalhador(a)s da educação, a ser apreciada no 41º Congresso, atualizado a partir da deliberação do 40º Congresso.*
- 3. Que o ANDES-SN amplie o debate nas bases sobre a construção da CSP- Conlutas, realizando balanço sobre sua atuação nos últimos dez anos e sua relevância na luta de classes e a permanência ou*

desfiliação à Central com:

- 3.1. organização via secretarias regionais e seções sindicais de debates preparatórios nos estados.*
- 3.2. Realização de um CONAD Extraordinário no segundo semestre de 2022. As indicações do CONAD Extraordinário devem ser levadas para deliberação no 41º Congresso do ANDES-SN.*
- 4. Indicar à CSP-Conlutas que atue junto ao fórum das centrais na construção da greve geral contra a carestia, a fome e a miséria.*
- 5. Reafirmar a posição do ANDES-SN em relação às eleições para reitor(a) como expresso no nosso Caderno 2, Capítulo I Gestão Democrática “1.6.3 Escolha de Dirigentes Defendemos que:
a) o(a) reitor(a) e o(a) vice-reitor(a) sejam escolhido(a)s por meio de eleições diretas e voto secreto, com a participação universal, no mínimo paritária, de todo(a)s o(a)s docentes, estudantes e técnico(a)s administrativo(a)s, encerrando-se o processo eletivo no âmbito da instituição; garantindo a autonomia universitária, preconizada pelo artigo 207 da Constituição Federal”.*
- 6. Que o GTPFS, junto com o GT Verbas, construa um cálculo sobre as perdas históricas salariais a partir do ano 2000.*
- 7. Que o ANDES-SN construa estratégias para garantir a participação de docentes das seções sindicais que atendem aos critérios do art. 41 do Estatuto, nas atividades de formação sindical realizadas pelo sindicato.*

TR – 17

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. A desfiliação do ANDES-SN da CSP-Conlutas.
2. Realizar um Seminário Nacional sobre a reorganização da classe trabalhadora em 2023.
3. Que o ANDES-SN, por meio das suas Secretarias Regionais e com apoio do GTPFS, promova reuniões e seminários para discutir e divulgar a importância das centrais sindicais na organização das lutas em defesa da classe trabalhadora.

RECOMENDAÇÃO:

1. Que o ANDES-SN (Diretoria, Secretarias Regionais, GTs, Seções Sindicais) organize uma série de debates com o tema “A classe trabalhadora no enfrentamento às políticas da extrema direita no Brasil”.
2. Que seja editada uma síntese do seminário aprovado no 14º CONAD Extraordinário.

POLÍTICA EDUCACIONAL

TEXTO DE APOIO

É notório que o mundo atravessa, desde os primeiros meses de 2020, uma pandemia de Covid-19 que impactou profundamente as mais diversas dimensões da vida da população mundial, seja econômica, social, cultural, dentre outras, aprofundando a já grotesca desigualdade socioeconômica, etnorracial, de gênero, educacional, territorial e tecnológica. Por isso, apontamos que a pandemia não é a causa da crise societária, mas o mais bárbaro resultado de uma sociabilidade regida pela lógica do capital.

Como resposta imediata para a maior crise social-sanitária desde a 2ª Guerra Mundial, a Organização Mundial da Saúde defendeu a necessidade de que os governos introduzissem políticas de contenção da proliferação, tendo como uma das primeiras medidas o estabelecimento do distanciamento social, além de incentivar o uso de máscaras. Em caminho oposto, o Brasil, que desde março de 2020 esteve em uma exponencial expansão do vírus da Covid-19, sob o governo de Bolsonaro, boicotou toda tentativa, que precariamente alguns estados e municípios buscaram fazer, de combate à pandemia.

É muito importante reafirmar que a falta de uma política nacional de combate à pandemia, oriunda da omissão do governo Bolsonaro em liderar as ações de controle da pandemia, de forma coordenada e baseada na ciência, foi responsável direta pelo descontrole e explosão de casos no Brasil. Em alguns estados e municípios, que se chocavam com as políticas negacionistas de Bolsonaro, foram estabelecidas políticas de distanciamento e campanhas de uso das máscaras. As instituições de ensino, por exemplo, foram as primeiras a suspenderem suas atividades, seguidas de outras categorias. Contudo, por força da pressão do empresariado, muitas destas ações corretas foram pouco a pouco sendo flexibilizadas, sem um aval sanitário apropriado.

Naquele contexto de elevados picos de Covid-19 e sem uma política de vacinação nacional, consideramos que foi acertado o estabelecimento do ensino remoto emergencial, pois a defesa da vida não pode, em hipótese alguma, ser algo menor. Ainda mais quando sabemos que a exposição da classe trabalhadora ao vírus acabou por se tornar um grave problema de saúde pública, com crescimento exponencial a cada dia de casos de adoecimento e morte.

Contudo, o estabelecimento do ensino remoto emergencial deveria ter sido acompanhado por uma política pública nacional de garantia de acesso à internet de 4G, de

qualidade, além de garantia de equipamentos (computadores, tablets, smartphones etc.), para que os filhos e as filhas da classe trabalhadora, principalmente as camadas mais empobrecidas, não fossem mais prejudicadas(os) do que o conjunto dos estudantes nesta modalidade temporária de ensino. Desconsiderou-se, por parte do governo Bolsonaro, a profunda desigualdade tecnológica que existe em nosso território, mesmo sendo um dos países que mais acessam a internet.

O quadro apresentado aqui desconsiderou a realidade, por exemplo, de muitos moradores de regiões de grandes e médias cidades, e das pequenas cidades, que não possuíam equipamentos ou internet – esta, quando havia acesso, era de péssima qualidade. Da mesma forma, há impactos negativos quando se trata da questão de gênero e étnico-racial, visto que é o conjunto das mulheres, muitas negras, que é responsável direto pelo trabalho doméstico e pelo cuidado de pessoas (crianças, idosas(os), pessoas com deficiência, adoecidas ou com transtornos). Foi esta a parcela mais afetada, ainda mais em um país profundamente racista e machista como o Brasil.

Não é de menor importância lembrar que muitos(as) professores(as) tiveram que se apropriar de meios tecnológicos, com pouco ou nenhum conhecimento disponibilizado pelos governos (municipal, estadual ou federal). Adaptar suas aulas remotamente, comprar equipamentos, assumir custos do uso de energia e internet e o atravessamento forçado entre vida profissional e vida privada impactaram a renda e a saúde dos(as) educadores(as).

Mas a sociabilidade do capital aproveita todas as oportunidades para tudo tornar mercadoria, ou ampliar suas ações. E, como abutre diante da desgraça social que se abateu centenas de milhares de famílias que perderam entes queridos, logo percebeu que o *ensino remoto emergencial* se constituía em uma avenida de grande porte para a expansão da EaD e a privatização das Universidades Públicas, dos Institutos Federais e dos CEFETs.

A sanha privatista não se importa com milhares de caixões, desde que na medida em que aumentem as covas no cemitério reduzam-se as salas de aula presenciais. A lucratividade do ensino remoto sustenta-se no fato de mitigar os custos infraestruturais (prédios, luz, internet, ergonomia, etc) e reduzir drasticamente a força de trabalho. Todo o custo que antes era das instituições, sejam públicas ou privadas, recaiu sobre os docentes.

Mas sabemos que este movimento de destruição do ensino presencial em favor do EaD não vem de agora. Desde a década de 1990, com a intensificação da ofensiva neoliberal e os avanços do projeto do capital para a educação, começamos a nos deparar com o aparecimento de discussões sobre Ensino à Distância (EaD). Ainda que atualmente existam muitos debates sobre EaD que partem de preocupações genuínas com a universalização da educação, o que temos assistido é o predomínio de uma concepção de EaD formulada por organismos

internacionais do capital, especialmente Banco Mundial (BM), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e Organização Mundial do Comércio (OMC). Utilizando o discurso de que buscam a ampliação do acesso à educação, especialmente o ensino superior, os organismos internacionais do capital têm instrumentalizado o EaD para implementar um projeto de educação cujo foco é um serviço barato e fundado na precarização das condições de ensino e aprendizagem.

A instrumentalidade do EaD para o capital é muito bem ilustrada pela forma como tem sido implementada na educação superior. Para os organismos internacionais do capital, há um desequilíbrio nos investimentos em educação básica e educação superior. A segunda recebe muito mais que a primeira e, por isso, é necessário fazer um “ajuste justo”⁵ em que se amplia o investimento na primeira e se reduz o investimento na segunda. Isto seria possível pela “diversificação” (eufemismo que encobre o processo real: privatização) das fontes de financiamento da educação superior, assim como por mudanças no funcionamento das instituições de ensino superior e dos cursos, por exemplo: priorizar o ensino em detrimento da pesquisa e da extensão, aligeirar o processo de formação etc.

É importante ressaltar que não há um único documento dos organismos internacionais que concebem o EaD como um instrumento formativo complementar, mas apenas como forma de substituir o ensino presencial, especialmente nos países latino-americanos. Isso seria necessário por supostos motivos nobres: expansão e democratização do acesso à educação superior por meio de diversificação das instituições, dos cursos e das fontes de financiamento da educação superior. Tudo isso tem sido defendido em um momento histórico em que há um crescente processo de mercantilização da educação, sob a direção da Organização Mundial do Comércio.

O projeto de impor e instituir o EaD no Brasil tem profunda relação com o projeto do capital para a educação superior na América Latina, que segue diretrizes de organismos internacionais como FMI, BM e OMC. A principal vitória desse setor no campo do EaD aparece em quatro artigos que tratam de EaD na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996. De especial destaque é o artigo 80, o qual afirma de forma genérica: “O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”.

⁵ Ajuste Justo é o título de um dos documentos produzidos pelo Banco Mundial para orientar as políticas educacionais. O documento encomendado pelo governo Dilma foi orientador das ações de Temer e Bolsonaro. O volume 2 da cartilha “Projeto do Capital para a Educação” contém uma análise detalhada do documento. Possível encontrar em: https://issuu.com/andessn/docs/gtpe_final_para_impress_o

É importante frisar que, tal como estabelecido pela LDB, a Educação a Distância só pode ser oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União, a qual detém o poder de regulamentar, também, os requisitos necessários para a realização de exames e para registro de diplomas de curso.

Posteriormente, o conteúdo da LDB foi regulamentado pelo decreto 5.622 de 2005. Este em seu artigo 1º caracterizava “a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos”.

O citado decreto foi revogado e substituído pelo decreto 9.057 de 25 de maio de 2017. Este decreto considera: “educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos”.

Numa análise inicial, selecionamos um conjunto de dez documentos que têm em comum, além do vínculo específico com o EaD, terem sido assinados em curtíssimo espaço de tempo pelo governo Temer, a partir do impeachment de 2016, com clara continuidade no governo Bolsonaro. Todavia, é impossível compreender as regulamentações atuais sem articulação com outras políticas centrais nas “reformas” (verdadeiras contrarreformas) da educação brasileira, aprovadas a partir dos anos 1990. Neste rol, encontram-se a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/96), aqui já citada; o Plano Nacional de Educação (PNE, 2014-2024, Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014); a “reforma” do Ensino Médio (Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017); a Base Nacional Comum Curricular referente à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental (BNCC, Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017); a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCCEM), Resolução nº 4, de 17 de dezembro de 2018); as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM, Resolução nº 3 de 21 de novembro de 2018); as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (DCNFP, 2019), e a Base Nacional Comum de Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNCFP, 2019).

A Portaria n.º 1.428/2018, assinada no apagar das luzes do governo Temer, no dia 28 de dezembro, *atualiza* a oferta de “disciplinas na modalidade a distância em cursos de graduação presencial” de Instituições de Educação Superior ampliando a possibilidade, já existente, de 20% para 40%, se alguns requisitos mínimos forem cumpridos e excluindo os cursos das áreas de “saúde e das engenharias”.

Já a Portaria n.º 2.117, de 6 de dezembro de 2019, aprofunda ainda mais o citado ataque, pois faz referência específica ao “Sistema Federal de Ensino”, rebaixa os referidos requisitos para se alcançar os 40% de EaD e passa a considerar que atividades extracurriculares que utilizarem metodologias de EaD podem ser computadas no limite de 40%. A única área excluída nesta última portaria foram os cursos de Medicina. A portaria considera como critérios não mais que “a IES deve estar credenciada em ambas as modalidades, presencial e a distância, com Conceito Institucional - CI igual ou superior a 4 (quatro)”, e que “a IES deve possuir um curso de graduação na modalidade a distância, com Conceito de Curso - CC igual ou superior a 4 (quatro), que tenha a mesma denominação e grau de um dos cursos de graduação presenciais reconhecidos e ofertados pela IES”.

Para flexibilizar esses critérios, a atual regulamentação adota como base a Portaria n.º 20, de 21 de dezembro de 2017, e, com referência nela, define que para fazer jus aos 40% de EaD, basta que a IES obtenha conceito igual ou superior a três, apenas “nos indicadores a seguir: I - Metodologia; II - Atividades de tutoria; III - Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA; e IV - Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC”. Feita a análise inicial dos elementos centrais dessas duas portarias que nos serviram de referência, identificamos, enredados, dois outros decretos. O primeiro é o já citado Decreto n.º 9.057, de 25 de maio de 2017, que regulamenta o art. 80 da LDB, abrindo a oferta de EaD para a educação básica e a educação superior, incluindo cursos de pós-graduação *lato sensu*, além de remeter à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a recomendação relativa a ofertas de programas de pós-graduação *stricto sensu* na modalidade a distância.

Outro decreto é o 9.235, de 15 de dezembro de 2017, que, não por acaso, especifica “o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior – IES e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação *lato sensu* nas modalidades presencial e a distância, no sistema federal de ensino”.

Avançando no sentido da pós-graduação, em 18 de dezembro de 2018 é assinada a portaria n.º 275, que “dispõe sobre os programas de pós-graduação *stricto sensu* na modalidade a distância”. Entretanto, em 24 de abril de 2019, com este mesmo enunciado, a regulamentação foi revogada pela Portaria n.º 90, de 24 de abril de 2019, indicando o aprofundamento do EaD, já no governo Bolsonaro. Como consequência direta da Portaria n.º 90/2019, encontramos na página da CAPES uma notícia de 29 de agosto de 2019, informando que ela “recebeu os primeiros pedidos para a criação de cursos de pós-graduação a distância. Das 665 demandas entregues para a Avaliação de Propostas de Cursos Novos (APCN), 17 são para mestrados a distância”.

Importante assinalar que tal ataque avançou no final de 2019, quando a CAPES divulgou um documento para subsidiar a regulamentação do funcionamento de cursos de mestrado e doutorado na modalidade EaD. O trabalho foi coordenado por diretorias do órgão, o qual é vinculado ao MEC. Reproduzindo o caráter autoritário que normalmente atravessa o processo de implementação do EaD no país, o documento não consultou representações de docentes, técnicos, estudantes ou mesmo sociedades científicas

Nesse contexto o edital nº 01/2021 (Processo Seletivo Para Oferta de Vagas em Disciplinas.): Os reitores das Instituições Programa de Mobilidade Virtual em Rede IFES (Promover IFES Federais de Ensino Superior (IES), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), por meio do Programa de mobilidade virtual em rede IFES (Promover IFES). O processo seletivo foi para cursar disciplinas/componentes nos cursos de graduação para estudantes regulares das IES participantes. Esse edital regulamentou o processo seletivo, no primeiro semestre de 2021, para oferta de vagas em disciplinas para estudantes regulares das IES participantes do Promover IFES, em que estudantes de uma IES de origem podem cursar disciplinas, por um período determinado, em uma IES de destino. As disciplinas ofertadas por esse edital possuíam diferentes regimes e períodos letivos, de acordo com a IES que as ofertaram, cabendo ao/à estudante observar atentamente esses detalhes. Foi facultado ao estudante solicitar na IES de origem o aproveitamento das disciplinas/componentes cursados na IES de destino, condicionado às regras da IES de origem sobre aproveitamento de estudos. Edital foi lançado pela ANDIFES.

O Programa Promover já está em seu segundo edital, envolvendo 12 Universidades - FURGS, UFMA, UFG, UFSM, UFES, UFPA, UFRN, UFSB, UnB, UFV, UFU, UFSB - e levando essas instituições a deliberar em seus conselhos superiores sobre as reformas dos projetos pedagógicos dos cursos a partir da adequação de 40% da carga horária dos cursos à distância, legitimando, assim, os objetivos e metas do Programa Reuni Digital.

O Projeto de Lei 4.513/20, que propõe a Política Nacional de Educação Digital, é um documento normativo que define as diretrizes para o desenvolvimento da educação digital na Educação Básica, a partir do Ensino Fundamental, envolvendo um conjunto de estratégias para promover competências digitais e habilidades para lidar com as tecnologias de comunicação e informação, reestruturar os currículos, bem como, capacitar professores para aplicar a nova demanda. Além de propor alteração no texto da LDB, entre outras coisas, incluindo o “desenvolvimento de competências voltadas ao letramento digital de jovens e adultos, avançando progressivamente em direção à proficiência digital”. O PL foi aprovado na Câmara em 4 de agosto de 2022, sendo encaminhado para o Senado para ser instituído.

É preocupante o avanço do ensino digital a partir do ensino fundamental, aligeirando mais ainda a formação e atendendo às diretrizes do grande capital para a classe trabalhadora. De fato, o EaD foi – e é – usado para reconfigurar o trabalho docente, via contratação de docentes das universidades públicas pelo sistema de bolsas de complementação salarial, articulado com a contratação do trabalho precarizado de tutores e monitores – que recebem valores pífios para, muitas vezes, serem responsáveis pela formação de milhares de pessoas.

O EaD, por muito tempo, foi apresentado como condição de possibilidade de estudo para a população que vivia em locais isolados (indígenas, quilombolas, populações ribeirinhas, moradores de cidades pequenas, entre outras). De fato, são grupos distantes dos centros de ensino ou que não podem, por diferentes razões, frequentar instituições de educação pública. Porém, a modalidade não-presencial de ensino tem se tornado cada vez mais comum, mesmo para quem reside nos grandes centros urbanos, onde há uma vasta rede de ensino.

É importante reafirmar: a legislação vigente sobre EaD, que por si só é profundamente problemática e limitada, exige que as atividades a distância sejam realizadas com pessoal qualificado, meios e tecnologias adequados, garantia de políticas de acesso e com acompanhamento e avaliação compatíveis. Nada disso esteve em discussão no processo de imposição de ensino remoto durante o período de isolamento social. Com a vacina sendo disponibilizada, as medidas de segurança sanitária, o recuo dos casos, o ensino remoto e o ensino híbrido foram se tornando uma opção. Importante ressaltar nossa preocupação com essas modalidades, pois, em qualquer situação que surja no nosso cotidiano, a opção remoto e híbrido é apresentada como a melhor possibilidade! O ascenso de casos assintomáticos, chuvas, dificuldades de políticas de acesso e permanência, entre outros, levam à opção de encontros remotos. As nossas instituições estão esvaziadas, precisamos ocupar nossos espaços!

Esse conjunto de medidas, através das ações vindas dos governos, tem se somado a uma ampliação no seio da sociedade de ataques da militância de extrema direita bolsonarista a escolas, universidades, professores e educação em geral. O ANDES-SN tem um conjunto de deliberações que defendem a liberdade de ensinar e aprender, que são contra a Escola Sem Mordada, contra a militarização da educação, ou seja, lutamos por uma educação crítica e transformadora. Entretanto, vimos nos últimos dias que os ataques ideológicos à educação pública estão cada vez mais articulados a ações violentas contra escolas, como no caso da cidade de Aracruz em que um jovem branco, cujo pai bolsonarista pregava ideias nazistas nas redes sociais, matou 4 pessoas e deixou mais algumas feridas. Em Minas Gerais, uma escola na região de Contagem amanheceu toda destruída com as paredes pintadas com símbolos nazistas. O agravamento dessa situação demanda do nosso sindicato a ampliação do debate sobre como

vamos combater esse processo de fascistização da educação brasileira que não pode ser derrotado somente nas urnas.

Por fim, a derrota de Bolsonaro nas urnas, vitória da luta popular em todo o Brasil, da qual o ANDES-SN participou intensamente, abre o desafio para o nosso sindicato no que tange as ações futuras do Governo Lula diante de uma conjuntura que se apresenta ainda mais complexa a partir de 2023. Conjuntura que mistura a possibilidade de podermos superar uma parte da tragédia imposta por Bolsonaro na educação, ao mesmo tempo em que já percebemos sinais da acomodação dos interesses dos empresários e privatistas, tanto na equipe de transição quanto no futuro Ministério da Educação. Chamamos a atenção para o fato de que a Equipe de Transição teve, por exemplo, representantes do Todos Pela Educação apontando a permanência de pautas de interesses privatistas, como o atual PNE (2014/2024) e suas diretrizes de repasses de recursos públicos para a educação privada; contrarreformas como o Novo Ensino Médio, a BNCC e BNC Formação, a ampliação da EAD; gestão escolar na concepção empresarial; perspectivas como o escola sem partido; Parcerias Público Privadas; propostas como o Sistema Único de Educação Superior com referência na EDUCAÇÃO e não na EDUCAÇÃO PÚBLICA, abrindo a possibilidade de ampliar o investimento para o setor privado. O reforço de políticas como o PROUNI que se caracterizou como um grande investimento para o crescimento do setor privado superior no período do segundo governo Lula e dos governos Dilma. Ao mesmo tempo, tais grupos pouco falam sobre a importância da retomada de políticas de acesso e permanência para os estudantes.

Esse movimento de permanência dos interesses privados na educação no próximo período indica desafios profundos para a luta do nosso sindicato. É emblemático, por exemplo, como esses interesses têm aproveitado o debate da PEC da Transição ou PEC do Bolsa Família que tem sido articulada pelo governo eleito para garantir os recursos do pagamento do auxílio de 600 reais. Integra também essa PEC a proposta de retirar as chamadas “receitas próprias” das instituições federais de ensino. Temos nesse caso uma armadilha na luta pelo financiamento público das universidades, institutos federais e CEFETs: ao deixar intocado dentro do Teto de Gasto os recursos de manutenção e investimento das instituições federais de ensino e liberando dessa “amarra” somente as chamadas receitas próprias, a tendência será do aprofundamento da privatização via parcerias público-privadas, vendas de serviços e busca de recursos via fundações ditas de apoio. Reafirmamos que o caminho da luta é pela revogação da Emenda Constitucional 95 e pela garantia dos recursos públicos para o ensino superior público.

Ciente destes ataques e desafios, a diretoria do ANDES-SN tem pautado uma agenda de luta e organização de espaço formativos. Para tanto, já está em andamento a publicação de um InformAndes Especial sobre a Reforma do Ensino Médio, a publicação da Cartilha Projeto do

Capital para Educação - volume V, assim como a realização, no primeiro semestre de 2023, do VII Seminário Estado e Educação. Além disto, a reorganização da frente Escola Sem Mordaga e sua página.

RESOLUÇÕES DO 65º CONAD DO ANDES-SN

II - POLÍTICA EDUCACIONAL

O 65º CONAD do ANDES-SN delibera:

1 - Lutar pela radicalização, ampliação e monitoramento das políticas de cotas, afirmativas de direito e equidade social nas universidades, institutos federais e CEFETs no que se refere à assistência e permanência estudantil, ações de ensino, pesquisa, extensão, pós-graduação e concurso públicos para docentes e Técnico(a)-administrativo(a)s.

2 - Sem prejuízo às críticas feitas pelo ANDES-SN aos modelos e instrumentos de avaliação, lutar contra os ataques do governo Bolsonaro ao ENEM, a fim de promover a universalização do ensino superior público com garantia ampla e condições concretas para entrada e permanência dos filhos e filhas da classe trabalhadora nas universidades, institutos federais e CEFETs.

3 - Realizar o VII Seminário Estado e Educação, no segundo semestre de 2022, tendo como eixos norteadores o ERE, ensino híbrido e militarização da educação e defesa das cotas.

4- Construir um conjunto de ações para denúncias e esclarecimentos, visando alertar a comunidade universitária para o caráter deletério do Reuni Digital e projetos congêneres nos estados.

5- Fortalecer a articulação do ANDES-SN com os movimentos de trabalhadoras e trabalhadores do campo e com o FONEC (Fórum Nacional de Educação do Campo) para a garantia de uma Educação do Campo pública, gratuita, laica, de qualidade e socialmente referenciada, lutando contra o fechamento das escolas no campo e pela garantia de recursos públicos para as ações de formação docente e garantia de permanência do(a)s estudantes.

6 - Que as seções sindicais continuem lutando para construir o retorno às atividades presenciais, tomando como base a sugestão de atualização do Plano Sanitário e Educacional, contida no texto de apoio da TR 28, do 40º Congresso páginas 218 e 223, e respeitando os indicadores epidemiológicos e os protocolos sanitários.

7- Lutar contra as propostas que objetivam tornar a modalidade de ensino não presencial (remoto e híbrido) permanente nas nossas instituições de ensino.

8 - Dar continuidade à luta contra a Base Nacional Curricular (BNC) e à Base Nacional Curricular - Formação (BNC-Formação), bem como as suas possíveis consequências para a formação de professor(a)s, imposta pela Resolução nº 2/2019.

9 - Continuar lutando contra a implementação do novo Ensino Médio e imediata revogação da Lei nº 13.415/2017.

10 - Fortalecer a articulação do ANDES-SN e das seções sindicais com os movimentos indígena e quilombola a fim de contribuir com suas lutas para garantia das modalidades específicas de educação escolar- Educação Escolar Indígena e Educação Quilombola -, com ênfase nos impactos que a BNCC e o novo ensino médio trazem para essas modalidades.

11 - Elaborar o volume 5 da cartilha Projeto do Capital para a Educação.

12 - Intensificar a luta contra a implementação do Reuni Digital:

12.1 - Construir seminários, plenárias nacionais, regionais e locais, e outros fóruns de debate, tratando do Reuni Digital na sua essência para barrarmos sua consolidação nas nossas instituições;

12.2 - Elaboração pelo GTPE de uma cartilha que suscite a compreensão do projeto Reuni Digital e do Ensino Híbrido subsidiando a luta em defesa do ensino presencial;

12.3 - Realizar uma campanha nacional em defesa do ensino presencial e contrária ao Reuni Digital e demais programas que reforçam a precarização da educação pública;

12.4 - Que a Diretoria do ANDES-SN, por meio de suas regionais, solicite às seções sindicais informações sistemáticas sobre as tentativas de implementação do Reuni Digital nas IFES/IEES/IMES.

13 - Intensificar a luta pela revogação do Decreto nº 10.004, de 5 setembro de 2019, que instituiu o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM) e todas as iniciativas similares, a exemplo do Decreto 48.0003, de 24 de março de 2022, que instituiu o programa de ensino técnico cívico-militar, nas unidades da FAETEC no estado do Rio de Janeiro.

14 - Atualizar, via secretarias regionais e seções sindicais, levantamento das escolas cívico-militares em funcionamento nos estados e no Distrito Federal, que evidenciem sua expansão, seu financiamento e suas implicações para a escola pública.

15. Estimular que as seções sindicais realizem seminários e debates contra a plataformização da educação e seu correlato fundamental, o ensino híbrido, que precariza a educação pública, o uso de plataformas digitais privadas, a ampliação do ensino híbrido, ensino remoto, uso de softwares privados, que abrem às "big techs" o "mercado" da Educação Pública e ferem a autonomia universitária e liberdade de cátedra.

15.1 - Continuar a luta contra a regulamentação e normalização do ensino remoto e/ou híbrido.

16 - Lutar pela substituir a utilização de softwares privados por softwares livres na educação pública.

17 - Propor à Coordenação Nacional das Entidades em Defesa da Educação Pública e Gratuita (Conedep) um calendário de debates e seminários para analisar e denunciar os aspectos nocivos da plataformização da educação e seu correlato fundamental, o ensino híbrido, o uso de plataformas digitais privadas, a ampliação do ensino híbrido, ensino remoto, uso de softwares privados, que abrem às "big techs" o "mercado" da Educação Pública e ferem a autonomia universitária e liberdade de cátedra.

18. Realizar Seminário Nacional para debater estratégias de enfrentamento ao avanço do ensino híbrido e da EaD;

19 - Lutar para que as instituições de ensino disponibilizem atendimento psicológico a todo(a)s o(a)s docentes que tenham necessidade, levando em conta a situação das condições de trabalho presentes no contexto da pandemia e no retorno presencial.

20 - Realizar reunião do GTPE do ANDES-SN, sobre o Reuni Digital, prioritariamente no próximo pleno, visando formular estratégias de luta da categoria contra sua implementação.

21 - Lutar contra a implementação da Resolução CNTE/Cp 02/2019 que altera as diretrizes curriculares nacional para a formação inicial de professor(a)s para a Educação Básica (BNC formação) que está articulada com a Reforma do Ensino Médio e a BNCC da educação básica. Esses dispositivos rebaixam a formação universitária do(a)s docentes da educação básica e a formação da juventude em geral.

22 - O ANDES-SN realize, por meio de suas seções sindicais, assembleias de base para deliberar sobre a participação no FNPE para que isso seja objeto de deliberação no próximo Congresso.

ATUALIZAÇÃO DO PLANO SANITÁRIO E EDUCACIONAL

23 - Desenvolvam ações de luta em todas as instituições de ensino superior públicas em defesa da garantia de estrutura física de funcionamento das IES com segurança para o retorno presencial e pela construção democrática de um "Plano Sanitário e Educacional: em defesa da vida e da educação", com a participação dos segmentos de suas comunidades acadêmicas – docentes, estudantes, técnico(a)s administrativo(a)s e terceirizado(a)s –, contendo diretrizes relativas às condições:

23.a) de adequada salubridade para todas as pessoas que frequentam os espaços das universidades, institutos federais e CEFETs;

23.b) de realização das atividades de ensino, pesquisa, extensão e administração no formato remoto, se a pandemia assim o demandar, com a disponibilização de equipamentos e suporte adequados (e consideradas as especificidades de cada local e de cada área de conhecimento) para docentes, servidora(e)s técnico(a)s-administrativo(a)s e estudantes;

23.c) de implementação de atividades e estratégias de recuperação adequadas para toda(o)s a(o)s estudantes, especialmente para aquela(e)s que não puderam ou tiveram dificuldades para acompanhar o Ensino Remoto Emergencial (ERE) adotado durante a pandemia, observando a não precarização da atividade docente e considerando as dificuldades das mais diversas ordens vivenciadas pelas mulheres estudantes, em especial aquelas com filhos em idade escolar, ou responsáveis pelos cuidados com outras pessoas [idoso(a)s, pessoas com deficiência etc.].

23.d) de manutenção do ERE – apenas e tão somente – quando as condições sanitárias impostas pela pandemia exigirem;

23.e) de acesso à internet e às ferramentas digitais necessárias para estudantes cuja situação pessoal não lhes permita tal prerrogativa;

23.f) de adequação da infraestrutura física (prédios, laboratórios, bibliotecas e demais espaços, de modo a resguardar o distanciamento físico de pelo menos 1m, previsto em protocolo sanitário) e de pessoal, criando plenas condições de trabalho para o retorno e permanência das atividades presenciais, bem como de ventilação adequada, com janelas amplas e abertura total;

23.g) de adequação das moradias estudantis no que se refere às instalações físicas propícias à necessária higienização e não aglomeração da(o)s estudantes, além das condições de segurança alimentar dentro dos campi;

23.h) de fornecimento de equipamentos de proteção individual (EPI) e coletiva (EPC) à comunidade trabalhadora e estudantil que frequenta as instalações da instituição, assim como para as moradias estudantis, tais como máscaras PFF2 ou N95, agentes sanitizantes e marcação de fronteiras para distanciamento físico de pelo menos 1 metro;

23.i) de retomada da regularidade de reposição/complementação de pessoal, docente e técnica(o)-administrativa(o), por meio de concurso público de efetivação, de modo a enfrentar a situação de distanciamento físico nas salas de aula e outras dependências, que passará a ser necessário no retorno presencial. A exigência de divisão das turmas, com correspondente contratação de docentes, nos casos em que o espaço disponível não garanta o distanciamento mínimo de 1m para o número de matriculado(a)s;

23.j) de avaliação e progressão na carreira que considerem as dificuldades das mais diversas ordens vivenciadas pelas mulheres servidoras, em especial aquelas com filha(o)s em idade escolar ou responsáveis pelo cuidado de outras pessoas [idoso(a)s, pessoas com deficiência etc.]. O mesmo tratamento deve ser oferecido às mulheres estudantes;

23.l) de busca de recuperação da saúde daquela(s) que tiveram suas condições de vida afetadas pela Covid-19 e pelas condições de isolamento e trabalho exaustivo durante a pandemia, incluindo a atenção integral por profissionais de saúde do modelo biomédico (psicólogo, fonoaudióloga, fisioterapeuta et.) e do modelo vitalista, como terapeutas de práticas integrativas e complementares (acupunturistas, homeopatas etc.) pela instituição;

23.m) de campanhas de esclarecimento que demonstrem os protocolos a serem seguidos e que destaquem, por exemplo, que mesmo alguém vacinado deve fazer tudo que está a seu alcance para evitar o contágio e a propagação do vírus e que máscaras de tecido são inteiramente inadequadas para ambientes de sala de aula.

23.n) de fiscalização sobre os protocolos sanitários, chamando à responsabilidade individual e coletiva. Que estejam claros os órgãos responsáveis pela fiscalização e garantia de cumprimento dos protocolos;

23.o) de adequadas condições de transporte, com adequações das jornadas e turnos de trabalho que garantam acesso ao transporte público com menos lotação;

23.p) de adoção de uma política institucional que normatize as decisões quando houver casos positivos de infecção por Covid-19 (afastamentos, quarentenas, rastreamentos etc.), incluindo a definição clara de que em caso de surto (três casos positivos em uma mesma turma) haja um imediato retorno emergencial à modalidade remota por duas semanas (caso não se registrem mais casos na mesma turma);

23.q) exigência do passaporte vacinal em todas as instituições de ensino superior, pela testagem periódica da comunidade universitária e pelo acompanhamento epidemiológico e das curvas de contágio como parâmetro para a definição do retorno presencial;

23.r) que haja um plano de acompanhamento de estudantes que estejam isolada(o)s por estarem contaminada(o)s ou terem tido contato com pessoas contaminadas.

23.s) que a(o)s docentes que, neste momento, não deveriam retornar presencialmente, tenham todas as garantias de não prejuízo na carreira, no salário ou qualquer outro.

24 - Cobrem da instituição educacional a adoção das melhores e mais seguras condições de trabalho e estudo durante o período de risco de contaminação pelo Sars-Cov-2 e suas variantes, com o estabelecimento de protocolos de testagem, rastreamento de contatos e isolamento de suporte (protocolo TRIS). O isolamento de suporte deve seguir o preconizado na Nota Técnica nº 1/2022 da Fundação Osvaldo Cruz ou atualizações.

25 - Cobrem uma política permanente de acompanhamento da saúde mental, assim como da saúde vocal, esta última agravada pelo uso contínuo de máscaras.

26 - Cobrem das reitorias a criação de equipes de monitoramento epidemiológico, publicizando, em forma de boletins, dados estatísticos referentes à situação atual da comunidade ligada à instituição – número de falecimentos, de pessoas contaminadas e/ou com sequelas, e predominância de variantes, uma vez que esses dados são fundamentais para subsidiar a implementação e adequação de políticas sanitárias.

26.1 - Tornar públicas, de forma permanente, as decisões e encaminhamentos que os responsáveis pela implementação desse Plano Sanitário e Educacional vier a tomar, alimentando a comunidade acadêmica com informações sobre as suas iniciativas e sobre os passos necessários para acompanhamento das aulas presenciais.

27 - Cobrem, em articulação com o movimento estudantil, a ampliação imediata do programa de assistência e permanência estudantil de forma a evitar a evasão, a retenção e garantir o ingresso.

28 - Cobrem, nos planos locais, o retorno presencial seguro, a garantia de manutenção de atividades remotas para professore(a)s, técnico(a)s-administrativo(a)s e estudantes que tenham indicação médica ou de situação familiar para tal.

28.1 - A suspensão temporária das atividades presenciais deve ser excepcional, com a adoção de ensino remoto, jamais deve constituir como a forma essencial da educação pública. E em nenhuma hipótese de ensino emergencial, pode-se admitir intensificação do trabalho docente e de técnico(a)s-administrativo(a)s (com ampliação da jornada e intensificação de atividades).

29 - *Que as Resoluções nº 2/2019, nº 1/2020 e nº 1/2021 do CNE sejam debatidas em painel em reunião conjunta do GTPE com os setores das IEES-IMES e das IFES, a ser gravada e transmitida pelos canais de comunicação do ANDES-SN.*

30 - *Que o ANDES-SN se junte às outras entidades (Anfope, a Anpae, a Anped, Forumdir e CNTE) em favor da revogação das Resoluções nº 2/2019 e nº 1/2020.*

31 - *Que o ANDES-SN manifeste ao CNE seu desacordo em relação às resoluções 02/2019 e 01/2020, exigindo sua imediata revogação.*

32 - *Que o ANDES-SN envide esforços para a revogação da Lei n.º 13.415/2007, que institui novas diretrizes para o Ensino Médio, e da Resolução CNE/CP n.º 1 de 05/01/2021 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica, tendo em vista os prejuízos que causam à educação brasileira nos níveis médio e superior.*

33 - *Que o ANDES-SN promova uma campanha via imprensa de esclarecimento à população brasileira a respeito das consequências dessas políticas para a formação de estudantes do ensino médio e seus reflexos nas estruturas dos cursos superiores, em especial das licenciaturas.*

TR - 18

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Dar continuidade à luta pela ampliação do orçamento das universidades, institutos federais e CEFETs, de modo a garantir o pleno desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão com caráter público, gratuito, laico, de qualidade e socialmente referenciado.
2. Produzir material informativo sobre os impactos da Emenda Constitucional 95 na educação, em especial, nos orçamentos das universidades, institutos federais e CEFETs.
3. Intensificar a luta pelas condições de trabalho e estudo nas IES, considerando os impactos da pandemia da Covid-19 e nossa proposta de Plano Sanitário e Educacional.
4. Dar continuidade à luta contra o Reuni Digital e qualquer proposta do capital que ataque a centralidade da presencialidade da educação pública brasileira.
5. Intensificar a luta contra a Contrarreforma do Ensino Médio, exigindo a revogação de leis, decretos, resoluções e normas federais, estaduais e municipais sobre o tema, incluindo os relacionados a Base Nacional Curricular Comum e BNC - Formação, dentre outras.
6. Reforçar nossa luta contra a militarização da educação pública brasileira e avançar na construção de estratégias e espaços de articulação com as demais entidades para combater a violência da extrema direita contra as escolas, universidades, institutos federais, CEFETs, estudantes, trabalhadores e trabalhadoras da educação.
7. Intensificar a luta pelo imediato reajuste das bolsas de ensino, pesquisa e extensão.



Diretoria do ANDES-SN

POLÍTICA DE CLASSE PARA AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS, DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

TEXTO DE APOIO

Somos 54% de pretos e pretas da população brasileira, segundo dados do IBGE (2022), somos quase 900 mil pessoas que compõem as populações indígenas, segundo censo do IBGE (2010), a maioria concentrada na Região Norte do Brasil. Somos 51,7% de mulheres, 16,7% de pessoas idosas e somos inúmeros que optaram por viver suas diversidades. Esse quadro demonstra que apesar das imposições do capitalismo brasileiro – que expande seus ataques via retiradas de direitos e dignidade de vida da população negra, povos originários, de crescente violência contra as mulheres, desde a tenra idade, e de graves posturas lgbtfóbicas que matam todos os dias pessoas LGBTQIAP+ –, vencemos o governo genocida de Bolsonaro no dia 30 de outubro de 2022, passo importante para continuarmos firmes no enfrentamento ao avanço da extrema direita no mundo e, principalmente, no Brasil.

Somos um país que convive com profundas desigualdades sociais, culturais, econômicas e territoriais, que nunca enfrentou com radicalidade suas mazelas, numa perspectiva de rupturas. A eleição de outubro de 2022 escancarou nas mídias sociais e nas ruas o preconceito contra pobres e nordestinos, expresso, sobretudo, por homens brancos, héteros, de classe média e ligados a variações fundamentalistas do cristianismo.

O exemplo concreto da atual realidade são os dados do monitoramento feito pela Rede de Observatórios de Segurança, de acordo com o boletim “Pele alvo: a cor que a polícia apaga”[1]. Os números são alarmantes, apontaram que de cada 100 mortos pela Polícia do Estado da Bahia, 98 eram negros. Na cidade de Salvador, de 299 assassinatos cometidos pelos agentes de segurança pública baianos em 2021, apenas um era branco. O estudo apontou, ainda, que o índice de letalidade da ação de segurança pública da Bahia é de 98% (maior percentual do país). Em números absolutos, o estado do Rio de Janeiro apresenta-se como o mais letal, com 1.060 vítimas. A polícia fluminense foi a que mais matou a população negra entre os sete estados monitorados pela Rede, ainda que fique atrás dos estados do Nordeste em relação à proporção de brasileiros negros mortos. Ainda assim, a polícia do Rio de Janeiro mata uma pessoa negra a cada 9 horas. Quando o assunto é chacina, o que significa três vítimas ou mais na mesma ocorrência, Rio de Janeiro lidera. Foram 57 registros, nos quais há 155 vítimas, 138 negras. No geral, foram 1.214 mortos em 2021, sendo 1.060 negros, o que representa 87,3% do

total. Os quatro municípios mais violentos são Rio de Janeiro (458), São Gonçalo (209), Duque de Caxias (114) e Belford Roxo (81).

No total, as polícias dos sete estados monitorados pela Rede (Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro e São Paulo) mataram, em 2021, 3.290 pessoas, das quais 2.154 eram negras. Isso significa 86% das vítimas e pelo menos cinco pessoas negras mortas todos os dias. (Caroline Oliveira, Brasil de Fato | São Paulo (SP), 17 de Novembro de 2022)

A conjuntura que passamos, nesses 4 anos de governo de extrema direita, expressou muito bem aspectos estruturais de nossa sociabilidade que, com a ascensão de Bolsonaro, pode ganhar forma e movimento. Seria apropriado afirmar que o bolsonarismo conseguiu catalisar, em um bloco só, todas as formas reacionárias e conservadoras tão presentes como *sutiliza*, no discurso, mas *brutalidade*, na vida real, vide as chacinas, extermínios e execuções da população indígena e negra, patrocinados pelo próprio Estado brasileiro. Intensificaram-se os ataques às mulheres, à igualdade de gênero, à linguagem neutra e aos direitos reprodutivos. O governo Bolsonaro é a síntese do que devemos cotidianamente combater: feminicídio, lgbtqiap+fobia, racismo, etnocídio, ecocídio.

O exemplo notório do projeto político da extrema direita nestes últimos 4 anos foi o sucateamento da Funai e o afastamento do órgão do Ministério da Justiça, na gestão Bolsonaro, refletindo em setores de atendimento à população indígena que foram eliminados ou, se existem, não funcionando como deveriam, pois, foram abandonados. As comunidades exigem o retorno dos técnicos da FUNAI às áreas retomadas. O SESAI também não consegue atender às demandas das populações em questão, sem pessoal e sem recursos, como ocorreu durante a pandemia. Postos de saúde indígena que funcionem e entendam as pacientes que ali chegam, principalmente gestantes e parturientes. Violências ginecológicas e obstétricas são relatadas por mulheres que passaram pelos serviços em algumas instituições médicas.

São 316 pessoas LGBTQIAP+ que morreram de forma violenta ao longo do ano de 2021. A grande maioria, ou seja, mais de 90% dos casos, são vítimas de homicídio ou latrocínio (quando há roubo seguido de morte). A cada 27 horas, uma pessoa LGBTQIAP+ foi morta no país por motivos relacionados à sua identidade de gênero ou orientação sexual. (dossiê Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2022). O documento registra ainda que o número de mortes registradas em 2021 representa um salto em relação a 2020, quando foram registrados 237 casos, com aumento de 33,3%. Também alertam para possíveis subnotificações em função das dificuldades de registros durante a pandemia em 2020. Com estes dados, o Brasil é o país que mais mata LGBTQIAP+ em todo o mundo pelo 13º ano consecutivo.

A pandemia da Covid-19, é bem verdade, aumentou o quadro de desigualdade, fruto diretamente da opção do governo Bolsonaro em estabelecer uma agenda negacionista em seu

sentido mais amplo: negando a pandemia, a vacina e a miséria do povo trabalhador brasileiro. E sabemos que este quadro piorado atingiu uma parcela da sociedade de forma mais intensa, a exemplo das mulheres, das(os) negras(os), das(os) indígenas, das(os) LGBTQIAP+, das pessoas com deficiência e das(os) faveladas(os).

Outro aspecto importante que identificou o governo Bolsonaro foi o aprofundamento da militarização da sociedade, com o avanço de ações criminosas por parte das forças de segurança (civil, militar e federal), que realizaram diversas chacinas em favelas do país, mesmo depois da decisão do STF proibindo ações no contexto da pandemia. O aumento do armamento também resulta desta política e as principais vítimas de uma sociedade cada vez mais violenta são justamente os setores historicamente excluídos de direitos e dignidade. O atentado terrorista em Aracruz (ES), novembro de 2022, realizado por um adolescente que usava suástica nazista, é sintoma assustador que deve nos preocupar.

Diante de todo este quadro, no ano de 2022, completaram-se 10 anos da aplicação da Lei 12.711/2012, a Lei de Cotas. É importante observar que isso se deu em um contexto de aumento da expulsão de discentes, principalmente de pobres, negros, indígenas e mulheres, e que, diante dos cortes orçamentários, enxugaram-se as políticas de assistência estudantil. É justamente por isso que toda a luta travada nos 4 anos de Bolsonaro contra os cortes orçamentários significou também garantia da permanência desse segmento majoritário da sociedade que sempre foi excluído.

Importante apontar que as mudanças pelas quais Universidades, Institutos e CEFETs passaram nos últimos 10 anos foram fruto da Lei de Cotas. O ingresso muito maior de filhos(as) da classe trabalhadora, de pessoas indígenas, pretas, de estudantes do ensino público contribuiu para democratizar um espaço que até pouco tempo era predominante ocupado por uma parcela da sociedade brasileira já carregada de privilégios de cor e de território.

Neste sentido, ainda sobre a lei de cotas, no que tange as cotas raciais, cabe mencionar que as fraudes que ocorrem no processo de acesso de discentes resulta também do privilégio branco, pois em um país profundamente racista, aos brancos sempre foi dado salvo-conduto para cometerem crimes os mais diversos. Por isso a construção de comissões de heteroidentificação nas universidades cumpre um papel de urgente necessidade e nosso sindicato não pode fugir da responsabilidade de contribuir para que tais comissões se efetivem.

É fruto desta constatação que o ANDES-SN, desde o primeiro momento do governo Bolsonaro, esteve constantemente construindo a mais ampla unidade com os mais diversos setores, seja nas ruas, seja na institucionalidade, chamando por derrotar Bolsonaro-Mourão. No ano de 2022, além da busca diária de construção da greve unificada dos(as) servidores(as) públicos(as) federais, apontamos como consigna norteadora, “derrotar Bolsonaro nas ruas e nas

urnas”. E, em sintonia com esse desafio histórico, corretamente nosso sindicato chamou o voto em Lula no segundo turno, visando derrotar o candidato de caracterização neonazista.

O ANDES-SN através do GTPCEGDS, imbuído do desafio de construção de unidades com quem quer lutar contra a máquina que nos mata, permitiu-nos avançar em nossos enfrentamentos contra o machismo, o racismo, algtqiap+fobia e as diversas formas de opressões e explorações. A aproximação com a ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as), que resultou na participação XII Congresso Brasileiros de Pesquisadores(as) Negros(as) e na realização do “1º Painel ANDES-SN/ABPN: Construção de Estratégias de defesa das IES, das políticas de cotas e de enfrentamento ao racismo”, ajudou-nos a acumular ações como a necessidade de conhecer a nossa base, no que se refere a sua constituição ético-racial, bem como a forma em que as Lei de Cotas para os concursos públicos têm sido efetivada ou boicotadas por estratégias de dissolução dos editais

Para que seja possível intervir na realidade, faz-se premente conhecê-la em sua essência. Nesse sentido, anuncia-se como avanço um sindicato como o ANDES-SN ter dados de quantas e quantos são as negras e os negros de sua base e reafirmar sua luta pelas políticas de cotas sociais e raciais, seja para graduação, pós-graduação ou quadro docente e de técnicas(os)-administrativas(os). Posição importante para que tenhamos Universidades, Institutos Federais, CEFETs efetivamente públicos, para todas e todos, para a maioria da população, gratuito, socialmente referenciado e responsável por combater uma lógica que fundou a sociedade brasileira, escravocrata, supremacista branca, cis-hetero-normativa, capacitista.

[1] <https://cesecseguranca.com.br/livro/pele-alvo-a-cor-que-a-policia-apaga/>

RESOLUÇÕES DO 65º CONAD DO ANDES-SN

I - POLÍTICA DE CLASSE PARA AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS, DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

O 65º CONAD do ANDES-SN delibera:

1 - Que o ANDES-SN realize um painel, organizado pelo GTPE e pelo GTPCEGDS sobre a luta das pessoas com deficiência e a luta anticapacitista no âmbito do Sindicato.

2 - Que o ANDES-SN realize, em 2023, o III Seminário Nacional Integrado, organizado pelo GTPE, que inclua: V Seminário Nacional de Mulheres do ANDES-SN, IV Seminário Nacional de Diversidade Sexual e V Seminário Nacional de Reparação e Ações afirmativas do ANDES-SN.

3 - Que o ANDES-SN realize, em 2023, o III Seminário Intercultural aprovado no 39º Congresso, organizado pelo GTPAUA e pelo GTPCEGDS, contemplando a discussão socioambiental a partir dos debates sobre a transição socialista das matrizes energéticas e tecnologia, articulando perspectivas de classe, gênero, raça, orientação sexual, etarismo e origem nacional.

4 - Que o ANDES-SN participe efetivamente, no âmbito da Coordenação Nacional da Campanha Fazer Valer a Efetiva Implementação das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, junto às demais entidades da

Educação, movimento estudantil e Procuradoria Federal dos Direitos da(o)s Cidadã(o)s (PFDC), da construção de um Encontro Nacional da Campanha.

4.1 - Que as secretarias regionais, em conjunto com as seções sindicais, envolvam-se na construção, nos estados, das coordenações estaduais da Campanha Fazer Valer a Implementação Efetiva das Leis nº 10.639 e nº 11.645, bem como participar efetivamente das ações desenvolvidas pela Campanha.

5 - Que o ANDES-SN por meio das suas seções sindicais amplie os espaços e seu envolvimento nas ações de combate ao genocídio da infância e juventude negra, povos originários, comunidades tradicionais e LGBTQIAP+.

6 - Que o ANDES-SN por meio das suas seções sindicais realize e/ou amplie as ações de comunicação no mês da visibilidade LGBTQIAP+.

7 - Que o ANDES-SN e suas seções sindicais envidem esforços para a defesa da continuidade da política de cotas raciais, incluindo as cotas na pós-graduação e concursos públicos, e ampliem o debate sobre a construção das Comissões de Heteroidentificação, com as seguintes orientações:

7.1 - lutar pela criação e em defesa das Comissões de Heteroidentificação, com constituição plural no que se refere a cor/raça, gênero e orientação sexual, como espaço de enfrentamento às fraudes na política de cotas;

7.2 - construir estratégias de defesa da Lei de Cotas para concurso público, Lei nº 12.990/2014 e suas correspondentes nos Estados, incentivando o acompanhamento da constituição dos editais;

7.3 - ampliar as ações de defesa da Lei de Cotas para o ingresso na graduação Lei nº 12.711/2012, e suas correspondentes nos Estados e sua ampliação para os programas de pós-graduação.

8 - Que o ANDES-SN, por meio das suas seções sindicais, envide esforços para a ampliação da luta anticapacitista em todas as suas ações e espaços nacionais e locais.

9 - Que o ANDES-SN, por meio de suas seções sindicais, apoie a luta por concurso público para intérprete de libras e outros profissionais nas IES em auxílio a docentes, TAE e estudantes surdos e surdas.

10 - Que o ANDES-SN, por meio das suas seções sindicais, incorpore-se à luta pela reivindicação junto ao Ministério da Saúde para a inclusão da classificação de Pessoas com deficiência nas estatísticas sobre contaminação e óbitos por Covid-19.

11 - Que o ANDES-SN, por meio das suas seções sindicais, participe da luta para que, em âmbito educacional, nenhuma decisão, didática ou normativa infrinja a Lei Brasileira de Inclusão e seja excludente às pessoas com deficiência no contexto da aprendizagem, de forma a trazer prejuízos ou diferenciações negativas à(o)s estudantes com deficiência.

12 - Que o ANDES-SN, por meio das suas seções sindicais, amplie a participação nas lutas que visem à integralidade da conquista dos direitos sociais e reprodutivos das mulheres (a exemplo a ADPF 442 sobre a descriminalização do aborto).

13 - Que o ANDES-SN, por meio das suas seções sindicais, intensifique o envolvimento nas pautas defendidas pelos povos originários e comunidades tradicionais em defesa da terra, dos seus territórios, territorialidades, culturas, línguas, especificidades étnico-raciais, religiões e modalidades específicas de educação escolar. Que mantenha a política de apoio financeiro às lutas dos povos originários e comunidades tradicionais praticada pelo ANDES-SN no último período, respeitando as condições objetivas para o estabelecimento de valores e periodicidade.

14 - Que as Secretarias Regionais em conjunto com as seções sindicais contribuam nas ações das instituições relativas às políticas voltadas às professoras pesquisadoras que maternam, às estudantes e às especificidades da comunidade LGBTQIAP+, inclusive nos editais internos; que mulheres e comunidade LGBTQIAP+ possam participar de instâncias e processos de decisão - Nada sobre nós, sem nós!

14.1 - Reforçar a luta por creche integral para docentes e estudantes que maternam.

15 - Que as Secretarias Regionais em conjunto com as seções sindicais lutem para que seja pautada nas Universidades, Institutos Federais e CEFETs a construção de instâncias de acolhida, acompanhamento e enfrentamento a todas as formas de assédio no âmbito dessas instituições.

16 - Que as Secretarias Regionais em conjunto com as seções sindicais participem e/ou ampliem a luta para que as Universidades, os IF e os CEFETs adotem formas de acessibilidade às informações sobre prevenção e protocolos sanitários, médicos e de cuidados, além de garantir intérpretes de libras ou outra(o)s profissionais para tradução e mediação de atendimentos médicos e auxiliares envolvidos na atenção à saúde e prevenção de risco para as pessoas com deficiência no interior das Universidades, Institutos Federais e CEFETs.

17 - AGENDA de lutas do Setor das IEES/IMES:

29/01 – Dia da Visibilidade Trans.

07/02 – Dia de lutas dos povos originários.

11/02 – Dia Nacional das Mulheres e Meninas na Ciência.

08/03 – *Dia Internacional das Mulheres.*
 14/03 – *Justiça por Marielle Franco.*
 21/03 – *Dia Internacional de Luta pela eliminação da Discriminação racial.*
 07/04 – *Dia Internacional da Saúde.*
 19/04 – *Dia de Resistência dos Povos Originários.*
 24/04 – *Dia Internacional da Libras.*
 17/05 – *Dia internacional de luta contra a LGBTQIAP+fobia.*
 28/06 – *Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAP+.*
 23/07 – *Dia Nacional do Tradutor e Intérprete de Libras.*
 25/07 – *Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha.*
 29/08 – *Dia da Visibilidade lésbica.*
 21/09 – *Dia Nacional de luta das pessoas com deficiência.*
 26/09 – *Dia Nacional dos Surdos.*
 28/09 – *Dia internacional da luta pela legalização do aborto.*
 17/10 – *Dia Nacional de combate ao assédio moral/sexual nas Universidades, IF e CEFETs.*
 22/11 – *Dia Nacional de combate ao racismo nas Universidades, IF e CEFETs.*
 03/12 – *Dia Internacional das Pessoas com Deficiência.*
 18 - *Defender e reconhecer o direito de autodeterminação de todos os povos originários com pleno reconhecimento de seus territórios ancestrais, de suas culturas e de suas línguas, com destaque à luta do povo Yanomami, contra os ataques de madeireiros, mineradores e garimpeiros, latifúndios e as forças de repressão do Estado que defendem interesses do capital em detrimento dos direitos dos povos. Ampliar a luta contra o Marco Temporal. Fortalecer e potencializar as ações em rede, apoiando institucionalmente as organizações indígenas.*
 19 - *Que o ANDES-SN, por meio de suas seções sindicais, incorpore-se à luta junto ao Ministério da Saúde e outros órgãos competentes pela articulação em amparo legal, financeiro e psicológico à orfandade de crianças e adolescentes por COVID-19 até então invisibilizado(a)s em todo Brasil.*
 20 - *Que as seções sindicais contribuam para a consolidação de políticas de permanência, e assistência estudantis e de acompanhamento de estudantes cotistas egresso(a)s, na perspectiva de criação de efetivos espaços de participação baseado no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão.*
 21 - *Que as seções sindicais em articulação com as Secretarias Regionais promovam debates e rodas de conversa sobre questão étnico-racial no contexto brasileiro, envolvendo para sua construção os Coletivos Negros das IES e CEFETs, NEABI e Grupos de Estudos sobre a temática e representação do Movimento Negro, dos povos indígenas comunidades tradicionais.*

TR – 19

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que ANDES-SN realize pesquisa sobre a constituição étnico-racial da sua base e sobre o atendimento à Lei 12.990/14 pelas IES federais, IFs e CEFETs de sua base, bem como sobre as legislações correlatas no âmbito das IEES/IMES.
2. Que o ANDES-SN, através do GTPCEGDS, das regionais e das seções sindicais, fomente debate e formações sobre a proteção e autoproteção das(os) militantes.
3. Que o ANDES-SN realize, em 2023, o III Seminário Nacional Integrado, organizado pelo GTPE e GTPCEGDS, em maio de 2023, na UFPA, que inclua: painel sobre a luta das pessoas com deficiência e a luta anticapacitista no âmbito do Sindicato; o V Seminário Nacional de Mulheres do ANDES-SN; o IV Seminário Nacional de Diversidade Sexual e o V Seminário Nacional de Reparação e Ações afirmativas do ANDES-SN.
4. Que o ANDES-SN realize, no segundo semestre de 2023, na UFPA, organizado pelo GTPAUA e pelo GTPCEGDS, o III Seminário Intercultural. Aprovado no 39º Congresso, o

seminário deve contemplar a discussão socioambiental a partir dos debates sobre a transição socialista das matrizes energéticas e tecnologia, articulando perspectivas de classe, gênero, raça, orientação sexual, etarismo e origem nacional.

5. Incorporar o dia 26 de setembro, Dia Nacional das(os) Surdas(os), como agenda de luta e ações de nosso sindicato nacional na agenda de lutas do ANDES-SN.

6. Incorporar o dia 25 de novembro, Dia Internacional de Luta contra a violência cometida contra as mulheres, na agenda de lutas do ANDES-SN.



Diretoria do ANDES-SN

POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO E ARTE

TEXTO DE APOIO

O papel da comunicação e da arte em nossas lutas

Entre os dias 6 e 9 de dezembro de 2022, o ANDES-SN deu mais um importante passo em sua política de comunicação e arte. Vivenciamos nestes dias, em Foz do Iguaçu, juntamente com o II Seminário Internacional Educação Superior na América Latina e Caribe e Organização das Trabalhadoras e Trabalhadores e o I Seminário Multicampia e Fronteira, o **I Festival de Arte e Cultura do ANDES-SN: Sem fronteiras, a arte respira luta**. Nossos debates políticos foram atravessados pela presença da música, das artes visuais, do teatro, do cinema, da performance e da fotografia. As expressões artísticas, como ficou nítido na realização dessas atividades em conjunto, constituem-se cada vez mais neste sindicato como parte fundamental da luta política, seja no âmbito nacional ou internacional, na máxima convergência entre as dores, anseios, sonhos e desafios dos povos explorados, oprimidos, humilhados e dominados do mundo.

A mesa de debate intitulada “O papel da arte e da cultura na resistência dos nossos povos” com Priscila Rezende, artista visual e performer de Belo Horizonte (MG), Félix Eid, professor de música da Unila e Priscila Duque, artista do carimbó de Belém do Pará (PA), trouxe diferentes referências de expressões artísticas e explicitou como contribuem para denunciar violências, expressar nossas pautas, resgatar e divulgar saberes e tradições dos nossos

povos. Abordaram, ainda, os diversos tempos do fazer artístico e as incompatibilidades com o tempo ocidental imposto pelo capitalismo, muitas vezes acelerado, inclusive nas produções de conhecimento dentro das IFs. Com isso, entendemos ter sido muito acertada a decisão do 41º Congresso do ANDES que aprovou a realização do nosso I Festival de Arte e Cultura, fruto do acúmulo de plenos do GTCA dos últimos anos. Este Festival é parte de um processo que ajuda a pavimentar um caminho para os próximos festivais, mas em especial, para atualização do nosso plano de comunicação, que tem que trazer à tona também uma política efetiva de arte, evidenciando sua centralidade em nossas diferentes formas de mobilização.

Considerando as deliberações do 41º Congresso realizado em Porto Alegre, efetuamos também a construção do **I Seminário Nacional sobre Comunicação Sindical e Mídias Digitais**, que aconteceu em Brasília de forma presencial. Realizamos debates e um sarau político cultural no espaço Objeto Encontrado no Distrito Federal. Espaço cultural, diga-se de passagem, que vem sendo hostilizado pelo ódio da extrema-direita que, no Distrito Federal, tem atacado diferentes espaços culturais de resistência.

No evento realizamos debates em torno dos temas “O lugar da Arte, comunicação e tecnologia no sindicalismo em tempos de avanço da política de ódio”, ainda sobre o “Monopólio das plataformas digitais, redes sociais e a democratização da comunicação na luta de classes, antirracistas e anticisheteronormativas” e, por fim, “Arte, comunicação e tecnologia nas estratégias de mobilização nas redes e nas ruas: experiências latinoamericanas”. Importante destacar que, para além de importantes convidados(as) nacionais, nesta última mesa recebemos convidados(as) internacionais, como é o caso de comunicadores Populares da Colômbia e Chile, além do movimento indígena brasileiro, que tem entendido a comunicação como uma das principais trincheiras de atuação para o movimento de luta pela terra e pelos direitos indígenas.

Ambos eventos consolidaram-se como espaços de debate e acúmulo fundamentais para umas das tarefas prioritárias que o GTCA tem no próximo ano: atualizar o Plano de Comunicação e de Arte do sindicato, a fim de dar respostas aos imensos desafios que se colocam em nossa conjuntura e no futuro das nossas lutas. Consideramos que tivemos avanços importantes na articulação entre comunicação e arte neste último período.

Ainda em 2022, a diretoria nacional do sindicato decidiu realizar seleção de novos profissionais de comunicação para o setor da imprensa do ANDES-SN, com isso, nos primeiros meses de 2023 teremos condições de finalizar o contrato com a atual empresa privada de comunicação que presta serviço para o sindicato e constituir, assim, uma nova equipe com profissionais contratados. Neste edital abrimos vagas para 1 profissional editor(a)-chefe, 1 designer/diagramador(a), 1 realizador(a) audiovisual e 1 analista de redes.

Reconhecemos, no entanto, que temos muito a avançar em questões fundamentais da política de comunicação, como é o caso de atuarmos de forma mais efetiva e crítica diante das políticas levadas a cabo pelo governo de extrema-direita de Bolsonaro e de contribuir com o debate sobre a regulamentação da mídia no Brasil e a necessidade de ampliação da comunicação com viés popular, arena na qual a comunicação sindical deve atuar. Para isso, iniciamos a pesquisa de decretos e leis implementados no último período e sobre os quais temos que avançar no sentido de compreender seus impactos e a intervenção do governo na política de comunicação, bem como, atuar no sentido de suas revogações.

Destacamos algumas: Decreto nº 10.669/2021, dispõe sobre a inclusão da Empresa Brasil de Comunicação S.A. no Programa Nacional de Desestatização e altera o Decreto nº 10.354, de 20 de maio de 2020; Portaria nº 216/ 2019, estabelece que a programação das emissoras de televisão TV Brasil e TV Nacional Brasil – NBR serão apresentadas em um só canal. Tais iniciativas são parte do projeto do Poder Executivo de desmontar a comunicação pública no Brasil, materializada na Lei nº 11.652, de 2018, que criou a EBC, uma conquista da luta dos movimentos sociais que atuam no campo da comunicação. A constituição das duas emissoras foi uma vitória histórica do movimento de comunicação, que defendia uma solução que garantisse a divulgação de atos do governo, de um lado, e o serviço de comunicação voltado para o público que o sustenta, de outro.

Também, o Decreto nº 10.674/2021 que dispõe sobre a inclusão da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) no Programa Nacional de Desestatização. Depois de enviar ao Congresso Nacional o Projeto de Lei nº 592/2021, o Poder Executivo assinou, em 13 de abril de 2021, o Decreto nº 10.674, que inclui a ECT no Programa Nacional de Desestatização com o intuito de privatizar a empresa que opera o serviço postal no país desde 20 de março de 1969. O PL, atualmente parado no Senado Federal, trata da quebra de monopólio dos Correios, da modelagem de privatização da empresa e da regulamentação do Sistema Nacional de Serviços Postais. Já o Decreto nº 10.674 trata de um plano que prevê várias etapas para o repasse dos serviços oferecidos pela estatal à iniciativa privada.

O Decreto nº 10.354/2020, que dispõe sobre a qualificação da Empresa Brasil de Comunicação no âmbito do Programa de Parcerias de Investimentos da Presidência da República, inclui a EBC no bojo das políticas neoliberais do PPI - Programa de Parcerias de Investimentos, que visa desmontar qualquer tentativa - mesmo com limitações e contradições - de comunicação pública no Brasil. Esta ânsia privatista encontra-se também no Decreto nº 10.066/2019, que inclui os Correios no âmbito do PPI.

Há outro grande desafio que os defensores da democratização do acesso têm de enfrentar, ainda mais diante dos 4 anos de ataque à Lei de Acesso da Informação (Lei nº 12.527,

de 18 de novembro de 2011). O Decreto n. 9.690/2019 é resultado da política bolsonarista de dificultar a fiscalização de suas ações, e reforça o viés autoritário do então governo, derrotado eleitoralmente no segundo turno, em 2022, por Lula.

Entendemos que todos esses instrumentos legais privatistas e autoritários do governo de Bolsonaro devem fazer parte dos temas de debate do VII Encontro de Comunicação e Arte do ANDES-SN, a ser realizado ainda no primeiro semestre de 2023. E que neste espaço possamos acumular, coletivamente, estratégias de luta para revogação e alteração dessas normativas.

Diante de todo esse quadro, é fundamental reafirmar que símbolos, cores, expressões artísticas e culturais, a comunicação em geral, historicamente são fundamentais na disputa de projetos societários, em especial, na base societal do capitalismo, onde as sensibilidades humanas são capturadas por expressões que atendam aos interesses do mercado e às ideologias dominantes. Isso ficou ainda mais evidente no último período no Brasil, quando bandeira, camiseta e símbolos do país foram tomados por uma parcela da sociedade alinhada à expressão da política neofascista e genocida do governo de Bolsonaro. Não à toa, os grupos organizados de extrema direita têm feito uso de músicas, performances e várias estratégias de comunicação nefastas, como é o caso das *fake news*, entre outros mecanismos de comunicação, para proliferar inverdades sobre a realidade brasileira. As consequências desses mecanismos de comunicação têm sido muito perversas para o povo trabalhador, a ponto de chegarmos a um resultado eleitoral que garantiu ao governo de Bolsonaro 49% de legitimidade nas urnas, mesmo diante de políticas que aprofundaram a fome, o desemprego, a violência e, com isso, a morte.

Neste seguimento temos a compreensão que o Grupo de Trabalho de Comunicação e Arte do ANDES-SN tem papel fundamental na organização e fortalecimento das lutas do sindicato; na sensibilização da própria comunidade universitária, a partir dos grandes desafios postos para a educação pública; mas também, na articulação com as lutas mais amplas da classe trabalhadora. Classe que vem sendo massacrada por desinformação e *fake news*, e sensibilizada, neste sentido, por valores político-culturais conservadores e autoritários que devem ser combatidos por comunicação e expressões artísticas que correspondam aos interesses históricos dos(as) trabalhadores(as), ou seja, no sentido da emancipação.

RESOLUÇÕES DO 40º CONGRESSO DO ANDES-SN

I - POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO E ARTE

O 40º CONGRESSO do ANDES-SN delibera:

- 1. Que o ANDES-SN realize o Seminário Nacional 'Comunicação Sindical e Mídias Digitais' de forma online no mês de maio de 2022, a fim de subsidiar o debate para atualização do Plano Nacional de Comunicação e Arte do ANDES-SN.*
- 2. Que o ANDES-SN realize o VII Encontro de Comunicação e Arte em 2023, de forma presencial, contemplando o debate sobre atualização do Plano de Comunicação e de Arte do sindicato.*

3. *Que o ANDES-SN realize o I Festival de Arte e Cultura do ANDES-SN no segundo semestre de 2022*
4. *Que as seções sindicais do ANDES-SN incorporem em suas ações políticas (de rua e nas redes) a presença de expressões artísticas culturais (música, cinema, teatro, artes visuais, etc).*
5. *Que o ANDES-SN e as seções sindicais organizem um banco de referências artísticas, especialmente da área de artes audiovisuais para que suas obras sejam usadas em materiais gráficos produzidos pelo sindicato.*
6. *Que o ANDES-SN atualize o Plano de Comunicação e de Arte do ANDES-SN com atividades durante todo o ano para subsidiar a proposta a ser apresentada no 41º Congresso.*

TR – 20

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Realizar o II Festival de Arte e Cultura do ANDES-SN no segundo semestre de 2023, na UFMA.
2. Realizar o VII encontro de Comunicação e Arte do ANDES-SN no primeiro semestre de 2023, conforme aprovado no 41º congresso.
 - 2.1. Incorporar nos debates do encontro a análise dos impactos dos decretos e leis aprovados no governo de Bolsonaro e o papel do ANDES-SN na regulamentação das mídias e revogação de tais instrumentos legais privatistas e autoritários;
3. Atualizar o Plano de Comunicação e de Arte do ANDES-SN em 2023, a partir do acúmulo dos debates no VII Encontro de Comunicação, e apresentar propostas para o 43º congresso em 2024.
4. Que as seções sindicais do ANDES-SN incorporem em suas ações políticas a presença de expressões artísticas e culturais (música, cinema, teatro, artes visuais, etc).
5. Que as seções sindicais envidem esforços para a criação do Grupo de Trabalho de Comunicação e Arte no sentido de contribuir com a política nacional do sindicato.

TEXTO 21

Diretoria do ANDES-SN

POLÍTICA AGRÁRIA, URBANA E AMBIENTAL

TEXTO DE APOIO

No ano em que nos reuniremos no 41º Congresso do ANDES-SN, em Rio Branco-AC, marcaremos os 35 anos do martírio de um dos maiores lutadores em defesa das causas populares da história de nosso país: Chico Mendes.

Nascido em Xapuri, filho de cearenses que migraram para trabalhar com a borracha, expressa em sua pessoa as dores e vigores dos oprimidos e oprimidas de nosso país. Alfabetizou-se já adulto, com lições de Euclides Távora, militante comunista que há pouco animara a revolução na vizinha Bolívia.

Muito embora tenha ganhado notoriedade internacional por sua luta em defesa da floresta amazônica, Chico Mendes era, como nós, antes de tudo, um sindicalista. Dirigiu o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, vindo a fundar, posteriormente, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Assim, tem destaque na luta pela terra e no enfrentamento ao latifúndio e aos seringalistas, que historicamente disputaram o território amazônico para os interesses do capitalismo predatório. Tudo isso antes da irrupção do ascenso social que desde o ABC paulista fez tomar o país por greves, promovendo, após uma década, a derrocada da ditadura empresarial-militar e o restabelecimento da democracia formal burguesa no país.

Em suas lutas, não só fomentou ricos métodos de enfrentamento ao capital - como foram os “empates” –, como também pôde proporcionar, exemplarmente, junto com seus companheiros e companheiras, a amplitude da subjetividade revolucionária de nossa classe em um contexto de capitalismo dependente e periférico, em que as lutas das cidades, campos e florestas se articulam e imbricam.

Foi vítima, em 22 de dezembro de 1988, da sanha destrutiva do capital, da estrutura fundiária brasileira, do ecocídio que tanto deu combate. Seu exemplo deve ser a nós guia para as lutas de hoje e do porvir, em tempos em que a crise climática coloca-se de forma cada vez mais avassaladora sobre o conjunto da vida no planeta Terra.

Sua vida e trajetória foram objetos de homenagem póstuma em nosso 8º Congresso, dado em São Paulo no ano de 1989. Foram registradas no relatório do referido evento político algumas de suas palavras, mais especificamente de sua famosa carta ao Jovem do Futuro, que retomamos aqui literalmente:

"Atenção Jovem do Futuro, 6 de setembro do ano de 2120, aniversário ou 1º Centenário da Revolução Socialista Mundial, que unificou todos os povos do planeta num só ideal, num só pensamento de unidade socialista, e que pôs fim a todos os inimigos da nova sociedade. Aqui ficam somente as lembranças de um triste passado de dor, sofrimento e morte. Desculpem, eu

estava sonhando quando escrevi estes acontecimentos que eu mesmo não verei, mas tenho o prazer de ter sonhado."

O ano de 2020 passou e a Revolução Socialista Mundial não foi ainda alcançada. O sonho de Chico Mendes ainda nos guia, e seguirá guiando. É hora de, agora no Acre, retomarmos seu exemplo e, de forma renitente, trazermos sua memória e suas lutas à ordem do dia em nossa agenda de lutas.

Mas, o Acre não é apenas a terra dos seringueiros e seringueiras, de suas histórias e suas grandes lutas, que em sua resistência mantém-nos atentos e atentas ao legado de suas vitórias, cristalizadas na instituição de reservas de uso exclusivo para as comunidades extrativistas, reconhecida suas contradições e potências ante o avanço da expropriação.

Olhar para o estado que nos recebe reclama-nos também perceber as particularidades da amazônia acreana. Sabidamente, esta descomunal floresta não é homogênea, e goza neste contexto de fronteira (Brasil-Peru-Bolívia) de particularidades, seja pelas disputas geopolíticas em torno na exploração de riquezas naturais necessárias para a acumulação capitalista, bem como das resistências dos povos indígenas, camponeses e comunidades extrativistas.

As particularidades dos conflitos postos na região são muitas. Não só temas que resultam do contexto fronteiriço, ensejando contradições e tensões decorrentes da migração de trabalhadores e trabalhadoras – que tomada a realidade de Roraima foi objeto de profunda discussão no 40º Congresso e 65º Conad – atravessam esse contexto, mas uma infinidade de outros temas merecem ser destacados, a título de exemplo: a retomada da construção da rodovia que liga o Brasil ao Peru (UC-105) vem trazendo ameaças às terras indígenas Ashaninka do Rio Amônia, Arara do Rio Amônia, Kaxinawa/Ashaninka do Rio Breu e Jaminawa Arara do Rio Bagé, isso para além da Reserva Extrativista do Alto Juruá; a já intensa predação de madeira na região se vê maximizada pelo empreendimento, que também potencializa a destruição socioambiental na região pela extração mineral e petrolífera; os Jaminawa do Rio Caeté se vêm acossados pelas ameaças e cooptações de organizações criminosas que operam o narcotráfico e o comércio de armas de fogo na região; o atraso na demarcação de terras indígenas e a omissão do poder público – acentuada no desgoverno Bolsonaro – aprofundam tal quadro de coisa. Enquanto isso, no andar de cima, a solução para tais conflitos passa pela militarização dos territórios, a exemplo do que pode se perceber nos debates sobre a delegacia ambiental no estado, protagonizados no processo eleitoral por Gladson Cameli (PP) e Jorge Viana (PT).

Esse quadro de coisas traz-nos o dever de reafirmar as resoluções já aprovadas por nosso sindicato e enraizar nossas políticas de solidariedade às populações indígenas, aos movimentos de trabalhadores e trabalhadoras do campo, bem como a colaboração na divulgação e denúncia dos casos de violência renitente contra o campesinato e os povos originários.

Que nossa estada no Acre e nossos bons debates políticos no 41º Congresso façam-nos tomar em profundidade a inspiração histórica e o dever de articulação classista demandados desde as lutas desta terra!

RESOLUÇÕES DO 65º CONAD DO ANDES-SN
VII - POLÍTICA AGRÁRIA, URBANA E AMBIENTAL

O 65º CONAD do ANDES-SN delibera:

1 - *Que as Seções sindicais, apoiadas pelas Secretarias Regionais, em articulação com GTPAUA, impulsionem ações de enfrentamento e denúncia da destruição do meio ambiente em promovida por políticas federais, estaduais e municipais.*

2 - *Que o ANDES-SN por meio das secretarias regionais e seções sindicais, intensifiquem as ações de cobrança da responsabilidade estatal no enfrentamento das consequências de eventos climáticos extremos e desastres ambientais que atinjam a população, bem como se envolva em campanha de solidariedade às afetadas e aos afetados.*

3 - *Que o ANDES-SN, bem como suas secretarias regionais e seções sindicais, fomentem e deem divulgação a publicações que promovam a conscientização socioambiental e confirmem voz a vítimas de injustiças ambientais.*

4 - *Apoiar agendas de luta, ações e planos que contribuam com a defesa da vida e o protagonismo na luta das populações tradicionais e originárias.*

5 - *Realizar uma edição do InformANDES discutindo a relação das catástrofes socioambientais e injustiças sociais delas decorrentes.*

6 - *Que o ANDES-SN, por meio de suas diretorias regionais e seções sindicais, fomentem as lutas contra a profusão do uso de pesticidas, agrotóxicos, agroquímicos e outras substâncias venenosas na produção agrícola, intensificando a luta contra o modelo civilizatório e predatório capitalista.*

7 - *Que as seções sindicais construam e/ou fortaleçam espaços de unidade de ação com os povos originários e comunidades tradicionais, como quilombolas, indígenas, ribeirinhos, pescadores, caiçaras, extrativistas, caboclos, populações periféricas, populações da periferia dos centros urbanos e demais como estratégia de luta pela educação ambiental – ou educação ecossocialista - em sua perspectiva crítica/emancipatória.*

8 - *Aprofundar a discussão sobre as pandemias como a COVID 19, a Zica, a dengue e a H1N1 como provenientes de políticas e práticas relacionadas à exploração do trabalho, ao racismo ambiental, ao sucateamento e privatização de atividades essenciais e à destruição de ecossistemas.*

9 - *Defender, em articulação com os povos tradicionais e originários e universidades, as relações de saúde tradicionais não-capitalistas, de maneira a fortalecer o potencial da etno-medicina, da memória biocultural e expansão das práticas fitoterápicas para superar a dependência das farmacêuticas e alcançar maior autonomia no cuidado da saúde da sociedade.*

10 - *Que o ANDES-SN se articule e apoie as atividades nacionais do MAM (Movimento pela Soberania Popular na Mineração), do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) e outros movimentos de atingidos pela atividade mineradora, para denunciar os conflitos gerados pela atividade minerária e debater um outro modelo de uso e exploração dos recursos naturais não-renováveis e energéticos.*

11 - *Que o GTPAUA e o GTCeT realizem uma reunião conjunta para discutir os Planos Nacional de Mineração 2030 e 2050 e o Plano Nacional de Energia 2050.*

12 - *Apoiar por direito de autodefesa do povo Yanomami na luta contra as mineradoras, os garimpeiros e as forças de repressão do Estado que não garantem real proteção para os povos originários.*

13 - *Que o ANDES-SN lute ao lado dos povos originários contra o Projeto de Lei 191/2020, em tramitação na Câmara dos Deputados em regime de urgência, que prevê regulamentação do garimpo em terras indígenas e provoca destruição do meio ambiente e avanço da limpeza étnica contra os mais diversos povos originários do Brasil.*

14 - *Que o ANDES-SN lute pela não aprovação do PL 6.299/2022 (apelidado de PL do Veneno), aprovado em 02/02/2020 na Câmara dos Deputados e que retornará ao Senado para aprovação. O PL revoga a maior parte dos dispositivos da Lei 7.802/1989, exclui a denominação “agrotóxico” e denomina de “pesticida”, centraliza no Ministério da Agricultura a fiscalização e análise de produtos.*

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Institua no calendário de lutas do ANDES-SN o dia 22/12 – Dia Nacional de Defesa da Amazônia e de luta sócio-ambiental nas Universidades, IFs e CEFETs.
2. Que o ANDES-SN apoie a luta auto-organizada de comunidades extrativistas, bem como se some às lutas pela instituição de reservas extrativistas.



Diretoria do ANDES-SN

POLÍTICA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

TEXTO DE APOIO

O ANDES-SN defende uma concepção de Ciência e Tecnologia (C&T) que está explicitada no “Caderno 2”^[1]. As diretrizes ali expressas apontam a necessidade de políticas de C&T que atendam aos direitos e interesses sociais, em especial da classe trabalhadora e dos segmentos oprimidos e/ou excluídos da sociedade, que em um sistema capitalista é negligenciada devido à apropriação indevida do conhecimento científico e tecnológico pela elite econômica e política do país, em detrimento dos benefícios que poderiam ser proporcionados a toda a sociedade.

A contribuição do ANDES-SN para as políticas de C&T está em suas publicações e na sua página. Além do referencial citado, suas produções *mais recentes* estão disponibilizadas para o conjunto da sociedade: a cartilha “Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação (Lei 13.243/16) – riscos e consequências para as universidades e a produção científica no Brasil” (Brasília/DF, março de 2017) e o Cadernos ANDES 28, “Neoliberalismo e política de C&T no Brasil – um balanço crítico (1995-2016)” (1ª edição, janeiro de 2018), mas há muitas outras contribuições.

Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FNDCT

Isso posto, passemos ao financiamento da C&T no Brasil, focando em especial no Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), que foi criado em 1969, como fundo contábil e financeiro, com o objetivo de “financiar a inovação e o

desenvolvimento científico e tecnológico, com vistas a promover o desenvolvimento econômico e social do País.” Sua secretaria-executiva é a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), responsável “por todas as atividades de natureza administrativa, orçamentária, financeira e contábil.”^[2] Cabe sempre lembrar que o financiamento é condição fundante para estruturar e funcionar qualquer área social.

Assim, a importância do FNDCT é inegável, “tendo em vista que representou, em média, 33% dos recursos executados pelo governo federal na função ciência e tecnologia no período 2011-2020.” Atualmente, sua arrecadação baseia-se prioritariamente nos recursos dos fundos setoriais (ver Tabelas 1 e 2), sendo que “a maior parte dos recursos do FNDCT é executada via editais e chamadas públicas, o que envolve capacidade de planejamento, execução, acompanhamento e avaliação da Finep”. Vale ressaltar, o FNDCT tem representado 1/3 dos recursos destinados pelo governo federal à área de C&T.^[3]

Tabela 1 – Arrecadação do FNDCT de 1999 a 2021

(arrecadação por seus 16 fundos setoriais)

Valores Correntes em R\$ 1,00

Ano/Período	Arrecadado	Retorno da Finep*-	Total Geral
1999	106.645.280	.-	106.645.280
2000	244.871.716	.-	244.871.716
2001	460.584.534	.-	460.584.534
2002	917.940.998	.-	917.940.998
2003	1.317.736.578	.-	1.317.736.578
2004	1.408.401.961	.-	1.408.401.961
2005	1.616.830.110	.-	1.616.830.110
2006	1.850.361.965	.-	1.850.361.965

2007	2.016.068.668	2.339.833	2.018.408.501
2008	2.510.226.767	9.210.292	2.519.437.059
2009	2.639.341.052	25.072.294	2.664.413.346
2010	2.789.069.845	64.237.430	2.853.307.276
2011	3.536.978.131	94.549.263	3.631.527.394
2012	4.215.832.078	129.657.862	4.345.489.939
2013	4.551.363.338	178.747.238	4.730.110.576
2014	4.772.867.191	237.799.657	5.046.666.848
2015	4.458.819.529	440.703.433	4.899.522.962
2016	3.793.308.762	507.319.960	4.300.628.722
2017	4.120.539.096	560.784.710	4.681.323.807
2018	5.127.827.488	1.220.415.932	6.348.243.420
2019	5.434.347.620	879.006.943	6.313.354.563
2020	5.818.247.886	1.375.704.571	7.193.952.457
2021	7.730.274.738	2.567.794.101	10.298.068.839
1999-2021	71.438.485.411	8.329.343.519	79.767.828.931

Fonte: Tesouro Gerencial. Os dados foram reorganizados pelo GTC&T do ANDES-SN.

*Refere-se ao pagamento de juros e amortizações ao FNDCT pela Finep por empréstimos contraídos, retorno de investimento em fundos de empresas de base tecnológica e rendimentos das aplicações em tesouraria.

*Refere-se ao pagamento de juros e amortizações ao FNDCT pela Finep por empréstimos contraídos, retorno de investimento em fundos de empresas de base tecnológica e rendimentos das aplicações em tesouraria.

Tabela 2 – Arrecadação do FNDCT projetada para 2022 na LOA

(arrecadação projetada para seus 16 fundos setoriais)

Valores Correntes em R\$ 1,00

FNDCT	Arrecadação projetada na LOA	Arrecadação realizada (até set./2022)	% do realizado
16 Fundos Setoriais	7.844.813.307	6.010.082.975	76,6%
Retorno da Finep *-	1.210.847.817	2.826.134.575	233,4%
Total previsto arrecadar	9.055.661.124	8.836.217.550	97,6%

Fonte: Tesouro Gerencial. Os dados foram reorganizados pelo GTC&T do ANDES-SN.

*Refere-se ao pagamento de juros e amortizações ao FNDCT pela Finep por empréstimos contraídos e retorno de investimento em fundos de empresas de base tecnológica.

Os valores podem parecer muito significativos, mas não são, em especial porque são insuficientes para prover um adequado “Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia” que, inclusive, além de pouca organicidade (daí as aspas), tem sofrido contingenciamentos constantes dos já poucos recursos. Apesar de a partir de 2007 ter havido uma correção com o “retorno da Finep” (ver a terceira coluna da Tabela 1), os montantes de recursos a cada ano continuaram insuficientes. A título de comparação, observemos – por exemplo – as receitas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), órgão contemplado com “o mínimo de um por cento” da receita tributária do estado (constituição paulista de 1989, art. 271). Essa escolha foi proposital para mostrar a importância da vinculação de recursos para o planejamento e a execução de atividades na área da C&T, com vistas ao desenvolvimento social e econômico do estado, no caso. Mas isso não quer dizer que achamos que os recursos da Fapesp sejam necessariamente adequados. Vejamos os números.

Tabela 3 – Receitas da Fapesp, 2012 a 2021

Em dólares.

Ano	Transferências do Tesouro	Total*
2012	893.844.658	1.090.918.618
2013	957.047.596	1.168.330.641
2014	998.745.173	1.222.521.710
2015	1.045.335.371	1.350.088.934
2016	1.057.714.553	1.344.197.903
2017	1.111.410.356	1.338.994.548
2018	1.179.770.909	1.370.278.686
2019	1.350.534.401	1.453.195.782
2020	1.405.370.233	1.441.294.746
2021	1.693.258.505	1.784.585.951

Fonte: Fapesp, Estatísticas e Balanços. Dados reorganizados pelo GTC&T do ANDES-SN.

*Total = transferências do Tesouro + outras receitas + receitas/saldos de exercícios anteriores.

(ver: <https://fapesp.br/9250/evolucao-das-receitas>)

Ao cotejar os dados das Tabelas 1 a 3 (atenção: nas duas primeiras os dados estão referenciados em reais, enquanto na última em dólares), fica muito evidente – consideradas as diferentes abrangências referentes aos âmbitos nacional e paulista, respectivamente – a disparidade de tratamento no que diz respeito ao financiamento de C&T no país. Enquanto o orçamento do FNCDT para o ano de 2021 foi aproximadamente de 10,3 bilhões, o da FAPESP foi da ordem de 9,3 bilhões^[4]. E, para além do que já dissemos, tal financiamento é muito importante para garantir o tripé ensino-pesquisa-extensão nas universidades públicas, devido ao fato de que, apesar de constituir investimento, a pesquisa, em especial a básica, é cara e, sem financiamento adequado, fica inviabilizada ou não ocorre a contento. Mesmo que se alegue que o estado de São Paulo é o mais bem aquinhado da União, é razoável argumentar sobre a

necessidade da vinculação, em cada estado, de um percentual de suas receitas tributárias para a C&T, se possível, acompanhada de uma adequada Reforma Tributária, que elimine injustiças como as que penalizam as camadas subalternizadas da população e torne os impostos progressivos conforme a renda das pessoas.

Pressão de setores organizados da sociedade civil, entre eles do ANDES-SN, resultou na Lei Complementar n.º 177/2021, que alterou dispositivos anteriores, vetando a “limitação de empenho e movimentação financeira das despesas relativas à inovação e ao desenvolvimento científico e tecnológico”, modificando “a natureza e as fontes de receitas” do FNDCT e permitindo o acesso de programas desenvolvidos por organizações sociais (OS) a recursos deste fundo. Assim, a partir de então, o fundo passa a ser cumulativo, podendo seus valores serem aplicados em fundos de investimento e gerar rendimentos, incluindo saldos anuais não utilizados e, importante, proibindo contingenciamentos do FNDCT. Contudo, esta última medida e a liberação de recursos bloqueados em 2020 (R\$ 4,2 bilhões) foram vetadas pelo Executivo, sob a alegação de que “contrariam o interesse público”. Em seguida, o Congresso Nacional rejeitou os vetos presidenciais, trazendo a perspectiva de que tal financiamento seja regularizado, o que não exclui acompanhamento e intervenção nos orçamentos anuais (ver: Circular n.º 409/2022, de 24/11/22).

Em outras palavras, conseguiu-se reverter a inadequação de não poder utilizar no ano seguinte os recursos que, por algum motivo, não tivessem sido executados no ano corrente, situação na qual tais recursos eram destinados a “melhorar o resultado primário do governo em detrimento do fomento à CT&I”^[5], o que era um absurdo.

Ademais, os efeitos da Lei Complementar n.º 177/2021 deverão ampliar ao longo do tempo os recursos disponíveis para serem executados, cabendo aos setores organizados da sociedade, entre eles o ANDES-SN, acompanhar regularmente a execução desses recursos pelo FNDCT e buscar a perenização de recursos adequados para C&T na legislação em vigor, onde, ainda, isto não acontece.

Avaliação CAPES

Recentemente, acompanhamos desdobramentos da política de avaliação dos programas de pós-graduação utilizada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A CAPES foi criada em 1951 com a missão de expandir e consolidar a pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, tendo como primeiro presidente Anísio Teixeira. Desde 1992,

a CAPES é uma Fundação Pública ligada ao Ministério da Educação (MEC) e, em 2007, também passou a atuar na formação de professores(as) da educação básica^[6].

Para debatermos o significado da avaliação instituída pela CAPES é preciso reconhecer que a pós-graduação guarda relação com as políticas de C&T. Após a aprovação da Lei de Propriedade Intelectual (Lei n.º 9.279, de 14/05/96) no governo FHC, a lógica produtivista, alinhada aos interesses do setor privado, passou a compor mais fortemente os processos de avaliação. A Lei n.º 9.279 “introduziu no setor métodos de avaliação exclusivamente quantitativos, tais como número de doutores em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), número de patentes, número de pesquisadores e engenheiros na indústria e o gasto privado em P&D, entre outros” (caderno 28, pág. 31).

Esse primeiro movimento levou a uma sequência de legislações que fizeram avançar uma mudança de paradigma da C&T brasileira: a aplicação do conhecimento gerado ao mecanismo produtivo. E, ao incorporar a propalada inovação, as funções essenciais da universidade e dos institutos públicos de pesquisa passaram a ter direcionamentos para os interesses do capital.

Uma das medidas que fez avançar esse modo de pensar e fazer C&T no Brasil foi a aprovação em 2016 da Lei 13.243, o Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação - MLCTI.

O MLCTI distorce a carreira docente, comprometendo a indissociabilidade das dimensões do fazer docente: o ensino, a pesquisa e a extensão. O caráter gerencial adotado pelas avaliações, que exige mais publicações como elemento de aferição da eficiência acadêmica, com a regulamentação do MLCTI, vai se somar à exigência de “mais patentes e produtos economicamente mensuráveis”, tidos como produção intelectual. Tais elementos compõem a adoção de avaliação individual do trabalho realizado como condição para ingresso e manutenção em programas de pós-graduação (caderno 28, pág. 82).

O modelo de universidade gerencialista é reforçado pelo sistema de avaliação adotado pela CAPES, em que se estabelece uma eficiência baseada na competição entre indivíduos e entre grupos. Os critérios de avaliação incentivam a disputa entre programas e grupos de pesquisa. O sistema de classificação que hierarquiza sujeitos, grupos de pesquisa e programas de pós-graduação leva à desqualificação de grande parte das professoras e professores que realizam ensino, pesquisa e extensão por reduzir aquilo que é chamado de avaliação a aferições meritocráticas e produtivistas. O melhor exemplo disso é o “ranqueamento” dos Programas de Pós-graduação (PPGs), para definição de suas notas e, portanto, de sua “qualidade”^[7].

A “avaliação” CAPES tem se traduzido como meramente um sistema de aferição, uma vez que as atividades do tripé ensino, pesquisa e extensão não são entendidas como elementos indissociáveis para a formação crítica, contextualizada nas demandas sociais e nas condições

reais em que se dá o trabalho acadêmico. Uma avaliação de fato deve ter por princípio a melhora da qualidade do ensino de pós-graduação, sendo também processual e não apenas referenciada em “produtos”. De forma que se deve garantir a participação de todos os setores envolvidos na avaliação, em processos transparentes, de forma crítica e pública, cujos critérios devem ser apresentados *a priori*. A avaliação do trabalho deve ser feita pelos envolvidos em torno do projeto comum e os mecanismos de avaliação dos programas de pós-graduação devem ser plenamente democratizados, como condição para evitar que a autonomia seja subordinada à lógica de distribuição de recursos e a sua qualidade seja subordinada à lógica de um ranqueamento que desconhece as diferenças econômicas, sociais, locais e históricas entre os PPGs.

Há também o fato de que os parâmetros utilizados para avaliação são os da produção naqueles campos de conhecimento mais aplicados, isto é, mais diretamente voltados para as demandas econômicas. Patentes, artigos em revistas dos extratos superiores segundo o sistema Qualis e produções com vários(as) autores(as), por exemplo, atestam isso. As humanidades e as áreas científicas não aplicadas, que valorizam mais os produtos de longa duração e execução (livros, p.ex.), não produzem patentes e não necessariamente apresentam ‘produtos’ com vários(as) autores(as). Essa uniformização a partir dos critérios das ciências ‘mais úteis’ distorce a produção científica no campo das humanas e das artes.

Fundo Patrimonial

Em 4 de janeiro de 2019 foi criada a Lei 13.800 que trata da Regulamentação do Fundo Patrimonial, dispõe sobre a constituição de fundos patrimoniais com o objetivo de arrecadar, gerir e destinar doações de pessoas físicas e jurídicas privadas para programas, projetos e demais finalidades de interesse público, cujo objetivo é, segundo o texto da lei em seu parágrafo único: apoiar instituições relacionadas à educação, à ciência, à tecnologia, à pesquisa e à inovação, à cultura, à saúde, ao meio ambiente, à assistência social, ao desporto, à segurança pública, aos direitos humanos e a demais finalidades de interesse público.

Essa lei, no que tange à constitucionalidade, fere a autonomia universitária, se tomarmos como referência o artigo 207 da Constituição Federal de 1988. Onde consta que as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, vale envidar esforços de ampliarmos o debate junto às categorias de professores(as), técnicos(as)-administrativos(as) e estudantes quanto ao desdobramento da lei

em questão na dinâmica das IES, visto que a unidade gestora do Fundo Patrimonial é uma entidade privada, o que deixa em dúvida a manutenção da autonomia administrativa e da gestão financeira das IES.

Equipe de transição, novo governo e as lutas para o próximo período

Após a vitória da luta popular, com a eleição de Lula-Alckmin, iniciou-se o processo de transição com a constituição de equipes temáticas coordenadas. No caso da Ciência e Tecnologia, o grupo de trabalho (GT) está composto, por exemplo, por ex-ministros de Ciência e Tecnologia de governos anteriores do Partido dos Trabalhadores. Segundo reportagem do Valor Econômico de 8 de dezembro de 2022⁶, esse GT da transição está apontando propostas de “aumento no Orçamento de 2023 dos recursos destinados ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); pedido de devolução da medida provisória (MP) que bloqueia até 2027 recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT); pedido para que o Tribunal de Contas da União (TCU) interrompa a liquidação do Centro Nacional de Tecnologia Eletrônica Avançada (Ceitec)”. Assim como em outros GTs da transição, o tema da revogação da emenda constitucional 95 (EC 95) não aparece como central nas discussões sobre C&T. Temos reforçado a posição de que é fundamental revogar a EC 95 para que possamos garantir orçamento público adequado para o desenvolvimento de C&T nas instituições públicas, universidades e institutos de pesquisa.

Vejamos o caso dos recentes cortes do governo Bolsonaro que afetaram o pagamento de bolsas de estudantes da graduação e pós-graduação. No comunicado do governo federal recebido pelas instituições, a justificativa para os cortes é a EC 95. Sabemos o quão fundamental é a reversão dessa situação, mas não podemos deixar de apontar a necessidade de garantirmos o reajuste das bolsas que estão congeladas desde 2013. Como executar essa medida mantendo a EC 95? A Associação de Pós-Graduandos (ANPG) aponta o índice de reajuste de 67,97%, o que necessariamente demandaria um aumento no orçamento da Ciência e Tecnologia. Temos visto como faltam bolsas e recursos para a consolidação de programas de pós-graduação e para o desenvolvimento de projetos de C&T. As cifras necessárias para avançarmos para um sistema de Ciência e Tecnologia públicas não suporta a manutenção de uma medida que congela gastos por 20 anos. O contexto pós-pandemia da COVID-19 assinala ainda mais a necessidade

⁶<https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/12/08/grupo-tecnico-de-ciencia-e-tecnologia-vai-apresentar-seis-propostas-a-coordenacao-da-transicao.ghtml>

de termos mais ciência e mais tecnologia para salvar vidas e ajudar a solucionar os problemas que afetam o conjunto da sociedade, e isso se faz garantindo recursos públicos suficientes.

Outro tema ausente na transição são os prejuízos do Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação (MLCTI - Lei Nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016), uma vez que o marco foi proposto no governo da ex-presidente Dilma Roussef no primeiro mês de 2016. Temos acompanhado, desde sua proposição, como o MLCTI tem sido usado para fazer avançar a privatização das universidades, institutos federais e CEFETs. No caso do governo Bolsonaro, seus interventores aproveitaram o MLCTI para regulamentar resoluções e normas internas que atacam a dedicação exclusiva de docentes, promovem ações privatizantes e colocam nossas universidades a mercê dos interesses de empresas que passam a utilizar a estrutura acadêmica para produção de pesquisas voltadas aos interesses do mercado.

Se a vitória de Lula fez avançar certo consenso sobre aumentarmos o orçamento da Ciência e Tecnologia, tão atacado pelo governo Bolsonaro, nosso sindicato reivindica que tenhamos dinheiro público para ciência e tecnologia públicas. Sabemos que a frente ampla que sustentará o novo governo e o histórico dos governos petistas apontam para um cenário em que as ações que consideramos privatizantes terão respaldo do futuro Ministério de C&T. Nesse sentido, será fundamental ampliarmos nossa mobilização em torno de nossas pautas históricas para que a Ciência e Tecnologia esteja a serviço dos interesses da classe trabalhadora e da sociedade como um todo.

[1] Cadernos ANDES 2, 4ª edição, atualizada e revisada, 2013, capítulo II, p. 31-38.

[2] <http://www.finep.gov.br/a-finep-externo/fndct>

[3] http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10619/1/NT_82_Diset_Previs%C3%A3odearrecadacao.pdf

[4] Valor aproximado usando cotação do dólar de 1º de dezembro de 2022 de R\$ 5,20.

[5] http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10619/1/NT_82_Diset_Previs%C3%A3odearrecadacao.pdf

[6] <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/historia-e-missao>

[7] "A comparação entre programas da mesma área faz com que as métricas e os pesos atribuídos aos itens de avaliação tenham que se readequar ao longo dos anos, já que não é possível que todos os programas alcancem a mesma nota, sempre terão programas com notas inferiores ocupando a última posição da escala de classificação. Dessa forma, pode-se dizer que a avaliação realizada pela CAPES é criterial e normativa ao mesmo tempo, já que utiliza critérios iguais para todos, no entanto, estimula a competição e impõe uma dinâmica de alteração e elevação de padrões de qualidade. Ademais é regulatória, pois uma avaliação insatisfatória resulta no descredenciamento dos programas" (CAPES, 2019. *Relatório DAV de Avaliação Multidimensional de Programas de Pós-graduação*. p.6)."

RESOLUÇÕES DO 40º CONGRESSO DO ANDES-SN

II – POLÍTICA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

O 40º CONGRESSO do ANDES-SN delibera:

1. Dar continuidade ao acompanhamento, às análises jurídicas e ao planejamento de ações sobre as diversas propostas e legislações que possuem relação com o tema da Ciência e Tecnologia, dentre elas: Lei 10.973/2004, Lei de Inovação; Lei 11.196/2005, “Lei do Bem”; Decreto 5.563/2005 (revogado p/ Decreto 9.283/2018); Decreto 5.798/2006, incentivos fiscais à pesquisa tecnológica e desenvolvimento de inovação tecnológica; Lei 11.587/2007, abre ao Orçamento Fiscal da União crédito suplementar ao

Ministério do Meio Ambiente 2011 – Instrução Normativa; 1.187/2011, disciplina incentivos fiscais à pesquisa, tecnologia e desenvolvimento inovadores 2015; Emenda Constitucional 85/2015 – acréscimo de Inovação ao lado de C&T na CF/1988; Lei 13.243/2016, MLCTI; Decreto 9.283/2018, regulamenta o MLCTI; Lei Complementar 177/2021 – FNDCT; Lei Complementar 182/2021 – “Marco Legal das Startups.

2. Intensificar a luta contra as iniciativas de regulamentação do MLCTI no âmbito das universidades federais, estaduais e municipais, institutos federais e CEFETs.
3. Que as seções sindicais continuem realizando o levantamento dos prejuízos em termos de bolsas, tanto na defasagem de seus valores, quanto na quantidade da oferta de bolsas de pesquisas da graduação e da pós-graduação, que a cada ano vem sendo restringida.
4. Intensificar a luta articulada com outros setores do serviço público e com as entidades científicas pela revogação da EC 95 e seus impactos na ciência e tecnologia.
5. Que o ANDES-SN, por meio das regionais e suas seções sindicais, participe das iniciativas com os demais sindicatos e entidades científicas em defesa das ciências e instituições científicas, em conformidade com os princípios definidos nos Cadernos 2 e 28.
6. Desenvolver ações sobre o tema da Ciência e Tecnologia Pública no seio da Campanha Nacional “Defender a educação pública é nossa escolha para o Brasil” promovida pelo ANDES-SN.
7. Lutar pelo fortalecimento de um sistema público de tecnologia da informação e comunicação que garanta o caráter de acesso amplo, gratuito e público nas IES e denunciar e combater o avanço das plataformas privadas nas instituições públicas.
8. Intensificar a luta contra os cortes de bolsas no âmbito da Ciência e Tecnologia e Humanidades, bem como exigir o aumento de bolsas de acordo com a demanda e que os valores pagos garantam as condições de estudo e vida para estudantes e pesquisadore(a)s.
9. Que o ANDES-SN, por meio dos GTs Ciência e Tecnologia e GT Verbas, realize avaliação da destinação de recursos financeiros do governo federal para Educação e C&T, com foco na tecnologia social com vista a identificar as perdas para as instituições públicas de ensino e pesquisas e características de instituições privadas contempladas com financiamento federal.
10. Que o ANDES-SN, por meio das regionais e suas seções sindicais, participe das iniciativas com demais sindicatos, entidades científicas, redes e coletivos que atuem em defesa das ciências e da liberdade acadêmica em conformidade com os princípios definidos nos Cadernos 2 e 28.
11. O ANDES-SN deve atuar na construção de amplo movimento nacional em defesa da ciência e da produção do conhecimento no Brasil, envolvendo todas as entidades representativas das universidades, as sociedades científicas pela recomposição do orçamento da Ciência e Educação para garantir que as verbas públicas sejam destinadas às instituições públicas, contra os aspectos privatistas do MLCTI.

RESOLUÇÕES DO 65º CONAD DO ANDES-SN III - POLÍTICA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

O 65º CONAD do ANDES-SN delibera:

- 1 - Ampliar a participação do ANDES-SN, especialmente por meio das seções sindicais, nas atividades e estudos da entidade Auditoria Cidadã da Dívida, intensificando a luta em defesa da efetivação da auditoria da dívida pública pelo governo federal.
- 2 - Aprofundar a luta pelo aumento de recursos públicos para as Universidades públicas estaduais e municipais) e para os Institutos Federais e CEFETs.
- 3 - Lutar pela ampliação dos recursos públicos para o financiamento da pesquisa e da pós-graduação no país.
- 4 - Continuar a luta em defesa da aplicação dos recursos do fundo público exclusivamente para a educação pública.

TR – 22

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN, a partir da articulação com o GTC&T, atualize o caderno 28.
2. Que o ANDES-SN lute pela vinculação de recursos destinados à C&T.

3. Que as seções sindicais lutem para que as fundações de amparo a pesquisa nos estados tenham vinculação de recursos adequados na legislação.
4. Que o ANDES-SN, por meio de suas seções sindicais, combata a lógica produtivista e meritocrática aplicada à avaliação dos programas de pós-graduação das IES. Que lutem pelo estabelecimento de um sistema de avaliação participativo, democrático e transparente, que preze pela qualidade e contextualização do trabalho realizado e que permita a potencial melhoria de todos os programas de pós-graduação do Brasil, com o fim do ranqueamento.
5. Que o ANDES-SN lute por um sistema de avaliação da pós-graduação que respeite as particularidades de produção e publicização dos produtos científicos ou dos conhecimentos das diversas áreas e culturas científicas.
6. Que o ANDES-SN lute por orçamento adequado para a CAPES, e que a distribuição de recursos vise a melhora dos programas de pós-graduação, especialmente daqueles que ainda não estão consolidados.
7. Que o ANDES-SN lute por orçamento adequado para o CNPq e para a FINEP, com chamamentos públicos que estejam voltados para os interesses da sociedade.
8. Que o ANDES-SN intensifique a luta, em articulação com o movimento estudantil, para garantir o reajuste das bolsas de ensino, pesquisa e extensão.
9. Que o ANDES-SN, em articulações com as seções sindicais, lute pela revogação das resoluções e normas que regulamentam o MLCTI nas universidades, institutos federais e CEFETs.
10. Que o ANDES-SN, em articulações com as seções sindicais, provoque debates nas IES sobre a Lei n.º 13.800/2019, a fim de apontar ações que impeçam a normatização dessa lei na dinâmica das instituições de ensino.

TEXTO 23

Diretoria do ANDES-SN

POLÍTICA DE SEGURIDADE SOCIAL E ASSUNTOS DE APOSENTADORIA

TEXTO DE APOIO

Assuntos de aposentadoria e assédio do Funpresp

Completando quatro anos de governo federal genocida, são cada vez mais alarmantes os avanços dos desmontes das políticas públicas para saúde e previdência. Os primeiros anos de pandemia, com negação da vacina, denúncias de mau uso do dinheiro público previsto para combater a pandemia e congelamento do teto dos gastos, os anos de 2020 e 2021 foram de muita luta para tentar manter as condições de vida e saúde dos nossos docentes, técnicos(as)-administrativos(as), aposentados(as) e pensionistas. Muitos(as) docentes morreram, e a maioria, mais de 80%, era de aposentados(as) que estavam no pleno direito de usufruir os direitos conquistados durante tanto tempo de trabalho no serviço público.

O Decreto n.º 10.620, de 25 de fevereiro de 2021, que visa a centralização das atividades de concessão e manutenção das aposentadorias e pensões, relativas ao Regime Próprio de Previdência Social da União, no Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), para entidades da administração indireta, e no Sistema de Pessoal Civil da Administração Federal (SIPEC), para os órgãos integrantes da administração direta do Poder Executivo, atravessou o cotidiano da comunidade acadêmica. Esta mudança torna-se perigosa para nossa categoria em função da mesma ocorrer em um dos momentos mais críticos do INSS, com um déficit de cerca de 10 mil servidores(as) no órgão. Esta transferência cria novos obstáculos que serão enfrentados pelos(as) servidores(as) e pensionistas para a manutenção e a concessão desses direitos, conforme análise de especialistas.

Como se não bastassem todos os ataques que as(os) docentes vêm sofrendo, a pressão com as mudanças no regime de previdência foi uma ofensiva ainda maior. O Funpresp, desde o seu nascedouro, entrou para as instituições com caráter oficial, sendo apresentado e divulgado, inclusive nos colegiados superiores das universidades e para a(o) docente, já no ato de sua posse. Além disso, nos Recursos Humanos das instituições os novos professores e técnico-administrativos são pressionados a aderir. O(A) docente, na maioria das vezes, sequer tem a possibilidade de avaliar a proposta, tendo seu poder decisório cerceado, pois é imposta, a adesão, em algumas instituições, como se fosse condicionada a sua posse. O ANDES-SN, historicamente na defesa dos(as) docentes, já produziu cartilha sobre o Funpresp e outros materiais, na lógica de que as(os) docentes não sejam enganados e/ou iludidos, pois os prejuízos são irreversíveis.

O assédio que as(os) docentes vêm sofrendo intensifica-se a partir da Lei 14.463, de 26.10.22, que reabriu o prazo para opção do servidor público federal pelo regime de previdência complementar, alterando a Lei 12.618, de 30 de abril de 2012, e a Lei 9.250, de 26 de dezembro de 1995, para adequá-las à EC 103, de 12 de novembro de 2019, estabelecendo a natureza jurídica do benefício especial.

A partir de então, não se limitam mais a forçarem a adesão no ato da posse das(os) docentes, ou mesmo a participação nos conselhos das instituições. Sobretudo a partir da Lei 14.463/2022, invadem quase que diariamente as caixas de e-mail e, como se não bastasse, inclusive o whatsapp, nas chamadas para adesão ao Funpresp, “ainda dá tempo”, “não perca a oportunidade”, entre tantas outras formas de constrangimento à(ao) docente.

A Reforma da previdência no âmbito dos estados

Importante registrar que a Reforma da Previdência no âmbito dos estados e de muitos municípios em todo o Brasil foi dando passos largos, mesmo antes do Decreto federal. Para ilustrar este cenário, acompanhamos a reforma da previdência nos estados, em que, mesmo em alguns governos da frente popular, a agenda foi imposta de forma truculenta, sem nenhuma negociação e debate com os servidores públicos. No caso do estado do Piauí, com a reforma da previdência de 2016, assim como nos estados do Ceará e Bahia, o enfrentamento à Reforma se deu com muita luta. Se a Reforma pode ser considerada bem sucedida para os governos, isso ocorre em função do aparato da segurança pública que, de forma truculenta, impediu que os servidores pudessem até mesmo assistir às sessões e protestar, direito de todo trabalhador.

O aumento da contribuição dos servidores foi inexplicável, sem nenhuma justificativa o percentual saiu de 11% para 14% e, para completar, houve o retorno da contribuição dos aposentados com o mesmo percentual, 14%.

Os estados de Alagoas, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe também aprovaram suas Reformas. A maioria antecipou os requisitos para a aposentadoria previstos na Reforma da Previdência no espaço Federativo, sendo aprovados: 65 anos de idade para os homens e 62 anos de idade para as mulheres; com 25 anos de tempo de contribuição, devendo ter 10 anos de efetivo exercício no serviço público e 5 anos no cargo efetivo em que for concedida. Nos estados de Sergipe, Bahia e Rio Grande do Norte a situação ficou diferenciada, sendo estabelecida, para as mulheres, a idade mínima de 62 anos para se aposentar ao invés de 60 anos e, para os homens, mantendo os 65 anos de idade. Na Bahia, a idade mínima de aposentadoria dos homens ficou em 64 anos e das mulheres em 61 anos. Neste

estado está em discussão um novo texto da Reforma da Previdência para os servidores estaduais, fruto da luta da categoria. E o estado do Rio Grande do Norte instituiu para os(as) servidores(as) a idade de 65 anos para homens e 62 para as mulheres, 25 anos de contribuição, 10 anos de efetivo exercício no serviço público e 5 anos no cargo em que deseja a aposentadoria.

Na região Norte, nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, também a reforma da previdência foi anterior. No Acre os(as) servidores(as) terão as seguintes regras para a aposentadoria: 65 anos de idade, se homem, ou 62 anos de idade, se mulher, possuir 25 anos de tempo de contribuição, sendo que desse valor o(a) servidor(a) deve ter 10 anos de efetivo exercício no serviço público e 5 anos no cargo efetivo em que for concedida a aposentadoria. Foi prevista uma aposentadoria “mais facilitada para os professores, servidores da saúde que exercem atividades com exposição a agentes químicos, físicos e biológicos prejudiciais à saúde e para policiais civis e agentes penitenciários”, com regras diferentes em alguns itens, sendo o cálculo da aposentadoria as 80% maiores contribuições do segurado, e não 100% como acontece com as reformas dos outros estados. O estado do Amazonas possui os mesmos requisitos de aposentadoria, exceto a forma de cálculo, que considera 100% das contribuições para o cálculo de benefício. No estado do Pará, o requisito etário é o mesmo dos outros estados, mas, aumenta em 35 anos de tempo de contribuição, para os homens, ou 30 anos de tempo de contribuição, para as mulheres, para ter direito a aposentadoria.

No estado do Amapá a elevação da contribuição previdenciária da alíquota de 11% para 14% também aconteceu. Em Rondônia, as regras aprovadas são iguais às do texto da Reforma da Previdência nacional. No estado de Roraima, a principal mudança foi em relação à contribuição previdenciária, que ficou entre 11% e 14%, sendo que a alíquota correta depende do valor recebido pelo servidor estadual. Tocantins também seguiu as normas da Reforma nacional, com aumento no recolhimento previdenciário de 11% para 14% em cima do vencimento do servidor de imediato, sem escalonamento.

Na região Centro-Oeste, o Distrito Federal e os estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul aprovaram as suas respectivas reformas com aplicação no mesmo ano. Nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, as regras de aposentadorias são as mesmas do âmbito federal, com: 65 anos de idade para os homens e 62 anos de idade para as mulheres e mais 25 anos de tempo de contribuição, dos quais 10 anos devem ser de efetivo exercício no serviço público e 5 anos no cargo. Importante destacar que os pensionistas e aposentados do Mato Grosso que recebem até R\$ 3.000,00 foram isentos de contribuição

previdenciária. No Distrito Federal não aconteceu, no texto aprovado, nenhuma alteração nos critérios de aposentadoria, sendo a mudança na alíquota de contribuição de 11% para 14%.

Na Região Sudeste, os estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo aprovaram, também, suas Reformas. No Espírito Santo, as regras de aposentadoria são as mesmas que a Grande Reforma da Previdência, incluindo uma aposentadoria mais rápida para policiais civis, agentes penitenciários, agentes socioeducativos e para servidores(as) expostos(as) a agentes químicos/físicos/biológicos nocivos à saúde. Nos estados de São Paulo e Minas Gerais, a Reforma seguiu as regras do ordenamento legal nacional, com exceção a alíquota de contribuição, que agora vai variar entre 11% e 16%, a depender da remuneração do servidor estadual. A Reforma do Rio de Janeiro seguiu a mesma linha da Grande Reforma da Previdência, com uma alíquota de contribuição limitada a 14%.

Na Região Sul, os estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul acompanharam os outros estados brasileiros, com os requisitos de aposentadoria seguindo os critérios da Reforma da Previdência nacional. O estado do Rio Grande do Sul, diferente dos outros, escolheu uma alíquota de contribuição previdenciária progressiva, no mesmo calendário dos servidores federais. Conclui-se, neste cenário, que a maioria dos estados brasileiros aprovaram uma alíquota fixa de 14% a título de contribuição à Previdência do Regime Próprio.

No contexto dos municípios, cada prefeitura está editando uma espécie de lei confirmando as regras da Reforma Estadual ou Federal, com possibilidades de fazer reformas diferenciadas em função de cada ente federativo ter autonomia e não precisar acatar na íntegra as regras definidas pela Reforma do seu estado ou da União[1].

Novos desafios

Uma importante vitória este ano foi o andamento do PL 2.757/2021, proposto pela deputada Talíria Petrone, que cria a aposentadoria por cuidados maternos. A Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher aprovou o Projeto de Lei 2.757/2021, reconhecendo o cuidado materno como trabalho e garantindo a aposentadoria para mulheres com filhos que não conseguiram se aposentar por outros meios. O PL foi aprovado junto com outros projetos semelhantes, como os de Perpétua Almeida e Jandira Feghali, que tentam assegurar às mulheres o direito à maternidade e ao espaço de trabalho com cuidado digno para seus filhos e, mais fundamental, o reconhecimento de que o cuidado materno precisa ser reconhecido como trabalho e que essas mães devem ter direito à aposentadoria. As deputadas envolvidas com esses Projetos de Lei consideram que há muito, ainda, a avançar com relação à discussão sobre a

divisão dos cuidados com os filhos, mas, a presença de mais mulheres neste espaço de poder segue garantindo avanços. A luta em 2023 é para assegurar a aprovação total dos projetos.

Por último, é importante salientar que, nestes próximos anos de retomada da democracia, a luta pela revogação desse ordenamento legal que retirou direitos dos trabalhadores é fundamental e a reposição salarial, bem como a dos planos de Cargos, Carreiras e Vencimentos (CVV), é questão central. Cada ente precisa de autonomia para garantir as reposições e atualizações devidas, por isso, uma luta conjunta garante o fortalecimento de todes, todas e todos os(as) servidores(as) públicos(as). A luta maior travada em 2021 e 2022 pela não votação da PEC 32, a PEC da Reforma Administrativa, mostrou o lugar importante que o ANDES-SN, juntamente com o FONASEFE e as Centrais, tiveram para garantir a retirada da PEC da pauta, impedindo que a votação acontecesse.

O desmonte do SUS e dos Hospitais Universitários

O ANDES-SN tem o compromisso de continuar a luta pela revogação da criação da Ebserh, conforme nossas resoluções congressuais; de denunciar o que está ocorrendo nos espaços onde essa Empresa foi implementada; e de fomentar o debate junto com as seções sindicais sobre os danos desta forma de gerenciamento dos serviços públicos, que, na prática, desvia os recursos públicos para a iniciativa privada. Fizemos uma luta histórica em conjunto com a FASUBRA e a Frente Nacional contra a Privatização na Saúde (FNCPS, pela valorização dos serviços públicos, o que só pode ocorrer com financiamento 100% público.

Para além do paulatino subfinanciamento, nas duas primeiras décadas dos anos 2000, todos os hospitais universitários (HUs) brasileiros sofreram sérias dificuldades relacionadas ao agravamento da falta de investimentos, ao sucateamento de seus parques tecnológicos e à carência de pessoal, devido à ausência de concursos públicos.

Foi neste cenário que a Ebserh surgiu (Lei n.º 12.550/2011), apontada pelo governo federal como solução para todos os problemas! Mas a adesão de cada IFES e seu HU foi e vem sendo realizada sob luta e resistência de servidores e servidoras docentes, técnico-administrativos(as) e educacionais, além de estudantes.

Entre 2011 e 2018, quarenta, dos cinquenta HUs federais, assinaram contratos e passaram a ser administrados pela Ebserh (vide **Box 1** para detalhes).

Box 1. Hospitais Universitários das IFES com contrato com a Ebserh, até 2018.

Região Centro-Oeste	Hospital Universitário de Brasília da Universidade de Brasília (HUB/UnB) Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (HUMAP/UFMS) Hospital Universitário Julio Müller da Universidade Federal de Mato Grosso (HJUM/UFMT) Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados (HU/UFGD) Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (HC/UFG)
Região Norte	Hospital Universitário Getúlio Vargas da Universidade Federal do Amazonas (HUG/UFAM) Hospital de Doenças Tropicais da Universidade Federal do Tocantins (HDT/UFT) Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza da Universidade Federal do Pará (HUBFS/UFPA) Hospital Universitário João de Barros Barreto (HJBB/UFPA)
Região Nordeste	Hospital Universitário da Universidade Federal do Piauí (HU/UFPI) Hospital Universitário Prof. Alberto Antunes da Universidade Federal de Alagoas (HUPAA/UFAL) Complexo Hospitalar Universitário Professor Edgard Santos da Universidade Federal da Bahia (HUPES/UFBA) Maternidade Climério de Oliveira (MCO/UFBA) Hospital Universitário Walter Cantídio da Universidade Federal do Ceará (HUWC/UFC) Maternidade Escola Assis Chateaubriand (MEAC/UFC) Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão (HU/UFMA) Hospital Universitário Lauro Wanderley da Universidade Federal da Paraíba (HULW/UFPB) Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco (HC/UFPE) Hospital Universitário da Universidade Federal do Vale do São Francisco (HU/Univasf) Hospital Universitário Ana Bezerra da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (HUAB/UFRN) Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL/UFRN) Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC/UFRN) Hospital Universitário de Sergipe da Universidade Federal de Sergipe (HU/UFS) Hospital Universitário de Lagarto (HUL/UFS) Hospital Universitário Alcides Carneiro da Universidade Federal de Campina Grande (HUAC/UFCEG) – assinou contrato em 2015 Hospital Universitário Júlio Bandeira (HJJB/UFCEG)
Região Sudeste	Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes da Universidade Federal do Espírito Santo (HUCAM/Ufes) Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC/UFMG) Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (HC/UFT) Hospital Universitário Prof. Dr. Horácio Carlos Panepucci da Universidade Federal de São Carlos (HU/UFSCar) Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora (HU/UFJF) Hospital Universitário Gaffrée e Guinle da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (HUGG/Unirio) Hospital Universitário Antônio Pedro da Universidade Federal Fluminense (HUAP/UFF) Hospital de Clínicas de Uberlândia da Universidade Federal de Uberlândia (HC/UFU)

Região Sul	Hospital Universitário de Santa Maria da Universidade Federal de Santa Maria (HUSM/UFSM) Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas (HEUPel) Complexo Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná (CHC/UFPR) Maternidade Victor Ferreira do Amaral (MVFA/UFPR) Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr. Da Universidade Federal do Rio Grande (HU/FURG) Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago da Universidade Federal de Santa Catarina (HU/UFSC)
------------	---

Fonte: CORREIO BRASILIENSE, 2018[2].

De 2018 para cá, a pressão para que a UFRJ e seu complexo hospitalar aderissem à Ebserh tem avançado. Em 2021 enfrentamos a pauta da contratualização da Ebserh, sendo debatida no Conselho Superior com a aprovação de iniciar as tratativas para a assinatura de adesão ao contrato. Da mesma forma que fizemos em 2012, quando conseguimos, com a luta da comunidade acadêmica, impedir a adesão da UFRJ à Ebserh, continuamos a apoiar o Movimento organizado por estudantes, docentes e técnicos(as) para “barrar” a adesão à Ebserh nessa universidade, entendendo que a luta tem que ser pela revogação de todos os contratos de adesão à Ebserh.

As denúncias confirmam as expectativas e previsões sobre o impacto da gestão privatista dos HUs proferidas pelo movimento sindical e por inúmeros Fóruns e entidades, que vêm lutando em defesa do SUS e da Educação Superior pública.

Sucateamento dos HUs com fechamento de setores visando reduzir custos, falta de manutenção na infraestrutura e em equipamentos, supressão da oferta de serviços relevantes para populações vulneráveis e disponibilização de insumos hospitalares de péssima qualidade e/ou em quantidade insuficiente, incluindo medicamentos para tratamento de câncer, demonstram a mercantilização da saúde em detrimento da função/missão do hospital-escola.

A gestão pela Ebserh também tem se configurado como uma ameaça à autonomia universitária e à gestão democrática do hospital-escola na medida em que as decisões não incluem amplo diálogo nem com funcionários(as) da Ebserh nem com a comunidade acadêmica.

Assédio moral com perseguição da gestão da Ebserh a servidores(as) público(a)s. Fragmentação da categoria de trabalhadores e trabalhadoras dos HUs com a instalação de desigualdades trabalhistas, já que servidores(as) públicos(as) recebem de 20% a 30% menos que os funcionários da Ebserh, contratados(as) via concursos simplificados, por tempo determinado (sem estabilidade) e pela CLT, mesmo desempenhando as mesmas funções. Estes são mais alguns exemplos dos prejuízos para o ambiente de trabalho nos HUs sob a gestão da estatal.

O resultado consolidado desse cenário é que a Ebserh não conseguiu cumprir as promessas contratuais, seja por impedimentos políticos e econômicos, ou administrativos,

levando a nenhuma ou reduzida ampliação de leitos e serviços, do quadro de pessoal e do parque tecnológico, o que tem impacto direto na finalidade do hospital-escola e no atendimento SUS.

Os problemas dos HUs têm se agravado, a qualidade do hospital-escola está ameaçada e os serviços têm sido restritos com justificativas meramente gerenciais. Trabalhadores(as) dos HUs encontram-se em condições ainda mais precárias de trabalho e mais divididos, pelas diferentes formas de contratação, reduzindo sua capacidade de organização e mobilização sindical.

Apesar disso, recentemente, em setembro de 2022, funcionários(as) de 36 HUs administrados pela Ebserh deflagraram greve reivindicando cumprimento de Acordos Coletivos de Trabalho vigentes e anteriores (2021/2022 e 2022/2023), assim como reajuste linear de 22,3% (três anos e meio sem reajuste de salários), e tiveram boa parte de suas reivindicações atendidas[3].

O Relatório elaborado pela Frente Nacional contra a Privatização da Saúde - FNCPS^[4], com levantamento de dados realizado até 2014, já vinha denunciando a gravidade da situação, apontando: 1) irregularidades, prejuízos financeiros e insuficientes serviços de saúde aos usuários; 2) indícios de desperdícios no uso do dinheiro público nas capacitações de gestores da Empresa; 3) irregularidades nos “concursos” realizados pela Ebserh; 4) insatisfação dos empregados contratados pela Ebserh explicitada através da deflagração de greves; 5) Desrespeito à autonomia universitária e aos órgãos colegiados de deliberação nos processos de adesão à Ebserh; 6) judicialização de demandas contra a Ebserh.

Nesse sentido, na reunião nacional do GTSSA, nos dias 24 e 25 de setembro de 2022, realizamos um Painel “Construção do Dossiê sobre Ebserh” com a participação da FNCPS, fizemos o convite a FASUBRA, mas não conseguiram participar. A organização do Dossiê, a ser construído de forma conjunta por ANDES-SN, FASUBRA e FNCPS, deve orientar-se a partir dos eixos: 1. Irregularidades, prejuízos financeiros e insuficientes serviços de saúde aos usuários; 2. Indícios de desperdícios no uso do dinheiro público nas capacitações de gestores da Empresa; 3. Irregularidades nos concursos realizados pela Ebserh; 4. Insatisfação dos empregados contratados pela Ebserh explicitada através da deflagração de greves; 5. Desrespeito à autonomia universitária e aos órgãos colegiados de deliberação nos processos de adesão à Ebserh; 6. Judicialização de demandas contra a Ebserh), acrescentando os Relatórios de Gestão e de formação e ensino (ENARE e Residentes); 7. Ensino e Formação – (o que está sendo vendido); 8. Financiamento; 9. Subfinanciamento do SUS; e 10. Entrada da inovação e empreendedorismo nos HUs.

A luta em defesa dos HUs das universidades federais deve se somar à luta pelos HUs das universidades estaduais que, para além do subfinanciamento, precarização do trabalho, falta de recursos humanos e fechamento de leitos, são ameaçados com a privatização via OS, Fundações, OSCIP.

Adoecimento docente

As mudanças econômicas que vivenciamos a partir, mais precisamente, da década de 90 e o significado dessas mudanças na educação, em especial na educação superior, vão levar aos rebatimentos na saúde do trabalhador docente.

As mudanças implementadas no sistema educacional, principalmente do nível superior, têm buscado colocar as IES públicas a serviço das empresas e desresponsabilizar o Estado do seu financiamento. Tais transformações têm rebatimentos sobre o trabalho docente que sofre com precarização através da ampliação da carga horária em sala de aula, aumento da relação estudante/professor, baixa remuneração, incorporação de novas tecnologias informacionais à prática docente, aumento do produtivismo acadêmico, principalmente a pressão por publicação de artigos científicos e orientações, busca por patentes e projetos para captação de recursos, fatores esses implicados, também, no processo de adoecimento docente.

Outro fato histórico da intensificação do trabalho docente foi gerado pelo sistema de ampliação do ensino superior a partir de políticas como o REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. A partir do Decreto n.º 6.096, de 24 de abril de 2007, o Governo Federal instituiu o projeto REUNI associado ao Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) do Ministério da Educação e Cultura com o objetivo de duplicar a oferta de vagas no ensino superior público. Em cinco anos, as metas eram: elevação da taxa de conclusão dos cursos para 90%, elevação da relação docente-aluno para 18, contando alunos de pós-graduação, e aumento do número de vagas em 20%. A expansão do ensino superior público no Brasil, já havia iniciado no governo Lula, passando de 114 Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) em 2003 para 237 em 2011, com a criação de 14 novas universidades e mais de 100 novos campi.

Hoje temos o Reuni Digital e o Plano Nacional de Educação Digital em tramitação no Senado, além de Reforma da Previdência (2003, 2013, 2019), Reforma Trabalhista (2017) e o Teletrabalho entrando no dia a dia das universidades e institutos.

Os diversos estudos realizados antes da pandemia de COVID-19 já demonstravam um quadro muito preocupante em relação ao adoecimento docente nas IES públicas. Os estudos

anteriores à pandemia sobre as repercussões do trabalho na saúde de docentes têm demonstrado queixas relacionadas tanto à saúde física quanto mental.

Chama atenção que, no Brasil, os docentes ocupam o segundo lugar na categoria das doenças ocupacionais e têm duas vezes mais chances de desenvolver estresse, depressão e ansiedade que as demais profissões.

A síndrome de Burnout ou síndrome do esgotamento profissional tem sido detectada com mais frequência na categoria docente e é definida como um tipo de resposta prolongada aos estressores emocionais e interpessoais crônicos no ambiente de trabalho. É uma síndrome do trabalho, originada na discrepância da percepção individual entre esforço e consequência, influenciada por fatores individuais, organizacionais e sociais. O indivíduo sente-se aprisionado a um trabalho que não pode suportar, ao mesmo tempo que não pode abandoná-lo.

O docente, de modo geral, enfrenta, atualmente, talvez um dos momentos mais desafiadores de sua profissão. A suspensão temporária da educação presencial trouxe de imediato um grande impacto no processo de ensino-aprendizagem e no trabalho de docentes e demais trabalhadores(as) nos espaços educacionais. Na maioria das IES públicas, as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão foram transferidas para *home office*. Os custos materiais de tais mudanças caíram sobre a categoria docente, compelida a adquirir equipamentos, aumentar despesas com energia elétrica e internet. Estudo realizado com docentes de nível superior demonstrou que apenas 11,3% receberam apoio financeiro das instituições como forma de melhorar o suporte tecnológico (BARBOSA et al., 2020).

De imediato, a maioria das IES, principalmente privadas, na busca de manter ou até mesmo ampliar as taxas de lucro, instituíram o ensino remoto emergencial (ERE), como um arremedo de Educação a Distância (EaD), violando a legislação vigente que regulamenta o ensino a distância. O ERE é constituído meramente por atividades síncronas e assíncronas que, sem apoio pedagógico ou estrutura adequada, buscou transpor para o ambiente virtual as aulas presenciais, desencadeando efeitos negativos na eficácia, na qualidade do ensino e no desempenho profissional (ANDES-SN, 2020).

As IES públicas, em sua maioria, não possuem recursos financeiros, tecnológicos e humanos para migrar o ensino para o ambiente virtual. No âmbito federal, o desfinanciamento da educação pública foi agravado com a aprovação da Emenda Constitucional 95, em 2016, que impôs um teto para os investimentos em políticas sociais por um período de 20 anos, ampliando, assim, as desigualdades socioeducativas. A grande maioria dos professores não teve tempo suficiente de preparação para atender as novas demandas pedagógicas trazidas pela pandemia, tais como o entendimento sobre o funcionamento de uma sala de aula virtual, como e quais

recursos podem ser usados para compor a aula e como criar um ambiente de aprendizagem minimamente estimulante.

A ausência da interação e da relação interpessoal natural e física, face a face, bem como a ação de desativar câmera e áudio em videoconferências, consolida a lógica unidirecional do ensino e aumenta ainda mais a percepção dos professores de estarem falando sozinhos.

Os estudos e reflexões preliminares sobre os efeitos da pandemia na saúde de docentes nas IES públicas têm apontado para a ampliação dos fatores de risco já previamente implicados no adoecimento docente, que abrangem aspectos biopsicossociais. A piora das condições materiais, a precarização do trabalho, a invasão da vida privada, a ampliação da carga horária de trabalho e a desmotivação podem impactar negativamente na saúde física e mental destes(as) profissionais, já comprometida mesmo antes do surgimento da COVID-19. A migração emergencial, complexa, impositiva e desestruturada para o ensino remoto acarretou aumento de horas trabalhadas, dificuldades de adaptação com as ferramentas tecnológicas, bem como o enquadramento de compromissos conjugais, materno-familiares e domésticos na nova rotina diária.

Retornamos ao ensino presencial sem condições seguras de trabalho, diante de um processo de precarização mais intenso, em todos os sentidos; temos presenciado o esvaziamento dos espaços coletivos e das trocas, com simultânea opção por um olhar individual sobre os impactos dos diferentes ataques que a categoria vem sofrendo. O resultado disso tem sido o maior adoecimento docente. Por isso, é ainda mais urgente que as seções sindicais façam o debate nas instituições de ensino, envolvendo toda a comunidade, e promovam o mapeamento da condição de saúde da nossa categoria.

Nos dias 17, 18 e 19 de março de 2023 realizaremos o VIII Seminário Nacional de Saúde do Trabalhador Docente, na ADUSP/USP, onde avançaremos no debate sobre o tema, construindo ações para o enfrentamento.

[1] Disponível em: <https://ingrancio.adv.br/reforma-da-previdencia-nos-estados-e-municipios>

[2] CORREIO BRASILIENSE (2018). 40 dos 50 hospitais universitários federais estão sob gestão da Ebserh. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/trabalho-e-formacao/2018/07/08/interna-trabalhoformacao-2019,693662/40-dos-50-hospitais-universitarios-federais-estao-sob-gestao-da-ebserh.shtml>. Acesso em: 1º dez. 2022.

[3] Set/2022. <https://sintrajufe.org.br/ultimas-noticias-detalle/luta-dos-trabalhadores-da-ebserh-conquista-223-no-tst-apesar-de-resistencia-do-governo/>

[4] FNCPS, 2021. Disponível em: <https://www.contraprivatizacao.com.br/2021/12/relatorio-analitico-das-irregularidades.html>.

RESOLUÇÕES DO 65º CONAD DO ANDES-SN

IV - POLÍTICA DE SEGURIDADE SOCIAL E ASSUNTOS DE APOSENTADORIA

O 65º CONAD do ANDES-SN delibera:

- 1 - Lutar pela reposição dos salários do(a)s aposentado(a)s.
- 2 - Que o ANDES-SN continue defendendo a revogação de todas as reformas previdenciárias das últimas décadas: 1998, 2003, 2019 e mobilizando para barrar a Portaria/INSS nº 1.365/21 e o Decreto nº 10.620/2021, que dentre outras propostas de retirada de direitos apresenta a criação de um órgão, ligado a ao INSS, para administrar toda a previdência do(a)s servidore(a)s público(a)s e pela aprovação do PLP 189/2021, atualmente em tramitação na Câmara dos Deputados.
- 2.1 - Produzir materiais explicativos (vídeos, cards, InformANDES) para informar e mobilizar a categoria, destacando a ameaça de transferência da previdência para o INSS.
- 3 - Atualizar a pesquisa que foi realizada e divulgada no ano de 2019, sobre situação de ataque à Previdência nos estados.
- 4 - Lutar de forma unificada em defesa dos direitos de aposentadoria com o conjunto do(a)s docentes - magistério superior e EBTT, docentes aposentado(a)s e da ativa, realizando atividades visando a divulgação e mobilização da base ANDES-SN por meio de materiais explicativos: cards, vídeos e InformAndes, bem como a articulação das seções sindicais com demais sindicatos de servidore(a)s, entidades e parlamentares.
- 5 - Lutar pelo retorno do(a)s aposentado(a)s ao projeto de carreira, em função da desestruturação da carreira docente e os impactos nas condições salariais do(a)s aposentado(a)s, decorrentes da não transposição.
- 6 - Resgatar os estudos das perdas para as diferentes "gerações" de aposentado(a)s, anteriores à contrarreforma da previdência.
- 7 - Realizar a II Jornada Nacional do(a)s Aposentado(a)s no segundo semestre de 2022.
- 8 - Denunciar e promover ações contra o Ministério da Economia que retirou do(a)s aposentado(a)s, por meio de uma nota técnica, os seus direitos com relação ao artigo 192, da Lei nº 8.112 do Regime Único do(a)s Trabalhadore(a)s, funcionário(a)s público(a)s, que se aposentaram a partir de 1995, inclusive retroagindo aos já aposentado(a)s.
- 9 - Intensificar a luta pela revogação da Lei nº 10.887/2004, que acabou com a integralidade e a paridade na remuneração, e da Lei nº 12.618/12, que estabeleceu o limite do teto do INSS para a aposentadoria e pensões dos serviços públicos federais.
- 10 - Elaborar um Dossiê sobre as consequências da implantação da EBSERH, denunciando os impactos negativos sobre os hospitais universitários cedidos à empresa, no que tange às condições de trabalho, ao ensino, à pesquisa, à extensão e à autonomia universitária, em articulação com CSP- Conlutas, FASUBRA, Frente Nacional Contra a Privatização da Saúde, a União Nacional dos Estudantes - UNE e seções sindicais que estão com a gestão da EBSERH nos seus HU, intensificando a luta pela revogação da Lei nº 12550/11 – EBSERH.
11. Atualizar o debate sobre a questão da EBSERH trazendo como temas: a) a militarização dos cargos do serviço público federal, incluindo a EBSERH, b) os altos salários, outras benesses da direção da EBSERH e os cargos ocupados nos HU, pagos com recursos públicos e superiores o(a)s servidore(a)s dos HU como também do(a)s servidore(a)s e professore(a)s de todas as Universidades Federais no nosso país e c) o processo de precarização do trabalho nos Hospitais universitários.
- 12 - Lutar pelo financiamento público dos HU ligados a universidades estaduais, bem como pela reposição de recursos humanos e infraestrutura que dê conta de formação e assistência de qualidade.
- 13 - Dar continuidade, em conjunto com as outras categorias, ao debate com a comunidade universitária sobre:
 - 13.a) a ameaça à autonomia universitária e de privatização da saúde pública;
 - 13.b) o fato de que a indústria de medicamentos e de equipamentos terá livre trânsito nos hospitais;
 - 13.c) o risco do atendimento preferencial a usuários de planos de saúde conveniados, em detrimento do atendimento 100% SUS;
 - 13.d) repercussão para as funções de hospital-escola.
- 14 - Intensificar a luta em defesa do SUS: a) denunciando o seu desmonte; b) elaborando materiais atualizados sobre a denúncia privatização da saúde, como as OS e a EBSERH, divulgando o papel e a política do seu SUS como promotor da política de saúde universal, por

meios de cards e vídeos com informações e depoimentos de docentes, técnica(o)s e estudantes sobre a experiência com a gestão da EBSEH; c) ampliação do financiamento público e com valorização da(o)s profissionais de saúde.

15 - Realizar o VIII Seminário Nacional de Saúde do(a) Trabalhador(a) Docente, no segundo semestre de 2022.

16 - Denunciar a situação das mortes de docentes por COVID-19 e das sequelas da Covid-19 (fisiológicas e cognitivas) que muito(a)s docentes, anteriormente contaminado(a)s, estão agora sofrendo, além do isolamento social. Neste sentido, lutar pelo tratamento especializado para o(a)s mesmo(a)s e garantia de licença e afastamento.

17 - Que as seções sindicais promovam debates sobre as condições da saúde docente, física e mental, com ênfase nas sequelas provenientes da COVID-19, no contexto da pandemia e do retorno presencial.

18 - Fazer um levantamento das IFES/IEES/IMES que realizaram estudo sobre os impactos da pandemia na saúde docente.

19 - Realizar um seminário sobre os 10 anos do FUNPRESP e das lutas que o ANDES-SN tem travado contra a privatização da previdência, como objetivo de balanço e atualização das campanhas sobre o tema FUNPRESP e a previdência complementar dos estados e municípios.

20 - Que o ANDES-SN e as seções sindicais mantenham-se na luta pela quebra das patentes das vacinas, defendendo a vacinação universal. Uma vez que a vacinação deve priorizar a proteção da vida de todos os seres humanos, independentemente de sua nacionalidade, raça, etnia, gênero ou classe. A vida acima dos lucros.

21 - Realizar um Seminário Nacional dos Hospitais Universitários, em articulação com a Frente Nacional Contra a Privatização da Saúde, a CSP-Conlutas e outras centrais sindicais que lutam contra a EBSEH, a Fasubra e a UNE e demais entidades do campo classista.

22 - Articular com Parlamentares Federais a criação da Frente Parlamentar em defesa dos Hospitais Universitários.

23 - Que a Assessoria Jurídica Nacional do ANDES-SN elabore um parecer sobre as alterações no regime de aposentadoria do(a)s servidore(a)s público(a)s, indicando ações jurídicas de enfrentamento à desestruturação do modelo de repartição simples, bem como sobre a transferência à(o)s servidore(a)s do ônus do déficit necessariamente gerado a partir das reformas previdenciárias, especialmente pela EC nº 103/2019, mediante o aumento das alíquotas de contribuição e outras restrições salariais. 24 - Avaliar o impacto da pandemia da COVID 19 no trabalho e na saúde docente nas Instituições de Educação Superior, com levantamento nacional, por parte das Seções Sindicais: (a) do número de mortes e adoecimentos de docentes em função da pandemia; (b) das condições de trabalho e de saúde docente no Ensino Remoto Emergencial; (c) o atendimento à saúde docente desenvolvido pelas Instituições de Ensino.

TR - 23

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Lutar para garantir remuneração integral e isonômica dos integrantes de mesmo nível da carreira, com reposição das perdas salariais, respeito aos direitos da carreira e reajustes que compensem as perdas acumuladas.

2. Lutar pela revogação das Reformas da Previdência - Lei n.º 10.666, de 8 de maio de 2003, e da Emenda Constitucional n.º 103, de 12 de novembro de 2019, contra as reformas que comprometeram de forma nefasta as aposentadorias e contra a Lei n.º 12.618, de 2012, que cria

o FUNPRESP, instituindo o regime de previdência complementar para os(as) servidores(as) públicos(as) federais de cargo efetivo, criando uma divisão entre os(as) servidores(as) que têm uma aposentadoria efetiva e os que estão a mercê do mercado com seus fundos previdenciários.

3. Lutar pela garantia da estrutura das IES com segurança para o ensino presencial e pela construção democrática de um “Plano Sanitário e Educacional: em defesa da vida e da educação”, visando a recuperação de todas(os) as(os) estudantes afetados(as) por dificuldades durante o período remoto, adequação das estruturas físicas, acesso a ferramentas digitais e condições de trabalho e estudo dignas e sanitariamente seguras.

TEXTO 24

Diretoria do ANDES-SN

PLANO DE LUTAS - HISTÓRIA E MEMÓRIA DO MOVIMENTO DOCENTE, COMISSÃO DA VERDADE DO ANDES-SN E CEDOC PROF. OSVALDO OLIVEIRA MACIEL

TEXTO DE APOIO

O ANDES-SN completou 41 anos em 18 de fevereiro de 2022. Desde sua fundação, temos como referência de lutas a defesa das liberdades democráticas. Enfrentamos o final da ditadura empresarial-militar e construímos nosso sindicato nacional a partir das greves em defesa da autonomia universitária, da carreira e pelo fim da ditadura e seu entulho autoritário.

Nos diferentes governos de conciliação de classe, não abrimos mão de nossa autonomia. , apoiamos a instalação da Comissão Nacional da Verdade, ainda que apontando os limites da manutenção da Lei de (auto)Anistia dos torturadores e do entulho autoritário ainda presente nas nossas IES. Denunciamos o não julgamento dos agentes do Estado que praticaram crimes contra a humanidade. Construímos a Comissão da Verdade do ANDES-SN, que produziu um relatório final, após vários debates, seminários, encontros e reuniões em eventos do nosso sindicato e das seções sindicais. No século XXI, tornamo-nos um sindicato que incorporou as pautas feministas, de gênero, étnico-raciais, com a aprovação da luta por cotas raciais no ensino superior, adotamos a consigna pela descriminalização do aborto e, por fim, somos um sindicato

que adota a paridade de gênero na direção nacional. O ANDES-SN assumiu as pautas relativas aos direitos humanos e de proteção da pessoa, além das pautas específicas de defesa da educação pública e dos direitos da nossa categoria, na perspectiva de constituir-se enquanto ator político e sujeito histórico em permanente construção.

A história brasileira é marcada por golpes e ações antidemocráticas que foram rotineiramente articuladas por frações burguesas e operadas por setores reacionários das Forças Armadas. Essa inflexão política, que tornou a chamada democracia interna bastante restrita, com constantes ataques às liberdades democráticas e ao arcabouço constitucional vigente em seus mais diversos períodos, tem como interesse vital retirar da cena social o povo e a classe trabalhadora. Essa é, em última análise, a pauta da operação que sempre unifica frações burguesas e militares entreguistas, antinacionalistas e golpistas por excelência.

Esses movimentos, que duradouramente se transformaram em golpes de Estado e atos antidemocráticos, consolidaram-se enquanto ditaduras, governos de exceção e ações que feriram gravemente as liberdades democráticas e os direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras. Com base nessa perspectiva histórica é que precisamos estar atentos(as) para tirar, ainda, as devidas lições sobre a ditadura militar que capturou o Brasil por 21 anos, mas, também, do governo do “agitador fascista” Jair Bolsonaro.

Se no primeiro cenário político a transição pelo alto amarrou-nos numa lei de Anistia, que absolveu os assassinos e torturadores dos porões do terrorismo de Estado, agora temos um conjunto importante de militares, tecnocratas e políticos do balcão de negócios do parlamento que incentivaram a morte de forma irresponsável diante da Covid 19, assim como a destruição dos serviços públicos, que impediu que o Estado brasileiro cuidasse dos pobres e da população preta, das mais diversas periferias, e dos indígenas, ao mesmo tempo que estimulou o racismo, a lgbtfobia, o machismo e a misoginia.

Diante desse perfil histórico, e da sinalização de um novo momento político com a chegada ao governo de Lula, devemos lutar para rever a lei de Anistia de 1979 e defender a punição de Bolsonaro, seus filhos e asseclas que, com seu governo de morte, destruíram milhões de vidas ao implantar políticas que causaram fome, irresponsabilidade social, venda do patrimônio público e abuso de poder. Não aceitaremos anistia e impunidade para esses criminosos.

No bojo dessa ampla investigação, que esperamos ser aberta pelo novo governo, devemos exigir que as informações sobre a Operação Condor sejam tornadas públicas e que os sigilos que Bolsonaro decretou sejam, também, tornados públicos. Temos que avançar nas lutas em defesa das liberdades democráticas, pela verdade, justiça e reparação.

Com o avanço da extrema direita em nosso país, uma série de medidas em relação ao nosso passado recente está sob ataque. A eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, indicou o quanto nossa democracia burguesa é frágil, especialmente num tema que vem sendo retomado, os direitos humanos e a herança do período da ditadura empresarial-militar. Notório defensor da tortura e da ditadura, suas primeiras medidas foram no sentido de desidratar a Comissão Nacional de Anistia, que passou a ter jurisdição da ministra ultraconservadora Damares Alves, sob tutela do Ministério da Família, Mulher e Direitos Humanos. Em seu mandato, os julgamentos de pedidos de Anistia e Reparação foram suspensos, e muitos casos revogados. É simbólica a negativa do pedido de Anistia e Reparação da ex-presidenta e ex-militante de esquerda, que foi presa e torturada, Dilma Rousseff. Em sessão da Câmara Federal do dia 21.06.2022, vários representantes de comissões de Anistiados e ex-presos e perseguidos políticos relataram o que foi o desmonte e o desvirtuamento das finalidades da Comissão, criada pela Lei 10.559/02, que trata da reparação aos perseguidos políticos durante a ditadura militar. O site da comissão informa já ter recebido 79.183 requerimentos, dos quais 75 mil foram arquivados. Há outros 263 em fase de finalização e 3.887 aguardando análise⁷. É preciso que as decisões desfavoráveis da Comissão Nacional de Anistia e Reparação sejam revogadas, para posterior análise e deliberação, bem como os membros da comissão sejam responsabilizados pelos desvios da função da comissão, legalmente instituída por decreto de nomeação do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Dentre outras medidas de desmonte do legado da Comissão Nacional da Verdade e Reparação, conforme levantamento do grupo de transição do governo eleito de Lula, na comissão de Direitos Humanos, em 2022, foram revogados 21 grupos de colegiados de participação da sociedade civil, outros 37 foram alterados e 14 tornados inativos. É urgente a recomposição desses colegiados e a revogação de decretos e portarias que comprometeram a participação social, inclusive de casos de portarias e nomeações da Comissão de Anistia e Reparação e Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos⁸.

Além dessas revogações, é preciso recompôr equipamentos e instituições que devem preservar a memória política recente do país, particularmente aquelas que lidam com as memórias da ditadura empresarial-militar de 1964 a 1985. Dentre as medidas de desmonte do legado da Comissão Nacional da Verdade e Reparação (Lei n.o 12.528/2011)⁹, temos a notícia

⁷ Fonte: Agência Câmara de Notícias, 21.06.2022.

⁸ Fonte: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2022/12/08/transicao-diz-que-damares-acabou-com-21-colegiados-dos-direitos-humanos.htm>

⁹ A Comissão Nacional da Verdade foi criada pela Lei 12.528/2011 e instituída em 16 de maio de 2012. A CNV tem por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988. Conheça abaixo a lei que criou a Comissão da Verdade e outros documentos-base sobre o colegiado. Em dezembro de 2013, o mandato da CNV foi prorrogado até

veiculada pelo blog de Ricardo Noblat¹⁰, de que o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, atualmente responsável pelo acervo reunido pela Comissão da Anistia, quer se desfazer, através de doação, de material de divulgação do trabalho desta Comissão, como livros, DVDs etc. Várias entidades manifestaram-se contra essa medida, que coloca em risco os materiais e documentos, fruto dos trabalhos da CNV, os quais devem ser preservados e, principalmente, divulgados em escolas, universidades, sindicatos e associações de pesquisadores que lidam com a história e a memória das lutas em nosso país.

Continuando os ataques do governo de extrema direita de Jair Bolsonaro, o atual presidente da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (Lei n.º 9.140/1995), Marco Vinícius Pereira de Carvalho, quer encerrar os trabalhos da Comissão, numa clara tentativa de revisão histórica, para impedir que a sociedade brasileira tome a ditadura empresarial-militar como o que ela realmente foi, uma ditadura que cassou direitos políticos, promoveu assassinatos e desaparecimentos de opositores políticos, adotou o arrocho salarial como política econômica. É o último ato de um governo genocida que representa o avanço do que há de pior na política nos últimos 40 anos.

É mais uma atitude para esvaziar as instituições que lidam com a memória e a história da ditadura empresarial-militar, é preciso também revogar a nomeação de Ricardo Borda D'Água de Almeida Braga, ligado à área da Segurança, como diretor-geral do Arquivo Nacional, que tem organizado exonerações de importantes profissionais de áreas estratégicas do arquivo. É no Arquivo Nacional, situado no Rio de Janeiro, que se encontram grande parte dos documentos sobre a ditadura empresarial-militar brasileira.

O CEDOC Prof. Osvaldo de Oliveira Maciel e a memória do ANDES-SN

O CEDOC - Centro de Documentação Prof. Osvaldo de Oliveira Maciel foi constituído por deliberação do 30º congresso em 2011. Desde então, faz parte da estrutura interna do nosso sindicato, encarregado de reunir os documentos importantes do ANDES-SN, organizar o acervo físico e preservar sua documentação.

A partir do 37º Congresso, o CEDOC ficou responsável pela elaboração do Projeto Memória do ANDES-SN e, em 2022, o 40º Congresso aprovou a realização de um Programa de História Oral do ANDES-SN, dando continuidade aos trabalhos previstos no Projeto Memória. O Programa de História Oral do ANDES-SN tem por metodologia a realização de entrevistas com pessoas que fizeram parte da história do nosso sindicato: docentes que atuaram na condição de militantes, diretores e ex-diretores, funcionários e ex-funcionários, companheiros de outras

dezembro de 2014 pela medida provisória n.º 632. Extraído de: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/a-cnv.html>

¹⁰ Extraído de: <https://www.metropoles.com/blog-donoblat/governo-se-desfaz-de-17-mil-de-obras-do-acervo-da-memoria-da-ditadura>.

entidades que tiveram relação com nossas campanhas. Nosso propósito é que essas entrevistas possam nos contar a história da instituição na perspectiva daqueles e daquelas que construíram e constroem o nosso sindicato.

Dessa forma, é importante atualizar as funções do CEDOC, tendo em vista que não se trata mais somente de organizar os *documentos recebidos* da secretaria, mas também de promover a divulgação e produzir documentos que possam construir nossa memória sindical. Seja através da realização de entrevistas com ex-dirigentes, funcionários(as), seja promovendo exposição permanente, através do Espaço Memória, seja produzindo material que sirva como referência às seções sindicais e secretarias regionais para boas práticas de arquivo, o CEDOC Prof. Osvaldo de Oliveira Maciel já é muito mais que um centro de documentação que tem a guarda do material produzido pelo nosso sindicato. Dessa forma, é preciso ampliar a denominação para incluir as funções de preservação e produção da memória do ANDES-SN. Por isso, estamos propondo a atualização da denominação atual, de CEDOC - Centro de Documentação, para CEDOC - Centro de Documentação e Memória Prof. Osvaldo de Oliveira Maciel.

Os 39º e 40º Congresso deliberaram pela continuidade dos trabalhos da Comissão da Verdade do ANDES-SN e o trabalho em conjunto com o GTHMD e o Centro de Documentação Prof. Osvaldo Oliveira Maciel para preservação, organização de documentos do Sindicato, pesquisa de informações, elaboração de relatórios sobre as perseguições políticas e manutenção das estruturas e da legislação repressiva das instituições de ensino superior.

O relatório final da Comissão da Verdade do ANDES-SN, publicado em novembro de 2020, apontou a estreita colaboração de gestões universitárias com a ditadura, como por exemplo, produzindo listas de membros da comunidade universitária para os órgãos de repressão; ou seja, as(os) inimigas(os) de classe costumam também estar entre nós.

Com os ataques promovidos pelo presidente genocida Jair Bolsonaro às instituições democráticas e os elogios recorrentes que faz ao golpe de 1964 e seus agentes executores, entendemos ser dever de todos(as) os(as) militantes por democracia e liberdade a organização de instrumentos jurídicos e políticos para que a ditadura de 64 seja vista tal como é, ou seja, uma ditadura empresarial-militar. Nesse sentido, a reunião do pleno do GTHMD indicou que o ANDES-SN recomende a organização de Comissões da Verdade nas IES em que não existem, e também a organização do GTHMD nas seções sindicais, para que o debate sobre a nossa história recente não fique circunscrita a poucos(as) estudiosos(as) e especialistas.

**RESOLUÇÕES DO 65º CONAD DO ANDES-SN
VI - PLANO DE LUTAS - HISTÓRIA E MEMÓRIA DO MOVIMENTO DOCENTE, COMISSÃO DA
VERDADE DO ANDES-SN E CEDOC PROF. OSVALDO OLIVEIRA MACIEL**

O 65º CONAD do ANDES-SN delibera:

1 - Continuar o programa Memória Viva do ANDES-SN com entrevistas de docentes e funcionário(a)s que fazem parte da história do Sindicato e iniciar o projeto de Memória Oral do ANDES-SN.

2 - Planejar e realizar uma exposição itinerante sobre os 40 anos do ANDES-SN, em articulação com as Secretarias Regionais do ANDES-SN e suas Seções sindicais.

3 - Que as seções sindicais avancem na orientação da organização de respectivo(a)s GTHMD, de Comissão Verdade e, quando possível, na conformação de centros próprios de documentação, com o objetivo de fortalecermos nacionalmente nossa luta pela memória, verdade, justiça e reparação.

TR - 24

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Promover uma campanha nacional pela revogação dos decretos e portarias do governo Jair Bolsonaro que criam obstáculos à investigação sobre os crimes cometidos em seu governo e enfraquecem a Comissão Nacional de Anistia (Lei n.º 10.559/2002), a Comissão Nacional da Verdade e Reparação (Lei n.º 12.528/2011) e a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (Lei n.º 9.140/1995).
2. Promover um Seminário Nacional sobre a História do Movimento Docente no primeiro semestre de 2023, na cidade de Campinas-SP.
3. Continuar o programa Memória Viva do ANDES-SN com entrevistas de docentes e funcionários(as) que fazem parte da história do Sindicato;
4. Dar continuidade ao Programa de História Oral do ANDES-SN, com apoio das seções sindicais.
5. Promover ações que visem a sensibilização das seções sindicais para a promoção de boas práticas de arquivo, contribuindo para a organização e preservação da memória do ANDES-SN e das seções sindicais, tendo como referência inicial a publicação “Manual de boas práticas de arquivo” do CEDOC Prof. Osvaldo de Oliveira Maciel, para criarmos um sistema de arquivos do ANDES-SN e das Secretarias Regionais.
6. Atualizar a nomenclatura do CEDOC - Centro de Documentação Prof. Osvaldo de Oliveira Maciel, para CEDOC - Centro de Documentação e Memória Prof. Osvaldo de Oliveira Maciel.



Diretoria do ANDES-SN

POLÍTICAS E AÇÕES PARA A CARREIRA DOCENTE - DIRETORIA DO ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

Um dos princípios fundamentais que orientam a luta do ANDES-SN em relação à carreira docente é o regime de trabalho em dedicação exclusiva, isto é, a prioridade que deve ser dada à contratação, via concurso público, de docentes neste regime. Esta posição histórica de nosso Sindicato está estreitamente vinculada à concepção de nosso projeto de Universidade, que compreende não apenas a indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão, o que por si só, demanda a manutenção e a ampliação de um quadro docente com dedicação exclusiva. Nossa posição também remete à consolidação da Universidade como um espaço de produção e disseminação de conhecimento comprometido com nossa realidade social, com a superação da desigualdade e com o estabelecimento de relações nacionais e internacionais soberanas e solidárias. Este princípio vem sendo atacado mediante a diminuição do percentual entre os diferentes regimes de trabalho com prejuízo à dedicação exclusiva e outros fatores como as limitações orçamentárias impostas às Universidades, a crescente privatização por dentro, realizada por meio de iniciativas como a EBSEH, a EAD e o Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação. Neste caso, em específico, há um total desvirtuamento da dedicação exclusiva mediante a permissão para que docentes sob este regime atuem na prestação e venda de serviços a corporações privadas, em detrimento daquilo que lhes compete como servidores públicos, à disposição da sociedade. Esta prática é muitas vezes estimulada pelas próprias instituições no intuito de arrecadar recursos próprios que, em grande parte, são canalizados para fundações de apoio e distribuídos arbitrariamente entre as diferentes unidades acadêmicas, rompendo, inclusive, com a autonomia das Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES). Ao fim e ao cabo, trata-se de mais um ataque do capital na captura dos fundos públicos, com enorme prejuízo para a população, as instituições de ensino e os trabalhadores e as trabalhadoras docentes que veem minadas as condições de garantia de uma carreira que lhes permita exercer atividades de forma criativa e crítica, autônoma em relação a interesses privados e comprometida com a formação qualificada de novas gerações.

Outro elemento a destacar como prejuízo na carreira e na qualificação docente para o exercício de suas atividades precípuas é o crescente acúmulo de tarefas administrativas, que tem nos sobrecarregado e pode, em muitos casos, caracterizar-se, até mesmo, como desvio de função. Desde a implementação de sistemas automatizados de gestão de pessoal e de gestão acadêmica, grande parte das informações que constituem os bancos de dados das IPES ficaram sob a responsabilidade de docentes. Tal acúmulo de funções ocorre também em prejuízo da

formação e qualificação de um corpo técnico-administrativo que, na especificidade de suas atividades de apoio, contribuem para maior dedicação de docentes ao ensino, à pesquisa e à extensão e, conseqüentemente, para o desenvolvimento mais equitativo e qualificado das funções de trabalhadores e trabalhadoras nas IPES, bem como de seus resultados.

DEFESA INTRANSIGENTE DA CARREIRA ÚNICA

A luta pela Carreira Única é um compromisso fundamental do ANDES-SN. Como destacado no nosso Caderno 2, a “carreira única para todos os docentes das IES, nos três níveis, é uma das aspirações históricas do Movimento Docente”. Mas, a despeito de ser uma política consolidada nas bases do nosso Sindicato, esta questão ainda se apresenta como campo de disputa entre a nossa categoria e as políticas neoliberais para a Educação Superior que, a partir dos ditames do Banco Mundial e da sua representação burguesa e parlamentar no Brasil, avançam sobre os direitos historicamente conquistados pelos(as) docentes das IES, tanto em nível Federal quanto nos níveis Estadual e Municipal.

Desde pelo menos o V CONAD (1982, Belo Horizonte), o ANDES-SN apresenta uma compreensão clara a respeito da unicidade entre ensino, pesquisa e extensão, e sobre a necessidade da constituição de uma Carreira Única no âmbito das IFES, IEES e IMES. Esse entendimento foi aprimorado ao longo dos anos e convertido em luta da nossa categoria por sua implementação. Em 1987, o Magistério Superior das IFES, depois de muita luta e de um vitorioso movimento grevista, conquistou a unicidade da carreira por meio do Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos (PUCRCE), possibilitando que se avançasse em uma proposta mais arrojada de Carreira Única para todos e todas os(as) docentes das IES, apresentada em 1993, no XII Congresso (Manaus). É a partir desse acúmulo histórico que o ANDES-SN insiste na luta pela implantação de um Plano de Carreira Única que não só assegure um plano de cargos e salários isonômico para toda a categoria, mas também a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e a garantia de organização sindical com unidade política e de reivindicação.

Embora nossa luta esteja ancorada no princípio da carreira única, envidamos todos os esforços para entender as especificidades que envolvem os(as) docentes do Ensino Básico Técnico e Tecnológico – EBTT. Nessa direção, realizamos o III Encontro Nacional do ANDES-SN sobre Carreira EBTT e Educação Básica das Instituições Estaduais e Municipais de Ensino Superior, em outubro de 2022, na cidade de Vitória-ES. Esse momento foi fundamental para o aprofundamento do debate sobre temas concernentes ao segmento, mas que reverberam em toda

a categoria docente. Do acúmulo desse evento podemos apontar as lutas em torno do combate à implementação do ponto eletrônico, especialmente o combate ao seu avanço nas escolas e colégios de aplicação, a necessária revogação da reforma do Ensino Médio que incide diretamente no trabalho dos(as) docentes atuantes na educação básica. Também foi central no encontro o combate a todos os processos que afastam os EBTT da atuação no ensino, pesquisa e extensão em articulação ao que é imprescindível para a qualidade do trabalho. Nesse sentido, é valorosa a iniciativa do ANDES-SN na garantia desse espaço e apontamos a necessidade de seguir fortalecendo a sua construção, para fortalecer nossa luta.

Entendemos que é justamente visando fragilizar esses compromissos caros à nossa categoria que o capital avança sobre as carreiras dos(as) docentes das IES e tenta adequá-las ao interesse do mercado. Uma dessas tentativas de fragilização se deu com a publicação da Portaria 983/2020. Apresentada pelo Governo Bolsonaro como complementação à Portaria 544/13, que regulamenta as atividades docentes no âmbito da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, a 983 tem como objetivo descaracterizar a Carreira Docente EBTT, por meio da imposição de um novo regime de horas trabalhadas, a ampliação da carga de ensino no âmbito dos IFs e CEFETs, o aprofundamento da não-presencialidade para muitas atividades acadêmicas e a instituição do controle de ponto eletrônico dos(as) docentes. Vale ressaltar que tais imposições contrariam compreensão já pacificada juridicamente por parecer da Advocacia Geral da União (AGU), de 11 de junho 2012, que rejeita a obrigatoriedade de ponto eletrônico para os docentes EBTT, considerando que a Carreira EBTT e a do Magistério Superior (dispensada do ponto pelo decreto n.º 1.590 de 10 de agosto de 1995) são isonômicas nesse sentido, por possuírem características similares em termos da natureza do seu trabalho e da dedicação a ensino, pesquisa e extensão. A Portaria 983/2020 foi uma tentativa de interferência direta na autonomia e democracia de gestão universitária, posto que fragiliza o tripé ensino, pesquisa e extensão, a formação dos estudantes, a capacitação e qualificação de professores, além de comprometer a organização sindical dos trabalhadores EBTT. Assim, outra luta muito importante para o próximo período é pelo arquivamento desta Portaria que fora suspensa em sua aplicabilidade até julho de 2022, mas que segue ferindo a autonomia dessas instituições e o trabalho docente EBTT.

O mesmo se observa no setor das IEES/IMEES, cujas carreiras ficam vulneráveis ao arbítrio dos governos estaduais e municipais de plantão, muitos dos quais se apresentam como sendo do campo de esquerda, mas que não hesitam em atacar suas universidades e os direitos historicamente conquistados da nossa categoria quando têm a chance. A própria diversidade das ferramentas de fragilização das carreiras nos diferentes estados é uma estratégia eficaz de romper não apenas com a unicidade da carreira, mas também prejudicar a possibilidade de

construção de luta política no setor, isolando os professores e professoras na luta pela reconstituição de suas carreiras. Mas, apesar dos diferentes métodos adotados pelas diferentes frentes de ofensiva contra as carreiras docentes, algumas características atravessam todos esses ataques, em ambos os setores. Desde o avanço do ensino remoto/híbrido e da precarização das licenciaturas nesse novo cenário de avanço da burguesia informacional sobre as universidades, como também da limitação do trabalho docente apenas à sala de aula, em um movimento de regressão na consolidação do tripé ensino, pesquisa e extensão, culminando em tentativas de controle do trabalho, que passam pelo aumento da carga horária de sala de aula e pela instituição do ponto eletrônico, este último já sendo uma realidade que compromete o trabalho dos TAE por meio da instituição do SISREF.

Se aprovada, a contrarreforma administrativa (PEC 32/20) aprofundará ainda mais essa ofensiva, em especial contra os SPF. Na sua forma atual, a PEC é um golpe violento sobre as universidades e sobre a carreira docente. Ela representaria uma privatização indireta do serviço público, incluindo as IFES, a partir da concessão de serviços públicos à iniciativa privada, deixando o Estado como agente subsidiário da operação desses serviços. Representa também o mais duro ataque às carreiras do conjunto dos servidores com o fim efetivo da estabilidade dos SPF, a redução de salário sem redução de jornada de trabalho, e a instituição de novos tipos de contrato de trabalho temporário e precarizado, além de prerrogativas de avaliação laboral altamente vulneráveis à perseguição política.

A proposta de contrarreforma administrativa aprofunda a desigualdade entre os servidores públicos, produzindo uma diferenciação radical entre aqueles e aquelas que terão garantido plano de carreira no serviço público e os que não terão – como apenas uma pequena parcela dos trabalhadores serão efetivamente considerados servidores públicos, apenas a estes estará garantido algum tipo de carreira estruturada. Os demais poderão ser avaliados a qualquer momento, demitidos por processos viciados, e ter seus salários definidos por lei complementar sem qualquer isonomia com outras categorias, por meio da supressão do parágrafo quinto do artigo 39 da CF e da obrigatoriedade de se garantir menor distância remuneratória entre servidores públicos federais. Essas são algumas medidas que podem ser pioradas por um Congresso ultrarreacionário, que trabalha constantemente pelo desmonte do serviço público e dos direitos sociais historicamente conquistados. Segundo a equipe de transição do novo governo eleito, uma nova proposta de reforma administrativa, construída a partir de uma concepção distinta do serviço público, será apresentada em substituição à PEC 32¹¹. Mas não nos enganemos, pois a única coisa que nos garante que esta será uma proposta condizente com as aspirações da nossa classe e com o compromisso histórico do ANDES-SN em defesa do

¹¹ <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/12/5057188-mercadante-diz-que-lula-apoia-reforma-administrativa-mas-nao-nos-moldes-atuais.html>

serviço público e da carreira docente é a mobilização constante dos e das docentes dos três setores das IES.

A precarização da carreira dos docentes do ensino superior público tem sido acentuada nos últimos tempos com a pressão para a curricularização da extensão nos cursos de graduação, presenciais e a distância, e com a expansão do percentual de EaD nos cursos presenciais.

CREDITAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

As ações de extensão universitária são vistas como uma forma de compartilhar os conhecimentos adquiridos na universidade com a comunidade extramuros, como um espaço de troca de conhecimentos entre academia e sociedade.

Além disso, a Reforma de Córdoba apontou a extensão universitária como um potencial instrumento revolucionário contra o capitalismo, a partir da constatação de que a revolução da sociedade passa necessariamente pela revolução da classe trabalhadora.

Mais de 100 anos após a reforma, o tripé da formação acadêmica – ensino, pesquisa e extensão - tem se consolidado nas instituições de ensino superior (IES) no Brasil, mas durante muito tempo o papel da extensão tem sido subdimensionado, como demonstram o baixo financiamento, tanto por editais internos como pelos externos às IES, o reduzido número de projetos e de cotas para bolsistas ou voluntários, assim como o valor das bolsas. Todos esses parâmetros, quase sempre, muito aquém do que ocorre em outros programas acadêmicos (iniciação científica e monitoria, p. ex.). O papel da extensão para a formação com compromisso social, entretanto, sempre tem sido enaltecido nos planos de desenvolvimento institucionais (PDI) das IES, porém sem impactar a sociedade e a classe trabalhadora como foi desejado.

O ANDES-SN, entendendo o potencial transformador da extensão universitária, visando uma formação acadêmica integrada, orientada pela reflexão crítica sobre a sociedade e a produção do conhecimento, defende a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, desenvolvidas de forma equilibrada, articulada e interdisciplinar, conectada aos anseios e às necessidades da maioria da população de forma regionalizada, contribuindo, assim, para a reparação da injustiça social à qual a sociedade brasileira tem sido submetida (ANDES-SN, 2013¹²). A ampliação das ações de extensão e o reconhecimento de sua importância continuam sendo metas das lutas do sindicato nacional.

¹² Caderno 2. Disponível em: <https://www.andes.org.br/img/caderno2.pdf>.

Após décadas de discussão, recentemente a creditação da extensão foi regulamentada (Resolução CNE/CES N° 07/2018). Apesar de surgir em atendimento ao anseio da categoria docente no sentido de institucionalizar e valorizar as ações de extensão nas instituições federais de ensino superior (IFES), em muitas IFES a forma não democrática e a demora em promover as discussões internas para consolidar a regulamentação local, impôs uma discussão açodada e sem o devido acúmulo pela categoria. O prazo nacionalmente imposto, e já prorrogado pelo Parecer CES/CNE N° 498/2020, encerrou a discussão em 19 de dezembro de 2022, preconizando o início da implantação dos novos projetos pedagógicos de curso, incluindo o mínimo de 10% de atividades de extensão entre as atividades de ensino, para janeiro de 2023.

Porém, a Resolução CNE/CES N° 07/2018, assim como as resoluções internas das IES, não prevê disponibilidade de recursos para que a creditação da extensão ocorra e garanta, inclusive, a segurança a estudantes e trabalhadore(a)s da educação envolvido(a)s. Há apenas indicação de que o PDI das IES contemple “a previsão e as estratégias de financiamento das atividades de extensão”.

Em tempos de cortes, contingenciamentos ou bloqueios das verbas destinadas ao funcionamento e manutenção das IFES, isto se traduz em mais desembolso de recursos dos próprios docentes, pessoal técnico-administrativo e estudantes para fazer a extensão funcionar. Ou ainda, a transformação da atividade de extensão em prestação de serviços, via de regra remunerados, abaixo do valor de mercado, ou seja, superexplorando a força de trabalho de estudantes e docentes e desvirtuando por completo esta função tão importante para a formação e para a troca de saberes entre as IES e a sociedade.

O impacto direto deste processo tem sido mais sobrecarga de trabalho para docentes, o que poderá significar o emprego de adaptações, que não atendem aos princípios da extensão universitária transformadora e conectada com as necessidades da comunidade, para cumprir apenas de forma cartorial o que foi preconizado e regulamentado.

ATIVIDADES A DISTÂNCIA NO ENSINO PRESENCIAL E EAD

A introdução da virtualidade nos cursos de graduação no Brasil não é novidade.

A possibilidade de oferta de disciplinas de graduação “que, em seu todo ou em parte, utilizem método não presencial” (Portaria MEC n° 2.253/2001), “na modalidade semipresencial” (Portaria MEC n° 4.059/2004) ou, finalmente “na modalidade a distância” (Portaria MEC n° 1.134/2016) foram ampliando a oferta deste modelo híbrido de “ensino” para

além dos cursos reconhecidos pelo MEC, mas mantiveram a oferta limitada a 20% dos PPC dos cursos. Mais recentemente, esse percentual foi ampliado para até 40% (Portaria MEC nº 2.117/2019).

Na verdade, esse ensino aligeirado, baseado na virtualidade, continua sendo imposto pelos organismos internacionais como forma de privatização da educação. É a estratégia da vez que o capital encontrou para se apropriar de mais uma fatia do fundo público.

A pandemia e a crise na educação básica pública, devido ao longo período em que as escolas ficaram fechadas e às dificuldades para que as salas de aula funcionassem no modo virtual, têm sido usadas como justificativa para ampliar ainda mais a Ead em todos os níveis da educação pública. Documento do Banco Mundial indica aprovação de projeto para recuperação da aprendizagem no Brasil, envolvendo cerca de 250 milhões de dólares, a serem aplicados nas regiões Norte e Nordeste do país, onde o impacto da pandemia sobre a aprendizagem teria sido maior¹³. A recuperação se dará por meio da implementação de programas e sistemas inovadores que visam fortalecer a gestão educacional nas escolas primárias e secundárias das regiões. Além de apoiar “sistemas educacionais inovadores”, que irão disponibilizar “ferramentas de gestão integrada e de educação às escolas públicas, incluindo plataformas adaptáveis de aprendizagem”. A ideia é fortalecer modelos híbridos de aprendizagem preparando as escolas para o enfrentamento de pandemias e desastres naturais futuros.

A situação não é diferente no ensino superior. Após décadas de sucateamento das instituições públicas de ensino superior (universidades federais, estaduais e municipais, institutos federais e CEFETs) e ausência de recomposição dos quadros de servidores(as) docentes e técnico-administrativos e educacionais, a pandemia da Covid-19 encontrou o trabalho docente em situação de grande precariedade. O cenário oferecido pelo ensino remoto emergencial foi ideal para o avanço da plataformização no ensino superior público. O retorno às atividades presenciais tem sido difícil, com pouca (ou nenhuma) adequação das instituições para enfrentar o trabalho presencial, e com a gestão das IES públicas mais preocupada em continuar economizando diante dos cortes da educação. Novamente, a sobrecarga de tarefas e funções que recaem sobre o(a)s docentes são inúmeras.

Toda esta sobrecarga de trabalho dos(as) docentes ocupa a agenda e consome os esforços individuais e coletivos que poderiam estar sendo empenhados na luta por carreira única para o Magistério das Instituições de Ensino Superior, conforme construída pela categoria após profunda discussão na base do Sindicato. A categoria docente, entretanto, tem passado por

¹³ BANCO MUNDIAL, 2022. Banco Mundial apoiará a Estratégia de Recuperação da Educação no Brasil. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2022/05/12/banco-mundial-apoiara-estrategia-de-recuperacao-da-educacao-no-brasil>

ampla transformação em sua composição, fruto dos contínuos ataques à carreira docente, à previdência, à aposentadoria, ao orçamento das instituições e aos necessários e constitucionais reajustes salariais, quanto à autonomia universitária. Por isso, faz-se necessário, como já aprovado no 65º Conad (Vitória da Conquista-BA, julho/2022) a retomada, em todas as SSInds e Secretarias Regionais, da discussão da proposta de carreira única a partir dos eixos já aprovados - formação continuada, titulação e valorização do tempo de serviço. E que a discussão inclua os princípios que fundamentam a proposta do ANDES-SN, conforme constam no Caderno 2: **1** – Regime de trabalho DE; **2** – Respeito da instituição pela indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão; **3** – Ingresso por concurso público; **4** – Paridade na remuneração e direitos entre ativos e aposentados (contra a criação de novas classes); **5** – Isonomia; **6** – Carreira baseada no Regime Jurídico Único (RJU); **7** – Desvinculação da estrutura de cargos na gestão universitária; **8** – Condições de trabalho que não comprometam a saúde e a segurança do docente, e considerem a complexidade de uma atividade que envolve relações humanas, construindo garantias mínimas de salubridade profissional; e **9** – Vinculação a um plano nacional de capacitação docente.

RESOLUÇÕES DO 65º CONAD DO ANDES-SN
V - POLÍTICAS E AÇÕES PARA CARREIRA DOCENTE

O 65º CONAD do ANDES-SN delibera:

- 1 - Que as seções sindicais, as Secretarias Regionais e o GT CARREIRA, nacional e localmente, promovam debate sobre a proposta de Carreira Única de Professor Federal do ANDES-SN.*
- 2 - Que as seções sindicais, as Secretarias Regionais e o GT CARREIRA, nacional e localmente, promovam debate sobre os eixos e dos princípios da Carreira, do orçamento e da privatização do fundo público, com vistas à realização do seminário.*
- 3 - Que o GT CARREIRA, em conjunto com o setor das IFES, IEES-IMES e GTPE, realize o III Encontro Nacional do ANDES-SN sobre a Carreira EBTT e Ensino Básico das Instituições Estaduais e Municipais de Ensino Superior abordando os princípios da carreira, do orçamento e privatização do fundo público.*
- 4 - Continuar a luta em defesa das carreiras das IEES-IMES conforme o Projeto de Carreira Única do ANDES-SN, as quais vêm sendo duramente atacadas pelos distintos governos.*
- 5 - Lutar pela revogação do Decreto nº 9.991/2019 que regulamenta a limitação percentual de licença docente e técnico para capacitação.*
- 6 - Retomar a luta pela negociação por remuneração integral e isonômica dos integrantes de mesmo nível da carreira, que unifique em apenas uma linha no contracheque os percentuais correspondentes à titulação e ao regime de trabalho. Os percentuais de acréscimos relativos à titulação serão: de 75% para doutor(a) ou livre-docente; de 37,5% para mestre; de 18% para especialista; de 7,5% para aperfeiçoamento. Tendo por base o regime de trabalho serão: 100% para o regime de 40h; 210% para o regime de DE. Intervalo remuneratório em percentual constante entre os níveis de carreira.*
- 7 - Que o ANDES-SN, por meio do GT Carreira, GTPE e das seções sindicais, acompanhe os efeitos da curricularização da extensão sobre a carreira docente.*

TR - 25

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que as Seções sindicais continuem a luta contra a implementação do ponto eletrônico nos IFs e CEFETs e nas escolas e colégios de aplicação vinculados às universidades federais;
2. Que o GT Carreira, em conjunto com o Setor das IFES, das IEES-IMES e o GTPE realizem o IV Encontro Nacional do ANDES-SN sobre Carreira EBTT e Educação Básica das Instituições Estaduais e Municipais de Ensino Superior no primeiro semestre de 2023;
3. Que o ANDES-SN, as Secretarias Regionais e as Seções Sindicais demandem a revogação da Portaria MEC N° 983/2020, cujo objetivo é impor um novo regime de horas trabalhadas aos docentes vinculados aos IFs e CEFETs, ampliar a carga de ensino no âmbito destas instituições, aprofundar a não presencialidade em muitas atividades de ensino e instituir o controle eletrônico de ponto aos docentes.
4. Que o ANDES-SN, Secretarias Regionais e Seções sindicais lutem contra a plataformização do trabalho docente, aí incluídas a revogação da Portaria MEC nº 2.117/2019, que amplia para até 40% o percentual de EAD na oferta de disciplinas nos cursos de graduação, e a introdução de sistemas e práticas de inovação do ensino vinculadas a fundações privadas e/ou corporações do campo tecnológico-informacional.
5. Que o GT Carreira, o GTPE e as Seções Sindicais mantenham acompanhamento sobre os efeitos da curricularização da extensão sobre a carreira docente e produzam análises para fundamentar a posição do ANDES-SN nesta questão.
6. Que o ANDES-SN fortaleça a luta pela ampliação da dedicação exclusiva como regime de trabalho prioritário nas IPES;
7. Que as seções sindicais acompanhem a regulamentação das atividades decorrentes do Marco legal da CT&I nas universidades, institutos federais e CEFETs, verificando os impactos sobre a dedicação exclusiva;
8. Que as seções sindicais promovam debates sobre o aumento de tarefas administrativas no trabalho docente, com vistas a fazer pressão sobre as instituições na redistribuição adequada destas tarefas em diálogo com o corpo técnico-administrativo.

TEXTO 26

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Agripino Alves Luz, Júnior (SINDUFAP); Alexandre Adalberto Pereira (SINDUFAP); Alexandre Macedo (ADUFPB); Alexandre José Medeiros do Nascimento (ADUFPI); Ângela Siqueira (ADUFF); André Rodrigues Guimarães (SINDUFAP);

Antônia Costa Andrade (SINDUFAP); Antônio Francisco Lopes Dias (ADCESP); Antônio Lisboa L. de Souza (ADUFCEG); Arthane Menezes Figueiredo (SINDUFAP); Beatriz Franchini (ADUFPEL); Carlos Rinaldo Nogueira Martins (SINDUFAP); Carlos Vicente Joaquim (SESDUF-RR); Cássio Alves (APUFPR); Celeste Pereira (ADUFPEL); Célio Ribeiro Coutinho (SINDUECE); Cenira Andrade de Oliveira (ADUFES); Ceres Torres (ADUFPEL); Claudia March (ADUFF); David Junior de Souza Silva (SINDUFAP); Elaine da Silva Neves (ADUFPEL); Elda Maria Freire Maciel (SINDUECE); Eliane Fazolo (ADUR-RJ); Enilce de Oliveira Fonseca Sally (ADUFF); Eptácio Macário Moura (SINDUECE); Erlenias Sobral do Vale (SINDUECE); Fabiola Kato (ADUFPA); Fausto Camargo Júnior (SINDCEFET-MG); Francisco Carlos Jacinto Barbosa (SINDUECE); Francisco Santiago (SINDUFAP); Gean Cláudio de Souza Santana (ADUFS-BA); Henrique A. F. Mendonça (ADUFPEL); Herrmann Vinicius Oliveira Muller (APUFPR); Janete Brito (ADCESP); José Carlos Marques Volcato (ADUFPEL); José dos Santos Souza (ADUR-RJ); José Raphael Bokehi (ADUFF); Lalo Watanabe Minto (ADUNICAMP); Leandro Machado dos Santos (ADUR-RJ); Liliane Soares (SINDUFAP); Lorena Moraes (ADCESP); Lúcia Izabel Silva (ADUFPA); Luciano Coutinho (ADUFRJ); Luiz Fernando Reis (ADUNIOESTE); Luiz Henrique Schuch (ADUFPEL); Luiz Paiva Carapeto (ADUFPEL); Marco Antonio Perruso (ADUR-RJ); Maria Angélica da Gama Coutinho (ADUR-RJ); Maria Conceição Rosa Cabral (ADUFPA); Maria do Carmo Lobato da Silva (SINDUFAP); Maria Edilene S. Ribeiro (ADUFPA); María Gabriela Guillén Carías (ADUFDOURADOS); Maria Jacqueline Girão (ADUFRJ); Maria Suely Soares (APUFPR); Marielson Rodrigues Guimarães (ADUFPA); Marinalva Silva Oliveira (ADUFRJ); Marise Fonseca dos Santos (APUFPR); Milena Martinez (APUFPR); Odete da Cruz Mendes (ADUFPA); Olgaíses Maués (ADUFPA); Omar Albornoz (ADCESP); Paulo Afonso da Silva Oliveira (SESDUF-RR); Paulo Marcelo Cambraia da Costa (SINDUFAP); Raquel Angela Speck (APUFPR); Regiana Blank Wille (ADUFPEL); Rhoberta Santana de Araújo (ADUFPB); Rosângela Assunção (ADCESP); Rosely Cabral Giordano (ADUFPA); Sandra Alessi (APUFPR); Sandra Maria Franco Buenafuente (SESDUF-RR); Sidney da Silva Lobato (SINDUFAP); Sônia Maria Araújo (ADUFPA); Sônia Regina Teixeira (ADUFPA); Tadeu Lopes Machado (SINDUFAP); Valdelaine Mendes (ADUFPEL); Veronica Fernandez (ADUFF); Vilson Aparecido da Mata (APUFPR); Viviane Narvaes (ADUNIRIO); Waldir Ferreira de Abreu (ADUFPA), Yurgel Pantoja Caldas (SINDUFAP).

PARA O ANDES-SN AVANÇAR NA POLÍTICA CLASSISTA CONTRA AS DISCRIMINAÇÕES E OPRESSÕES

TEXTO DE APOIO

Estamos apresentando o texto de apoio ao Texto de Resoluções, que proporrá contribuições à política e ao plano de lutas relacionados ao GTPEGDS. No texto, faremos uma breve introdução, seguida de elementos gerais que sustentam as Resoluções propostas.

No texto introdutório da Cartilha do GTPCEGDS, em 2016, assinalamos que o recuo do governo Dilma em temas caros aos direitos humanos favoreceria o avanço da bancada BBB (bancada da Bala, do Boi e da Bíblia) no Congresso Nacional. Essa bancada seguiria utilizando a velha receita da defesa da família tradicional, bem como da moral e dos bons costumes,

podendo trazer grandes e graves retrocessos aos direitos humanos, como também às lutas pela defesa dos direitos das mulheres, da diversidade sexual e etnicorracial e das pessoas com deficiência. Somaram-se a esses riscos o aumento exponencial do encarceramento feminino que, em 2018, acumulava, em 16 anos, mais de 650%.

De fato, o que se seguiu após a Cartilha foi um verdadeiro show de horrores. A começar pela agitação de extrema direita do Movimento Brasil Livre (MBL), que liderou ataques à exposição Queer Museu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira. A exposição reuniu 270 obras de 85 artistas que abordavam a temática LGBTQIAP+ (podia escrever a sigla), questões de gênero e de diversidade sexual a partir de meados do século passado. Durante o período da campanha eleitoral de 2018, as *fake news* da mamadeira de piroca e do “kit gay” foram amplamente utilizadas pelo então candidato Jair Bolsonaro, eleito no pleito à presidência da República daquele ano. De modo geral, a pauta dos costumes, centralizada na distorcida “ideologia de gênero”, foi utilizada de forma implacável e incessante por setores da extrema direita brasileira. Infelizmente, essa narrativa tem conquistado setores da classe trabalhadora, principalmente as frações que estão no neopentecostalismo. Sem a pretensão de apresentar a diversidade de violações à dignidade humana, que avançou muito no último período sob a regência do governo genocida de Jair Bolsonaro, citamos as mais diretamente relacionadas à atuação do GTPCEGDS: aumento nos casos de feminicídios e outras violências contra as mulheres cis e trans; avanço de casos de cunho racista e capacitistas dentro e fora das Instituições de Ensino Superior (IES); crescimento no número de assassinatos com cunho LGBTQIAP+fóbico.

Em relação ao capacitismo, se o modelo presente na agenda neoliberal era excludente para as pessoas com deficiência, nas circunstâncias atuais, agravadas pelo contexto da pandemia da Covid-19 enquanto crise sanitária, política, econômica e humanitária, mostraram um acirramento das situações de precariedade para as pessoas com deficiência. Todas as formas de opressão e exclusão destas pessoas foram aprofundadas com a pandemia e tendem a permanecer. Seu recrudescimento no atual cenário, bem como o enfrentamento às barreiras impostas diariamente, denunciam a ausência de políticas públicas e sociais e a precariedade da vida das pessoas com deficiência em sociedades capitalistas.

Em algumas situações mais imbricadas e complexas socialmente, essa vulnerabilidade se acentua quando atravessada por outros marcadores sociais como raça, classe, etnia, escolaridade, orientação sexual e identidade de gênero, dentre outros, possibilitando compreender como as relações sociais são construídas, como as sociedades se estruturam, como as disputas de saber-poder são forjadas e como as formas de governo e gestão da vida são constituídas. A deficiência, tal como raça, gênero, classe, faixa etária, é um marcador social e

como tais não operam isoladamente, tornando indispensável uma análise dos efeitos de suas intersecções.

Além disso, o genocídio de povos originários, quilombolas, comunidades tradicionais, religiões de matrizes africanas e lideranças ambientalistas, bem como o cenário de terra arrasada gerado pelas queimadas, pela emissão de gases tóxicos, pelo desmatamento e pelo agronegócio produzem um cenário de violências que articula gênero, classe, identidade de gênero, orientação sexual, raça e ambiente. Por exemplo, as catástrofes climáticas atingem mais diretamente as pessoas com deficiência, as mulheres, sobretudo as negras, indígenas e quilombolas – já vulnerabilizadas pela pobreza – a quem são impostos os cuidados com crianças, doentes, PCDs e idosos(as), além do sustento das suas famílias. Trata-se, portanto, de uma precisa articulação entre machismo e racismo ambiental.

Avanços e desafios para o ANDES-SN e demais setores da classe

Por outro lado, setores da sociedade têm se articulado e realizado verdadeiras barreiras contra o avanço do retrocesso no campo dos direitos humanos e da dignidade humana. No interior das IES, estudantes e docentes têm realizado atividades voltadas às temáticas com recortes etnicorracial, de gênero, identidade de gênero e/ou de orientação sexual na perspectiva de aumentar o nível de compreensão sobre a diversidade humana e de instrumentalizar a luta cotidiana em diversas frentes. Fora das IES, a juventude negra e periférica, as pessoas com deficiência, as LGBTQIAP+, as mulheres, os povos ciganos, indígenas e quilombolas têm se organizado e realizado diversas ações públicas como Marchas e Caminhadas, intervenções na cultura e na arte, na política partidária e ou sindical, além de mesas, debates e formações. Na última eleição, dobrou a quantidade de candidatas(os) e eleitas(os) LGBTQIAP+ para deputada(o) federal e estadual. Ainda assim, o número de eleitas(os) é de apenas 18 em todo o território nacional.

É possível reconhecer um acúmulo e avanço político, ainda que insuficientes para impor uma inflexão nessa ofensiva reacionária – talvez por essas iniciativas estarem pulverizadas e dispersas. O certo é que o nível e grau político-organizativo nas diversas áreas de sociabilidade não foram suficientes, ainda, para impor uma ofensiva nossa, o que sinaliza para uma tarefa importante, não apenas para o Sindicato Nacional, mas para toda a classe trabalhadora. Defendemos que o ANDES-SN tenha um papel importante na articulação com diversos atores da classe (entidades sindicais, movimentos populares e sociais, dentre outros) na perspectiva de pautar, fomentar e avançar sobre discussões políticas relacionadas ao GT.

Poucos são os dados públicos gerados e produzidos relacionando o grau de desigualdade nos indicadores socioeconômicos de machismo, racismo, lgbtqiap+fobia,

capacitismo, ecocídio e etnicismos, apesar do aumento da percepção no imaginário social da relação entre educação machista ou misógina e feminicídio e desigualdade de gênero no mercado de trabalho; racismo ou homofobia e acesso a direitos e serviços sociais pela comunidade negra e povos ciganos; e assassinatos e discursos de ódio contra a população LGBTQIAP+.

Para reverter esse quadro de desinformação, é necessária a inclusão de perguntas referentes à identidade de gênero, às PCD, à orientação sexual e aos povos ciganos nos censos, na Pesquisa Nacional por Amostra à Domicílio (PNAD) e nas demais pesquisas e estudos realizados pelo IBGE, assim como em pesquisas, levantamentos e estudos realizados pelos órgãos e sistemas públicos, como SUS e IES. O levantamento de informações geradas por pesquisas e estudos por órgãos e sistemas públicos, além de possibilitar uma maior e melhor caracterização da classe trabalhadora, ajuda a instrumentalizar a luta pelos direitos das mulheres, das e dos indígenas, negras e negros, da natureza, dos LGBTQIAP+, das PCD, do povo cigano e quilombola.

Importante reconhecer o conjunto de deliberações dos Congressos e CONADs: grande parte delas foi fruto de intensos e acalorados debates nas diversas instâncias do ANDES-SN e representam os esforços daquelas(es) que estão à frente nas lutas relacionadas mais diretamente ao GTPCEDS. Por isso, é necessário um levantamento dessas resoluções tentando atingir as principais deliberações ainda não cumpridas. Percebemos que muitas resoluções só ficaram no papel, tais como: *“Lutar, por intermédio das seções sindicais e em conjunto com todos os segmentos da comunidade acadêmica, pela criação de espaços de discussão e acolhimento de denúncias de violências contra a mulher, etnicorraciais e homofóbica nas IES”*, aprovada no 33º Congresso, ou a resolução *“Que o ANDES-SN, realize um painel que discuta a descriminalização e legalização das drogas, sua relação com a criminalização da pobreza, genocídio da juventude negra e o aumento do encarceramento feminino”*, aprovada no 38º Congresso. (sugiro que se tire ou o negrito ou o itálico...)

Compreendemos que é necessário consolidar as diversas deliberações de Congressos e Conad e avançar mais: tanto ao interior do Sindicato Nacional e suas Seções Sindicais e locais de trabalho das(os) docentes, quanto em diálogo e articulação com os demais setores da classe trabalhadora, que estão organizados em entidades sindicais, movimentos sociais e populares e organizações da juventude. Por isso, é importante que o acúmulo alcançado e que se expressa principalmente na composição da chapa para diretoria nacional e atividades do Sindicato Nacional se expresse, também, no cotidiano e na vida das Seções Sindicais do ANDES-SN: a diversidade da nossa categoria no recorte de gênero, etnicorracial, de orientação sexual e identidade de gênero e de pessoas com deficiência precisa se expressar nos diversos espaços

deliberativos do Sindicato Nacional como Congressos e Conad, diretorias, conselhos de representantes e outras instâncias. Respeitando, obviamente, a autonomia, o ritmo e o tempo de cada Seção Sindical.

Diante do exposto acima, apresentamos as seguintes propostas de resoluções congressuais:

TR – 26

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Em conjunto com movimentos sociais, organizações ou entidades sindicais:
 - a) Participar da luta realizada por organizações dos povos ciganos pela sua inclusão em pesquisas, estudos e levantamentos realizados pelo IBGE, SUS e demais órgãos e sistemas públicos;
 - b) Participar da luta realizada por organizações LGBTQIA não faltou um P?+ pela inclusão dessa população em pesquisas, estudos e levantamentos realizados pelo IBGE, SUS e demais órgãos e sistemas públicos;
 - c) Participar da luta das pessoas com deficiência para realização de Censo Estatístico para produção de dados sobre gênero, idade, classe, escolaridade, raça/etnia, território geográfico, orientação sexual e identidade de gênero começando pelas mulheres e meninas vítimas de violência;
 - d) Participar da luta realizada pelos movimentos em prol do desencarceramento;
 - e) Promover um seminário nacional sobre abolicionismo penal e punitivo, visando instaurar um debate aprofundado sobre esse tema;
 - f) Revogação da Emenda Constitucional nº. 95/2016, para retomada da disponibilização do orçamento público para as temáticas sociais.
2. Que as Seções Sindicais pautem que a composição de chapas para diretorias e conselhos fiscais e de representantes, bem como a delegação para congressos do ANDES-SN, tenha a paridade de gênero;
3. Que as Seções Sindicais estimulem a presença de docentes negras(os), indígenas, pessoas com deficiência e LGBTQIAP+ na composição de chapas para diretorias e conselhos de representantes, bem como na delegação para congressos do ANDES-SN;
4. Que, nos cursos de formação sindical promovidos pelo ANDES-SN, faça-se a articulação entre a luta de classes, gênero, orientação sexual, identidade de gênero, raça, pessoas com deficiência, ambiente e diversidade étnica da população brasileira;

5. Que o ANDES-SN e as Seções Sindicais realizem atividades, elaborem e produzam materiais que discutam a descriminalização e a legalização das drogas, na perspectiva de sua relação com a criminalização da pobreza, o genocídio da juventude negra e o aumento do encarceramento feminino;

6. Que o ANDES-SN e as Seções Sindicais realizem atividades, elaborem e produzam materiais sobre o combate ao capacitismo atravessado por outros marcadores sociais, como raça, classe, etnia, escolaridade, orientação sexual e identidade de gênero;

TEXTO 27

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Agripino Alves Luz Júnior (SINDUFAP); Alexandre Adalberto Pereira (SINDUFAP); Alexandre Macedo (ADUFPB); Alexandre José Medeiros do Nascimento (ADUFPI); Ângela Siqueira (ADUFF); André Rodrigues Guimarães (SINDUFAP); Antônia Costa Andrade (SINDUFAP); Antônio Francisco Lopes Dias (ADCESP); Antônio Lisboa L. de Souza (ADUFCG); Arthane Menezes Figueiredo (SINDUFAP); Beatriz Franchini (ADUFPEL); Carlos Rinaldo Nogueira Martins (SINDUFAP); Carlos Vicente Joaquim (SESDUF-RR); Cássio Alves (APUFPR); Celeste Pereira (ADUFPEL); Célio Ribeiro Coutinho (SINDUECE); Cenira Andrade de Oliveira (ADUFES); Ceres Torres (ADUFPEL); Claudia March (ADUFF); David Junior de Souza Silva (SINDUFAP); Elaine da Silva Neves (ADUFPEL); Elda Maria Freire Maciel (SINDUECE); Eliane Fazolo (ADUR-RJ); Enilce de Oliveira Fonseca Sally (ADUFF); Epiácio Macário Moura (SINDUECE); Erlenía Sobral do Vale (SINDUECE); Fabiola Kato (ADUFPA); Fausto Camargo Júnior (SINDCEFET-MG); Francisco Carlos Jacinto Barbosa (SINDUECE); Francisco Santiago (SINDUFAP); Gean Cláudio de Souza Santana (ADUFS-BA); Henrique A. F. Mendonça (ADUFPEL); Herrmann Vinicius Oliveira Muller (APUFPR); Janete Brito (ADCESP); José Carlos Marques Volcato (ADUFPEL); José dos Santos Souza (ADUR-RJ); José Raphael Bokehi (ADUFF); Lalo Watanabe Minto (ADUNICAMP); Leandro Machado dos Santos (ADUR-RJ); Liliane Soares (SINDUFAP); Lorena Moraes (ADCESP); Lúcia Izabel Silva (ADUFPA); Luciano Coutinho (ADUFRJ); Luiz Fernando Reis (ADUNIOESTE); Luiz Henrique Schuch (ADUFPEL); Luiz Paiva Carapeto (ADUFPEL); Marco Antonio Perruso (ADUR-RJ); Maria Angélica da Gama Coutinho (ADUR-RJ); Maria Conceição Rosa Cabral (ADUFPA); Maria do Carmo Lobato da Silva (SINDUFAP); Maria Edilene S. Ribeiro (ADUFPA); María Gabriela Guillén Carías (ADUFDOURADOS); Maria Jacqueline Girão (ADUFRJ); Maria Suely Soares (APUFPR); Marielson Rodrigues Guimarães (ADUFPA); Marinalva Silva Oliveira (ADUFRJ); Marise Fonseca dos Santos (APUFPR); Milena Martinez (APUFPR); Odete da Cruz Mendes (ADUFPA); Olgaíses Maués (ADUFPA); Omar Albornoz (ADCESP); Paulo Afonso da Silva Oliveira (SESDUF-RR); Paulo Marcelo Cambraia da Costa (SINDUFAP); Raquel Angela Speck (APUFPR); Regiana Blank Wille (ADUFPEL); Rhoberta Santana de Araújo (ADUFPB); Rosângela Assunção (ADCESP); Rosely Cabral Giordano (ADUFPA); Sandra Alessi (APUFPR); Sandra Maria Franco Buenafuente (SESDUF-RR); Sidney da Silva Lobato (SINDUFAP); Sônia Maria Araújo (ADUFPA); Sônia Regina Teixeira (ADUFPA); Tadeu Lopes Machado (SINDUFAP); Valdelaine Mendes (ADUFPEL); Veronica Fernandez (ADUFF); Vilson Aparecido da Mata (APUFPR); Viviane Narvaes (ADUNIRIO); Waldir Ferreira de Abreu (ADUFPA), Yurgel Pantoja Caldas (SINDUFAP).

MANTER A AUTONOMIA SINDICAL NA CRÍTICA E DEFENDER A EDUCAÇÃO PÚBLICA EM TODOS OS NÍVEIS

TEXTO DE APOIO

O legado nefasto deixado pelo Governo Bolsonaro para a sociedade brasileira é imensurável, não sendo diferente no que tange à política educacional, seja aquela implementada pelo MEC diretamente, seja aquela derivada das decisões do Conselho Nacional de Educação (CNE). Conquanto vencido nas urnas em 2022, seu legado deixou marcas que precisaremos combater nos próximos anos, especialmente as do alimento ao profotascismo, ao conservadorismo e ao espírito regressivo em todas as áreas da vida nacional. Usufruindo friamente das condições dadas pela Emenda Constitucional 95, do período Temer (a ser revogada), o Governo encerrado elegeu a educação pública como um de seus alvos preferenciais. No plano das IFES, vimos sofrendo com as restrições quanto à realização de concursos públicos para reposição do quadro funcional e para contratação de novas/os profissionais, incluindo aquelas/es que possam garantir as condições de acessibilidade de pessoas com deficiência em todas as atividades realizadas nas Universidades, nos Institutos Federais e nos CEFET. Será necessário manter a luta contra a devastação e o desmonte das IES públicas promovidas por mecanismos como FIES e PROUNI, assim como orientações derivadas de Organizações da Sociedade Civil e agências internacionais cujo objetivo é transformá-las em espelho de IES oligopolizadas.

O ataque à educação pública em todos os níveis é que nos insta a fazer coro com aquelas/es que defendem a revisão de um conjunto de medidas que dão materialidade ao projeto educacional do capital na sua versão mais regressiva, expressa pelo bolsonarismo. Queremos do novo governo a revogação de Portarias, Resoluções, Programas, Decretos etc., sem que isso signifique apoio ao PNE 2014-2024. A matriz desse Plano é privatista, pois destina recursos do fundo público às instituições privadas recorrendo à ressignificação do conceito de público. Interessa-nos a possibilidade de que sejam consideradas e atendidas pelo Governo as reivindicações das/os trabalhadoras/os por meio de suas organizações.

Urge investir no fortalecimento da relação com sindicatos da Educação Básica, movimentos estudantis e de outras/os trabalhadoras/es brasileiras/os para fazer avançar a luta em defesa da educação pública como direito inalienável, com conteúdo e forma que atenda aos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora. Alguns pontos cardinais pedem revisão imediata, como a política de militarização das escolas definida pelo Decreto nº 10.004, de 5

setembro de 2019, que instituiu o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM). Ademais, reverter a militarização das escolas onde houve a sua implementação. A reforma do Ensino Médio, que vem devastando a formação da juventude, compõe esse rol, assim como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que implementa o ideário do capital na formação escolar em clara afronta à formação humanista e visando a conformação de uma subjetividade individualista e passiva, adaptável às desumanizadoras condições de produção capitalista.

A formação de professoras/es, sempre estratégica ao desenvolvimento de projetos educacionais, encontrava-se abalada pelas consequências de políticas como FIES e PROUNI, que entregaram a formação docente ao capital. Evidências desse movimento estão nos seguintes dados: em 2020, das 1.663.681 de matrículas em licenciatura, 33,6% estavam nas IES públicas e 66,4% nas IES privadas; do total, 59,3% na modalidade EaD (Educação a Distância). No ano de 2019, do total de matrículas das IES privadas em cursos de licenciatura, 73,53% eram na modalidade EaD. No governo passado, novo golpe: a imposição de um modelo de formação pela BNC-Formação, que objetiva materializar o ideário burguês contido na BNCC. Soma-se ao processo de reconversão docente operado pela BNC-Formação o advento do “ensino híbrido” e a descontrolada oferta de cursos na modalidade EaD. Por isso, a revogação da Portaria nº 865, de 8 de novembro de 2022, que institui a Rede de Inovação para a Educação Híbrida; do Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, que altera a LDB aumentando a permissão de oferta de EaD na Educação Básica e Superior; da Portaria Normativa nº 11, de 20/06/2017, que estabelece normas para o credenciamento de instituições e a oferta de cursos superiores à distância; da Portaria nº 2.117/2019, que institui a oferta de educação à distância nos cursos presenciais de graduação. O conjunto de dispositivos que explodiram a oferta de EaD demonstra cabalmente que há interesses dos oligopólios na oferta desta modalidade para potencializar seus lucros em detrimento da qualidade da formação. Outra medida a ser revogada é a curricularização da extensão, instituída pela Resolução nº 7 MEC/CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018, que está criando um amplo mercado no interior das IES públicas, desqualificando a formação e reconvertendo a extensão universitária (pilar da universidade pública) em prestação de serviços e venda de mercadorias. Altera-se o currículo, tornando obrigatória às/aos estudantes a participação em atividades mercantilizadas e desqualificadoras da relação universidade/comunidade.

O ataque a direitos humanos, promovido pelo Governo Bolsonaro, se fez presente na política de Educação Especial. O Decreto nº 10.502, de 30 de setembro de 2020, ao instituir a Política Nacional de Educação Especial levou à segregação das pessoas com deficiência nos sistemas de ensino, indicando a matrícula em instituições especializadas, em afronta à educação inclusiva. A alfabetização sofreu forte revés com o Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019,

que instituiu a Política Nacional de Alfabetização baseada em critérios anticientíficos e atrelados a interesses de uma fração do mercado.

Vê-se, pois, que as demandas das/os profissionais da educação pública e das classes trabalhadoras são imensas e pedem respeito. Algumas tarefas sindicais são inadiáveis, despontando a de compor a luta para garantir que os recursos do fundo público sejam aplicados exclusivamente nas instituições públicas e gratuitas. Assegurar essa bandeira exige investir na articulação, dentro das IFES, com movimentos estudantis e sindicatos dos Técnico-Administrativos e, fora delas, com sindicatos da Educação Básica e de outras/os trabalhadoras/es e movimentos sociais para que mantenhamos a crítica às políticas educacionais do atual governo federal. A intervenção do ANDES-SN, que sempre preservou sua autonomia e independência, deve continuar pautando a recusa veemente do papel de colaborador do governo federal.

Como sabemos, o vírus COVID 19 não foi totalmente debelado – o número de mortos volta a crescer – e sua resolução por políticas de saúde e de educação não pode ficar fora de nossas preocupações. Neste ano de 2023, teremos que enfrentar os desdobramentos da pandemia provocada pela COVID 19. A União é responsável em providenciar recursos orçamentários para efetuar as adaptações para o cumprimento dos protocolos sanitários nas Instituições de Educação Superior públicas e assegurar condições de permanência estudantil (inclusivas, psicológicas, econômicas, sociológicas e institucionais), ademais da recuperação infraestrutural das IES para garantir a segurança e a qualidade do ensino presencial.

O ensino superior, diga-se, encontra-se acantonado nas mãos das IES oligopolizadas que conseguiram, a partir de meados dos anos de 2000, catalisar 77% das matrículas, evidenciando que a juventude brasileira ficou refém dos capitais de ensino. Ademais, são estes mesmos capitais que engendram novas formas de EaD para subsumirem as IES públicas e a Educação Básica. A intensa “alfabetização digital” a que fomos subordinadas/os no período da pandemia criou as condições objetivas para o florescimento das plataformas digitais, simultaneamente ao obscurecimento do jogo de interesses políticos e econômicos presentes nesse encaminhamento. Segundo Patrick Negri, baseado em informações da Associação Brasileira de Startups e do Centro de Inovação para a Educação Brasileira, em 2020, o Brasil contava com quase 500 edtechs, das quais 70,6% exploravam a Educação Básica ([Edtechs brasileiras: as 10 startups da nova era da educação \(iugu.com\)](#)).

De um lado, vem ocorrendo a subordinação de docentes às plataformas digitais, reconvertendo o significado de sua ação educativa, tornando-a instrumental no afã de que seja percebida apenas como “método” pedagógico que se concretiza na “aprendizagem híbrida” e na EaD 100%; de outro, vemos a esfera educacional pública ajoelhar-se diante dos capitais

exportadores de tecnologia e mercadorias próprias para a “aprendizagem híbrida”, em muito auxiliados por organizações da sociedade civil internas. Não foi sem motivo que tecemos críticas à equipe de transição da Educação do Governo Lula, eleito para o período 2023-2026, precisamente por priorizar, entre as/os convidadas/os, representantes de Organizações como o Todos pela Educação e o Centro de Estudos e Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais da Fundação Getúlio Vargas cujo horizonte de intervenção é dado pelos interesses da burguesia.

Essa conjuntura vem pressionando uma notável estratégia de barateamento do ensino superior como um todo, que encontra no uso desse arsenal tecnológico seu mais célere e lucrativo aliado. Nos últimos anos do Governo Bolsonaro, fomos ameaçadas/os com um *Plano de expansão* para as IES Federais, o Reuni Digital, que propôs a criação de ambientes virtuais; repositórios de materiais didático-pedagógicos; contratação de tutoras/es; profunda mudança no trabalho docente; destruição da carreira docente. Abriu-se mais espaço para a atuação de conglomerados empresariais no suporte tecnológico para realização dessa falsa expansão. Aventou-se, inclusive, a substituição do Decreto n.º 9.057/2017, que instituiu a EaD como modalidade e uma consequente modificação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação que pusesse fim à distinção entre EaD e ensino presencial. As primeiras experiências vêm sendo desenvolvidas com oferta de mais de 5.000 vagas em dez Universidades espalhadas em todas as regiões do país, em 14 cursos, grande parte deles de menor duração: três licenciaturas (Informática, Educação Especial e Intercultural e Indígena), diversos cursos tecnólogos e alguns poucos bacharelados.

Ainda que o RD não tenha logrado grande adesão até o momento, ofensivas nesse sentido vêm se alastrando nas IES, sobretudo com o difícil retorno às atividades presenciais somado aos sequestros recorrentes de recursos. A principal delas é o aumento de carga horária em atividades EaD nos cursos presenciais de 20% para 40% (com exceção do curso de medicina). Nas IES privadas, essa foi uma proposta lucrativa de concentração maior de discentes em uma mesma turma; de desterritorialização das/dos estudantes e do enfraquecimento de estudos fundantes, uma vez que as disciplinas mais teóricas foram e são as primeiras a serem rifadas nesse processo. Ainda que grande parte das justificativas para a adesão a tal política se valha de argumentos assistencialistas, sabemos que se trata de uma ação que fragmenta e desmobiliza a comunidade acadêmica, que esvazia os espaços públicos em que o conhecimento é produzido e onde a disputa se organiza. Atinge-se a educação e a formação humana no coração. Com essa aparente *inclusão*, damos alguns passos atrás nas políticas de permanência estudantil. Ao lado da defesa incontestada da educação presencial, a luta pela Universidade pública, conquistada a duras penas pela classe trabalhadora, jamais pode sair do nosso horizonte.

Além do Reuni-Digital, há outras medidas que desestruturam a carreira, como o Marco de Ciência e Tecnologia; a Lei de Inovação Tecnológica; a editalização do financiamento das atividades de pesquisa, extensão e, recentemente, de ensino. A flexibilização do regime de dedicação exclusiva, as barreiras para progressões, a hierarquização produtivista, dentre outros fatores, inviabiliza uma carreira que permita às IFES o desenvolvimento pleno de sua missão baseada na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Nas políticas para a educação superior, a carreira docente supõe, em sua estrutura, as condições para o desenvolvimento do trabalho docente de formação humana. Cabe ao ANDES-SN fortalecer a luta pela carreira única de professor/a federal, implementando nova rodada de debates e elaboração de materiais sobre sua importância para o projeto de universidade defendido pelo Sindicato. É urgente abrir o diálogo com a/os professores que entraram recentemente na carreira, profundamente desestruturada pela Lei 12.772/2012.

A derrota eleitoral de Bolsonaro e do profascismo nas eleições presidenciais foi muito importante, mas insuficiente, pois o projeto representado pelo bolsonarismo está entranhado em setores sociais e na maquinária estatal. Para promover as mudanças necessárias na política educacional, o novo Governo deve promover imediatamente a revogação das medidas que permitem o avanço do capital sobre a formação e a devastação da educação pública. No entanto, na sua campanha eleitoral, Lula defendeu diretamente o fortalecimento de políticas de transferência direta dos recursos públicos aos “tubarões do ensino” que mercadejam na educação, como o FIES e o PROUNI. Na montagem da equipe de transição, assumiu posição de destaque o Movimento Todos pela Educação, que investe na oligopolização da educação e vem destruindo a educação pública. Urge não cair no canto da sereia e seguir firme na articulação com os movimentos sociais, especialmente o Movimento Estudantil, com os sindicatos de trabalhadoras/es da Educação Básica e Superior e de outras áreas para impulsionar a ação conjunta. Reverter a correlação de forças sociais é crucial para alcançar as reivindicações em defesa da educação pública. Cabe ao ANDES-SN propor à Coordenação Nacional das Entidades em Defesa da Educação Pública e Gratuita (Conedep) uma agenda de reuniões que concretize a organização do V Encontro Nacional de Educação a ser realizado no segundo semestre de 2023.

Os Encontros anteriores demonstraram ser indispensável avançarmos na organização ampla, classista e com independência de Governos e partidos, com base em uma agenda comum. O ANDES-SN não pode vacilar frente aos enormes desafios, continuando sua trajetória de intervenção coletiva. Envidar todos os esforços para fortalecer a organização e as lutas é tarefa urgente e inadiável; o Encontro Nacional de Educação é inescapável nesse processo para não permitir que sejamos dragados pelo adesismo ao Governo e subsumidos por uma agenda que não permita reverter a tragédia à qual a classe trabalhadora foi submetida neste momento histórico.

TR – 27

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Indicar como centralidade da luta a revogação da EC 95;
2. Organizar a luta para que os recursos do fundo público sejam aplicados exclusivamente nas instituições públicas;
3. Investir na ampliação da articulação com sindicatos da Educação Básica, organizações estudantis e de outras/os trabalhadoras/es brasileiras/os para que se mantenha a necessária autonomia e crítica às políticas educacionais do governo federal;
4. Investir na ampliação da articulação com sindicatos da Educação Básica, organizações estudantis e de outras/os trabalhadoras/es brasileiras/os para exigir do Governo Federal a revogação:
 - 4.1 do Decreto nº 10.004, de 5 setembro de 2019, que instituiu o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM) e a reversão da militarização nas escolas onde foi implementada;
 - 4.2 da reforma do Ensino Médio;
 - 4.3 da BNCC;
 - 4.4 da BNC-Formação;
 - 4.5 da Portaria nº 865, de 8 de novembro de 2022, que institui a Rede de Inovação para a Educação Híbrida;
 - 4.6 do Decreto nº 10.502 de 30/09/2020, que institui a Política Nacional de Educação Especial;
 - 4.7 da Portaria Normativa nº 11, de 20/06/2017 e o Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, que estabelece normas para o credenciamento de instituições e a oferta de cursos superiores à distância;
 - 4.8 do Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, que institui a Política Nacional de Alfabetização;
 - 4.9 da Portaria nº 2.117/2019, que institui a ampliação da oferta de carga horária em EaD nos cursos presenciais de graduação;
 - 4.10 da Resolução nº 7 MEC/CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018, que instituiu a obrigatoriedade da curricularização da extensão.
5. Fortalecer a luta contra a EaD, o ensino híbrido e a plataformização da educação, organizando com as seções sindicais e o movimento estudantil seminários e publicações sobre o assunto;

6. Elaborar um InformANDES sobre o tema do item 3;
7. Reafirmar a defesa da educação presencial e lutar, em articulação com estudantes e TAEs, pelo arquivamento do Reuni Digital e eventuais programas que reforcem a EaD e a precarização da educação pública;
8. Fortalecer, junto com o GT Carreira, a luta pela carreira única de professor/a federal, implementando uma nova rodada de debates e elaboração de materiais sobre sua importância para o projeto de universidade defendido pelo ANDES-SN;
9. Exigir recursos orçamentários da União para efetuar as adaptações necessárias ao cumprimento dos protocolos sanitários nas Instituições de Educação Superior públicas e assegurar condições de permanência estudantil (inclusivas, psicológicas, econômicas, sociológicas e institucionais) e a recuperação infraestrutural das IES para garantir a qualidade do ensino presencial;
10. Lutar, junto com o GT Carreira, pela abertura de concursos públicos para contratação de profissionais que garantam as condições de acessibilidade de pessoas com deficiência em todas as atividades realizadas nas Universidades, Institutos Federais e CEFET;
11. Manter a luta contra a devastação e o desmonte das IES públicas promovidas por mecanismos como FIES e PROUNI;
12. Propor à Coordenação Nacional das Entidades em Defesa da Educação Pública e Gratuita (Conedep) uma agenda de reuniões para concretizar a organização do V Encontro Nacional de Educação a ser realizado no segundo semestre de 2023.

TEXTO 28

Contribuição da Assembleia Geral da ADUR-RJ e APUFPR.

A DEFESA DO ENSINO PÚBLICO E A PARTICIPAÇÃO NO FORÚM NACIONAL POPULAR DE EDUCAÇÃO

TEXTO DE APOIO

É importante rememorar que o Fórum Nacional de Educação foi criado por deliberação da Conferência Nacional de Educação em 2010, com a participação de 2.500 delegados de todo país, para dar curso ao Sistema Nacional de Educação, elaborando o segundo Plano Nacional de Educação com diretrizes mais articuladas e estratégias de ação visando aprofundar e ampliar o desenvolvimento da educação brasileira adensando perspectivas de políticas públicas para os níveis e modalidades da educação e a formação de professores/as.

Sem surpresa, uma das primeiras medidas do presidente ilegítimo Michel Temer, após o golpe parlamentar que destituiu a presidenta eleita Dilma Rousseff, em 2016, foi o fechamento provisório do Fórum Nacional de Educação (FNE) e destituição de inúmeros docentes representantes eleitos no Conselho Nacional de Educação.

A primeira posição tomada pelos representantes destituídos após o golpe, foi criar o Fórum Nacional Popular de Educação, dando continuidade às lutas em defesa do ensino público, laico, gratuito de qualidade e socialmente referenciada, buscando monitorar o Plano Nacional de Educação e efetivar a sua concretização, bem como resistir ao desmonte das políticas públicas educacionais.

Em 2018 ocorreu a primeira Conferência Nacional Popular de Educação, conduzida pelo Fórum Nacional Popular de Educação, no pavilhão EXPOMINAS-BH, onde o ANDES-SN se fez presente em um estande, todavia sem a sua participação na luta política do coletivo que sempre foi protagonista desde os Congressos Nacionais de Educação e o primeiro documento do PNE da Sociedade brasileira pós LDB/1996. Nosso sindicato se isolou também da organização e nos debates realizados junto aos delegados eleitos de todo país, e junto às bases sindicais e estudantis, associações de ensino e pesquisas, como a ANPAE, ANFOPE, FORUNDIR, ANPED, UNE, SINPRO, SEPE, IFES; etc, embora tenhamos inúmeros docentes representantes das IFES nos Fóruns Estaduais e Nacional.

Reconhece-se o engajamento do ANDES-SN na mobilização nacional em defesa do serviço público, contra a PEC 32, no movimento Fora Bolsonaro, na atuação em defesa das políticas públicas e participação no “Fórum Sindical, Popular e da Juventude por Direitos e Liberdades Democráticas”, que aproxima esse importante sindicato dos movimentos sociais; todavia, este não deveria abstrair-se da participação com o conjunto de entidades vinculadas à educação, fortalecendo o movimento nacional em defesa do ensino público.

A ausência de um debate mais amplo sobre a possibilidade de inserção do ANDES no Fórum Nacional Popular de Educação e na Conferência Nacional Popular de Educação, que ocorre nacionalmente nas esferas municipais, estaduais e nacional, envolvendo sindicatos de docentes, entidades estudantis, secretarias municipais e estaduais de educação, entre outras, isola esse importante sindicato do movimento nacional em defesa do ensino público, laico,

gratuito e de qualidade no âmbito da educação básica e do ensino superior, fato constrangedor, uma vez que na prática universitária nossos e nossas docentes participam assiduamente dos fóruns estaduais e municipais inclusive na organização das Conferências.

Na atual conjuntura, na qual ocorre um processo de acirramento das disputas políticas sobre o futuro do Brasil, que imbrica na oposição entre democracia e autocracia, torna-se imperativo a confluência de forças dos segmentos de esquerda e do campo progressista sem titubear. Mais do que manifestar resistência, trata-se de construir conjuntamente um programa de lutas para assegurar a democracia e a vida.

TR – 28

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1) O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN deve aprovar a integração ao FNPE.

TEXTO 29

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Marcos Bernardino de Carvalho (ADUSP), Gislene Aparecida dos Santos (ADUSP), Marcelo Zaiat (ADUSP), Ângela Maria Machado de Lima Hutchison (ADUSP), Manoel Fernandes de Sousa Neto (ADUSP), Diamantino Alves Correia Pereira (ADUSP), Celso Eduardo Lins de Oliveira (ADUSP), Ana Paula Fracalanza (ADUSP), Ester Gammardella Rizzi (ADUSP), Tercio Loureiro Redondo (ADUSP)

MOVIMENTO DOCENTE, CRISE SOCIOAMBIENTAL E HORIZONTES BIOCIVILIZATÓRIOS

“Lutamos por um projeto civilizatório de país e de mundo. Um projeto baseado nos princípios do respeito à democracia, aos direitos humanos, à justiça, ao cuidado com o meio ambiente e com a Mãe Natureza; um projeto que respeite a diversidade étnica e cultural do país do qual fazemos parte, com mais de 305 povos diferentes e 284 línguas indígenas, sem racismo, preconceitos e discriminações de nenhum tipo.”

“Reafirmamos que nossa união é fundamental para avançarmos, juntos, rumo ao nosso projeto de país plurinacional, de paz, justiça, e harmonia com nossa Mãe Natureza. Foi isso que nossos ancestrais compreenderam: não há espaço para a divisão, para o sectarismo, para qualquer tipo de violência entre nós. Esse esforço constante para costurar uma articulação ampla e potente em

nível nacional se fortalece! Saímos deste ATL ainda mais unidos, com a certeza de que é esta a nossa maior fortaleza!”¹⁴

TEXTO DE APOIO

Vivemos um tempo de inegável convergência crítica. Difícil distinguir, dentre os vetores que compõem a crise contemporânea, aquela dimensão cuja grandeza possa ser considerada a mais determinante. Há muitas denominações possíveis para as dimensões constituintes dessa convergência. Todas elas indicam as determinações que compõem o nosso ‘concreto’ real e contemporâneo¹⁵ e suas múltiplas crises: social, econômica, ambiental, sanitária, cognitiva, étnica, religiosa, financeira, hídrica, climática, geopolítica, institucional, dentre outras.

O reconhecimento da multidimensionalidade dessa convergência crítica impõe o igual reconhecimento da complexidade com que nos defrontamos. Ou seja, alerta-nos para a impossibilidade de enfrentamento dogmático e simplificador de uma situação que, ao cobrar-nos uma compreensão do caráter civilizacional das crises que enfrentamos, indica-nos também quão simplificadas foram e continuam sendo aquelas propostas e tentativas de superação das crises enfrentando-as apenas pela consideração de um, ou alguns, dos vetores que as compõem, e que não necessariamente são os mais determinantes para a amplitude, – da ordem da civilização –, que as caracterizam, nem para o enfrentamento dos perigos que nos espreitam.

Não são poucas as pensadoras e pensadores da atualidade que reconhecem esse caráter e essa convergência de que falamos. Entre outras/os, poderíamos lembrar de Enrique Leff, Edgar Morin, Boaventura Souza Santos, Catherine Walsh, Nina Pacari, Luis Macas, Ladislau Dowbor, Ana Esther Ceceña, Alberto Acosta, Anibal Quijano, Rigoberta Menchú, Vandana Shiva. Várias de suas falas, coincidentes com essas afirmações inicialmente feitas, são por demais conhecidas. Não precisamos reproduzi-las todas aqui. Mas, poderíamos sintetizá-las com, pelo menos, algumas menções, dentre as muitas possíveis de serem destacadas.

Dowbor, por exemplo, que manifesta não ter dúvidas em “dizer que se trata de uma crise civilizatória”, distingue os principais vetores (“destruição ambiental, o aprofundamento da

¹⁴ Excertos do Documento Final do Acampamento Terra Livre 2022 (disponível em <https://apiboficial.org/2022/04/14/atl-2022-povos-indigenas-unidos-movimento-e-luta-fortalecidos/>)

¹⁵ Reverenciamos aqui a advertência metodológica enunciada por Marx em seus *Grundrisse*, nem sempre muito considerada por alguns de seus seguidores: “O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo...” (Marx, K. *Grundrisse*. Boitempo: São Paulo, p.78)

desigualdade, o caos financeiro”) que desenham “uma crise sistêmica planetária”, realçando ao mesmo tempo o potencial e o “imenso espaço para ideias novas” que essa condição abre¹⁶.

Da mesma forma, a mexicana Ana Ester Ceceña, já havia se referido, e de maneira igualmente eloquente, à grave crise configurada: “Efectivamente el capitalismo está en crisis civilizatoria, ha puesto en jaque la vida del planeta y no ofrece oportunidades ni para los seres humanos, ni para la naturaleza. Estamos en un momento de urgencia, al borde de una catástrofe ecológica y de catástrofes sociales de diferente dimensión.”¹⁷

Conclusões e caracterizações como essas que as falas destacadas ilustram, dentre outras semelhantes que aqui se poderia reunir, resultam, por um lado, de uma longa trajetória de resistência e reflexão crítica ao padrão capitalista de produção, e sua economia de predação e pilhagem, instalado planetariamente nos últimos mais de 500 anos. Mas, por outro lado, resultam também do reconhecimento do fracasso produzido pelas alternativas reducionistas que buscaram oferecer contrapontos ao padrão hegemônico, opondo-se corretamente ao predomínio do estatuto privado dos meios de produção (condição promotora da pilhagem, competição e predação), mas “apenas” propondo, ou, efetivamente, nacionalizando ou promovendo a estatização desses meios, sem necessariamente modificar suas estruturas, nem tampouco questionar ou ampliar as nacionalidades de subordinação. O fato é que, o padrão urbano-industrial adotado e instalado globalmente, promoveu uma degradação ambiental sistemática, ensejando, segundo Lizt Vieira, “uma crise ecológica global que ameaça a sobrevivência da vida no planeta”, e que ao ameaçar destruir a “base material da produção caracteriza a crise ecológica como uma crise de civilização”¹⁸.

O fracasso tanto do capitalismo, bem como de sua alternativa de origem oitocentista (mas realizada e irrealizada no século XX) cobra-nos uma outra postura e uma atualização de nossos referenciais de resistência, a começar pelo reconhecimento da complexidade com que nos defrontamos, com o carácter civilizatório da crise e a centralidade da dimensão socioambiental, anunciada pelas catástrofes sociais e ecológicas que a desenham na atualidade.

Edgar Morin, o reconhecido pensador dessa complexidade, em seu *A Via [Para o futuro da humanidade]* já indicava que os caminhos para responder a tais ameaças não podem ser reducionistas, nem técnicos, mas “requerem, prioritariamente, uma reforma de nossa maneira de pensar para abarcar em sua complexidade a relação entre a humanidade e a natureza, e desenhar reformas de civilização, de sociedade e de vida”¹⁹. Da mesma forma, Dowbor, em sua obra

¹⁶ Dowbor, L. *O capitalismo se desloca*, SESC: São Paulo, 2020, p. 17.

¹⁷ Ceceña, A. E. Pensar la vida y el futuro de otra manera In: Leon, I. (Coord) *Sumak Kawsay / Buen vivir y cambios civilizatorios*. Fedaeaps: Quito, 2010, p. 77.

¹⁸ Vieira, Lizt. *Cidadania e globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 126

¹⁹ Morin, E. *La Via/ Para el futuro de la humanidad*. Barcelona: Paidós, 2011, p. 80

mencionada há pouco, conclui a reflexão nela contida, alertando-nos para o necessário enfrentamento das “duas catástrofes que se aprofundam na nossa civilização: a destruição ambiental e a desigualdade explosiva”, mas advertindo-nos de que se temos “os meios e os fins, falta construir as políticas”, e lamentando o fato de que “estamos entrando na era do conhecimento com a tecnologia do *Homo sapiens* [que para Morin é *Sapiens-Demens*] e a política dos primatas”. “O desafio não é econômico, é civilizatório”, arremata o economista²⁰.

Tal esforço de ampliação e de reconhecimento da complexidade do desafio, admitamos, já estavam presentes na caracterização do padrão global de acumulação capitalista enquanto uma ‘economia-política’, como o fizeram vários pensadores do século XIX, dentre eles Marx e Engels. E reproduzem-se nas reafirmações de uma ‘economia-mundo’ ou de um ‘sistema-mundo’, como o fizeram Balibar e Wallerstein em seu já clássico *Raça, Nação e Classe*, que recentemente obteve versão para o português, em uma primeira edição brasileira. No prefácio a essa edição, Balibar, em debate com as ideias de seu parceiro de livro, enfatiza a importância da dimensão político-institucional do Estado para compreensão desse sistema, que, no mínimo, necessita dessas expressões compostas para ser mais bem referenciado. Se o sistema-mundo é, como afirma, uma ‘economia generalizada’, são “os processos de formação dos Estados, das políticas de hegemonia e das alianças de classes [que] formam o tecido dessa economia.”, arremata Balibar em seu prefácio a essa nova edição, realçando a importância dessa dimensão do sistema-mundo, destacando a existência dessa “instituição comum à burguesia mundial que tende a lhe conferir uma existência concreta”: “Essa instituição é o próprio *sistema dos Estados*, cuja estabilidade tornou-se bem evidente desde que, após revoluções e contrarrevoluções, colonizações e descolonizações, a forma do Estado nacional se estendeu formalmente à humanidade inteira.”²¹

A instituição do Estado Nacional viabilizou o sistema global de espoliação (a *Raubwirtschaft*, – economia de pilhagem –, como assim a caracterizavam diversos autores, dentre os pensadores europeus do século XIX, de Marx a Ratzel, aos mais atuais, como Joan Alier e seu ‘ecologismo dos pobres’²²), proporcionando a realização do sistema-mundo e sua economia-política que do espaço global se assenhorou, produzindo a condição de convergência crítica contemporânea a que nos referimos.

O chamado Estado Nacional Moderno consolidou-se como a unidade geopolítica de organização do mundo e desorganização, enquadramento ou sufocamento de tudo o mais: dinâmicas ecossistêmicas, identidades culturais, étnicas, religiosas, comunitárias etc. Boa parte

²⁰ Dowbor, *op cit*, p.185

²¹ Balibar, E. Prefácio à nova edição da mencionada obra, disponível em <<https://aterraeredonda.com.br/raca-nacao-classe/>>

²² Cf. Matagne, P. L’anthropogeographie allemande: un courant fondateur de l’écologie? *Annales de Géographie*, 1992 e Alier, J. *Ecologismo dos Pobres*, São Paulo: Contexto, 2018.

dessa desorganização se deve ao fato de que, assim como os Estados Nacionais tornados países, expressam-se e existem territorialmente, em função das espacialidades que suas dinâmicas produzem e requisitam para (re)produzir-se, as demais dinâmicas e identidades mencionadas também se caracterizam e são reconhecidas pelas territorialidades que produzem e necessitam para a manutenção de suas integridades. Como os limites ou as fronteiras desses territórios não são coincidentes, a subordinação e a contenção dessa multiplicidade e variedade de fatos (da cultura humana e das demais dimensões da natureza terrestre), às imposições e às regras de uma dessas fronteiras, é evidente fato gerador de crises.

Obviamente, essa “descoincidência” não é o único fato gerador das muitas crises que poderíamos identificar, de um lado, como socioeconômico-culturais, ou físico-biológico-naturais, de outro, ou, em uma palavra, – para facilitar –, socioambientais, que estamos colhendo na atualidade. Inegavelmente, porém, esse é um fator dos mais importantes, que também mereceria a nossa reflexão e uma maior atenção, sobretudo por parte de quem pretenda a essa ordem crítica se opor, ou apresentar alternativas que não sejam nem aquelas reducionistas, a que já nos referimos, nem as que adiram aos projetos que não confrontam as subjugações, especialmente as de nacionalidades e de culturas sufocadas, ou de direitos ainda não adequadamente reconhecidos, como os da natureza.

A contraposição clássica a esse *status quo*, que também têm se alimentado de perspectivas antropocêntricas, eurocentradas ou ‘norteadas’ (vinculadas aos interesses hegemônicos do ‘norte epistemológico’, na caracterização de Souza Santos²³), portanto, não nos indicará as saídas reais dessa condição.

Audre Lorde, já nos advertia de que não serão com as “ferramentas do amo” que vislumbraremos os caminhos “para desmontar a casa do amo”²⁴. Portanto, convém prestar atenção em alguns caminhos, até aqui não muito prestigiados, de horizontes alternativos que nos têm sido oferecidos a partir deste “outro centro do mundo” em que nos encontramos, conseqüentemente pelas epistemologias e ações que lhes são correspondentes.

Um desses horizontes, traduz-se pela perspectiva do *bien vivir*, que segundo Anibal Quijano é contemporânea ao processo de implantação do sistema mundo dessa economia-política a que estamos nos referindo, especialmente à implantação do Estado Nacional Moderno, ambos ‘fenômenos’ do século XVII²⁵. Um, como reiteramos, viabilizou o sistema de espoliação, promovido pela colonialidade que o instrumentalizou; outro, manteve-se como horizonte de

²³ Souza Santos, B. Para além do pensamento abissal. Das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: *Novos Estudos CEBRAP*, 79, novembro 2007, p. 71-94

²⁴ Lorde, A. “Una letanía para sobrevivir” y Las herramientas del amo nunca desmontarán la casa del amo. In: SEPTIEN, R. C y BIDAISECA, K. (eds). *Más allá del decenio de los pueblos afrodescendientes*. Buenos Aires: CLACSO, 2017. p. 101-108.

²⁵ V. Quijano, A. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. – 1a ed. – Buenos Aires: CLACSO, 2014.

resistência através dos últimos séculos e agora emerge como lastro e fundamento para os novos ordenamentos possíveis que alguns países da América Latina já estão adotando.

Os novos ordenamentos a que estamos nos referindo, lastreados por esse horizonte de resistência, ou, como preferem alguns, de (re)existência, já figuram pioneiramente em algumas sociedades, com a implantação e institucionalização dos Estados Plurinacionais.

Trata-se de um pioneirismo latino-americano que revela compreensão da dinâmica dos processos que levaram à implantação do atual padrão global de acumulação, e que sugere, portanto, meios alternativos de combatê-lo e, além do mais, evidencia-se bastante sintonizado com as questões centrais e críticas da atualidade, sobejamente a questão socioambiental.

Apoiados nas perspectivas do *bien vivir*, do reconhecimento dos direitos da natureza e da indissociabilidade entre as diversidades socioculturais e as biofísicas, os estados plurinacionais concretizam aquilo que diversas *Cumbres de Povos Originários da América* (rebatizada de *Abya Yala* nesses encontros) vêm apregoando, há algum tempo. Em uma delas – ocorrida em Iximche (Guatemala) em 2007, a *III Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas de Abya Yala* –, constituiu-se uma “Coordenação Continental das Nacionalidades e Povos Indígenas de Abya Yala”. Na ‘Declaração de Iximche’, que divulgou a constituição dessa ‘Coordenação’, esta, além de ser anunciada como instância promotora de um espaço permanente para o qual poderiam convergir e intercambiar as propostas coletivas de enfrentamento das políticas de globalização neoliberal e de luta “pela liberação definitiva de nossos povos irmãos, da mãe terra, do território, da água e de todo patrimônio natural para viver bem”, pregava a necessidade de consolidar “os processos iniciados para fortalecer a refundação dos Estados-Nação e a construção dos Estados Plurinacionais e sociedades interculturais, através das Assembleias Constituintes com representação direta dos povos e nacionalidades indígenas.”²⁶

Alguns países atenderam a esse chamado, como o caso do Equador e da Bolívia, que em 2008 e 2009, respectivamente, promulgaram constituições que os definiram como Estados Plurinacionais. Outros, tiveram suas cortes superiores acionadas por movimentos interessados e chegaram a proferir sentenças, como no caso colombiano que declarou o Rio Atrato como ser vivo e pleno de direitos, ou no caso brasileiro, cuja corte suprema (STF) acolheu a questão do ‘marco temporal’ e estava posicionando-se contra o estabelecimento desse marco (para demarcação e reconhecimento dos territórios indígenas), quando teve as sessões suspensas.

Mais recentemente, em 2021, Elisa Loncón, professora e liderança Mapuche, em seu discurso de posse na presidência da Convenção Constitucional do Chile, ao defender a refundação de seu país, em novas bases que ampliassem a democracia e a participação, exortou

²⁶ Declaração de Iximche, 10 de abril de 2007, disponível em <<https://cimi.org.br/2007/04/25906/>>

por um processo em “que possam nos ver desde o último rincão de nosso território e nos escutar em nossas línguas originárias, que ficaram postergadas durante tudo o que foi o Estado Nação chileno”. As consequências dessas necessárias visibilidades e dessa escuta, a liderança Mapuche enumera ao arrematar essa parte de sua fala: “Pelos direitos de nossas nações originárias, pelos direitos das regiões, pelos direitos da Mãe Terra, pelos direitos da água, pelos direitos das mulheres e pelos direitos de nossas crianças.”²⁷

A importância do combate à invisibilidade dos povos/nações originários, bem como a necessidade de sua escuta, sintetizada e simbolizada na enumeração dos direitos acima, dentre outros, também reside no fato de que suas histórias e resistências, assim como o legado de suas territorialidades mantidas e/ou conquistadas os dotam de autoridade e sabedoria para indicar os caminhos que muitos almejamos para a superação das crises que aqui já caracterizamos

Em associação com outras comunidades tradicionais e afrodescendentes²⁸, são capazes de produzir e manter, por exemplo, um espaço como o Amazônico, reconhecidamente o principal repositório da sociobiodiversidade planetária. Seus representantes reconhecem o peso da responsabilidade que seus percursos civilizatórios e os processos de destruição a que foram submetidos, impuseram: “Somos 1% da população brasileira, 5% da população indígena do mundo e protegemos 83% da biodiversidade do planeta. A humanidade precisa reconhecer que o ecocídio, genocídio são atos políticos e históricos”²⁹

E apesar de já terem enfrentado “A queda do céu” (Kopenawa), conhecem o caminho que poderá nos levar a “Adiar [mais uma vez] o fim do mundo” (Krenak). Imprescindíveis, portanto, para o enfrentamento desses tempos em que os “céus”, mais uma vez, ameaçam desabar sobre nossas cabeças, por efeito da grave crise socioambiental planetariamente instalada.³⁰

Escutá-los, considerá-los e torná-los visíveis, nesse sentido, implica em aderir tanto às propostas que estão defendendo, desde os séculos iniciais da violenta ocupação colonial, como às sugestões mais recentes formuladas nas *Cumbres* mencionadas, com seus princípios de plurinacionalidade, interculturalidade e direitos da natureza. À violência da ocupação colonial, da qual foram as vítimas primeiras, contrapuseram os horizontes do *Bien Vivir*. Esses horizontes

²⁷ Discurso integral disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NAyy88Gk7WE>>

²⁸ Aqui reverenciamos, dentre outras, duas pensadoras que se notabilizaram por evidenciar a importância desses vínculos: Lélia Gonzales, com seus consagrados conceitos de *améfrica* e *amefricanidade*; e Njoki Wane, que na perspectiva do feminismo negro, evidenciou os laços decoloniais que unem as lutas dos “povos originários” dos dois lados do Atlântico sul e de norte a sul do América. V. em GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, (jan./jun.), 1988; e v. também WANE, Njoki. “Mapping the field of Indigenous knowledges in anti-colonial discourse: a transformative journey in education”, *In: Race Ethnicity and Education*, 11:2, 183-197, 2008.

²⁹ Cf. Celia Xakriabá em <<https://www.cedefes.org.br/celia-xakriaba-muito-se-fala-de-amar-a-patria-mas-a-mae-do-brasil-e-indigena/>>

³⁰ Apenas mencionamos os dois títulos, por si só muito significativos e expressivos, de obras desses reconhecidos intelectuais e lideranças indígenas, e as indicamos enfaticamente, pela relevância dos aportes que trazem aos interessados naquilo que aqui se discute. Krenak, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2019. Kopenawa, D. e Albert, B. *A queda do céu*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

permanecem guiando todos os outros princípios preconizados. Alguns deles, como há pouco mencionamos, já se desenham como conquistas institucionalizadas.

Os princípios e horizontes indicados compõem a alternativa civilizatória almejada pelos que reconhecem a gravidade da crise contemporânea. Segundo a socióloga equatoriana Irene León, essa alternativa que se “fundamenta en la construcción de relaciones armoniosas y de interdependencia entre lo viviente: seres humanos entre sí, seres humanos y naturaleza”, além de “colocar la diversidad como consubstancial”, destaca “la centralidad de la reproducción ampliada de la vida – no la del capital – (...)”³¹.

Para os responsáveis pela produção e reprodução dos principais mananciais de sociobiodiversidade do planeta e ‘especialistas’ em situações terminais, como as que estamos vivendo, reveses como o recente resultado do plebiscito chileno, ou a suspensão do julgamento do STF, são episódios de uma luta mais ampla com os quais é possível lidar, e aqui estão presentes e se desenvolvendo desde os anos iniciais da ocupação colonial. A importância dessa luta, além de se traduzir por um debate civilizatório, presente na atualidade de nosso continente, revela-se como algo mais amplo e original do que simplesmente a almejada transição do capitalismo para o socialismo. E embora tenha sido parcialmente sufocada com a destruição e o genocídio provocados pelos séculos de colonização e de colonialidade, tem sido resgatada muito intensamente, e particularmente nas últimas décadas. Segundo Souza Santos “el movimiento indígena, el movimiento afrodescendiente, han logrado realmente rescatar esta diversidad cultural y eso ha permitido ampliar un debate que no existe en otro continente.”³²

O Andes-SN não pode ignorar essa potência de transformação que está em curso na América Latina, ainda mais em um país como o nosso, em cujas ‘credenciais’ poderíamos contabilizar: mais de 300 povos indígenas; maioria da população afrodescendente; comunidades quilombolas e tradicionais que se contam aos milhares³³, espalhadas por quase 2 mil municípios; e cuja metade do território, aproximadamente, é tomada pela Amazônia, principal repositório da sociobiodiversidade planetária, “laboratório das biocivilizações do futuro”.³⁴

TR – 29

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

³¹ León, I. Resignificaciones, cambios sociales y alternativas civilizatorias In: León, I. (Coord) *Op. cit.*, p.8.

³² Souza Santos, B. La hora de I@s invisibles. In: León, I. (Coord) *Op. cit.*, p.20.

³³ Segundo o IBGE, há cerca de 6 mil localidades quilombolas no Brasil, espalhadas por quase 2 mil municípios (v. <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html>)

³⁴ Cf. SACHS, I. Amazônia, laboratório das biocivilizações do futuro. Biblioteca Diplô, novembro de 2008. Disponível em <http://diplo.org.br/imprima2646>.

1. Apoiar a luta enunciada pelas *Cumbres* dos povos originários da América, divulgando e debatendo por meio de eventos e ações promovidos por suas seções sindicais, suas perspectivas de *Bien Vivir*, Plurinacionalidade e Direitos da Natureza;
2. Lutar pela ampliação da representação dos povos originários nas universidades brasileiras, bem como nos eventos promovidos e nas entidades que representam suas trabalhadoras e trabalhadores;
3. Prosseguir organizando e estimulando a realização de seminários e eventos como os que tiveram lugar em Foz do Iguaçu, por ocasião do “II Seminário internacional Educação Superior da América Latina e Caribe e Organização dos Trabalhadores”, e que sejam promovidos em esforço conjunto dos Grupos de Trabalho de Política Agrária, Urbana e Ambiental (GTPAUA) e de Política de Classe, questões Étnico-Raciais, Gênero e Diversidade Sexual (GTPCEGDS).
4. Continuar apoiando ativamente e financeiramente, em associação com a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) os Acampamentos Terra Livre, realizados em Brasília no mês de abril (em 2023 terá sua 19ª edição).
5. Dar ampla divulgação por meio de suas plataformas, sites e seções sindicais ao “Documento final do Acampamento Terra Livre 2022”, incluindo “Os Pontos Para uma Plataforma Indígena de Reconstrução do Brasil” < <https://apiboficial.org/2022/04/14/atl-2022-povos-indigenas-unidos-movimento-e-luta-fortalecidos/>>.

TEXTO 30

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), André Moreira Bordinhon (ADUA), Danielle Gonzaga de Brito (ADUA), Douglas Ferreira de Paula (ADUA), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Leonardo Dourado de Azevedo Neto (ADUA), Lourival Felix (SESDUEM), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR), Viviane Vidal da Silva (ADUA).

PELA NÃO DESFILIAÇÃO À CSP-CONLUTAS: REJEITAR O DIVISIONISMO APARELHISTA E LUTAR PELA UNIDADE ORGANIZATIVA E POLÍTICA DOS EXPLORADOS

TEXTO DE APOIO

O último CONAD Extraordinário, realizado entre 12 e 13 de novembro, aprovou a posição da diretoria do ANDES-SN de encaminhar a desfiliação de nosso sindicato da CSP-Conlutas. Trata-se de um percurso que pode ser embelezado de muitas formas, a principal, reafirmar a “necessidade de reorganizar a classe trabalhadora”, mas que traz, em seu interior, sobretudo, uma política aparelhista, que produziu divisões, no passado, e que continuará produzindo mais divisões entre os trabalhadores, no presente. A proposta de desfiliação atual não parte de nenhuma análise das condições objetivas da luta de classes, dos ataques que a classe operária sofreu nos últimos, nem tampouco dos prognósticos em torno da crise capitalista no Brasil e no mundo. A defesa da desfiliação, serve apenas para um rearranjo das forças políticas, das correntes e partidos de esquerda, dentro de nosso sindicato. É uma política divisionista e aparelhista que só pode ir contra a necessidade objetiva de unidade organizativa e política de todos os explorados e oprimidos de nosso país.

Crise, luta de classes e colaboracionismo das direções

Não há nenhuma perspectiva “positiva” ou progressista no horizonte. Os dados divulgados ao longo de 2022 apontam que a inflação continuará em alta no Brasil e nos principais países. Nos EUA, chegou a 8,7%; na Alemanha, a 10%; no Reino Unido, a 10,1%. No acumulado até o terceiro trimestre, o Brasil havia chegado a 5,85%. Estes valores para a economia mundial são bastante altos, porque atingem as potências e colocam a necessidade de políticas de maior “rigor fiscal” e de alta nas taxas de juros, produzindo maior retração para a economia mundial. Quando olhamos para o aumento da miséria e fome, vemos crescer também no Brasil e no mundo. Segundo a ONU, mais de 800 milhões de pessoas passavam fome em 2021 e, no Brasil, este número ultrapassou os 33 milhões. Apesar dos dados de desemprego terem caído em 2022, globalmente, os salários médios também caíram, levando a um processo de maior exploração do trabalho. No Brasil, os cinco anos de Reforma Trabalhista produziram um aumento de trabalhadores na informalidade, 39,3 milhões contra 36,3 milhões com carteira assinada, e a menor média salarial da última década (entre 2012 a 2021).

Apesar de todas as ilusões produzidas pela campanha da frente ampla de Lula/Alckmin, e de todo apoio que a esquerda deu a esta candidatura, com a quebra da independência de nosso sindicato frente as disputas interburguesas, não há possibilidades de que, nos quatro anos, o governo não se choque com as necessidades mais elementares dos explorados. As reformas da Previdência e Trabalhista serão mantidas, e a Dívida Pública continuará como um grande mecanismo de transferência dos recursos públicos para o capital financeiro nacional e internacional, estrangulando o orçamento para os serviços públicos. Se, nas experiências passadas com o divisionismo sindical, PSOL, PCB e PSTU compareciam como alas à esquerda

do governismo do PT e do PCdoB; agora, em 2022, temos o PSOL compondo, na prática, o governo de frente ampla. O PCB, que integrou o primeiro governo de Lula, no segundo turno defendeu entusiasticamente o voto no PT, e o PSTU repetiu o voto crítico à candidatura de Lula, assim como em 2002 e 2018.

A independência política dos sindicatos e das centrais nunca serão tão exigidos como no próximo período. Partimos, portanto, já de um patamar inferior, já que todos os sindicatos e centrais foram mobilizados para a disputa interburguesa, nas eleições, e todas as direções sindicais se colocaram como promotoras da eleição de um novo governo burguês. A sombra do golpe serviu como justificativa para a ação conjunta de todas as alas da esquerda. Sem dúvida, agora, as direções sindicais, inclusive, a do ANDES-SN “aguardarão” as medidas do novo governo, promovendo de forma mais aberta a colaboração de classe. As campanhas salariais de 2023 já nascem submetidas ao que o governo, através das negociações com a PEC da Transição, alcançou. Nascem, portanto, já limitadas pela colaboração e pela cobertura ideológica de que a “vitória dos trabalhadores”, expressa na chapa Lula/Alckmin, precisa agora se chocar com o “conservador” Congresso nacional.

Sem a análise das condições objetivas, que os explorados do mundo e do Brasil enfrentarão, e das justificativas ideológicas, subjetivas, que as direções sindicais produzirão, o debate sobre a desfiliação da CSP-Conlutas aparece realmente como apenas mais um capítulo do aparelhismo que os partidos de esquerda produzem sobre os organismos de luta dos explorados.

Entre alegações verdadeiras, o artificialismo aparelhista

A análise da atual direção do ANDES-SN, composta pelo PSOL e PCB, sobre a CSP-Conlutas, expressa no caderno de textos ao 41º CONAD Extraordinário apresenta, como já apontamos em outros textos, basicamente dois tipos de críticas: sobre questões organizativas (o modo como é composta a direção da entidade) e sobre questões políticas (erros de avaliação e caracterização tanto na conjuntura nacional e internacional).

As críticas às questões organizativas são antigas, remontam a, pelo menos, o início dos anos de 2010, quando o PSOL não fechou com o PSTU em relação ao peso das organizações e dos movimentos sociais no interior da entidade: a formação da CSP-Conlutas foi acompanhada de mais divisão, a constituição de duas Intersindicais no campo das esquerdas que não estavam alinhadas aos governos do PT. Assim, o PSTU controlava majoritariamente a CSP-Conlutas, enquanto as correntes do PSOL e o PCB se dividiam nas três entidades. Quando o golpe contra o governo de Dilma Rousseff surge, PSOL e PCB apresentam a mesma caracterização, enquanto o PSTU mantém-se em uma política esquerdista, do “Fora Todos”. A mudança de

governo, por meio do golpe, retira o “verniz” de governista da CUT e se forma a frente burocrática das Centrais, para combater a Reforma Trabalhista de 2017 e a Previdenciária, de 2019. As duas Reformas são aprovadas, com a colaboração da frente burocrática. Lembremos, de passagem, que na aprovação da Reforma da Previdência, no segundo semestre de 2019, sequer são organizados novos dias de Greve Geral. As Intersindicais e a CSP-Conlutas são impotentes organizativamente para se contrapor ao colaboracionismo mais aberto da Força Sindical e da CUT. A impotência da CSP-Conlutas a obriga a também se subordinar a acordos de perdas de direitos nos sindicatos em que está na direção, compondo uma ala esquerda da frente burocrática das centrais sindicais, o que demonstra o terrível erro do divisionismo do passado. Nunca se tratou da “reorganização da classe trabalhadora” como todas as alas da esquerda reformista e centrista defenderam, mas apenas de um choque pela constituição de novos aparatos que estas esquerdas necessitam para fazer frente à Reforma Sindical, produzida pelo governo Lula. Com maior ou menor peso dos movimentos sociais (sem-teto, estudantil, contra as opressões, etc.), a CSP-Conlutas, as Intersindicais, assim como os vários fóruns que foram sendo produzidos não tiveram força para barrar as contrarreformas e o proletariado brasileiro sofreu profundas derrotas no último período.

Como lição deste período, poderíamos compreender que as questões organizativas sempre estão submetidas à luta de classes mais geral e ao programa defendido pelas direções. Separar as questões organizativas destes problemas é atuar de forma aparelhista, para aferir que forças políticas terão maior peso na composição da direção.

Quanto às questões políticas, os erros ultraesquerdistas do PSTU têm peso proporcional à sua fraqueza organizativa. De fato, a não caracterização do golpe contra Dilma, os erros nas caracterizações dos movimentos na Venezuela, além das posições pró-imperialistas na Ucrânia, - tudo isso revela o quanto se misturam as posições do PSTU com as da direção da CSP-Conlutas. Mas este, realmente, nunca foi o problema. As direções da entidade reproduzem as políticas dos partidos e correntes majoritários, isto é parte da luta de classes. As posições divergentes no movimento representam o conjunto de choques que se processam na realidade objetiva. Se há democracia operária, os sindicatos resolvem suas divergências pelo voto e a prática, a ação na luta de classes, permite verificar as posições corretas. Os sindicatos e as Centrais não são partidos, em seu interior convivem posições diversas e, às vezes, até antagônicas. Novamente, é a democracia interna que permite garantir a unidade prática, a frente de ação. Não importaria, por exemplo, se a CUT, sendo petista e seguindo as diretrizes deste partido reformista, tivesse alcançado barrar a Reforma da Previdência de 2017. Teria sido um elemento progressista no horizonte de lutas, e permitiria, por esta vitória avançar, em reivindicações dos trabalhadores. Assim como não importava nos anos 80 que o PT já “hegemonizasse” a CUT, ela cumpria um papel progressista ao centralizar as lutas nacionais e

impulsionar os movimentos. Ocorre que a esquerda que dirige hoje o ANDES-SN não suporta ser minoria no interior da CSP-Conlutas. Ela não quer disputar a direção desta entidade. Não quer forjar uma fração revolucionária, que lute pela democracia operária interna no interior da entidade. Quer produzir mais uma ruptura, artificial como o foi a própria criação da Conlutas e das Intersindicais, que a deixe confortável com sua política e suas práticas organizativas. Assim como abandonou a luta para derrotar a direção da CUT, agora abandona a luta para derrotar a direção da CSP-Conlutas. Utiliza, para isso, de críticas sob aspectos reais (questões políticas e organizativas), enquanto ignora o histórico real da luta de classes das últimas décadas. Quer construir mais um “fórum” ou reerguer os natimortos do passado para ter onde expressar sua política sem as disputas inter burocráticas. Assume, portanto, uma posição pequeno burguesa, aparelhista, que está em oposição aberta com a necessidade mais ampla de unidade política e organizativa dos explorados para fazer frente à crise capitalista no Brasil e no mundo.

Com sua atitude e com seus métodos, a direção do ANDES-SN contribui com a fragmentação da classe operária e do conjunto dos trabalhadores, e contribui para que novas derrotas sejam impostas às massas exploradas e oprimidas, produzindo mais um retrocesso histórico.

A política proletária para os sindicatos e Central

Como verificamos, a colaboração de classes permanece, embora tenha alterado seu formato. Sob o governo de FHC, assumiu a forma de oposição propositiva para assegurar ao grande capital que o PT, originado no movimento operário, seria capaz de gerenciar e preservar os negócios da burguesia. Sob os governos Lula e Dilma, atingiu um alto grau de estatização e burocratização, com sindicalistas e militantes de movimentos sociais ocupando cargos em ministérios, conselhos, estatais e na gestão dos fundos de pensão das estatais. Sob o governo Temer e Bolsonaro, mesmo que fossem governos avessos à conciliação, apoiados exclusivamente nas frações burguesas, as Centrais conciliaram ao subordinar as lutas à estratégia de recompor o PT no seio da política burguesa, como sua ala esquerda. Assim, em vez da luta direta para derrubar as contrarreformas e defender empregos, salários e direitos, apostaram na pressão parlamentar voltada ao desgaste eleitoral. Com o retorno de Lula ao poder, vemos se recompor o velho governismo de partidos e correntes, que atuaram para produzir a “governabilidade” contra o Congresso “conservador”. Os próximos anos, no entanto, não serão de estabilidade para nenhum governo burguês.

Parte do programa que defendemos inicia-se com a constatação que nosso objetivo estratégico é o de constituir uma Única Central Sindical, Classista e **Democrática**. Este objetivo esteve presente no início dos anos de 1980, mas foi destruído, por oposição burguesa externa,

com a criação da Força Sindical, e pela política interna dos reformistas. Entretanto este é o objetivo que cabe a toda a classe operária e ao conjunto dos trabalhadores em nosso país. A unidade organizativa e política de todo o proletariado deve ser nosso objetivo para fazer frente às crises sucessivas do capitalismo e aos ataques impostos pelos governos e pelos capitalistas.

A bandeira de um **congresso de unificação das centrais e constituição de uma Única Central** serve como a tática do momento para se opor ao divisionismo, do passado e do presente. Não há voltas na história. No congresso de fundação da CSP-Conlutas, fomos a única corrente a se opor à cisão e propor que se formasse uma frente antiburocrática que atuasse dentro e fora da própria CUT. Consolidado o divisionismo, entendemos que é preciso lutar em cada central, inclusive na CUT, para que se imponha, a partir das bases, a necessidade de unidade organizativa e política dos explorados. Esta tática não pode e não será empunhada pelas direções burocráticas, mas servirá como uma ponte para as lutas que ocorrerão e a necessidade objetiva de dar um salto organizativo para a vitória dos movimentos. A CSP-Conlutas pode vir a ser uma fração revolucionária a impulsionar a unidade organizativa. Embora também não será por decisão de sua direção, ligada ao PSTU, que este objetivo se concretizará, mas pela força das bases que poderão impor esta necessidade sobre o organismo. A CSP-Conlutas não tem razão de existir se não for para encarnar a luta pela unidade organizativa e política do conjunto dos trabalhadores. Como um aparato sindical, mostrou-se já impotente para fazer frente às grandes Centrais. Devemos impulsionar esta política no interior da CSP-Conlutas.

O ANDES-SN teve e tem uma grande responsabilidade no divisionismo que deu origem à CSP-Conlutas. PSOL e PCB (atual direção do ANDES-SN) querem repetir o mesmo movimento e criar um aparato próprio. As bases têm todos os motivos para desconfiar, pois esses dois partidos nem mesmo conseguiram construir uma única Intersindical. A unidade, agora, seria puramente oportunista. Assim como é oportunista a unidade com o PT (Renova Andes) em torno da desfiliação, sem se dizer claramente qual seria o futuro do ANDES-SN. Os docentes que, de fato, se preocupam com a fragmentação do movimento sindical e operário, precisam avaliar cada proposta à luz da questão: O que se propõe atende aos interesses classistas de unificar e centralizar os movimentos sindicais, populares e da juventude? Ou atende a interesses aparelhistas, de se apoiar nos recursos do sindicato nacional, para turbinar uma nova aventura divisionista?

Tendo como guia a defesa da unidade política e organizativa da classe operária e dos demais explorados, a Corrente Proletária na Educação propõe a seguinte resolução:

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Opor-se ao divisionismo sindical, face oposta, mas irmã, do burocratismo sindical, avaliando que as divisões do passado devem ser combatidas com a defesa atual da unidade organizativa e política de todos os trabalhadores do país;
2. Rejeitar a tentativa de retorno do ANDES-SN à CUT por expressar uma disputa aparelhista e não voltada à superação da fragmentação do movimento sindical e operário.
3. Rejeitar qualquer nova divisão em relação aos sindicatos ou às centrais, compreendendo que o movimento docente é parte do movimento geral dos trabalhadores e não pode ficar isolado;
4. Lutar pela realização de um Congresso de Unificação de todos os trabalhadores do país, a partir de suas reivindicações elementares, da democracia e dos métodos próprios da classe operária.
5. Que o Andes se posicione por um congresso da CSP-Conlutas que tenha por objetivo discutir e decidir sobre a defesa de uma única central classista, independente e democrática.

TEXTO 31

Contribuições: Diretoria da APRUMA, Adilson Siqueira de Andrade (ADUNIR), Agripino José Freire da Fonseca (ADUNIR), Antônio Nogueira Neto (ADUNIR), Carlos Luis Ferreira da Silva (ADUNIR), Cristóvão Teixeira Abrantes (ADUNIR), Edilson Lobo do Nascimento (ADUNIR), Erasmo Moreira de Carvalho (ADUNIR), Franci Gomes Cardoso (APRUMA), Israel Xavier Batista (ADUNIR), Jorge Milton Ewerton Santos (APRUMA), Marilsa Miranda de Souza (ADUNIR), Micael Carvalho dos Santos (APRUMA), Otacílio Moreira de Carvalho Costa (ADUNIR), Ricardo Gilson da Costa Silva (ADUNIR), Rosilda Silva Dias (APRUMA), Saulo Pinto Silva (APRUMA), Sirliane de Souza Paiva (APRUMA), Valdir Aparecido de Souza (ADUNIR) e Welbson do Vale Madeira (APRUMA).

PELO FIM DAS PERDAS FINANCEIRAS E DA POSTERGAÇÃO DAS DATAS DOS INTERSTÍCIOS NA PROMOÇÃO/PROGRESSÃO FUNCIONAL DOS DOCENTES DAS IFES

TEXTO DE APOIO

Na reunião do Setor das IFES de 5 e 6 de agosto de 2022, representantes de diversas seções sindicais denunciaram práticas abusivas implementadas nas instituições de Ensino Superior, as quais estavam retardando a promoção/progressão docente e impedindo

ganhos financeiros retroativos, como resultado da Nota Técnica 2.556/2018 e do Ofício-Circular nº 53/2018-MP, ambos do extinto Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão (MPOG), agora integrante do Ministério da Economia do Governo Bolsonaro.

Em várias IFES, os docentes não podiam mais solicitar, em um mesmo processo, mais de uma progressão ou conjuntamente uma progressão e uma promoção. Enquanto em algumas delas, um novo processo poderia ser imediatamente iniciado a partir da publicação da portaria reconhecendo o direito docente de promoção/promoção docente com interstício finalizado em 24 meses e obtenção de nota mínima, em outras, o docente precisaria esperar 24 meses para iniciar um segundo processo de promoção/progressão, ainda que o interstício tenha sido finalizado e ele tivesse a pontuação necessária. Em várias delas, atrasos na avaliação pelas comissões estavam postergando, em até mais de seis meses, a data de finalização do interstício inicial.

Naquele encontro, os docentes representantes das seções sindicais reconheceram a necessidade de se intensificar, no âmbito das universidades federais e em ação conjunta com o GT Carreira, a “[...] luta para que as promoções e as progressões na carreira docente sejam implementadas pelas instituições a partir da data em que se completa o interstício em termos financeiros e administrativos e denunciando a nota técnica 2.556/2018 do Ministério do Planejamento, que indica o não pagamento do retroativo.”, deliberação do 40º Congresso do ANDES-SN. Ademais, a representante da APRUMA sugeriu que o ANDES-Sindicato Nacional realizasse um “Levantamento de como está a situação das progressões e promoções nas IFES” a fim de se saber, especialmente, quais instituições não cumpriram as determinações da Nota Técnica 2.556/2018 e as repercussões dessa decisão.

Em um caso específico, a Administração Superior de uma determinada IFES anulou progressões e promoções funcionais já concedidas desde 1º de agosto de 2016, sob o pretexto de que tais progressões foram concedidas por interstícios acumulados e, mais grave ainda, recentemente solicitou auditoria da Controladoria-Geral da União (CGU) para convalidar sua decisão, o que foi prontamente atendido pela CGU que, além de convalidar, determinou que os trabalhos fossem estendidos para outras superintendências da CGU em outras Universidades do país. Em razão disso, a seção sindical dos docentes da IFES afetados por esta decisão manteve reuniões com o jurídico do ANDES e acredita-se que se trata de um experimento que o governo Bolsonaro vinha fazendo para colocar em prática em outras IFES.

Não se deve esquecer que o desenvolvimento nas carreiras e cargos do Magistério Federal é regido pela Lei Federal nº 12.772/12, que institui e regula a progressão funcional e a promoção. No que se refere aos efeitos da promoção funcional, tem-se que o art. 13-A da aludida lei, incluído pela Lei nº 13.325/2016, pontuou que o efeito financeiro da progressão e da

promoção ocorrerá “[...] a partir da data em que o docente cumprir o interstício e os requisitos estabelecidos em lei para o desenvolvimento na carreira.”

Conforme se depreende da leitura do referido artigo, os efeitos financeiros (assim como os demais efeitos) surgem a partir do cumprimento dos requisitos legais, pouco importando a data em que tais condições são verificadas pela Administração Pública, seja pela comissão de avaliação da promoção/progressão, seja pela portaria que concede a progressão/promoção funcional.

Desta forma, qualquer nota técnica, ofício-circular ou resolução em sentido contrário da referida Lei se trata de uma disposição de evidente ilegalidade, razão pela qual mostra-se imprescindível a desconstituição dos efeitos concretos produzidos nas progressões docentes a partir da adoção de tal entendimento.

Isto porque os atos administrativos que reconhecem o cumprimento dos requisitos (cumprimento de interstício de 24 meses + desempenho acadêmico) não possuem natureza constitutiva, pois se limitam a reconhecer a suficiência de desempenho do docente durante determinado interstício, ou seja, possui a função de declarar que os requisitos exigidos foram devidamente observados.

Ressalta-se que antes da existência do art. 13-A da Lei nº 13.325/2016, que estabelece o parâmetro temporal da retroação dos efeitos financeiros, a jurisprudência brasileira já reconhecia que ela ocorreria à época do cumprimento das condições para tal, assentindo que a natureza declaratória dos atos administrativos das comissões de avaliações. A implementação do referido artigo, por si só, já foi uma forma de uniformizar as divergências sobre o assunto, não cabendo, portanto, a nenhum órgão do Poder Executivo atropelar a norma e, sob a mesma justificativa, alterar o entendimento já sedimentado.

Sobre o assunto, frise-se que todo texto normativo é passível de interpretação, mas em hipótese alguma pode ser adotado entendimento que viole diretamente o texto da lei ou normas e princípios constitucionais. O que se vê no conteúdo da Nota Técnica 2556/2018-MP e do Ofício-Circular 53/2018/MP é uma clara violação aos princípios da legalidade e da razoabilidade, visto que contraria norma expressa que determina como deve atuar a Administração Pública, além de ser completamente desarrazoado e infundado o entendimento.

Aponte-se que a definição dos efeitos acadêmicos retroativos à data de aprovação pela comissão de avaliação docente causa grandes prejuízos ao desenvolvimento das carreiras dos docentes, tendo em vista que há uma verdadeira desconsideração de toda a produção acadêmica entre o fim do interstício e a data do parecer favorável da comissão de avaliação docente.

Nesta perspectiva, a Nota Técnica e o Ofício-Circular exarados pelo então Ministério do Planejamento e Desenvolvimento também coloca em xeque a progressão múltipla, que ocorre quando há acúmulo de interstícios diferentes, nos quais não foram requeridas as progressões ou as promoções funcionais devidas. Assim, à luz do novo entendimento, perde-se este direito por mera ausência de formalidade técnica.

O referido Ofício-Circular estabelece que, in verbis:

Não há possibilidade de acúmulo de interstícios para fins de concessão de progressão funcional em mais de um nível por vez, tendo em vista a determinação normativa que exige o cumprimento cumulativo dos seguintes critérios: (i) interstício de 24 (vinte e quatro) meses de efetivo exercício em cada nível e (ii) aprovação em avaliação de desempenho.

Ou seja, além de desconsiderar o dispositivo que expressamente estabelece o parâmetro de retroação dos efeitos financeiros, também ignora a exigência de que o docente permaneça por 24 meses em cada nível, visto que, conforme evidenciado, o parecer da comissão de avaliação não possui natureza constitutiva, apenas declaratória.

O que se observa é que as exigências contidas feitas pelo órgão do executivo não apenas contrariam expressamente a Lei, mas também violam princípios fundamentais da Administração Pública, previstos na própria Constituição Federal. Do mesmo modo, demonstram sério e inadmissível descaso com a categoria dos professores, pois, desconsidera períodos árduos de trabalho.

Diante do exposto, resta evidenciada a ilegalidade das normas administrativas que estabeleçam um marco temporal da retroatividade da progressão diverso do que prevê o art. 13-A da Lei nº 12.772/12, locupletando-se a Administração Pública de forma ilícita, ao deixar de realizar o pagamento das diferenças retroativas e a desconsideração da produção acadêmica. Mais ilegal ainda a medida adotada por uma das IFES em anular progressões e promoções funcionais já concedidas aos docentes, regredindo centenas de docentes na carreira.

TR – 31

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Lutar junto aos Ministérios da Educação e da Economia para as revogações da Nota Técnica 2.556/2018 e do Ofício-Circular nº 53/2018-MP, do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, que tratam da Uniformização de entendimentos referentes à concessão de progressão funcional aos docentes das instituições federais de ensino.
2. Lutar junto aos ministérios citados para que seja incluído um artigo, em uma nova norma técnica, indicando às Instituições Federais de Ensino que as datas que finalizam os interstícios

docentes não poderão ser modificadas, independente da data da solicitação ou de finalização do processo ou de promoção/progressão, e que sejam garantidos os efeitos financeiros retroativos.

3. Lutar junto aos ministérios citados para que as portarias de promoção/progressão correspondam ao final do interstício e não da finalização do processo ou da avaliação da comissão, já que nota técnica exarada pelo então Ministério do Planejamento e Desenvolvimento também coloca em xeque a progressão múltipla, que ocorre quando há acúmulo de interstícios diferentes, nos quais não foram requeridas as progressões ou as promoções funcionais devidas.

4. Lutar junto ao Ministério da Educação e da Economia para restituir a carreira dos docentes na IFES onde as progressões e promoções funcionais foram anuladas, anulando as portarias que ilegalmente anularam progressões e promoções funcionais, reposicionando esses docentes na carreira com o conseqüente pagamento dos retroativos devidos.

TEXTO 32

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Abraão Félix Da Penha (ADUNEB); Camila Leite Oliver (ADUNEB); Carmen Silvia Silva Sá (ADUNEB); Caroline De Araújo Lima (ADUNEB); Célia Santana Silva (ADUNEB); Celso de Jesus Silva (ADUNEB); Francisco Eduardo Torres Cancela (ADUNEB); Luciana Souza (ADUNEB); Miriam Bonfim (ADUNEB); Nora de Cássia Gomes Oliveira (ADUNEB); Tadeu Bello dos Santos (ADUNEB); Vânia Vasconcelos (ADUNEB); Zózina Maria Rocha de Almeida (ADUNEB); Jorge Almeida (APUB); Maurício Brito (APUB); Iacy maia (APUB); Maria Raquel Garcia Veja (ADUENF); Ricardo Nóbrega (ADUENF); Fernanda da Silva Mendes (SINDUEPA); Edivania Alves (ADUFPA); Fernando Lacerda (UFG); Livia Gomes Santos (UFG); Márcio Barbosa Silva (ADUFPB).

AS VIDAS DAS CRIANÇAS, MULHERES E PESSOAS QUE GESTAM ESTÃO EM RISCO!

O ESTATUTO DO NASCITURO E A POLÍTICA DE IMPUNIDADE AOS ESTUPRADORES

TEXTO DE APOIO

Nosso Sindicato Nacional nos últimos anos vem aprovando diversas resoluções que se somam a luta em defesa dos direitos das mulheres, da população negra, indígena, LGBTQIA+, compreendendo que essas pautas fazem parte da luta de classes no Brasil e na América Latina.

No 37º Congresso do ANDES-SN aprovamos resolução pela legalização do aborto, além da luta em defesa da oferta de políticas públicas de saúde direcionadas aos direitos sexuais e reprodutivos da mulher. Essa deliberação somou-se as deliberações do 34º Congresso, quando a categoria docente aprovou o posicionamento em defesa da descriminalização do aborto.

Países como Argentina e México avançaram nessa pauta, aprovando a legalização do aborto, mas no Brasil estamos vivendo uma conjuntura marcada por retrocessos. Neste contexto, o Projeto de Lei 478/2007, conhecido como Estatuto do Nascituro, que ataca o direito ao aborto legal no Brasil retorna a comissão da mulher na Câmara de Deputados. Esse projeto parte da ideia de “proteção à vida desde a concepção”, garantido a embriões os mesmos direitos das pessoas nascidas, ampliando a criminalização do aborto em qualquer situação, inclusive naquelas já previstas em lei, e viola o princípio constitucional do Estado laico. É necessário o fortalecimento do combate a essas movimentações machistas e misóginas, que colocam a vida das crianças, mulheres e pessoas que gestam em risco, além de proporcionar um ambiente de impunidade aos estupradores! Criança não é mãe, estuprador não é pai e gravidez na infância é tortura!

O Brasil tem uma dívida com a saúde das mulheres, principalmente com aquelas que enfrentam complicações na gravidez. Somos um dos países com as maiores taxas de mortalidade materna por causas evitáveis, sendo as mais frequentes: hipertensão, hemorragias graves, infecções e abortos inseguros, segundo o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). Especialmente nos três últimos anos, durante a pandemia da Covid-19, quase 23% das mulheres que morreram no país não tiveram acesso a leito de UTI e 36% não chegaram a ser intubadas – lembrando que 77% das mortes de gestantes do mundo ocorreram no Brasil. Ainda assim, não vimos esses mesmos parlamentares, que dizem defender a vida ao pautar ataques aos direitos sexuais e reprodutivos, se mobilizarem para garantir a vida das milhares de mulheres vítimas da Covid-19.

Não os vimos se mobilizarem pela vida da menina de 11 anos de Santa Catarina, vítima de estupro, que tinha o direito de acessar o aborto legal, mas que o próprio Estado brasileiro se negou por diversas a garantir. A cada 20 minutos, uma criança estuprada dá à luz no Brasil. São mais de 70 partos por dia. Mais de 20 mil meninas estupradas engravidam por ano, sendo a maioria negra, e seus estupradores pessoas conhecidas/próximas. Em 2021 foram 66.020 estupros no país, 4,2% a mais que em 2020, e somos o 4º país do mundo com mais casamentos infantis.

Ainda assim, em 2021 o Ministério da Saúde, com a omissão do Ministério da Mulher e da Família, publicou uma portaria com critérios que dificultam o acesso ao aborto legal, além de terem lançado em 2022 uma Cartilha da Gestante com falsas informações e instituindo a

violência obstétrica. E a bancada bolsonarista, que nada fez pela vida das crianças, mulheres, pessoas que gestam e puérperas em nenhum desses casos, tenta agora aprovar o Estatuto do Estuprador.

O Projeto de Lei (PL), de autoria do deputado Luiz Bassuma (Avante/BA e PT à época) e Miguel Martini (PHS/MG à época), pretende alterar o Código Penal e excluir qualquer possibilidade de garantia do direito ao aborto legal no Brasil, onde atualmente este é garantido em três situações: casos de estupro, risco de vida para a pessoa gestante; e de fetos com anencefalia.

De acordo com a Nota técnica da Associação Nacional das Defensoras e Defensores Públicos (ANADEP)³⁵, o PL fragiliza direitos de meninas e mulheres já conquistados e tenta inviabilizar as já limitadas hipóteses da interrupção da gravidez, prevendo mais punições e responsabilizações. Segundo a nota técnica, o PL 478/2007 reforça os estereótipos e a marginalização das mulheres, pessoas que gestam e meninas que buscam acesso à interrupção legal da gestação após serem violadas sexualmente. Dados do Ministério da Saúde, apresentados em audiência pública no Supremo Tribunal Federal (STF) em agosto de 2018, indicaram que mais de 45% das mulheres e meninas que morreram em decorrência de aborto inseguro eram negras, indígenas e periféricas.

Barrar o PL do estuprador é garantir a vida das crianças, mulheres e pessoas que gestam! Esse projeto de lei criminaliza os casos previstos em lei que garantem o aborto legal; viola os direitos das mulheres e acirra as desigualdades de gênero; além de violar tratados internacionais de direitos humanos dos quais o Brasil é signatário. O Estatuto do Estuprador aumentará as mortes por aborto inseguro no país, além de torturar mulheres e meninas que sofreram violência sexual, impondo a manutenção de uma gravidez.

TR – 32

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

Diante do exposto, considerando que o PL 478/2007 retornará a Comissão em 2023, o 41º Congresso do ANDES delibera:

1. Que o GTPCEGDS e o GTPFS desenvolvam ações conjuntas de formação referente a justiça reprodutiva;
2. Que o ANDES-SN produza, e oriente suas seções sindicais a produzirem, materiais de mídia no decorrer do ano de 2023 de combate a PL 478/2007;

³⁵ Cf.: https://www.justicaemfoco.com.br/desc-noticia.php?id=145058&nome=em_notia_tecnica_associao_nacional_das_defensoras_e_defensores_publicos_destaca_riscos_e_retrocessos_em_projeto_que_dispoe_sobre_estatuto_do_nascituro

3. Que o III Seminário Integrado do ANDES-SN, organizado pelo GTPCEGDS tenha em sua programação o debate sobre direitos sexuais e reprodutivos, justiça reprodutiva.



Obra de Daiara Tukano - Duhigô, do povo indígena Tukano do Alto Rio Negro na Amazônia brasileira, nascida em São Paulo. Artista, ativista, educadora e comunicadora. Graduada em Artes Visuais e Mestre em direitos humanos pela Universidade de Brasília - UnB; pesquisa o direito à memória e à verdade dos povos indígenas.

TEMA IV – QUESTÕES ORGANIZATIVAS E FINANCEIRAS

REFERENDO DE ALTERAÇÃO ESTATUTÁRIA DO ANDES-SN PROMOVIDA POR FORÇA DE DECISÃO JUDICIAL

TEXTO DE APOIO

A Diretoria Nacional do ANDES-SN encaminha para referendo do 41º Congresso alteração estatutária realizada por força de decisão judicial proferida no Processo nº 0000480-79.2011.5.10.0004, que determinou, sob pena de multa, a retirada da base territorial do Estado de Santa Catarina da representação da categoria do(a)s professore(a)s de ensino superior das Universidades Federais, com correspondente registro formal nos atos constitutivos do ANDES-SN.

Convém ressaltar que se trata de decisão já transitada em julgado – ou seja, que não comporta mais recursos –, motivo pelo qual nos é imposta esta alteração.

De todo modo, seguiremos envidando os esforços políticos para abrandar e reverter os efeitos desta decisão seja no que refere à base da APUFSC, quanto a eventuais outros impactos indiretos resultantes desta decisão.

TR – 33

O 41º Congresso do ANDES-SN delibera referendar a seguintes alterações estatutárias:

1. Alterar o Artigo 2º:

Onde se lê:

Art. 2º. O ANDES-SINDICATO NACIONAL tem sua sede jurídica e administrativa em Brasília e sua jurisdição em todo o território nacional.

Leia-se:

Art. 2º. O ANDES-SINDICATO NACIONAL tem sua sede jurídica e administrativa em Brasília e sua jurisdição em todo o território nacional, exceto na representação dos professores de ensino superior das Universidades Federais do **Estado de Santa Catarina**.

FUNDO ÚNICO – FUNDO NACIONAL DE SOLIDARIEDADE, MOBILIZAÇÃO E GREVE DO ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

O Fundo Único, denominado Fundo Nacional de Solidariedade, Mobilização e Greve do ANDES-SN, foi criado no 32º Congresso, realizado no Rio de Janeiro, em março de 2013. É mantido pela destinação de 2% (dois por cento) da receita integral das contribuições mensais dos(as) sindicalizados(as), relativamente às parcelas correspondentes a cada seção sindical e à tesouraria nacional. Nessa premissa, cada seção sindical destina 2% de suas arrecadações líquidas mensais (arrecadação total menos repasse à tesouraria nacional) ao fundo, e a tesouraria nacional destina 2% de sua receita mensal de contribuições ao fundo.

O 61º CONAD (Boa Vista/2016) alterou os critérios para utilização do fundo único a partir da delegação do 35º Congresso (Curitiba/2016). A nova resolução prevê, no artigo primeiro, que *“As solicitações de apoio financeiro das seções sindicais com dificuldades financeiras para despesas com greves e mobilizações devem ser feitas, por escrito, à Tesouraria do ANDES-SN, informando as Secretarias Regionais, justificando os motivos do pedido e os usos a que se destinam e a planilha financeira explicitando as despesas”*.

O valor total disponibilizado pela Diretoria do ANDES-SN corresponderá a 60% do saldo bancário do Fundo Único em 1º de janeiro de cada ano, distribuídos nos seguintes montantes: até 20% para Solidariedade, até 40% para a Mobilização e até 60% para Greve.

No ano de 2021, o Fundo Único foi utilizado, na parcela relativa à mobilização, para realização de várias mobilizações nacionais, dentre as quais: campanha Fora Bolsonaro, atividades contra a PEC 32. Essas atividades de mobilização permitiram ao ANDES-SN contribuir com o conjunto das entidades, seções sindicais e com a CSP-Conlutas, no esforço de trazer a Brasília estudantes, professores(as) e de movimentos populares organizados.

Além dessas despesas, convocamos a Comissão Nacional de Mobilização por algumas semanas e repassamos recursos para a implantação de novas seções sindicais e auxílio para seções com dificuldades financeiras.

O 40º Congresso, por meio de resolução, autorizou a diretoria do ANDES-SN a ordenar despesas para garantir o custeio das atividades de mobilização, campanhas, marchas e eventos,

reconhecidas como centrais na luta do Sindicato Nacional, no limite de R\$ 1.100.000,00, estamos atualizando este valor para R\$ 1.164.900,00.

Tomando como referência a data de 1º de janeiro de 2023, o Fundo Único apresenta um saldo de R\$ 13.413.387,32. Nesse balanço preliminar, podemos afirmar que o aporte financeiro mensal, proveniente da contribuição das seções sindicais e do ANDES-SN, estabelecido pelo 32º Congresso, está sendo suficiente para a manutenção do Fundo Único e o cumprimento das ações previstas para o seu uso.

TR – 34

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Autorizar a diretoria do ANDES-SN a ordenar despesas para garantir o custeio das atividades de mobilização, campanhas, marchas e eventos definidos pelo 41º Congresso, como centrais na luta do Sindicato, no limite de R\$ 1.164.900,00 da parcela referente à mobilização.
2. Autorizar o 66º CONAD a apreciar e deliberar sobre os custeios de mobilização e de luta para o segundo semestre de 2023.
3. Autorizar as seções sindicais do setor das IEES/IMES em dificuldades financeiras, que entrarem em greve no ano de 2023, a suspender a contribuição para o Fundo Único, enquanto durar o movimento paredista.
4. Autorizar a diretoria do ANDES-SN a disponibilizar recursos da parcela de mobilização do Fundo Único Nacional de Solidariedade, Mobilização e Greve para ajudar nas ações políticas e organizativas de novas seções sindicais pelo prazo de um ano, a partir de sua homologação, tempo para que consigam viabilizar a autossustentação e a regularização das receitas por meio da contribuição dos(as) sindicalizados(as), mantendo-se válidas as demais resoluções pertinentes definidas pelo 58º CONAD.

TEXTO 35

Diretoria do ANDES-SN

HOMOLOGAÇÃO DE ALTERAÇÃO REGIMENTAL**TEXTO DE APOIO**

A Diretoria Nacional do ANDES-SN, cumprindo as suas atribuições estatutárias e dando sequência ao processo de ampliação de sua base e adequação dos regimentos de seções sindicais ao Estatuto do sindicato nacional, apresenta ao 41º Congresso a seguinte proposição:

1) aprovação da alteração do regimento da Seção Sindical dos Docentes da Universidade do Estado do Amapá (SINDUEAP - SSIND).

TR – 35**1. APROVAÇÃO DE ALTERAÇÃO REGIMENTAL:**

1.1 Em consonância com o estatuto do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior e de acordo com a documentação, o 41º CONGRESSO ratifica a aprovação da alteração do Regimento da Seção Sindical dos Docentes da Universidade do Estado do Amapá (SINDUEAP - SSIND).

TEXTO 36

Diretoria do ANDES-SN

PRESTAÇÃO DE CONTAS DO 65º CONAD**TR - 36**

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN aprova a prestação de contas do 65º CONAD.

PREVISÃO DE DESPESAS 65º CONAD	ANDES-SN	ADUSP
<i>Especificação</i>	RATEIO	RATEIO
1-PESSOAL		
ANDES-SN (Secretaria, Tesouraria, Imprensa e CPD)		
Passagens Aéreas/ Terrestre	13.821,04	2.700,00
Hospedagem	9.227,40	0,00

Diárias	7.320,00	0,00
Hora extras	42.683,01	13.087,01
Subtotal	73.051,45	15.787,01
2 - IMPRENSA E DIVULGAÇÃO		
Caderno de texto (papel , toner e transporte)	5.460,00	0,00
Arte dos Cartazes/Banners e Faixas	5.300,50	0,00
Repografia	9.524,90	0,00
Subtotal	20.285,40	0,00
3 – INFRAESTRUTURA		
Estrutura Física		
Decoração	1.800,00	0,00
Tendas/Toldos/Lonas	7.000,00	0,00
Tapetes para o piso da quadra	7.500,00	0,00
Apresentação Cultural	2.300,00	0,00
Equipamentos (iluminação/sonorização/projetores/energia)	7.000,00	0,00
Subtotal	25.600,00	0,00
4.Prestação de Serviços		
Filmagem	4.500,00	0,00
Exames Covid 19 (monitores)	0,00	4.166,94
Ônibus Congressista	9.740,00	0,00
Coffe Break	21.580,00	0,00
Almoço Congressista	26.420,00	0,00
Locação de Impressoras	3.466,90	0,00
Locação de Cadeiras /mesas e cadeiras	1.820,00	0,00
Seguranças e brigadista	2.820,00	0,00
Serviços de Informática	2.400,00	0,00
Serviço Eletrecista	1.000,00	0,00
Apoio/ Copa/ limpeza	3.300,00	0,00
Serviços Monitores	12.800,00	0,00
Transportadora	4.330,00	0,00
Espaço de Convivência (Alimentação, Pessoal, Transporte e Material Pedagógico)	5.843,80	0,00
Subtotal	100.020,70	4.166,94
5.Material de Consumo		
Material de Escritório e expediente	3.345,93	0,00
Material de Informatica	4.679,60	0,00
Farmacia	0,00	96,19
Mascaras de Proteção	5.200,00	0,00
Copos Descartaveis	2.820,00	0,00
Subtotal	16.045,53	96,19
6.Material distribuido aos delegados e observadores		
Camisas	8.482,00	0,00
Bolsas	10.500,00	0,00
Crachá	707,00	0,00

Canetas	588,00	0,00
Guia do Congressista	3.163,00	0,00
Subtotal	23.440,00	0,00
7.COMISSÃO ORGANIZADORA		
Diárias	1.920,00	0,00
Passagens Aéreas	21.625,63	0,00
Hospedagem	3.381,40	0,00
Subtotal	26.927,03	0,00
8.Despesa c/ transporte de um delegado das S.Sindicais c/ menos de 101 filiados.		
SINDIUFBSB - NE III	700,00	0,00
ADUEMG - Leste	834,07	0,00
SINDUFFS - Sul	6.343,84	0,00
SESUNILA - Sul	2.948,82	0,00
SINDUNESPAR - Sul	2.288,68	0,00
Subtotal	13.115,41	0,00
9.Delegados Eleitos Conforme do Art. 41 Inciso 8 paragrafo 5 (via secret.)		
Docentes UFG/ Diárias	600,00	0,00
Docentes UFG/ Passagens	4.107,87	0,00
Docentes UFG/ Hospedagens	709,80	0,00
Subtotal	5.417,67	0,00
TOTAL	303.903,19	20.050,14

Total de Despesas Previstas	323.953,33
------------------------------------	-------------------

Total de Despesas Previstas para Rateio	319.457,81
Total de Despesas Realizadas	323.953,33
Porcentagem da diferença	1,41%
Diferença	-4.495,52

TEXTO 37

Diretoria do ANDES-SN

PRESTAÇÃO DE CONTAS DO 14º CONAD EXTRAORDINÁRIO**TR - 37**

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN aprova a prestação de contas do 14º CONAD Extraordinário.

PREVISÃO DE DESPESAS 14º CONAD EXTRAORDINÁRIO	ANDES-SN
<i>Especificação</i>	RATEIO
1-PESSOAL	
ANDES-SN (Secretaria, Tesouraria, Imprensa e CPD)	
Combustível/ Transporte	811,00
Alimentação	790,10
Hora extras	28.121,16
Subtotal	29.722,26
2 - IMPRENSA E DIVULGAÇÃO	
Caderno de texto (papel , toner e transporte)	1.201,00
Subtotal	1.201,00
3 – INFRAESTRUTURA	
Estrutura Física	
Decoração	350,00
Tendas/Toldos/Lonas/Palco	14.370,00
Apresentação Cultural	2.000,00
Subtotal	16.720,00
4.Prestação de Serviços	
Filmagem	7.500,00
Coffe Break	12.180,00
Serviços de Informática	4.016,78
Locação Impressora	200,00
Locação Internet Link dedicado	4.500,00
Locação de Notebooks	4.500,00
Locação Ambulância	6.524,00
Locação de Bebedouro/ toalhas de mesa	1.160,00
Apoio/ Copa/ limpeza	4.320,00
Serviços Monitores	9.180,00
Transportadora	250,00
Espaço de Convivência (Alimentação, Pessoal, Transporte e Material Pedagógico)	5.500,00
Subtotal	59.830,78
5.Material de Consumo	
Material de Escritório e expediente	3.001,88

Material de Informática	2.307,20
Mascaras de Proteção/Alcool/Repelente	1.501,84
Água Mineral/ Copos	698,40
Café / Açucar	0,00
Guarda - chuva e capa	680,00
Subtotal	8.189,32
6.Material distribuído aos delegados e observadores	
Camisas	6.960,00
Bolsas	5.427,70
Crachá	2.380,00
Copos	4.950,00
Blocos	1.390,00
Guia do Congressista	840,00
Subtotal	21.947,70
7.COMISSÃO ORGANIZADORA	
Diárias	0,00
Passagens Aéreas	0,00
Hospedagem	0,00
Subtotal	0,00
8.Despesa c/ transporte de um delegado das S.Sindicais c/ menos de 101 filiados.	
ADUFRA / NORTE 2	2.742,49
SINDUEAP / NORTE 2	2.389,93
SINDUFAPE/ NE II	2.623,27
SINDIUFBS/ NE III	3.962,20
ADUFVJM / LESTE	1.396,49
SINDUFFS / SUL	1.277,00
SINDOIF / RS	2.004,34
SESUNIPAMPA / RS	1.839,57
Subtotal	18.235,29
9.Delegados Eleitos Conforme do Art. 41 Inciso 8 paragrafo 5 (via secret.)	
Docentes UFG/ Diárias	600,00
Subtotal	600,00
Total de Despesas	
	156.446,35
Total de Despesas Previstas para Rateio	
	156.731,88
Total de Despesas Realizadas	
	156.446,35
Porcentagem da diferença	
	-0,18%
Diferença	
	285,53

MANUTENÇÃO DO APOIO FINANCEIRO À ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES (ENFF)

TEXTO DE APOIO

A Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), situada em Guararema, na Região Metropolitana de São Paulo, é um centro de educação e formação idealizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A ENFF não é apenas uma escola do MST; é uma unidade escolar da classe trabalhadora e está a serviço dos movimentos populares do Brasil e de vários países do mundo.

Inaugurada em janeiro de 2005, a ENFF completou quinze anos em 2020, após muito esforço de mais de mil trabalhadore(a)s do MST e simpatizantes que a construíram coletivamente. Aproximadamente 24 mil pessoas participaram em distintas atividades formativas esporádicas, como seminários, eventos, congressos e conferências de curta duração. Nesse período, mais de 500 professores e professoras colaboraram de forma solidária com a Escola. A ENFF também mantém convênio com mais de 15 escolas de formação em outros países.

A instituição promove cursos formais e informais voltados para a produção, comércio e gestão dos acampamentos e assentamentos. Os cursos, em diversas áreas, estimulam a capacidade crítica das pessoas e o desenvolvimento de conhecimento para a construção de um projeto popular para o Brasil. A grande diferença em relação às demais escolas é que, após passar pela ENFF, o(a)s aluno(a)s voltam para a sua comunidade rural e utilizam na prática o que aprenderam no banco escolar. Exemplos de cursos ministrados na ENFF: alfabetização; administração cooperativista; pedagogia da terra; saúde comunitária; planejamento agrícola e técnicas agroindustriais.

O(A)s professore(a)s que lecionam na escola trabalham nas universidades conveniadas e escolas técnicas. Os cursos de formação técnica são ministrados pelo Instituto Técnico de Pesquisa e Reforma Agrária (ITERRA), registrado no MEC, ou por outros parceiros, como a UNICAMP (Realidade Brasileira), a UERJ (Teorias Sociais), a UFMG (Realidade Latino-Americana), a UFPB (História) e a UFJF (Especialização em Estudos Latinos).

Acrescente-se que também contribuem para o sistema educacional do MST amigo(a)s e simpatizantes do Movimento – quase todo(a)s voluntário(a)s. Além dos cursos, são realizados, na Escola, muitos encontros, seminários e atividades culturais para assentado(a)s e acampado(a)s.

A Escola foi construída entre 2000 e 2005. O projeto conceitual e arquitetônico das cinco edificações que compõem o *campus* é de autoria da arquiteta Lilian Avivia Lubochinski, ex-professora da PUC-SP. O(a)s trabalhadore(a)s e militantes do MST que ajudaram a ENFF passaram por cursos de alfabetização e supletivos ao longo da obra. Organizado(a)s em brigadas, esse(a)s trabalhadore(a)s ficavam cerca de 60 dias trabalhando na construção da Escola, em seguida, voltavam para seus estados e eram substituído(a)s por nova brigada. Ao retornar a seus locais de origem, utilizavam os ensinamentos obtidos na Escola para melhorar a qualidade dos assentamentos e acampamentos.

Compreendendo que o ANDES-SN deve estabelecer relação política de parceria e cooperação com as entidades que apoia, avaliamos ser fundamental, para a manutenção da parceria, a realização de uma reunião entre a diretoria nacional e a direção da ENFF.

Desse modo, é importante a continuidade da ajuda financeira do ANDES-SN à ENFF para que ela possa se manter, com autonomia, como uma referência de grande importância para o processo de formação da militância do MST e de outras organizações que lutam na defesa da reforma agrária, porém buscando diálogo político com o ANDES-SN.

TR – 38

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Autorizar a Diretoria do ANDES-SN a manter a contribuição, por um período de 12 meses, de R\$ 3.000,00 (três mil reais) mensais para a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF).
2. Que a diretoria nacional do ANDES-SN realize reunião com a direção da ENFF e com a direção nacional do MST buscando realizar ações conjuntas de unidade de ação.

MANUTENÇÃO DO APOIO FINANCEIRO À AUDITORIA CIDADÃ DA DÍVIDA (ACD)

TEXTO DE APOIO

A Auditoria Cidadã da Dívida (ACD), criada no ano de 2001, vem, desde então, realizando estudos, investigações, publicações e eventos sobre o endividamento público brasileiro – interno e externo – e respectivos impactos nas políticas públicas e nos direitos sociais da população brasileira.

O ANDES-SN, com base nas contribuições dos grupos de trabalhos (GT) e, tendo como referência as deliberações decorrentes de Congressos e CONADs, tem articulado com a ACD para viabilizar ações que embasem a luta por reivindicações específicas do movimento docente e por bandeiras gerais do movimento sindical e de movimentos sociais.

Desde a edição da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 55/2016 (que tramitou na Câmara como PEC 241/2016), transformada na Emenda Constitucional (EC) 95/2016, a ACD vem alertando para o fato dessa PEC “que insere no texto da Constituição Federal o congelamento de gastos e investimentos sociais por até 20 anos, garante recursos para pagamento de juros de uma dívida pública, não auditada, e para ‘empresas estatais não dependentes’”. Assim, essa emenda privilegia a destinação de recursos para esse esquema financeiro ilegal, enquanto sacrifica a saúde, a educação, a assistência, a segurança e todos os demais gastos e investimentos sociais. Para a ACD, os Projetos de Lei (PL) 204/2016, 181/2015 e 3337/2015 visam “legalizar” esse esquema de ataque ao fundo público.

O ANDES-SN compõe o Conselho Político da ACD e, desse lugar, apoiou uma articulação no âmbito do Congresso Nacional que resultou na criação da Frente Parlamentar Mista pela Auditoria da Dívida Pública com Participação Popular, cujo lançamento ocorreu em agosto de 2016.

No início de novembro de 2017, o ANDES-SN apoiou um importante evento internacional, qual seja, o Seminário Internacional “Esquema Financeiro Fraudulento e Sistema da Dívida”, organizado pela Auditoria Cidadã da Dívida, do qual participaram representantes da Diretoria do ANDES-SN, de seções sindicais, de outras entidades sindicais e de movimentos sociais.

Em 2018, a ACD mais uma vez desenvolveu importante parceria com o ANDES-SN através de análise de dados para elaboração de caderno do sindicato sobre os cortes na Educação e Ciência e Tecnologia e compôs carta a ser apresentada ao(à)s candidato(a)s a presidente pontuando a importância da Auditoria da Dívida Pública. Em parceria com o ANDES-SN, reeditou um curso nacional para formar militantes em todo o Brasil, o qual é oferecido à distância e realizado em módulos temáticos.

O ANDES-SN contribui com uma ajuda financeira para a ACD, mensal e regularmente, desde o 30º Congresso – Uberlândia/MG (realizado de 14 a 20 de fevereiro de 2011). E, desse modo, a Diretoria propõe a continuidade dessa ajuda financeira.

TR – 39

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Autorizar a Diretoria do ANDES-SN a manter a contribuição, por um período de 12 meses, de R\$ 3.000,00 (três mil reais) mensais para a Auditoria Cidadã da Dívida (ACD).
2. Que as seções sindicais avaliem a possibilidade de contribuição com os núcleos da ACD nos estados

TEXTO 40

Diretoria do ANDES-SN

MANUTENÇÃO DO APOIO FINANCEIRO AO CASARÃO DA LUTA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO (MTST)

TEXTO DE APOIO

O apoio político e financeiro do ANDES-SN revela-se indispensável à realização de um conjunto variado de atividades nacionais de formação político-cultural do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), que acontece, sobretudo, no Casarão da Luta. Como conquista de um ciclo de lutas de mais de uma década, o movimento conseguiu, além de moradias, a desapropriação de uma casa ociosa em Taboão da Serra (SP), que passou a ser chamada Casarão da Luta.

A partir daí, o MTST instaurou um espaço nacional de formação. Com apoio político e financeiro do ANDES-SN, o movimento mobilizou a militância e conseguiu organizar biblioteca, videoteca, brinquedoteca, estrutura de creche (para assegurar a participação das militantes com filho(a)s e mantém o esforço de preservá-las.

Importante destacar que no processo diário de mobilização, organização e luta de trabalhadores e trabalhadoras concentrado(a)s nos territórios de pobreza das periferias urbanas, o MTST desenvolve um repertório de ações, cujo centro é a ocupação de latifúndios urbanos que não cumprem função social. Com isso, a matriz do percurso formativo do movimento é a própria vida cotidiana nas ocupações (e o conjunto de ações e experiências a ela vinculadas). Entretanto, essa matriz formativa requer mais mediações formativas e formadoras para se potencializar e qualificar. Por isso, os diversos cursos, debates, oficinas, dinâmicas e vivências de grupos, desenvolvidos no Casarão, contribuem, decisivamente, para o cotidiano de atuação do MTST.

Compreendemos que o MTST é um dos movimentos sociais urbanos mais importantes dessa quadra histórica e que diante do acirramento da conjuntura faz-se necessário apoiar e construir ações conjuntas com os movimentos sociais de cunho anticapitalista.

Levando em conta que o MTST preserva o princípio da autonomia perante empresas, governos, igrejas e partidos políticos e aglutina uma base social formada por desempregado(a)s, informalizado(a)s ou precarizado(a)s, e considerando a parceria estabelecida com o movimento em diferentes estados do Brasil e nas lutas travadas no último período, a diretoria do ANDES-SN propõe manter o apoio político e financeiro, por um período de mais doze meses, ao Casarão da Luta e ao sistema de formação do Movimento.

TR - 40

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Autorizar a Diretoria do ANDES-SN a contribuir, por um período de 12 meses, com R\$ 3.000,00 (três mil reais) com o Casarão da Luta e o sistema de formação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST);
2. Que as seções sindicais apoiem as iniciativas do MTST e de outros movimentos de luta urbana nos estados, construindo resistência e lutas conjuntas.

TEXTO 41

Diretoria do ANDES-SN

SEDE DO 42º CONGRESSO DO ANDES-SINDICATO NACIONAL**TEXTO DE APOIO**

As seções sindicais que se dispuserem a sediar o 42º CONGRESSO do ANDES-SN deverão apresentar proposta, por escrito, até às 18h do dia 07/02/2023 (terça-feira), para garantir a sua discussão nos grupos mistos do Tema 4 - Questões Organizativas e Financeiras.

TR - 41

1. O 42º CONGRESSO do ANDES - SINDICATO NACIONAL realizar-se-á na cidade de, sob a organização da ... Seção Sindical.

TEXTO 42

Diretoria do ANDES-SN

AUTORIZAÇÃO PARA AQUISIÇÃO DE IMÓVEIS PARA INSTALAÇÃO DAS SEDES DAS REGIONAIS PLANALTO, NORDESTE III E SUL**TR - 42****O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:**

1. Adquirir imóvel registrado na Cidade de Goiânia, para a instalação da sede da Regional Planalto, considerando-se a adequação do preço do metro quadrado praticado na região onde se localiza o imóvel e a adequação às necessidades do ANDES-SN. Serão utilizados, para essa compra, recursos próprios do Caixa Nacional do Sindicato.

2. Adquirir imóvel registrado na Cidade de Salvador, para a instalação da sede da Regional Nordeste III, considerando-se a adequação do preço do metro quadrado praticado na região onde

se localiza o imóvel e a adequação às necessidades do ANDES-SN. Serão utilizados, para essa compra, recursos próprios do Caixa Nacional do Sindicato.

3. Adquirir imóvel registrado na Cidade de Curitiba, para a instalação da sede da Regional Sul, considerando-se a adequação do preço do metro quadrado praticado na região onde se localiza o imóvel e a adequação às necessidades do ANDES-SN. Serão utilizados, para essa compra, recursos próprios do Caixa Nacional do Sindicato.

TEXTO 43

Diretoria do ANDES-SN

REGIMENTO ELEITORAL

TEXTO DE APOIO

Considerando que uma das atribuições/competências do Congresso é a elaboração do Regimento Eleitoral para a Eleição da Diretoria do ANDES-SINDICATO NACIONAL, biênio 2023/2025 (Art. 52 do Estatuto), a Diretoria apresenta, para apreciação do 41º Congresso, uma proposta de Regimento Eleitoral, nos termos contidos no Texto de Resolução (TR) e Texto Documento (TD).

TR - 43

1. O 41º CONGRESSO do ANDES-SN aprova o Regimento Eleitoral – Eleições da Diretoria do ANDES-SINDICATO NACIONAL biênio 2023/2025.

TEXTO DOCUMENTO - REGIMENTO ELEITORAL

O 41º CONGRESSO do ANDES-SN aprova o Regimento Eleitoral – Eleições da Diretoria do ANDES-SINDICATO NACIONAL biênio 2023/2025.

Regimento Eleitoral

Eleição da diretoria do ANDES-SINDICATO NACIONAL – Biênio 2023/2025

CAPÍTULO I

DA ELEIÇÃO

Art. 1º O presente Regimento Eleitoral define as normas e os procedimentos para a eleição da diretoria do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SINDICATO NACIONAL), para o biênio 2023/2025, de acordo com o estabelecido pelo Estatuto do ANDES-SINDICATO NACIONAL.

§ 1º A eleição a que se refere o caput deste artigo realizar-se-á nos dias 10 e 11 de maio de 2023.

§ 2º O escrutínio dar-se-á pelo voto secreto, universal e direto do(a)s sindicalizado(a)s ao ANDES-SINDICATO NACIONAL em pleno gozo de seus direitos.

CAPÍTULO II DOS ELEITORES

Art. 2º São eleitore(a)s todo(a)s o(a)s sindicalizado(a)s ao ANDES-SINDICATO NACIONAL que:

I – nele se sindicalizarem **até 9 de fevereiro de 2023**;

II – estiverem em dia com suas contribuições **até 11 de março de 2023**.

§ 1º As seções sindicais que apresentam dificuldades em repassar as contribuições do(a)s sindicalizado(a)s em razão de procedimentos administrativos das IES ou órgãos governamentais deverão notificar à tesouraria do ANDES-SINDICATO NACIONAL e esta, à Comissão Eleitoral, os motivos para tal **até o dia 5 de abril de 2023**.

§ 2º A tesouraria do ANDES-SINDICATO NACIONAL deverá encaminhar à Comissão Eleitoral Central (CEC), **até o dia 21 de março de 2023**, a relação das seções sindicais que apresentaram dificuldades no repasse das contribuições a partir do 61º CONAD (Boa Vista/RR, 30/6 a 3/7/2016), bem como a situação dos acordos a respeito dos repasses de contribuições em vigor até a data mencionada neste parágrafo.

§ 3º O não repasse das contribuições decorrente de procedimentos administrativos das IES ou órgãos governamentais, após o prazo previsto no inciso II, não será impeditivo de participação do(a)s sindicalizado(a)s no processo eleitoral.

Art. 3º As seções sindicais e as secretarias regionais têm prazo **até o dia 4 de abril de 2023** para enviarem à CEC a relação completa de seus(suas) sindicalizado(a)s apto(a)s a exercerem o direito ao voto.

§ 1º O número de sindicalizado(a)s apto(a)s a votar não poderá ser superior ao número de sindicalizado(a)s declarados à tesouraria do ANDES-SINDICATO NACIONAL quando do envio das contribuições referentes ao mês **de fevereiro de 2023**.

§ 2º Quaisquer alterações na lista que venham a ser identificadas após a data estipulada no *caput* deste artigo deverão ser comunicadas à CEC e à Comissão Eleitoral Local (CEL) até 7 (sete) dias corridos antes do primeiro dia previsto para o início da eleição. A solicitação de retificação deverá ser devidamente comprovada.

§ 3º As seções sindicais disponibilizarão, **no dia 10 de abril**, cópia da lista de filiado(a)s apto(a)s a votar à(o)s representantes das chapas concorrentes, desde que por ele(a)s solicitada.

Art. 4º À(o)s eleitore(a)s é assegurado o direito de voto em trânsito, a ser disciplinado pela CEC e pelas comissões eleitorais locais nos termos do disposto no artigo 35.

CAPÍTULO III DO(A)S CANDIDATO(A)S

Art. 5º Podem ser candidato(a)s todo(a)s o(a)s docentes pertencentes ao quadro de sindicalizado(a)s do ANDES-SINDICATO NACIONAL **até o dia 13 de novembro de 2022** e

que estiverem em dia com sua contribuição financeira ao ANDES-SINDICATO NACIONAL **até o dia 7 de janeiro de 2023**, ressalvando o disposto no §2º e no §3º do Art. 53 do Estatuto do ANDES-SINDICATO NACIONAL.

Parágrafo único. No caso de diretores(a)s e ex-diretores(a)s do ANDES-SINDICATO NACIONAL, este(a)s poderão ser candidato(a)s se estiverem em dia com a tesouraria do ANDES-SINDICATO NACIONAL **até o dia 8 de março de 2023**, ressalvando o disposto no § 1º do artigo 53 do Estatuto do ANDES-SINDICATO NACIONAL.

CAPÍTULO IV DO REGISTRO DE CHAPAS

Art. 6º O(A)s candidato(a)s devem compor chapas e registrá-las na secretaria geral do ANDES-SINDICATO NACIONAL, obedecendo ao que se segue:

I – durante o 41º CONGRESSO, até uma hora após aprovado este Regimento Eleitoral pela plenária de Questões Organizativas e Financeiras, as chapas deverão registrar, pelo menos, o(a)s candidato(a)s aos cargos de presidente(a), secretário(a) geral e 1º tesoureiro(a), mediante requerimento (anexo I) assinado pelo(a)s candidato(a)s ao(s) cargo(s) de presidente(a) ou secretário(a) geral. O requerimento deve ser encaminhado à secretaria geral do ANDES-SINDICATO NACIONAL, acompanhado do respectivo Manifesto da chapa, bem como indicar o(a) seu (sua) representante e respectivo(a)s suplentes na CEC.

II – o registro definitivo das chapas, com a nominata completa do(a)s candidato(a)s aos demais cargos, dar-se-á até o dia **13 de março de 2023, das 9h às 18h, ressalvado o disposto nos parágrafos primeiro e segundo deste artigo.**

III – o(a)s componentes das chapas deverão enviar à secretaria da CEC, **até o prazo final de registro definitivo e em formato digital por meio de formulário próprio**, os seguintes documentos digitalizados:

a) termo de concordância, assinado digitalmente por meio de formulário próprio por cada candidato(a), contendo: endereço residencial completo; número de telefone; endereço eletrônico, número do PIS/PASEP; número do RG; número do CPF; estado civil; denominação da seção sindical ou, se for o caso, da secretaria regional à qual o(a) candidato(a) encontra-se vinculado(a); denominação da IES à qual o(a) candidato(a) encontra-se vinculado(a) e o cargo a que postula.

b) programa da chapa em formato digital devidamente subscrito pelo(a) candidato(a) a presidente(a).

c) cópia digitalizada de um documento de identificação que contenha foto e assinatura do(a) candidato(a) (RG, CNH, CTPS, Passaporte ou carteira de conselho profissional).

d) documento original digitalizado expedido pela seção sindical, associação de docentes (AD) ou secretaria regional à qual o(a) candidato(a) se vincula, em papel timbrado, comprobatório de sindicalização ao ANDES-SN, com data de filiação e indicação de adimplência financeira ou cópia dos contracheques que comprovem filiação dos meses que atendam aos prazos previstos no artigo 5º deste Regimento.

IV – Os documentos referidos no inciso III deste artigo, recebidos exclusivamente por meio de formulário próprio pela secretaria do ANDES-SINDICATO NACIONAL, serão arquivados no drive da secretaria e disponibilizados na primeira reunião da CEC.

V – Não havendo registro de chapas durante o 41º CONGRESSO, o prazo para registro, nos termos previstos no § 1º, do artigo 54 do Estatuto do ANDES-SINDICATO NACIONAL, será prorrogado até 15 (quinze) dias a partir da data do final do 41º CONGRESSO, realizando-se na secretaria do ANDES-SINDICATO NACIONAL, em horário comercial.

§ 1º – No caso previsto no inciso V, o registro do(a)s candidato(a)s aos demais cargos será estendido por mais 30 (trinta) dias corridos após o prazo final para o registro das chapas.

§ 2º – A chapa, ao ser registrada, receberá um número de identificação de acordo com a ordem cronológica de solicitação do registro.

Art. 7º - A CEC reunir-se-á no prazo de 24 horas após o prazo de registro das chapas para verificar a documentação entregue e proceder ao início da homologação das chapas devendo manifestar-se definitivamente no prazo de até 7 (sete) dias corridos.

Parágrafo único. Em caso de dúvida em relação às condições de elegibilidade de qualquer candidato(a), a CEC fará conferência junto à respectiva seção sindical, AD-Seção Sindical ou secretaria regional.

Art. 8º Qualquer alteração na nominata do(a)s candidato(a)s ou de cargos na chapa, após os prazos previstos nos incisos II e V do artigo 6º, deverão ser encaminhadas por documento com a exposição de motivos à CEC que, em reunião, deverá analisar e se pronunciar pelo aceite ou não dos motivos no prazo de 5 (cinco) dias corridos.

§ 1º A faculdade prevista no *caput* deste artigo não se aplica à(o)s candidato(a)s e aos cargos de presidente(a), secretário(a) geral e 1º tesoureiro(a).

§ 2º A não aceitação dos motivos apresentados, deliberada pela maioria absoluta dos componentes da CEC - ou seja, mais da metade dos membros totais da CEC, independentemente do número de presentes em reunião - implicará a manutenção da chapa originalmente registrada..

§ 3º Diante da impossibilidade da manutenção da nominata originalmente registrada pela chapa, o registro estará cancelado.

Art. 9º - O(A)s candidato(a)s descrito(a)s no artigo 32, inciso IV e V do Estatuto do ANDES-SINDICATO NACIONAL deverão ser sindicalizado(a)s da área de abrangência geográfica da respectiva secretaria regional.

Parágrafo único. As alterações previstas no artigo 8º só poderão ser consideradas pela CEC se lhe forem entregues (por e-mail para a secretaria da CEC) **em até quarenta e oito horas após o encerramento do prazo final de registro definitivo das chapas**, improrrogavelmente.

Art. 10 No ato de registro da chapa, seus(suas) integrantes comprometem-se a acatar este Regimento e as demais normas que venham a ser elaboradas pela CEC.

Art. 11 É livre a propaganda eleitoral, respeitado o Estatuto do ANDES-SINDICATO NACIONAL e este Regimento.

CAPÍTULO V DA COORDENAÇÃO DO PROCESSO ELEITORAL

SEÇÃO I DA COMISSÃO ELEITORAL CENTRAL

Art. 12 A eleição para a diretoria do ANDES-SINDICATO NACIONAL, biênio 2023/2025, será coordenada por uma Comissão Eleitoral Central (CEC) composta por:

I – 1 (um(a)) membro(a) da diretoria do ANDES-SINDICATO NACIONAL, como seu(sua) presidente(a);

II – 1 (um(a)) sindicalizado(a) do ANDES-SINDICATO NACIONAL indicado(a) por cada chapa concorrente;

III – sindicalizado(a)s do ANDES-SN, em número igual ao de chapa(s) registradas, indicado(a)s e homologado(a)s pela plenária das Questões Organizativas e Financeiras do 41º CONGRESSO do ANDES-Sindicato Nacional;

IV – a composição da CEC deverá ser em número ímpar;

V – No caso de não homologação do(s) registro(s) de chapa(s), o(a)s seus(suas) indicado(a)s deixará(ão) de compor a CEC, situação a partir da qual será convocado(a) o(a) suplente mais votado(a) pela respectiva plenária do 41º CONGRESSO do ANDES-SINDICATO NACIONAL, a fim de atender o inciso IV deste artigo.

§ 1º Os componentes da CEC, com exceção daquele(a) previsto(a) no inciso I deste artigo, terão seus nomes homologados no 41º CONGRESSO, na plenária do tema das Questões Organizativas e Financeiras.

§ 2º A diretoria do ANDES-SINDICATO NACIONAL, as chapas concorrentes e a plenária das Questões Organizativas e Financeiras do 41º CONGRESSO do ANDES-SINDICATO NACIONAL deverão indicar 2 (dois/duas) suplentes para cada integrante da CEC previsto(a) nos incisos I, II e III do *caput* deste artigo.

§ 3º É vedada a participação do(a)s membro(a)s da diretoria do ANDES-SINDICATO NACIONAL como representante de qualquer uma das chapas concorrentes na CEC.

§ 4º É vedada a participação de candidato(a) na CEC.

§ 5º No caso de registro de uma única chapa, a plenária indicará e homologará 3 (três) sindicalizado(a)s para composição da CEC.

Art. 13 Compete à CEC:

I – cumprir e fazer cumprir o Estatuto do ANDES-SINDICATO NACIONAL e este Regimento;

II – oficializar e divulgar o registro de chapa(s);

III – divulgar a composição do eleitorado até o dia **10 de abril de 2023**;

IV – confeccionar as cédulas eleitorais;

V – coordenar as comissões eleitorais locais;

VI – decidir sobre recursos interpostos;

VII – homologar, proclamar e divulgar o resultado da eleição; e

VIII – elaborar o Relatório Final a ser divulgado no 66º CONAD, a ocorrer em Campina Grande-PB.

Parágrafo único. A CEC pode, sempre que necessário, arregimentar auxiliares.

Art. 14 A CEC só se reunirá com a presença de, no mínimo, mais da metade de seus(suas) integrantes, sendo em cada reunião lavrada uma ata, que será assinada pelo(a)s presentes.

Parágrafo único. As chapas concorrentes receberão cópias das atas das reuniões da CEC por intermédio de seu(sua) representante na Comissão.

Art. 15 As decisões da CEC serão tomadas pela maioria simples de seus(suas) integrantes presentes à reunião.

Art. 16 O(A) integrante da CEC que faltar a duas reuniões consecutivas ou a três intercaladas, sem justificativa, perderá a sua condição de membro(a) titular dessa Comissão, assumindo-a seu(sua) suplente.

Parágrafo único. Na falta eventual de um(a) membro(a) titular, o(a) suplente poderá assumir desde que essa ausência seja comunicada com, no mínimo, 72 (setenta e duas) horas de antecedência.

Art. 17 Cada chapa concorrente indicará, mediante documento, até dois(duas) representantes autorizado(a)s a realizar qualquer tipo de comunicação entre a respectiva chapa e a CEC.

Parágrafo único. No documento definido no *caput* deste artigo deverão estar explícitas as informações necessárias para o estabelecimento de contato entre a CEC e o(a)s representantes autorizado(a)s pela chapa.

SEÇÃO II

DAS COMISSÕES ELEITORAIS LOCAIS

Art. 18 Em cada seção sindical será constituída uma Comissão Eleitoral Local (CEL) composta por:

I – 1 (um(a)) membro(a) de sua diretoria, na condição de presidente(a);

II – até 2 (dois(duas)) membro(a)s indicado(a)s por cada chapa concorrente, obrigatoriamente sindicalizado(a)s do ANDES-SINDICATO NACIONAL;

III – nas seções sindicais em que as diretorias não constituírem comissões eleitorais locais, as secretarias regionais poderão fazê-lo, indicando o(a) seu(sua) presidente(a).

Parágrafo único. A diretoria e as chapas poderão indicar suplentes, obrigatoriamente sindicalizado(a)s do ANDES-SINDICATO NACIONAL, para os cargos previstos nos incisos I e II.

Art. 19 A composição das comissões eleitorais locais deve ser enviada para a CEC **até o dia 25 de abril de 2023.**

Art. 20 Compete às comissões eleitorais locais:

I – definir e organizar as seções eleitorais **até o dia 3 de maio de 2023;**

II – apurar os votos e enviar para a CEC o mapa dos resultados e a respectiva documentação;

III – decidir sobre a impugnação de urnas e recursos interpostos em primeira instância.

Parágrafo único. A CEL pode, sempre que necessário, arregimentar auxiliares.

Art. 21 A CEL só se reunirá com a presença de mais da metade de seus(suas) integrantes, sendo que em cada reunião deverá ser lavrada uma ata, que será assinada pelo(a)s presentes.

Parágrafo único. As chapas concorrentes receberão cópias das atas das reuniões da CEL por intermédio de seus (suas) representantes na Comissão.

Art. 22 As decisões da CEL serão tomadas pela maioria simples de seus(suas) integrantes presentes à reunião.

Parágrafo único. Das decisões da CEL cabe recurso à CEC.

Art. 23 O(A) integrante da CEL que faltar a duas reuniões consecutivas ou a três intercaladas, sem justificativa, perderá sua condição de membro(a) titular dessa comissão, assumindo em seu lugar o(a) suplente.

Art. 24 Cada chapa concorrente indicará, mediante documento, no mínimo um(a) representante autorizado(a) a realizar qualquer tipo de comunicação entre a respectiva chapa e a CEL.

Parágrafo único. No documento definido no *caput* deste artigo deverão estar explícitas as informações necessárias para contato entre a CEL e o(a)s representantes autorizado(a)s pela chapa.

CAPÍTULO VI DA VOTAÇÃO

SEÇÃO I DA CÉDULA ELEITORAL

Art. 25 A votação é realizada em cédula eleitoral única.

§ 1º A cédula contém a(s) chapa(s) registrada(s), em ordem cronológica de registro e com o nome da(s) chapa(s).

§ 2º Ao lado de cada chapa, haverá um retângulo em branco em que o(a) eleitor(a) assinalará a sua escolha.

Art. 26 Para efeito de votação, a cédula eleitoral só se tornará válida depois de rubricada por, pelo menos, dois integrantes da mesa receptora de votos da respectiva seção eleitoral.

SEÇÃO II DAS SEÇÕES ELEITORAIS

Art. 27 As seções eleitorais serão estabelecidas pelas comissões eleitorais locais em número e locais suficientes para o atendimento do(a)s eleitore(a)s de cada IES.

Parágrafo único. Os locais de votação deverão ser fixos, sendo vedada a prática da chamada “urna itinerante”.

Art. 28 O(A)s eleitore(a)s sindicalizado(a)s nas seções sindicais votam nas seções eleitorais designadas pela Comissão Eleitoral de sua respectiva seção sindical.

Art. 29 Nas seções sindicais, previamente definidas pela CEC, haverá uma seção eleitoral designada pela CEL para o recolhimento dos votos do(a)s sindicalizado(a)s, via secretaria regional.

Art. 30 As secretarias regionais têm prazo **até o dia 31 de março de 2023** para fornecer a listagem completa dos sindicalizado(a)s, via secretaria regional, às seções sindicais em que poderão votar.

§ 1º No mesmo prazo estabelecido no *caput* deste artigo, as secretarias regionais deverão informar à(o)s sindicalizado(a)s, via secretaria regional, a seção eleitoral em que ele(a)s poderão votar.

§ 2º O voto desse(a)s sindicalizado(a)s em qualquer outra seção eleitoral deverá ser considerado em trânsito.

§ 3º Mediante autorização da CEL e da fiscalização das chapas concorrentes, a secretaria regional poderá constituir uma seção eleitoral para recepção de votos do(a)s sindicalizado(a)s definido(a)s no *caput* deste artigo.

Art. 31 Em cada seção eleitoral, haverá uma mesa receptora composta por 1 (um(a)) presidente(a) e 2 (dois(duas)) mesário(a)s, indicado(a)s pela CEL.

§ 1º Só podem permanecer na seção eleitoral, além do(a) presidente(a) e do(a)s mesários, 1 (um(a)) fiscal de cada chapa concorrente, e o(a) eleitor(a), durante o tempo necessário para votar.

§ 2º A mesa receptora de cada seção eleitoral é responsável pela urna e pelos documentos relativos ao processo eleitoral durante os dias de eleição e até que sejam entregues à CEL.

Art. 32 Na seção eleitoral, providenciado pela CEL, deve existir:

- I – urna;
- II – cédulas oficiais;
- III – folha de ocorrência;
- IV – lista específica para eleitor em trânsito;
- V – cópia deste Regimento;
- VI – lista de eleitore(a)s;
- VII – nominata com a composição integral das chapas a ser afixada na cabine de votação;
- VIII – cabine indevassável;
- IX – lacre para as urnas;
- X – envelopes para o voto em trânsito;
- XI – modelo de ata de votação;
- XII – envelopes para voto em separado;
- XIII – lista específica para votante em separado.

SEÇÃO III

DO ATO DE VOTAR

Art. 33 A fim de resguardar a lisura do pleito, o sigilo do voto e a inviolabilidade das urnas, devem-se adotar as seguintes providências:

I – no início da votação, o rompimento do lacre da urna deve ser feito na presença do(a)s fiscais das chapas;

II – a ordem de votação é a da chegada do(a)s eleitor(a)s;

III – identificado(a), o(a) eleitor(a) assinará a lista de presença e receberá a cédula rubricada pelo(a)s integrantes da mesa receptora;

IV – o(a) eleitor(a) usará cabine indevassável para votar;

V – ao final de cada período de votação, a urna será lacrada e rubricada pelo(a)s integrantes da mesa receptora e pelo(a)s fiscais de chapa;

VI – a guarda do material de votação e da respectiva urna é de responsabilidade da CEL;

VII – ao término do último período de votação, a urna será lacrada e rubricada pelo(a)s integrantes da mesa receptora e pelo(a)s fiscais de chapa e, juntamente com o restante do material, deverá ser entregue à CEL.

Parágrafo único. Na ausência de fiscais, o rompimento do lacre será feito na presença do(a) primeiro(a) eleitor(a), devendo ser registrado em ata.

Art. 34 O(A)s sindicalizado(a)s, via secretarias regionais, votarão na seção sindical indicada pela secretaria regional e na seção eleitoral indicada pela CEL segundo listas fornecidas pelas respectivas secretarias regionais.

Art. 35 O voto em trânsito obedecerá ao seguinte procedimento:

I – o(a) eleitor(a) assinará lista específica na seção eleitoral do local em que se encontre, declarando, por escrito, a sua seção sindical de origem ou, se sindicalizado(a) via secretaria regional, a sua regional de sindicalização.

II – o voto será colocado em envelope que não contenha identificação e este num segundo envelope, que servirá de sobrecarta, numerado na sequência de ordem de chegada para votar.

SEÇÃO IV DA FISCALIZAÇÃO

Art. 36 É assegurado às chapas a fiscalização dos processos de votação e de apuração das urnas mediante a indicação de fiscais.

§ 1º As chapas indicarão à CEL, por meio de documento, o(a)s sindicalizado(a)s para exercerem as funções de fiscais de votação e de apuração, com uma antecedência de, no mínimo, 48 horas do início da votação e 24 horas do início da apuração dos votos.

§ 2º Cada chapa tem direito a indicar quanto(a)s fiscais de votação desejar e, no máximo, 2 (dois(duas)) fiscais por mesa de apuração, com seus(suas) respectivo(a)s suplentes.

§ 3º A indicação do(a)s fiscal(is) de apuração não pode recair em integrantes da CEL ou de mesa receptora.

Art. 37 É assegurada a cada chapa a fiscalização da computação dos resultados pela CEC mediante a indicação de fiscais.

§ 1º As chapas indicarão para a CEC, por meio de documento, o(a)s sindicalizado(a)s para exercerem a função de fiscal de computação dos resultados, até 24 (vinte e quatro) horas antes do início previsto para a computação dos votos.

§ 2º Cada chapa tem direito a indicar, no máximo, 2 (dois(duas)) fiscais, com seus(suas) respectivo(a)s suplentes.

§ 3º A indicação do(a)(s) fiscal(is) não pode recair em integrante(s) da CEC.

CAPÍTULO VII DA APURAÇÃO

Art. 38 A apuração dos votos nas seções sindicais iniciar-se-á, obrigatoriamente, no dia **12 de maio de 2023** no horário indicado pela CEL e será concluída, impreterivelmente, até às 24h do mesmo dia.

Parágrafo único. Nos *campi* fora da sede da seção sindical, a apuração poderá ser feita pelo(a)s integrantes da mesa receptora, a critério da CEL, desde que obedecidos os preceitos estabelecidos nos artigos 36 e 37.

Art. 39 As comissões eleitorais locais deverão encaminhar, impreterivelmente, **até às 16 horas do dia 13 de maio de 2023** (horário de Brasília), via meio eletrônico, à sede do ANDES-SINDICATO NACIONAL, o resultado da eleição na sua respectiva seção sindical.

§ 1º As comissões eleitorais locais têm, como prazo máximo, **até o dia 22 de maio de 2023** para encaminhar, por SEDEX, à sede do ANDES-SINDICATO NACIONAL, os originais dos mapas, das atas, das listas de assinaturas e dos relatórios. **As cédulas eleitorais ficarão sob a guarda da seção sindical.**

§ 2º A documentação pode ser entregue em mãos, até a data prevista no § 1º, ou, também, enviada, na referida data, por serviço ultrarrápido de entrega de correspondência.

Art. 40 A computação dos votos pela CEC iniciar-se-á **às 15 (quinze) horas (horário de Brasília) do dia 14 de maio de 2023** estendendo-se, sem interrupção, até o cômputo da totalidade dos resultados parciais.

Art. 41 Os mapas eleitorais das seções sindicais somente serão liberados à(o)s fiscais de chapa após sua computação pela CEC.

Art. 42 No caso de voto em trânsito, a CEL providenciará, junto à seção sindical ou, se for o caso, à secretaria regional de origem do(a) eleitor(a) ou à CEC, a confirmação da sua habilitação para votar.

Parágrafo único. Depois de confirmada a habilitação para votar, a sobrecarta será inutilizada e o envelope que contém o voto poderá ser colocado na urna.

Art. 43 As urnas somente serão abertas após a constatação da integridade do lacre, da presença da respectiva lista de eleitores e da folha de ocorrência.

Parágrafo único. Após a abertura da urna, o primeiro ato será incorporar os votos em separado já confirmados, contidos em envelopes, ao conjunto das cédulas.

Art. 44 Iniciada a apuração, os trabalhos somente serão interrompidos após a proclamação do resultado final.

Parágrafo único. O resultado oficial será promulgado no dia **16 de maio de 2023**, respeitado o estabelecido nos artigos 50 e 60.

Art. 45 Será anulada a urna que:

- I – apresentar, comprovadamente, sinais de violação;
- II – apresentar número de cédulas superior em mais de 5% ao de assinaturas;
- III – não estiver acompanhada das respectivas listas de eleitore(a)s e folha de ocorrência.

Art. 46 Será anulada a cédula que:

- I – não contiver a rubrica do(a)s integrantes da respectiva mesa receptora;
- II – não corresponder ao modelo oficial.

Art. 47 Serão considerados nulos os votos que contiverem:

- I – mais de uma chapa assinalada;
- II – rasuras de qualquer espécie;
- III – qualquer caractere que permita identificação.

Art. 48 As cédulas apuradas serão conservadas sob a guarda da CEL até a proclamação do resultado final pela CEC.

CAPÍTULO VIII DOS RECURSOS

Art. 49 Qualquer recurso deverá ser apresentado à CEL, no máximo, **até às 9h do dia 14 de maio de 2023**.

§ 1º A CEL, encerrado o prazo estabelecido no *caput* deste artigo, deverá, no prazo máximo de duas horas, deliberar sobre os recursos apresentados e publicar os resultados.

§ 2º Das deliberações da CEL cabem recursos à CEC, no prazo de três horas após sua publicação.

§ 3º Os recursos à CEC deverão ser apresentados pelo(a)s respectivo(a)s representantes da chapa junto à CEC.

Art. 50 Qualquer recurso relacionado à computação final dos resultados deverá ser apresentado à CEC no prazo máximo de até 24 horas após a divulgação dos resultados por esta.

Art. 51 Os recursos somente poderão ser apresentados pelo(a)s fiscais das chapas ou pelos candidato(a)s às comissões eleitorais locais e central.

Parágrafo único. No caso de não haver na seção sindical fiscal indicado(a) por chapa ou pelo(a)s candidato(a)s, qualquer sindicalizado(a) poderá apresentar recurso à CEL.

CAPÍTULO IX DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 52 Compete à diretoria do ANDES-SINDICATO NACIONAL e às diretorias das seções sindicais garantirem todo o apoio logístico necessário para o pleno funcionamento das comissões eleitorais central e locais.

Art. 53 O descumprimento de quaisquer das normas eleitorais implicará na anulação do registro da chapa pela CEC.

Art. 54 As comissões eleitorais, local e central, não têm prerrogativas de alterar as datas previstas neste Regimento.

Parágrafo único. Em situações comprovadamente excepcionais, a CEC poderá, com a aprovação de 4/5 os seus membros efetivos, fazer alterações de datas previstas, excetuadas aquelas definidas pelos artigos 1º e 6º.

Art. 55 As chapas deverão encaminhar à CEC os originais dos documentos enviados por qualquer meio eletrônico num prazo máximo de 5 (cinco) dias, prazo de postagem, com aviso de recebimento (AR).

Parágrafo único. Caso não seja observado o prazo estipulado no *caput* deste artigo, os documentos não terão valor, o que acarretará as consequências cabíveis.

Art. 56 Os recursos materiais e financeiros necessários para levar a cabo as eleições para a diretoria do ANDES-SINDICATO NACIONAL serão providos pela tesouraria do Sindicato, mediante solicitação do presidente da CEC.

Parágrafo único. No prazo de quinze dias após a promulgação do resultado da eleição, o(a) presidente(a) da CEC apresentará à diretoria do Sindicato o relatório financeiro do processo eleitoral.

Art. 57 O(A) presidente(a) da CEC deverá, em tempo hábil, apresentar à tesouraria do ANDES-SINDICATO NACIONAL o cronograma de reuniões da CEC, a fim de permitir que esta providencie a aquisição de passagens, reserva de alojamento e repasse de diárias para o(a)s integrantes da Comissão.

§ 1º O valor da diária dos integrantes da CEC será o mesmo do(a)s diretores(a)s do Sindicato e servirá para cobrir as despesas de alimentação e de deslocamento local.

§ 2º No prazo de sete dias, após a promulgação do resultado da eleição, o(a)s integrantes da CEC deverão apresentar à tesouraria do Sindicato sua prestação de contas final.

Art. 58 A Assessoria Jurídica Nacional do ANDES-SINDICATO NACIONAL estará à disposição da CEC durante todo o processo eleitoral.

Art. 59 É vedada qualquer alteração no presente Regimento Eleitoral, exceto aquelas definidas pelo parágrafo único do artigo 54.

Art. 60 A proclamação final dos resultados será feita pela CEC somente depois de esgotados todos os prazos estabelecidos no Capítulo VIII deste Regimento.

Parágrafo único. O relatório final dos trabalhos da CEC e o relatório financeiro definido no parágrafo único do artigo 56 deverão ser apresentados no 66º CONAD.

Art. 61 Os casos omissos neste Regimento serão resolvidos pela CEC.

Parágrafo único. Tratando-se de questões locais, os casos omissos neste Regimento serão resolvidos em primeira instância pela CEL e, em instância final, pela CEC.

Art. 62 Este Regimento entra em vigor a partir da sua aprovação pelo 41º CONGRESSO.

Rio Branco/AC, 10 de fevereiro de 2023

**ANEXO I
REQUERIMENTO**

À Professora

Maria Regina de Avila Moreira Secretária-Geral do ANDES-SINDICATO NACIONAL

Prezada Professora,

O/A(s) professor(es/as) _____ e
_____, candidato(a)(s) ao(s) cargo(s)
de _____ e _____, vêm requerer o
REGISTRO da chapa denominada _____
_____ para concorrer à eleição
da Diretoria do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-
SINDICATO NACIONAL, biênio 2023-2025, e apresentam como candidato(a) ao cargo de
Presidente(a), o(a) Professor(a) _____
_____, ao cargo de Secretário(a) Geral, o(a) Professor(a)
_____, ao cargo de 1º Tesoureiro(a), o(a)
Professor(a) _____ e, como seu representante e
seus(suas) suplentes na Comissão Eleitoral Central, os (as) Professores(as)

Apresentamos, anexo, o Manifesto da Chapa.

N. T.

Pede deferimento

Rio Branco, de fevereiro de 2023

Professor(a) _____
(assinatura)

Professor(a) _____
(assinatura)

RECIBO:

Documentos recebidos às _____ horas do dia ____/2/2023.

Número de identificação da chapa: _____

Prof^a. Maria Regina de Avila Moreira
Secretária-Geral do ANDES-SINDICATO NACIONAL

ANEXO II

ELEIÇÕES PARA A DIRETORIA DO ANDES-SN 2023/2025
TERMO DE CONCORDÂNCIA

DADOS DO CANDIDATO:

- a) Endereço completo (Rua, Nº, Cidade, Estado, CEP)
- b) Telefone: ()
()
()
- c) E-mail: _____
- d) Estado Civil: _____
- e) Nº do PIS/PASEP: _____
- f) Nº do RG: _____
- g) Nº do CPF: _____
- h) Sindicalizado à Seção Sindical: _____
- i) Secretaria Regional (caso sindicalizado via Secretaria Regional) _____
- j) IES de vínculo: _____

TEXTO 44

Contribuição da Assembleia Geral ADUFMAT Realizada em 01/12/2022.

RECURSO DA ADUFMAT CONTRA A DECISÃO DE EXCLUSÃO DE REGINALDO SILVA DE ARAÚJO DO QUADRO DE SINDICALIZADOS DO ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

Em 17 de julho de 2022, com 40 votos favoráveis, 05 votos contrários e 09 abstenções, os delegados do 65º CONAD (realizado em Vitória da Conquista/BA) aprovaram – a partir de um processo com vício de origem - a exclusão do professor Reginaldo Silva de Araújo, sindicalizado da ADUFMAT-S. Sind. do ANDES-SN.

Essa decisão, embora tomada em instância adequada (conforme Estatuto do ANDES-SN), **não observou com o devido rigor os procedimentos necessários, tendo em consideração os basilares direitos de ampla defesa, ancorados na isonomia de espaço e de tempo.**

Por compreender que esses direitos não foram plenamente respeitados, inclusive porque as graves denúncias foram publicizadas no Caderno de Textos no dia 14/06/2022, e, ao professor Reginaldo Silva de Araújo (notificado naquela data) foi concedido somente 15 dias para defesa, com a publicação no Caderno Anexo de Textos, a Assembleia Geral (AG) da ADUFMAT, realizada em 23/06/2022 manifestou sua **“inconformidade com a forma como foi conduzido”** o processo que resultou no Texto Resolução n. 05, propondo a exclusão do professor.

Sem entrar no mérito das acusações, na medida em que a condução do processo foi comprometida pelo desrespeito aos procedimentos, garantias e trâmites constitucionalmente assegurados, a AG da ADUFMAT aprovou uma Nota na qual destacavam-se os seguintes pontos:

- a. o atropelo aos direitos de defesa ao comunicar o Professor sobre o conteúdo do Relatório produzido pela Comissão e do TR propondo sua exclusão no mesmo dia em que esses foram publicados no Caderno de Textos (14/06/2022);
- b. Ao Professor foi assegurado o prazo de 15 dias para defesa (tendo a Comissão concluído seu Relatório em fevereiro/2022), desconsiderando o impacto das acusações e do TR n. 5 sobre a

vida pessoal, sindical e social, assim como a necessidade de resgatar fatos e documentos em um prazo absolutamente exíguo;

- c. A Defesa de Reginaldo Silva de Araújo (devidamente documentada) somente seria publicizada no Caderno Anexo de Textos do 65º CONAD, quando a maioria das seções sindicais já teriam realizado suas AGs;
- d. Sublinhava, ainda, que a defesa dos direitos constitucionais do Professor não representava nenhuma manifestação quanto ao mérito, mas, tão somente, o respeito às garantias resguardadas na Carta Maior;
- e. Por isso, ao final da Nota, reiterava a ADUFMAT: *defendemos que toda e qualquer denúncia deve ser averiguada da forma devida, em respeito aos sindicalizados e sindicalizadas do ANDES-SN.*

Mesmo com a manifestação da Seção Sindical de onde o Professor é base, das intervenções que ponderaram sobre os vários problemas na condução do processo que, no mínimo, lançavam dúvidas sobre a aplicação de uma sanção tão dura e inédita na história do ANDES-SN, e a proposta de constituição de uma nova Comissão para averiguação profunda das denúncias, garantido o amplo direito à defesa, o 65º CONAD, sumariamente, deliberou pela sua exclusão.

Reunidos em Assembleia Geral realizada em 28/07/2022, os/as sindicalizados/as da ADUFMAT não somente avaliaram o 65º CONAD, os impactos da decisão quanto à exclusão de Reginaldo Silva de Araújo, mas, também, suas consequências sobre a própria Seção Sindical.

Em consequência, foi aprovado que a própria ADUFMAT iria apresentar Recurso à decisão do 65º CONAD ao Congresso Nacional do ANDES-SN (2023), posto que eventual exclusão somente poderá ocorrer após ampla e imparcial averiguação, respeitados todos os trâmites e direitos constitucionalmente assegurados.

Diante do exposto, a **ADUFMAT recorre da decisão do 65º CONAD quanto à exclusão do professor Reginaldo Silva de Araújo.**

TR – 44

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o 41º Congresso Nacional do ANDES-SN reconsidere a decisão do 65º CONAD relativa à exclusão de Reginaldo Silva de Araújo, de maneira a garantir a ampla defesa do Professor;
2. Que o 41º Congresso Nacional do ANDES-SN constitua uma nova Comissão, eleita no próprio Congresso do ANDES-SN, assegurada a representação de membro da Seção Sindical da qual o professor é parte;

3. Que o 41º Congresso Nacional do ANDES-SN recomende à Comissão eleita a oitavas daqueles envolvidos e/ou citados nas graves denúncias;
4. Que o 41º Congresso Nacional do ANDES-SN estabeleça prazo para a apresentação de Relatório da Comissão, observados os trâmites, os procedimentos e os direitos assegurados na Constituição Federal/1988;
5. Que o 41º Congresso Nacional do ANDES-SN restabeleça os direitos sindicais de Reginaldo Silva de Araújo até o encerramento do novo processo;

TEXTO 45

Contribuição da Assembleia Geral da ADUR-RJ

ASSEMBLEIA HÍBRIDA PARA GARANTIR A PARTICIPAÇÃO DAS (OS) PROFESSORAS (ES) APOSENTADAS (OS) E DAS (OS) COM AFASTADAMENTO.

TEXTO DE APOIO

Com a finalidade de assegurar maior participação dos associados encaminhamos a proposta para modificação da alínea ‘a’, do Artigo 48, §4, do Estatuto em Vigor do Andes.

Diante do quadro pandêmico mundial várias atividades foram realizadas no formato virtual, entre elas as Assembleias das diferentes ADs que compõem o Andes.

A virtualidade garantiu que nossas ações sindicais não fossem paralisadas, neste sentido podemos observar que no fazer cotidiano, entre acertos e erros, aprendemos materializar nossa militância também na virtualidade nas suas possibilidades de comunicação e construção da luta coletiva e participativa.

Na atualidade temos um número considerável de associadas (os) aposentadas (os) ou em afastamento, seja para formação ou em tratamento de saúde. Esta realidade compromete a

participação presencial nas Assembleias, prejudicando a garantia de participação plena das pessoas que se encontram nestas condições.

A democracia passa pela luta sindical, neste sentido a garantia de participação plena das (os) associadas (os) é um fator crucial na construção coletiva do Andes. Uma parcela da base do Andes que não pode ter na presencialidade seu elemento de luta, mas pode na virtualidade contribuir na construção coletiva. No formato obrigatório atual das Assembleias seu direito está sendo alijado e sua efetiva participação reduzida. É importante que a luta se concretize em múltiplos espaços e materialidades em diálogo com o tempo-espaço que nos constitui.

A virtualidade e suas possibilidades não podem ser negadas, ao excluirmos a participação virtual nas Assembleias estamos operando em uma dimensão arcaica e anacrônica do tempo presente, desconsiderando avanços que podemos efetivar e que a tecnologia que está a nossa disposição possibilita.

A virtualidade como qualquer espaço de materialidade tem seus desafios, possibilidades e entraves, assim como a presencialidade. Tendo isso em vista, propomos que as Assembleias se constituam em uma materialidade que permita a participação dos associados presencialmente e remotamente, isto é, em formato híbrido, garantindo o espaço presencial e virtual da militância.

Nosso estatuto em vigor em sua alínea ‘a’ permite a efetivação de assembleias com transmissão simultânea e participação presencial. A simultaneidade se constitui já no ambiente virtual, com uso webconferências, garantindo uma interação entre pessoas que estão em espaços geográficos distantes por meio das plataformas de comunicação em uso.

Tendo em vista que as plataformas de webconferências já são permitidas e que as (os) sindicalizadas (os) já participam das Assembleias mediados por esse suporte de comunicação, estamos propondo mediante um regramento rígido e transparente que também seja permitido participação em um modelo híbrido.

Como já afirmamos anteriormente, a participação presencial ou virtual tem suas limitações, desafios e possibilidades, neste sentido compreendemos que o formato híbrido possibilita que consigamos extrair as melhores possibilidades e debelar os maiores desafios e limitações.

Para que essa seja executada da melhor forma possível e tendo em vista a redução de problemas, indicamos alguns procedimentos que devem ser aplicados na permissão da presença virtual e na materialização das Assembleias híbridas.

Propomos a modificação da Alínea ‘a’ para o seguinte texto:

- a) por webconferência, em lugares previamente estabelecidos no edital de convocação, desde que assegurado a transmissão simultânea e a participação presencial e virtual da (o) associada (o), na realização da Assembleia Híbrida;
- b) a presidência da Assembleia será obrigatoriamente presencial, cabendo a um membro da diretoria ou indicada pela mesma administrar a plataforma de webconferência durante a Assembleia;
- c) para a participação virtual a (o) associada (o) deverá solicitar sua participação neste formato em até 24h antes da realização da Assembleia, com uma justificativa apresentada no pedido;
- d) o link de participação será enviado para a (o) associada (o) em até 10 minutos antes da primeira chamada, pelo e-mail cadastrado pelo associado junto a seção sindical;
- e) é vetado o uso de qualquer filtro durante a Assembleia;
- f) é vetada a participação virtual na Assembleia para pessoas não associadas a seção sindical ou ao Andes. Em caso de excepcionalidade antes do início da sessão as (os) associadas (os) deverão ser consultadas (os) e a participação da (o) não associada (o) será decidida por votação. Somente depois de votada e a permissão concedida a (o) participante não associado poderá entrar no espaço da webconferência;
- g) a (o) não associada (o) facultado a presença virtual poderá se retirado da Assembleia mediante a consulta a assembleia e/ou indicação da presidência da mesa;
- h) a (o) associada (o) deverá usar seu nome civil ou social na sua identificação na plataforma de webconferência durante toda a Assembleia;
- i) ao entrar na plataforma a (o) associado deve abrir sua câmera permitindo que a(o) administradora da plataforma possa visualizar e confirmar a pessoa que entrou na Assembleia;
- j) durante o uso da fala é obrigatório a câmera aberta da (o) associada (o);
- k) a (o) associada (o) poderá ser excluído da Assembleia caso não cumpra as regras estabelecidas;
- l) os votos das (os) associadas (os) que participam da Assembleia via webconferência devem ser informados no bate-papo da plataforma utilizada;
- m) o anonimato do voto da (o) participante no formato virtual só poderá ocorrer se sua realização for procedimento também previsto na Assembleia presencial.

TR – 45

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1) Proposta para modificação da alínea ‘a’, do Artigo 48, §4, do Estatuto em Vigor do Andes – assembleia híbrida.

TEXTO 46

Contribuição da Assembleia Geral da ADUR-RJ.

PELA IMEDIATA DESFILIAÇÃO DA CSP-CONLUTAS!

TEXTO DE APOIO

Após o resultado das eleições presidenciais que elegeram Luiz Inácio Lula da Silva, no segundo turno, o bolsonarismo seguiu arrebanhando multidões específicas para questionar o resultado, atacar a democracia brasileira e seguir, sob uma coordenação empresarial-partidária, demonstrando força no cenário político nacional. Passaram-se 6 anos do golpe de 2016, quando o ANDES-SN se afundou nas manifestações do “Fora todos, Fora Dilma” (forma disfarçada de apoiar o golpe levantada pela CSP-Conlutas). Enquanto isso, brotavam comitês de resistência nas IES. Todavia, a direção de nosso sindicato não tirou as lições da situação. Além do mais, a recusou a defender a liberdade de Lula contribuiu para o afastamento do nosso sindicato das mais representativas organizações dos trabalhadores e confinando-o no isolamento. A prova incontestável do isolamento veio no CONAD de Vitória da Conquista (2022), no qual a direção do Andes SN manobrou nos grupos para impor derrota a TR que propunha que o ANDES- SN enviasse uma carta com reivindicações à candidatura de Lula. Note que o TR nem propunha o apoio à campanha de Lula para presidente. Em seu lugar, foi aprovada um texto a ser enviado a todas as campanhas, com exceção apenas a campanha do Inominável e Genocida Bolsonaro. Essa posição ajudou a fortalecer, entre a categoria docente, a posição de fragmentação no primeiro turno, a não compreensão da centralidade da disputa histórica colocada. Esse posicionamento foi defendido pela CSP-Conlutas/PSTU até a o final do processo eleitoral, com a consigna “apoio crítico ao Lula.”, que resultou em nenhum empenho concreto no processo eleitoral que foi violento e com todos os tipos de abusos, que por pouco não nos condenou a mais 4 anos de bolsonarismo.

A que conclusão chegamos quando avaliamos a influência da CSP-Conlutas na política da direção do ANDES-SN, levando em consideração esse período crucial para toda nossa categoria, a classe trabalhadora e o povo brasileiro? O “balanço da CSP-Conlutas foi colocado e recolocado por TRs, embora a maioria das resoluções de congresso apontem para a necessidade de “estimular as seções sindicais a realizarem discussão e balanço sobre a CSP-Conlutas... e a participação do Sindicato na central” (35º Congresso/2016). No ano seguinte (36º

congresso/2017), foi aprovado que, por meio do GTPFS, “materiais seriam enviados às seções sindicais para subsidiar o debate sobre o balanço político da CSP-Conlutas e as deliberações do 62º CONAD”, porém nada foi encaminhado novamente. No 37º congresso (2018) foi aprovada a resolução que afirmava que “O 37º congresso do ANDES-SN decide abrir em todas as seções um amplo debate de balanço de filiação do sindicato à CSP-Conlutas, que culminará em um CONAD extraordinário destinado exclusivamente a este debate, com vistas a decidir sobre esta filiação no próximo Congresso”.

No 14º CONAD Extraordinário, realizado em Brasília em 2022, foi finalmente aprovada a resolução, “Indicar ao 41º Congresso a desfiliação do ANDES-SN na CSP-Conlutas”, o que esperamos seja efetivado em deliberação no 41º Congresso do ANDES-SN.

Quando analisamos a postura da CSP-Conlutas no cenário internacional e tomamos como exemplo a América Latina, não é mera coincidência que as reivindicações, que a central sindical CSP-Conlutas defende caminham, lado a lado, com setores reacionários ligados ao imperialismo, como o apoio aos ataques a soberania de Cuba e Venezuela.

Diante desse histórico relativo ao debate do tema no interior do sindicato nacional somados aos elementos da política da CSP-Conlutas, que repercutiram negativamente na política do nosso sindicato nacional nos últimos anos, se faz premente, finalmente realizar esse balanço de forma conclusiva e responsável.

Não bastasse, é fundamental acrescentarmos as inconsistências e insuficiências da CSP-Conlutas nos âmbitos organizativo e financeiro. No organizativo, pelo menos um relevante pode ser citado: a dificuldade de mapear e até mesmo compreender as organizações que se representam pela CSP-Conlutas, visto que os sindicatos, como o ANDES-SN, têm representação política esfumada na Central. No financeiro, há um repasse anual vultoso pelo ANDES-SN, aprovado em Congresso e prestado conta em CONAD, que para 2023 será de R\$500 mil, além de sessões sindicais também terem a prerrogativa de enviar recursos para a CSP-Conlutas. Infelizmente, acessar uma prestação de contas mínima da parte da CSP-Conlutas tem sido uma tarefa inglória.

Na ADUR-RJ em AG realizada em 20 de outubro de 2022 o ponto de pauta único do CONAD Extraordinário foi debatido. Por unanimidade foi aprovada a posição pela desfiliação do Andes da CSP-Conlutas e por essa razão o voto da delgada eleita foi o de votação pelo encaminhamento ao 41º Congresso pela desfiliação. O Termo de Resolução que segue é coerente com essa posição e reafirma o posicionamento já tomado pela ADUR-RJ pela desfiliação do Andes da CSP-Conlutas no próximo Congresso.

Considerando o exposto acima, temos a certeza de que é hora de nos libertarmos e libertarmos o Andes-SN das amarras impostas por essa central sindical extremista, isolacionista e divisionista.

E considerarmos que nos desfiliarmos da CSP-Conlutas não nos impedirá de persistir e resistir na luta. Há outras entidades que não estão filiadas a qualquer central, como o SINASEFE – que por sinal decidiu em seu 33º Congresso (2019) se desfiliar da CSP-Conlutas –, Fiocruz, IBGE e até o MTST que anunciou, ainda em 2012, sua desfiliação da CSP.

Não é de hoje que precisamos de uma Central que esteja conectada com as lutas e o conjunto da classe trabalhadora, porém com a crise mundial do capitalismo e todas as explosões sociais que estão acontecendo no mundo, mais do que nunca, nós docentes precisamos que o nosso sindicato nacional não fique isolado e que também represente a defesa e a valorização da carreira docente, garantindo a interlocução. O ANDES-SN deve se integrar às ações articuladas entre as organizações sindicais e populares e cumprir um papel ativo na defesa da democracia, na luta contra a extrema-direita e na importante mobilização no novo período que se inicia com o governo Lula em 2023, para que tenhamos reposição salarial, ampliação do orçamento das Universidades, IFs e Colégios Técnicos, e das ciências mobilização sim, mas, com diálogo, e sem o isolacionismo de interesses apartados da categoria da CSP-Conlutas.

TR – 46

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Pela desfiliação imediata do ANDES-SN da CSP-Conlutas.
2. Abrir e consolidar discussões desde a base, nas sessões sindicais do ANDES-SN pelo GTPFS, sobre as relações intersindicais e sindicalismo docente como parte da classe trabalhadora brasileira durante o ano de 2023.

TEXTO 47

Contribuição da(o)s sindicalizada(o)s: Aderaldo Alexandrino de Freitas (ADUFERPE), Adriana Gomes Santos (SESDUF-RR), Adriana Machado Penna (ADUFF), Adriano Severo Figueiró (SEDUFMS), Adriano Vitti (ADUFRA), Agatha Justen (ADUFF), Agripino Alves Luz Júnior (SINDUFAP), Airton Paula Souza (ADUFS-SE), Alair Silveira (ADUFMAT), Albany Mendonça (APUR), Albert Alan de Sousa Cordeiro (SINDUFAP), Alexandre Adalberto Pereira (SINDUFAP), Alexandre José Medeiros do Nascimento (ADUFPI), Alexandre Macedo (ADUFPB), Allan de Andrade Linhares (ADUFPI), Aloízio Soares (ASPUV), Alyne Maria Barbosa de Sousa (SINDIFPI), Ana Lucia B. Faria (SINDCEFET/MG), André Rodrigues Guimarães (SINDUFAP), Angela Isabel Dullius (SEDUFMS), Angela M. S. Ferreira (ASPUV), Ângela Siqueira (ADUFF), Angelica Lovatto (ADUNESP), Angelo Antonio Abrantes (ADUNESP), Antônia Costa Andrade (SINDUFAP), Antônio Cláudio M. Costa (ADUFU), Antônio Francisco Lopes Dias (ADCESP), Antônio José Mahye (ADURRJ), Antônio Luis de Andrade – Tato (ADUNESP), Antônio Lisboa L. de Souza (ADUFCEG), Antonio Luis da Silva Sousa (SINDIFPI), Antônio Rodrigues Belon (ADUFMS), Antônio Sérgio Vasconcelos Darwich

(SINDUEPA), Argus de Almeida Vasconcelos (ADUFERPE), Aritana Sousa Dutra de Melo (SINDIFPI), Armando Wilson Tafner Júnior (SINDUNIFESSPA), Arthane Menezes Figueiredo (SINDUFAP), Beatriz Franchini (ADUFPEL), Beatriz Tupinambá Freitas (ADUFS-SE), Benedito G. dos Santos Filho (ADUFRA), Carlos Rinaldo Nogueira Martins (SINDUFAP), Carlos Vicente Joaquim (SESDUF-RR), Carmem Dickow Cardoso (SEDUFMS), Cássio Alves (APUFPR), Catarina Malcher Teixeira (APRUMA), Catharina Marinho Meirelles (ADUFF), Celeste Pereira (ADUFPEL), Célia Otranto (ADURRJ), Célio Ribeiro Coutinho (SINDUECE), Cenira Andrade de Oliveira (ADUFES), Ceres Torres (ADUFPEL), Cláudia Alves Durans (APRUMA), Claudia March (ADUFF), Cláudio Gurgel (ADUFF), Cristiana Costa da Rocha (ADCESP), Cristiana Teixeira Barra (ADUFPI), Daniel Vasconcelos Solon (ADCESP), Daniela Batista Santos (ADUNEB), David Junior de Souza Silva (SINDUFAP), Dilenio Dustan (APES/JF), Eduardo Hindi (APUFPR), Egmar Oliveira Souza Júnior (SINDIFPI), Elaine da Silva Neves (ADUFPEL), Elda Maria Freire Maciel (SINDUECE), Eliana Pereira de Carvalho (ADCESP), Eliane Fazolo (ADUR-RJ), Elisabete Burigo (ANDES/UFRGS), Elizandra Garcia da Silva (ADUFF), Elyson Carvalho (ADUFS-SE), Enilce de Oliveira Fonseca Sally (ADUFF), Epitácio Macário Moura (SINDUECE), Érika Pinto Azevedo (SINDUFAP), Erlenias Sobral do Vale (SINDUECE), Fábila Heluy Caram (SINDCEFET/MG), Fabiane Adela Tonetto Costas (SEDUFMS), Fábio Ocada (ADUNESP), Fabiola Kato (ADUFPA), Fausto Camargo Júnior (SINDCEFET-MG), Fernando Martins (ADUNESP), Franci Gomes Cardoso (APRUMA), Francisca Raquel da Costa (SINDIFPI), Francisco Carlos Jacinto Barbosa (SINDUECE), Francisco Edson Rodrigues Cavalcante (SINDIFPI), Francisco Estigarribia de Freitas (SEDUFMS), Francisco Santiago (SINDUFAP), Francisco Vitória (ADUFPEL), Gabriel Muñoz (ADUFU), Gean Cláudio de Souza Santana (ADUFS-BA), Gelta Terezinha Ramos Xavier (ADUFF), Geraldo Carvalho (ADUFPI), Gianfábio Pimentel Franco (SEDUFMS), Gihad Mohamad (SEDUFMS), Glades Tereza Felix (SEDUFMS), Gonzalo Rojas (ADUFCEG), Grasiela Maria de Sousa Coelho (ADUFPI), Graziela Lucci de Angelo (SEDUFMS), Halanne Fontenele Barros (SINDIFPI), Hélio Cabral Lima (ADUFERPE), Hélio Alexandre Mariano (ADUNICENTRO), Henrique A. F. Mendonça (ADUFPEL), Herrmann Vinicius Oliveira Muller (APUFPR), Hugo Gomes Blois Filho (SEDUFMS), Igor Morici (SINDCEFET/MG), Ilma de Andrade Barleta (SINDUFAP), Iracema Oliveira Lima (ADUSB), Irislane Pereira de Moraes (SINDUFAP), Isabel Cristina Rocha Hipólito Gonçalves (SINDIFPI), Ivan Neves (ADUFPA), Jaci Guilherme Vieira (SESDUF-RR), Jacira Maria Machado de Oliveira (ADUFF), Jairo Paes Selles (ADUFF), Janete Brito (ADCESP), Janete Luzia Leite (ADUFRJ), João Batista Farias Júnior (SINDIFPI), João Batista Oliveira de Araujo (ADUFRJ), João Carlos Gilli Martins (SEDUFMS), João da Costa Chaves Jr. (ADUNESP), João Francisco Kastner Negrão (APUFPR), João Paulo Macedo (ADUFPI), João Reis Novaes (ADUSB), José Carlos Marques Volcato (ADUFPEL), José Domingues G. Filho (ADUFMAT), José dos Santos Souza (ADUR-RJ), José Jailton Marques (ADUFS-SE), José Raphael Bokehi (ADUFF), José Vitória Zago (ADUNICAMP), José Wicto Pereira Borges (ADUFPI), Juliana de Segadas Vianna (ADURRJ), Juliana Iglesias Melim (ADUFES), Júlio Figueiredo (ADUFF), Júlio Ricardo Quevedo dos Santos (SEDUFMS), Julio Spanó (ADUFPEL), Lafaiete Santos Neves (APUFPR), Lalo Watanabe Minto (ADUNICAMP), Leandro Machado dos Santos (ADUR-RJ), Léia Soares da Silva (SINDIFPI), Levy Paes Barreto (ADUFERPE), Liliane Rodrigues Soares (SINDUFAP), Livia de Cássia Godoi Moraes (ADUFES), Lorena Moraes (ADCESP), Lucas Pacheco Campos (APES-JF), Lúcia de Fátima Royes Nunes (SEDUFMS), Lúcia Izabel Silva (ADUFPA), Luciana Menezes Carvalho (SEDUFMS), Luciano Coutinho (ADUFRJ), Luciano da Silva Alonso (ADURRJ), Luís Mauro Magalhães (ADURRJ), Luiz Fernando Reis (ADUNIOESTE), Luiz Henrique Schuch (ADUFPEL), Luiz Paiva Carapeto (ADUFPEL), Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE), Marcelo Massayoshi Ueki (ADUFS-SE), Marcelo Paula de Melo (ADUFRJ), Marco Antônio Escher (APES-UFJF), Marco Antonio Perruso (ADUR-RJ), Marcos Fernandes Lima (SINDIFPI), Maria Angélica da Gama Coutinho (ADUR-RJ), Maria Celma Borges (ADUFMS), Maria Conceição Rosa Cabral (ADUFPA), Maria da Graça Gurgel (ADUFAL), Maria da Penha Feitosa (ADUFPI), Maria Daniela Corrêa de Macedo (ADUFRJ), Maria do Carmo

Lobato da Silva (SINDUFAP), Maria Edilene S. Ribeiro (ADUFPA), María Gabriela Guillén Carías (ADUFDOURADOS), Maria Jacqueline Girão (ADUFRJ), Maria Luzinete Alves Vanzeler (ADUFMAT), Maria Suely Soares (APUFPR), Marielson Rodrigues Guimarães (ADUFPA), Marinalva Silva Oliveira (ADUFRJ), Marinalva Vilar (ADUFCEG), Marise Fonseca dos Santos (APUFPR), Maristela da Silva Souza (SEDUFMS), Marluce Souza e Silva (ADUFMAT), Máuri de Carvalho (ADUFES), Maurício Couto (SINDIUFBS), Milena Martinez (APUFPR), Milton Vieira do Prado Júnior (ADUNESP), Monica Pirozi (ASPUV), Odete da Cruz Mendes (ADUFPA), Olgaíses Maués (ADUFPA), Olinto Silveira Alves Filho (ADUFSS), Omar Albornoz (ADCESP), Onice Teresinha Dall'Oglio (ADUFMAT), Osmar Gomes de Alencar Júnior (ADUFPI), Otávio Luiz Pinheiro Aranha (ADUFPA), Paulo Afonso da Silva Oliveira (SESDUF-RR), Paulo Antônio Cresciulo de Almeida (ADUFF), Paulo Marcelo Cambraia da Costa (SINDUFAP), Plínio de Arruda Sampaio Junior (ADUNICAMP), Priscila Monteiro Chaves (ADUFES), Ranoel Gonçalves (ADUFCEG), Raimundo Sérgio de Farias Júnior (SINDUEPA), Raimundo Wanderley Correa Padilha (SINDUNIFESSPA), Raquel Angela Speck (APUFPR), Regiana Blank Wille (ADUFPEL), Rhoberta Santana de Araújo (ADUFPB), Ricardo de Castro Ribeiro Santos (ADUFPI), Ricardo Heli Rondinel Cornejo (SEDUFMS), Rinaldo José Barbosa Pinheiro (SEDUFMS), Roberto Santos Ramos (APRUMA), Robison Raimundo Silva Pereira (ADCESP), Rodrigo Santos Melo (ADUFPI), Romildo de Castro Araújo (ADUFPI), Rondon Martim Souza de Castro (SEDUFMS), Rosana Evangelista Cruz (ADUFPI), Rosana Mendes Éleres de Figueiredo (APRUMA), Rosângela Assunção (ADCESP), Rosely Cabral Giordano (ADUFPA), Rosenverck Estrela Santos (APRUMA), Rosimê Meguins (ADUFPA), Samuel França Alves (SINDCEFET/MG), Sandra Alessi (APUFPR), Sandra Bernadete da Silva Moreira (ADUFPA), Sandra Maria Franco Buenafuente (SESDUF-RR), Saulo Costa Arcangeli (SINDUEMA), Sean Purdy (ADUSP), Sebastião Pereira do Nascimento (SINDIFPI), Sidney da Silva Lobato (SINDUFAP), Simone Contente Padilha (SINDUNIFESSPA), Sinoélia Silva Pessoa (ADUNEB), Sônia Maria Araújo (ADUFPA), Sônia Regina Teixeira (ADUFPA), Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA), Tadeu Lopes Machado (SINDUFAP), Tamara Cardoso André (ADUNIOESTE), Tarcísio Luiz Pereira (ADUFMS), Valdelaine Mendes (ADUFPEL), Valdonilson Barbosa dos Santos (ADUFCEG), Valeska Fortes de Oliveira (SEDUFMS), Vera Lúcia Jacob Chaves (ADUFPA), Veronica Fernandez (ADUFF), Vicente de Paula Censi Borges (ADUFPI), Vilemar Gomes da Silva (APRUMA), Vilson Aparecido da Mata (APUFPR), Vitor Wagner Neto de Oliveira (ADUFMS), Viviana Mónica Vermes (ADUFES), Viviane Narvaes (ADUNIRIO), Wagner Miquéias Felix Damasceno (ADUNIRIO), Waldir Bertúlio (ADUFMAT), Waldir Ferreira de Abreu (ADUFPA), Waldyr Lins de Castro (ADUFF), Welbson do Vale Madeira (APRUMA), Wilma Pessoa (ADUFF), Wilson Camilo Chaves (ADUFSJ), Yurgel Pantoja Caldas (SINDUFAP), Zenilde Moreira (ADUFERPE).

POR QUE O ANDES-SN DEVE SE MANTER FILIADO À CSP-CONLUTAS?

TEXTO DE APOIO

Para entendermos o título do presente Texto de Resolução (TR), é preciso esclarecer o porquê de o Andes-SN, junto com outros sindicatos de trabalhadores e movimentos sociais organizados, ter construído a Central Sindical e Popular-Conlutas (CSP-Conlutas).

Antes do início do processo de criação da CSP-Conlutas, o Andes-SN era filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT). Com a contrarreforma da previdência promovida pelo Presidente Lula, através da Emenda Constitucional nº 41, de 31/12/2003, que acabou com a paridade entre ativos e aposentados e a integralidade de proventos por ocasião da aposentadoria, a CUT, sob o argumento de garantir a governabilidade do PT, apoiou aquelas medidas, não mobilizou os sindicatos de sua base para lutar contra elas e, não bastasse isso, se interpôs às mobilizações contrárias à contrarreforma. Foi neste contexto que a CSP-Conlutas começa a nascer.

Os posicionamentos da CUT diante da reforma da previdência de 2003, bem como o seu atrelamento ao governo do PT, feriram profundamente dois dos princípios fundamentais do Andes-SN: o de instrumento de lutas dos docentes das Instituições de Ensino Superior (IES) e o de sua independência de classe, político-sindical, em relação às religiões, aos governos, aos partidos políticos e às reitorias. Como consequência, o Andes-SN deliberou, após um extenso e amplo debate, em seu 24º Congresso (Curitiba de 24 de fevereiro a 1º de março de 2005), desfiliar-se da CUT.

Neste contexto, outros sindicatos da base da CUT também decidiram pela desfiliação da Central, iniciando um amplo processo de discussão, em nível nacional, voltado à reorganização independente da classe trabalhadora. É com esse objetivo que foram realizados o Encontro Nacional Sindical (Luziânia/GO, 2004), para organizar a luta contra as reformas sindical e trabalhista, a partir da instituição da Coordenação Nacional de Lutas; o Congresso Nacional dos Trabalhadores (CONAT – Sumaré/SP, 2006), que criou a Central Sindical e Popular (Conlutas); o I Congresso da Conlutas (Betim/MG, 2008); o Congresso das Classes Trabalhadoras (CONCLAT – Santos/SP, 2010), no qual, com a unificação entre organizações sindicais e populares, foi criada a Central Sindical e Popular Conlutas (CSP-Conlutas), e o I Congresso da CSP-Conlutas (Sumaré/SP, 2012).

Durante essas discussões e mobilizações, o Andes-SN deliberou, em seu 26º Congresso (Campina Grande/PB, 2007), pela filiação à CSP-Conlutas. Em 2011, em seu 30º Congresso (Uberlândia/MG), o Sindicato Nacional referendou sua filiação à nova Central Sindical e Popular Conlutas (CSP-Conlutas).

Desde então, diferentemente do período em que esteve filiada à CUT, o Andes-SN tem discutido e avaliado a sua relação com a CSP-Conlutas.

Voltemos, agora, à nossa pergunta inicial – por que o ANDES-SN deve se manter filiado à central sindical CSP-Conlutas.

1. Diferentemente da CUT e das outras grandes centrais sindicais brasileiras que, cada vez mais, foram se especializando em ser correia de transmissão de governos de plantão, a CSP-

Conlutas, com caráter classista, internacionalista e autônomo, em nenhum momento traiu a classe trabalhadora e sempre manteve a sua independência em relação aos governos, aos partidos políticos da burguesia e aos patrões;

2. A CSP-Conlutas sempre esteve ao lado do Andes-SN todas as vezes em que o nosso Sindicato Nacional foi atacado pelo Governo Federal. Foi assim em 2004, quando o Andes-SN e várias entidades de servidores públicos lutavam contra a retirada de direitos por parte do governo do PT, que a CUT e o MEC, sob a gestão de Tarso Genro, criaram, dentro do gabinete do Ministro da Educação, o Proifes como alternativa sindical ao Andes-SN, numa tentativa de enfraquecer o nosso Sindicato;

3. Com a criação do Proifes, a CUT e o governo do PT tentaram colocar o Andes-SN na ilegalidade por meio de uma fracassada manobra jurídica de cassação da sua Carta Sindical. Nesse momento crucial, de tentativa de destruição do Andes-SN pelo Governo, a CSP-Conlutas esteve sempre defendendo o nosso Sindicato, colocando todo seu potencial político, humano e material a serviço dessa luta;

4. Nos anos seguintes, o Proifes, sempre atrelado ao governo do PT e à CUT, foi responsável por respaldar e até mesmo propor acordos rebaixados para nossa categoria docente federal, que propiciaram perdas salariais e de direitos difíceis de serem reparados. Além disso, nos acordos salariais assinados pelo Proifes, acompanhados pela CUT, a carreira docente foi desestruturada na relação que existia entre os três regimes de trabalho (20 horas, 40 horas e dedicação exclusiva) – uma conquista da greve de 1987;

5. A CSP-Conlutas sempre esteve ao lado do Andes-SN em todas as lutas que o nosso Sindicato empreendeu na defesa de nossa categoria. Foi assim quando, em 2013, o governo do PT, com a Presidente Dilma à frente e com a conivência da CUT, do Proifes e de outras centrais sindicais, desferiu outro ataque sobre a classe trabalhadora e, em particular, sobre nós Servidores Públicos Federais das IFES: a contrarreforma da previdência de 2013. É importante esclarecer que essa contrarreforma destruiu de vez o Regime Jurídico Previdenciário que nos protegia;

6. A CSP-Conlutas é a única Central que não é somente sindical, mas também popular. Numa conjuntura em que o número de trabalhadores(as) desempregados(as) e em situação de trabalho informal ultrapassa os 80 milhões de pessoas, quando a opressão agride de forma criminosa as mulheres, os negros e as negras, as pessoas com deficiência, a comunidade LGBTQIAP+, os povos originários, as comunidades quilombolas, os sem-terra, os sem-teto e outros movimentos; esta característica de nossa Central – de não ser somente sindical – potencializa a luta de nossa categoria junto a outras categorias de trabalhadores e movimentos sociais organizados, facilitando lutas e conquistas individuais e coletivas. Essa concepção de organização (sindical e popular), originária e específica da CSP-Conlutas, enfrenta ainda hoje

resistência por parte de outros setores e correntes de organizações partidárias e sindicais. Para nós, é indispensável termos uma Central que aglutine a diversidade de nossa classe, na luta pela superação do capitalismo e de todas as formas de opressão e exploração.

Para além dos pontos destacados acima, que evidenciam o papel histórico classista da CSP-Conlutas e de nossa concepção de organização, é preciso analisar os desafios atuais e futuros da nossa categoria, dos SPF e da classe trabalhadora brasileira em geral. Com diferenças na avaliação política e em diferentes estágios, o conjunto da militância da esquerda empenhou-se na eleição de Lula em 2022. Para nós, que assinamos esse texto, tal apoio não representou concordância programática com o novo Governo, mas a construção de movimento na luta contra o bolsonarismo. Entretanto, é preciso destacar que a composição da chapa com Alckmin, “ex”-tucano, o programa apresentado, a campanha e as ações da transição evidenciam que nossa luta não se esgota com a eleição e a posse de Lula/Alckmin. Os acordos firmados com setores ultraliberais, inclusive envolvendo a base bolsonarista (como o apoio a Arthur Lira para continuidade na presidência da Câmara dos Deputados), indicam que será levada adiante a manutenção da política econômica que ataca a classe trabalhadora, especialmente com a perspectiva de aprovação da contrarreforma administrativa (PEC 32) e a não revogação da EC 95/2016 (teto de gastos). É a partir desse quadro que, também, retomamos a pergunta que dá título ao nosso texto. O momento é de ampliarmos nossa mobilização, com a manutenção de nossa autonomia, e isso passa, fundamentalmente, pela articulação com os setores que se mantêm independentes e com princípios e práticas classistas. Por isso, devemos manter a filiação do Andes-SN à CSP-Conlutas.

Diante desse cenário, não há justificativa para a desfiliação do Andes-SN de nossa Central. Importante aqui lembrar que o rompimento de nosso Sindicato com a CUT se deu pelo fato de ela ter rompido preceitos classistas, atuando contra a classe trabalhadora. Temos seis conjuntos de princípios aprovados no Congresso da CSP-Conlutas e que vieram a fazer parte de seu Estatuto: independência de classe, construção da unidade da luta, defesa da ação direta, autonomia frente aos partidos políticos, democracia e solidariedade internacional. Qual desses princípios a CSP-Conlutas rompeu? Nenhum! Nossa Central sempre se manteve firme aos seus princípios, que também são os do nosso Sindicato.

E, diante de uma eventual saída, qual seria o horizonte para nossas lutas? Há efetivamente alguma alternativa que, de algum modo, promova um salto de qualidade, em termos de questões organizativas ou de projeto da classe? A reflexão sobre esse ponto não é menor. Para o conjunto da classe trabalhadora, movimentos sociais e populares, o rompimento do Andes-SN com a CSP-Conlutas tende a ter uma função desmobilizadora, pois significará afirmar que o principal instrumento de organização das lutas não tem mais nada a cumprir. Há

ausência de algo concreto para onde ir ou propostas de incerteza. As alternativas apresentadas ao longo do período 2016/2022 transitam entre a aposta em um ENCLAT, o fortalecimento do Fórum Sindical, Popular e de Juventudes por Direitos e Liberdades Democráticas e a realização de um Congresso de unificação de todos os trabalhadores. O Fórum não deslanchou, na maioria dos lugares, precisando, inclusive, de balanço do Sindicato sobre seu papel. Já um possível ENCLAT deve decorrer de processo de construção coletiva com outras entidades e organizações do campo sindical e popular, que se mantêm firmes na defesa de nossa classe, questão que envolve, também, a articulação da CSP-Conlutas.

Os elementos elencados acima evidenciam a importância de princípios classistas e de autonomia em relação ao Estado, aos governos e aos partidos para todos os Sindicatos, incluindo, obviamente, o Andes-SN. Por outro lado, tais elementos evidenciam, também, que os princípios do nosso Sindicato Nacional – sempre reafirmados em nossos Congressos e nos Conad – foram decisivos para a criação e a consolidação da CSP-Conlutas como instrumento de luta da classe trabalhadora brasileira. Essa Central, mesmo que minoritária no movimento sindical e popular, vem consolidando seu projeto de organização, inclusive com ampliação de sua base. Ela conseguiu se afirmar dentro de um projeto que tinha como objetivo o resgate da concepção classista para o movimento dos trabalhadores, articulando os setores sindicais e populares.

Por um Andes-SN classista, autônomo, democrático e de luta filiado à CSP-Conlutas. Em defesa da Educação Pública.

TR – 47

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN permaneça filiado e construindo a CSP-Conlutas, participando ativamente de todas as suas instâncias nacionais e regionais;
2. Que, a partir de 2023, o GTPFS organize cursos de formação sindical;
3. Que, a partir de 2023, o GTPFS organize debates tratando de temas como concepção e prática sindical, sindicato e internacionalismo da classe trabalhadora, sindicatos e enfrentamento a opressões, sindicatos e setores da classe trabalhadora não sindicalizados, sindicatos e povos originários e quilombolas, entre outros.

SIGLAS

ADCT: Ato das Disposições Constitucionais Transitórias;
ADI: Ação Direta de Inconstitucionalidade;
ANDES-SN: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior;
ANFIP: Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil;
ANPG: Associação Nacional de Pós-Graduandos
Apec: Cooperação Econômica Ásia-Pacífico;
BA: Bahia
BID: Banco Interamericano de Desenvolvimento;
BM: Banco Mundial;
BPC: Benefício de Prestação Continuada;
C&TI: Ciência, Tecnologia e Inovação;
CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;
CE: Ceará;
CEDOC: Centro de Documentação;
CEFET: Centro Federal de Educação Tecnológica;
CeT: Ciência e Tecnologia;
CF: Constituição Federal;
CLT: Consolidação das Leis Trabalhistas;
CNESF: Coordenação Nacional das Entidades de Servidores Federais;
CNOS: Conselho Nacional de Organização Sindical;
CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico;
CNTE: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação;
CONAD: Conselho do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior;
CONEDEP: Coordenação Nacional em Defesa da Educação Pública e Gratuita;
CPI: Comissão Parlamentar de Inquérito;
CSP-Conlutas: Central Sindical e Popular Conlutas;
DE: Dedicção Exclusiva;
DRU: Desvinculação de Receitas da União;
EBTT: Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico;
EC: Emenda Constitucional;
FASUBRA: Federação de Sindicatos de Trabalhadores Técnico-administrativos em Instituições de Ensino Superior Públicas do Brasil;
FENASPS: Federação Nacional Sind Trab Saúde, Trabalho, Previdência e Assistência Social;
FENET: Federação Nacional dos Estudantes em Ensino Técnico;
Fiocruz: Fundação Oswaldo Cruz;
FNDCT: Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico;
FONACATE: Fórum Nacional Permanente de Carreiras Típicas do Estado;
FONASEFE: Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos Federais;
GAET: Grupo de Altos Estudos do Trabalho;
GTHMD: Grupo de Trabalho de História e Movimento Docente;
GTPFS: Grupo de trabalho de Política de Formação Sindical;
GTPFS: Grupo de Trabalho de Política de Formação Sindical;
IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
IEES: Instituições Estaduais de Ensino Superior;
IES: Instituições de Ensino Superior;
EaD: Educação a Distância;
IF: Instituto Federal;
IFES: Instituições Federais de Ensino;
IMES: Instituições Municipais de Ensino Superior;
LOA: Lei Orçamentária Anual;
M5S: Movimento Cinco Estrelas;

MA: Maranhão
MEC: Ministério da Educação;
Mercosul: Mercado Comum do Sul;
MLCTI: Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação;
MPF: Ministério Público Federal;
MS: Magistério Superior;
MT: Mato Grosso;
NRF: Novo Regime Fiscal;
OMC: Organização Mundial do Comércio;
ONG: Organização Não Governamental;
OPEP: Organização dos Países Exportadores de Petróleo;
OTAN: Organização do Tratado do Atlântico Norte;
PEC: Proposta de Emenda Constitucional;
PI: Pauí;
PIB: Produto Interno Bruto;
RJ: Rio de Janeiro;
RPC: República Popular da China;
RS: Rio Grande do Sul;
SBPC: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência;
SECIM: Escolas Cívico-Militares;
SINASEFE: Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica;
SINTRAJUD-SP: Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal no Estado de São Paulo;
SP: São Paulo;
STF: Superior Tribunal Federal;
UBES: União Brasileira dos Estudantes Secundaristas;
UNE: União Nacional dos Estudantes;
UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura;
Unesp: Universidade Estadual Paulista;
UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas;
USP: Universidade de São Paulo;
PUCRCE: Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos;
CONAT: Congresso da Classe Trabalhadora;
CONCLAT: Congresso Nacional da Classe Trabalhadora;
GT: Grupo de Trabalho;
SIS: Síntese de Indicadores Sociais;
SUS: Sistema Único de Saúde;
CIT: Comissão Intergestores Tripartite;
OPAS: Organização Panamericana de Saúde;
APS: Atenção Primária à Saúde;
Ebserh: Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares;
PB: Paraíba;
RPPS: Regime Próprio de Previdência Social;
RGPS: Regime Geral de Previdência Social;
RPC: Regime de Previdência Complementar;



A luta pela educação pública de qualidade para todas e todos continua em 2023!





A luta pela educação pública de qualidade para todas e todos continua em 2023!

